

NATALIA JASTER



DREAM

FOOLISH KINGDOMS
BOOK FOUR

Avisos



A PRESENTE TRADUÇÃO FOI EFETUADA DE MODO A PROPORCIONAR
AO LEITOR O ACESSO À OBRA,
INCENTIVANDO POSTERIORMENTE A AQUISIÇÃO.

O GRUPO NÃO TEM O OBJETIVO DE OBTER LUCROS, SEJA
DIRETA OU INDIRETAMENTE.

SELECIONAMOS LIVROS QUE ESTÃO SEM PREVISÃO DE PUBLICAÇÃO
NO BRASIL, ASSIM, AFIM DE PRESERVAR DIREITOS AUTORAIS
E CONTRATUAIS DE AUTORES E EDITORAS, O GRUPO PODERÁ
RETIRAR SEM AVISO PRÉVIO, SUSPENDER O ACESSO
AOS LIVROS QUE SERÃO LANÇADOS POR EDITORAS.

PREZEM PELO GRUPO, NÃO DISTRIBUAM LIVROS
FEITOS POR NÓS EM BLOGS, PÁGINAS DO FACEBOOK E GRUPOS ABERTOS.

NUNCA FALEM SOBRE LIVROS QUE FORAM FEITOS
POR NÓS PARA AUTORES(AS), DIGAM QUE LERAM NO IDIOMA ORIGINAL.

PRESTIGIEM SEMPRE QUE PUDEREM OS AUTORES COMPRANDO
SEUS LIVROS, AFINAL ELES DEPENDEM DISSO NÃO É MESMO?

SALEM WITCHES

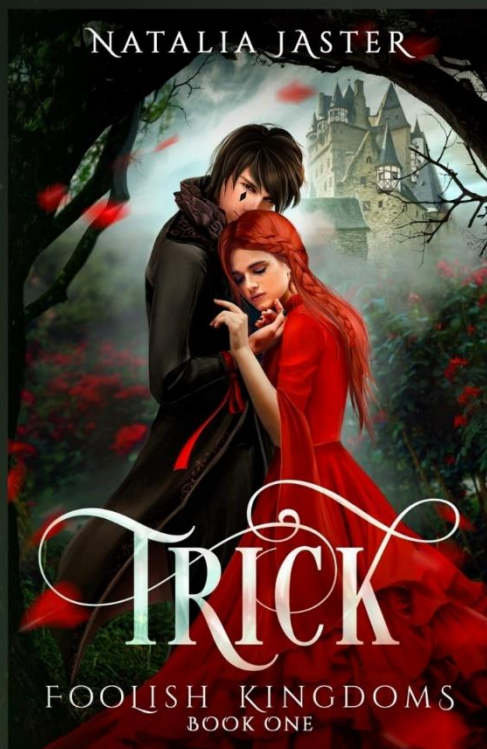
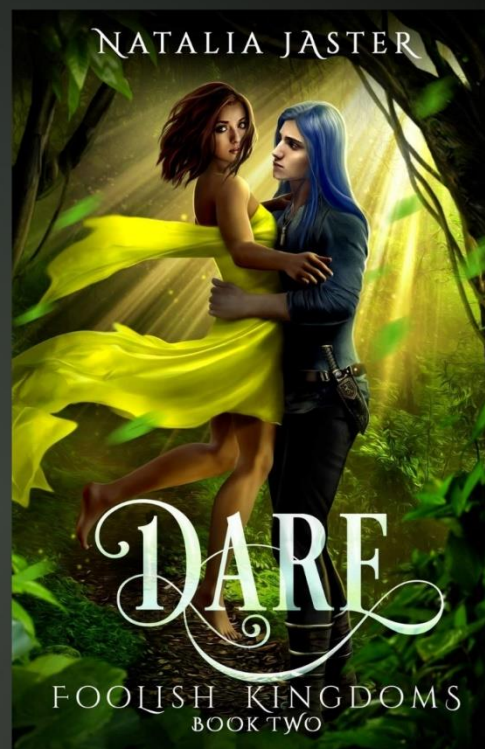
TRADUÇÕES



Setembro, 2020

FOOLISH KINGDOMS

ORDEM DE LEITURA



SINOPSE

Um patife pecador. Um namorado da realeza.

E reinos entre eles...

O patife

No Reino do Inverno, Lyrik é um arrogante que caça a sabedoria - uma poção que vai abalar o mundo.

É o único segredo que ele anseia. Exceto por um menino que ele não pode ter.

O real

Nicu é um sonhador travesso que caça desejos - uma estrela lendária que concede anseios.

É o único mistério que ele deseja. Exceto por um garoto que ele não suporta.

A paixão ardente

Já se passaram três anos desde que eles se enfrentaram, nunca esperando ver um ao outro novamente. Mas em uma terra de geada brilhante, eles podem descobrir algo mais do que sabedoria ou desejos.

Algo muito mais requintado - e doloroso.

PRÓLOGO

PASSARO CANORO

A primeira música que ele cantou foi para as nuvens.

Ele cantou para as nuvens inchadas, para as nuvens espumosas, para as nuvens chicoteadas.

Mas elas continuaram flutuando como se não quisessem ouvir a música, o que o confundiu. Ele não se preocupava se as nuvens gostavam da flauta de sua voz; ele se preocupava porque elas se moviam.

Para onde elas estavam indo? Como elas poderiam ir a algum lugar?

Mais tarde, as nuvens se encolheram em pontos noturnos, pequenos pontos brancos - olhos piscando para ele. Seu pai disse que eram estrelas, mas como poderiam ser estrelas se também eram nuvens? Quando as nuvens se tornaram as estrelas?

Então a segunda música que ele cantou foi para as estrelas.

Elas brilhavam dentro e fora, rindo para ele. Oh garoto, o céu estava rindo dele!

Ele tentou pegar os pontos, as estrelas - que costumavam ser nuvens - mas suas mãos não agarraram nada, o que o intrigou. Se ele podia ver aquelas manchas de prata, por que não podia tocá-las? Se a luz delas poderia alcançá-lo, por que *ele* não poderia *alcançá-las*? Ele desejou poder.

Então a terceira música que ele cantou foi sobre desejos.

Era sobre estrelas e desejos - como encontrá-los, como tocá-los.



E ele continuou cantando, continuou rimando, continuou cantarolando. Ele cantou sobre os reinos das Estação - Primavera, Verão, Outono e Inverno. Ele cantou sobre pétalas, areia, nozes, neve.

Ele tinha quatro anos naquela época.

E quando ele tinha dez anos, ele cantou canções sobre seu pai bobo da corte, sua mãe princesa e sua avó rainha. Ouvindo-o, eles coraram de um rosa alegre e gritaram por um bis.

Ele teve que perguntar: —O que é um bis?

Quando o descreveram, ele entendeu e cantou novamente aquelas músicas, e sua família o animou.

Mas quando ele cantou para outras pessoas no castelo, os rostos enrugados, os olhos apertados e as cabeças inclinadas de maneiras engraçadas, como se o que saísse de sua boca não fizesse sentido. Papai e mamãe haviam avisado que algumas pessoas não o entenderiam, mas isso não o fazia diferente ou estranho. Não, isso o tornava especial, muito especial, porque todos eram especiais por si só - e isso tornava o mundo bonito.

Mas ainda assim, aqueles rostos enrugados, olhos apertados e cabeças inclinadas raspavam sua mente de uma maneira estranha. Eles sempre faziam isso, desde que ele era um tolo e ele começou a perceber como os outros olhavam para seu rosto, sua boca, tudo.

No entanto, ele continuou fazendo canções, continuou cantando.

Aos quatorze anos, cantou sobre deleite e solidão.

Quando ele tinha quinze anos, ele inventou as letras para se lembrar do caminho desde o seu quarto até a sala do trono, porque muitas vezes esquecia. Ele esqueceu muitas e muitas vezes. É por isso que papai e mamãe não o deixavam se aventurar longe do castelo por conta própria, mesmo que ele quisesse, mais e mais e mais.





Quando ele tinha dezesseis anos, ele cantou sobre liberdade. Aos dezessete anos, ele cantou sobre tristeza.

E então, um dia, ele cantou sobre o amor. Ele cantou para alguém que o entendeu, que realmente o entendeu, que entendeu cada palavra.

Ele cantou para um menino.

Este garoto ouviu sua música, a sequência de suas palavras, a melodia emaranhada dela. Isso aconteceu em uma floresta, em uma floresta do Reino do Outono, onde ambos viviam.

— Cante uma música para mim, Pássaro Canoro. — O garoto disse com uma torção dos lábios que outros chamavam de patife.

Meu nome não é Pássaro Canoro. É Nicu.

Mas Nicu gostava do apelido, então não se importou, então cantou para o patife.

Ele cantou uma música sobre um sonho.

O garoto patife fazia poções. Ele era amigo de Nicu, e depois não amigo, e depois amigo novamente. Ele era legal, depois cruel e depois legal de novo. E tudo isso confundiu Nicu.

Um dia, o garoto beijou a testa de Nicu, lançou palavras insensíveis para ele e depois o deixou.

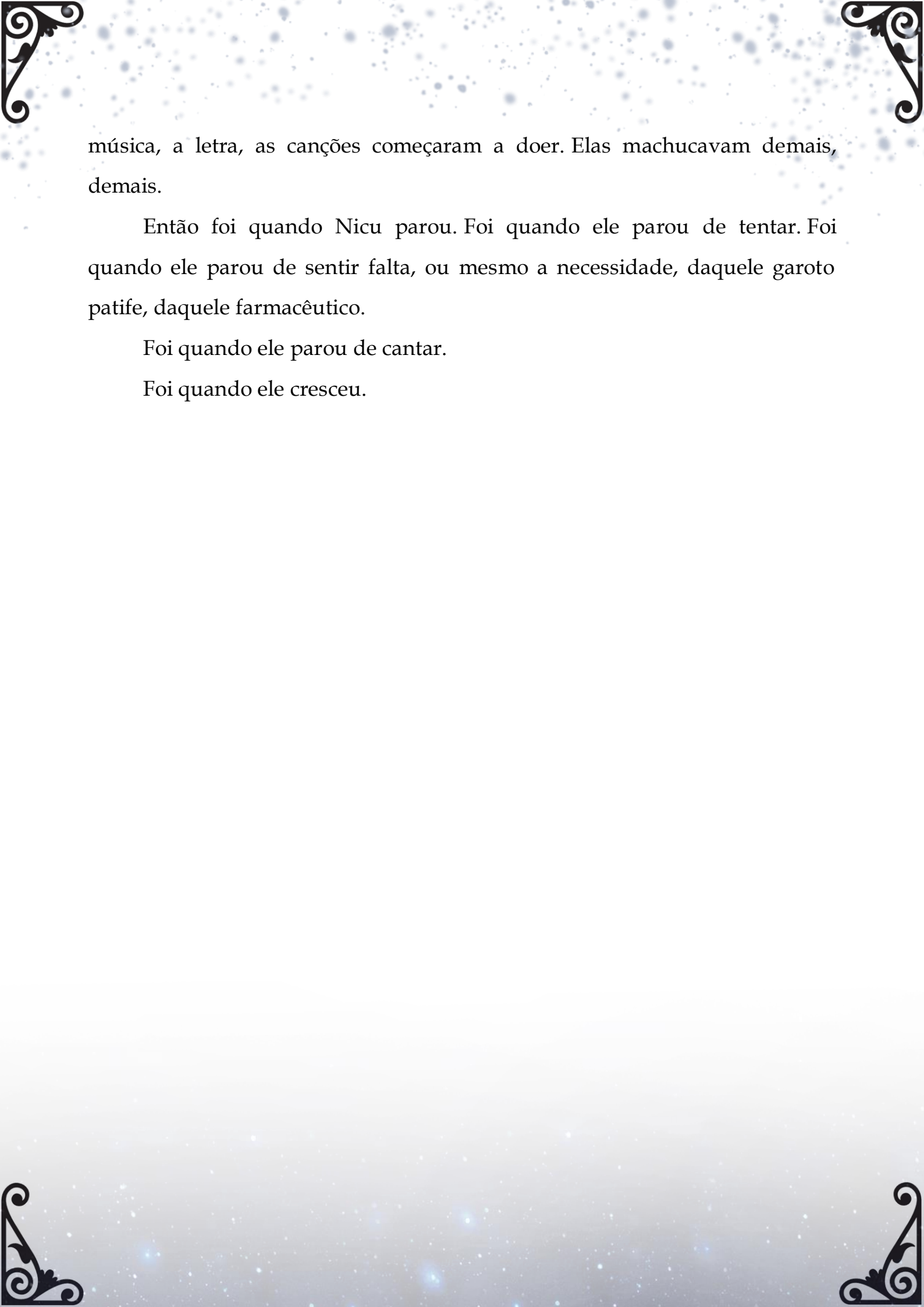
O garoto deixou seu reino, seu Reino de Outono.

O garoto partiu para outro reino, o Reino do Inverno.

E foi aí que Nicu aprendeu sobre corações partidos. E foi quando ele cantou sobre corações partidos, e foi quando suas músicas começaram a fazer sentido, um pouco mais de sentido. Foi quando outros realmente começaram a ouvir, entender, admirar.

Foi quando suas músicas poderiam ter abalado o mundo. Mas justamente quando ele teve a chance de ser admirado, foi também quando a





música, a letra, as canções começaram a doer. Elas machucavam demais, demais.

Então foi quando Nicu parou. Foi quando ele parou de tentar. Foi quando ele parou de sentir falta, ou mesmo a necessidade, daquele garoto patife, daquele farmacêutico.

Foi quando ele parou de cantar.

Foi quando ele cresceu.



CAPÍTULO UM

PATIFE

Porra.

Eu deveria ter ido para o norte. Tudo neste reino de bunda fria podia ser encontrado quando um sujeito ia para o norte. Isso é o que uma pessoa inteligente teria feito, entende?

Se eu tivesse escolhido a rota sã para começar, eu não estaria correndo pela porra da minha vida agora, com uma criatura muito irritada nos meus calcanhares. A fera grunhia, resmungava, geada saindo de seu focinho gigantesco enquanto batia atrás de mim, seus chifres apontados para minha espinha. Eu atravesssei a floresta, girando em torno de árvores que não eram árvores normais, tentando perder um animal que não era um animal normal.

Um alce três vezes o tamanho normal? Somente no Inverno.

A fera atravessava a neve, seus cascos batendo no chão, o momento arremessando pedaços de branco contra minhas costas e respingando nas florestas. O ar glacial cortou minha garganta e cortou meus pulmões. O suor escorria pelos meus lados e atrás dos meus joelhos.

Tirei o cabelo do meu rosto, as ondas negras batendo nos meus olhos, pendendo descontroladamente até o meu queixo - tempo demais para essa perseguição. Não conseguia ver nada na metade do tempo. Não é bom quando a floresta em si era quase tão perigosa quanto o filho da puta me atacando.



Se eu fracassasse, as árvores poderiam me estripar como lanças. Ao redor, os galhos escuros tortos, as folhas arrepiadas. Porque se o alce não empalasse meu esterno, os galhos de aço fariam o trabalho.

Outro motivo para ficar longe da Floresta de Ferro.

Um chifre gigantesco bateu no meu lado, me empurrando. Eu tropecei, amaldiçoando. Uma onda de dor subiu pelo meu braço, mas eu continuei correndo, agradecido pelas pontas serrilhadas daqueles chifres que tinham me errado. Imaginei duas extensões de uma coroa mortal fixando para perfurar.

Minhas botas perfuraram pilhas de gelo comprimido, meu casaco chicoteando em torno das panturrilhas. Eu me atrapalhei entre as abas da gola, procurando o cinturão preso ao meu peito, frascos de vidro em miniatura balançando nas tiras. Meus dedos correram pelas escolhas, procurando a bebida correta para tirar esse monstro do meu maldito rastro.

Agarrei um frasco em particular no momento em que o chão tremia sob a circunferência do alce, o efeito cascata tirando meus dedos da poção.

Não há tempo suficiente. Não o suficiente.

A Floresta de Ferro diminuiu, os galhos esqueléticos e as folhas ameaçadoras deram lugar a um emaranhado de árvores agulhadas.

A floresta de pinheiros.

Um focinho bateu na minha bunda. Eu cambaleei, depois saí, correndo em direção à fronteira. Lancei-me de uma floresta para a seguinte, colidindo com folhagem sempre verde e batendo no chão, aterrissando em uma colina de rajadas de vento.

Balançando ao redor, eu balancei meus cotovelos e golpeei mais cabelos da minha testa. O alce tremeu e a terra deu um estremecimento final. Uma nuvem vidrada irrompeu das narinas do mamífero, concebivelmente mais por resignação do que por frustração. Eu tinha chegado ao lado ruim da criatura,





mas, apesar da perseguição, os animais nesta terra não perdiam totalmente a calma, não ficavam desleixados. Este animal tinha me caçado com concentração indomável.

Assim como o povo de Iradis, Reino do Inverno.

O alce virou e marchou de volta para as profundezas da Floresta de Ferro, folhas negras tremendo ao longo dos galhos. Além deles, o eco de cascos desapareceu.

Caí, a parte de trás da minha cabeça batendo contra a neve. Ao meu redor, o pinhal fez uma cara comprida. O pó arrastava os galhos, higienizando a paisagem em branco puro.

A Floresta de Ferro não convergia para a floresta de pinheiros. A primeira tinha basicamente se destacado, atingindo uma margem invisível e não indo mais longe. De um ponto estruturado para outro, o ambiente simplesmente mudou de aparência.

Adereços para o Inverno. Ele sabia como se separar.

Ele sabia como se controlar. A paisagem se espalhava como uma equação, exata e precisa, sem espaço para crescimento excessivo ou interespécies. Florestas diferentes não se misturavam nas linhas.

Exceto pela neve sem limites. Cobria tudo, em todo lugar.

Sentei-me - depois me arrastei, o chão inclinado quando um par de mãos agarrou minha gola. O aperto me patinou pelo chão e me prendeu a um tronco da sempre-verde, sua aspereza raspando minha ponta.

— Que porra é essa?

Meu olhar se conectou com cota de malha e um nariz adunco familiar. — Seu desgraçado miserável. — O cavaleiro assobiou.

Uma voz como lama - gelada e suja.

Putá merda. Sir Indigo.



Ele me pregou na árvore, seu peso me prendendo, empurrando o cinturão e sua fileira de vasos de vidro. —Cuidado com as poções. — Eu demorei.

—Eu não poderia me importar menos em quebrar seus frascos.

—Você vai quando um deles vazar e queimar seu pau. Ou o congelamento já fez isso?

—Escute, seu bajulador. — Começou Indigo.

—Chega. — Uma voz feminina interrompeu na linha lateral. Dame Solstice plantou os pés, os lábios afinando em seu rosto andrógino enquanto ela nos olhava impassivelmente. Sua própria cota de malha me cegou tanto quanto seus cabelos loiros e os dentes de Indigo, o povo de Iradis tendo o tipo de marfim branqueado que desafiava a idade e a dieta.

Enfim, gostava de Solstice. Não podia dizer o mesmo sobre o seu segundo em comando.

Poções não eram a única coisa presa ao meu peito. Se Indigo ficasse mais confuso com meus acessórios - o tipo de poção e o tipo anatômico - eu deixaria que ele dissesse olá para a minha adaga de rondel. Também tiraria seu fôlego ártico das minhas narinas.

Ele retrucou: — Você entrou na Floresta de Ferro.

—Me perdi. — Eu menti.

—Você vacilou em território guardião.

—Descobriu isso sozinho? — Eu falsifiquei.

Ser não-nativo deste reino deveria ter me dado uma desculpa, mas não. Eu não tinha me perdido. Eu escolhi conscientemente o sul ao invés do norte.

Eu sabia para onde estava indo. E porquê.

As florestas de Inverno recebiam todos os visitantes humanos, incluindo estudiosos, cientistas e caçadores, desde que respeitássemos a natureza. Os guardiões de cada paisagem - neste caso, o alce - estavam lá para supervisionar essa regra. A única outra condição era que os civis evitassem o território privado dos guardiões, os pequenos limites onde eles moravam em paz.

Esse tinha sido o meu primeiro erro, vagando por esse território sem perceber. Então, na verdade, eu meio que *me* perdi.

E de qualquer maneira, o alce tinha entendido errado. Eu tinha entrado na Floresta de Ferro com objetivos, mas não estava abusando da natureza. Eu estava coletando alguns espécimes - um passatempo inocente até que eu me desviasse do limiar da criatura.

Insultar um guardião do Inverno era insultar o próprio Inverno. Foi isso que irritou Indigo tanto. Eu tinha puxado mais uma malandragem neste reino.

Você pensaria que todo mundo já teria se acostumado comigo agora.

— Que tal você me deixar ir —, sugeri. — Eu até vou falar com você sobre isso.

Indigo latiu: — Se acha esperto, não é?

— É Inverno. Um de nós tem que ser.

— Correto, mas não será um mestiço como você-

Meu punho conectado com sua mandíbula. Nós caímos no chão, lutando pelo domínio enquanto Solstice reinava acima de nós, esperando. Eu tinha certeza de que uma porcentagem de minhas poções havia rachado até então, quando não tinham durante toda a perseguição do alce.

No momento em que restabelecemos a ordem de hierarquia, meu encaixe no olho esquerdo começou a latejar e Indigo tinha um lábio rachado. Quando ele levantou e me empurrou de volta para o pinheiro, eu bufei, basicamente

não dando a mínima. Se eu acabasse com um olho roxo, isso apenas aumentaria o marrom das minhas íris.

Além disso, poderia ter sido pior. A cicatriz que queimava um rastro no meu peitoral lembrou que eu já tinha tido pior.

Minha cabeça bateu contra o tronco, embora não o suficiente para danificar meu crânio.

Não, a pinha teria esse privilégio.

A casca pendia acima, do tamanho de testículos de alce. A cabeça do cavaleiro inclinou-se para trás, seguindo o meu olhar, mas eu previ o que aconteceria antes que ele o registrasse, antes que Solstice pudesse gritar para que saíssemos da árvore.

A pinha caiu. Tornou-se maior e mais gorda e espetada.

Desnecessário dizer que, com o cérebro trabalhando horas extras, o pessoal do Inverno não tinha reflexos físicos em seus genes. Ou pinhas eram apenas assassinos eficientes, movendo-se mais rápido do que podíamos.

Enquanto estávamos lá, pensei, *é assim que as pessoas estúpidas morrem?*

E, eu vou vê-lo novamente?

Indigo agarrou meu ombro, prestes a nos lançar de lado.

Uma fenda cortou o ar. Um projétil passou voando pelo nosso couro cabeludo.

A pinha sacudiu. Ela se alojou no tronco, empurrado por uma flecha. A pluma da arma do crime brilhava com fios metálicos.

Uma arma Real.

Ah, inferno não. Meus olhos se fecharam, depois se abriram e encontraram as íris negras do rei do Inverno. Do seu assento em cima de um cervo escultural, Jeryn de Iradis abaixou a besta e me olhou com uma expressão glacial, as lâminas de suas maçãs do rosto se abrindo em sua pele pálida.



Agora, havia um corpo significativo. A largura e altura de uma fortaleza, vestido de couro e peles, uma capa presa no lugar por elos. O punho de um bisturi médico subia de uma bainha no quadril.

Um homem no final de seus vinte. Uma juba de cabelo azul, amarrada na base do pescoço. Um rosto no lado duro de bonito, cinzelado com ângulos e inclinações.

A pinha deveria ter me matado. Como uma maçã, deveria ter rachado meu crânio, o que teria sido uma bênção. Porque eu estava prestes a me dar a bunda.

Caí quando Indigo me soltou e me afastei. Eu tinha ido longe demais, zombando da inteligência de um cavaleiro Invernal. Nesta terra erudita de erudição e ciência, difamar o intelecto de qualquer pessoa era uma jogada arriscada.

Tão arriscado quanto me chamar de mestiço.

Ao contrário da maioria dos soldados de Inverno, Indigo havia me manipulado com coragem, fazendo dele uma exceção. Caso contrário, os defensores de Iradis não eram brutamontes, sua capacidade de infligir dor era mais controlada do que isso. Eles lutavam friamente, decisivamente.

Eles aprenderam isso com o melhor.

O melhor usava uma coroa e encarava o nosso trio, esperando com paciência mortal.

— Sua Majestade. — Solstice e Indigo saudaram.

Jeryn os considerou em silêncio, em seguida, olhou para mim, o impacto me derrubando alguns milhares de pinos. Foices de ébano cortaram em torno de seus orbes já escuros, em torno dos mais simples sinais de pupilas.

O veado embaixo dele estava orgulhoso, seu tronco como um aríete. A criatura Real resmungou, a névoa queimando de seu bico.





Uma comitiva cercava o rei. Soldados em suas capas azuis e roxas, montados em cavalos com franjas ou caribu atarracado ou rena de feltro. Alguns dos cavaleiros riram, enquanto outros olharam para mim.

Tanto faz.

—Lyrik. — Disse Jeryn em um timbre profundo, tão rouco quanto o pelo em volta dos ombros.

Droga. Ele nunca foi um homem de palavras, então quando ele dissesse alguma coisa, isso importava. E ele não precisava levantar a voz nem um pouquinho para obter o efeito desejado.

Até o bisturi parecia irritado.

Eu levantei minhas mãos. —Eu sei o que você está pensando, meu senhor.

Ele olhou para mim, uma lousa em branco chamando meu blefe. Eu não sabia nada sobre o que ele estava pensando; a maior parte de sua corte não. Não até ele falar, ou até seus conselheiros ou cavaleiros falarem por ele. Havia poucos que poderiam filtrar seu cérebro monossilábico.

Um cérebro gigante, a propósito. Tão gigante quanto seu físico.

Sem desviar o olhar, o rei entregou sua besta ao pateta ao lado dele, depois agarrou o pomo da sela, seus olhos de obsidiana cortando-me no local.

Não vou mentir. Só porque nós estabelecemos um relacionamento informal, isso não significava que Jeryn não me assustava. Eu tinha visto esse Real dissecar cadáveres sem um único vacilo.

Eu personalizava minhas besteiras com palavras de Inverno. Palavras técnicas. Estimativas.

Felizmente, ele mediu até o tomo dentro de sua cabeça. —Desde que estou sob seu patrocínio por tanto tempo, coletei muitos dados sobre sua atitude, Majestade. Sim, as chances são baixas de eu saber o que você está





pensando. Entendo que falando isso, estou me aprofundando ainda mais na minha própria merda. Mas se você me ouvir...

— Leve-o. — Disse Jeryn, estimulando o cervo.

Lenta e firmemente, ele cavalgou à frente do grupo, os cascos do animal caíram na neve quando tufos em pó irromperam do chão.

Sim. Deveria ter previsto isso.

Com um suspiro, estendi meus pulsos. Indigo me deteve com as restrições que alguém lhe entregou, o idiota prolongando sua tarefa por prazer insignificante.

Mãos amarradas, eu cambaleei ao lado do bando, tomando meu tempo doce. No caminho, um dos soldados no topo de uma rena comentou: — Você tem um desejo de morte?

Ele estava falando sobre a ira do rei? Ou a Floresta de Ferro? Ou o alce?

Eu deveria ter pedido a ele que esclarecesse, porque tinha sido um dia longo e movimentado.

Solstice caminhava ao meu lado, explicando que todos tinham ido dar um passeio alegre antes do jantar. E durante a excursão, eles ouviram o guardião resmungando na Floresta de Ferro. Foi quando eles se aproximaram com cautela, para inspecionar a situação.

Solstice e Indigo haviam olhado à frente e me encontraram exatamente como eu havia ultrapassado o alce. Excelente tempo.

Um pôr do sol seco escorria pelo dossel. Cara, os dias eram curtos aqui.

Quatro reinos existiam neste mundo. Whimtany da Primavera, Perilyn do Verão, Mista do Outono e Iradis do Inverno.

Eu nasci e fui criado no Outono. Não que minhas raízes estivessem cortadas e secas; havia mais nessa fórmula. Merda que eu não gostava de pensar.





O ar perfurou meu queixo raspado. Enfiei minha boca no lenço desleixado em volta do pescoço enquanto os cavaleiros mal tremiam. Eu não conseguia me lembrar de um momento em que ouvi seus dentes batendo.

Após três anos de aprendizado neste submundo polar, meu sangue engrossou apenas levemente. Não era o suficiente para impedir que minhas bolas sofressem. Quanto mais viajávamos, mais cabelos esvoaçavam, mais a temperatura congelava cada fibra.

Poderia ter algo a ver comigo sendo apenas metade do sangue de Inverno. A outra metade de mim, de um reino diferente. E não aquela onde eu nasci vinte anos atrás. Porque, novamente, era complicado.

Pinhas pendiam como colmeias das sempre-vivas. Uma vez eu tinha visto aquelas cápsulas causarem danos terminais bem na minha frente, enquanto caminhavam com a comitiva do rei do Inverno.

A vítima, um conselheiro. Perdeu o controle de suas renas e depois perdeu parte de seu crânio quando o animal bateu em um tronco, causando uma avalanche de cones. Bloke não sabia o que o atingiu.

Era fácil expirar no Inverno, apesar deste reino estar equipado com os médicos mais qualificados das quatro Estações. Apenas um idiota subestimaria esta terra estoica. Um passo em falso sob uma sempre-viva, uma travessia sobre um rio que só *parecia* sólido ou uma mordida na fruta errada e você era um caso perdido.

Um passo em falso em território proibido, em uma Floresta de Ferro... bem, me chame de idiota. Quantas vezes eu quase fui esmagado hoje em pedacinhos?

A floresta de pinheiros se retirou em silêncio. Sem uivos.

Também não havia pios ou gritos. Além das corujas, eu deixei os pássaros para trás no Outono. Os falcões. Os pardais.





Os pássaros canoros.

Um em particular.

A música existia em Iradis, mas não era o ponto forte da terra. Mesmo que fosse, não era o mesmo, não poderia ser o mesmo. Nunca foi o mesmo depois de ouvir um tipo de música - de um tipo de pessoa.

Passei o polegar sobre a borda farpada do brinco, que corria ao longo da concha da minha orelha. As joias de estanho estavam sem um espigão.

Três anos atrás, eu tinha dado esse - a alguém.

Eu balancei minha cabeça, banindo essas memórias. Não pensava nessas coisas há um tempo. Não tinha pensado *nele*. Não tinha me permitido.

Tudo o que aconteceu esta tarde deve ter realmente me afetado. Por que mais eu me demoraria em histórias antigas? Em um rosto que eu deveria ter esquecido agora?

Chegamos ao limite da floresta, as árvores se separando diante de um panorama alpino. O sol havia se posto, a escuridão sombreava a vista com uma fina camada de azul. O anel congelado de um lago apareceu, refletindo uma meia-lua.

Do jeito que eu reclamei anteriormente sobre o frio, alguém poderia pensar que eu odiava esse reino. Não era verdade. Eu amava Iradis.

A Floresta de Pinheiros. A Floresta de Ferro. A Floresta Estrelada.

A Tundra Granizo. A Província da Geleira. O Vale das Agitações.

Estrada da Névoa Prateada, a rota comercial e de viagem que separava cada lugar de outro. E o Riacho de Gelo, a artéria que os conectava a todos naquele local.

Os Alpes de Cristal.

A cordilheira montanhosa como pano de fundo do castelo chulé.





A estrutura iminente esculpia-se em um penhasco. Pináculos apunhalavam o céu, a luz do fogo se contorcendo nos conveses e janelas. Na cidadela, barracas semieretas lotavam o pátio principal. Esta noite marcaria o início da Véspera da Sabedoria, uma longa celebração no Inverno.

E começaria com um banquete. E espero que muito álcool.

Indigo baixou a voz. — Você ouviu quem o rei convidou para o feriado? É terrível o suficiente que um guardião da floresta tenha sido degradado logo antes das festividades, mas para receber essa companhia desagradável em nosso meio também? Uma verdadeira ceia em nossas mesas? Estes são presságios medonhos.

— Não seja supersticioso —, Solstice lecionou, erguendo o nariz. — As superstições são para os idiotas da Primavera.

— Ou qualquer Estação fora do Inverno. — Comentou um de seus irmãos.

— Por falar em idiotas —, disse Indigo. — presumo que o Filho Real do Outono chegou.

Minhas botas caíram na neve. Eu balancei nele. — O que diabos você disse?

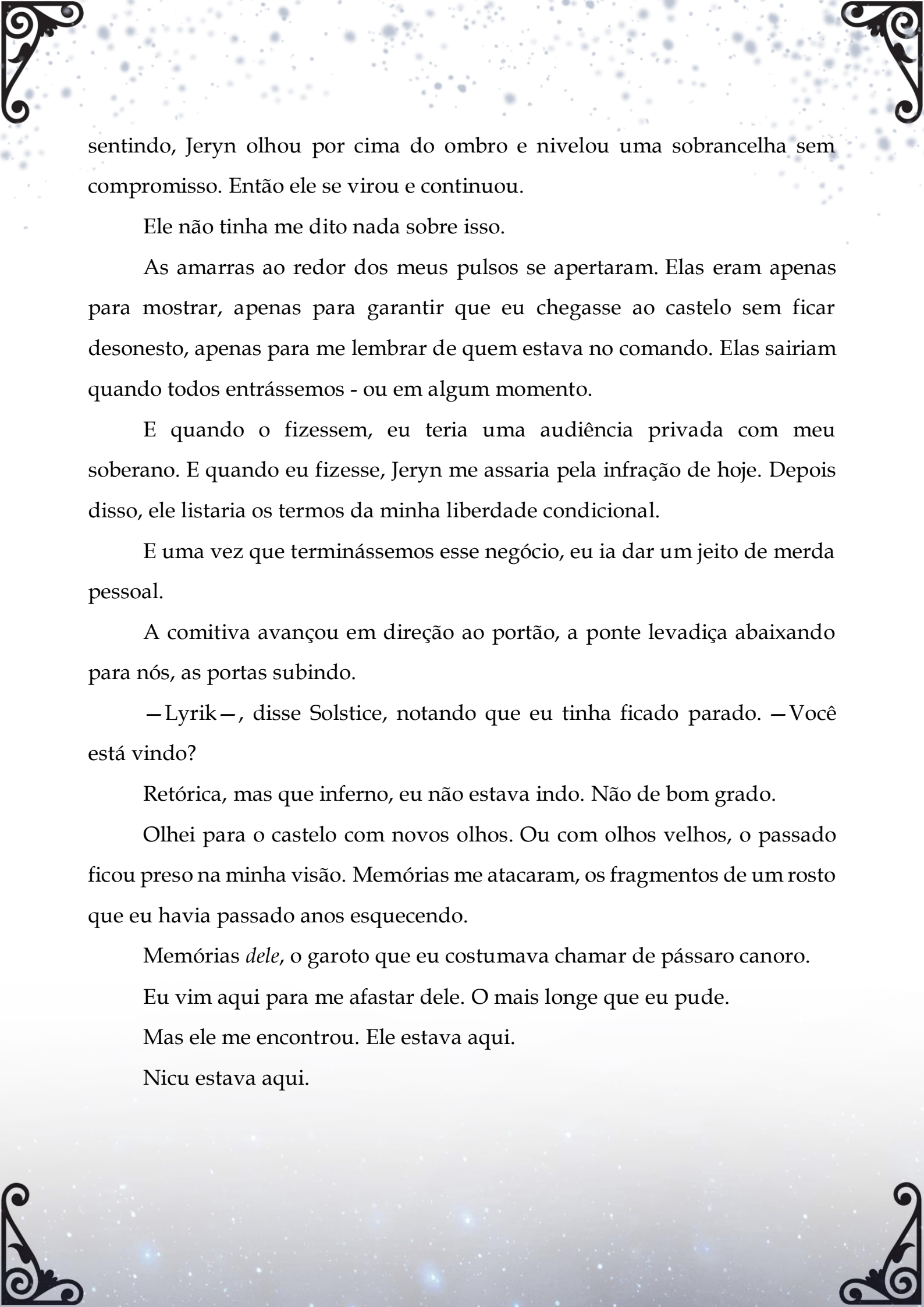
Cabeças giraram em minha direção. Eu não tinha feito uma pergunta. Eu rosnei.

— O Filho Real do Outono —, Indigo repetiu com uma fungada nojo. — Esse simplório repulsivo será um hóspede de Inverno. Parece que um parasita estará enfeitando nosso reino durante o feriado - por mais idiota que ele seja.

O Filho Real. Um simplório. Do Outono.

Meu coração explodiu. Fiquei parado, fazendo buracos nas costas do rei até que ele empurrou o cervo para uma parada. Como se estivesse me





sentindo, Jeryn olhou por cima do ombro e nivelou uma sobrancelha sem compromisso. Então ele se virou e continuou.

Ele não tinha me dito nada sobre isso.

As amarras ao redor dos meus pulsos se apertaram. Elas eram apenas para mostrar, apenas para garantir que eu chegasse ao castelo sem ficar desonesto, apenas para me lembrar de quem estava no comando. Elas sairiam quando todos entrássemos - ou em algum momento.

E quando o fizessem, eu teria uma audiência privada com meu soberano. E quando eu fizesse, Jeryn me assaria pela infração de hoje. Depois disso, ele listaria os termos da minha liberdade condicional.

E uma vez que terminássemos esse negócio, eu ia dar um jeito de merda pessoal.

A comitiva avançou em direção ao portão, a ponte levadiça abaixando para nós, as portas subindo.

—Lyrik—, disse Solstice, notando que eu tinha ficado parado. —Você está vindo?

Retórica, mas que inferno, eu não estava indo. Não de bom grado.

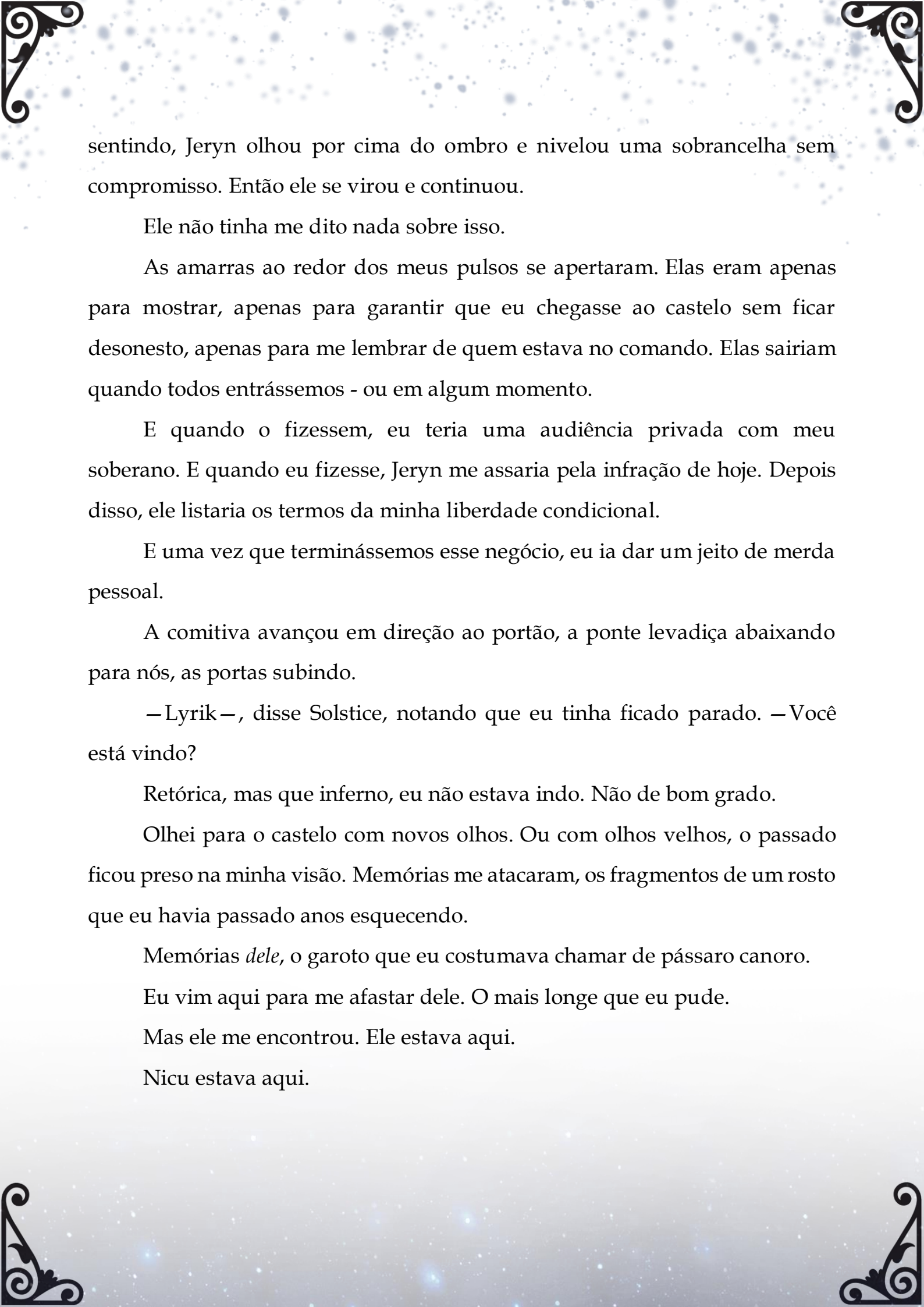
Olhei para o castelo com novos olhos. Ou com olhos velhos, o passado ficou preso na minha visão. Memórias me atacaram, os fragmentos de um rosto que eu havia passado anos esquecendo.

Memórias *dele*, o garoto que eu costumava chamar de pássaro canoro.

Eu vim aqui para me afastar dele. O mais longe que eu pude.

Mas ele me encontrou. Ele estava aqui.

Nicu estava aqui.



CAPÍTULO DOIS

PATIFE

Minha língua tremeu, doendo por fumar. Mas não-se-pode nos corredores; o castelo o proibia por causa de vapores que perturbavam a paz cerebral. Não era permitido. Com certeza, não era permitido.

O reino fez regras. Seguia regras. Estabelecia mais regras.

Quer ver quantas merdas eu dei? Eu produzi uma palheta, enfiei-a em uma das arandelas da parede e dei um puxão. A ponta do cilindro voltou à vida, laranja enrugando.

Enfiando as mãos nos bolsos do casaco, descí a ala científica, com suas tapeçarias de safira e ametista representando mesas elementares. A cana caiu entre meus lábios, gavinhas enrolando em volta do meu rosto.

Um sujeito com uma cabeça severamente redonda e um vidro preso no olho esquerdo passou por mim. Vendo a fumaça, sua boca se comprimiu. — Lyrik, você não deveria-

— Cai fora. — Eu murmurei ao redor do cilindro sem quebrar meu passo.

Apenas uma tragada. Eu merecia depois de passar as últimas horas em confinamento solitário, uma repercussão para minhas palhaçadas hoje à noite. Como os minutos se passavam, eu andava naquele buraco do inferno em antecipação, ciente de que o rei Jeryn teria ordenado que eu passasse a noite inteira no purgatório, se não fosse pelo banquete obrigatório.

De qualquer forma, a única coisa permitida nas passagens eram as arandelas, cheias de chamas que duravam mais que as comuns, graças a uma



bebida que eu havia preparado nos meus primeiros dias. Quando borrifadas, as chamas queimavam por uma semana antes de precisar de reposição.

Eu criei algo semelhante no Outono, enquanto crescia em uma colônia na casa da árvore. Como o único invasor naquele lugar abandonado, eu inventei um fluido que permitia ao fogo operar em um sistema de cronometragem conduzido pela claraboia, as chamas capazes de distinguir entre o amanhecer e o anoitecer. Ao nascer do sol, luminárias em toda a colônia se extinguiriam. Ao pôr do sol, elas voltariam a brilhar.

Economia e eficiência. Sempre valorizados em Iradis.

Transferi-me para a ala acadêmica, as tapeçarias científicas substituídas por painéis de parede de couro, escritórios, antros de estudo, salas de debate e bibliotecas. Observando as pilhas de papel em cima de cubículos na arcada, eu apaguei o cigarro contra um pilar. Eu poderia ter pego um atalho pela ala de engenharia, dando uma olhada nos deliciosos matemáticos a caminho, mas não estava com vontade de me apressar. Eu chegaria ao banquete com bastante tempo.

A cada cinco anos, o reino celebrava a Véspera da Sabedoria, o advento histórico do conhecimento. O feriado dura um mês, começando com um banquete de abertura e continuando com um mercado noturno composto por inovações e tesouros de inverno sob o céu crepuscular, apresentados pelos expositores.

Curandeiros. Eruditos. Inventores.

Conseguir um local de expositor cobiçado significava um negócio sério; significava que o cérebro de uma pessoa importava um pouco mais que o de todos os outros. Meu portfólio transbordava, variando do mais sofisticado ao mais raso. Poções que faziam as ferramentas funcionarem melhor, misturas que aprimoravam o refinamento, fermentam para aliviar a procrastinação,





coquetéis para melhorar a caligrafia. Uma das minhas poções até iluminava anatomias, fazendo-as brilhar para que os médicos pudessem examinar os pacientes mais detalhadamente.

Então, minhas habilidades químicas me jogaram nos braços amorosos da Véspera da Sabedoria. Esta era uma chance de mostrar algo novo, meu melhor trabalho.

O problema era que eu não tinha ideia do que exhibir. Nenhum dos meus experimentos tinha medido até agora. Foi por isso que fiz uma aposta na Floresta de Ferro, para procurar qualquer ingrediente que pudesse ajudar.

Uma procissão de tutores e estudantes me olhava, livros presos rigidamente em seus braços. Foi minha caminhada descuidada que chamou sua atenção?

Ou era algo mais sobre mim?

...não será um mestiço como você...

Girei um ombro, deixando esse comentário rolar, bem acima da borda. Sim, o Inverno flui através do meu sangue. Verão também.

Mas isso não tinha sido o pior do que havia caído da armadilha de Indigo. A ignorância teria sido uma bênção, mas ele foi embora e me informou sobre o novo inquilino de Iradis, sobre alguém que não deveria estar aqui.

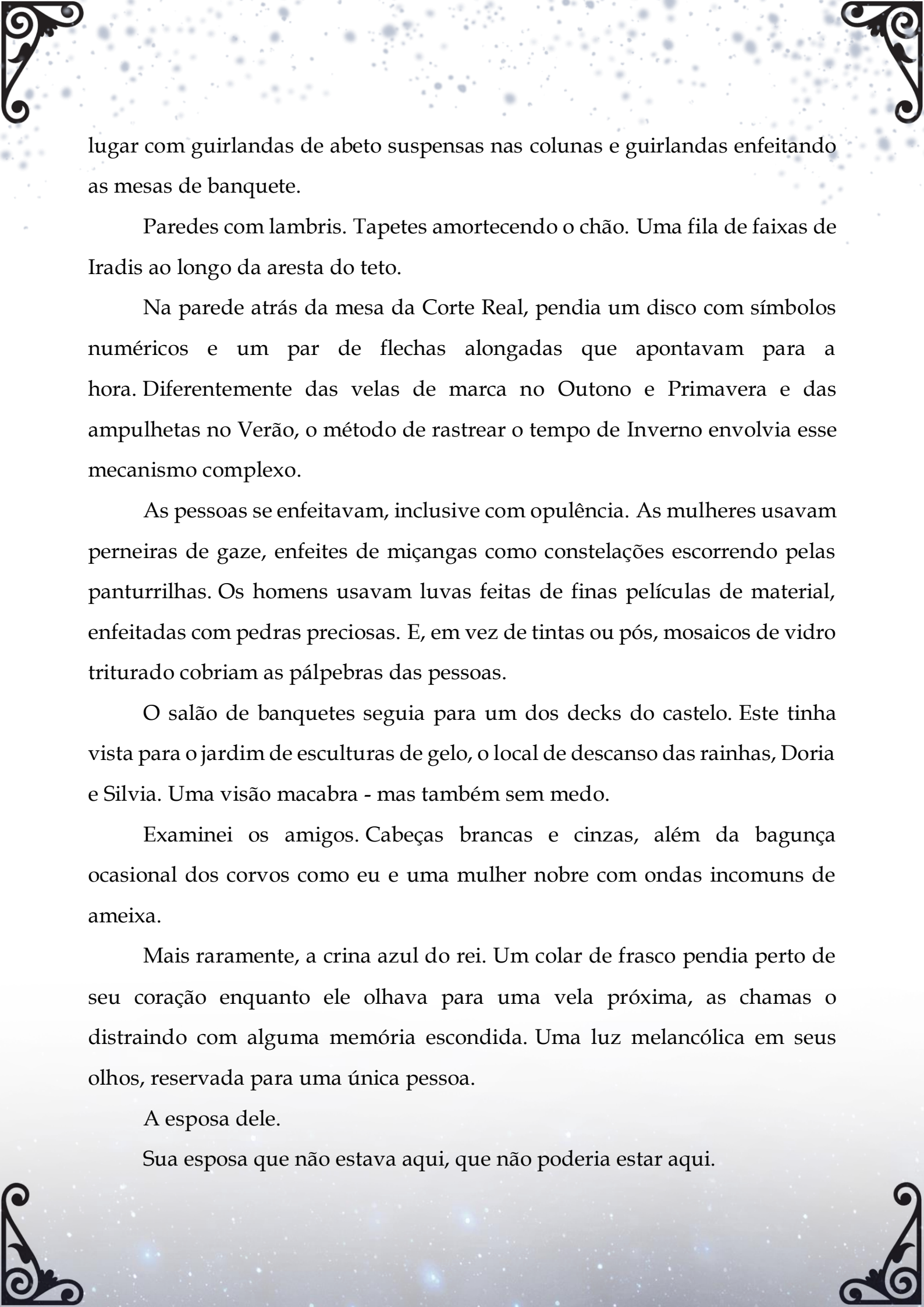
Sobre *ele*.

Descendo a última escada, meu pulso disparou para o inferno. Vozes flutuavam atrás das portas duplas do salão de banquetes, onde eu apoiei minhas mãos contra a fachada em alto-relevo.

Por que ele estava aqui? Por que ele veio?

Minhas narinas sugaram o ar até meu coração acelerar. Entrei pelas portas, inalando caça assada e repolho roxo cozido. Os criados enfeitaram este





lugar com guirlandas de abeto suspensas nas colunas e guirlandas enfeitando as mesas de banquete.

Paredes com lambris. Tapetes amortecendo o chão. Uma fila de faixas de Iradis ao longo da aresta do teto.

Na parede atrás da mesa da Corte Real, pendia um disco com símbolos numéricos e um par de flechas alongadas que apontavam para a hora. Diferentemente das velas de marca no Outono e Primavera e das ampulhetas no Verão, o método de rastrear o tempo de Inverno envolvia esse mecanismo complexo.

As pessoas se enfeitavam, inclusive com opulência. As mulheres usavam perneiras de gaze, enfeites de miçangas como constelações escorrendo pelas panturrilhas. Os homens usavam luvas feitas de finas películas de material, enfeitadas com pedras preciosas. E, em vez de tintas ou pós, mosaicos de vidro triturado cobriam as pálpebras das pessoas.

O salão de banquetes seguia para um dos decks do castelo. Este tinha vista para o jardim de esculturas de gelo, o local de descanso das rainhas, Doria e Silvia. Uma visão macabra - mas também sem medo.

Examinei os amigos. Cabeças brancas e cinzas, além da bagunça ocasional dos corvos como eu e uma mulher nobre com ondas incomuns de ameixa.

Mais raramente, a crina azul do rei. Um colar de frasco pendia perto de seu coração enquanto ele olhava para uma vela próxima, as chamas o distraíndo com alguma memória escondida. Uma luz melancólica em seus olhos, reservada para uma única pessoa.

A esposa dele.

Sua esposa que não estava aqui, que não poderia estar aqui.



Como Jeryn aguentava ficar longe Flare tanto? Mantendo a existência dela em segredo do reino dele? Foi preciso sua paciência e sua imprudência para fazer a distância funcionar entre eles. Isso, e uma baita transa de reunião.

Quanto a outras reuniões, considere o salão, procurando uma cabeça de cabelos castanhos. Ele seria muito baixo para se destacar, mas seu zelo pela amizade o tornaria a pessoa mais barulhenta no salão. A agitação que ele causaria apenas pelo entusiasmo e pelos traços faciais o tornaria notável.

Solstice se colocou em quarentena no convés, isolada do bate-papo. Eu não estava acostumado a ver a dama em nada, exceto armadura, mas o vestido de arminho e cetim era adequado para ela. Além de um conjunto de íris roxas, eu também não estava acostumado a ver cores em seus traços andróginos.

Invadi seu espaço, batendo nossos ombros juntos. — Vestido destemido.

— Cale a boca. — Ela resmungou.

— Estou falando sério. Não acredita em mim?

— Acho que teria matado você visitar um alfaiate pela primeira vez.

Depois que saí da solitária, um médico aplicou um curativo para me livrar do meu olho machucado com o soco de Indigo. Então eu mudei de roupa, optando por tudo preto.

Couro preto. Cachecol preto. Alma negra.

— E quem você está procurando? — Solstice perguntou.

— Ninguém. — Eu menti, ainda rondando o espetáculo interno.

— Uh-huh. Então, de que cor é o meu vestido?

— Platina. Se você vai me questionar, pelo menos faça isso sob a influência do álcool. Torna as perguntas mais interessantes.

Ela fez um gesto para dentro, em direção a uma mesa de barris. — Nomeie seu veneno.

Examinei o lúpulo e o malte. — Qual deles vai me foder mais rápido?



Não gostando da resposta, Solstice decolou, procurando alguém que pudesse levar a sério.

Tocando a borda da minha concha de brinco, voltei para dentro e verifiquei o salão novamente, procurando olhos verdes e um rosto de elfo. Algumas conversas saíram dos meus ouvidos, circulando sussurros sobre o Filho Real do Outono.

—O bastardo do bobo da corte. — Disseram eles.

—O simplório da princesa. — Acrescentaram.

—Um rosto que você não pode perder. — Eles julgaram.

—Uma voz que você não pode esquecer. — Relataram.

Eles nunca o ouviram cantar. Apesar dos rumores, eles listaram esses detalhes como evangelho. E sem elogios.

Considerando que eu sabia em primeira mão. Eu conhecia a voz dele como se soubesse de uma coronária.

Talvez ele não estivesse vindo, afinal. Talvez ele não quisesse me encarar. Talvez ele tenha me lamentado.

Eu esperava que ele tivesse.

Esse sentimento se intensificou a cada minuto que eu checava a multidão, ressentindo-me de quanto tempo eu já havia perdido. Uma hora de antecipação, uma hora da minha vida que eu não voltaria. Olhando em volta, não vi ninguém além de conhecidos e idiotas filosóficos.

Por falar em idiotas, Indigo ficou doente por causa de algo que ele comeu mais cedo, então ele não chegou ao banquete. Ou ele inventou essa desculpa, para não precisar se misturar à distância de um vomito de um certo Outono Real. Ele não tinha disfarçado seus sentimentos sobre o visitante de Inverno.





Tudo isso acelerou minha viagem para a mesa de bebidas, onde derrubei uma caneca para afrouxar as dobras. Também era gentil em falar com um cortesão, já que o rapaz tinha um belo sorriso.

E foi aí que senti um arrepio percorrer minha nuca. A textura do olhar de alguém zumbindo na minha pele, o peso expansivo dela elevando meus gritos. Eu procurei por quem estava me observando.

— Você está confuso com alguma coisa, farmacêutico? — o cortesão perguntou, me forçando a voltar. — Ou eu tenho concorrência?

Dei de ombros. — Escolha seu mistério.

— Ele não será tão facilmente detectado, eu acho.

— Quem seria esse?

— O que você está procurando.

Minhas mãos pousaram nos meus bolsos. — Não sei do que você está falando. Não ligo, na verdade.

— Então você não vai se importar que ele esteja aqui há um tempo.

— Como você sabe alguma coisa?

— Porque você não é o único olhando e falhando. Todo mundo ficou curioso com ele, no entanto, eu dobrei meus esforços e notei sua presença primeiro.

Eu não conseguia entender o que mais me irritava. Que o nobre estava certo sobre minha atenção. Ou que, como ele alegou, tinha chegado lá primeiro.

Eu olhei mais de perto para o cortesão.

Cabelo brilhante. Olhos apertados. Dedos longos.

Eu poderia dizer por esses pedaços sozinho. Ele não era apenas um garoto de lazer. Ele estudava um campo da ciência, eu tinha certeza agora.



O cortesão tremeu. — Para um suposto gênio, parece que você percebe os fatos tarde demais.

Esfreguei a parte de trás do meu pescoço, terminado com esta discussão. Tomando a dica, o cortesão desocupou meu lado. Ele provavelmente estava brincando comigo, percebendo como as fofocas sobre o Filho Real haviam roubado meu interesse.

O formigamento invisível ainda me incomodava. O mesmo fez o olhar invisível.

Puxando outro cigarro, usei um pavio para acender. Então voltei para o convés, pulei no parapeito e entrei no jardim de esculturas de gelo.

Minhas botas bateram em uma camada de neve. Cheirava a menta e cedro das casas de madeira da cidade baixa, que ficavam do lado de fora da cidadela, ao lado do lago congelado na base do penhasco alpino. Escuridão e frio chicoteavam minhas roupas, geadas mordendo meu queixo.

Esculturas de gelo - veados, lobos e alces - e árvores amontoadas, as folhas da agulha incrustadas com flocos de giz. Atravessei o jardim, encostei contra uma sempre-viva e dei uma tragada. Apagando as sobras, olhei para um rosnado de galhos. Tantos picos, enganosamente suaves ao toque.

Eu tinha companhia.

Poderia ser uma coruja perceptiva ou um lobo judicial, mas não era. Meu pulso aumentou mais uma vez, lambendo meu peito e pulsos. Eu puxei o cigarro, aproveitando a queimadura, a única coisa quente disponível.

Eu senti aquele olhar novamente. Esse olhar brilhante e brutal.

Eu tinha detectado sua fonte até então. Mas não podia acreditar no despeito que irradiava dessa fonte. Não parecia possível, porque ele já foi tão alegre, tão doce.

Não sentia nada de doce nele agora.



Não, sua presença tinha um gosto adstringente. Como vinagre.

Sombras caíam sobre o azul sedoso e os brancos chocados do jardim de gelo. As bordas das esculturas ficaram mais nítidas.

Eu ouvi seus passos como um sonho.

A fumaça cauterizou meus tubos brônquicos, a cana não mais do que um toco agora. Eu joguei o cilindro no chão, minha bota afundando no chiado.

Eu sorri. De fato, eu era o metro extra, afundando ainda mais no tronco. Posso muito bem ficar confortável.

Grande erro. Foi o que a ponta da adaga me disse ao encontrar minha jugular.

Um delicado conjunto de dedos agarrava o punho. Minha garganta trabalhou contra a lâmina, a ponta da arma inclinando minha cabeça para trás. Parecia que a história queria se repetir, exceto na inversão de papéis.

O sarcasmo rastejou até a ponta da minha língua. — Por que você demorou tanto tempo, pássaro canoro?

— Eu já disse antes —, alertou a voz musical. — Este não é meu nome.



CAPÍTULO TRÊS

PATIFE

Eu não deveria ter perguntado, porque se não tivesse perguntado, ele não teria respondido. Se ele não tivesse respondido, eu não o teria ouvido.

Eu não teria ouvido essa porra de voz.

Foi preciso um ruído para acionar um pulso. É tudo o que meu cérebro precisava para que tudo pare, memórias abrindo caminho agora, bem aqui. Isso era o suficiente para eu cambalear.

Quando a lâmina beijou minha garganta, um desprezo surgiu no meu rosto. — Isso é vingança?

Eu não esperava silêncio. Mas então, o que eu poderia esperar dele? Nós não nos conhecíamos mais.

Então eu instiguei. — Você vai responder ou apenas acariciar essa adaga?

— Você ainda é feito de torrentes e poluição.

— Sim. Eu ainda sou um patife, ainda um cretino, não mudei. Você mudou?

Três anos sufocaram o silêncio. Eu não valia uma resposta verbal, entende?

Quanto tempo ele levou para perceber isso? Ele descobriu isso durante o nosso primeiro encontro fofo, quando eu também apoiei uma adaga no pescoço dele?

Ou foi quando eu o abandonei?

Ele me cortaria? Ele tiraria meu sangue?

Devo deixá-lo saber que é tarde demais? Que ele me drenou há muito tempo?

Um trenó passou, longe demais para os cavaleiros da alegria verem a arma posicionada na minha traqueia. Coisa boa também. Não nos quereriam interrompidos exatamente quando as coisas ficaram estimulantes.

Poderia muito bem reproduzir esta cena por tudo o que valia a pena, uma reconstituição de quando nos conhecemos. Nossas posições haviam mudado naquela época, mas eu lembrei dele falando, lembrei de como ele havia parado minha adaga.

— Você sabe quantas vezes eu queria que você fizesse isso comigo? — Eu perguntei.

— Você sabe quantas vezes eu cheguei perto? — Ele respondeu.

Eu peguei a resposta dele e a chupei, inalando-a como uma droga. A ponta da adaga percorreu um caminho ao longo do meu pescoço, seguindo seus movimentos, a cada passo que ele dava ao sempre-verde. Meu olhar voou para suas botas, concentrando-me em seus rastros até que ele contornasse a árvore.

Até que ele ficou lá. Até que ele ficou bem ali.

Os mundos preto e branco colidiram, toda maldade e bondade. Os beirais do castelo brilhavam desonestamente, os conveses escorregadios. Um vento glacial assobiava através do jardim de gelo.

Olhos verdes céticos me prenderam no tronco. Eles eram tão grandes - e vastos - como a boca dele. A boca do cantor.

Nicu.

Aquelas aborrecidas feições. As maçãs do rosto salientes. Aqueles dentes para frente.

Tudo fora de proporção. Tudo muito grande ou muito pequeno. Tudo um pouco fora do alvo.

Ele era tão fodidamente bonito.

— Olá, — eu demorei. — Lembra de mim?

Nicu abaixou a adaga, seu olhar trêmulo. — Você é um símbolo.

— Sim, sou eu: um símbolo, uma memória. Então, sem abraço?

— Não me iscas. Nós nunca nos abraçamos antes.

— Ah, você definitivamente se lembra.

As sobrancelhas dele se enrugaram. Um Nicu ambíguo e taciturno, em vez de um Nicu flutuante e balbuciante. Os recursos não foram alterados, mas a atitude? Essa foi uma história diferente.

Em nossa breve história, mal tínhamos colocado a mão um no outro. Lembrei-me disso acima de tudo. Todo aquele sem-tocar.

Seu olhar saltou pelo meu rosto, depois fixou-se na minha mandíbula. — Você está brotando.

Ou seja, eu não tinha feito a barba hoje - ou ontem. Não tinha nada parecido com uma barba, mas também não me barbeava diariamente. — Algumas coisas continuam as mesmas. Olhe para você, tão tosado como sempre. Deve ser uma coisa real, não ter pelos faciais. — Mordi meu queixo em direção a ele. — Ainda está se perdendo também?

Nicu se encolheu, mas não pedi desculpas. Eu nunca o mimava e não começaria agora. Sua mente tinha dificuldade em distinguir distância e espaço. Não com tudo, mas com muitas coisas. Era um fato, é tudo.

E eu estava falando sério, não brincando. Eu queria saber como ele se saiu. Também queria saber se foi assim que ele chegou lá fora, se foi por acidente ou não.

Além disso, este Real poderia fazer uma consulta pessoal. Ele tomou pior de mim.

— Como assim, *perdendo*? — Ele negou.

— Nu-uh. Eu não estou puxando essa merda com você como todo mundo faz. Você entendeu a pergunta.

— Eu não tenho que responder.

Em outras palavras, o nanico real tinha me observado no banquete e, de fato, me arrastado para o exterior. Ele devia estar em algum lugar clandestino no salão de banquetes. Eu teria pensado que ele saltaria de nobre para nobre, considerando o quanto ele ansiava por companhia.

Por outro lado, eu também não esperava um ataque furtivo.

Começou a nevar, saindo da abóbada acima de nós. O rosto de Nicu suavizou quando ele olhou para cima. — As estrelas estão caindo.

— Chama-se neve —, eu disse. — Está nevando.

— Neve. — Ele repetiu, bebendo a palavra.

Eu queria saber como era o gosto dele. — Você já viu neve?

— Nunca. Vi as nuvens na Primavera, mas não o sol no Verão. Eu vi a névoa no Outono, mas não as estrelas cadentes no Inverno.

— Essas não são estrelas cadentes. São flocos de neve.

— Estrelas —, ele insistiu. — O céu está tecendo flocos das nuvens brilhantes, e os flocos são estrelas, e agora as estrelas estão caindo.

— Não há nuvens esta noite, Nicu.

— Eu sei, Lyrik.

Meu nome nos lábios dele. Meu nome na ponta molhada de sua língua.

Ele continuou admirando a cena no alto. Ele não tinha ideia, nenhuma pista sangrenta de como ele parecia naquele momento - como ele parecia para mim.

—Se você abrir a boca, poderá engolir as estrelas. — Murmurei.

A sugestão acabara de sair, convidando o caos na forma de Nicu me aceitando a oferta. Eu tive que ficar lá, testemunhando aquela língua empinada balançar no ar.

Eu desviei o olhar, esperando-o parar. Enfiei minhas mãos profundamente nos bolsos. Tão profundamente quanto possível. Tão profundamente.

Pelo canto do olho, verifiquei. Graças as Estações, ele parou em segundos.

Ele repetiu: —O céu não está apenas nevando. São estrelas caindo.

Eu desisto. —Faça do seu jeito. Sua versão é melhor de qualquer maneira.

—Obrigado. Ela é.

—Aposto que ainda posso lhe contar algo que você não sabe sobre Iradis. Você já ouviu falar da lenda do Inverno? Diz que há uma estrela que concede desejos. Séculos atrás, um estudioso a descobriu enquanto rastreava nas florestas, enquanto procurava inspiração e conhecimento; apenas uma estrela estava acesa naquela noite, de modo que o estudioso desejou, pedindo ajuda intelectual. Essa é a noite em que a sabedoria nasceu, vê? É por isso que celebramos a Véspera da Sabedoria.

—Supostamente, a estrela do desejo está em algum lugar acima do reino, mas ninguém mais a encontrou. Por quê? Porque, apesar deste feriado, o povo do Inverno acredita muito em sabedoria, não em desejos. Eles confiam e se fixam no *eu* e não no enigma, no tangível e não no remoto, o resultado sobre a própria lenda. Somente um verdadeiro crente, ou você poderia dizer um sonhador, seria capaz de encontrar a estrela.

—Eu deveria cantar uma cântico sobre isso.

—Sempre pássaro canoro, hein?

— É por isso que estou aqui. — O olhar de Nicu voltou à terra, de volta para mim. — Eu vim para um cântico.

— Isso está certo?

— Para a Véspera da Sabedoria. Eles querem meus cânticos.

Por canções, ele quis dizer que Inverno queria que ele se apresentasse. Cantasse.

Ele tinha um conjunto incomparável de cânticos. Vendo como ele nasceu na Primavera, a terra dos criativos, e considerando a ocupação de seu pai como um bobo da corte, esse fato não aumentou a imaginação.

Nicu tinha uma afinação - quase a lançava. Um talento impossível de esquecer.

Então essa foi a essência de sua visita. Jeryn, um amigo da família de Nicu, deve ter ouvido ele cantar uma vez antes. Como resultado, o rei o convidou para Iradis, para animar o mercado.

Ninguém poderia chamar Nicu de tímido. Ele só estava se escondendo hoje à noite para examinar e depois me emboscar. Sempre o pássaro canoro, sempre a praga.

Sua atenção vagou pelas esculturas transparentes, pelos bustos de coruja, pelas recriações de lobos, pelas semelhanças de alces. Um cervo em particular, jovem e esbelto, trouxe um sorriso intrigado ao rosto.

— As estrelas estão caindo enquanto as criaturas do gelo descansam —, ele meditou. — Talvez eu possa cantar sobre isso.

— Eu recomendo que você escreva essa tagarelice, mas eu sei que você não vai.

Ele bateu no crânio. — Já está aninhado aqui.

— Você está estocando minhas citações também?



Ele me deu um brilho enérgico e conhecedor. O mundo o chamava de simplório, mas ele tinha muitos presentes que superavam a maioria das almas, uma dessas habilidades era que sua mente fazia um inventário de tudo o que uma pessoa dizia literalmente. Você tinha que ter cuidado com ele, se não queria que suas palavras fossem jogadas de volta para você. Também significava que ele guardava as letras das músicas sem precisar de uma pena e pergaminho.

Fiz um gesto para os animais cinzelados. — Eles são inspirados nos guardiões do Inverno; cada cenário natural em Iradis tem um. Rena da floresta de pinheiros, alces da Floresta de Ferro, veados da floresta estrelada, cavalos da província das geleiras, lobos da tundra de granizo, corujas no vale das rajadas de vento. Os guardiões protegem as paisagens, garantindo que os visitantes respeitem o ambiente.

— Anjos da guarda —, resumiu Nicu. — Heróis da natureza.

— Algo parecido. Você tem um herói, Nicu?

— Eu tenho dois. — Disse ele.

O pai e a mãe dele. Em nossas vidas anteriores, ele compartilhou essa informação comigo. Só queria reconfirmar.

Na colônia da casa na árvore, nos encontramos tagarelando sobre muitas coisas. Quantos desses detalhes ainda tinham peso?

— Então, como está o seu furão de estimação? — Eu perguntei, resolvendo a aleatoriedade. — Nunca cheguei a conhecê-lo.

— Tumble é meu amigo, mas ele pertence ao papai. Ele é o furão do papai.

— Enquanto estiver aqui, você precisará de um ajudante, então.

A cabeça de Nicu girou na direção do cervo de gelo, observando os chifres tortos. — Um ajudante com uma coroa.



—Um Real para um Real, é isso? Você é precioso demais para algo menos?

—Você está zombando de mim.

—Não. Não brinco com garotos tanto quanto eu os fodo.

Nicu levantou uma sobrancelha, um reflexo confiante que eu nunca tinha testemunhado antes. Não sabia dizer se ele não estava impressionado ou sendo altivo.

Independentemente disso, ele me chamou silenciosamente. Eu sabia o que ele realmente quis dizer sobre uma coroa, porque nunca se importou com a classe social e porque seus significados nunca foram literais. Ele apenas imaginou um animal com chifres majestosos, enquanto eu o transformava em algo pomposo.

Apesar da minha idade, ele era centímetros mais baixo que eu. Mais baixo que a maioria dos de vinte anos.

Eu avaliei suas roupas, a calça de ardósia, o casaco de lã de cacau com botas de joelho combinando. As fivelas e correias segurando-o, escondendo-o de mim. Seus cabelos ficaram ainda mais grossos, uma trança crescente arqueando da têmpora até o lóbulo, passando atrás da orelha.

Sua orelha nua.

Ele viu que eu vi, não parecendo se importar de uma maneira ou de outra.

Meu polegar passou por cima da minha concha de brinco, o formato semelhante à sua trança, exceto barato e sem sofisticação. E com muito mais arestas.

—Então, o que você fez com o meu brinco? — Eu perguntei.

—Nada. — Ele respondeu.

—Devolva meu nada, então.

— É meu. Você me deu aquele nada.

Tão prático. Tão vibrante e indiferente. Como um duende cansado.

Sua expressão imediata me fez questionar se o verdadeiro ele realmente estava aqui. Ou se ele tivesse um gêmeo secreto, e se ele o tivesse parcelado em Iradis, em vez de em si mesmo.

Mil significados poderiam ser extraídos de sua resposta. Eu não tinha dado nada a ele. Nada de valor.

Claramente, eu não o afetava do jeito que costumava.

Ele provavelmente jogou em uma gaveta, cheia de lixo esquecido. Por causa de sua doença, se um item não fosse colocado no mesmo local, qualquer coisa trocada em seu lugar poderia enganá-lo. Ele confundiria um objeto com o outro.

Nesse caso, meu esboço poderia ter se perdido na bagunça, mas eu duvidava. Memórias, ele tinha um tempo mais fácil de colocar. Especiais.

Eu combinei seu tom astuto. — Então por que você está realmente aqui?

O que ele estava fazendo no Inverno? O que ele estava fazendo neste jardim de gelo? O que ele estava fazendo em pé na minha frente, com flocos de neve - estrelas caídas - derretendo em seus cabelos?

Nicu inclinou a cabeça. — É isso que você acha? Você acha que eu não vim para cantar no Inverno? Você acha que eu vim aqui para você?

Eu cobri. — Talvez. Talvez não.

Droga, é o que eu pensava. Era disso que eu temia.

Era uma vez, eu o deixei alto e seco. Eu o joguei fora.

A pegada? Ele não estava me provocando. Ele também não estava brincando, apesar de ser filho de um patife profissional.



Ele estava sendo sincero. Possivelmente, ele até compreendeu o suficiente da distância entre o Outono e o Inverno, a quantidade de espaço que antes nos separava e como esse espaço havia se tornado mais estreito.

Meu braço cortou o ar e pegou sua adaga. — Acho que não sou um cara sábio, afinal.

— E eu não sou um simplório —, disse ele, imperturbável. — Eu não sou um tolo.

— Não, mas você é burro por me seguir aqui fora.

— Você é mais burro por não me deixar aqui fora.

— Não. Partir significaria que há algo para escapar.

— Realmente? — Suas íris brilhavam. — Isso não te impediu da última vez.

Uau. Ele jogou isso bem na minha cara.

De todas as coisas que Nicu poderia ter feito, ele sorriu. Seus dentes brilharam, revelando mais incisivos carnívoros do que eu me lembrava. Um sorriso malicioso que ele deve ter herdado de seu pai.

Na verdade, arranhe isso. Ele aperfeiçoou aquele sorriso por conta própria, um sorriso que brincou com a minha caixa torácica, prestes a morder alguns ossos. Inferno, os elfos eram produtos da fantasia. Mas com aqueles caninos, ele desafiou a realidade. Talvez ele realmente se tornasse encantado.

Esta viagem era, de fato, sobre o seu canto. Ele não viajou para Inverno por mim.

Ele poderia não ter esquecido que eu deixando-o, mas com base em seu sorriso, ele havia superado isso. Ele só queria ver como eu reagiria ao comentário.

Então é assim que seria, hein? Eu merecia tanto, especialmente se isso lhe desse encerramento, alguma gratificação por me ver se contorcer.



Quando saíssemos deste jardim gelado, eu me tornarei um assunto discutível. Alguém que costumava o preocupava, mas não o fazia mais.

Eu poderia deixar pra lá. Eu deveria deixar pra lá.

Isso não te impediu da última vez.

— Ninguém nunca me parará —, comentei. — Nunca conseguiu, nunca conseguirá.

Uma emoção de dor espirrou nos aros dos olhos e saturou o verde. O comentário se encaixou no passado e o puxou para a superfície, expondo-o como uma erva daninha. Por fim, as palavras deixaram um sabor de merda na minha língua.

Então o momento desapareceu, sua reação lá e se foi. Seu olhar brilhou defensivamente, e ele cerrou os dentes de fada, escondendo algo semelhante a um assobio. Meus olhos se voltaram para sua boca larga - rosada, com uma saliência do lábio superior.

Quanto trabalho foi necessário para conter a montagem da folga em seu esôfago?

Quanto dano meus lábios poderiam causar aos dele?

Não do tipo bom. Nicu tinha sido impressionável no passado. Ele estava apaixonado, um pássaro canoro com uma queda em miniatura.

Eu o rejeitei por uma razão.

Notei sua postura aguçada e minha postura preguiçosa. Vislumbrei suas roupas sob medida e minhas botas arranhadas. Comparei minhas unhas roídas com a fita escarlata amarrada em seu pulso, um bracelete dado a ele por seus pais. Eu sabia porque ele me contou uma vez, quando perguntei o que era.

O que meus pais já me deram? O que eu tinha para oferecer a ele?

Nicu e eu tínhamos zero em comum - exceto nossas cicatrizes. A minha se escondia embaixo do meu casaco, um corte no meu peito onde uma espada

havia me apunhalado, quando eu empurrei Nicu para fora do caminho, levando o golpe por ele.

Quando ele se mexeu, vi o que não tinha visto antes: uma cicatriz própria. Um entalhe no lóbulo da orelha esquerda, uma cavidade na pele onde um objeto o havia perfurado.

Algo com uma ponta. Algo como um espigão ou um esboço.

Algo que ele tinha removido desde então.

Quando? Quando, caramba? Quando ele fez isso?

O relógio tocou de dentro do salão de banquetes, os pedágios da meia-noite chamando sua atenção. Então ele olhou para mim, imitando minha voz em um tom estranho. — *Ninguém nunca me parará* —, ele citou. — Hmm. Eu não sabia que alguém já se incomodou em tentar. Não sabia que alguém pensava que valia a pena tentar.

Que pequeno...

Eu teria terminado o pensamento, teria respondido, mas quando ele trotou para trás, as pilhas de neve entre nós cresceram. Perdi o cheiro dele, leite fabricado com mel. E sem que eu percebesse, ele pegou sua adaga e a embainhou.

Onde estava o guarda-costas dele? Todo real tinha um - ou cem.

Pensei em Nicu tentando retroceder seus passos para o salão de banquetes, confundindo a rota, saindo do curso. Imaginei-o assim, sem um caminho orientador.

— Aonde você vai, pássaro canoro? — Eu perguntei.

— Você sabe onde —, disse ele. — E não me chame assim.

— De volta à festa? Você ainda não cantou uma canção para mim. — Eu me reclinei contra a sempre-verde. — Isso significa que há algo aqui para escapar, afinal?

Nicu zombou. — Não. Isso significa que não há nada para deixar para trás.

— Espere —, eu murmurei. — Eu vou com-

Seu olhar me empurrou de volta. — Eu não preciso de ajuda.

— Ainda é um ponto de discórdia? Você é muito teimoso.

Ele virou como se eu não tivesse dito nada, seus pés entrando em ação. — Minhas pegadas do banquete me levarão de volta. Elas são o meu rastro.

— Ah, vamos lá —, eu chamei. — Deixe-me acompanhá-lo, Nicu.

— Não mais. — Ele parou e olhou por cima do ombro. — Eu não sou mais *ele*.

Ele não era mais aquele garoto. Aquele que me seguia, não importava quantas vezes eu o espantava. Aquele que ansiava por ser seguido de volta, não importa o quanto eu me recusasse.

Ele ficou lá, todo flocos de neve e efervescência. Ele ficou sozinho, livre de mim.

— Então é isso, hein? Nós terminamos aqui? — Eu engatei um ombro. — Vejo você por aí, então.

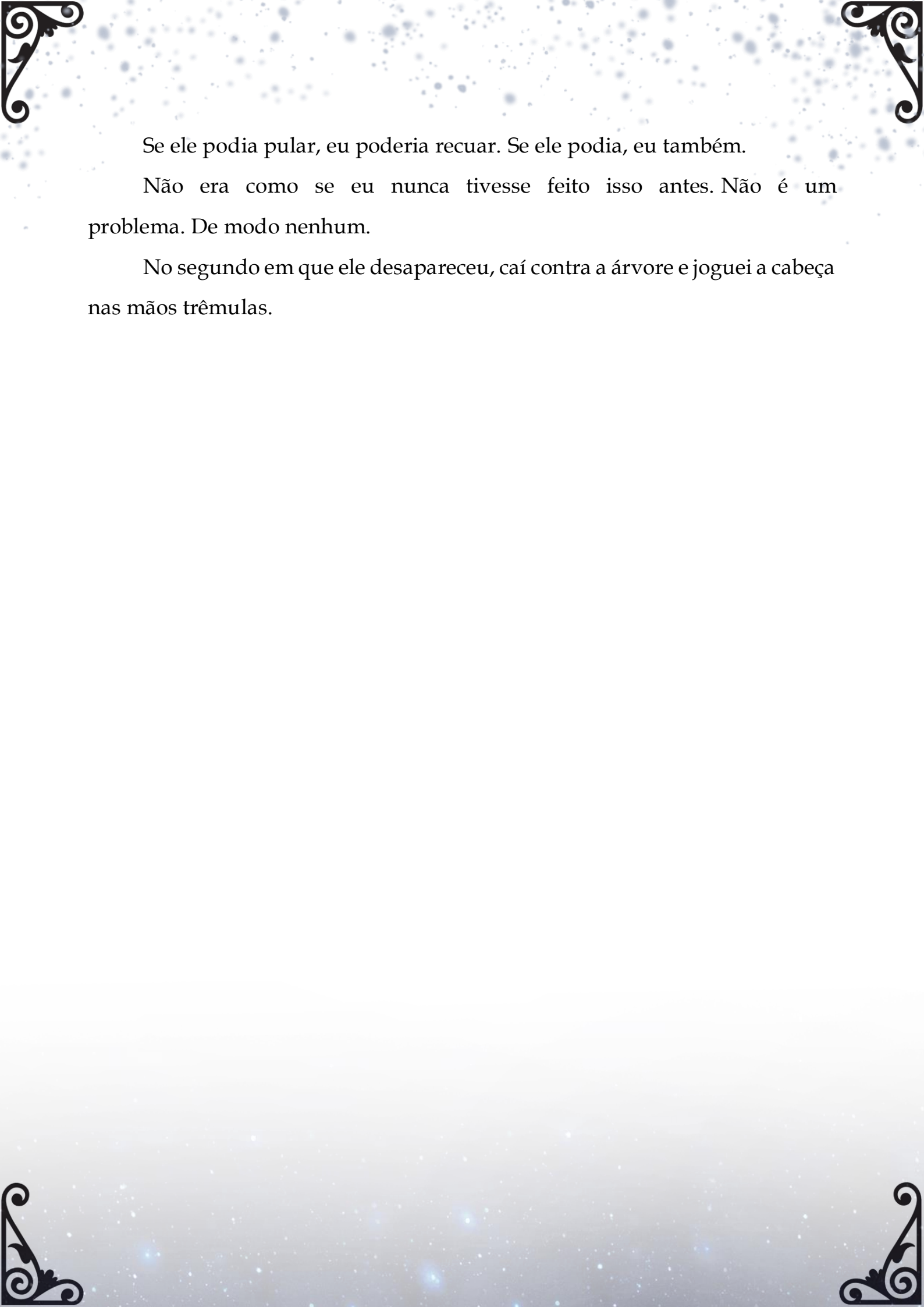
Ele nem hesitou. — Tchau, Lyrik.

Eu assisti o pássaro canoro real se afastar, um rastro tempestuoso atrás dele. Eu deveria ter ido atrás dele, deveria ter certeza de que ele não voasse no vazio.

Eu apertei o impulso. Ele não era da minha conta. Nunca realmente foi.

Na mesma nota, era um grande castelo, com um circuito interminável de moradores e cortesãos. O lugar perfeito para se livrar do resto do feriado. Durante o próximo mês, ficaríamos longe um do outro e depois ele sairia. Eu não deixaria que ele me distraísse durante a Véspera da Sabedoria.

Não que ele estivesse interessado em me distrair.



Se ele podia pular, eu poderia recuar. Se ele podia, eu também.

Não era como se eu nunca tivesse feito isso antes. Não é um problema. De modo nenhum.

No segundo em que ele desapareceu, caí contra a árvore e joguei a cabeça nas mãos trêmulas.



CAPÍTULO CINCO

PASSARO CANORO

Nicu galopou nas sombras.

Ele galopou nas sombras profundas, nas sombras pesadas, nas sombras fumegantes.

Então ele parou. Ele parou e parou e parou.

As criaturas congeladas o cercavam, em todas as direções, em várias direções, em muitas direções. Quantos caminhos existiam neste jardim de gelo?

Qual? Qual deles era dele?

Ai sim. Suas pegadas na neve, as do banquete, mostrariam o caminho. Ele fugiu do banquete enquanto seu guarda-costas mastigava castanhas assadas; o homem não estava espiando Nicu, não estava olhando. E assim Nicu se apressou atrás do garoto de poções, aquele que arrastava palavras pela boca, arrastava-as pela língua sem velocidade e sem cuidado.

O garoto que soprava fumaça dos lábios, que fervia e borbulhava coisas em seus caldeirões, que fazia mágica não mágica. O garoto que fazia vapores corarem.

O garoto que tinha sido mau com Nicu, que tinha sido legal com ele.

O garoto que o deixou.

Lyrik.

Nicu sacudiu o nome da cabeça. Não mais.



Em casa, no Outono, guirlandas de fitas marcavam seus caminhos através do castelo, ajudando-o a encontrar o caminho. Aqui no Inverno, ele usava suas próprias faixas. Ele viu as impressões originais, depois mais delas, depois muitas mais. E outra pegada, e outra, uma de cada vez, pouco a pouco.

Começou a parecer familiar, o caminho de volta para a festa, onde as pessoas devoravam, onde os sinos tocavam nos pulsos. Logo, ele estaria de volta lá. Em breve, ele estaria seguro novamente.

Ele não deveria ter seguido o farmacêutico. Ele não deveria.

Seu pai o avisara e sua mãe o avisaram. Suas amigas, Pearl e Beauty, o haviam avisado. Seus amigos, Aire e Aspen, o avisaram. Todos eles o avisaram.

Acima de tudo, ele havia se avisado.

A hora cantou daquele círculo milagroso pendurado em uma parede dentro do salão de banquetes. A partir daqui, ele ouviu seu toque à deriva. Lembrou-se de observar o instrumento, o modo como olhou para Iradis na chegada, as árvores desgrenhadas e as pistas escorregadias, as criaturas feitas de lã e as casas de troncos. Ele ficou boquiaberto com tudo, do jeito que ficou boquiaberto com o garoto de poções quando finalmente o viu, o viu através de um salão cheio de gente.

O garoto desonesto da colônia na casa da árvore, de muitos sóis e luas atrás. O garoto que dera a Nicu uma bugiganga de brinco e depois se afastou.

Lá, o jovem se levantou. E o coração de Nicu fez algo intrigante, algo familiar. Estremeceu, suspirou e fez cócegas.

O farmacêutico estava conversando e sorrindo com um rapaz nobre. E Nicu não gostava de assistir isso. Ele não gostava de como aquilo o fazia se sentir - perdido, perdendo. Por isso ele seguiu Lyrik mais tarde.





Esmagando a memória, Nicu parou na neve e começou a correr. Apenas fora do alcance da visão, fora do alcance do ouvido daquele garoto, ele correu de pegada em pegada, seguindo o caminho enquanto uma melodia tilintava em sua cabeça, uma série de palavras de despedida.

Nicu, pare de me seguir. É irritante. Encontre o seu próprio caminho.

No Outono, foi a última coisa que o farmacêutico lhe disse. Por muitos meses depois, Nicu tentou entender, tentou fazer uma música com isso, mas a música o evitou. Ele não foi capaz de entender, e porque ele não foi capaz de entender, ele desistiu.

Ele realmente desistiu.

Esta noite o lembrou o porquê.

Ele continuou andando pelo caminho, cheirando a menta e a cor azul. Uma coruja de yule esculpida pairava enquanto um alce permanecia digno, as banheiras de seus chifres pegando flocos de neve.

Os sons de vozes ficaram mais altos, todos se agrupando. Sim, mais alto significava mais perto.

As estrelas continuavam caindo, o céu continuava nevando. Os flocos caíram sobre ele, fazendo o reino brilhar.

Quando alcançou a parede direita, sob o convés direito, derrapou na esquina. Tudo o que ele precisava fazer era escalar a fachada e amarrar no convés, e ele retornaria à festa.

Nicu caiu contra a pedra, o frio fazendo cócegas nas costas. Pela primeira vez desde que ele roubou aquele garoto, o ar derramou dele. Todos os músculos do rosto, dos ombros e dos membros, desenrolados como fios. Por fim, seu coração cessou sua loucura, parou de vibrar como um sino dentro da torre do peito.

Seus pais ficariam muito orgulhosos. Os amigos dele também.





Nicu enfrentou seu passado, colocou um cortador no pescoço daquele garoto, trocou pensamentos com ele. E o tempo todo, Nicu não choramingou uma vez. Nem uma vez.

Embora seu corpo tivesse feito outras coisas, as mesmas coisas profundas desde a última vez que vira o farmacêutico. Partes dele doíam e esquentavam, como se suas roupas caíssem demais, como se ele usasse camadas demais.

Nicu entrou furtivamente no salão de banquetes. Como Real, seu nome deveria ter sido anunciado para a multidão. Mas, como antes, ninguém o anunciou. E, como antes, ele percebeu que era porque havia entrado secretamente.

Durante a procissão original no corredor, ele se afastou de seu guarda-costas e entrou furtivamente, porque era esperto o suficiente para esgueirar-se. Ele fez isso porque queria assistir alguém, assistir alguém em particular, sem que essa pessoa o visse primeiro. Anunciar o nome e o título de Nicu teria arruinado isso.

Ele escapou, depois escapou mais tarde. E agora, mais se escondendo do jeito que ele veio.

Quando Nicu se juntou ao rei Jeryn, o homem não se surpreendeu com a aparição repentina. Talvez esse Monarca da Sabedoria soubesse - como ele sabia muitas coisas - para onde Nicu tinha ido, o que ele havia feito e por quê.

Talvez Jeryn tenha notado como Nicu estava se sentindo. Talvez seja por isso que Jeryn se inclinou e murmurou palavras de convicção, palavras que pareciam ter alças e chapéus, palavras que resgataram Nicu, fazendo o tambor em sua cabeça diminuir.

O rei o apresentou a um espectro de rostos. Quando Nicu era um tolo, costumava pular em estranhos e se declarar seu melhor amigo. Ele as puxava, agarrava seus membros e afagava seus cabelos, e cantava para eles até que seu



pai o incentivava a afastá-lo. As pessoas sempre pareciam tão cansadas, o que confundiu Nicu.

E seu pai pedia desculpas a eles, o que também havia confundido Nicu.

Por que eles olharam para Nicu assim? Por que seu pai pedia desculpas assim? O que Nicu fez de errado?

Seu pai havia explicado, havia dito a Nicu que ele não podia simplesmente pegar estranhos, porque isso os deixava enjoados, e porque era perigoso, e por muitas outras razões. E às vezes Nicu tinha entendido. E na maioria das vezes, ele não tinha.

Isso deixava sua mente confusa e exigente sempre que se esforçava para não abraçar as pessoas à primeira vista - não chamá-las de *amigas* poucos segundos depois de se aproximar delas. Abraçar e tagarelar é o que as pessoas faziam entre si, não era? Não era disso que se tratava a amizade? Elas não queriam ser amigas dele?

Mas ele tentou ouvir, tentou se comportar. Ele realmente tentou.

Por três anos, ele conseguiu melhor do que nunca. Porque depois do explorador, ficou mais fácil, muito mais fácil não confiar em estranhos, não pular neles por amizade, não se oferecer a eles.

Sim, ficou mais fácil.

Então, no banquete, Nicu não atacou. E isso parecia agradar a todos que se curvavam ou faziam reverência para ele.

Apenas algumas vezes ele ouviu as palavras *simplório* e *tolo*.

Apenas algumas vezes ele fez os punhos ao seu lado.

Para sua surpresa, um garoto nobre chamou sua atenção - o mesmo que Nicu vira conversando com o farmacêutico. O cortesão desconhecido, com madeixas brilhantes e dedos longos. Aquele garoto levantou uma caneca para



Nicu e sorriu, um sorriso muito mais quente e celestial do que a maioria no salão.

Nicu sorriu de volta antes que a multidão devorasse o nobre.

Amanhã, Nicu cantaria para essas pessoas - se ele pudesse. O rei Jeryn o convidou para isso, mas Jeryn não o anunciou, não pressionou Nicu. Em vez disso, ele só tinha dado a Nicu a oportunidade, se ele quisesse.

Aqui estava a situação, aqui estava o segredo, aqui estava o silêncio. Aqui estava o boato que ninguém no Inverno sabia - ninguém além do rei. Aqui estava a verdade que Nicu não havia compartilhado no jardim de gelo, parado com o garoto de poções.

Nicu havia perdido a voz cantante.

Há muito tempo, ele havia perdido suas músicas, suas canções. E desde então, ele não tinha sido capaz de encontrá-las. Ele não conseguia mais cantar.

Durante meses no Outono, Nicu havia se angustiado com o convite para Inverno. Ele brincava e se virava na cama, falou com sua família e falou consigo mesmo no espelho. Por fim, ele aceitou a honra, derrubou ervas daninhas por todo esse caminho, através dos reinos. Ele veio cantar, cantar de novo, para mostrar que estava pronto novamente.

Mas ele estava? Ele poderia fazer isso? Ele poderia cantar do jeito que costumava? Ele poderia cantar aqui, neste novo lugar?

Ele descobriria amanhã. Ele tentaria amanhã.

Ele não deixaria o garoto de poções tirar isso dele, não deixaria aquele garoto distraí-lo, não o deixaria nunca mais.

Até então, ele bebeu sidra de uma caneca de cobre e permaneceu ao lado do rei até uma hora cansada. Do outro lado da sala, Nicu localizou seu guarda-costas. Um simples aceno de cabeça, e o homem se aproximou, escoltando Nicu para fora do corredor.





Na suíte, de cadeiras confortáveis e cobertores de peles, Nicu abriu a boca, mas nada saiu. Sem melodia, sem palavras.

Despojado, ele andou na ponta dos pés para o convés, para onde o céu jogava flocos de neve como estrelas. Pulverizava a terra, aspergia o chão enquanto o reino prendia a respiração.

Nicu subiu na balaustrada, onde se curvou contra uma parede. Ele ficou sentado, as pernas balançando sobre o parapeito, a superfície de pedra geada nas costas.

Em algum lugar lá fora, um jardim de gelo crescia. Em algum lugar lá fora, uma estrela secreta concedia desejos, visíveis apenas para os crentes - para os sonhadores.

Em algum lugar lá fora, havia um garoto de poções e vapores. Um garoto que deixou Nicu ir. Um garoto que não se importava e nunca se importou.

—Lyrik. — Nicu sussurrou para si mesmo.

O nome rude parecia impetuoso em seus lábios. Ele não dizia isso em voz alta há anos, desde que ele tinha dezessete anos, desde que os dois tinham dezessete anos.

A parede o segurava na vertical enquanto ele exalava, enquanto soltava todas as brisas que estavam girando nele. Ele olhou para a frente, cego pela água nos olhos, o que deixou a paisagem embaçada.

Sua boca tremia, sem som, sem música.

Não era assim que um garoto deveria fazê-lo se sentir. Nenhum garoto.

Engolindo, Nicu enfiou os dedos no bolso do casaco, remexendo até o polegar sentir uma pequena bugiganga. Magro e afiado, o toco do brinco cutucava as pontas de sua pele.

A dor o lembrou que nada disso era um sonho. Ele não estava sonhando. Se tivesse, teria acordado chorando.



CAPÍTULO CINCO

PATIFE

Na manhã seguinte, eu voei através das portas do laboratório médico de Jeryn, um rascunho me atingindo quando as partições se fecharam novamente. A cabeça azul do rei se curvava sobre uma mesa central enquanto ele dissecava uma massa viscosa de forma oval, um pedaço de órgão interno. Ele não olhou para cima, não que eu esperasse que ele olhasse.

—Quando diabos você ia me dizer? — Eu fervei.

O rei levantou a mão, ordenando silêncio.

—Suas Majes—, eu comecei, então calei quando seus olhos frios levantaram uma fração e pousaram em mim. Aqueles olhos se fecharam, os cortes de suas maçãs do rosto tensos. Seu olhar agarrou minha laringe, apertando as palavras de volta. Era um olhar de aviso que poderia congelar seu pau até que ele caísse.

Eu dei um passo para trás. Sim, eu poderia esperar.

Ele retomou seu trabalho, deslizando seu fiel bisturi pela bolha de uma ponta a outra, suas feições desapaixonadas, inescrutáveis. Não apenas um rei, mas um cientista, conhecido por ser um gênio da medicina - ou algo assim. Ele prosperava com a paciência, não tolerando tangentes, incompetência ou pressa.

A bandeja ao lado dele continha uma fileira de instrumentos gritantes: tesouras, extratores e facas cirúrgicas. Não me inicie nas outras ferramentas nesta sala. Não sabia a que propósito elas serviam. Não queria saber.

Mordi meu queixo em direção ao seu trabalho. — Onde está o resto desse cara?

— Pergunte ao lobo. — Ele respondeu.

Eu me encolhi. Este procedimento poderia demorar um pouco.

Ontem, o rei não teve tempo de me contar sobre minha fuga para a Floresta de Ferro. Com o banquete tendo prioridade, eu havia me esquivado de um interrogatório até agora. Ele estriparia em mim uma vez que ele cuidasse do intestino na mesa de mármore.

É por isso que ele me chamou aqui. Por mim tudo bem, já que eu tinha invadido com minhas próprias perguntas.

A medicina fluía no sangue de Inverno como bolsa de estudos e caça, então fiz um inventário da sala esterilizada. Tinha armários azuis carregados de potes que continham tinturas, tisanas, rascunhos e pergaminhos. Remédios para doenças, pragas e pestes.

Você pode picar ossos aqui. Você poderia cortar uma língua aqui.

Você também pode curar aqui. Salvar uma vida aqui.

Fui até um diagrama anatômico fixo de uma coluna. Durante o meu primeiro ano em Iradis, perguntei ao rei se ele exibia um pau, mas a piada não o encantou.

Até hoje, eu só o vi sorrir totalmente em torno de uma pessoa: sua esposa.

Quase ninguém nesta terra sabia da existência de Flare. Por quê? Porque ela era o que este mundo chamava de *tolos nascidos*.

Nos quatro reinos, os tolos nascidos - simplórios e loucos - tinham uma história de ridículo e escravidão. Eles eram rotulados como falhas do mundo natural, abominações das Estações. Para lidar com a chamada infestação, os tolos se tornaram propriedade da Coroa, com base em uma lei cimentada pelo Decreto Universal dos Tolos.



Era assim há eras, até o Outono se rebelar dezesseis anos atrás, desafiando o preconceito e apoiando a igualdade. Desde então, o Inverno juntou-se ao esforço, enquanto Verão gravitava nessa direção, à beira da capitulação. Mas a Primavera ainda não havia mudado de tom.

Em última análise, porém, o desprezo por aqueles com uma mente inclinada ainda espreitava nos cantos de Iradis, o que tornava traiçoeiro Flare estar com seu marido. Nem mesmo os conselheiros de Jeryn ou Solstice, sua primeira em comando, sabiam sobre a esposa do rei. Indigo idiota definitivamente não sabia, mas suspeitava de algo. Foi por isso que fiquei perto dele.

Eu era um dos poucos com o segredo de Jeryn no meu bolso: que ele tinha uma esposa, que ela tinha uma mente enlouquecida e que eles se visitavam pelas costas das Estações sempre que podiam.

O pingente de frasco meio cheio de areia estava pendurado em seu pescoço, um símbolo de seu voto para a mulher que de alguma forma conseguiu derreter seu coração. Em suma, se o monarca imponente confiava em mim essa informação, eu devia estar fazendo algo certo.

A comoção atrás de mim sinalizou que o rei estava encerrando sua dissecação. Ele lavou as mãos em uma bacia antes de virar e olhar para mim, seguindo o vinco na minha têmpora. —Dor de cabeça. — Ele diagnosticou.

—Ressaca. — Esclareci.

Não importava que eu não tenha realmente ficado bêbado ontem à noite. Sofria um tipo diferente de ressaca, de um tipo diferente de coisa intoxicante. Vamos chamá-lo de Pó de Fada. E essa enxaqueca em particular tinha objetivos, com o objetivo de cair na infâmia.



Jeryn caminhou até o armário e o abriu. Eu dei uma olhada nas garrafas de espécimes cheias de pétalas da floresta tropical e folhas de samambaia do Verão, além de raízes e pinhas.

Destampando um curativo, ele me entregou. —Três gotas na língua. *Apenas* três — Ele enfatizou. —Ou suas vias aéreas serão fechadas.

Bem, caramba. Eu segui suas instruções e segurei o vômito, meus olhos fechados cerrados porque esse material tinha gosto de repolho podre misturado com bunda.

Os lábios do rei se contraíram. Ele estava gostando disso.

Limpei minha boca com o braço, o que transformou sua diversão em uma careta, porque ele era neurótico sobre limpeza e higiene. Devolvendo a jarra e fechando o armário, Jeryn cruzou os braços, me dando aquele olhar novamente.

Tomei seu silêncio como um convite para falar. — Eu tenho uma desculpa para ontem.

— Você tem? — Ele perguntou.

—Eu precisava de uma amostra da Floresta de Ferro, viu? Estudar possíveis misturas para exposições. Faz parte do meu plano para a Véspera da Sabedoria.

—Esse plano deveria ter incluído consideração pelo mamífero que vive na Floresta de Ferro.

—Incompreensão entre homem e animal. Eu não percebi que era território do guardião até que o alce atacou em mim.

— Livre. Não me faça soletrar para você.

Primeiro, eu deveria ter me educado sobre como distinguir território livre e o território do guardião. Segundo, não me educar me deixava ignorante. Terceiro, minha ignorância escandalizou o alce e quase me matou.

Quarto, como eu pensava que as palavras *escandalizavam o alce*, com uma cara séria? Vamos. Isso nunca deixaria de ser engraçado.

— Me chame de supervisor —, eu demorei. — Você não está um pouco orgulhoso?

— Você gostou da sua passagem na solitária? — Jeryn rebateu.

Eu dei a ele um olhar de soslaio. — Sabichão.

— E você adquiriu uma amostra?

— Não. Obrigado pela pergunta retórica.

— Não desperdiço meu tempo com perguntas retóricas. Se você tivesse conseguido cortar um galho da Floresta de Ferro, teria feito história.

— Farei história depois. Uma vez que resolva *como*.

— Como expositor do mercado, seu comportamento máximo é necessário. Quando você ofender a seguir, não serei tão benigno. Entendido?

Olhei para o órgão em cima da mesa, o bisturi na bainha. — Soa como um plano.

— Muito melhor.

— Por que você não me contou sobre Nicu?

A sobancelha escura de Jeryn se levantou. — Descubra isso por si mesmo, Lyrik.

Anotado. Se ele tivesse me dito antes, antes da chegada do Real, teria sido menos chocante. Isso me daria tempo para digerir. Hora de colocar uma frente.

Jeryn era um observador, um testador que olhava as pessoas através de lentes. Ele queria ver minha reação crua, deixando-me descobrir no último minuto, quando era tarde demais para me amordaçar.

— A propósito, por que diabos a sala estava começando a ficar borrada?



—Sonolência. — Jeryn avaliou. —Efeito colateral da dosagem. — Ele inclinou o queixo em direção à saída, um fio de sua juba azul se soltando do barbante amarrado na nuca.

Eu iria dormir. Como era, eu precisaria de resistência para o próximo mês.

Como meus aposentos estavam em uma ala separada, Jeryn me mandou embora com um comboio, a escolta e eu deixando para trás as enfermarias e laboratórios da ala médica. No meu pescoço do castelo, onde viviam os cientistas residentes, químicos e físicos se reuniam. Botânicos e biólogos se reuniam, vestindo roupas intelectuais, peles tostadas e nobres camurças.

Meu dedo correu ao longo do meu brinco pontudo. Alcançando a lacuna, com sua farpa perdida, afastei minha mão.

Realmente, eu só queria me meter com um caldeirão, mas essa não era a solução ideal, considerando minha percepção sensorial prejudicada. Misture os ingredientes errados e as coisas poderiam explodir. Nessa condição, eu faria algo estúpido e explodiria minha cara.

Quando cheguei ao meu quarto, atravessei da sala de poções para o quarto adjacente, que cheirava a sebo, bem como carne de veado de um prato de sobras no assento da janela. Uma planta de inverno chamada *espinha escaladora* rastejava ao longo das faixas externas.

Caí na minha cama e fiquei boquiaberto com o teto. Assim como eu sabia sobre Flare, Jeryn estava a par de algumas coisas sobre meu passado, principalmente sobre Nicu. Eu puxei esse esqueleto do meu armário enquanto martelava uma noite, quando eu me destruí com um barril de cerveja, dobrando até cair no espelho vertical. O âmago da questão havia driblado de mim no laboratório do rei, enquanto ele me costurava.





Mais tarde, eu garanti a Jeryn que não estava ligado no garoto. Para provar isso, eu abri caminho por uma legião de estudiosos nos últimos três anos. Nada que um bom leigo não pudesse resolver. Uma extravagância de soluções rápidas sempre que eu precisava do impulso.

Jeryn não tinha comprado. Eu já quis um simplório, e ele amava uma mulher louca, e nenhum de nós pensava neles como tal. Para nós, eles eram apenas Nicu e Flare.

É por isso que eu e o rei nos relacionávamos. Por isso confiávamos um no outro.

Então sim, a aparição de Nicu na noite passada tinha me jogado. Meus olhos se fecharam, lembrando os óculos verdes e uma boca larga. Que pequena praga. Ele sempre foi uma peste pequena, me seguindo, me encarando quando ele pensava que eu não estava olhando.

Me fazendo notar. Me fazendo olhar para ele também.

Mas o que fez a maior diferença foi sua voz. Costumava vibrar como uma borboleta, enquanto eu golpeava o ar como um idiota, tentando pegar algo brilhante demais para ser pego.

Há muito tempo, eu estava agachado em uma colônia isolada na casa da árvore, no coração do Outono. E um dia eu ouvi um garoto cantando. As anotações me mantiveram sob controle, uma amargura estranha me enchendo. Ele parecia tão doce, tão novo.

Tão bom. Uma bondade em que eu não confiava.

Eu andei pela floresta, ansioso para colocar uma rolha nessa música. No momento em que o encontrei, eu pressionei uma adaga em suas cordas vocais.

Mas então ele foi falar novamente. Foi quando a amargura se transformou em intriga, e eu abaixei minha arma.

Deitado na cama, lembrei o que havia dito a Nicu naquele primeiro dia.





Cante uma música para mim, Pássaro Canoro.

Uma enorme punição, eu deveria ter cuidado com o que desejava. Porque quando ele cantou, eu quase enlouqueci. Sua traqueia havia funcionado como uma flauta, e foi aí que o mundo mudou, condensando-se em uma coisa: ele.

Um garoto tão perfeito, com uma voz tão perfeita. Um garoto tão legal, de um castelo tão bonito em uma colina, foi criado em uma família tão legal. Uma família Real.

Eu não tinha nada. Ele tinha tudo, inclusive eu.

O masoquista em mim tinha sido implacável. Eu o ignorei e depois clamei por sua atenção. Eu me cansava de sua tagarelice e depois sentia falta quando ele não estava por perto. Eu me deliciava com seu silêncio abençoado e depois o enchia com perguntas.

Nicu tinha uma boca cheia de palavras. Palavras, palavras, palavras. Quem precisava de tantas palavras?

Enquanto a maioria das pessoas não o ouvia direito, não o entendia, eu sempre o entendia alto e claro. Eu tinha entendido o que ele disse. E bem, eu tinha uma queda pela boca dele, pelo teor que saía daquela boca.

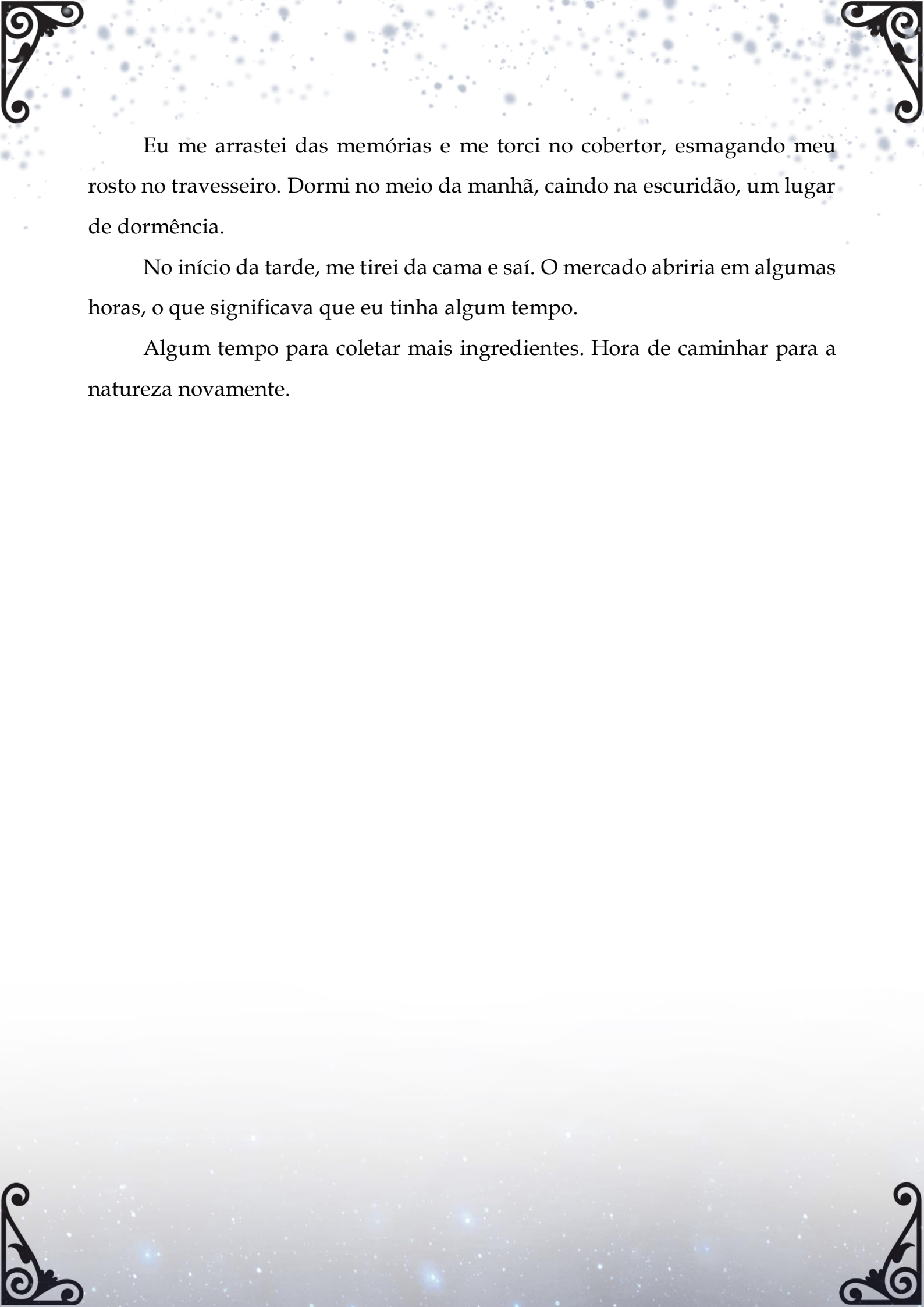
Eu gostei dele. Mas, como havia levado ao ressentimento, o ressentimento levou à hostilidade, a hostilidade levou a um tesão, e o tesão levou à minha evacuação do Outono.

Eu deixei Nicu com brutais palavras de despedida. Eu fiz o que precisava, certifiquei-me de deixar uma cicatriz.

Cicatrizes mantinham pessoas decentes afastadas das delinquentes. Elas impediam as pessoas de cometer o mesmo erro duas vezes.

Ele tinha sido perfeito demais, quebrável demais para alguém como eu.





Eu me arrastei das memórias e me torci no cobertor, esmagando meu rosto no travesseiro. Dormi no meio da manhã, caindo na escuridão, um lugar de dormência.

No início da tarde, me tirei da cama e saí. O mercado abriria em algumas horas, o que significava que eu tinha algum tempo.

Algum tempo para coletar mais ingredientes. Hora de caminhar para a natureza novamente.



CAPÍTULO SEIS

PASSARO CANORO

Nicu cantarolava para as árvores.

Ele cantarolava para as árvores agrupadas, para as árvores com franjas, para as árvores congeladas.

Suas agulhas se entrelaçaram e estremeceram, sua voz agitando suas extremidades, fazendo-as rir. Engraçado, desde que lhe disseram que poucas coisas riam neste reino.

No entanto, isso não parecia assim para ele. Que cócegas, que cotovia!

O trenó passou por troncos, em volta de troncos e através de troncos. Esses nobres sentinelas, essas imponentes colunas de madeira vigiando. De repente, ele ponderou. Talvez este mundo não estivesse rindo, talvez o estivesse censurando; talvez estivesse se concentrando em algo, uma coisa importante, e sua melodia a desviou.

Ele poderia fazer isso? Ele poderia ser uma distração?

Ele não gostou desse pensamento. Ele preferia fazer amigos da floresta, não inimigos da floresta.

Por outro lado, os amigos também poderiam ser peculiares. Eles poderiam fazê-lo sentir coisas estranhas, coisas dolorosas.

Alguns amigos podiam partir seu coração.

Nicu não queria mais rachaduras no coração, porque ter um coração quebrado também o fazia sentir vontade de chover, de chorar. Ele já havia feito isso tantos sóis e luas atrás.



Mas não mais. Ele não deixaria que aquele farmacêutico o quebrasse novamente.

Hoje, Nicu se sentia melhor, muito melhor. Uma música silenciosa tremeu através dos ramos. E a partir daí, ele estremeceu em sua mente, a ponto de se tornar uma canção de natal. Então ele continuou cantarolando, perseguindo aquela melodia gelada, as letras oscilando na ponta da língua.

Sinos tocaram no trenó. Um cavalo volumoso salpicado de preto e branco arrastava o veículo, os cascos dos equinos arando na neve.

O ar passou zunindo, cortando as pontas dos ouvidos de Nicu. Suas escoltas lhe ofereceram um trenó coberto com um telhado felpudo para mantê-lo confortável. Mas isso o afastaria do mundo, então ele escolheu esse aberto, com cobertores para o colo e tijolos fumegantes para os dedos dos pés.

Ele empurrou as cobertas agora. Puxando a cadeira, ele agarrou a borda e ficou boquiaberto quando o trenó se afastou da cidade baixa.

O conjunto de casas e prédios de toras havia sido um desvio cênico em sua viagem. As cabanas do chalé eram fornos assando com velas por dentro, enquanto seus telhados inclinados jogavam gavinhas para fora. Grinaldas penduradas nas portas. As pessoas usavam luvas e puxavam trenós das vitrines. E os habitantes locais viram Nicu passar, franzindo a testa enquanto ele acenava para eles.

De lá, ele foi em direção à cordilheira alpina e sua floresta de pinheiros. Uma facção de cavaleiros acompanhava o trenó, com as montarias lutando no veículo. Parecia que eles galopavam por toda parte, em cada esquina - nas laterais dele? Na frente dele? Atrás dele?

Tentar descobrir isso fez sua cabeça bater, e ele não gostou disso.

Os soldados saltaram sobre cavalos e renas lanudas, que pareciam divertidas. Nicu sabia montar, porque sua mãe o havia ensinado. Ele teria





gostado de sentar um animal, mas não tinha permissão para esta jornada. Porque ele era o Filho Real - com uma mãe princesa e um pai brincalhão -, ele deveria causar uma boa impressão em Iradis. A procissão tinha que seguir o que eles chamavam de *protocolo* e *prestígio*. Palavras antigas que tinham rugas e estavam desgastadas nas bordas.

O comitê também jogou a palavra *tradição* em Nicu, esperando que ele a entendesse e se segurasse.

Os cavaleiros tinham mantos de joias, o corante como águas azuis e pétalas de violeta. Por baixo disso, eles usavam corrente, o equipamento tão resplandecente quanto os diamantes.

Todos se vestiam assim, exceto um. Seu guarda-costas estava sentado em cima de um cavalo, a capa vinho do homem exibindo um brasão de folhas de bordo do Outono. Ele torceu e encontrou os olhos de Nicu, resmungando com retidão quando Nicu brincou com a língua para fora.

Seu amigo, Aire, também teria acompanhado Nicu no Inverno. Mas como o primeiro cavaleiro do Outono, os deveres de Aire excediam o de companheiro de Nicu.

Embora Nicu sentisse falta de todos em casa, estar aqui sem eles o fazia se sentir mais velho, mais orgulhoso. Isso o deixava alegre, um tipo laranja de alegre, vívido e energizado.

Laranja feliz, sua cor favorita. Era assim que ele se sentia.

Também intrigava Nicu que um reino poderia ser muitas coisas estranhas ao mesmo tempo. O cenário era bonito e austero, mágico e severo.

Tudo estável. Tudo brilhante.

Tanto branco indiferente, roxo real e azul distante. Tantas cores frias, misturadas com tantas cores da floresta. Tantos cumes afiados misturados com tantos flexíveis.



Muito frio. Tanta retirada e atenção.

Tanto inverno à vista!

Ele estendeu a mão para tocar qualquer coisa e tudo o que viu, mas não compreendeu nada, fez contato com nada. Isso sempre o deixou perplexo, como ele podia ver coisas, inúmeras coisas, mas não alcançá-las.

Como a Lua. Como as corujas.

Todos pareciam próximos, perto o suficiente para os dedos dele roçarem. Mas, por alguma razão, eles não estavam tão perto quanto pareciam, e suas mãos apenas pegavam um pouco de ar.

Ar que entorpecia. Ar que doía.

A sensação não era horrível, nem tão cruel quanto sua família havia dito que seria. O inverno cheirava limpo e puro, como o ar que nunca havia sido inalado.

A carruagem estremeceu, os sinos do trenó sacudiram, as chamas das luminárias tremendo de surpresa. Os cavalos e as renas pararam enquanto os cavaleiros murmuravam, com um coro de *Whoa* e *Calma*.

Nicu cambaleou, lutando pela borda do trenó e se endireitando.

O cocheiro, um ancião com pontos na testa e poços de oliva para os olhos, virou-se. — Meu Real, você está bem?

— Lá vai você agora. — Um dos cavaleiros agitou um braço. — Faça a maneira.

As tropas bloquearam a visão de Nicu, da qual ele não se importava, não se havia algo para ver. Ele se inclinou para o lado, um suspiro caindo de seus lábios e se transformando em cristais.

À frente, um cervo com membros finos e galhadas girando em direções diferentes, os chifres formando uma coroa torta.

Um ajudante com uma coroa.



Uma trilha de marfim percorria o rosto da criatura. Ele aninhou um arbusto, seu focinho cutucando dentro de uma palha de folhas de hera, sua cauda batendo alegremente ao encontrar algo para mordiscar. Enquanto mastigava, o animal fechou os olhos, saboreando, deliciando.

Um farol opaco de nevoeiro cercava o cervo. Apesar dos gritos dos cavaleiros, ele se recusou a se mexer. Mantinha-se discreto, sonhando com seu perfil.

Nicu olhou para o maravilhoso morador. Sozinho, sozinho. Onde sua família morava? Será que o cervo atacava por conta própria?

Se Nicu esticasse o braço, ele alcançaria a criatura? Não.

Ele se lembrou dessa regra. Ele lutou com esse fato para a superfície.

Nicu pulou do trenó e atravessou as margens da neve.

— Meu senhor... — Chamou o guarda-costas.

— Jovem senhor... — Disse outro cavaleiro.

Não era porque o animal iria comer Nicu. As censuras saltaram pelo chão porque esses soldados foram instruídos a não deixá-lo vagar.

Em casa, sua família aprendeu quando deixá-lo ir e ele aprendeu quando ficar perto deles. No outono, ele teve a liberdade de explorar mais, de cuidar de si mesmo mais.

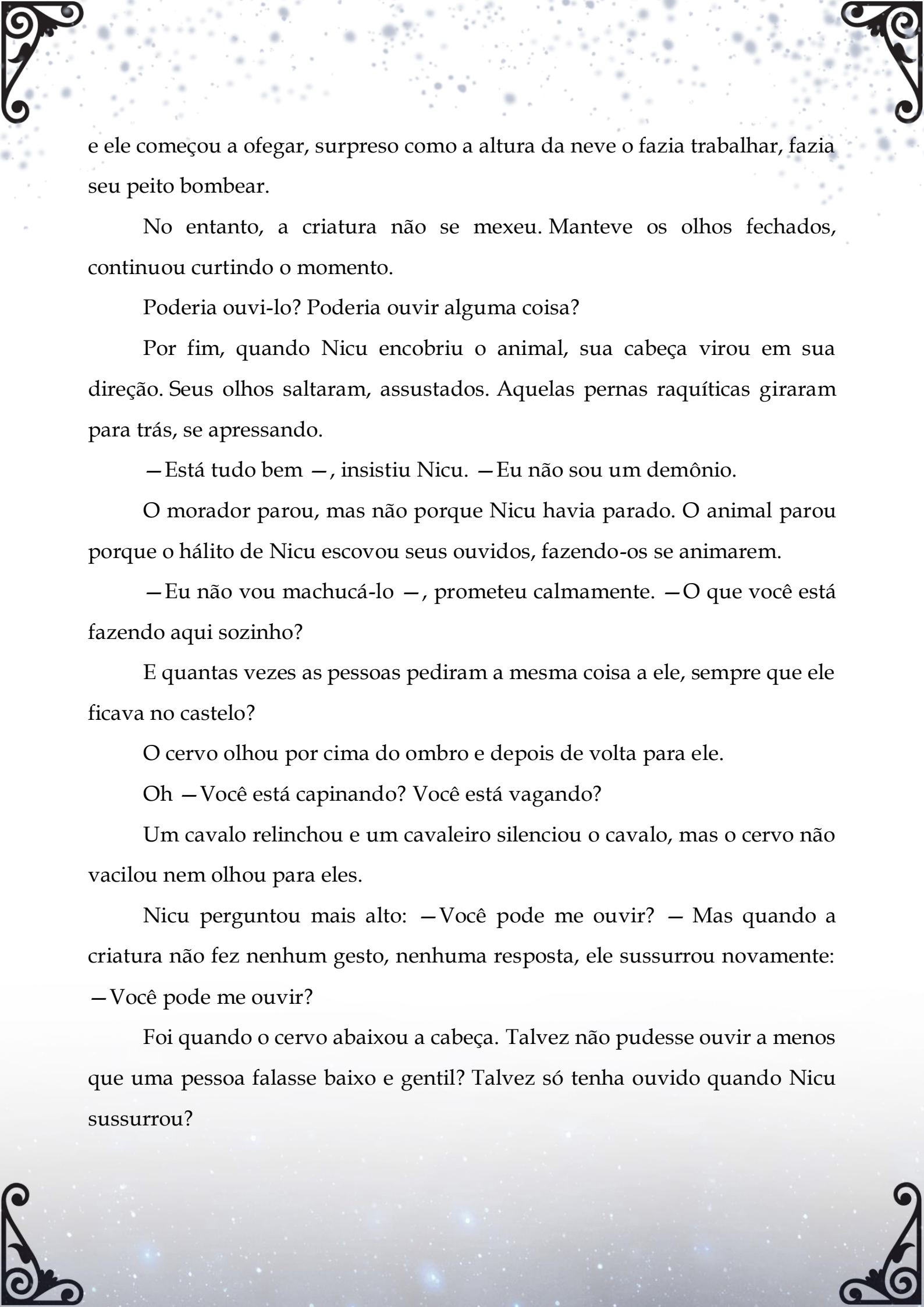
Mas não aqui. O corpo o ensinou de suas montarias.

Nicu apenas sorriu, então ele sorriu mais amplo à medida que o animal crescia, o que significava que Nicu estava se aproximando. Ele trabalhou para entender essa regra também.

Maior significava mais perto.

Quando ele se aproximou, o cervo continuou a se aninhar no mato. As botas de Nicu emitiam um ruído esmagador sempre que afundavam no chão,





e ele começou a ofegar, surpreso como a altura da neve o fazia trabalhar, fazia seu peito bombear.

No entanto, a criatura não se mexeu. Manteve os olhos fechados, continuou curtindo o momento.

Poderia ouvi-lo? Poderia ouvir alguma coisa?

Por fim, quando Nicu encobriu o animal, sua cabeça virou em sua direção. Seus olhos saltaram, assustados. Aquelas pernas raquíticas giraram para trás, se apressando.

— Está tudo bem —, insistiu Nicu. — Eu não sou um demônio.

O morador parou, mas não porque Nicu havia parado. O animal parou porque o hálito de Nicu escovou seus ouvidos, fazendo-os se animarem.

— Eu não vou machucá-lo —, prometeu calmamente. — O que você está fazendo aqui sozinho?

E quantas vezes as pessoas pediram a mesma coisa a ele, sempre que ele ficava no castelo?

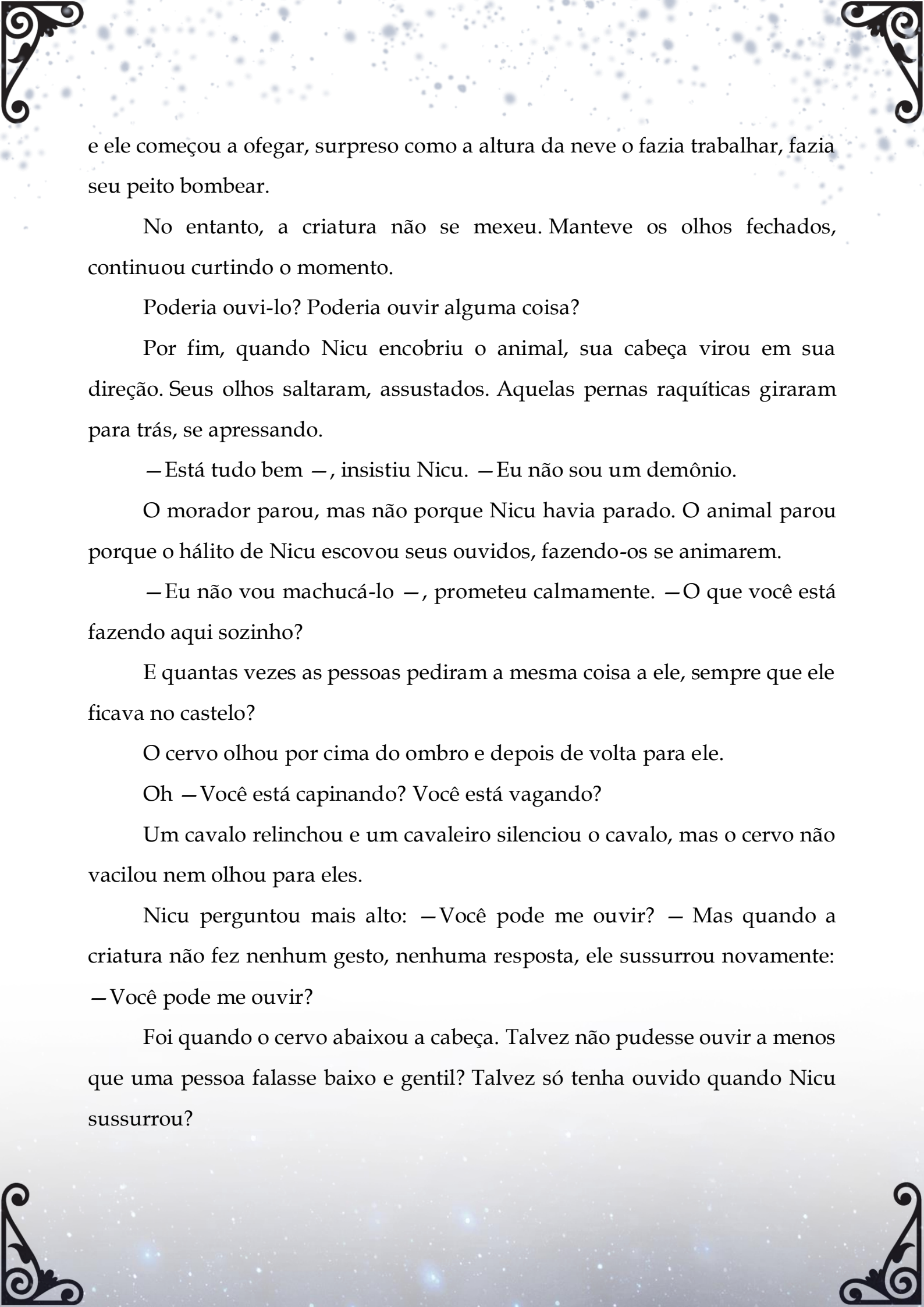
O cervo olhou por cima do ombro e depois de volta para ele.

Oh — Você está capinando? Você está vagando?

Um cavalo relinchou e um cavaleiro silenciou o cavalo, mas o cervo não vacilou nem olhou para eles.

Nicu perguntou mais alto: — Você pode me ouvir? — Mas quando a criatura não fez nenhum gesto, nenhuma resposta, ele sussurrou novamente: — Você pode me ouvir?

Foi quando o cervo abaixou a cabeça. Talvez não pudesse ouvir a menos que uma pessoa falasse baixo e gentil? Talvez só tenha ouvido quando Nicu sussurrou?





Ele verificou sua figura, percebendo que era uma fêmea. Que extraordinário, já que todas as corças no outono não cultivavam chifres - um decreto da natureza que aparentemente não se aplicava aos cervos de inverno.

Cuidadosamente, ele ofereceu sua mão. A donzela dos cervos cheirou e depois se aproximou, permitindo que Nicu acariciasse a inclinação de seu pescoço.

— Você é um sussurro —, disse ele. — Uma alma terna. Posso te chamar assim?

A corça cutucou seus dedos em reconhecimento.

— Ah eu vejo. Você não estava capinando. Você estava apenas sonhando acordada, certo? Eu também faço isso.

Ela inclinou a cabeça novamente, em direção às copas das árvores. Ela devia estar olhando para o céu quando descobriu o arbusto com suas guloseimas comestíveis no interior, provavelmente botões ou seiva.

Nicu ficou maravilhado com essa moradora, que o lembrava do cervo de gelo no jardim de esculturas. Uma criatura gentil vivendo no berço desta floresta, neste mundo brutalmente brilhante.

— Onde você mora? — Ele perguntou.

Ela hesitou, depois olhou para as pegadas do casco.

Poderia ser um convite. O couro cabeludo de Nicu formigou, uma ideia surgindo em sua mente. Isso o colocaria em um monte de problemas, porque contaria como um grande não, uma regra quebrada.

Ele sorriu. A cauda da corça voou.

Nicu pulou de costas. E ela pulou na floresta.

— Meu Senhor! — o guarda-costas e os cavaleiros gritaram.

— Desculpe! — Nicu cantou por cima do ombro.





Gritos perfuraram o ar. Isso e o fio de sua própria risada. Fugir, derrubar ervas daninhas na natureza sempre o emocionara.

Por uma coisa instável, a donzela cervo disparou, as pernas correndo pela neve, encaixando-as entre as fendas dos pinheiros. Elas teciam dentro e fora das sempre-vivas, esquivando-se de cones e tocos caídos.

Uma pista de rio congelada apareceu, escorregadia, mas com rachaduras esgueirando-se pela superfície, a rota deslizando em torno dos troncos. Uma caçadora solitária com uma besta viajava pela pista, passando por eles com sapatos de lâmina, usando a passagem como uma via. Patinou pelas curvas, mais agitada que um furão, mais rápida que um sapo, mais leve que um pássaro.

Mais rápido que um cervo?

A corça parecia ler a mente de Nicu, seus cascos chutando, saltando à frente. A caçadora olhou de soslaio para eles, a diversão mexendo em seu rosto. Eles correram lado a lado pela floresta.

Não durou. A fêmea inclinou a cabeça em despedida e caminhou em direção a uma direção desconhecida, desaparecendo entre as árvores.

A companheira de Nicu não diminuiu a velocidade. A floresta agitada, um turbilhão de branco, tufo de neve espalhando as folhas da agulha. Ele abriu os braços, o mais largo possível. Ele inclinou a cabeça para trás, deixou o vento arrebatá-lo e riu alto.

Ao se aproximarem de um túnel de folhagem, a marcha do cervo diminuiu a velocidade e depois parou. Nicu deu-lhe um tapinha, o que a fez apelidar como um pônei.

Ele pulou das costas dela, depois olhou ao redor para a toca de agulhas brotando com frutas de lavanda. — Esta é a sua casa? Onde está o seu rebanho?



A tristeza encheu os olhos da corça, seus ouvidos perdendo a vantagem deles.

— Você não tem um rebanho? Uma família?

Não, ele percebeu. Ela não tinha, o que parecia terrivelmente solitário.

— Mas por que? — Ele perguntou.

Novamente, seus ouvidos afundaram - até onde os ouvidos de um cervo podiam afundar, pelo menos.

— É porque você não pode abraçar o som?

Porque ela não conseguia ouvir?

O corpo do animal se encheu de ar e o liberou pelas narinas. E Nicu a abraçou, segurando o mais forte que pôde. Mas, em vez de se encolher, a corça apoiou o queixo no ombro dele, acolhendo seus braços.

Seus parentes a rejeitaram porque seus ouvidos não funcionavam, porque ela não conseguia ouvir barulho, não podia ouvir. O rebanho a rejeitou porque ela era inútil para eles.

Porque ela era diferente.

Como ela poderia sobreviver sem som? Como ela escapou dos predadores?

Mas, de fato, ela podia ouvir um pouco. Seus ouvidos captavam suas palavras calmas.

— Sussurro —, ele sussurrou. — Eu serei seu amigo. Você será minha?

Ele gritou quando ela o cutucou com seus chifres. — Ei!

Ela o cutucou novamente, e ele a cutucou com o dedo, e ela cutucou de volta.

Ela pegou um pedaço de neve com a coroa e jogou-o contra ele. Suas mãos enluvadas revidaram, lançando globos de volta para ela. Eles se



amontoaram um no outro, ela balançando e ele pulando, as pernas de pau empinando e as pernas curtas tremendo.

Depois que a batalha terminou, ele cantarolou uma melodia baixa para ela. A cabeça de Sussurro inclinou-se para trás enquanto ela ouvia, consumida pelo som.

Cantarolar não era o mesmo que cantar, mas Sussurro gostava mesmo assim, e isso agradou Nicu. Ele pensou em coisas perdidas e encontrou coisas, olá e adeus, desejos e sabedoria. Anseio manchou sua voz, pedaços da noite passada, pedaços desta manhã.

Quando terminou, seu peito parou de doer - por si mesmo, por essa donzela cervo, pelo que ambos queriam e não podiam ter.

—Se você precisar de mim, pode me encontrar. — Nicu passou os dedos sobre a pele de Sussurro. —Abrace a floresta perto do castelo, ouça-me cantarolar, e você saberá onde estou.

A corça balançou a coroa, depois atirou-se na floresta, seus cascos pontilhando uma trilha fresca na neve. Nicu acenou enquanto se afastava.

—Sempre o pássaro canoro. — Uma voz demorou.

Seu corpo ficou tenso quando ele se virou para as palavras mornas, vislumbrando um espectro encostado a uma árvore. Esse garoto - jovem, patife, explorador - conhecia outra maneira de se defender?

O coração malvado de Nicu realmente dizia que significava, batendo com força, esticando com mais força. Embora um coração não devesse ter tanto poder.

O ombro de Lyrik pressionou a casca. Seu cachecol repousava em volta do pescoço, cobrindo parte de sua mandíbula e alguns dos espinhos negros em sua pele verde-oliva. Um deslizamento de uma navalha os suavizaria, mas nada jamais suavizaria o resto dele. Desgrenhado como lençóis, ele era.



Ele estudou Nicu com um brilho impertinente. — Eu tinha razão. Você ainda soa como uma carriça.

Nicu encarou Lyrik, o rosto que ele praticara desde o outono. O rosto que não ansiava, não desejava. — Você ainda soa como uma vespa. — Respondeu ele.

Quando Lyrik não disse nada, os ataques de Nicu aumentaram. — O que você está fazendo aqui?

— Observando você. Não ouvi sua voz de flauta até agora. Sorte minha, tenho uma audiência privada. Não estava nem pedindo por isso.

— Eu estava cantarolando, não cantando. Eu nunca cantaria para você.

— Eu vou ter que viver com isso. Veja que você se achou um companheiro.

— Quanto tem-

— Tempo suficiente para acompanhar sua luta de bolas de neve.

As bochechas de Nicu explodiram. — Vá embora.

— Eu estava aqui primeiro. Nós tendemos a nos esgueirar, entendeu?

— Ou a floresta não é grande o suficiente para nós dois.

— Ou este reino não é grande o suficiente para nós dois.

Falando nisso, por que Lyrik veio até aqui, tão longe? Seria o tipo de milagres que ele não conseguira no Outono?

Este reino era a terra menos simplória do mundo. Tinha mais academias e escolas do que qualquer outra estação, laboratórios onde as pessoas ficavam doentes e saudáveis, salas de livros onde as pessoas aprendiam e liam, salas de contagem onde as pessoas empilhavam números, salas de engenharia onde as pessoas clicavam em aparelhos. Eles criavam coisas que os outros poderiam usar - não como a magia animada da primavera, nem a magia feroz do verão, nem a magia tranquila do outono. Não, Inverno exercia uma magia séria.

De volta à colônia da casa na árvore, Nicu perguntou a Lyrik: — Qual é o seu sonho?

Lyrik vacilou. — Quero preparar algo que me torne necessário. Não pode fazer isso aqui.

— Você iria embora?

— Aww, você sentiria minha falta?

Enquanto Nicu lutava para responder - sentiria falta de Lyrik? - o explorador parecia prender a respiração.

Agora, parado nesta avenida com neve, uma pergunta borbulhou na língua de Nicu. — Por que você escolheu o Inverno?

Os lábios de Lyrik se achataram. — Estamos tendo uma conversa?

— Ou podemos ter uma briga. Também já tivemos isso antes.

— Bons tempos —, disse ele secamente. — Você se lembra delas, hein?

— Qual resposta vai me dar uma resposta?

— Nunca um caminho reto, conversando com você.

Nicu se esforçou para identificar o que tornava um caminho reto, na verdade reto. Lyrik esperou, sabendo o que Nicu estava fazendo, mas não o ajudando, deixando a definição inteiramente com ele, acreditando que Nicu iria descobrir.

Nicu sempre gostou disso sobre Lyrik. Atado à zombaria do explorador, Nicu também sentia um traço de carinho. Ele ouvira esse mesmo tom anos atrás, quando confiava nele.

A impaciência puxou os lábios de Nicu como uma rédea. — Minha pergunta foi espinhosa demais para você?

— Você terá que fazer melhor que isso, se quiser me irritar.

— Estou sem prática, mas posso tentar. Como você pode tentar responder.

— Por que eu escolhi o Inverno? Não há um lugar melhor para ser um explorador. É por isso.

Lyrik veio aqui para preparar as coisas, para não deixar as coisas para trás. Isso deveria ter feito Nicu se sentir melhor, e fazia, e não fazia. Então ele perguntou: — E isso faz você feliz, laranja?

— Existe uma razão para isso não me fazer feliz?

— Você queria ser necessário, e agora é.

— Estou chegando lá.

Lyrik se lembrou da conversa deles na colônia da casa na árvore? Teria ficado com ele, como se tivesse ficado com Nicu?

Que lembranças Lyrik guardou em seus cofres e trouxe com ele? Quais ele jogou de lado?

Algo engraçado deve ter surgido no rosto de Nicu, porque Lyrik desviou o olhar. Ele estendeu a mão, pressionando a palma da mão no tronco onde estava apoiado. — A verdade é que estou aqui procurando ingredientes. Eu preciso de uma bebida para o mercado.

— Que tipo de bebida? — Nicu perguntou.

— Ainda não sei. Estou demorando uma eternidade para descobrir uma, mas espero que seja única - algo para todos. Algo prático, mas místico, você poderia dizer. Só para responder sua primeira pergunta, você sabe, sobre o que estou fazendo aqui. Eu não estava te espionando.

Nicu refugiou-se em seu próprio pinheiro e se apoiou nele. — Me diga mais.

— Eu poderia contar muito mais, Nicu. Você não tem ideia.

Ele se sentiu sorrir por fora, sentiu-se inchar por dentro. Ele sentiu as lembranças morder um pouco menos. — Uma poção especial para todos é um sonho digno. O inverno foi uma boa escolha, mais do que o outono.

O explorador desviou os olhos. — Você acha?

Nicu quis assentir como um louco e balançar a cabeça como um louco. Infelizmente, ele não podia fazer as duas coisas. Então ele decidiu: — Isso fará valer a pena a espera.

Lyrik olhou de soslaio para ele. — Vai?

O estômago de Nicu tremeu e seus lábios se aqueceram, e muitas outras coisas. Ele lembrou essas sensações fantasmagóricas do passado, mas ainda não sabia o que fazer com elas.

Mas pelo modo como o rosto de Lyrik escureceu, ele certamente sabia.

O ladino se empurrou da árvore. Enquanto atravessava o fosso, Nicu se endireitou, ciente de que seus olhos estavam arregalados, ciente de que não havia se mexido de outra maneira, não poderia se mover. Enquanto isso, seu coração não ficava parado, pulando por todo o lugar.

Ele também não sabia dizer se o passo de Lyrik significava que ele estava prestes a dar algo ou tirar algo. Ele observou os quadris de Lyrik, como eles se mexiam nas calças, como a adaga no quadril se projetava. Ele ouviu aqueles passos nefastos esmagando a neve, cada som subindo por sua espinha. Ele sentiu um cheiro de couro e veludo, aromas rebeldes e aromas fugitivos.

Parando perto, Lyrik descansou um antebraço contra a árvore e se inclinou, seu olhar baixando para o de Nicu, reencenando a mesma pose em que se encontravam, no dia em que se conheceram.

Não, você não está com medo, Pássaro Canoro?

Nicu não havia demonstrado na época, quão petrificado e entusiasmado esse garoto o fez se sentir, como Lyrik o havia feito tremer e pulsar.

Como então, Nicu pensou em pular da árvore onde Lyrik o encurralava. Ele pensou em fugir, arranhá-lo ou bater nele, porque esse garoto não deveria emaranhar Nicu assim.



Mas fazer um movimento também daria poder a Lyrik. Então Nicu ficou quieto. Ele ficou quieto enquanto uma nevasca uivava em sua barriga, e uma tempestade se acumulava em sua garganta, e uma chuva de pétalas flutuava em sua cabeça.

Cascos de cavalo batiam ao longe, vozes cavalheirescas cantando seu nome, ficando mais alto, o que significava que estavam se aproximando. O disco de inverno chamado *relógio* despertou a hora, soando da torre do castelo - exatamente como no salão de banquetes. A respiração de Nicu ficou presa a cada anel trêmulo, a cada reverberação irritada dos cavaleiros. Os barulhos se chocaram, sinalizando a tarde, o entardecer, o mercado.

A hora de fazer o que ele veio aqui fazer. A hora de cantar.

Mas os sons embaçaram quando algo mais aconteceu: Lyrik o tocou.

O dedo do explorador roçou a orelha de Nicu e deu-lhe um olhar persistente. Os dedos dos pés de Nicu se enroscaram em suas botas, enquanto Lyrik se fixava no buraco perfurado na pele de Nicu, onde um esboço com pontas costumava viver.

O brinco de Lyrik brilhou, uma concha farpada dos mesmos espinhos.

Nicu silenciosamente se recusou a se desculpar por remover previamente o que Lyrik tinha dado de presente, o que causou decepção no rosto do jovem, o que causou um brilho amargo dentro de Nicu.

Uma cortina avançava através das feições de Lyrik. Ele ajustou as fibras de cabelo que deviam ter se desviado da trança de Nicu, colocando-a de volta na trama, como ele já havia feito.

— Lá vamos nós, Pássaro Canoro. — Lyrik murmurou.



CAPÍTULO SETE

PATIFE

— Eu não sou um pássaro canoro. — Protestou Nicu.

Era ruim que eu gostava do som dele protestando? Sim.

Observando-o dar um soco na resposta exausta, minha língua depravada flexionou como se quisesse roubar as palavras, do jeito que meus dedos haviam arrebatado uma mecha de sua trança. O contato ainda continuava na ponta dos meus dedos, mas de alguma forma, eu me afastei de seu cabelo.

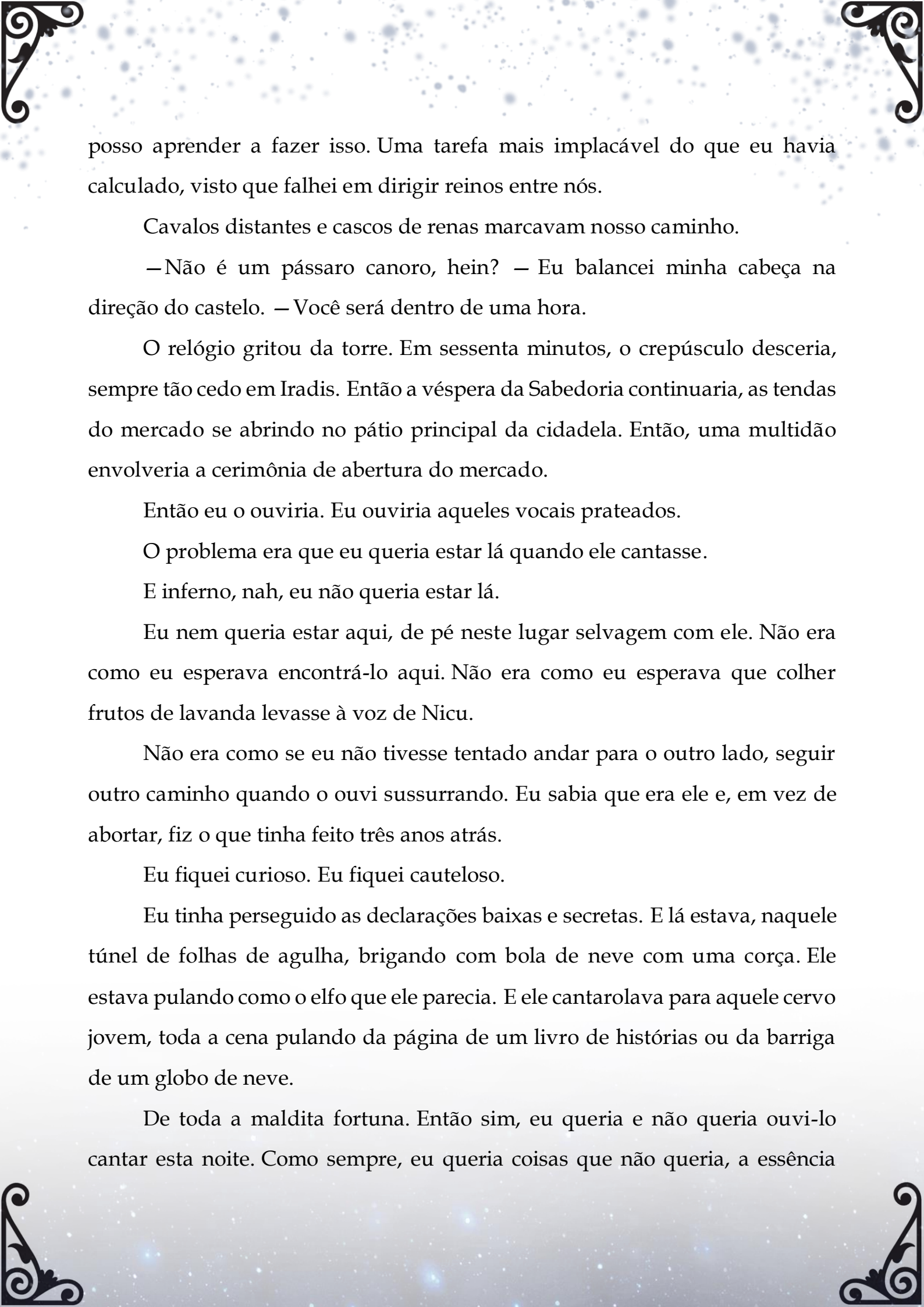
Então me afastei completamente, seguindo para trás.

Em retrospectiva, este membro da realeza sempre emitiu sons que me inspiraram. Minhas reações variavam de formigamento nas costelas a bolhas nos tornozelos. Eu podia roubar todo barulho que ele fazia e ver o que fazia com as entonações, como as mudava e o que mais elas produziam. Eu poderia soldar seu teor com flocos de neve. Eu poderia produzir sua voz e engolir o resultado, descobrir como eram seus argumentos e adorações - uma velha preocupação minha.

Eu poderia alcançar esse ponto de ebulição mais uma vez. Uma leve agitação da superfície para iniciar rapidamente o processo, e eu voltaria a estar lá em pouco tempo.

Ou eu não poderia fazer nada. Eu poderia deixar ir. Deixando sua resposta evaporar.

Algum dia, eu poderia realmente pegar a estrada e me desligar completamente, deixar ele e sua voz sozinhos para sempre. Algum dia, eu



posso aprender a fazer isso. Uma tarefa mais implacável do que eu havia calculado, visto que falhei em dirigir reinos entre nós.

Cavalos distantes e cascos de renas marcavam nosso caminho.

— Não é um pássaro canoro, hein? — Eu balancei minha cabeça na direção do castelo. — Você será dentro de uma hora.

O relógio gritou da torre. Em sessenta minutos, o crepúsculo desceria, sempre tão cedo em Iradis. Então a véspera da Sabedoria continuaria, as tendas do mercado se abrindo no pátio principal da cidadela. Então, uma multidão envolveria a cerimônia de abertura do mercado.

Então eu o ouviria. Eu ouviria aqueles vocais prateados.

O problema era que eu queria estar lá quando ele cantasse.

E inferno, nah, eu não queria estar lá.

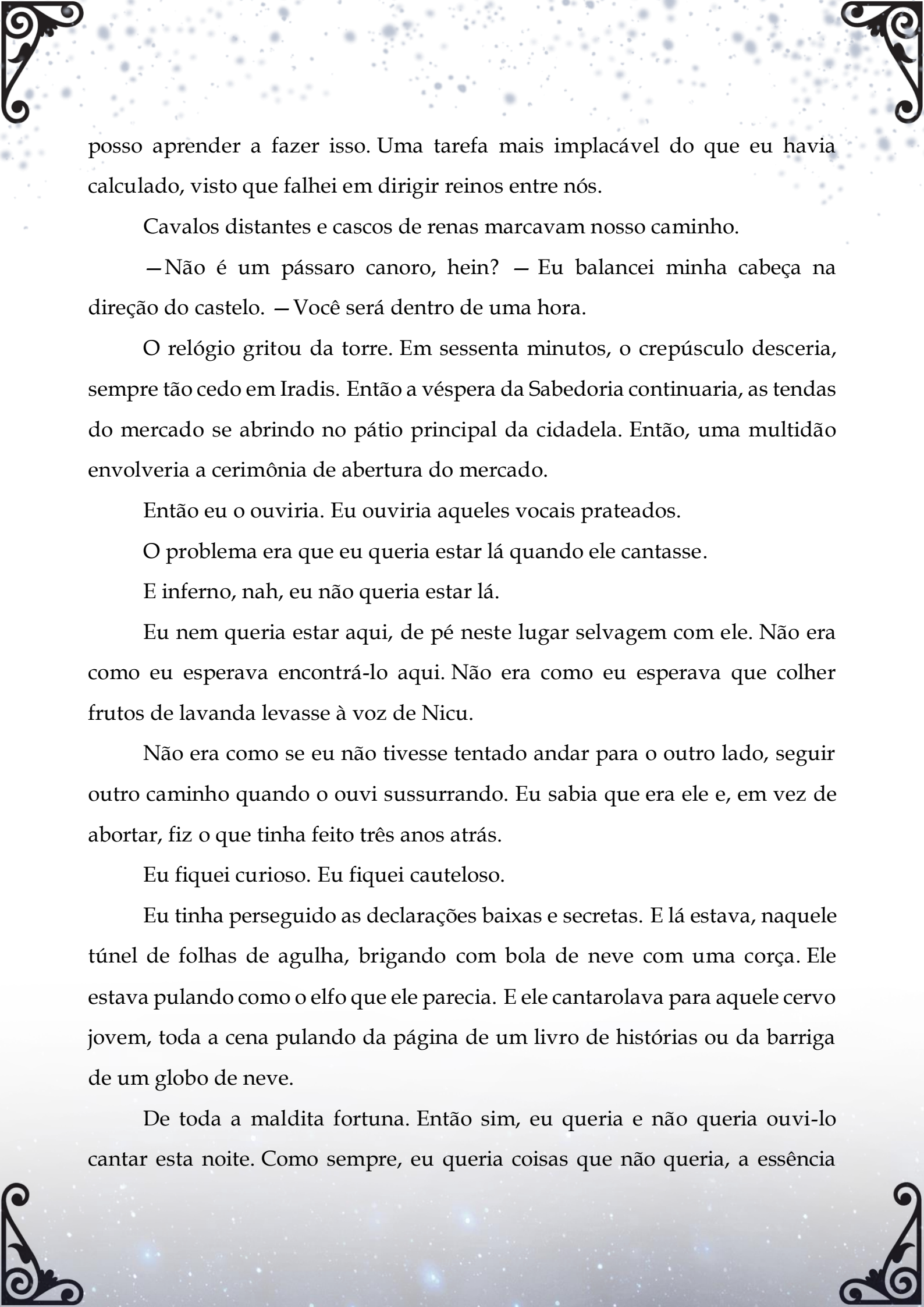
Eu nem queria estar aqui, de pé neste lugar selvagem com ele. Não era como eu esperava encontrá-lo aqui. Não era como eu esperava que colher frutos de lavanda levasse à voz de Nicu.

Não era como se eu não tivesse tentado andar para o outro lado, seguir outro caminho quando o ouvi sussurrando. Eu sabia que era ele e, em vez de abortar, fiz o que tinha feito três anos atrás.

Eu fiquei curioso. Eu fiquei cauteloso.

Eu tinha perseguido as declarações baixas e secretas. E lá estava, naquele túnel de folhas de agulha, brigando com bola de neve com uma corça. Ele estava pulando como o elfo que ele parecia. E ele cantarolava para aquele cervo jovem, toda a cena pulando da página de um livro de histórias ou da barriga de um globo de neve.

De toda a maldita fortuna. Então sim, eu queria e não queria ouvi-lo cantar esta noite. Como sempre, eu queria coisas que não queria, a essência





disso não fazia sentido. Isso, em um reino onde o sentido era sua base, o próprio andaime de sua existência.

Este era um pensamento discutível. Como expositor, eu tinha que estar no mercado. Como cantor, Nicu também.

Sua reação à hora aumentou rapidamente, seus olhos dilatando-se a estrobos de um medo verde. Uma visão significativa, considerando o tamanho original daqueles orbes já inchados.

Havia mais. Sua respiração era superficial, a precipitação saindo em breves rajadas. Não poderia ser a minha proximidade que o assustou, desde que eu recuei uma vez que a abordagem da cavalaria ficou clara.

Nah. Tinha que ser outra coisa.

Eu teria examinado mais de perto se as massas não estivessem indo nessa direção. O batalhão zombaria de mim por pairar perto de um membro da realeza. Nicu pode riaser chamado de simplório, mas também tinha um título. Enquanto eu, o explorador desalinhado, não tinha nenhum, exceto por *patife*.

Os fornecedores de divisões de classe iriam tagarelar. Em geral, eu não me importava com o que um esquadrão de cavaleiros pensava. Mas, novamente, notei o casaco de veludo com capuz de Nicu e minhas roupas pretas sobre pretas. Pensei em sua voz de flauta e no meu vocabulário decadente. Pensei na cicatriz no meu peito e na fita escarlata em torno de seu pulso. Pensei em tudo entalado no meio.

Eu pensei em sua família. Eu tentei pensar na minha.

Pensei na minha orelha ornamentada e na sua nua.

Foi sobre isso que pensei, e foi por isso que dei um passo atrás. Enquanto eu fazia isso, as feições de Nicu mudaram, seus olhos voltando-se para alfinetadas, ressentimento eclipsando o medo.



Poderia ser, ele estava impaciente com o mercado. E agora eu também o irritei, por não me desculpar pelo carinho do pássaro canoro.

O que eu poderia dizer? Quanto mais o incomodava, mais me incomodava. Quanto mais me incomodava, mais eu continuava. Quanto mais eu continuava, mais idiota eu me tornava. Quanto mais idiota eu me tornava, mais ele se ressentia.

Melhor ele estaria. Ou algo assim.

Meia dúzia de montarias apareceu. Exalações ecoavam de seus focinhos, uma mistura de alívio e aborrecimento distorcendo os traços de seus cavaleiros.

— Desculpe, duas vezes. — Disse Nicu aos cavaleiros.

— Duas vezes? — Eu levantei uma sobrancelha. — Está ocupado se rebelando sem mim? Não é justo.

— Meu senhor —, advertiu seu guarda-costas, — você não deve se vagabundear sem o devido consentimento ou um comboio.

— Vagabundear? — Eu perguntei. — Consentimento? O que ele é, um garoto?

Nicu me lançou um olhar. — Eu posso fa-

— Sim. Sim. — Bati minha cabeça em direção ao grupo. — Continue.

Ele bufou, depois falou. — A donzela dos cervos precisava de um aliado.

Os homens e mulheres se entreolharam. Impedi-me de esclarecer: Nicu quis dizer que o cervo precisava de um amigo.

— Temos ordens —, disse um soldado. — Você é um...

Não diga isso, pensei.

Na expressão lívida de Nicu, o homem mudou de tática. — Você é da realeza que estive em uma temporada estrangeira, e aqueles de nível superior exigem escolta.



Eita. Ele quase estragou tudo.

Nicu torceu o nariz, não me poupando outro olhar, e pulou em direção ao trenó. — Tchau, explorador.

Eu quase respondi em espécie, quase o chamei de você sabe que tipo de pássaro. Mas quanto a provocá-lo, eu cumpri minha cota do dia, visto que me tornei invisível. A indiferença reacendeu.

Bom para ele. Ótimo para mim.

Os cavaleiros severos olharam para mim como se eu tivesse causado isso, como se eu os tivesse incomodado. Eu sorri e estendi meu dedo do meio, girando o dedo na posição vertical como uma lâmina de faca de bolso.

Suas montarias emolduravam o trenó de Nicu, as arandelas fundidas cheias de chamas duradouras, fabricadas como cortesia de Yours Truly. Eu o observei pular no trenó, prestes a escapar de mim, já que nossos caminhos se cruzaram sem que nós dois quiséssemos. Nós terminamos agora.

Pelo bem da classe. Pelo bem da memória.

Pelo nosso próprio bem.

Minhas pernas se moveram antes que eu percebesse. A visão da pequena orelha de Nicu cutucando seus cabelos acelerou minha aproximação, e quando o trenó começou a se barbear na neve, pulei na borda e caí nas almofadas à sua frente.

— Este lugar está ocupado? — Eu perguntei, minha voz neutra, porque eu poderia sair se ele quisesse, não era grande coisa. Não se preocupe. Não era nada.

Nicu piscou. — Sim. Por você.

Isso teria sido um flerte, se não tivesse vindo dele. Ele foi sincero, como se eu o estivesse interrogando.





Eu balancei minha cabeça em direção à delegação. — Se importa de um caroneiro? — Eu abro minhas abas do casaco, expondo as poções amarradas nos meus bolsos. — Esses frascos são pesados.

— Esta é uma caravana de elite —, declarou uma mulher soldado com pele de mogno. — Somente o filho real do outono e os cavaleiros designados devem viajar juntos.

— Então me dê seu escudo, e eu serei um cavaleiro por hoje.

Vocês nobres assassinos.

Os olhos deles se estreitaram, reduzidos a cortes nos rostos.

— Sou participante do mercado —, afirmei. — Não gostaria de chegar atrasado à cerimônia de abertura. Isso deixaria o rei mal-humorado.

— Está tudo bem —, Nicu disse a eles. — A neve e o céu estão calmos.

Eu apontei meu dedo indicador na direção deles. — Você ouviu isso?

Eles não ouviram isso. Eles mal conseguiam entender.

Um monte de sacudir e coçar a cabeça depois, e a embarcação se arrastou pela neve, enquanto os cavalos e as renas trotavam ao nosso lado.

Nicu inclinou a cabeça todo o caminho de volta, olhando para as sempre-vivas. Caramba, o que eu não daria para percorrer o ouropel em seu cérebro. Deve ser um lugar brilhante para se viver. Mais brilhante que as catacumbas da minha mente.

Mas Nicu havia mudado, eu me lembrei. Seus pensamentos poderiam não ser tão solares quanto eu supus. Não mais.

Muitas coisas poderiam ter acontecido em três anos, e eu sabia muito bem o que contribuía para sua vida. Pelo que sabia, eu tinha desempenhado um papel minúsculo. Nós não nos conhecíamos há muito tempo, e apesar de sua aflição, ele sempre esteve fora do meu alcance. Inferno, muitas outras coisas poderiam ter deixado sua marca.





Apenas seu guarda e a mulher com carne de mogno agiam genuinamente em direção a Nicu. O resto desses cavaleiros o trataram cordialmente.

Ele não foi o único que gerou essa reação dos cidadãos de Inverno. Pessoas de variadas capacidades mentais vagavam livremente pelo reino, algumas com guias ou companheiros, outras independentemente disso. Vários avanços médicos e condicionamentos comportamentais permitiram que os tolos nascidos funcionassem por conta própria. De qualquer forma, se alguém pensasse que a integração ensinaria a todas as pessoas como interagir, elas seriam ingênuas.

A integração levou à segregação. Alguns foram mais lentos em aceitar o novo modo de coisas, a nova mentalidade de igualdade. Para um povo instruído, uma porcentagem dos habitantes de Iradis poderia ser um idiota real.

Nicu agia como se eu não estivesse lá. Nós já jogamos esse jogo antes.

Ou talvez ele não estivesse agindo.

Eu me mexi, levantando sobre o encosto do banco. Pousei com um baque que não conseguiu puxar seu rosto de volta para mim, minhas solas lamacentas plantando nas almofadas azuis, manchando-as com certeza.

Nicu juntou as mãos enluvadas e respirou no bolso das mãos. Minhas juntas doíam. Senti um desejo violento de cobrir essas mãos com as minhas até que nossa circulação se fundisse, até que seus dedos parassem de tremer.

Eu tive uma visão de nós em um trenó fechado, em vez de aberto, com condensação escorrendo pela janela, obscurecendo-nos do mundo. Eu o imaginei apenas olhando para mim uma vez, apenas uma vez do outro lado do trenó, o vento entrando e empurrando suas mechas ao redor de sua cabeça. Imaginei-me agarrando sua cintura e puxando-o para frente.





O trenó assobiava pelo chão. As armas dos cavaleiros batiam. Cobertores e tijolos quentes - agora frios - cobriam o chão do veículo.

Quanto mais eu observava as mãos de Nicu, mais ferozmente ele esfregava. No colarinho, ele usava um broche em forma de ramo de folhas de bordo, que balançava quando uma inflexão ansiosa se elevava de seus lábios. Ele começou a cantarolar para as árvores, tão baixo que ninguém deveria poder ouvi-lo.

Nós não falamos a viagem inteira de volta.

O sol afundou. O reino ganhou vida.

Meus ombros perderam o desleixo. Me segurei quando chegamos à cidadela, com o pano de fundo do castelo e seus Alpes de cristal. Do pátio central, o mercado da Véspera da Sabedoria brilhava à luz de velas e à luz do fogo, uma sempre-viva alta erguida no centro, pingando gemas sob o céu noturno.

Durante os primeiros dez dias, o mercado elogiava a cura. Depois disso, os próximos dez dias celebrariam a bolsa de estudos. E os dez dias finais seriam a minha vez, o campo das invenções. O que significava que eu tinha vinte dias para pensar em algo.

O mercado havia sido disposto em uma grade. As bancas de exposição construídas com troncos abriam entradas que acolhiam os visitantes para entrar e explorar as exposições. Guirlandas de pinheiros brotavam nos telhados inclinados, mudas de abetos plantadas em barris pontilhavam a área, e uma aurora de luminárias marcava as ruas.

Nossa procissão desacelerou pelas passarelas, os paralelepípedos salgados para impedir o acúmulo de gelo de qualquer neve derretida. Hoje à noite, curativos e elixires reinavam. Uma mania de inovações e descobertas alinhava-se nas prateleiras e bancadas, algumas apenas para visualização,





outras para amostragem, algumas demonstradas por seus criadores. Médicos, farmacêuticos e médicos homeopatas vendiam remédios, remédios para dormir, bálsamos calmantes e sais de banho.

Uma mulher com espuma de arminho ao redor dos ombros apresentou um diagrama, áreas corporais onde uma carícia dos dedos poderia aliviar a tensão e estimular a circulação. Um guru com um longo nariz vendia ervas para bem-estar e chá que mudavam de cor com base no humor ou na constituição do bebedor.

As duplas cantantes passeavam pelo mercado, cantando letras antigas sobre conhecimento e aprendizado. Embora eu nunca tivesse ido a Primavera, aposto que eles não tinham nada como um artista de Whimtany. Com certeza, eles não tinham nada como Nicu.

Ainda assim, eles carregavam suas músicas o suficiente para chamar a atenção. Particularmente à minha direita.

Nicu parou de cantarolar. Ele desocupou o assento e apertou a borda do trenó ao lado dos meus joelhos.

Equilibrando de lado, tive uma visão íntima e pessoal de sua reação à cena, sua boca larga se abrindo em um sorriso. As chamas manchavam seu rosto. Eu nunca tinha visto alguém tão imerso no momento, despreocupado com o passado ou o futuro, apenas o aqui e agora.

Enquanto sua cabeça batia de um lado para o outro, eu me considerava fortuito. Esta era a primeira vez para ele, e eu consegui testemunhar. Como seria estar lá por todas as suas primeiras vezes? Como seria a razão para elas?

Ou pelo menos uma delas. Uma primeira.

Mais do que tudo aqui, seu perfil se tornou a melhor exibição. Eu podia observá-lo por horas e ainda não sabia todas as respostas, ou até mesmo precisava delas.



Como esse mercado parecia para ele? Como ele descreveria isso?

—O que você vê? — Eu perguntei sem querer.

—Tudo. — Disse ele.

Sim. Isso.

As cabines de tarifa encharcavam o ar com aromas. Salsichas, laranjas cristalizadas e vinho quente. As narinas de Nicu ficaram loucas, seu estômago inflando e esvaziando.

Minha boca se contorceu, à beira de rir, mas ele a estragou quando estacionamos na imensa sempre-viva. Ele esticou a cabeça, registrando o tamanho da árvore. —Oh. — Disse ele, o som fluindo direto no meu intestino, vibrando por todo o lugar, entre os quais uma região abaixo da minha cintura.

Eu saí da porra do trenó. Pulando por cima da porta, joguei algumas palavras por cima do ombro. — Boa sorte, Pássaro Canoro.

Uma mão agarrou meu casaco e me puxou de volta. Muito perplexo para reagir, eu o deixei me torcer e entrar na minha cara, o rancor substituindo sua paz.

Seu olhar contundente tinha tudo a ver comigo. Sua respiração gelada atingiu meu lóbulo da orelha.

Inclinando-se para fora do transporte, Nicu farto fervilhava: —Não me ofereça trevos. Não seja meu aliado. E *não* me chame assim. — Ele apertou meu colarinho. — Você entendeu?

—Para alguém do seu tamanho, você tem um controle infernal. — Elogiei, minha voz saindo como um rosnado - rouco.

Suas bochechas se encheram de um tom fantástico de timidez. Levou uma quantidade enorme de força de vontade para não arrastar meu mindinho pela cor.

Ainda assim, meus lábios se separaram do veneno em seu tom. Seus olhos se voltaram para eles, depois viajaram de volta e me prenderam, tirando o sarcasmo da minha boca.

— Eu entendo você, Nicu. — Eu disse.

— Eu gostaria que você não entendesse. — Disse ele.

Isso era, nós dois.

Ele soltou meu colarinho. Abrindo a porta do trenó, ele passou por mim, seu guarda-costas levando-o para a sempre-verde.

Eu pisquei para o espaço vazio onde Nicu estava parado. Não o ouvi nem na primeira nem na segunda nem na terceira vez em que ele me pediu para não usar esse apelido. Eu o empurrei longe demais.

A voz de barítono de Jeryn reinou na multidão, empurrando meu arrependimento para o lado. Eu segui a visão de seus cabelos azuis enquanto ele presidia nobres, cortesãos, cientistas, estudantes e caçadores. Na verdade, eu poderia ter expulsado as pessoas do caminho para poder chegar à frente, me posicionando com os outros expositores.

O rei estava em um estrado sob a sempre-viva, sua capa de pele acariciando seu queixo enquanto falava. Em seu livro, ele usava o mínimo de palavras possível para expressar o máximo possível.

Alguns dias atrás, quando os trabalhadores estavam montando o mercado, encontrei o rei em pé no convés do castelo com vista para o local. Só o visual dele me levou a me aproximar.

— Ela adoraria isso. — Dissera Jeryn.

A esposa dele. Flare.

Antes de seus súditos agora, essa melancolia não havia deixado Jeryn. Eu testemunhei o suficiente em privado para reconhecê-lo. Mas para qualquer outra pessoa, ele escondia o desejo como um especialista. Como um rei.

—Este mês honra a véspera da sabedoria. Hoje à noite, prestamos homenagem — ele anunciou. —Que você aprenda e viva.

Na plataforma, Nicu embaralhou. Quando Jeryn murmurou alguma coisa, ele assentiu rapidamente - rápido demais, incitando algumas gargalhadas na plateia, e não do tipo generoso. O barulho produziu uma fervura repentina em meus punhos, mas os espectadores reprimiram aquele som tóxico enquanto os olhos negros do rei dilaceravam a multidão, procurando e encontrando a fonte. Ele olhou, e olhou, e olhou.

Silêncio.

Satisfeito, ele continuou. —Para abrir nosso mercado, damos as boas-vindas a um convidado estimado e a um cantor e poeta em destaque. Eu lhes apresento Nicu, o filho real do outono.

Nicu tentou navegar entre os conselheiros e os membros do tribunal, confusão surgindo em suas sobrancelhas. Eu assisti, furioso, enquanto ele lutava com a rota correta para alcançar o rei. Aproximar-se do centro do estrado deveria ter sido uma tarefa simples, uma tarefa básica até para ele.

Eu teria pensado assim. Jeryn teria esperado isso.

Mas reconheci o caos no rosto de Nicu. Algo estava errado.

Eu devo ter parecido feroz, porque os atendentes se afastaram de mim.

Tanto faz. Olhei para Nicu, lendo sua linguagem corporal e passo tropeçando. Ele não era do tipo tímido, não era um garoto propenso a se assustar. Esse não era o problema.

Merda. Algo mais o aterrorizava.

E quando ele abriu a boca trêmula para cantar, eu sabia o quê.

CAPÍTULO OITO

PASSARO CANORO

Nada saia.

Nada saia, nem derramava, nem tocava.

Nem uma palavra, nem um som. Sua boca se abriu e ficou aberta, perdendo o apito e a flauta. Sua voz parou de funcionar e desapareceu.

A culpa apertou seu pescoço. Ele deveria ter dito a Jeryn que ele não poderia fazer isso. Que desapareceu há muito tempo, a música escorregando de seus lábios, as músicas e melodias secaram e foram varridas como folhagem.

Ele não deveria ter tentado cantar de novo. Ele não deveria ter tentado.

Um cobertor engomado de silêncio cobria o mercado. Uma assembleia de pessoas o encarava com seus olhos científicos e acadêmicos - olhos atentos refletindo sua forma simplória.

Quando Nicu tinha quatro anos, um tolo da Primavera, ele foi levado de seu pai. Um guarda de masmorra havia trancado Nicu e o chamava de nomes, o chamava de tolo.

Então, seus pais o resgataram.

Quando Nicu tinha dezessete anos, um jovem do outono, ele fugiu de sua casa no castelo. Ele queria cair na alegria, vagar por seu reino sem fitas de orientação, mas ele não tinha ido longe.

Então, seus amigos o ajudaram.

Ele ainda precisava de resgate? Ele ainda precisava de ajuda?

Por quê? Por que isso nunca acabava?

Por que ele não podia cantar?

Os espectadores começaram a franzir o cenho e estudá-lo como um número, uma alavanca, uma parte do corpo ou uma página. Eles olharam como se ele estivesse em uma caixa de vidro - um tolo, um enigma para resolver.

Jeryn murmurou algo, algo embaçado. A sempre-viva pairava sobre eles, seus galhos caídos, as agulhas caídas.

O que papai e mamãe de Nicu sempre diziam? *Nunca desista, e nunca pense que ser diferente era ruim, e nunca pare de tentar cantar.*

Ele ergueu o queixo como mamãe e juntou a língua como papai - e um som fraco e enferrujado ecoou, tropeçando pelo mercado.

Alguém zombou, outro fungou. E além do borrão, além das orelhas entupidas de Nicu, ele ouviu alguém rir. E ele ouviu alguém comentar. E ele ouviu alguém rir novamente, um som altivo feito de aço.

Zombaria do inverno.

Nicu tentou rastrear os ruídos, seguiu-os como fitas, mas continuou escorregando. Seu olhar vagou sobre a assembleia, sobre as cabeças polvilhadas pela luz das estrelas. O mercado encolheu e girou.

Seus olhos colidiram com um par do patife. Ele viu uma boca fechada, um olhar masculino bagunçado que o pegou e o segurou. E então o empurrou de volta, insistindo e pedindo, dizendo que ele poderia fazer isso.

Foi o aceno de encorajamento de Lyrik que irritou Nicu, que o fez brilhar. Ele não gostava de ser salvo novamente, nem ajudado novamente. Pior, não pelo garoto de poções, que não havia feito nada além de roubar os sentimentos de Nicu.

Ele não precisava daquele garoto, daquele jovem, daquele explorador. Então Nicu abriu a boca e, quando a canção ainda falhou, ele



cantarolou. Assim como ele havia feito com sua companheira cervo, ele cantarolava.

Não era uma música, nem uma canção, mas uma canção de ninar. O som oscilou em membros instáveis, forçando-o a arrastar as notas certas. E quando ele tropeçou até o fim, aterrissando com uma queda sem graça, uma gargalhada média levantou da multidão. Veio de um homem que usava cota de malha e uma capa nobre.

Veio de um cavaleiro.

Um cavaleiro de nariz adunco.

Ele olhou como se Nicu não pertencesse, como se Nicu tivesse acabado de voltar para casa. O riso do homem fez uma algazarra azeda no silêncio, reunindo os outros para podar os lábios ou zombar das mãos, o barulho subindo pela nuca de Nicu.

Mas morreu no instante em que Jeryn se virou para o soldado.

O rei se aproximou de Nicu e colocou a mão em seu ombro, mas Nicu descartou o gesto, descartou os rostos maus e dispensou o cavaleiro. Nicu queria bater em algo, e ele queria lamentar, e ele queria gritar. E ele queria cantar, realmente cantar.

Em vez disso, ele escapuliu do estrado quando o rei disse algo à multidão, depois tentou dizer algo gentilmente a Nicu, algo para impedi-lo de sair.

Abandonando a plataforma, Nicu atravessou uma parede de ombros e braços, afastando-os do caminho. O mercado explodiu e ele não tinha fitas para seguir, mas não se importou. Ele encontrou uma porta, qualquer porta, e se atirou através dela.

Aqui, um corredor. Lá, um corredor.

Aqui, passagem. Lá, uma escada.





Ele não olhou ou ouviu, não demorou ou demorou. Em uma alcova sombria, ele afundou em um banco e curvou-se, franzindo o cenho para as botas rasgadas. Em sua cabeça, ele cantarolou outra canção de ninar.

Quando terminou, passos se aproximaram.

Nicu se afastou do cheiro de couro e poções. — Você me encontrou.

— As pegadas das botas molhadas ajudaram. — disse Lyrik, com a voz solene, sentindo falta do sotaque.

Seria bom, muito bom gritar com Lyrik, fechar as cortinas da alcova na cara dele, calá-lo. Era o que Nicu planejava fazer no inverno, calar Lyrik para sempre.

Mas Nicu estava cansado, muito cansado. Talvez amanhã, não hoje à noite.

Ainda assim, ele não olhava para o patife, com seu rosto esperto e teimoso. Porque se Nicu ousasse, ele sentiria apenas algo sem esperança, algo tolo.

Os corredores do castelo ecoavam com vozes, da mesma forma que todos os corredores do castelo ecoavam com vozes. Mas o ritmo e os tons eram diferentes do outono. De volta para casa, essas vozes flutuavam e acariciavam o ar, cheio de simpatia. No inverno, palavras cortadas como tesouras, ou inclinadas com perguntas, ou desbotadas em especulações.

O timbre de Lyrik não fez nada disso. Tinha um encolher de ombros, suas maldições e piadas tão indisciplinadas quanto o lenço em volta do pescoço. Dessa forma, ele não era como eles.

No entanto, ele morava aqui, entre eles.

No entanto, ele estava aqui, com Nicu.

— Você está ocupado? — Lyrik perguntou.

Nicu se protegeu. — Por quê?





– Você vem comigo? Você vai gostar disso.



Nicu não queria ir a lugar nenhum com ele.

Mas Nicu queria ir a qualquer lugar com ele.

Ele não queria seguir Lyrik, como costumava seguir Lyrik.

Ele não queria conversar com Lyrik, como costumava conversar com Lyrik.

Ele nunca mais queria ver Lyrik. Mas ele veio Inverno, para ver Lyrik novamente - para ver um pouco dele, só um pouco.

Ele não queria nada de Lyrik, mas queria algo dele. Algo misterioso que fez Nicu se levantar e andar ao lado do garoto de poções.

Lyrik manteve a cara séria, sem comentários casuais ou provocações maliciosas. Ele apenas caminhou ao lado de Nicu, e Nicu teve o cuidado de permanecer ao seu lado, não ficando para trás, nem passando por ele.

Nicu olhou à frente, às vezes olhando para cima e lembrando que as vigas não ostentavam fitas para guiá-lo. Ele precisava das instalações menos do que costumava, mas a necessidade não desapareceu completamente.

Talvez nunca fosse. Talvez ele sempre confiasse em alguns.

O pensamento o entristeceu, o deixou irritado.

O rei Jeryn insistiu em algumas fitas nas proximidades do quarto de Nicu, mesmo que ele não tivesse encomendado as fitas por todo o castelo. Ele permitiu que Nicu se testasse, porque Jeryn era a favor de testar as coisas.





Nicu se testava agora, como se tivesse testado ontem à noite no jardim de gelo, como se já tivesse se testado na colônia da casa na árvore - e com o mesmo companheiro, o mesmo garoto ali para ver isso acontecer.

Tocando sua pulseira escarlate, ele se abriu para a misericórdia do corredor. Ele acompanhou o garoto de poções, ciente de que Lyrik não o havia verificado nenhuma vez, não tinha verificado como Nicu se saía.

Nicu ouviu as roupas de Lyrik esfregarem-se e se inclinou para mais perto do barulho. Nicu chegou muito perto. Seus braços roçaram, as pontas dos dedos roçando, causando raios cortando seus dedos.

Sua tristeza diminuiu. Sua irritabilidade diminuiu também.

E algo mais tomou o seu lugar, algo rápido e atrevido.

O comportamento de Lyrik não mudou. Mas ele deu um passo para o lado, pegando sua própria mão, enfiando-a no bolso.

Então Nicu deve ter imaginado o sentimento dentro de si, porque era isso que ele costumava fazer. Ele imaginava coisas, sonhava coisas que não eram reais.

Tapeçarias com fios de joias se tornaram paredes pintadas com estrelas. Hipnotizado, Nicu estendeu a mão e tocou as estrelas, arrastando os dedos de uma para a outra, tentando arrancar os iridescentes de seus pontos. Ele e Lyrik haviam caído em uma nova área, um lugar de céu noturno, de azuis e dourados, de cilindros apoiados em pernas de metal e apontando em direção às janelas, em direção às estrelas.

Talvez eles tenham apontado para a estrela que concede desejos.

Lyrik chamou esta parte do castelo de ala de astronomia. Ele bateu a cabeça em direção a uma escada. — Mas fica melhor.

Depois de subirem, as paredes das estrelas se tornaram quadrados de couro, onde anéis de ferro pendiam do teto, com velas flamejantes de suas





mechas. Mesas e cavaletes enchiam os aposentos, penas e tinteiros, livros, livros, livros. E alguns dos manuscritos brilhavam com cores, e os escribas sentavam-se em cavaletes, dando mais matizes aos pergaminhos, a construção lembrando Nicu de sua mãe, que adorava encomendar e coletar tomos dourados.

E cadeiras afundadas entulhavam salas afundadas, onde as pessoas se aconchegavam com o nariz enterrado em páginas. Lyrik chamou de ala estudiosa.

Em uma galeria, um mapa do mundo ilustrava o círculo de quatro reinos, de uma terra rosa e verde de flores, uma terra amarela e laranja de ilhas, uma terra marrom e vermelha de folhas, uma terra azul e roxa dos Alpes. A água corria no coração, com oceanos, córregos e rios.

Um anel de primavera, verão, outono e inverno.

— Os reinos estão de mãos dadas. — Disse Nicu.

— Sim —, concedeu Lyrik. — Mas como eu disse, fica melhor.

Ele levou Nicu para um lugar onde damas azuis e pretas cobriam o chão, onde duas fileiras de figuras esculpidas estavam em pedestais. De uma ponta à outra da galeria, os exemplares se enfrentavam, deixando uma passagem no meio.

Nicu ofegou. — Eles são modelos de marfim.

Estátuas concordou Lyrik. — Este é o Salão dos Filósofos.

Os rostos reais olhavam para baixo, os corpos esculpidos usando túnicas ou vestidos. Uma tiara de chifres estava no topo da cabeça de uma mulher. Um homem segurava uma pinha em uma palma e um livro na outra. Um ancião coçava a têmpora em pensamento, entretendo Nicu.



Ele girou no momento em que Lyrik limpou um sorriso do rosto. O explorador estava gostando da reação de Nicu? Mas por que ele pararia de sorrir? Por que ele esconderia isso?

Luminárias pendentes emitiam luz mágica azul sobre a cabeça de cada figura.

— Das suas poções? — Nicu perguntou.

— Você pode dizer isso. — Respondeu Lyrik.

— Então você está desfilando.

— Sua pequena praga. Não, não estou me exibindo.

O explorador listou cada filósofo, líderes proeminentes da história de Iradis. Contou histórias a Nicu, como quem havia ponderado a razão da existência da geada e quem havia contribuído com uma tese sobre beleza versus inteligência, e quem procurava a interseção entre arte, natureza e ciência.

— Essa mulher aqui? Ela foi a primeira a perguntar: 'O que é sabedoria?'

— Este homem teorizou o que significava curar conscientemente em vez de fisicamente.

— E esta... — Lyrik escalou o pedestal e bateu na cabeça da dama. — Ela cunhou a frase: 'Então começa, então dura.' O voto final no inverno.

— Esses antigos encontraram valor na pergunta, não apenas na resposta. Eles preferiam a busca mais do que o destino. Eles acolheram ideias, não meramente absolvição. Eles nem sempre sabiam o caminho, se perdiam, mas descobriam a possibilidade.

Nicu subiu para a estátua oposta. — É um salão de sonhadores.

— Sonhadores lendários. — Lyrik levantou o ombro. — Pensei que você gostaria aqui.

Ele fez muito. — Perdi minha voz.

— Isso está certo? O que te faz pensar isso?

— Tem sido assim por um tempo. Muitos sóis e luas atrás.

— Você não me disse isso. Acho que também não perguntei. Poderia ter perguntado muito mais coisas.

— Pergunte a eles agora.

— Você vai me dar respostas?

— Não, mas você conseguirá manter suas perguntas. Isso não é legal?

Lyrik latiu com uma gargalhada estridente, o som avançando pela galeria, enfiando-se no peito de Nicu. Sério, Lyrik caiu do pedestal e Nicu saltou do dele. O silêncio ficou tão alto, a quietude tão vertiginosa.

As mãos de Lyrik mergulharam nos bolsos. — O que aconteceu lá fora, Nicu?

— Não é da sua conta.

— Você está certo. Não é da minha conta. Então o que aconteceu?

— Acabei de lhe dizer: não posso mais cantar. Minhas músicas desapareceram e eu não sei como recuperá-las.

— Se você esqueceu as palavras das suas músicas, cante outra coisa. Cante uma canção de inverno; há muitas músicas da véspera da sabedoria para agradar às massas.

— Eu também não sei cantar. Eu não sei cantar nada. Minha voz não me deixa, porque as palavras e a música se foram.

— Perdeu a habilidade? Em seguida, tente procurá-la, encontre uma maneira de recuperá-la. É tudo sobre vaguear e imaginar o que é possível, certo? — Ele indicou as estátuas. — É o que esses filósofos fizeram.

— Eu não sou eles. Eu sou Nicu.

— Isso também é poderoso.

Nicu pensou sobre isso. — Talvez eu seja um caçador de desejos. Vou caçar no inverno a estrela lendária e, quando a encontrar, desejarei minha voz de volta, minhas músicas de volta.

— Você parece bem quando está animado.

— Você não vai dizer que eu vou me perder?

— Eu não sou esse cara, Nicu. Na verdade, você não precisa de um desejo de fazer as coisas acontecerem. Você pode fazer muito mais do que os outros pensam, tudo por sua conta.

— Isso não significa que não posso tentar ou ter um pouquinho de ajuda de um desejo. E seria divertido.

Lyrik hesitou. — Bem, se houver algum candidato equipado para encontrar uma estrela de desejos, é um sonhador como você. Mas se você precisar de um parceiro, eu estou por perto. Eu tenho minhas próprias coisas para procurar neste reino, a saber, uma poção ilusória que meu cérebro não consegue descobrir. Você precisa da sua voz de volta, e um desejo pode lhe dar. Preciso de discernimento para uma bebida, e o conhecimento pode me dar. Você caçará uma estrela, eu caçarei um ingrediente. Você será um caçador de desejos, eu serei um caçador de sabedoria.

Lyrik acreditou nele, e o explorador conhecia o Inverno. Nicu não.

Mas essa oferta significaria brincar com a única pessoa que cortou seu coração. Se ele quisesse encontrar suas canções, talvez precisasse arriscar isso novamente.

— Talvez. — Disse Nicu.

— Talvez seja. — Concordou Lyrik.

— Obrigado pelo Salão dos Sonhadores.

O rosto de Lyrik diminuiu. — Não mencione isso. É apenas uma galeria.



Um momento atrás, não era apenas uma galeria. Era um lugar especial. Mas agora Lyrik foi em direção à escada, andando como se não importasse.

Nicu observou as costas de Lyrik, lembrando que ele detestava vigiar as costas do garoto, que odiava o garoto. E ele se lembrou de não seguir atrás de Lyrik, então o alcançou, preso ao seu lado.

O guarda-costas de Nicu os encontrou, dizendo algo sobre o rei procurando por Nicu, o que só o irritou mais, porque ele não queria ser procurado.

— Ele é todo seu. — Disse Lyrik.

Nicu fixou o olhar nele. — Eu não sou de ninguém.

— De nada, a propósito.

— Eu já disse, obrigado!

O guarda-costas pigarreou, interrompendo a disputa. Quando terminou de dar ordens para escoltar Nicu, Lyrik já havia saído e se juntado a um grupo de homens voltando ao mercado.

Nicu imaginou-o percorrendo o pátio com garotos que não precisavam de resgate, nem fitas, nem se animar. Meninos que não precisavam de pena. Meninos capazes de ir embora por conta própria.

Nicu passou pelo guarda, forçando o homem armado a bater atrás dele.

Na manhã seguinte, o cansaço de ontem ainda se apegaria a ele. Mas então sua energia aumentou quando viu um rosto familiar no corredor, a caminho do salão de banquetes para o café da manhã. O homem de armadura que atirou Nicu da multidão.

O cavaleiro com o nariz adunco - que não era mais adunco. Ficara gordo sob um curativo manchado, a capa coberta de manchas vermelhas de raiva.

Estava quebrado.



CAPÍTULO NOVE

PATIFE

Deitei-me no banco e apoiei a nuca contra a parede, ansioso por uma viagem ao delírio abençoado. Fechando os olhos, afundei na Terra de Ninguém, enquanto gotas de umidade deslizavam pela minha carne. Finalmente um pouco de paz.

A porta da sauna se abriu.

Ouvi a partição bater na parede oposta, o impacto explodindo mais calor no meu rosto. Eu abri um único olho. — Ei, que diabos...

— Você!

A outra abertura se abriu. De pé no meio da sala de tábuas de madeira, o pássaro cantou, seus olhos inchados.

Agora eu poderia lidar com a raiva dele.

Mas eu não aguentaria o roupão dele.

O material frágil estava ficando encharcado, a túnica se abriu e revelou o corpo de Nicu quase até os quadris. O Real mal tinha músculos de sobra, mas, independentemente de sua baixa estatura e corpo esbelto, ele não era um trilha. Ele era bem alimentado, bem conservado e bem definido. E sem pelos, exceto pela luz aparada abaixo do umbigo.

Um corte daquela pele clara começou a brilhar. Um mamilo apertado e rosado apareceu na lapela do roupão. E o ar encharcado escureceu as pontas dos cabelos.

Porra. Assim. É. Difícil.

Minha língua se apegou ao céu da minha boca. Meu pau serviu como outro dilema completamente, reagindo verticalmente sob o pano enrolado em volta dos meus quadris.

Eu me mexi, o movimento causando alguns eventos subsequentes. Para começar, os movimentos chamaram a atenção de Nicu, seus olhos fixos no meu torso nu, como se ele tivesse acabado de perceber. Eu tinha tão pouco pelo quanto ele, limitado à trilha negra no meu abdômen.

De lá, suas pálpebras afundaram na única amostra que eu usava, úmida e agarrada às minhas coxas. Sua garganta balançou, a visão causando um alvoroço na minha pélvis.

Alastrando-se ainda mais no banco, avaliei-o com um olhar insolente. — Noite, Pássaro Canoro.

Os olhos verdes de Nicu voltaram para os meus. — A noite rosna.

— Hã. Tenho a sensação de ter insultado você.

— Há mais a dizer! Deixe-me ouvir!

O que eu tinha a perder? — Largue o roupão.

Não é o que ele esperava. Os lábios de Nicu se separaram, um doce choque afrouxando seu rosto.

Meu olhar mergulhou na faixa do roupão. Seu nó torcido testemunhou que ele se atrapalhou com isso, já que os guardas provavelmente não o deixaram entrar no sanatório sem se despir primeiro. Eu o imaginei fazendo isso às pressas, usando movimentos curtos e delicados, seus dedos puxando os laços.

Quando ele não respondeu, expliquei: — São essas as regras. Você terá insolação.

Tive a sensação de que ambos precisávamos nos recompor, mas ele foi o primeiro. Ele agarrou a faixa e puxou.

E puxou. E puxou.

Por fim, o nó foi desfeito e minha língua também. Ele tirou a roupa e a jogou para o lado, descobrindo um peito magro, macio e cremoso. Eu estava correto. Nenhum cabelo além das mechas que levam a *Estações Tenham Misericórdia*.

O tecido em torno de seus quadris parecia ainda mais escasso do que o meu.

Minhas unhas cravaram na madeira, pregando-me no assento. Se eu resistisse, todas as apostas seriam canceladas, porque com quem eu estava brincando? O que eu tinha a *perder*?

Minha sanidade. A pureza dele.

Ele poderia fazer melhor do que desperdiçar seu tempo com mercadorias danificadas. Eu tentei reforçar esse fato quando o deixei para trás no Outono.

O que havia nessa praga? De volta a Mista, uma amiga em comum me acusou de amar Nicu. Ela estava completamente errada. Eu não tinha vibrações idiotas para o real, nem era capaz de idiotice. Não poderia ser capaz disso, entende?

Eu tinha as linhagens contaminadas para provar isso.

No entanto, essas mesmas linhagens correram para o sul até a minha virilha, arruinando tudo do jeito que eu poderia arruiná-lo em um piscar de olhos. Do jeito que eu quase tive no passado.

Eu fiz questão de ficar parado. — Em conflito. Me dê direito.

— Como você deu no nariz daquele cavaleiro?

— Ah, isso. O idiota estava chegando. Não se preocupe, não contei a Sir Indigo por que o bati nele. Acabei de fazer e depois fui andando. — Eu cutuquei meu queixo em direção à túnica mole, depois para ele. — Agora isso não parece melhor?

— Você não sabe como me fazer sentir melhor.

Para o inferno com a sessão. Eu levantei e me aproximei dele, olhando para aquelas íris verdes brilhantes. Parei apenas quando a cabeça dele se inclinou para trás e a minha inclinou-se para baixo.

— Isso está certo? — Eu rosnei. — Devo encarar isso como um desafio?

Nicu se inclinou. — Você perderia.

— Bom tempo. — Eu confirmei, sem saber o que eu quis dizer ou o que eu queria realizar.

Uma coisa sublime aconteceu. A transpiração diminuiu, coletando entre as clavículas. Respirações rasas empurradas entre seus lábios e atingiram meu esterno.

Dentro e fora. Dentro e fora.

Eu tinha optado pela sauna seca em vez da molhada. Se eu tivesse escolhido o contrário, estaríamos cobertos de névoa, escondidos de olhares indiscretos enquanto os vapores acariciavam seus braços.

Eu disse: — A propósito, irritar é uma boa aparência para você.

Ele disse: — Não preciso de muleta. Eu não preciso de um escudo.

— Quem disse que eu estava ajudando ou protegendo você? Aquele diabo estava me dando nos nervos. Goste ou não, não sou fã de cavaleiros idiotas que tagarelam durante as cerimônias.

— Eu acho que você está mentindo.

— Você *espera que* eu esteja mentindo.

— Você *espera que* esteja mentindo.

— Ponha isso na sua cabeça, Pássaro Canoro —, rosnei. — Eu soquei Indigo porque eu não suporto o homem. Eu fiz isso por mim mesmo. Você foi uma reflexão tardia. Não pode me dizer o que fazer ou como sentir. Estou imaginando que você já deveria saber disso. Nós terminamos aqui?

O pássaro canoro de meio expediente, em tempo integral, incomodou seus olhos. — Por quê? Eu incomodo você, Lyrik?

— Sim, Nicu —, eu ralei. — Você me incomoda muito.

— Isso, isso, *isso* é por isso que eles chamam-lhe um patife!

— Agora. Agora. — Eu me aproximei, minha voz afundando profundamente, tão profundamente. — Quem te ensinou essa pequena palavra rígida?

Saiu como uma carícia, como uma coisa inaudível. Nicu estremeceu como se isso lhe desse calafrios, mesmo estando preso nesta sala sufocante e abrasadora comigo.

Um balde de água estava no chão. O vapor subia de uma camada de carvão, aumentando a temperatura. Outra gota de orvalho cortou entre seus peitorais.

Nossa respiração combinada passou entre nós. Se unidos, produziríamos algo potente e potencialmente fatal. Algo que poderia queimar.

Aquele pano infernal em volta da cintura. Atado lá, ao alcance do braço.

Ele suspeitava dos meus pensamentos? Porque ele parecia com isso, algo terrível e horrível apareceu em seu semblante: excitação.

Excitação, medo e excitação.

Meu olhar deslizou sobre seu rosto, a escala e a estrutura dele. Suas pupilas devoravam suas íris como um eclipse, raro e memorável.

Eu me ressentia da visão. Eu me ressentia com esse garoto.

Eu odiava esse garoto. Eu odiava seus vocais de flauta e ladainha sonhadore. Eu odiava sua doçura e inocência. Eu odiava sua resistência astuta e as fraturas em seu tom. Eu odiava que ele tivesse me superado e ainda *olhava* para mim. Eu odiava que ele não pudesse cantar ontem, e eu

deveria ter quebrado a mandíbula de Indigo, bem como seu focinho, e eu odiava Nicu por isso também.

Eu odiava tê-lo aqui e odiava que ele não precisasse ficar vagando nesta gaiola de madeira quente, muito menos existente neste reino, para ter um efeito. E enquanto ele estivesse aqui, eu odiava essa porra de sauna.

Droga. Eu queria beijar a merda dele.

— Você também me incomoda. — Disse ele.

— Vamos consertar isso, certo? — Eu joguei meu braço. — Essa é a porta. Precisa de ajuda para chegar lá?

Nicu fez um barulho doentio. Um barulho ferido que transbordou no espaço.

Seu rosto se contorceu como um pano, torcido muitas vezes. Usado muitas vezes. Esgotado muitas vezes.

A provocação tinha acabado de sair. Eu não estava pensando, mas acabei de exibir sua condição em seu rosto, agindo não melhor do que Indigo. Eu tinha afundado tão baixo, provando que todos estavam certos. Eu não tinha criação, nem educação, nem restrição.

Especialmente com Nicu. Tudo que eu já fiz foi manchá-lo.

Seu amigo Aire, o primeiro cavaleiro de Mista, havia ensinado Nicu alguns movimentos de luta. Então, com alguma sorte, eu teria meu próprio nariz quebrado em breve.

Mas Nicu apenas olhou para mim. E olhou para mim.

Diga alguma coisa para ele, Lyrik. Conserte isso, seu filho da puta inútil.

Talvez seja por isso que ele esperou. Minha boca se abriu, mas eu não sabia o que dizer, como dizer. Eu nunca tinha mimado sua doença. Pelo contrário, às vezes fui duro com ele, sem pisar levemente.

Mas eu nunca fui cruel.



Nicu se virou. Movi-me para ir atrás dele - depois recuei quando o conteúdo imundo do balde de água me atingiu no rosto. Um líquido morno escorreu pelo meu corpo, deixando pedaços de carvão grudados na minha pele.

Ele pode ter problemas com espaço, localização e distância. Mas não sempre. Não com tudo.

Comigo, ele sabia onde apontar.

O balde bateu no chão. A porta da sauna se fechou.

E a trava se encaixou no lugar.



Cerca de três segundos depois, registrei o que aconteceu. E isso finalmente me fez falar. Isso me fez falar muito rápido.

— Nicu! — Atirei-me na porta. — Nicu, que porra é essa? Abra esta porta! Sem resposta. Um minuto se passou. Dois minutos.

Eu bati minhas mãos contra a partição mais uma vez, meus pulsos doendo. O ar sufocante subiu pela minha espinha. Minhas roupas e brinco estavam descartados do lado de fora, onde eu os havia deixado.

Virando, minhas costas atingiram o limiar, meus dedos rasgando meus cabelos e destruindo as raízes. Com os comentários anteriores sobre insolação enchendo minha cabeça, procurei um objeto que batesse contra a porta e alertasse os clientes do sanatório nas proximidades.

Um sino de sauna fez beicinho na parede. Um pedido de socorro, em caso de crise.



Eu esvaziei, alívio saindo de mim. É verdade que Nicu não sabia da campanha.

Meus pés começaram a andar pelos quatro cantos da sauna. Ele veio a Iradis para cantar, não para me ver. Embora ele também tivesse chegado à punição exata.

E daí se eu tivesse salvado a vida dele uma vez. Eu parti seu coração logo depois disso.

Mas para me trancar aqui e ir embora? Aquele não era ele. Não importava o que caísse da minha boca, esse nível de desprezo não era ele.

Eu fiz essa conclusão antes que a porta se abrisse, e um criado enfiou a cabeça dentro. — Senhor? Fomos informados de que você precisaria de ajuda em cinco minutos.

— O que? — Gritei sem motivo, parando o passo.

O rapaz hesitou, me reconhecendo agora. — Lyrik? Há quanto tempo você está aqui? A superexposição ao calor pode...

— Eu não estou alucinando! Pareço estar alucinando? A porta estava trancada!

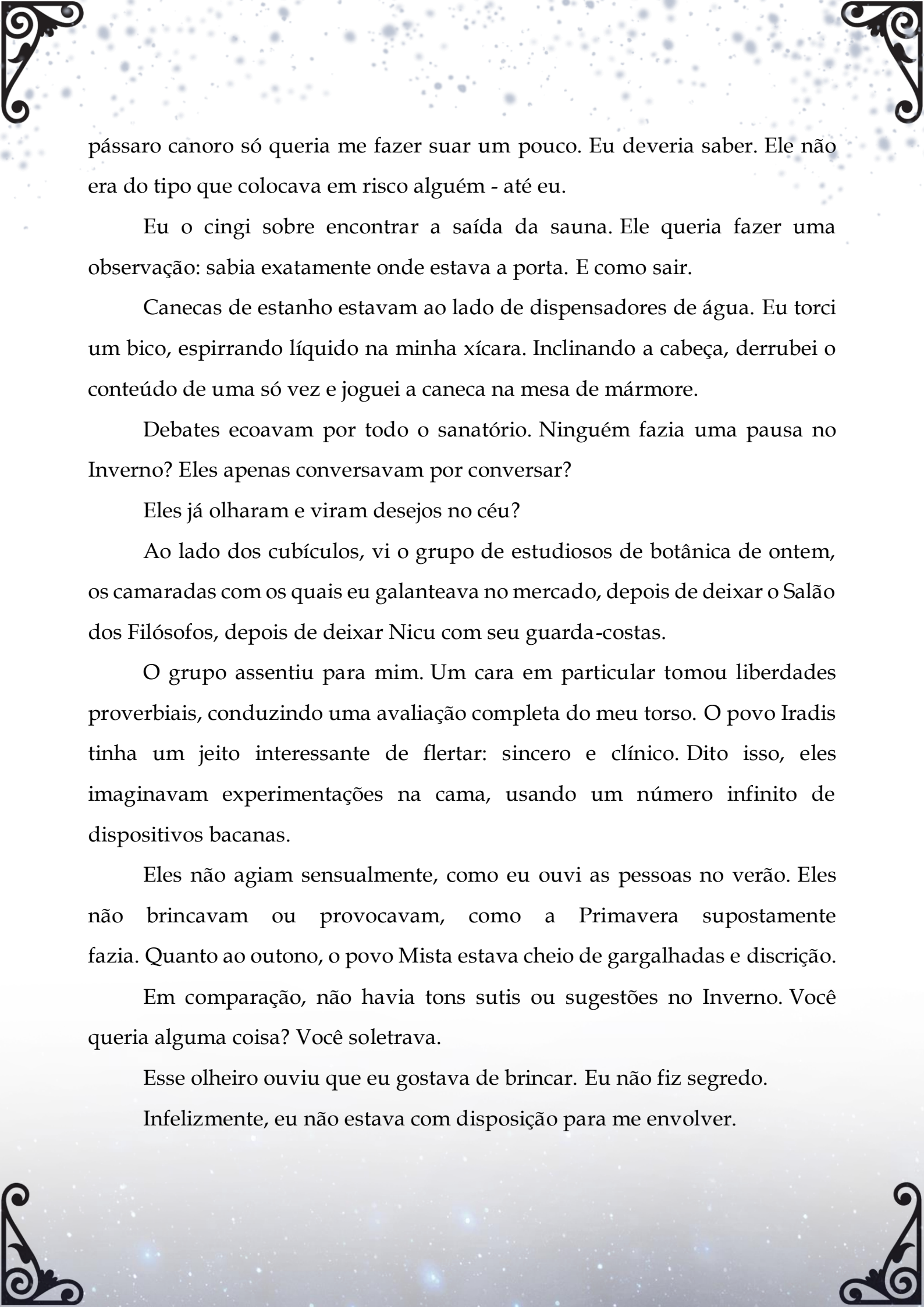
— Entendo —, ele disse calmamente. — O Filho Real partiu, comunicando que você poderia precisar de ajuda, mas ele não mencionou a trava. O simplório deve ter supervisionado.

Agarrei-o pelo colarinho. — Ele não é um simplório.

Soltando-o, saí da sauna enquanto cantava por cima do ombro: — E quem diabos instala uma fechadura na porta da sauna?

Eu já tinha dito isso antes. E eu diria isso de novo. Para um reino tão educado, Inverno poderia ser tão burro.

Passei pelas salas de neblina e banheiros. Enquanto isso, a realidade me atingiu, um sorriso levantando os lados da minha boca. Então o pequeno



pássaro canoro só queria me fazer suar um pouco. Eu deveria saber. Ele não era do tipo que colocava em risco alguém - até eu.

Eu o cingi sobre encontrar a saída da sauna. Ele queria fazer uma observação: sabia exatamente onde estava a porta. E como sair.

Canecas de estanho estavam ao lado de dispensadores de água. Eu torci um bico, espirrando líquido na minha xícara. Inclinando a cabeça, derrubei o conteúdo de uma só vez e joguei a caneca na mesa de mármore.

Debates ecoavam por todo o sanatório. Ninguém fazia uma pausa no Inverno? Eles apenas conversavam por conversar?

Eles já olharam e viram desejos no céu?

Ao lado dos cubículos, vi o grupo de estudiosos de botânica de ontem, os camaradas com os quais eu galanteava no mercado, depois de deixar o Salão dos Filósofos, depois de deixar Nicu com seu guarda-costas.

O grupo assentiu para mim. Um cara em particular tomou liberdades proverbiais, conduzindo uma avaliação completa do meu torso. O povo Iradis tinha um jeito interessante de flertar: sincero e clínico. Dito isso, eles imaginavam experimentações na cama, usando um número infinito de dispositivos bacanas.

Eles não agiam sensualmente, como eu ouvi as pessoas no verão. Eles não brincavam ou provocavam, como a Primavera supostamente fazia. Quanto ao outono, o povo Mista estava cheio de gargalhadas e discrição.

Em comparação, não havia tons sutis ou sugestões no Inverno. Você queria alguma coisa? Você soletrava.

Esse olheiro ouviu que eu gostava de brincar. Eu não fiz segredo.

Infelizmente, eu não estava com disposição para me envolver.





O rei pedia que eu me afundasse em um dos banhos gelados, para hidratação e circulação. Ou pelo menos me limpasse com um dos panos frios antes de sair deste retiro.

Mas Jeryn não estava aqui. Ele visitava o sanatório durante o horário privado, com maior probabilidade de aniquilar sua esposa. Flare veio do verão, assim como parte de mim, e o deles era um amor incomum. Eu duvidava que essa conexão acontecesse com frequência. Não pelo que eu testemunhei.

As únicas outras exceções que eu vi foram em meus velhos amigos, Aspen e Aire.

Além dos pais de Nicu, a princesa e o bobo da corte.

No meu armário designado, abri o fecho e peguei minhas roupas, vestindo uma camisa, uma calça solta e um cachecol. Me envolvi em um casaco e preendi meu brinco com cravos.

Os estudiosos fizeram um convite para se juntar a eles no mercado. Ontem à noite, senti Nicu me vendo sair com eles, enquanto ele ficou para trás com sua babá. Oh cara, como eu senti o pássaro cantando tirando conclusões.

Ele ficou irritado. Mas não com ciúmes.

Fechei o cubículo sem responder ao convite, sabendo que o grupo não levaria para o lado pessoal, pois Inverno levava muito pouco para o lado pessoal.

Ao anoitecer, atravessei o mercado, auditando as exposições de cura. O frio cortou meu cachecol e arranhou meu queixo.

As lanternas brilhavam. A árvore sempre verde brilhava.





As pessoas multitarefa, bebendo copos de especiarias enquanto imersos em contemplação refinada. Nunca pensei que um mercado pudesse ser tão sofisticado.

Os assistentes sorriram com uma apreciação prática. Melhor do que a dessensibilização dos tempos antigos. A véspera da sabedoria costumava ser tão implacável quanto a temperatura - bancas médicas contendo exemplos de experiências tolas, incluindo demonstrações como se os nascidos fossem criaturas irracionais incapazes de sofrer.

A prática havia sido proibida pelo rei Jeryn desde então, embora a mudança subsequente em Iradis não tivesse acontecido sem impedimentos ou ameaças civis.

Um trio cantava canções científicas, embora não o suficiente para manter o público fascinado.

Na verdade, parecia que eles tinham um oponente. Percebi uma massa de cabeças gotejando em direção ao estrado sempre-verde e segui o rebanho, meu casaco corvo batendo nas botas.

Meus pés pararam. Meus pensamentos também.

Nicu estava diante de todos, suas roupas feitas sob medida pelos ombros, as mãos envoltas em luvas de couro. Ele colocou o queixo, esperando a multidão se condensar ao seu redor.

Eu entrei na frente, me inserindo na lateral da plataforma, perto da quadra. Jeryn cortava uma figura imponente entre eles, grande como um guerreiro envolto em peles e fivelas. Do outro lado, ele levantou uma sobancelha escura e indagadora para mim.

Ignorando-o, voltei para o estrado, colidindo com íris de esmeralda. Íris determinadas, desafiadoras e motivadas. Nossos olhares se mantiveram até termos nos irritado o suficiente.





Nicu me soltou com um movimento de cabeça e encarou a multidão. Aqueles lábios se separaram. E deles saiu um som.

Uma sequência de palavras. Uma melodia. Uma canção de natal.

Ele começou a cantar.

Não uma música original própria, mas, no entanto, uma canção de inverno. Uma flauta de prata saltou de sua garganta e deslizou de sua língua. As notas se espalharam pelo mercado, silenciando a comoção, prendendo pessoas em seus movimentos, roubando suas próprias vozes.

Eu ouvi um barulho que eu não ouvia desde sempre. Um barulho que eu enterrei sob três anos de granizo. Um barulho que percorreu meu estômago.

Quanto mais ele cantava, mais forte sua voz se tornava. Seus olhos brilhavam, sem ônus e vitoriosos.

Eu teria sorrido. Eu teria fugido.

Eu teria feito qualquer coisa, se pudesse.

Uma mudança ocorreu no meio da multidão, de perplexidade para espanto. Nicu parecia perdido com isso, perdido em um paraíso distante em sua mente, com os olhos fixos na floresta de pinheiros e nos Alpes distantes.

Eu apenas olhei. Mas alguém o encarou também. À minha direita, reconheci o nobre clone do banquete.

Aquele cabelo brilhante. Aqueles olhos apertados.

O rapaz que de alguma forma conheceu Nicu estava no banquete antes de mim. Aquele que me repreendeu.

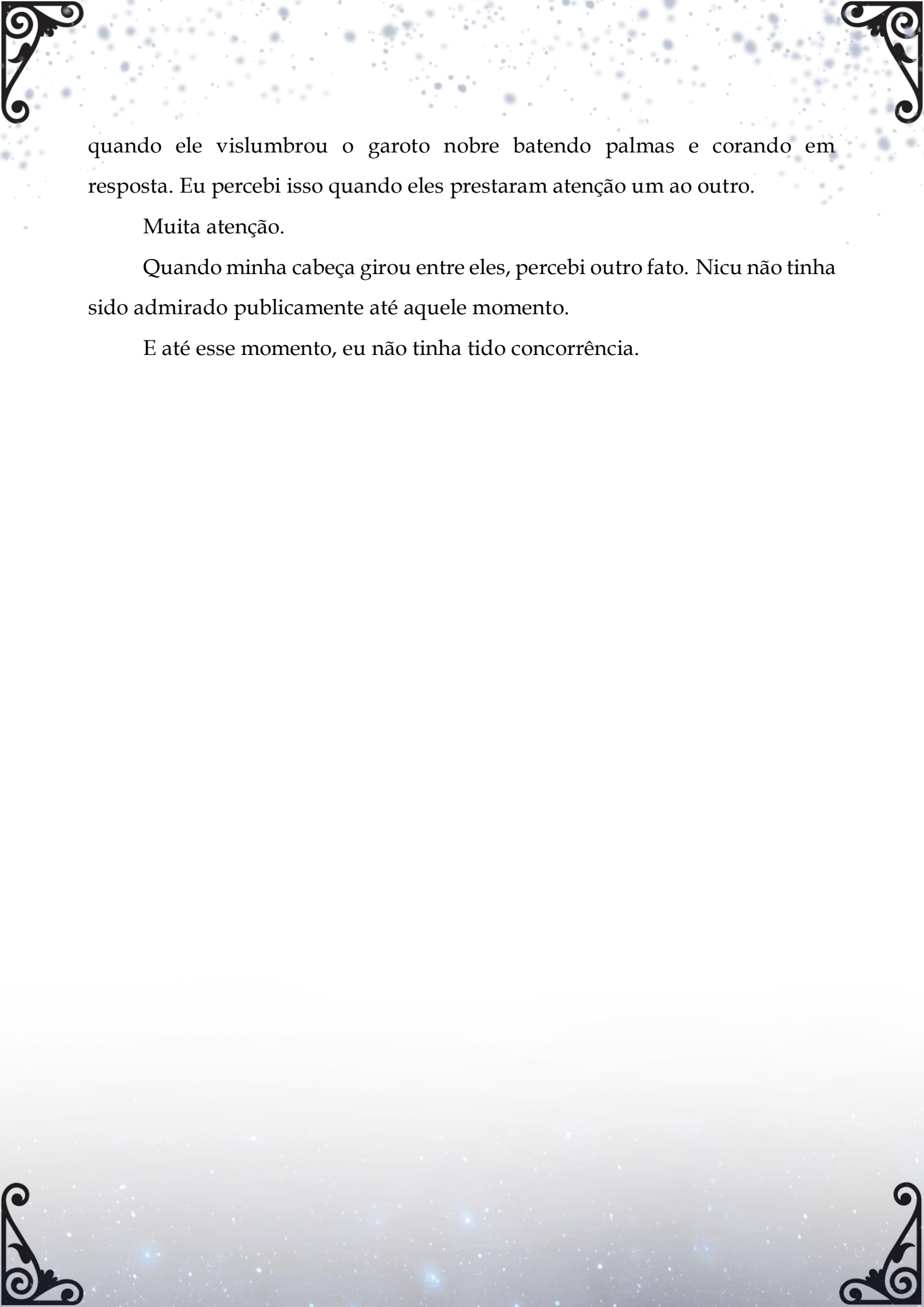
Ele não será tão facilmente visto, eu acho.

Para um suposto gênio, parece que você percebe os fatos tarde demais.

O nobre observava Nicu, seu olhar excedendo mera apreciação.

Meus músculos apertaram, uma reação escassa da minha parte. Eu percebi isso quando Nicu terminou com aplausos atordoados. Eu percebi isso





quando ele vislumbrou o garoto nobre batendo palmas e corando em resposta. Eu percebi isso quando eles prestaram atenção um ao outro.

Muita atenção.

Quando minha cabeça girou entre eles, percebi outro fato. Nicu não tinha sido admirado publicamente até aquele momento.

E até esse momento, eu não tinha tido concorrência.



CAPÍTULO DEZ

PATIFE

Aquele olhar entre eles causou um deslizamento de terra, um ataque de eventos de tiro rápido. No final de sua música, as pessoas inundaram Nicu, ficando na fila para parabenizá-lo e elogiá-lo. E dentro de um minuto disso, seu desejo por amizade foi cumprido. Ele discutia com cada nobre, expositor, dignitário, cavaleiro, caçador, cientista, estudioso, intelectual, tolo e idiota em sua esfera.

Alguns o encaravam, intrigados com o seu vocabulário. Outros observavam, estudiosos e analíticos, como se o procurassem por alguma curiosidade em um dos museus do Inverno.

Jeryn olhou com prazer. Até Dame Solstice ofereceu um sorriso de boca fechada em seu posto entre as fileiras.

Indigo apenas franziu os lábios. Mas ele não podia negar o que ouvira. Ninguém poderia.

Meu corpo fez um milhão de coisas. Tornou-se térmico ao ver a libertação de Nicu, a visão dele respeitada - ao vê-lo feliz.

Laranja feliz.

Pensando bem, e na segunda inspeção, cerca de dois terços dos atendentes o enxameavam. O resto? Não exatamente.

Agora que avaliei o rebanho, nem todos apreciaram sua exibição. De fato, uma parte da multidão se enrijeceu. Um simplório livre, e um título, acabara de provar o que outros tolos começaram a provar. Que, mentes distorcidas à

parte, eram seres humanos com habilidades. Que talvez não fossem acidentes da natureza ou abominações, afinal. Que talvez a todo-poderosa Estações também os tivesse abençoado.

E que Iradis não voltaria a cadeias ou laboratórios tão cedo. Especialmente se o rei Jeryn tivesse algo a dizer sobre isso.

Amargura. Ressentimento. Negação.

Sim. Eu vi tudo isso. Os contras empilhados contra os profissionais.

Para uma terra tão progressista, a campanha de Jeryn para reeducar seus súditos havia conquistado muitos, ainda não todos. Isso poderia levar uma vida inteira. Se alguma vez.

O nariz quebrado de Indigo se contraiu quando ele murmurou para seus companheiros cavaleiros. Eles inspecionaram Nicu como se ele precisasse aprender uma lição.

Meus internos começaram a transtornar.

Enquanto isso, aquele cortesão sem nome avançou pela cena, seu cabelo brilhante brilhando como moeda. Seus dedos absurdamente longos endireitaram o gibão quando ele se aproximou de Nicu. E foi quando senti minhas retinas queimando por um novo motivo.

O nobre falou com um sorriso apaixonado. O pássaro cantava com sua cabeça timidamente.

O que eu não daria para uma bengala prender na cintura daquele idiota, para puxá-lo de volta para as profundezas desta tundra. Especialmente quando o cortesão ofereceu seu braço - e Nicu o pegou.

O estrangeiro acabou de se oferecer para brincar de acompanhante?

Ontem, eu fiz um tour para Nicu. Eu o levei ao Salão dos Filósofos. Eu me ofereci para desejar caçar com ele.

Isso tinha sido ontem à noite?



A cabeça de Nicu desviou uma vez, apenas uma vez, e me encontrou. Assim, ele esperou.

Para quê? Para eu oferecer-lhe bem?

Eu não fiz nada, porque era tudo que ele conseguia de mim.

Nicu fez uma careta e depois deu ao cortesão sua atenção total. Eles se desculparam com o rei, a multidão se separando enquanto caminhavam em direção ao mercado.

Com o que eu me importava? Aquele sujeito se vestia bem, parecia bem, se comportava bem. Nicu poderia usar alguém como ele, alguém para lhe fazer companhia.

Me pouparia o trabalho de ter que lidar com o pássaro canoro. Me aliviaria desse fardo.

Eu não teria que ficar obcecado sobre como Nicu estava se saindo, ou o que ele estava fazendo, ou com quem. Não seria da minha conta, entendeu?

Quanto à minoria de pessoas que não se importavam com o desempenho dele, elas podiam se ferrar e superar isso. Já houve ataques a tolos livres antes. Mas, como hóspede real e de Jeryn, Nicu estaria a salvo.

Meus dias poderiam voltar ao normal. Eu poderia me concentrar na minha bebida para a véspera da sabedoria.

Além disso, os pombinhos só foram passear. Nada demais.

Girando, eu desapareci na multidão. Poderia muito bem dar um passeio sozinho.





Eles se tornaram inseparáveis. De toda a sorte, continuei correndo para a prova disso, as imagens e os sons deles irritando meus nervos.

Eu entraria no salão de banquetes no momento em que reivindicavam lugares juntos. Eu passava por uma janela e os via no jardim de esculturas de gelo. Eu virava uma esquina no mercado e os via em uma das barracas. Eu ouvia o riso de Nicu do convés do castelo, misturando-se com a voz jovial do cortesão narrando algo que batia no osso engraçado do pássaro canoro.

O que eles poderiam ter para dizer um ao outro? O que esse novato poderia dizer que Nicu achava tão hilário?

Nicu havia pedido ao nobre que desejasse caçar com ele? Para encontrar a estrela lendária?

Eu me mantive ocupado. Eu desobedeci esta regra e essa regra. Caminhei até a floresta de pinheiros para colher suprimentos. Eu considerei outro empreendimento temerário na Floresta de Ferro, mas depois lembrei daquele guardião alce com seus chifres apontados para mim.

Eu bebi com Solstice. Eu fiz inimizade com Indigo.

Fiz o que fiz de melhor: me preparei.

Eu me isolei dentro da minha sala de poção. Mexi panelas de mesa. Esmaguei a merda no meu punho, espalhando detritos nas misturas. Eu organizei frascos. Bati uma colher no meu maior caldeirão. Eu me joguei em uma cadeira e rasguei os manuscritos, escolhendo ideias e ingredientes.

Acordei no meio da noite. Fechei as cortinas e as abri novamente. Abri a faixa e chupei ar. Eu atravessei de uma extremidade da câmara para a outra.

Eu desmaiei em jorros. Eu fiz isso por três dias.

Hoje, peguei uma pena e rabisquei em pergaminho, debatendo poções para o mercado, possibilidades que ainda não haviam sido conjuradas, que chamariam a atenção do mundo, isso significaria alguma coisa.



Enfiei os papéis e comecei de novo. Eu me decepcionei. Eu balancei meu braço sobre a mesa e espalhei as anotações, a tinta da meia-noite vazando da borda, pingando no chão de pedra.

Eu sentia dor de cabeça.

Eu desisto.

Chamas crepitavam sob o caldeirão, um miasma sulfúrico subindo do tanque. Retrocedendo minha cadeira, atravessei a embarcação e agarrei sua borda.

Bloco do Cervejeiro. Era isso que era.

Aquele cara atraente do sanatório me fez uma oferta silenciosa. Teria sido aberta? Ou tinha uma data de validade?

Eu poderia levar o estudioso para uma rápida queda. Ele estaria disposto, e eu poderia aliviar a tensão, limpar minha cabeça.

Do lado de fora, o relógio do pátio soltou um tremor de latão. O mercado estaria em pleno andamento em breve. As pessoas deixariam seus dormitórios e simpósios. As pessoas se juntariam a outras pessoas. Um garoto escoltava outro garoto.

Ele faz Nicu rir.

Líquido borbulhou no útero do caldeirão. Inclinei-me, deixando o fluido me hipnotizar.

— A proximidade vai escaldá-lo. — Uma voz palaciana advertiu da porta.

Eu me encolhi, depois relaxei, concentrando-me no líquido. — Me chame de rebelde —, comentei. — Temos um compromisso?

— Estou fazendo as rondas.

— Isso está certo? Checando os rufiões?

— Alunos desonestos, em particular.



Eu girei minha cabeça para a esquerda, para onde Jeryn estava no limiar, seu corpo de chicote preenchendo a lacuna. Droga. Ele tinha um talento especial para aparecer nos momentos em que eu fazia coisas idiotas. Ou quando chegava perto disso.

Talvez isso fosse coisa do médico, saber quando seus pacientes estavam prestes a se autodestruir, saber quando tomar medidas preventivas. Ou isso era uma coisa de monarca, saber quando seu povo cambaleava fora dos trilhos.

Rei. Curador. Cientista.

Se alguém me perguntasse, Jeryn usava muitas coroas. Como suas avós faleceram e seus pais sofriam de uma doença debilitante - uma que os impedia de governar - Jeryn adotou a manopla no início da vida, lutando para tratar sua mãe e pai, descobrir curas para doenças e abolir experiências com tolos e manter a igualdade para todas as pessoas.

Ele tinha assuntos para governar. Ele tinha pais para cuidar, pacientes para economizar e remédios para inventar. Ele tinha intolerância e segregação para enfrentar.

Ele tinha uma esposa secreta para amar. Quando eram mais jovens, naufragaram juntos, vivendo isolados por três anos. Flare tinha sido prisioneira de Jeryn, uma garota tola que ele reivindicou no Comércio de Tolos durante uma viagem de negociação para Verão.

Jeryn tinha sido um idiota na época. Um crente na escravidão tola.

Durante o transporte, Flare escapou e ele a perseguiu. Eles chegaram à Ilha da Chuva Perdida, uma ilha da floresta tropical onde lutaram para sobreviver.

Onde eles se apaixonaram. Onde Jeryn perdeu o coração para uma tola enlouquecida e mudou sua melodia de coração frio.





A ilha continuou sendo o ponto de encontro. O resto do tempo eles passavam separados, fazendo campanha pela tolerância em suas próprias estações.

Como uma renomada artista de areia, cuja identidade ninguém sabia, Flare viajava pelas costas de Perilyn, seus esboços nas margens inspirando mudanças. Lentamente, ela fez a diferença, desafiando a maneira de pensar das pessoas. E porque as pessoas começaram a expressar essa mudança, forçou a Coroa de Verão a ouvir.

Enquanto isso, Jeryn travava sua própria boa luta aqui. Mas eles escreviam um para o outro, acreditando que um dia estariam juntos em um reino, sem distância.

As mulheres não fizeram nada por mim, mas quando eu conheci Flare durante a minha primeira viagem à Ilha, ela roubou meu fôlego. Pequena, com mechas marrons selvagens. Pele bronzeada, um tom mais escuro que o meu couro verde-oliva. Íris douradas que jogaram chamas em mim.

Eu estava amarrado na época, pego em uma de suas armadilhas quando estava explorando a floresta tropical, porque não tinha ouvido o conselho de Jeryn para não se desviar sem ele.

E lá estava ela, me prendendo como presa, enquanto uma aranha jumbo subia pela minha canela.

— Quem diabos é você? — Eu perguntei.

— Ela é meu coração. — Jeryn respondeu, aparecendo na névoa e passando um braço em volta da cintura.

A mulher se aninhou nele, depois me desamarrou e apertou minha mão. Ela não conseguia falar. Como não tinha acordes, ela se comunicava por escrito. Além do mais, Jeryn podia ler seus lábios.

Ela era completamente o oposto dele. Eu gostava dela.





Jeryn havia estabelecido uma colônia de pesquisa na ilha, longe de onde ele e Flare desfrutavam de seus tempos secretos e conjugais. Ele alistou minhas habilidades, querendo me mostrar a flora e fauna da floresta tropical, milhares de espécies com o poder de suprimir pragas sem fim. E a capacidade de infindáveis cervejas.

Ele me deu a chance de ver a outra metade das minhas raízes. Eu naveguei naquele oceano, conheci o amor da vida de Jeryn e colhi um monte de coisas na ilha.

Eu estava com o meu estoque agora, mas poderia usar uma viagem de volta. Eu não tinha sido capaz de coletar tudo o que eu queria. Com certeza, eu tinha perdido amostras importantes.

Como areia. Eu deveria ter coletado areia quando estava lá.

Eu estava me afastando por um tempo. Não que Jeryn reclamasse. Sua paciência não tinha limites.

— O que posso fazer por você, senhor? — Eu perguntei.

Aqueles olhos negros médicos avaliaram minhas feições. — Fadiga.

— A frustração é mais parecida. — Eu empurrei minha mão no caldeirão. — Não posso dizer o que estou fazendo aqui, caso você queira um relatório de progresso dos expositores. Até agora, eu tenho improvisado.

— Você tem se superestendido.

— Tem algo para curar isso?

— Não existe remédio para o que a aflige.

Eu me virei de volta para o navio enquanto ouvia seus passos se aproximando e parando ao meu lado. Estudamos o conteúdo da panela enquanto eles cozinhavam juntos, criando um caldo que fedia.

Jeryn abordou: — Você não tem sono.

— Na verdade, eu não tenho visão. —



— Você não tem nada a provar, Lyrik.

— Todo mundo tem tudo a provar.

— Impreciso. — Ele fez uma pausa, o que significava problemas. — De quem você está buscando aprovação? Inverno? Verão? Ou o mundo?

— Com todo o respeito, não preciso de uma conversa animada ou de um conselheiro. Só porque sou mestiço, isso não me faz nem um pouco de humor.

Ele me observou com uma sobrancelha levantada. Ele não tinha dito uma palavra sobre meio-nada.

Como sempre, tudo o que ele tinha que fazer era esperar, sabendo que eu colocaria o pé na boca.

— Algumas pessoas dizem para não se importar com o que o mundo pensa de você —, argumentei. — Então eles se veriam e diriam que somos nossos piores críticos. Não poder confiar no mundo ou em nós mesmos, hein? Parece-me, então estamos todos fodidos.

— A menos que encontremos alguém especial. Alguém que nos entenda.

— Flare é única. Nem todo mundo tem a mesma sorte que você, Majestade.

Um raro olhar de simpatia. — Nem todo mundo sabe o que fazer com a sorte que tem. Nem todo mundo trata sua fortuna corretamente. Nem sabiamente.

— Vá direto ao ponto, senhor. Tenho espumante para despejar pela janela e você tem o Inverno nos ombros.

— Ele é descendente de meus amigos. Se você não pode reparar suas ações passadas, procure aplacar o futuro. Não atrapalhe o tempo dele aqui. Se você conseguir se conter a partir de agora, isso poderá corrigir seu próprio estado atual.

— Ele quem?



— Não brinque comigo. — Jeryn advertiu, seu olhar se cortando.

— E se *ele está* atrapalhando o *meu* tempo? — Eu perguntei.

— Então você realmente não respondeu minha pergunta. De quem você está buscando aprovação?

O homem poderia ter me ordenado a descansar, parar de gastar minha energia, parar de me pressionar. Mas médico ou não, ele não estava disposto a desperdiçar oxigênio no óbvio.

Ao sair, Jeryn parou no limiar. Ele examinou a sala de poções mais uma vez, depois me olhou. — Limpe sua bagunça, Lyrik.



Uma hora depois, fui ao mercado, sem saber se estaria realmente cumprindo o pedido de Jeryn. Hoje em dia, eu não tinha ideia do que aconteceria quando eu pusesse os pés na minha porta.

Para começar, eu me tornei um espião. Outra palavra para isso era masoquista.

O pássaro canoro estava sob as estrelas, o frio provocando seus cabelos, seus olhos colocando vergonha no esplendor do mercado. Eu hesitei, assistindo do meu lugar ao lado de uma exibição de... algumas coisas. Eu não tinha ideia.

Nos últimos sete dias, Nicu cantou mais algumas músicas. Nenhuma das suas, mas os tradicionais Iradis cantam sobre visco e inteligência. Como ele se sentiu em divulgar músicas que não lhe pertenciam? Ele ainda tinha dificuldade em cantar suas próprias músicas?





Pelo que pude ver, uma porcentagem do pessoal do inverno o favoreceu. Outra porcentagem embaralhada, repelida pelos cachimbos de Nicu, mas incapaz de boicotá-lo publicamente sem desonrar o rei. A altura imponente e o olhar penetrante de Jeryn por si só poderiam extinguir um adversário. Não era o que ele disse, mas o que ele não disse.

Eu verifiquei o perímetro de qualquer maneira, caso alguém crescesse um par intolerante e decidisse atacar.

Nicu admirava o estande de um vendedor que vendia artigos práticos: cantinas cilíndricas que mantinham a bebida quente por horas. De todas as novidades, esses recipientes chamaram mais sua atenção.

Ele sorriu. E ele não estava sozinho.

Peguei a muleta mais próxima, meus dedos agarrando um objeto delicado, longo e esbelto. Ao lado de Nicu, o cortesão pairava, mantendo as mãos atrás das costas como um pretendente genuíno. Inclinou-se para a frente e disse algo no ouvido de Nicu - no ouvido nu.

Meus dedos se curvaram. Algo estalou ao meio.

Eu olhei para a vítima. Um bastão de bálsamo de inverno - trepadeiras verdes e brancas entrelaçadas em volta de uma confecção. O comerciante atrás do balcão cuspiu quando viu o que eu tinha feito, ficando vocal e me ensinando enquanto as cabeças se viravam para observar. Puxei algumas moedas do meu bolso e as joguei ao lado da bengala, o suficiente para pagar por três.

Olhando para trás, encontrei o olhar de Nicu. Merda, ele tinha visto isso.

Seus olhos brilhavam sem piedade. Ele vasculhou um saco de papel, colocou o mesmo tipo de hortelã - exceto circular, como um cata-vento - em sua boca e chupou.

Eu segui em direção a ele.



A essa altura, testemunhas retomaram suas conversas, mais interessadas em seus próprios negócios do que em todos os outros. Mais importante, o cortesão tinha ido a uma barraca de sidra, deixando Nicu sem vigilância pela primeira vez.

Eu percebi o que o pássaro estava fazendo esse tempo todo. Ele não era mais tão saudável. Ele conspirava para me torturar, conivente para me arrepender de tudo o que havia acontecido entre nós.

E o que *não tinha* acontecido. O que não aconteceria.

Meu casaco estava pesado nos meus ombros, e minha adaga de tapa no meu quadril. Não parei até que ele deu um passo para trás. Eu olhei para sua boca, o lugar onde a hortelã havia desaparecido. — Você está gostando disso, não é?

Ele retaliou falando ao redor do pedaço, fazendo um barulho suave. — Eu gosto do sabor. Faz minha língua dançar.

Eu conhecia outras maneiras de fazer sua língua dançar. — Como está sua noite até agora? Nos agraciando com algumas canções hoje à noite?

— Eu vou avisá-lo, se você precisar fugir.

— Aposto que nossa sauna influenciou você. Talvez eu deva acabar com você com mais frequência.

— Talvez você deva trabalhar em sua própria vida —, disse ele. — Talvez você devesse cuidar de seus próprios sóis e luas. Talvez você deva preparar poções e me deixe em paz. — Sua voz distorceu em uma perfeita imitação de mim. — Talvez você deva *parar de me seguir*. *É irritante*.

Essas foram minhas últimas palavras para ele no outono.

No entanto, eu fiz uma careta. Eu não soei assim.

— Citando minhas palavras de despedida, não é? — Eu demorei. — Elas ficaram com você?

— As palavras de todo mundo ficam comigo. — Ele ameaçou.

Eu balancei minha cabeça em direção ao cortesão. — Incluindo as dele?

Nossas cabeças se viraram em uníssono. O nobre me reconheceu do banquete de abertura e nos observou da fila de sidra. Seus ombros empurraram para trás antes que ele desviasse o olhar.

— Huh —, observei. — Parece que seu amante está ficando irritado. Provavelmente pensa que sou uma influência desprezível. Agora, de onde ele tirou essa ideia?

— Pode ser escrito nas estrelas. Ele estuda astronomia.

— Um estudioso do céu. Bem, isso explica por que seus olhos apertam os olhos assim. Deve ser por ter que focar tão longe o tempo todo.

— Ele quer nos buscar copos para apagar —, disse Nicu. — Ele quer chamar um trenó e me mostrar como o lago congelado reflete constelações. Ele diz que talvez seja assim que eu encontrarei a estrela que concede desejos.

— Então você o convidou para ir caçar com você? Aww, que romântico.

— Eu gosto de romance. É uma sensação bonita.

— O que você está fazendo com ele, Nicu?

— O que eu nunca vou fazer com você, Lyrik.

Ele começou a pular para longe. Minha mão agarrou seu cotovelo.

Não que eu me importasse com o que alguém pensava, mas também senti outro par de olhos em nós. Olhos suspeitos e ameaçadores. E eles não pertenciam ao seu pretendente em astronomia.

Puxei Nicu entre as barracas, escondendo-nos da vista. Arredondando, puxei-o para perto de mim, uma nuvem fria esguichando de seus lábios.

— Cuidado, sonhador —, murmurei. — Ou vou começar a pensar que você está fazendo isso para me irritar.

Ele soprou gelo na minha cara. — Não estou fazendo nada com você, e você não está fazendo nada comigo, e não estamos fazendo nada um com o outro.

— Além de trancar as portas da sauna e exhibir consortes nobres.

— Eu não estou usando ele.

Belisquei meus dedos. — Nem um pouco?

— Eu não uso pessoas.

— O que eu acho que você está cantando uma música diferente, entende? Estou pensando que você está louco pelas minhas bolas.

— Você, você, você! É sempre sobre você! Você já pensou que é sobre mim? Você já pensou em mim? — Ele afastou o braço, sua voz tremendo de raiva, insulto ou ambos. — Você não me perguntou sobre as canções que tenho cantado, mesmo que não sejam minhas. Você não perguntou se isso me deixou feliz em cantar. Você só pergunta se *você* fez isso acontecer, se você me fez mal-humorado o suficiente para cantar.

Não, eu não vi raiva ou insulto. Eu vi machucados.

Meu intestino estremeceu. — Nicu, eu...

— Noel gosta de mim. — Ele assobiou.

E isso derrubou o remorso que eu apenas comecei a sentir. — Nicu e Noel —, recitei. — Vocês dois são feitos um para o outro.

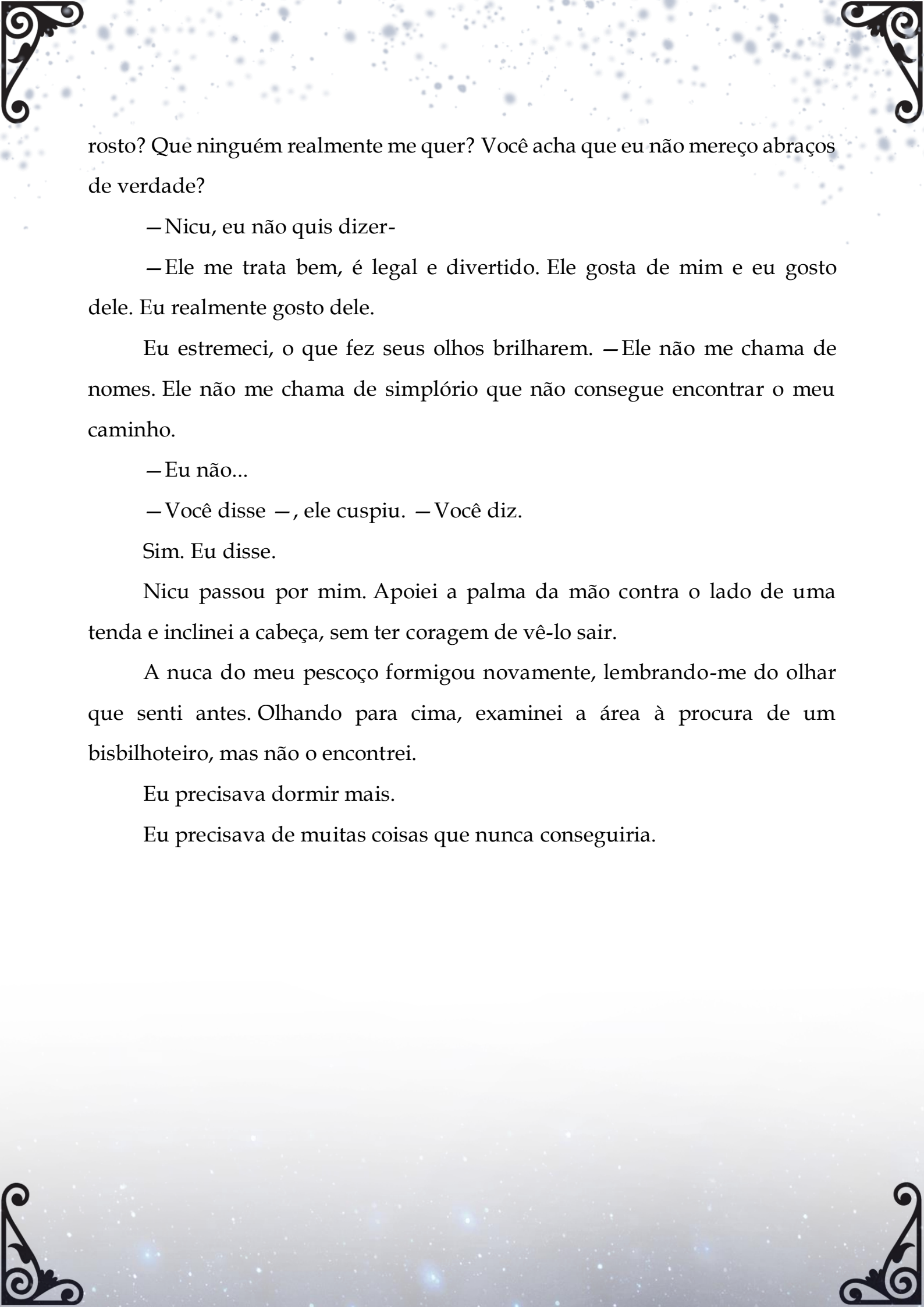
— Pare de fingir que você se importa!

— Não seja ingênuo. Ele é um cortesão. Isso faz dele um caçador de coroas.

Nicu empalideceu, a visão me arruinando. Mais uma vez, saiu algo que eu não havia planejado, que não havia assumido até então.

— Você acha que Noel tem encantos em mim porque eu sou da realeza?

— Ele demandou. — Você acha que ninguém realmente gosta do meu



rosto? Que ninguém realmente me quer? Você acha que eu não mereço abraços de verdade?

— Nicu, eu não quis dizer-

— Ele me trata bem, é legal e divertido. Ele gosta de mim e eu gosto dele. Eu realmente gosto dele.

Eu estremei, o que fez seus olhos brilharem. — Ele não me chama de nomes. Ele não me chama de simplório que não consegue encontrar o meu caminho.

— Eu não...

— Você disse —, ele cuspiu. — Você diz.

Sim. Eu disse.

Nicu passou por mim. Apoiei a palma da mão contra o lado de uma tenda e inclinei a cabeça, sem ter coragem de vê-lo sair.

A nuca do meu pescoço formigou novamente, lembrando-me do olhar que senti antes. Olhando para cima, examinei a área à procura de um bisbilhoteiro, mas não o encontrei.

Eu precisava dormir mais.

Eu precisava de muitas coisas que nunca conseguiria.



CAPÍTULO ONZE

PASSARO CANORO

Ele correu para longe.

Ele correu para longe, talvez para longe, esperançosamente para longe.

Nicu se apressou em direção ao cortesão que tinha sido tão gentil, que se ofereceu para ser amigo de Nicu, que havia dito a Nicu inteligência - piadas e brincadeiras - e histórias, que se juntaram a Nicu para cada noite de festas neste mercado. Eles planejavam ir caçar juntos, encontrar aquela estrela especial juntos, para ver se poderia brilhar na superfície do lago congelado. Era o que eles pretendiam até agora.

Noel ficou lá, segurando duas canecas, a preocupação gravada em seu rosto. — Nicu?

— Sinto muito —, disse Nicu, passando por ele agora. — Eu não posso. Eu preciso ir.

— Nicu, espere, por favor. O que está errado?

— Eu preciso ir. Eu preciso cair na alegria.

A boca do garoto se abriu. Ele apenas ficou lá, brilhando com confusão quando Nicu o abandonou. A multidão engoliu o nobre atordoado e, pela primeira vez, Nicu ficou feliz por se perder, verdadeiramente perdido.

Ele aparou através de capelões e capas, através de expressões perplexas e comentários abafados. Alguns giraram para vê-lo partir, tocando seu nome. O mercado encolheu, as estrelas dispararam e as luminárias do mercado cegaram.

Onde ele estava? Para onde ele estava indo?

Onde, onde, onde? Essa pergunta eterna, a pergunta de sua vida.

Desde que ele era pequeno, ele sempre se afastava, querendo ver mais, saber mais ou fazer mais. Mas sempre o colocava em um problema ou emaranhado, em problemas ou perigo. Ele nunca fez isso direito.

Ele não estava fazendo isso agora. Vozes esmagaram ao seu redor enquanto seus pés viajavam sobre neve e pedra. O que não entupia barracas, e todos os cantos pareciam iguais.

Ele tinha ido longe? Ele se mexeu?

Ele não deveria ter deixado Noel. Ele não deixava as pessoas para trás.

Quando eles se conheceram, Noel sorriu e estendeu o braço para Nicu. O cortesão não era um caçador de coroas. Ele não era!

Nicu o usou, brincou com ele, brincou com ele?

Sim ele tinha. Sim, um pouquinho.

O jardim de esculturas de gelo havia acontecido. Então a floresta de pinheiros aconteceu. Então o Salão dos Filósofos aconteceu.

Então aquela sala tórrida aconteceu.

Aquela sala tórrida, onde os carvões assobiavam e o ar assava, onde Lyrik havia pingado em um pano, a visão causando um tumulto na barriga de Nicu.

No meio de tudo isso, Nicu havia mudado de planos. Ele ficou furtivo, travesso. Ele queria fazer Lyrik sentir o que Nicu sentia: indesejável.

Foi bom ver o garoto de poções de mau humor com Nicu e Noel.

Não, foi *muito* bom assistir Lyrik quebrar uma confecção enquanto olhava para eles, como se estivesse louco.

Mas também fez Nicu sentir-se vergonhosamente rosado, porque não tinha a intenção de prejudicar Noel. E ele gostava do cortesão. Ele realmente



gostava, e ele queria continuar gostando dele, e continuar andando com ele. Nicu queria beber cidra e ver o lago congelado com ele, conhecer e cumprimentar as constelações do Inverno com ele.

Lyrik estragou isso, como se estragasse tudo.

O mercado cheirava a menta picante, cedro terroso e laranjas saborosas. As nuvens caíram mais flocos sobre o reino. Em breve, o céu iria dormir e sonhar.

Nicu deveria estar alegre, porque ele estava cantando canções de novo, e esse povo gostava delas - alguns deles gostavam. Ele sabia que alguns não, mas outros queriam ser seu amigo agora, e isso o deixou alegre.

No entanto, não durou. Ele estava cantando canções de inverno, não suas próprias canções, não verdadeiramente de sua própria voz. Isso, ele precisaria desejar.

Sua cabeça latejava, porque para que lado ele deveria ir? Percebendo o castelo, ele seguiu sua altura, mantendo os olhos nas torres como alvos, como praticara sempre que aprendia sobre direção.

Quase lá. Ele estava quase lá, e então ele poderia encontrar seus aposentos.

Cabines de cura o cercavam. Garrafas de remédios e rascunhos, pergaminhos com resumos do corpo e até algumas... partes reais do corpo.

Nicu derrapou no chão, parando com a visão enjoada de uma bola em um balcão. Tinha ondulações e estava dentro de um caixão de vidro. O médico narrou à sua audiência, cortando a esfera, conversando sobre novos testes e crenças de que cada região poderia controlar diferentes emoções, ações, movimentos.





Ele falou sobre *razão* e *medo*, como eles podem existir como raízes. Ele disse que era apenas uma *teoria* até agora, mas que sem tolos para experimentar, os estudos seriam mais lentos do que nos *tempos anteriores*.

Experimentos em tolos. Nicu sabia, ouvira a verdade de Jeryn, mas nunca a ouvira da boca de outra pessoa. Vindo desse estranho pegajoso, as palavras tinham uma textura desonesta, suave, mas escorregadia como gelo.

Nicu se aproximou. Ele ouviu a palavra *cérebro*.

O curandeiro disse que o cérebro vivia dentro da cabeça e disse que o cérebro era onde os pensamentos viviam, onde a mente nascia.

Desejos também? E musicas? E tolice?

Nicu afastou os cabelos, sentindo a esfera do crânio sob a trança. Aquela coisa horrível foi o motivo pelo qual ele se perdeu?

— Ah, o filho real —, anunciou o médico, fazendo com que as pessoas se voltassem e considerassem Nicu. — Venha, venha. Não vai morder.

O curandeiro se vestia como Jeryn às vezes se vestia - com um casaco branco severo. Exceto que este homem não tinha uma coroa como Jeryn. E ele não parecia gentil.

Ele levantou o caixão e bateu na bola. — Veja lá? Não há necessidade de ser cauteloso. É um modelo. É feito de barro seco. Não tem nada lá dentro.

— Nem ele. — Um nobre murmurou.

Apenas um ou dois rostos não se juntaram à alegria. — Seus gracejos são estreitos —, disse Nicu, acalmando-os. — Eles são esbeltos e escassos, ocupando pouco espaço e pouca relevância. Se você quer que suas palavras sejam importantes, diga uma piada que não é tão antiga, diga uma verdade que não é tão desgastada. Se você quer que suas palavras sejam importantes, tente mais.



Nicu os deixou boquiabertos. Ele desejou que eles não rissem, desejou que ele pudesse ver e ouvir tudo, desejou não ter parado em primeiro lugar.

Escovando os pinheiros, ele inalou seus perfumes terrosos e madeireiros. E então ele esbarrou em um peito blindado, chocalhos de metal e pregos o empurrando enquanto ele tropeçava para trás. —Oh —, ele disse. — Oh, eu-

—Perdido? — Disse uma voz que movimentou sua memória.

Ele olhou para o cavaleiro. Uma capa azul deslizava ao redor dos ombros do homem, um brigandine encapsulava seu tronco e um curativo cobria seu nariz, não mais sangrento, mas ainda quebrado.

Lá estava o homem que abalara Nicu.

Aquele a quem Lyrik deu um soco depois.

Aquele chamado Sir Indigo.

—Meu senhor —, o cavaleiro cumprimentou como se estivesse esperando Nicu. —Seu tipo não deveria estar vagando sem um guarda-costas. Você causará uma cena e ficará vulnerável.

Nicu endireitou os ombros. —Estou bem.

O homem se inclinou para frente, uma careta em seu tom. —Se isso for verdade, é melhor você assistir aonde está indo. Você não gostaria que alguém pensasse que você é tolo.

Ele tinha o carrilhão enferrujado de um vilão. Um vilão grave.

Nicu conhecia as vozes o suficiente para saber disso, mas esse cavaleiro não sabia o verdadeiro motivo pelo qual Lyrik o havia atingido. O garoto de poções havia dito que não contou ao homem.

Ainda assim, Nicu sabia o que o soldado pensava dos simplórios. Ele conhecia esse tipo de olhar, esse tom de voz. Ele cresceu com isso, de pessoas que o consideravam antinatural.

O crânio de Nicu, o lugar onde o cérebro vivia, cresceu chifres. Ele ergueu os ombros. — Eu não sou um tolo.

Ele se retirou do soldado e, quando dobrou a esquina, mais perto do castelo, começou a correr. Ele correu para uma nova seção do mercado, onde os vendedores vendiam ninharias como mapas e patins.

Talvez eu seja um caçador de desejos. Vou caçar no inverno a estrela que concede os desejos e, quando a encontrar, desejarei minha voz de volta, minhas músicas de volta.

Nicu lembrou-se do Salão dos Filósofos, das palavras que ele dissera ali, da ideia de que ele ainda não havia tentado acompanhá-lo, com ou sem outros meninos. Ele entregou uma pilha de moedas e recolheu as coisas de que precisava, e depois fugiu da cidadela, do portão, da ponte levadiça, da cidade baixa.

Ele faria isso sozinho. Sem Lyrik, sem Noel.

A lenda não deu pistas sobre qual estrela poderia ser. Ele se concentrou no céu, além das nuvens, nas estrelas. Ele procurou por uma brilhante, a mais brilhante, porque talvez fosse a certa.

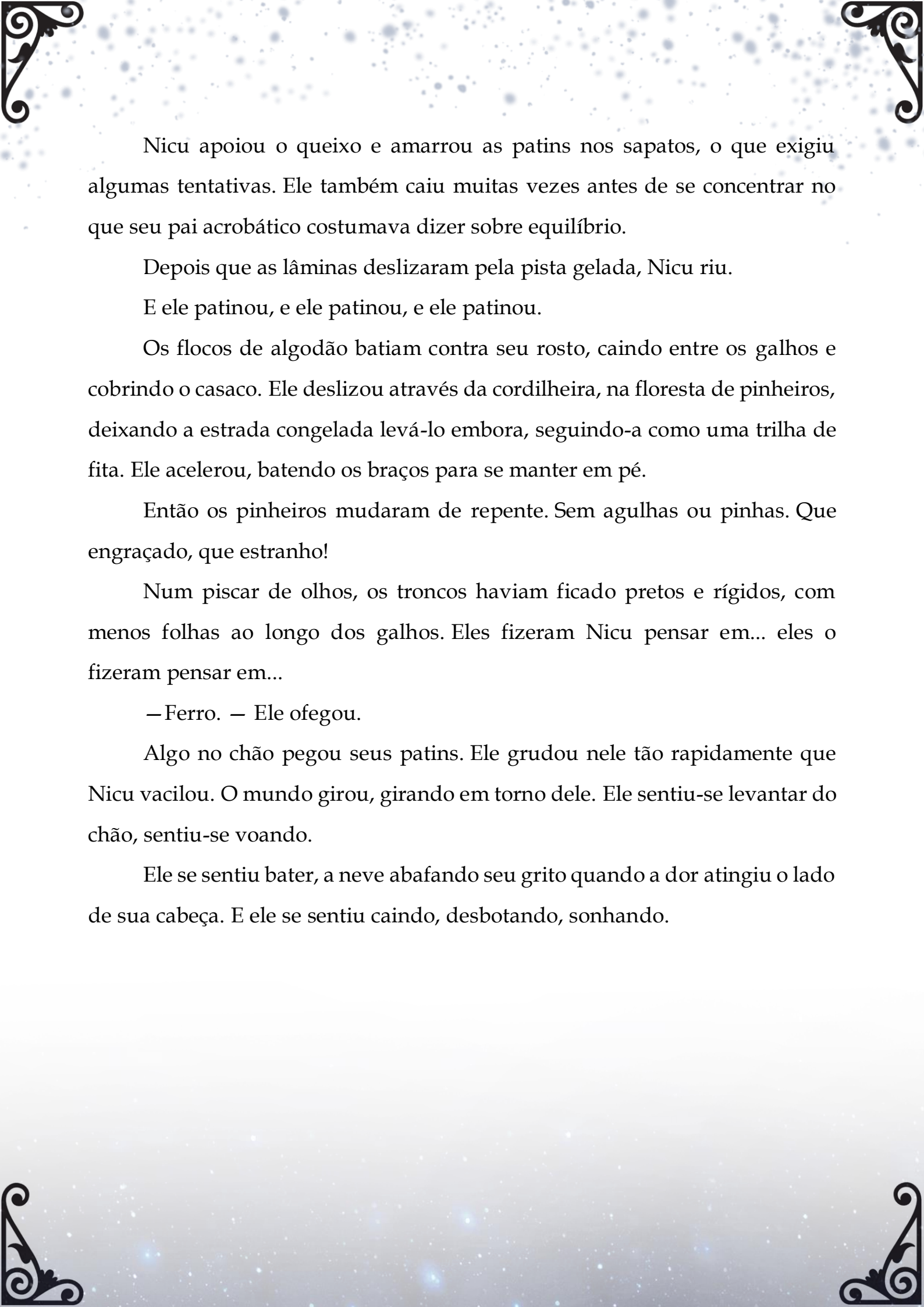
Mas todas elas queimavam o mesmo.

Talvez ele precisasse vê-las de algum lugar mais distante e natural, como uma floresta. Além da cidade baixa, ele viu a floresta de pinheiros.

Um fio começou no alto, espesso e rápido. Suas botas afundaram na neve, mordendo seus membros e dedos dos pés, mas ele não se importou. Ele cambaleou até reconhecer uma pista, a estrada congelada pela qual ele e Sussurro haviam corrido lado a lado.

A pista seguia para a floresta sempre-verde. A nevasca poderia segui-lo lá? A neve caía em todo lugar? As estrelas caíam em todos os lugares? Sempre?

Ele seria capaz de ver as estrelas mais claramente da floresta?



Nicu apoiou o queixo e amarrou as patins nos sapatos, o que exigiu algumas tentativas. Ele também caiu muitas vezes antes de se concentrar no que seu pai acrobático costumava dizer sobre equilíbrio.

Depois que as lâminas deslizaram pela pista gelada, Nicu riu.

E ele patinou, e ele patinou, e ele patinou.

Os flocos de algodão batiam contra seu rosto, caindo entre os galhos e cobrindo o casaco. Ele deslizou através da cordilheira, na floresta de pinheiros, deixando a estrada congelada levá-lo embora, seguindo-a como uma trilha de fita. Ele acelerou, batendo os braços para se manter em pé.

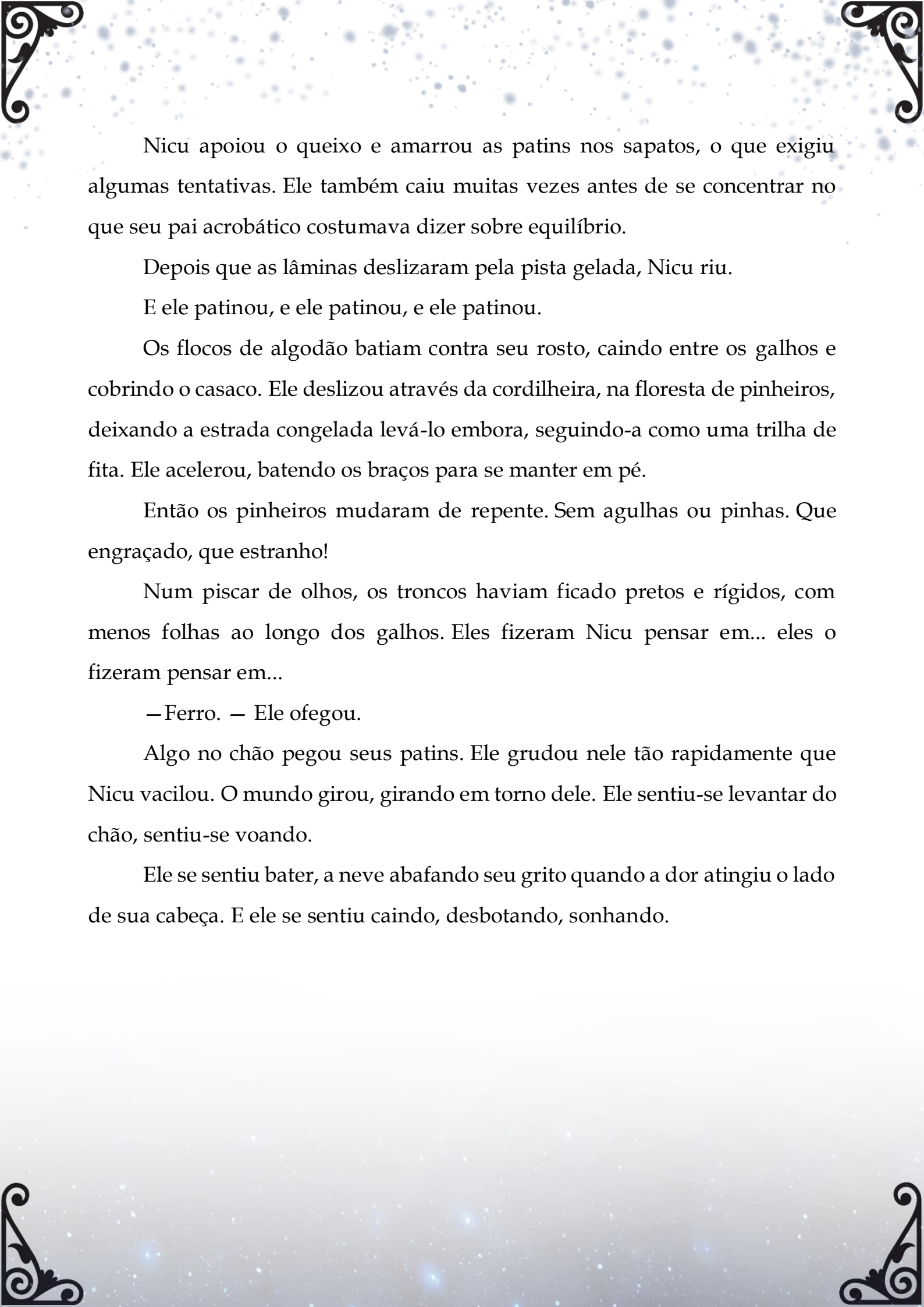
Então os pinheiros mudaram de repente. Sem agulhas ou pinhas. Que engraçado, que estranho!

Num piscar de olhos, os troncos haviam ficado pretos e rígidos, com menos folhas ao longo dos galhos. Eles fizeram Nicu pensar em... eles o fizeram pensar em...

—Ferro. — Ele ofegou.

Algo no chão pegou seus patins. Ele grudou nele tão rapidamente que Nicu vacilou. O mundo girou, girando em torno dele. Ele sentiu-se levantar do chão, sentiu-se voando.

Ele se sentiu bater, a neve abafando seu grito quando a dor atingiu o lado de sua cabeça. E ele se sentiu caindo, desbotando, sonhando.



CAPÍTULO DOZE

PATIFE

Raios do anoitecer vazavam das fendas ao redor da porta do quarto. Você pensaria que o pássaro cantava o sol ali, não privando exatamente o Inverno de sua única fonte de luz, mas gerando-o para este reino, uma vez que ninguém mais tinha esse poder.

Você pensaria que o sol o seguia em todo lugar que ele fosse.

Você também acharia que eu o coloquei em um pedestal.

Nicu não gostaria de ser enganado por um enigma. Ele torceu o nariz com isso.

O que me levou a imaginar aquele nariz empinado. O que me tirou dos trilhos.

Eu levantei minha mão, prestes a bater. Minhas juntas colidiram com outro conjunto, uma fileira de articulações pertencentes a outra mão. Um com unhas arqueadas.

O cortesão e eu nos separamos, nossos punhos se afastando simultaneamente.

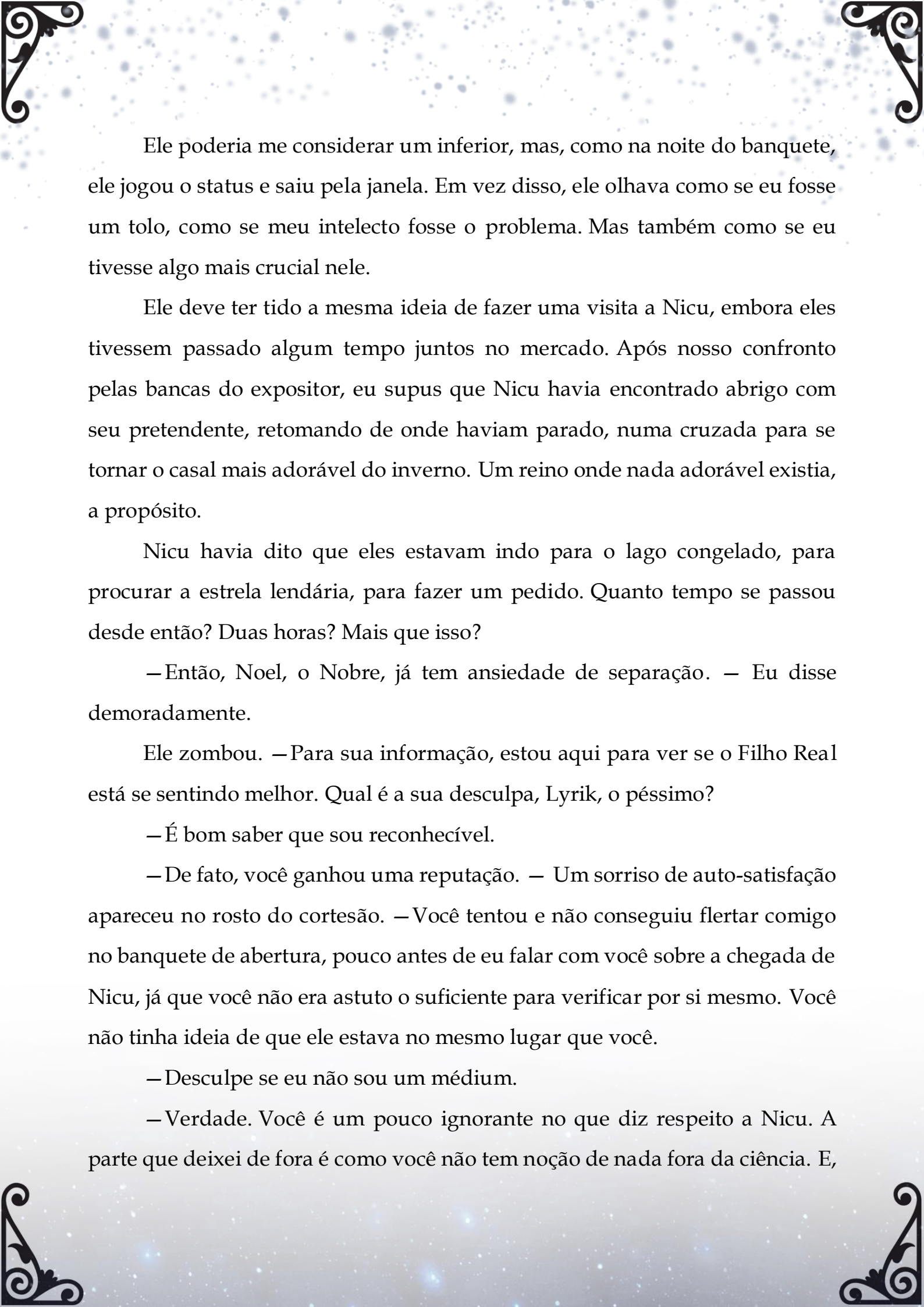
—Que porra você está fazendo aqui? — Eu perguntei.

Até o olhar furioso dele parecia caro. —Eu poderia dizer o mesmo.

Qual é o nome dele mesmo? Ah, certo. Noel.

Noel e Nicu. Quatro letras cada. Duas sílabas cada. Aliteração.

Caramba, não poderia ficar mais bonito.



Ele poderia me considerar um inferior, mas, como na noite do banquete, ele jogou o status e saiu pela janela. Em vez disso, ele olhava como se eu fosse um tolo, como se meu intelecto fosse o problema. Mas também como se eu tivesse algo mais crucial nele.

Ele deve ter tido a mesma ideia de fazer uma visita a Nicu, embora eles tivessem passado algum tempo juntos no mercado. Após nosso confronto pelas bancas do expositor, eu supus que Nicu havia encontrado abrigo com seu pretendente, retomando de onde haviam parado, numa cruzada para se tornar o casal mais adorável do inverno. Um reino onde nada adorável existia, a propósito.

Nicu havia dito que eles estavam indo para o lago congelado, para procurar a estrela lendária, para fazer um pedido. Quanto tempo se passou desde então? Duas horas? Mais que isso?

— Então, Noel, o Nobre, já tem ansiedade de separação. — Eu disse demoradamente.

Ele zombou. — Para sua informação, estou aqui para ver se o Filho Real está se sentindo melhor. Qual é a sua desculpa, Lyrik, o péssimo?

— É bom saber que sou reconhecível.

— De fato, você ganhou uma reputação. — Um sorriso de auto-satisfação apareceu no rosto do cortesão. — Você tentou e não conseguiu flertar comigo no banquete de abertura, pouco antes de eu falar com você sobre a chegada de Nicu, já que você não era astuto o suficiente para verificar por si mesmo. Você não tinha ideia de que ele estava no mesmo lugar que você.

— Desculpe se eu não sou um médium.

— Verdade. Você é um pouco ignorante no que diz respeito a Nicu. A parte que deixei de fora é como você não tem noção de nada fora da ciência. E,



no entanto, você está aqui - para rastejar, talvez? Ele parecia chateado quando fugiu. O que você disse para ofendê-lo, explorador?

— Meu negócio é meu negócio, astrônomo.

— Pelo que ouvi, ele não quer ser da sua conta.

Nicu estava falando de mim com ele? O que mais ele compartilhou com esse calouro?

Percebi a ausência de guardas do lado de fora da suíte de Nicu. Eles estariam aqui, se ele estivesse lá dentro.

Talvez ele tenha procurado Jeryn. Ou talvez não.

— Uma pena —, o cortesão expressou, mais para si mesmo do que eu. — Eu pensei que ele teria voltado agora. Talvez aquele cavaleiro o tenha escoltado para outro lugar.

Por alguma razão, eu me senti carrancuda. — Qual cavaleiro?

— Nicu saiu com tanta angústia que eu o segui e o testemunhei trocando palavras com um soldado ferido. Eu queria ter certeza de que Nicu se sairia bem, mas não à custa de me intrometer.

Ele acenou. Mas eu não fiz.

Não quando os pelos dos meus braços se levantaram. Não quando as palavras *feridas* e *soldado* saltaram para mim.

Lembrei-me do olhar desconfiado que senti antes, enquanto discutia com Nicu.

— Você ouviu a conversa deles? — Eu perguntei.

— Eu não sou uma toupeira —, Noel repreendeu. — Eu os vi juntos e depois saí, vendo que o Filho Real estava em boas mãos. — Seu rosto se tornou acusador. — Você tem coragem de questionar minhas ações. Afinal, o desânimo de Nicu é seu. Ele ficou bastante abalado depois de conversar com

você, caso contrário, ele não teria ido em primeiro lugar. Eu tenho uma mente para...

— Descreva o soldado.

— E isso importa, por quê?

— Não importa. Descreva-o.

— Qual é a natureza do seu relacionamento com o filho real?

Eu dei um passo à frente. Ele deu um passo para trás.

— Descreva a porra do soldado. — Eu disse.

Noel suspirou. — Alto, com cachos escuros e um nariz substancial. Eu acredito que ele estava com um curativo...

Eu passei por ele, meus sapatos de salto batendo na pedra enquanto o cortesão se arrastava atrás de mim, exigindo saber para onde eu estava indo. Não poderia culpá-lo. Uma vez ele me chamou de sem noção, o que implica que eu percebi os fatos tarde demais. De muitas maneiras, ele estava certo.

Mas ele não sabia o nome do cavaleiro. Ele não sabia que o mesmo cavaleiro tinha agredido Nicu no estrado da sempre verde, ou não havia feito a conexão. Ele não sabia que eu tinha quebrado o nariz. Ele não sabia que o cavaleiro tinha preconceitos - e ressentimentos.

Noel não conhecia o cavaleiro. Mas eu conhecia.

Deixei a ala onde residiam os imperiais, feliz por o astrônomo não ter corrido atrás de mim, pois ele só me atrasaria e me irritaria. Eu poderia estar exagerando. Eu poderia ser paranoico.

Eu acho que não. Algo não parecia certo, não se envolvesse Indigo. Além disso, eu cresci em uma colônia isolada na casa da árvore, onde estranhos e viajantes costumavam passar, nem todos com intenções de amigos. Eu aprendi a proteger os meus, meu território. Eu aprendi o que enfrenta desconfiar.



O próprio rei havia experimentado problemas com Indigo no passado. Claro, o cavaleiro o salvou de um assassino uma vez, mas Indigo também suspeitava que Jeryn mantinha um segredo sobre seu tempo na Ilha da Chuva Perdida - e com razão, porque Flare era esse segredo. Até hoje, Indigo ainda suspeitava que seu soberano escondia alguma coisa, mesmo que nunca tivesse dito tanto.

Jeryn sabia disso. Eu sabia disso.

Também sabíamos que o Indigo havia sido criado como a maioria das pessoas, com medo de tolos nascidos e, portanto, malévolos com eles. E apesar da nova doutrina da igualdade do Inverno.

Esse idiota eliminaria suas frustrações em Nicu? Ele iria tão longe?

Eu procurei por Jeryn, uma tarefa impossível, considerando o tamanho do castelo, a agitação de moradores e dignitários e a programação do rei. Eu verifiquei a sala do trono e seu laboratório, mas ele poderia estar em qualquer lugar.

Nicu também.

Eu verifiquei o Salão dos Filósofos, para o caso do pássaro cantar outra espiada. Chequei o salão de banquetes, embora a hora do jantar ainda não tivesse começado.

Infelizmente, isso não reduziu as coisas o suficiente. Perdi a noção do tempo pesquisando. Do lado de fora, a neve batia nas janelas em um ritmo constante, laçando as bordas, sugerindo que pioraria antes de melhorar.

Quanto mais eu andava pelos corredores e depois pelo mercado, mais meu sangue se mexia. Eu fui à enfermaria. Fui ao arsenal, onde uma cortina de cabelo loiro claro inspecionava um escudo entre os cacetes e cimitarras montados.

—Solstice. — Eu disse, alcançando-a quando ela se virou.



Seus traços andróginos me encaravam com severidade. — Oh amável. Minha vida está completa. O que você fez agora, Lyrik?

— Onde está o idiota?

— Eu duvido que Sir Indigo queira vê-lo —, ela cortou. — Você tem sorte que ele não tenha denunciado sua briga à Sua Majestade.

— Isso porque eu só quebrei o nariz dele, não o orgulho dele.

— Por agredir um membro da segurança do castelo, você deve estar sozinho -

— Onde. Está. Ele?

— *Ele está* bem aqui. — Indigo se materializou no batente da porta, seu focinho coagulado com um curativo.

Entrei no rosto do troll, meus dedos coçando a adaga no coldre. — O que você fez com ele?

— Você pode querer elaborar, Irritante. Não faço ideia de quem você está falando.

— Sim? Deve ser duro com o nariz assim, incapaz de sentir o cheiro da sua própria merda.

Sua pele se enrolou como um pano molhado enquanto ele rosnava: — Eu devo arrancar sua cabeça.

— Eu não vou perguntar novamente.

— Temperamento, temperamento. Você está se referindo ao Real com quem teve uma conversa íntima no mercado?

Isso explicava meu palpite de que alguém estava assistindo Nicu e eu colidirmos.

Solstice franziu as sobrancelhas. Por ter visto Indigo desprezar a primeira canção de Nicu, ela poderia ter deduzido minha motivação por bater

no homem. Qualquer que seja a conclusão que ela tirou de lá, eu não dei a mínima.

— Parece que você trocou palavras com ele também. — Voltei.

— Talvez eu tenha. Por quê? — Indigo consultado. — Eu perturbei o idiota simplório-

Ele grunhiu quando suas costas blindadas atingiram a parede, meu corpo esmagado contra seu peitoral. Solstice agarrou meus ombros e me puxou de volta enquanto o idiota se limpava, como se eu o tivesse manchado. — Você acha que me conhece? — ele vomitou. — Eu não sou violador. Eu não mato pessoas inocentes. Eu sou a vítima! Todos nós somos! — Ele apontou para mim com um dedo trêmulo, seu dedo brilhando. — E você apoia os culpados. Você apoia os tolos que nos fazem sofrer.

— Isso é novo. Como você é uma vítima?

Indigo deu um tapa no ar, desconsiderando minha pergunta e seu discurso retórico, como se eu não entendesse. Porque sim, eu não entenderia.

— O tolo bateu em retirada, — ele terminou. — Para onde ele foi está além de mim, talvez além de si mesmo. Quando você o localizar, aperte a trela. Você não sabe de que tipo é capaz, intencional ou não. — Então ele torceu e trovejou para fora do arsenal, suas palavras deixando uma carga estática para trás.

Solstice me soltou enquanto dizia: — Peguei Sir Indigo no mercado nem um momento depois que o Filho Real saiu do seu lado. Eu os vi trocarem palavras, mas Indigo está comigo desde então. O que você suspeitar, ele não é a causa.

— Vá em frente —, eu ousei. — Me dê uma razão para lhe dar uma folga.

— Sim, ele abomina tolos. Mas há uma razão.

— Oh, isso, eu tenho que ouvir. Coloque em mim.



— Não tenho liberdade para divulgar essas informações. Basta dizer que Indigo jurou lealdade ao rei. Para esse fim, tenho certeza de que o Filho Real é considerado. Você não deveria se preocupar.

Na verdade eu deveria. E eu estava certo.

Porque dez minutos depois, encontrei o guarda-costas inútil de Nicu farejando os corredores para ele. O cabeça-dura não conseguiu localizar sua ala desde que Nicu se aventurou no mercado com Noel.

Pouco tempo depois, Jeryn ficou sabendo da situação e começou sua própria busca.

Eu verifiquei minha sala de poções, com a chance de Nicu ter ido para lá. Na câmara, peguei um conjunto de frascos no meu armário, apenas no caso de precisar de apoio - porque, nessa época, minha intuição me levava a um lugar escuro.

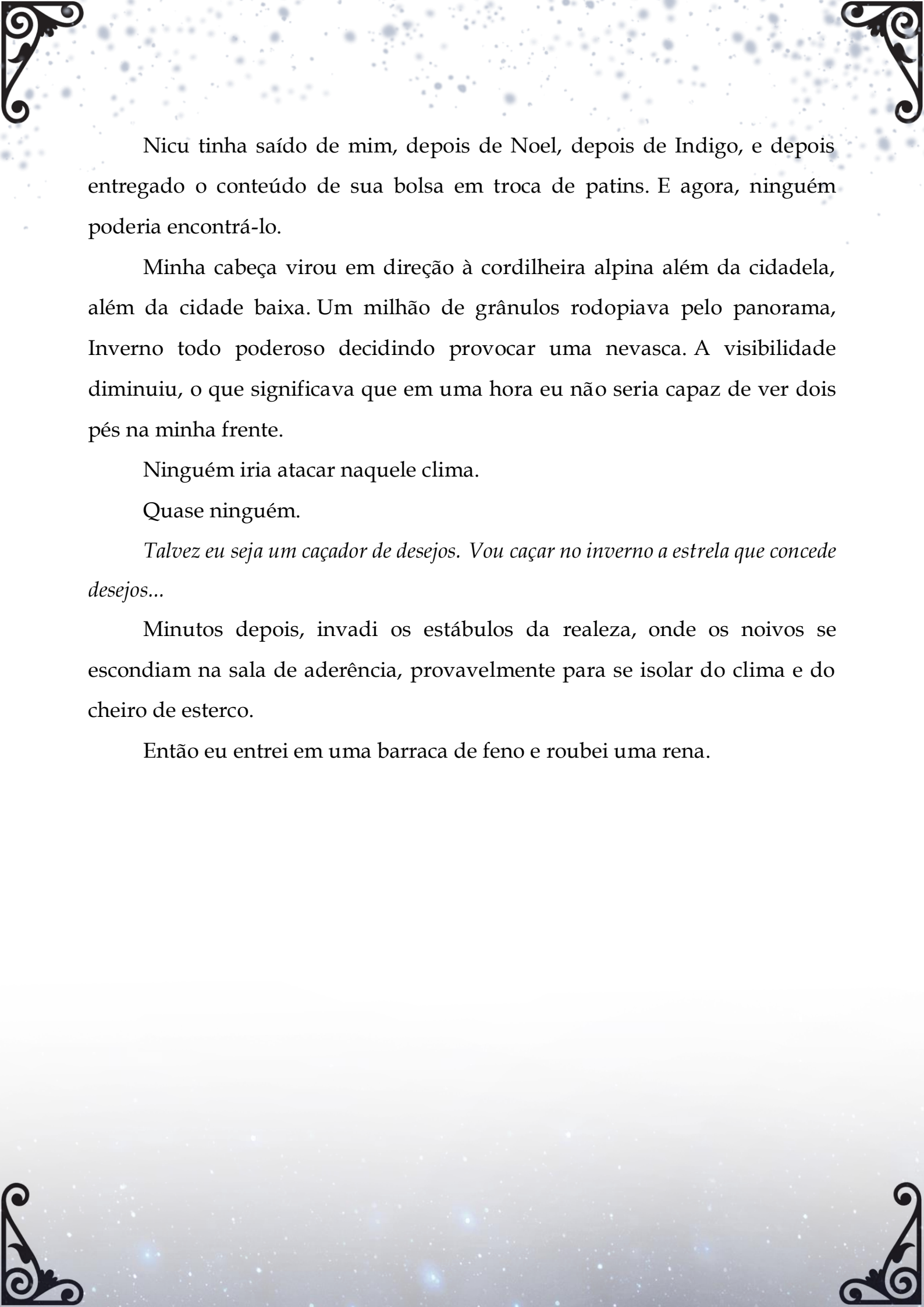
Eu saí do castelo. Lá fora, a queda de neve começou a atingir os quadriláteros, caindo do céu com uma velocidade que causou um aumento no meu pulso. Nesse ritmo, estava cortando o mercado, alguns exemplos fechando e protegendo seus displays.

Antes que fosse tarde demais, perguntei pelas cabines, perto de onde Nicu havia sido visto pela última vez. — De fato, ele estava aqui —, disse um dos vendedores enquanto pesava moedas em uma balança, o monte de fichas tremendo, envernizado em um brilho frustrado. — Lâminas de patins compradas de mim.

Foi quando meu coração realmente começou a martelar.

Então, Indigo poderia não ter prejudicado diretamente o pássaro, mas ele deve ter dito algo a ele. E antes disso, eu disse algo para ele. Eu disse muitas coisas.





Nicu tinha saído de mim, depois de Noel, depois de Indigo, e depois entregado o conteúdo de sua bolsa em troca de patins. E agora, ninguém poderia encontrá-lo.

Minha cabeça virou em direção à cordilheira alpina além da cidadela, além da cidade baixa. Um milhão de grânulos rodopiava pelo panorama, Inverno todo poderoso decidindo provocar uma nevasca. A visibilidade diminuiu, o que significava que em uma hora eu não seria capaz de ver dois pés na minha frente.

Ninguém iria atacar naquele clima.

Quase ninguém.

Talvez eu seja um caçador de desejos. Vou caçar no inverno a estrela que concede desejos...

Minutos depois, invadi os estábulos da realza, onde os noivos se escondiam na sala de aderência, provavelmente para se isolar do clima e do cheiro de esterco.

Então eu entrei em uma barraca de feno e roubei uma rena.



CAPÍTULO TREZE

PASSARO CANORO

Ele patinou através dos flocos de neve.

Ele patinou através de flocos de neve, neve e luz das estrelas.

Ele flutuava no crepúsculo, passando geada e filme. O mundo piscou para ele, o chão coberto de branco, como um milhão de joias pulverizadas. Era pulverulento, inestimável e precioso.

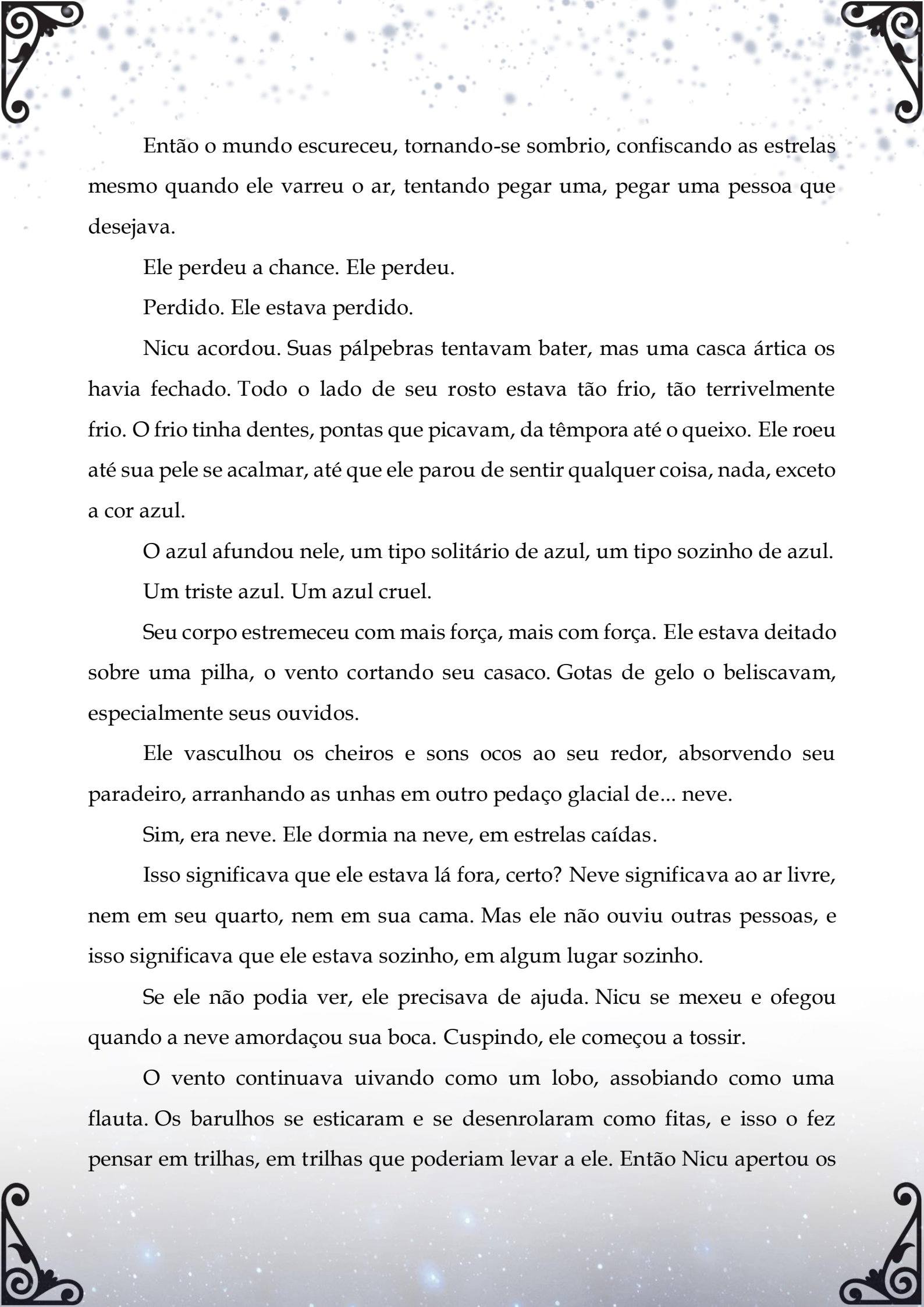
O céu sonhava, derramando fiapos sobre sua cabeça, derramando palavras sobre sua cabeça, onde elas derretiam em seus cabelos, naquele lugar chamado cérebro.

Lembrou-se de canções de quando era criança, canções sobre nuvens e estrelas e desejos, músicas sobre pétalas, areia, nozes, neve. Ele lembrou canções sobre prazer e solidão. Canções sobre amor vieram à mente, e tristeza e liberdade.

Lembrou-se de cantar sobre corações partidos.

A noite pingava prata e púrpura nele. Ele queria abraçar as estrelas, apertar a mão do Inverno e perseguir as árvores. Ele queria caçar um desejo.

Então foi o que ele fez. Ele vagou pelas luzes brilhantes e pegou estrelas. Ele patinou no gelo fino, uma pista congelada que girava em torno de sempre-vivas, e ele evitou uma rachadura na superfície, sabendo que ela quebraria sob seus pés.



Então o mundo escureceu, tornando-se sombrio, confiscando as estrelas mesmo quando ele varreu o ar, tentando pegar uma, pegar uma pessoa que desejava.

Ele perdeu a chance. Ele perdeu.

Perdido. Ele estava perdido.

Nicu acordou. Suas pálpebras tentavam bater, mas uma casca ártica os havia fechado. Todo o lado de seu rosto estava tão frio, tão terrivelmente frio. O frio tinha dentes, pontas que picavam, da têmpora até o queixo. Ele roeu até sua pele se acalmar, até que ele parou de sentir qualquer coisa, nada, exceto a cor azul.

O azul afundou nele, um tipo solitário de azul, um tipo sozinho de azul.

Um triste azul. Um azul cruel.

Seu corpo estremeceu com mais força, mais com força. Ele estava deitado sobre uma pilha, o vento cortando seu casaco. Gotas de gelo o beliscavam, especialmente seus ouvidos.

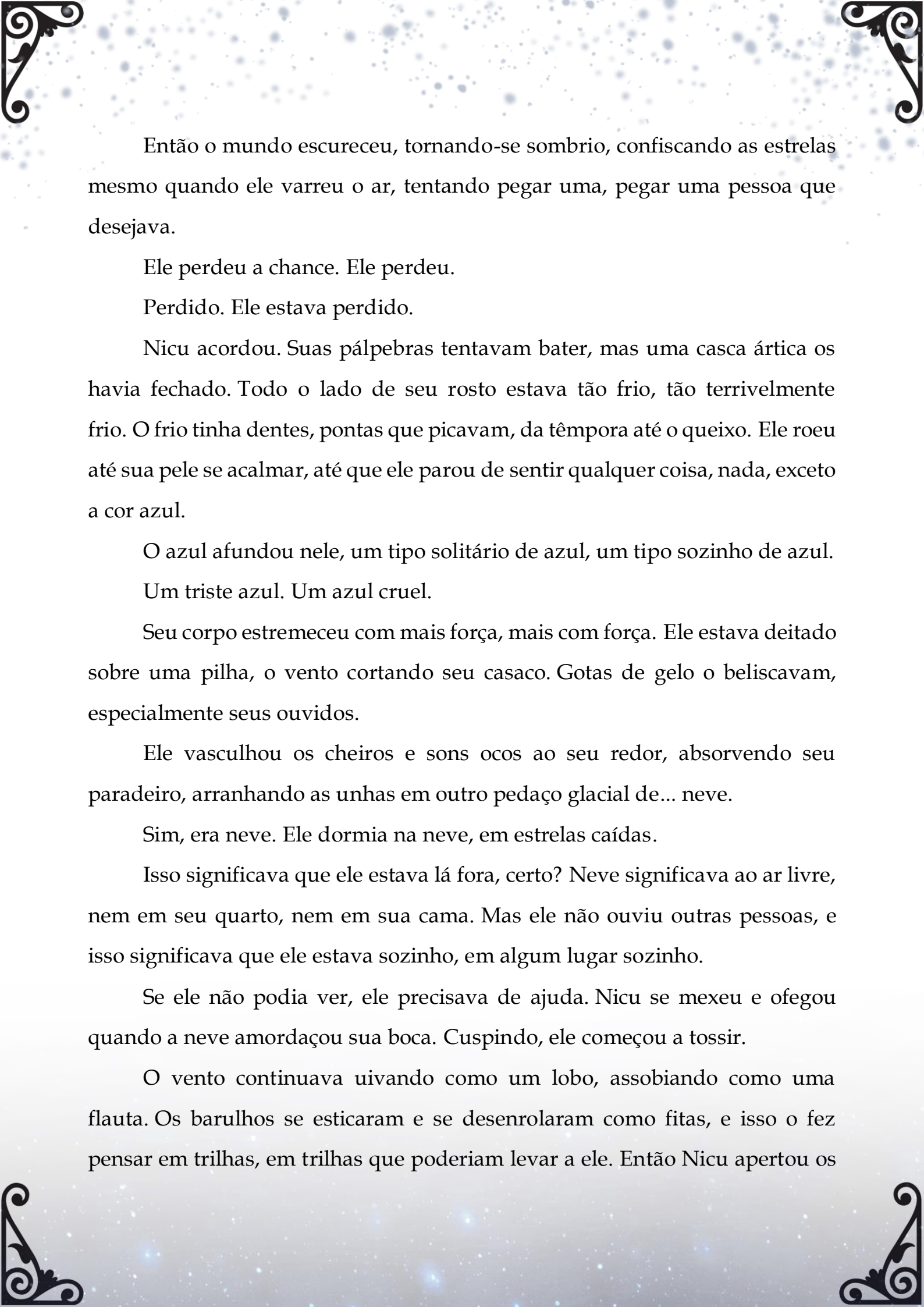
Ele vasculhou os cheiros e sons ocos ao seu redor, absorvendo seu paradeiro, arranhando as unhas em outro pedaço glacial de... neve.

Sim, era neve. Ele dormia na neve, em estrelas caídas.

Isso significava que ele estava lá fora, certo? Neve significava ao ar livre, nem em seu quarto, nem em sua cama. Mas ele não ouviu outras pessoas, e isso significava que ele estava sozinho, em algum lugar sozinho.

Se ele não podia ver, ele precisava de ajuda. Nicu se mexeu e ofegou quando a neve amordaçou sua boca. Cuspindo, ele começou a tossir.

O vento continuava uivando como um lobo, assobiando como uma flauta. Os barulhos se esticaram e se desenrolaram como fitas, e isso o fez pensar em trilhas, em trilhas que poderiam levar a ele. Então Nicu apertou os





lábios para imitar os sons. Eles saíram como chiados, que desapareceram em um único sussurro, o que o fez pensar em Sussurro.

... ouça-me cantarolar, e você saberá onde estou.

Ele respirou até que seus cabos se abriram, até que relaxaram. E então ele cantarolou, e cantarolou, e cantarolou. E então ele ouviu um ruído delicado, algo caindo na neve, pequenas trincas em seus ouvidos. E então ele sentiu algo contra sua mandíbula, um par de narinas jorrando calor. E então esfregou seu pescoço, o pelo fazendo cócegas nele.

— Sussurro. — Ele sussurrou.

Uma língua molhada passou por suas pálpebras, derretendo a geada em seus cílios. Nicu abriu os olhos e um par de bolas de gude negras olhou para ele. O jovem cervo cutucou seu ombro, tomando cuidado para manter a coroa de chifres longe dele. Ela fez isso repetidamente, querendo que ele se levantasse, pedindo que ele se levantasse, mas ele continuou tremendo.

Sussurro olhou em volta. Então ela se estabeleceu ao lado dele, o calor de seu corpo se acumulando no dele, cessando os calafrios.

Lentamente, Nicu levantou a cabeça e ficou boquiaberto. Ele estava deitado em uma floresta com troncos pretos e galhos rígidos. Granizo açoitava, mas os galhos não se mexiam, apenas as folhas.

Sussurro começou a cutucá-lo novamente, como o furão de sua família sempre que ansioso por alguma coisa. A corça recuou quando Nicu se arrastou para cima. Um conjunto de lâminas estava preso aos sapatos, e ele se lembrou de comprá-los e colocá-los. Lembrou-se de ter deslizado por uma pista congelada, depois lançado no ar e depois colidido com a terra.

Ele soltou as lâminas de suas solas. Então ele se levantou do chão, balançando para ficar de pé, suas botas deslizando na marca lamacenta que seu corpo havia feito.





Ele girou, com a boca aberta. Os galhos finos e tortos apontavam para todos os lugares e para lugar nenhum, a casca era de uma cor preta brilhante que lembrava espinhos.

Não há fitas aqui. Não havia caminhos que ele pudesse ver.

Tudo o deixou tonto. A queda de neve cortou o caminho.

Sussurro pegou Nicu quando ele se inclinou em direção ao chão, as costas dela quebrando sua queda. Ele a agarrou, sentiu sua coluna tensa enquanto o chão da floresta tremia. Ela não ouvia nada se aproximar, mas sentia isso, assim como Nicu.

Algo estava lá fora, se aproximando.

O tremor ficou mais rápido, maior, sacudindo as pernas de Nicu. Ele agarrou Sussurro enquanto ela se curvava, querendo que ele subisse nela. Ele tinha acabado de levantar uma das pernas para montar quando uma sombra magnífica se derramou sobre eles por trás.

Sussurro tremeu, sempre o cervo gentil. As rajadas sacudiram as roupas de Nicu e sua pele, fazendo as duas cerdas. No entanto, não se comparava às cerdas no meio deles.

Nicu parou, sentindo uma grande presença, ouvindo cascos socando a neve, ouvindo o grunhido mais alto que já ouvira de uma criatura. Ele virou. Ao fazê-lo, ele tirou os cabelos do rosto, para ver melhor através da tempestade. Porque era isso que era, uma tempestade de neve.

E aquela criatura, pairando diante dele, era um alce.

A fera se elevava acima deles, com o rosto empírico longo olhando para baixo. As taças de seus chifres curvavam-se, as palmas das mãos afundando, os remos prontos para aniquilar. Nicu lembrou-se do que Lyrik havia dito no jardim de gelo, sobre os animais de escultura ali.

Alce da Floresta de Ferro. O guardião deste lugar selvagem.





Era isso que o animal requintado era. É onde Nicu estava. Foi onde ele invadiu o território do guardião.

A névoa soprou do focinho do alce. Nicu encontrou os olhos da criatura, impressionado e agradado pela visão. Sua atenção pareceu trazer o guardião baixo, pensativo, mas penetrante quando o encarou.

O que viu em Nicu?

Ao lado dele, Sussurro recuou, abaixando o pescoço em respeito, já que este não era o seu terreno. Mas os dedos de Nicu coçavam para tocar esse grande animal, para saber se essa obra-prima entre obras-primas tinha desejos próprios, ou se poderia ajudá-lo a caçar os seus.

Seus lábios se separaram, prestes a cantarolar. A fera esperou, dando-lhe uma chance quando uma melodia deslizou por sua garganta.

Um grito furioso e de boca suja o interrompeu. — Afaste-se dele!

E isso destruiu tudo.

O alce resmungou em indignação e bateu na direção de Nicu.



CAPÍTULO QUATORZE

PATIFE

O imbecil atacou, não me dando tempo de mexer no meu casaco, nem de procurar nos frascos de vidro presos a mim. O animal se moveu rápido, rápido demais.

A força ricocheteou na floresta, deixando minha carona em pânico. As renas empinaram, jogando-me da sela. Meu lado bateu no chão, uma pulsação maçante estourando através de mim e lama entupindo minha boca quando as renas saíram, abrindo um rápido recuo para a floresta de pinheiros.

Eu cambaleei na vertical para ver o vendaval atingindo o cabelo e o casaco de Nicu. Um par de patins estava descartado na neve, e ele ficou ao lado daquela companheira. Em pano de fundo pelo alce, os dois pareciam encolhidos, indefesos... e imóveis.

Por que as estações Nicu não se mexeu?

O chão palpitava em conjunto com a marcha da fera. Mas Nicu parecia estar ouvindo, concentrando-se no som.

Muitas coisas aconteceram rapidamente. De muitas léguas de distância, minhas botas atravessavam os bancos para tentar alcançá-lo. Rasguei meu casaco e agarrei os frascos amarrados na diagonal sobre o meu tronco, me atrapalhando para fazer a escolha certa, algo que restringiria ou repeliria o alce.

Quatro pernas atravessavam a nevasca como aríetes, cascos pulverizando a neve, espalhando branco por toda parte. O guardião dirigiu-se



para Nicu... dirigiu-se para ele... então desviou ao redor dele, passando por ele completamente.

E então ele tocou em minha direção. Sim, lembrava-me bem.

Deixando Nicu e o cervo para trás, o alce saltou pela floresta, atingindo meu caminho. A terra convulsionou quando o chifre direito do animal girou, apontando para o meu crânio. Eu pulei no chão, esquivando-me da força, ouvindo um barulho estridente que sentia minha falta.

Subindo na vertical, pulei novamente, evitando o chifre esquerdo, que voou em direção ao meu estômago. Eu não sabia dizer se meus reflexos haviam ajudado, ou se eu tinha sido estúpido por sorte, ou ambos.

Os galhos distorcidos de ferro davam um efeito estonteante - ou era a tempestade. De qualquer maneira, meu equilíbrio foi à loucura. Eu tropecei ao redor do alce, fugindo de cada uma de suas tentativas de me estripar.

Ele balançou novamente, um chifre me pegando no ombro, o impacto me empurrando dos meus pés. Eu atirei do chão e bati em uma coluna de árvore, meus ossos uivando, quebradiços por um impulso sólido de dor. Alguns centímetros para o lado, e um galho teria espetado meu peitoral, exatamente onde eu carregava uma cicatriz antiga.

Deslizei para a terra como geleia. Eu balancei minha cabeça, abri minhas pálpebras, ciente de que eu poderia ser o jantar de algum guardião da floresta hoje à noite.

Enquanto recuperava meus pés, agarrei meu torso, meus dedos procurando o frasco correto, meus movimentos irregulares. As rajadas giraram. O alce bateu mais perto, abaixando a cabeça, pronto para bater aqueles chifres na árvore e me enjaular.





Um peso voou, me tirando do caminho. Nicu e eu caímos no chão e rolamos como um tubo pela neve. Ele caiu em cima, um par de olhos esmeralda arrancando os meus através da névoa, com filamentos nos cílios.

Como ele conseguiu isso? Como ele navegou através da nevasca e soube onde me encontrar? Como contornar o alce?

Eu me sentia idiota. Eu sempre acusava as pessoas de não darem crédito suficiente a Nicu quando se tratava de sua condição. Eu deveria ter colocado na minha testa uma placa que dizia *Hipócrita*, a panela chamando a chaleira de preta.

Nicu olhou furioso para mim. Você pensaria que ele e o alce estavam tendo um momento antes de eu chegar. Que eu tinha invadido.

O alce fez um som ameaçador. Nicu se levantou e me bloqueou da criatura. Vi coragem nos ombros dele, nos braços dele enquanto ele estendia as mãos, um gesto apaziguador para afastar o guardião.

Com súplica atrasada, Nicu afundou cuidadosamente em um joelho, como um camponês para um governante. O casaco dele se encolheu na neve. Atrás do alce, o ajudante de Nicu fez o mesmo, esticando o pescoço para o chão da floresta.

A visão me hipnotizou, este Real que todos chamavam de simplório, tentando fazer as pazes com um ser majestoso, que o superava em mil. Eu não conseguia desviar o olhar, mesmo que eu quisesse.

O alce deu um passo para trás como se estivesse permitindo que Nicu se levantasse. Quando o pássaro se levantou, ele avançou, levantando a mão e colocando-a em uma curva de chifre. E ele começou a cantarolar. Com todo esse vento e assobios, eu não deveria ter sido capaz de ouvi-lo, mas ouvi.





Nicu brincou que ele poderia ir caçar no inverno. Ele estava querendo encontrar aquela estrela, desejar sua voz de volta, suas canções, sua inspiração. Tinha que ser por isso que ele veio aqui.

Meus pulmões cederam, uma longa expiração saindo de mim. Tarde demais, percebi que algo mais havia saído de mim também.

Os recursos do alce foram comprimidos. Porque uma das minhas cápsulas de poção havia rachado, o vidro quebrando e liberando um vapor, um que secava tudo o que entrava em contato. Acabou que o ferro permaneceu imperioso, mas a fumaça sufocou as folhas da vida, fazendo-as murchar instantaneamente.

Névoa sobre uma única árvore, a dosagem não era suficiente para afetar o resto da floresta. Mas isso não importava.

Os parentes dos alces viviam em outros setores dessa floresta e, na maioria das vezes, eram animais mansos. Mas definitivamente não quando o território privado de um guardião era invadido, ameaçado ou desrespeitado.

Com um gemido de ofensa, a criatura atacou novamente. No meio da nevasca, ouvi Nicu suspirar exasperado. Ele se afastou do alce, que bateu em seus chifres em um frenesi.

Eu balancei meus braços, lutando para tirar minha bunda do chão, meu lado estremecendo.

Ouvi outra coisa através da deriva. A flauta da voz de Nicu enquanto ele murmurava: —Sussurro.

Sua companheiroa seguiu em frente ao alce, voando sobre pernas de pau em busca de membros, passando por sua contraparte. O cervo não parava, não precisava. Enquanto passava pela minha visão, Nicu agarrou seu pelo e se levantou de costas.





Eu fiquei boquiaberto quando o par correu ao redor do alce, abaixando seu caminho. Ele torceu para um lado e para o outro, ficando para trás e perdendo a perseguição por causa de seu tamanho. Enquanto o alce era maior, o diminuto cervo se movia mais leve, portanto, mais rápido. O alce magro se encaixava em fendas entre as árvores que o guardião não podia, a estrutura vertiginosa da floresta não atrapalhava o ajudante.

O alce não queria Nicu ou o cervo. Me queria. Melhor palpite, ele queria esmagar meu couro cabeludo e as poções que eu carregava, mas a dupla continuava atrapalhando o caminho, distraindo o guardião enquanto eu agarrava uma sebe, me puxando para cima. O lado do meu corpo doeu com o golpe anterior do alce, me exaurindo de resistência.

O guardião tentou afastar Nicu e sua amiga do caminho. Eles se viraram, circulando as patas traseiras do alce, fazendo-o tremer.

Nicu colocou algo no ouvido do cervo. Nas molas de suas pernas, surgiu em minha direção sem nenhum sinal de pausa. Meu olhar encontrou seu cavaleiro, percebendo o que ele pretendia enquanto se inclinava.

Ele tinha que estar brincando,

Quando eles me alcançaram, Nicu pegou um punhado do meu cachecol e puxou. Eu me ergui em suas mãos. Ele rosnou - nunca o pensei como capaz de emitir esse som - enquanto lutava para me puxar para o cervo com um braço.

Fiz o que pude, subindo no animal. Eu só tinha me jogado de costas quando eles aumentaram a velocidade, quase me jogando de novo.

— Santa mer- — Eu chamei.

— Aguenta! — Nicu cantou.

Sua voz era flutuante. Ele estava... ele estava rindo?





O cervo disparou, correndo em volta das árvores enquanto o alce corria para trás. Eu pairava sobre o lado da montaria como um saco de grãos, meus braços e pernas caindo, minha bunda levantada no ar. Não era a minha hora de mais orgulho.

Minha cabeça tremeu, girando para a esquerda e para a direita enquanto corríamos pelas árvores de ferro. O alce arrasou, ganhando em nós.

Os frascos amarradas a mim barulhavam. No inverno, recipientes de vidro caros haviam sido forjados para suportar o impacto de uma surra. Por exemplo, o colar do frasco em volta do pescoço de Jeryn.

Minha coleção? A maioria era composta por esse vidro, mas nem todos resistiam a momento e pressão. Outro recipiente no meu cinturão se despedaçou, liberando um perfume que trava nas superfícies e permanece permanente por semanas. Inofensivo em geral, mas ofensivo à natureza. Para o alce.

Manobrei o melhor que pude para manter intacto o resto dos meus frascos, para que o conteúdo não vandalize toda a floresta. Pelo menos minhas roupas de couro e camurça impediam que os fragmentos cortassem meu peito.

Além disso, tive uma ideia. Lutando, localizei o frasco certo e estalei a cortiça com os dentes. Cuspindo, levantei meu braço e joguei a coisa, jogando-a no caminho do guardião.

O recipiente desapareceu na nevasca. Eu me virei para assistir, meus cabelos chicoteando no meu rosto, ondas circulando em torno de tudo. Eu ouvi o conteúdo detonar com o impacto. O gás explodiu de onde o frasco havia pousado, a névoa jorrando do frasco e inundando a atmosfera.

O alce bateu com força, seus chifres se debatendo quando uma parede de vapor subiu atrás de nós, bloqueando a visão da criatura mais do que qualquer



tempestade de neve poderia ter. Não prejudicaria o animal, basta fornecer um escudo para confundi-lo.

Aproveitamos a oportunidade e corremos adiante, os passos do alce ficando mais leves. As árvores diminuíram, sinalizando a fronteira da floresta de pinheiros nas proximidades. Nós zumbimos através da linha de árvores, arbustos sempre verdes e arbustos substituindo os troncos de ferro.

Temporadas. Eu caí em cima do cervo.

Galopamos por mais algum tempo, até que perdi a paciência. — Nicu. Nada.

— Ei. Nicu.

— Pelo amor de Deus, Nicu!

Ele olhou por cima do ombro. — Opa. Você está desconfortável?

Cara sábio. — Algo parecido. Satisfeito?

— Não.

Eu sabia o que ele queria. Eu estava planejando salvá-lo, mas eu precisava que minha bunda fosse resgatada.

— Obrigado. — Eu disse.

— De nada. — Ele disse.

Com isso fora do caminho, Nicu sussurrou para o cervo, e o jovem se transformou em galope. Nicu olhou à frente, sem se importar em me ajudar a sentar. Eu consegui, xingando e mexendo até recuperar meu respeito próprio, finalmente sentado.

Eu verifiquei meus restos de vidro calvo e raspando do meu tronco. Em vez de segurá-lo, apertei minhas coxas com as palmas das mãos.

Para alguém tão esbelto quanto Nicu, ele colocaria sua espinha dorsal para me salvar. O estresse deve ter bombeado seus músculos escassos com determinação, reforçando sua força.

Lembrei-me daquela época no outono em que ele me deu um soco, me desequilibrando. Quando esse garoto se concentrava, reunia-se com vigor e se superava.

De qualquer forma. Eu tinha perguntas para ele. Ele provavelmente não tinha nenhuma para mim.

Mas falar teria que ser adiado. Nós cuidamos do alce, e agora tínhamos uma tempestade para lidar. E não fazia ideia de onde exatamente chegamos às florestas de pinheiros. E, portanto, nenhuma ideia real de como voltar ao castelo.

Eu teria comentado isso, mas Nicu tinha outros planos. — Sussurro. — Ele murmurou para o cervo, apesar da turbulência ao nosso redor. Por que ele continuou fazendo isso?

— Sussurro —, ele repetiu. — Perdidos. Precisamos de abrigo.

— Você está falando sério? — Eu liguei para a tempestade. — Estamos no limbo-

— Lyrik —, Nicu retrucou. — Cale a boca.

Pooooorra. Eu calei a boca.

O cervo virou a cabeça, como se o reconhecesse afirmativamente. Eu tinha que estar vendo coisas. Esta criatura não poderia ter entendido o pedido.

Pensando bem, Nicu e eu tínhamos uma amiga em comum com um pica-pau chamado Punk, um pássaro justo que entendia humanos. Ou parecia.

A forma de comunicação de Sussurro fez Nicu concordar. — Boa. Nos leve até lá.

— Nos levar para onde? — Eu exigi quando o animal se moveu através da neve, fixado em um destino.

— Eu não sei. — Um sorriso encheu a voz de Nicu. — Mas ela sabe.

CAPÍTULO QUINZE

PASSARO CANORO

A tempestade de neve atacava.

A tempestade de neve chicoteava, e se debatia e corria pelo rosto dele.

Os vendavais fizeram uma reverência para as árvores e acariciavam as folhas da agulha e faziam cócegas nas pinhas. Isso fez os dentes de Nicu tilintarem. Ele não sabia onde eles estavam, mas isso era normal para ele, e ele gostava de não ser a única pessoa perdida para variar.

De fato, apenas sua companheira sabia o caminho. Sussurro arrastou-se entre as rajadas enquanto a terra ficava sempre nevada, sempre selvagem. Eles poderiam estar no lugar, por tudo o que ele podia dizer. Eles jogavam ervas daninhas para sempre, mas não pareciam ir a lugar algum.

Ele tinha que confiar em Sussurro. Ele tinha que ignorar Lyrik.

O garoto de poções cheirava a couro e líquidos, e suas coxas pressionavam as costas dos membros de Nicu, o contato fazendo sua pele borbulhar. Poderia ser o frio, mas não era. Nicu sabia disso, porque também sentia uma sensação abrasadora abaixo da cintura, em um lugar que o envergonhava, um lugar com o qual se familiarizara há muito tempo.

Suas roupas esfregaram juntas. Suas mãos tremeram juntas.

Muito o irritava, como a respiração do explorador contra a lateral do pescoço de Nicu. Ele se afastou e imediatamente sentiu falta de Lyrik, o que o deixou perplexo. Por que os desejos sempre vêm com desejos?

Muito do seu corpo acordou, mas muito do seu corpo dormiu. Seus pulsos zumbiam, mas ele não conseguia mais sentir seus dedos.

Embora o vento zunisse uma melodia, parecia quieto. Nicu mordeu a língua, mas era uma tarefa com os dentes batendo e o desejo de gritar com Lyrik. Ele tentou silenciar esse desejo - manter isso em segredo.

Mas então Lyrik falou. — Vá em frente e diga.

— Seu idiota. — Nicu falou.

— E aqui vamos nós.

— Seu patife!

— Continue —, ele demorou. — Eu sei que você quer.

— Saia do Sussurro.

— O que?

Nicu deu um tapinha em sua amiga e, quando ela parou, ele se virou. — E-E-ela está cansada, e você é uma pedra, e o vento está ansioso. E-E-ela precisa de um interlúdio.

— Ela pode estar cansada, e eu posso estar pesado, e o vento pode estar tempestuoso. Mas não podemos parar por aqui. Pense, congelamento. Pense hipotermia. Pense morto.

— E eu esqueci de acrescentar, estou cansado de andar com você.

— Ah, vamos lá!

Ele se inclinou. — Saia dela. Ou eu e-e-empurrarei você.

Com os olhos sem fundo, Lyrik parecia ter nascido em uma tempestade própria. Mas ele também parecia ter nascido ao amanhecer, no círculo de um sol febril, o inverno e o verão dele olhando de volta.

Lyrik saiu de Sussurro, suas botas bateram na neve. Nicu seguiu, escorregando das costas da corça e cambaleando para o lado do

menino. Enquanto eles estavam naquele funil elementar, a nevasca raspou suas roupas.

O explorador virou-se para ele. — Para começar, você está bem?

— O a-alce não me machucou.

— Bom. Em seguida, tive uma epifania: essa é uma ideia idiota.

— Gritar com o alce foi uma ideia idiota.

— Desculpe-me por tentar ajudá-lo.

— Oh —, Nicu zombou, batendo o dedo nos lábios. — Você não estava ajudando! O alce poderia ter sido meu amigo. Teria me deixado ir sem!

— E você sabe disso, por quê?

— Ele é um guardião, um mm-monarca de sua floresta-a, e eu estava invadindo. Ajoelhei-me por sua amizade e misericórdia. Se você não tivesse gritado com ele...

— Ele estava indo para esmagar você, porra!

— Não, ele não estava! Eu posso me proteger! Eu não preciso de você!

— Realmente? — Lyrik desabafou. — Foi por isso que você se encontrou lá em primeiro lugar? Porque você não precisava de ajuda?

— Eu não disse que não preciso de ajuda. Eu disse: não preciso da *sua* ajuda!

— Bem. — Lyrik bateu na testa. — Se eu soubesse disso, não teria sido incomodado.

— Você era o fardo, não eu!

— Por que estamos discutindo, caramba?

— Eu não sei-i!

Eles estavam gritando um com o outro, mas agora ficaram em silêncio. O vento soprava sobre a terra, as lascas do inverno derretendo em seus casacos.

Nicu lecionou: — Você deveria ter implorado o perdão do alce.

— Não é frequente ouvir uma dica como essa —, observou Lyrik. —
Etiqueta de alce.

— É etiqueta da natureza.

— Certo. Meu erro. Tem mais alguma coisa para reclamar? Porque
espero que valha a pena congelar nossos sacos.

Revirando os olhos, Nicu voltou para Sussurro, que olhou de volta
inquisitivamente. Isso o fez se sentir melhor, sabendo que ela estava lá. —
Guie-nos. — Ele sussurrou.

Eles continuaram, desta vez a pé, caminhando pela neve com o capuz
sobre a cabeça. De vez em quando, Sussurro roçava o focinho contra Nicu para
tranquilizá-lo, enquanto Lyrik murmurava maldições de que nem o vendaval
consegua sufocar.

As árvores mudaram de forma, mas Nicu não sabia dizer por que ou
como, apenas que as folhas da agulha haviam amolecido e elas pareciam
brilhar em lugares diferentes. Mas a tempestade protegia a maioria dos
detalhes da floresta, então talvez fosse uma fantasia.

Ainda assim, os raios de luz se estendiam através da tempestade
acima. Ele os caçou, procurando entre as manchas, procurando por folias e
fantasias que levariam à estrela dos desejos. Seu pai simplesmente chamaria
desejos de inspiração, mas Nicu tinha um nome melhor para eles: sonhos.

Sussurro os levou a um lugar onde o chão se inclinava para o céu, como
um rastro de luminárias queimando contra a tempestade. Mas apenas uma
chama especial poderia durar aqui.

Nicu teve uma ideia. — Você tem poção p-p-para aquelas? — E já
sabendo a resposta, ele falou em uníssono com Lyrik.

— Você pode dizer isso. — Ecoaram.



Lyrik apertou os olhos para ele. — Fiz alguns frascos para as chamas de Iradis. Um deles dura um tempo dentro de casa antes de precisar ser reativado. Outra... — ele apontou para as luminárias. — ... pode sobreviver na neve, iluminando o caminho para pessoas que podem ficar presas em uma tempestade ou que apenas precisam de assistência na escuridão. Tornou-se tão popular que a maioria das pessoas começou a usá-las.

O explorador olhou para Sussurro. — Você viu minha obra por aí, não é?

Ela deve ter descoberto esses faróis em particular enquanto vagava pela floresta. As luminárias iluminadas fizeram uma trilha, então o trio caminhou pelo caminho, inclinando-se para onde um telhado inclinado atravessava a névoa. Seus passos aceleraram com a visão e, quando se aproximaram, o resto da cabana apareceu. Construído com toras, o paraíso ficava sozinho na floresta, acolhendo-os.

Nicu nunca ficou tão agradecido por ver um lar em sua vida.

— É um alojamento de caçadores —, disse Lyrik quando chegaram à varanda. Ele bateu na porta, onde pendia uma aldrava de ferro. — Nenhuma coroa de flores. Significa que ninguém está em casa.

— Mas a tempestade de neve-e —, Nicu disse. — Eles podem estar presos no branco.

— Não. Provavelmente é uma coisa temporária. O proprietário provavelmente migrou para uma região diferente do inverno, para aproveitar a caça lá. Alguns são conhecidos por fazer isso, para ir aonde a caça prospera em qualquer época do ano.

O alívio rasgou a voz de Lyrik enquanto ele falava com Sussurro. — Você fez bem, milady.

Nicu esfregou o pescoço. — Ele quer dizer obrigado.

Mas como entrar? Estaria trancado?





Lyrik girou a maçaneta, a porta se abriu, o vento a abriu.

Sussurro trotou para uma pilha de neve sob uma tenda de galhos sempre verdes. Lá, ela acampou, sua pele e sangue feitos para esse clima, tendo um parentesco com ele.

Nicu sorriu para ela. — Abrace as estrelas, Sussurro.

Ela olhou para trás, como se o tivesse ouvido e lhe deu uma boa noite também. Então ela fechou os olhos pacificamente.

Ele correu para dentro, pulando no lugar enquanto os tremores se dissolviam e sua carne descongelava. Soltando as botas, ele notou que Lyrik devia ter acabado de chutá-lo, já que os sapatos estavam em uma pitada de água no chão. Um par de chinelos voou para Nicu, e ele os pegou, os calçados de malha decorados com alces. Ele os colocou, mexendo os pés nos forros de pele, fazendo os animais trotarem.

Mais chinelos de malha com o mesmo padrão estavam junto à lareira. Meias de lã enchiam uma prateleira rústica, juntamente com cobertores aconchegantes, todos com os mesmos padrões de alce ou cervo. Os caçadores pareciam viver de maneira mais suave e robusta do que os elegantes estudiosos e cientistas do castelo.

Ele olhou para Lyrik. Expressar gratidão pelos chinelos seria um desperdício, já que o patife o ignorou, continuando a acordar a cabana. Ajoelhou-se em uma lareira de pedra, empilhando-a com madeira. A casa de tábuas de madeira tinha um teto inclinado, com uma janela quadrada no alto que oferecia vista para o céu, a nevasca batendo no vidro. Uma janela principal cortava uma parede, um grande prato de vidro com outra forma de inclinação, como o telhado. Gelo acolchoava os aros transparentes, com penas nos cantos.



O proprietário preferia grandes cadeiras marrons e tapetes felpudos. Almofadas gordas de xadrez foram deixadas espalhadas no chão, incluindo algumas que pareciam pufes.

Armários aninhados nos cantos. Uma escada subia para um sótão.

Acima da lareira, chifres de veado se espalhavam. Nicu também tinha visto chifres no castelo. Por que o pessoal do inverno fez isso com os animais?

— Estava morto antes que o dono a exibisse —, Lyrik defendeu do local onde se agachou ao lado da lareira. — Caçadores e caçadoras levam apenas comida e roupas, não por diversão. E dentro de casa, ninguém monta chifres por vaidade. Eles fazem isso para prestar homenagem, como um santuário. E apenas do falecido, seja por causas naturais ou por necessidade de sobrevivência.

Isso fez Nicu se sentir melhor. — Como uma oração às estações todo-poderosas.

— Os animais são tão divinos quanto qualquer árvore —, concordou Lyrik. — O povo Iradis apenas reconhece isso mais diretamente.

— Seu reino tem uma bela sabedoria.

— Nem sempre chamaria isso belo.

— *Sempre* não faria o belo especial.

Lyrik não respondeu. Nicu observou-o recolher grãos em jarro de uma cesta. Depois de aspergir sobre o fogo, as chamas crepitaram e depois rugiram na lareira, laranja lambendo o chão e as paredes.

No outono e na primavera, as pessoas usavam pederneira e pedra, mas talvez esse outro método fosse tipicamente como o inverno trouxe vida à vida?

Cavando em seu casaco, o garoto de poções pegou um frasco e borrifou gotículas no fogo, depois limpou as mãos. — Isso vai durar a noite. Não precisará desperdiçar a reserva de madeira do caçador.

—Ele ou ela não vai se importar conosco aqui? — Nicu perguntou enquanto Lyrik se levantava e acendia as velas plantadas ao longo do manto, uma guirlanda de sempre verde tecendo ao redor dos caules.

— A maioria dos caçadores do Inverno deixa suas portas abertas quando estão viajando —, disse ele. — Outra precaução para quem fica preso no frio. Isso não acontece com frequência, mas, caso isso aconteça, os proprietários da Iradis sabem como manter suas casas disponíveis. Eles são pessoas de previsão e preparação. Eles estão acostumados a esse clima. Se eles não estão em residência, eles facilitam demais para encontrar refúgio.

— Salvadores de inverno.

— Racionalistas de inverno.

— Por que você veio me buscar?

Lyrik parou na última vela, depois a fez florescer com luz. — Seu pretendente não conseguiu encontrá-lo. — Respondeu ele.

— Noel estava me procurando?

— Disse que ele tinha visto você com Sir Indigo. Disse que você se afastou do cavaleiro, todo nervoso. Então, um vendedor disse que você comprou um conjunto de patins. Pensei um pouco, tive um palpite, roubou uma rena.

— Foi *assim* que você me encontrou. Não *por quê*.

— Você está com fome? — Lyrik começou a passar por ele.

Sem pensar, Nicu agarrou sua manga. Nicu surpreendeu o quão simples tinha sido, o quão pouco ele precisava para fazer Lyrik parar. O perfil do jovem inclinou-se para onde os dedos de Nicu o apertavam, sombras balançando sobre sua mandíbula.

Nicu queria tocar aquelas sombras, para saber se a pele de Lyrik estava tão escura quanto parecia. Seu coração girou dentro do peito, as palmas das mãos na manga do patife, sentindo os músculos e os pelos finos abaixo. Suas

respirações se agitaram e seus ombros roçaram, e a cabeça de Nicu girou como se ele tivesse bebido algo espumante e ruim para ele.

Eles ficaram assim, sem se mexer.

Eles ficaram assim, quase pressionando.

Sua boca estava tensa e seu corpo tenso, e tudo parecia tenso. E ele só queria sair desse sentimento, descascar-se dele, ver o que encontraria por baixo.

O que ele quis dizer? O que ele queria perguntar?

Lyrik passou por ele enquanto se livrava do casaco, jogando-o sobre uma cadeira. Ele desapareceu por uma porta, as escadas que levavam à terra.

Os dedos de Nicu tremiam, formigando de onde ele segurara Lyrik. Se o explorador tivesse ficado parado, Nicu teria ficado parado. Se o jovem tivesse feito algo, mas fez nada de licença, Nicu teria feito *alguma coisa, qualquer coisa*, também.

Nicu queria isso. Ele queria mais, mas nunca conseguiria.

Ele andou de um lado para o outro, desistiu e se atrapalhou com o próprio casaco, pendurando-o em um cabide. Suas roupas haviam permanecido abençoadamente, principalmente secas. Mas como seu cabelo estava úmido, ele usou a barra da camisa para limpar a umidade, depois passou os dedos pelas mechas, sacudindo-as.

Ele sentiu um par de olhos concentrados nele. Ele espiou quando Lyrik deu um pulo, saindo da porta. — Encontrei uma adega de raiz. Você gosta de caldo? — Quando Nicu assentiu, o explorador perguntou: — Vegetal favorito? Espere, deixe-me adivinhar: cenouras. — Ele levantou um lote de caules. — E que coincidência.

Nicu conteve um sorriso. Sim, as cenouras eram suas favoritas. Ele gostava da crocância delas.



Líquido congelado encheu um recipiente na outra mão de Lyrik. Com as rações, ele passou por uma porta aberta e se aventurou na cozinha, abarrotado de cubas de batatas e fios de cebola, jarros cheios de colheres e uma coleção de xícaras grandes.

Nicu o seguiu. Lyrik arregaçou as mangas, expondo aqueles antebraços e pulsos enquanto procurava em volta, vasculhando panelas e chaleiras. — Cozinhar é o que separa o homem do animal, entende? Mas vou dar um chute no degelo.

Ele soltou o recipiente e colocou-o de lado, arrancando outro frasco do cinturão. Pulverizando líquido sobre o caldo congelado, a superfície rachou e afrouxou antes que Nicu pudesse piscar, um truque que ele viu Lyrik fazer com água do banho aos dezessete anos.

Nicu disse: — Suas poções funcionam como o sol.

— Você sabe —, Lyrik se gabou. — Quando no inverno, preparar uma variedade de coisas para temperatura e calor é útil... — Ele parou, seu olhar fixo na língua de Nicu enquanto lambia o vinco entre os lábios.

Os olhos de Lyrik se estreitaram. Nicu esmagou a boca com força.

O explorador se virou, suas botas rangeram no chão enquanto ele pegava uma adaga de seu cinturão. Nicu reconheceu a arma, principalmente porque estava no mesmo local em que o garoto sempre a carregava. Aquela adaga havia esboçado a garganta de Nicu no Outono, quando eles se conheceram.

Lyrik virou a adaga na mão e começou a trabalhar cortando as cenouras, a lâmina batendo no balcão. Ele também cozinhou na colônia da casa da árvore, acostumado a cuidar de si mesmo enquanto vivia como recluso. Agora, ele atacava os vegetais, cortando-os em botões e largando-os no caldo.

— Vai ficar aí parado ou se tornar útil? — Ele murmurou.





Isso lembrava Nicu de todas as vezes que esse garoto o chamava de praga. Ele girou e pulou para fora da cozinha. Sem saber para onde ir, ele subiu a escada até o sótão, encontrando uma cama e uma mesa de cabeceira no espaço compacto. Sob o telhado inclinado, a cama tinha travesseiros adicionais e cobertores de pele, e ficava sob mais janelas cortando o teto.

Nicu engoliu em seco. Enquanto ele os imaginava dormindo naquela cama, a colmeia em sua barriga zumbia com nervosismo e antecipação.

Os cortes cessaram abaixo. Nicu tinha que pensar, para se lembrar de como voltar para baixo e para onde levaria. No caminho para a escada, seus dedos deslizaram ao longo do parapeito do sótão, depois o apertaram, seus passos parando. Ele percebeu que o sótão dava para a sala de estar, onde o fogo pulsava como um coração.

Lyrik estava parado na frente da grade, tirando a camisa, o fogo pegando seu torso, moldando-o em barrancos e cordilheiras. Nicu sentiu a boca abrir. Ele vira a pele de Lyrik brilhando na sala tórrida, mas não sob uma luz crescente como esta, onde o jovem parecia a própria bruxaria. Ele era macio, coberto com uma laca de carne de azeitona. Bem, exceto por uma palha negra sob o umbigo, a cicatriz do outono e o alce machucado da noite.

Nicu observou, encantado, enquanto o patife agarrava o laço preguiçoso de seu cachecol e arrancava o material, depois se vestia com ele. Suas roupas devem ter ficado mais molhadas que as de Nicu, porque ele colocou as duas roupas junto à lareira para secar. Enquanto esse corpo flexionava a cada movimento, Nicu se perguntava se Lyrik tinha um sabor tão glorioso quanto parecia, e se a glória tinha um gosto. Teria um efeito salgado ou azedo no paladar, como o verão salgado ou o inverno menta?



Se Nicu descobrisse, ele se perderia no sabor? Suas mãos e mente se perderiam naquele corpo ondulado, naquela pele escura? Ele alguma vez encontraria o caminho de volta?

Esse patife costumava hipnotizá-lo. Agora ele fazia mais do que isso, dando vida a Nicu em lugares que doíam e endureciam.

Nicu aqueceu, e sem precisar de um espelho, ele sabia que a sensação o havia manchado de rosa. Ele se mexeu, tentando reprimir o que estava acontecendo abaixo da cintura, entre os quadris, debaixo das calças. Ele sabia o que isso significava. Há muito tempo, seu pai havia explicado isso, dizendo que era normal. Delicadamente, papai havia comunicado os detalhes sobre lábios e corpos, a transcendência do acasalamento, as emoções abundantes e estampadas, a mecânica fértil e exigente. A discussão havia enfatizado e fascinado Nicu.

Mas sim, ele havia experimentado essa transformação física antes. Papai simplesmente não tinha mencionado o quão inesperadamente isso poderia acontecer.

Nicu embaralhou novamente, depois reteve um chiado. Olhos escuros o observavam de baixo na sala de estar, fazendo Nicu corar ainda mais. Lyrik viu? Oh Estações, ele sabia?

O latejar desapareceu. O inchaço... bem, encolheu.

Nicu rompeu o contato, rompeu o transe e desceu a escada. Pulando o último degrau, ele se virou e saltou para trás, pressionando os ombros contra a parede.

Lyrik pairava sobre ele, uma expressão misteriosa no rosto.

— Está lá em cima —, Nicu deixou escapar. — Quero dizer, não tão alto quanto as árvores, mas há uma cama e outra vista da floresta, onde a neve está abraçando o vidro, para que você não possa ver verdadeiramente as sempre-

vivas, mas também é... hum, mais balsâmico, mesmo que as chamas não cheguem lá... pelo menos, acho que não. Mas se não houvesse uma tempestade, poderíamos dizer boa noite para a lua e as estrelas e...

Um dedo empurrou sua boca, cortando sua divisa. A terrível tentação de morder o dedo de Lyrik surgiu. Nicu pensou em afundar o marfim e deixar uma marca, depois chupando a carne tenra.

As narinas do explorador se abriram. Achatando a palma da mão ao lado da cabeça de Nicu, ele se inclinou como um demônio irônico, sua respiração mexendo encantamentos entre eles. —Pássaro Canoro —, ele murmurou, — faça-me um favor e pare.

—Parar o que?

—Pare de passar os dedos pelos cabelos úmidos, pare de morder o lábio inferior e pare de me tirar os olhos. Digamos apenas que vou ter a ideia errada.

Seus cílios batiam com o concerto da voz de Lyrik, a composição sombria e instável. Nicu inalou o perfume eclético de elixires, a colmeia devassa em sua barriga enlouquecendo agora. Ele gostava tanto desse sentimento. Ele adorava e desprezava.

Esse garoto nunca havia falado com Nicu como se ele fosse de porcelana, ou como se Nicu não o entendesse, ou como se Nicu precisasse de tratamento delicado. Esse garoto não se continha nem media suas palavras. Esse garoto era um cobertor amarrotado, seguro, mas bagunçado, e Nicu queria adormecer embrulhado nele.

Mas mais do que isso, ele queria ser procurado de volta.

Mas mais do que isso, ele queria o que não podia ter.

E mais do que isso, ele não queria que nada disso aparecesse.

— Vou parar de incomodá-lo, se você parar de prestar atenção. — Disse

Nicu.



A boca de Lyrik se inclinou quando ele colocou a outra mão no lado oposto da cabeça de Nicu, enjaulando-o. Então ele apontou o queixo em direção à lareira, onde pendurou uma panela de ferro fundido sobre as chamas, um aroma pungente de vegetais borbulhando por dentro.

Eles encheram suas tigelas, as cenouras nadando em caldo. Eles se agacharam no chão e pegaram colheres ao mesmo tempo, os dedos batendo, uma corrente deslumbrante marcando um caminho pelo braço de Nicu. Eles voltaram em uníssono, depois se moveram cautelosamente, escolhendo seus utensílios. Nicu drenou seu prato rapidamente, seu estômago um tumulto.

Dentro de casa, o fogo estalava. Ao ar livre, o vento batia forte.

O explorador jogou sua tigela vazia no chão, a colher tinindo, e então ele calçou um par de meias de lã enquanto a luz das chamas lambia sua pele nua. Nicu esfregou os braços para afastar a pele arrepiada.

— A propósito. — Lyrik se inclinou e pegou algo do lugar ao lado dele, estendendo-o para Nicu.

Era uma das cantinas que Nicu admirava no mercado. O vendedor havia dito que manteria as bebidas quentinhas. Nicu estava intrigado e queria comprar uma, mas depois notou Lyrik lá. E então eles brigaram em segredo. E Nicu tinha esquecido.

Mas Lyrik não tinha. Ele deve ter carregado isso em seu corpo até agora.

— Isso é para mim? — Nicu perguntou, embalando o recipiente.

O garoto recuou, reclinando-se no tapete e cruzando os braços sob a cabeça, esticando e expondo mais de si mesmo, contraindo os músculos. — O que você acha?

Nicu pensou que Lyrik deveria se sentar novamente. Se ele apenas se sentasse novamente.

Ele se virou na direção da chaminé. — Você me viu no estande.



— Você pode dizer isso. — Comentou Lyrik.

— *Você pode dizer isso.* — Nicu imitou.

— Ei, não é assim que eu pareço.

— Você me deu um presente.

— Eu tenho um suprimento para você.

— Você me deu um presente.

— Chame do que você quiser.

— Vou chamar de presente.

Lyrik levantou um ombro. — Adapte-se. Vai manter sua boca quente. A tagarelice nos dentes me tributa tanto quanto morder os lábios.

Nicu conteve um sorriso, conteve a esperança, conteve a tolice. Ele desenroscou a tampa, encantado quando canela e maçãs flutuavam por dentro. — Cidra!

— Vingança, já que estou apostando que você não tomou um gole no mercado. Seu namorado mencionou como você o esquivou às pressas. Deixou-o no altar de sidra, não é?

— Eu não quis.

— Não se preocupe. Ele vai superar isso. Ele gosta tanto de você.

Nicu pousou a cantina e repetiu: — Por que você veio me buscar?

O explorador virou a cabeça na direção dele. — Por que eu precisei?

A memória voltou rapidamente. Lyrik ofendeu Nicu, e depois os visitantes do mercado desprezaram Nicu, e depois Indigo encurralou Nicu. E isso tinha sido demais, apenas demais.

Ele pensou em caçar desejos, em procurar aquela estrela mágica. E então ele comprou aqueles patins, que ele não possuía mais, depois de dispensá-los na Floresta de Ferro.



Ele voou para longe, patinou para longe, removeu as ervas daninhas da fortaleza. Um momento ele seguiu a estrada gelada como uma fita, no outro ele acordou na Floresta de Ferro. Ele contou isso a Lyrik, que ficou tenso no chão.

— Não posso dizer quem é mais idiota —, ele ralou. — Indigo, ou a multidão do mercado, ou eu. Se não tivéssemos aberto nossas bocas...

— Nenhum de vocês me fez cair de alegria —, disse Nicu. — Eu queria desejar caçar. Foi minha escolha.

— Parece que você pegou Riacho de Gelo na Floresta de Pinheiros e depois na Floresta de Ferro. Minha teoria é que seus patins bateram em uma rachadura, e foi isso que o levou a entrar no território dos guardiões. Você tem sorte de não torcer o tornozelo ou coisa pior.

Se Nicu não fosse um tolo, ele teria olhado para onde estava indo. E se ele olhasse, não teria caído. Quando ele voltasse ao castelo, todos o chamariam de nomes por isso, os mesmos nomes que as pessoas sempre o chamavam.

— Ei —, disse Lyrik como se estivesse lendo sua mente. — Não vá lá.

Nicu esfregou as coxas. — Não vou para lá. Estou escorregando para lá.

— Qualquer um poderia ter tropeçado em uma daquelas rachaduras no gelo. Eu poderia ter, Indigo poderia ter. Não apenas você. Ok?

Nicu pegou uma almofada e se encolheu ao lado do explorador, encarando seu perfil, desejando que ele olhasse para Nicu, desejando que ele não o visse.

Lyrik se fixou no cofre de tábuas suspensas. — Você tem certeza de que é inteligente chegar tão perto de mim?

Nicu disse: — Sim.

— Não ter medo dos exploradores é o seu ponto cego.

— Você está tentando me picar.



— Está funcionando?

Nicu bateu nele com a almofada. Lyrik realmente bufou, e eles lutaram com o travesseiro até Nicu cutucar o lado de Lyrik, familiarizando-se com seus pontos delicados.

Lyrik entregou a almofada e pegou uma de sua autoria. Eles estavam deitados um em frente ao outro, banhados em laranja tentadora e azul sonolento.

— A natureza continua nos jogando juntos. — Disse Lyrik.

— Porque pode —, respondeu Nicu. — Porque é o mais sábio dos sábios.

— Ora. De onde você veio, Pássaro Canoro?

— Da primavera e outono.

— Eu sou do verão e inverno.

— É o mesmo mundo.

— Continue dizendo a si mesmo. — Comentou Lyrik de uma maneira ofensiva que fez Nicu se sentir afetuosos com ele.

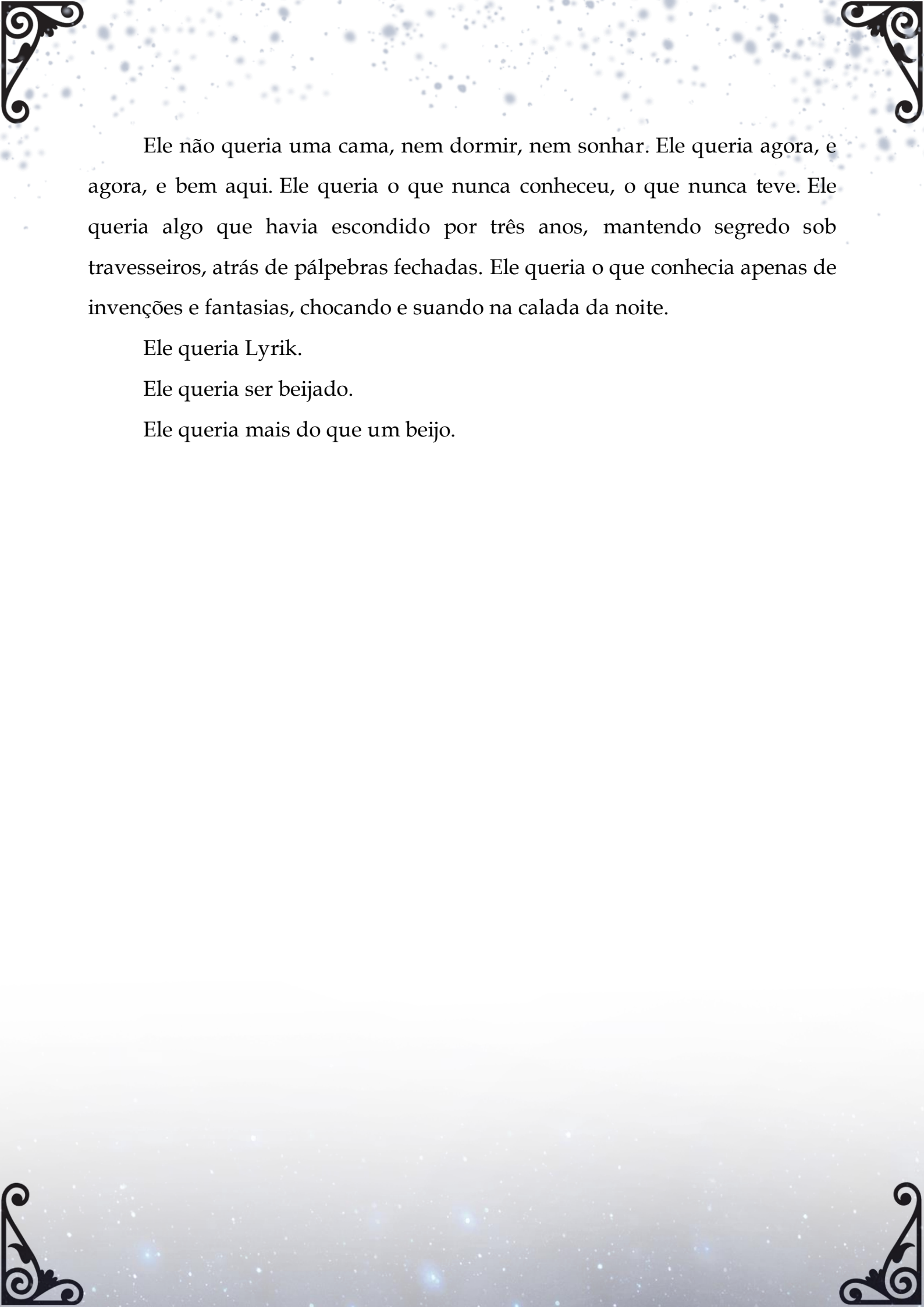
— E o que *você* diz a si mesmo?

— Isso nada é simples. Que eu preciso fumar, mas não tenho. — Seu cabelo preto descuidado caiu sobre o rosto. — Que é hora de dormir.

A cabeça de Nicu balançou. Ele não esqueceria aquele sussurro, nem o som, nem as palavras. Eles o agitavam ao entardecer, o acordavam ao amanhecer, desde que ele permanecesse neste reino.

O torso de Lyrik subia e descia, uma respiração forte, uma respiração fraca. A luz do fogo chicoteava contra ele, e Nicu ansiava por varrer os dedos naquela luz, fazer um rastro pelo corpo de Lyrik, um caminho que só ele conhecia, onde nunca se perderia.

Os olhos deles se encontraram. O desejo de murmurar, de cantar, deslizou através dele.



Ele não queria uma cama, nem dormir, nem sonhar. Ele queria agora, e agora, e bem aqui. Ele queria o que nunca conheceu, o que nunca teve. Ele queria algo que havia escondido por três anos, mantendo segredo sob travesseiros, atrás de pálpebras fechadas. Ele queria o que conhecia apenas de invenções e fantasias, chocando e suando na calada da noite.

Ele queria Lyrik.

Ele queria ser beijado.

Ele queria mais do que um beijo.



CAPÍTULO DEZESSEIS

PATIFE

Não vai acontecer.

Realmente não vai acontecer.

Eu vi o olhar em seus olhos. O pior olhar que ele poderia me dar, aparecendo como uma ameaça em seu rosto. Eu já tinha visto esse disfarce antes, quando éramos rapazes. Eu também tinha visto na sauna.

Desejo. Luxúria.

Mas hoje à noite, ele adicionou outro estimulante criminal. Anseio.

Essa emoção aumentou, apenas um grau longe da devoção. Era desastroso o suficiente que ele tivesse *me beijado* nos olhos. Se ele se aproximasse de algo remotamente próximo de provocador, eu me veria envolvido em um enigma.

Eu o beijaria. Eu o arruinaria.

Nesse ritmo, eu perdi a conta de quantas vezes quase consegui exatamente isso. Foi tudo o que pude fazer para não agarrar sua cintura e arrastá-lo para mim. A visão dele deitado ali, a luz fraca acariciando sua boca. Estações. Infundiu meu sangue, acendendo uma resposta mais selvagem do que a tempestade fora desta cabana.

Eu detestava vê-lo desperdiçando sua reverência por pessoas como eu. Ele deveria estar investindo em seu namorado, alguém que o estragasse, não o corrompesse.

O que diabos o pássaro viu em mim? Como ele pôde ver algo substancial?

Pequena praga. Pequena praga otimista.

Eu olhei de volta para ele através do tapete de pele. Ele sabia que eu não desistiria.

Não *poderia*, porque não havia conquistado seu desejo. Eu não merecia sua luxúria. Eu não era bom o suficiente para sua devoção. Nunca tinha sido.

Três anos de inverno, três anos de aprendizado, e eu ainda não estava à altura. Não para um Real com um coração imaculado, uma família imaculada. Praticamente tudo não contaminado.

Ele enfrentou um alce gigante hoje, um espírito negociando com um guardião da floresta. Eles quase chegaram a um entendimento até eu aparecer.

Apesar de como todos o tratavam, a resiliência de Nicu superava a de qualquer um que eu conhecesse. Ele não escondia quem ele era, tentava ser outra pessoa para as massas. Ele poderia estar frustrado consigo mesmo, mas não tinha vergonha de si mesmo.

Nicu valia mais do que apenas uma viagem ao Salão dos Filósofos. Mais do que uma cantina térmica de cidra. Mais do que esta cabana na floresta.

Então não levaríamos mais esta noite. Eu o observei absorver esse fato.

A tempestade protestava contra a janela, batendo com neve no vidro enquanto o fogo fervia. Meus dedos sufocaram o travesseiro debaixo da minha cabeça quando ele se levantou, seus chinelos passando por mim.

Ele parecia tão atraente naquilo. Tão malditamente fofo.

A escada estremeceu quando ele subiu ao sótão. Fechei os olhos, querendo ouvi-lo mais agudamente, o som dele me deixando. O clamor dele finalmente desistindo. O barulho dele encontrar um caminho para um lugar melhor, encontrar o caminho sem a ajuda de ninguém, sem precisar de mim.



No alto, as colchas rangiam. Os movimentos dele indo dormir ficaram mais altos do que qualquer coisa que o vendaval pudesse lançar nesta casa, mais alto do que qualquer bebida que eu pudesse inventar. Isso provocou uma imagem dele olhando para mim mais cedo, me observando de cima, olhando para o meu abdômen nu.

Entre a sauna e agora, suas inspeções haviam aumentado de intensidade, suas respostas corporais se acumulando. Teria sido minha imaginação desleixada e desprezível, ou ele se ajeitou atrás da grade?

Eu mexi meus quadris, minhas calças arranhando o tapete. Batendo meu rosto na almofada, eu disse a mim mesmo para me controlar. E dormir um pouco antes de esmagar uma tigela ou jogar a sidra intocada na parede - ou me levantar e me dirigir para a escada.

Graças ao Inverno, ele não havia pedido o que queria. Graças ao Inverno, ele manteve esse teor de pássaro canoro para si mesmo.

Devo ter desmaiado por algumas horas, porque quando me agitei, a nevasca havia se acalmado. Eu poderia ter ouvido o chão rangendo, um par de pés se aproximando de mim. Eu poderia ter sentido um peso assentar na minha frente.

Amaldiçoe-o. Eu poderia ter sentido sua respiração na minha barba por fazer e seus dedos passando pelos meus cabelos. E eu poderia ter respondido, chegando mais perto.

Inferno, eu devo ter cochilado mais algumas vezes, depois acordado sonolento. Ou eu poderia estar preso dentro de uma ilusão, em que Nicu sonhava ao meu lado, nossas mãos descansando entre nossas cabeças, nossas pontas dos dedos se tocando. Eu poderia ter me entregado, piscando com as feições adormecidas dele. Eu poderia ter varrido seus cachos. Eu poderia ter sofrido com isso.





E isso poderia ter feito nós dois dormirmos melhor.



Uma manhã seca infiltrou-se e submergiu a cabana. Abri uma pálpebra, registrando meus braços e membros estendidos enquanto estava deitado de costas. O cabelo fazia cócegas na minha axila, um corpo escondido ao meu lado, sua bundinha empinada para fora. Por algum milagre, eu não acordei atrevido só por isso.

Mas então Nicu gemeu enquanto dormia. Eu me afastei dele, colocando uma distância sensata entre nós. Ele não acordou, pois tinha sono pesado. Eu o assisti assim algumas vezes na colônia da casa da árvore.

O fogo continuava forte, sua vida útil aumentada pelas gotas do meu frasco. Lutando para ficar de pé, tomei o cuidado de não perturbar o Real e procurei alimento.

Quando meu chá esfriou, Nicu se reviveu. Inclinando-me contra a parede mais distante dele, dei um último gole e tentei ignorá-lo se alongando e choramingando. Ele levantou a cabeça, o rosto turvo e enrugado e precioso. Ele olhou em volta até me encontrar, depois sorriu timidamente.

— A cama estava muito áspera? — Eu perguntei.

Ele franziu a testa, notando meu sarcasmo.

Coloquei minha xícara em algum lugar, provavelmente um parapeito da janela. Agarrando minha camisa seca, enfiei meus braços nas mangas e encolhi o material sobre minha cabeça. Ao fazê-lo, pensei em nossa visita ao Salão dos Filósofos e no quanto ele gostou disso. Especulei como isso se comparava ao





seu tempo com aquele lustre de astronomia de cabelos brilhantes que o cortejava.

— Soube pelo seu nobre admirador que você estava falando comigo sobre mim —, eu disse. — Vocês dois devem estar falando sério. Como está indo?

Mais uma vez, sem resposta. Nicu pegou a cantina da cidra, ainda quente e pronta para ele. Ele arrancou a tampa e tomou um gole, os lábios contraídos.

Eu deveria ter dito bom dia como uma pessoa racional, como diria seu sujeito. Eu deveria ter comentado sobre a melhora do clima. Eu deveria ter perguntado como ele dormiu ou se ele favorecia a cor da cantina.

Ele gostava de laranja feliz. Eu tinha escolhido certo?

Eu cruzei meus braços. — Você sabe, o que me impressiona é que eu o chamei de seu pretendente quatro vezes. Nem uma vez você negou.

— Isso é porque eu gosto dele. — Disse Nicu entre goles.

Eu puxei a barra da minha camisa. — Como não gostar? Tenho certeza que ele deixa seu coração acelerado. Tenho certeza que você pensa nele mesmo quando ele não está lá. Tenho certeza que você está pensando nisso o tempo todo. Tenho certeza que você está confortável com o cara. Tenho certeza que você pode dizer qualquer coisa. Tenho certeza que ele faz o mundo desaparecer sempre que você está com ele. Tenho certeza que ele faz tudo isso. Certo?

Nicu ouviu o desafio. — Qual resposta você quer? Sim ou não?

Um bom. — Qual resposta você sente?

— Perguntas, perguntas, perguntas! — Ele golpeou a cantina, levantou-se e abriu caminho pela porta, o que foi difícil, considerando que uma colina de neve bloqueava seu caminho. Que ele conseguiu testemunhar seu humor.

Ele desapareceu do lado de fora sem casaco ou botas. Amaldiçoando, eu o segui.





Levou muito mais trabalho para eu me equilibrar, meu corpo não tão leve quanto o dele. Lutando pela porta, entrei em uma floresta densa. Empurrei os galhos para fora do caminho, subitamente consciente de que havia feito a mesma coisa que Nicu, me aventurando ao ar livre sem sapatos, o chão encharcando minhas meias de lã.

Eu também tinha esquecido um casaco. Ele tinha talento para me fazer renunciar ao bom senso. Acho que fiz o mesmo com ele.

Eu caçava suas impressões de pegada na neve. Sem marcas de casco, o que significava que seu fiel cervo ainda não havia se juntado a ele.

Parando em uma clareira compacta de sempre-vivas, eu parei. Nicu estava no centro, com o maxilar torcido, a cabeça esticando. Ele ficou lá, impressionado com o ambiente. E eu pude ver o porquê.

Agora que eu o encontrei, reconheci este lugar. Enquanto eu pensava que estávamos ainda na Floresta de Pinheiros, as árvores haviam se transformado em bosques de abetos cheios de luzes, pedaços dos galhos como redemoinhos de cristais. Como estrelas presas nos galhos. Era um enigma, ao contrário do tremeluzir de velas, tochas e lareiras artificiais. Até hoje, os cientistas de Inverno não conseguiram explicar isso, da mesma forma que falharam em explicar a impermeabilidade da Floresta de Ferro.

Somente os guardiões dos animais conheciam todos os mistérios da paisagem de Iradis, enquanto o resto de nós não deveria saber tanto. Não importava quantas vezes os estudiosos tentassem, Inverno não abandonava todos os seus segredos. De fato, nenhuma estação.

Eu conhecia pelo menos uma pessoa que não tinha problemas com isso. O cenário lavou a irritação do rosto de Nicu. A neve molhava seus chinelos e os tornozelos das calças, mas ele mal se importava, muito menos notava.



Coloquei minhas mãos nos bolsos. — Bem-vindo à Floresta Iluminada pelas Estrelas.

Ele endureceu da minha voz. Ele pertencia a esse cenário, em chamuscas com fios em miniatura amarrados nos galhos. Ele irradiava exatamente como esse ambiente.

Duvidando que ele me quisesse perto dele, não depois da minha chamada insensível, fiquei ao meu lado da clareira. — O guardião da floresta é um cervo, um robusto fanfarrão que habita a leste desta área, o que explica por que o seu ajudante conhece esse lugar.

Se vagássemos, provavelmente encontraríamos outro alojamento de caçadores. Sua espécie se estabeleceu em todos os lugares, exceto nos locais proibidos, os principais centros onde os guardiões moravam.

Nicu não respondeu, sem me olhar, duvidoso da companhia que ele mantinha. Eu queria saber o que ele via quando olhava em volta, o que ele achava deste lugar. Mas eu tinha perdido isso certo. No segundo em que abri a boca esta manhã, esse privilégio foi revogado.

Eu disse: — Apenas pelo nome dessa floresta, você pensaria que é aqui que a lenda da estrela dos desejos aconteceu, mas isso provavelmente seria muito simples. Não que alguém saiba ao certo, já que qualquer lugar sob o céu está em disputa, o que nos dá muitas opções. É um céu bem grande.

Por que eu estava indo tanto?

Eu me aproximei dele. — Se você fechar os olhos, ouvirá as luzes piscando-

Ele chicoteou em minha direção. Um maço de neve me bateu no rosto.

O pó explodiu, o frio espirrando em minha pele. Eu recuei, o ataque de Nicu cortando minha sugestão. Afastei a geada a tempo de ver outra bola



disparando em minha direção. Eu me abaixei, de modo que atingiu minha têmpora.

Nicu sorriu. Como um espírito, ele começou a lançar uma série de bolas de neve em minha direção.

Seramente? Bem, tudo bem.

Eu lancei de volta para ele. Grupos voaram, colocando nossas roupas enquanto empacotávamos neve e jogávamos um contra o outro. No começo, ele continuou sorrindo. O que ele faltava em direção, ele compensava em vigor, o mesmo que quando seus punhos atingiam golpes físicos. Isso o satisfazia toda vez que ele mirava e me atingia em algum lugar vulnerável.

Mas então, do nada, seu sorriso caiu. A satisfação escureceu, uma efusão de fúria em seus olhos.

Eu parei. — Nicu-

Uma bola de neve saltou no meu ombro. Aquele tiro não foi amigável. E foi quando ele começou a jogar a sério, qualquer semelhança de jogo se foi.

Inclinei-me para evitar o ataque, segurando minhas mãos. — Nicu, espere...

Ele jogava bolas de neve como socos. Ele rangera os incisivos, suas respirações difíceis aumentando para chiado. Ele deslizou para o lado em seus esforços, mas desajeitadamente se recuperou. E, finalmente, sua energia diminuiu.

Quanto a mim, me inclinei, apoiando as mãos nos joelhos. — Nicu, o que...

— Por que você me deixou! — Ele gritou, o som rasgando a floresta, cortando barreiras como uma arma serrilhada.

Eu me endireitei. Eu nunca o ouvi soar assim.

— Por quê? — ele rugiu. — Porque você saiu? O que eu fiz?



A dor dele me destruiu. A cicatriz no meu peito doía, prova da única vez que eu fiz o certo por ele.

Ele fungou, passando o braço pelo nariz. Dei um passo e depois me contive. Ele não tinha ideia do que sua dor fez, dos lugares que ela alcançou.

— Eu não deixei você —, enfatizei. — Eu saí do Outono.

— Você me deu um espigão no seu brinco, beijou minha testa e me chamou de amigo. Mas então você se afastou e me disse para não segui-lo, e me disse que eu era irritante. Como se eu fosse um... — sua voz falhou. — Como se eu fosse um tolo.

— Eu nunca pensei em você dessa maneira. —

— Você me chamou de simplório!

— Quando eu te conheci. Não depois.

— Por que eu fico para trás? — Ele chorou. — As pessoas me deixam quando eu não posso segui-las, porque sou diferente. Minha verdadeira mãe me deixou. Você me deixou!

— Você tem sua família, seus amigos-

— Eu não tinha *você*! Você nem escreveu!

— Porque você deveria me esquecer. Eu deveria deixar você ir!

Nossos gritos atravessaram a natureza. Os destroços de nossa luta com bolas de neve nos cercavam. Pegadas desarrumadas e palavras quebradas.

Nós, presos dentro deste buraco.

Esfreguei meu rosto. — Eu deveria vir aqui e ser alguém melhor, entende? Para ser um negócio real. Valer alguma coisa.

A boca de Nicu tremeu. — Você valeu tudo para mim.

Um híbrido de emoções coagulado na minha garganta. — Não diga isso.

— Por que você não me queria?

— Por que você quer que eu te queira?

— Chega de perguntas saltando! Me responda!

— Porque eu não sou bom o suficiente para querer você! — Eu gritei, jogando meu braço para o lado, como se encontrássemos o resto da minha resposta na floresta. — Você quer que eu me arrependa de ter ido embora, por lançar algumas palavras insensíveis para você? Por não escrever? Bem, eu não posso obrigar você lá. Sabe porquê? Porque você merece mais do que meia picada, meio picada de sangue, sem nada para mostrar, exceto algumas misturas que fazem apenas uma fração da diferença neste mundo. Eu não mereço seus sorrisos. Eu não mereço suas músicas. Eu não mereço você! — Uma forte explosão de ar. — Entendeu? Você está feliz agora?

Os olhos dele arderam. Como se tivesse problemas para ficar de pé, ele virou as costas para mim e afundou na neve. Reclinado completamente no chão, ele ficou lá, olhando para o dossel. Ele exalou, uma nuvem caindo de seus lábios.

Desgastado, juntei-me a ele. Chegando ao lado de Nicu, olhei para os pontos de luz que espreitavam das folhas da agulha. Além disso, um céu cinzento.

Lembrei-me da nossa falta de botas e casacos, a atmosfera gelada cobrando seu preço. A umidade penetrou na minha camisa e meu couro cabeludo formigou de frio. E de outras coisas, a hiper consciência do que acabara de acontecer. Além disso, um fracasso persistente vindo de Nicu enquanto olhava para as árvores em contemplação.

Passei uma mão pelo meu cabelo, depois o deixei cair. — Vamos lá, vamos acabar logo com isso. Há mais coisas a serem discutidas, então fazemos aqui ou por dentro.

Ele me ouviu?

— Nicu. — Eu o cutuquei. — Nicu, eu estou falando com você-



Em um movimento, ele rolou em minha direção. Sua mão pegou minha mandíbula.

E seus lábios esmagaram contra os meus.



CAPÍTULO DEZESSETE

PASSARO CANORO

A ingestão aguda do explorador perfurou as orelhas de Nicu.

Sim, perfurou, rasgou e cortou os ouvidos de Nicu.

Ele seguiu a trilha da voz de Lyrik como uma fita, e seguiu a cadência do coração de Lyrik como uma melodia, e seguiu o formato dos lábios de Lyrik como um caminho. Ele saltou para o garoto, pegando a boca, procurando um sonho, procurando um beijo.

O explorador sempre fora um vapor impossível de segurar, desaparecendo sem deixar vestígios. Mas agora ele havia se transformado em uma coisa sólida, uma coisa congelada. Ele ficou rígido como a superfície do lago Inverno, como as pistas de gelo através da floresta, prestes a rachar e quebrar sob o peso de Nicu. Seus peitos se apertaram quando ele girou a meio caminho sobre Lyrik, uma paisagem de músculos tensos sob Nicu, um par de mãos segurando sua caixa torácica, para empurrá-lo ou puxá-lo para mais perto.

Seus lábios tremeram juntos, suspensos entre canções perdidas e feitiçaria química. Eles eram quem eram, o garoto das canções perdidas e o garoto das poções.

A boca de Lyrik tremeu na ponta do mundo, à beira de uma avalanche. Nicu queria ser enterrado nela, coberto por ela, sem fôlego.

— Nicu —, Lyrik raspou contra os lábios. — Pelo amor de Deus, não.

— Silêncio —, Nicu sussurrou. — Não fale mais.



—Não. — Ele murmurou novamente, as bordas de sua voz desmoronando.

Ele parecia bêbado. O que ele quis dizer? Não o que?

A floresta estremeceu, o frio se dissolveu e os montes de neve desabaram como paredes. E Nicu estremeceu, dissolveu-se e desmoronou também. E ele olhou, e Lyrik também, e isso foi tudo.

Eles saltaram um para o outro.

Suas bocas colidiram. As mãos de Nicu correram pela mandíbula de Lyrik, a barba por fazer roçando as palmas de Nicu. A terra ficou escura quando seus olhos se fecharam, enquanto o garoto de poções enfiava os dedos nos cabelos de Nicu, agarrando-se à nuca, segurando-o.

Nicu o beijou. Oh, ele o beijou.

E Lyrik o beijou de volta.

Suas bocas se renderam, forjadas por beijos estressados e frenéticos. Um suspiro agitado escapou de Nicu quando Lyrik inclinou a cabeça, mordiscando o lábio inferior e lambendo a costura.

Ele queria entrar. Ele queria muito.

O pensamento delicioso fez a cabeça de Nicu pular, fez seu sangue sonolento e vertiginoso ao mesmo tempo. Ele nunca tinha feito isso e não sabia como fazer isso, mas estava fazendo de qualquer maneira. E Lyrik gostou do que Nicu estava fazendo até agora, e se certificaria de que Nicu também gostasse.

Nicu confiava tanto nisso. Ele confiava neste garoto com seu primeiro beijo. Ele não queria mais ninguém para o seu primeiro beijo, ou o próximo beijo, ou o último beijo.

Ele assentiu. Porque sim, ele deixara esse garoto entrar.





Lyrik avançou, inclinando os lábios sobre os de Nicu e os espalhando, separando-os, mostrando-lhe o caminho. Suas bocas se apertaram, abrindo e depois selando, puxando um ao outro em uma repetição gloriosa.

Lyrik inclinou o queixo, seus lábios mudando de ângulo novamente. Então, um comprimento quente e úmido invadiu e sacudiu a língua de Nicu. Delirante, ele respondeu, sua própria língua envolvendo a de Lyrik.

E o explorador enlouqueceu, puxando Nicu contra ele, levantando Nicu completamente sobre seu corpo. Mais uma vez, suas mãos agarraram o crânio de Nicu enquanto as pernas de Nicu rodeavam a cintura do garoto, joelhos cavando no gelo.

A língua de Lyrik agarrou a dele, lambendo e acariciando, sua mandíbula trabalhando duro. O coração de Nicu bateu forte, agitando-se enquanto seus membros se transformavam em raios. Ele se contorceu acima de Lyrik, precisando se aproximar, sem saber onde eles estavam ou para onde estavam indo.

No entanto, Nicu não se importava de se perder assim, tão brilhantemente perdido. Não enquanto ele encontrasse esse tesouro, esse abraço descontrolado.

Beijar parecia muito bom. Tinha gosto de vapores e estrelas. Parecia grave e áspero. Animava suas panturrilhas, pontas dos dedos e quadris.

Como tantas sensações poderiam se unir ao mesmo tempo?

Corpos entrelaçados, caçavam as profundezas um do outro. Nicu cantarolava enquanto a língua de Lyrik bombeava nele, mexendo-o em um tanque, fazendo-o subir ao ar, fazendo-o cantar sem dizer uma palavra.

O beijo ficou mais duro, mais rápido e mais profundo. Suas bocas se fundiram, cada lambe enrolando pedindo outro som dos lábios de Nicu. O





que quer que Lyrik ouviu, ele gemeu em resposta e mergulhou, o plano úmido de sua língua roubando aquele som.

E então algo mais aconteceu. Algo feroz, algo invencível, algo que venceu o frio. Uma rajada perversa disparou para o centro de Nicu, para o lugar apertado entre suas coxas.

Quando aquela parte dele se lançou contra Lyrik, o explorador arrancou sua boca da de Nicu. Ambos lutaram por ar. A boca de Nicu estava crua, o desejo apenas ficando mais forte.

Ele equilibrou os antebraços nos ombros de Lyrik e se ergueu, olhando para o garoto - o jovem - caído embaixo dele. Eles levantaram, suas roupas despenteadas e úmidas. Os olhos de Lyrik traçaram a boca de Nicu, aquele olhar galopante, uma névoa de cinzas.

Uma crista firme pressionava a virilha de Nicu - mas não a dele. Desta vez, era o corpo do explorador respondendo, seu comprimento se esticando entre eles.

Enquanto se olhavam, Nicu sentiu que a palavra atordoada se repetia.

Não.

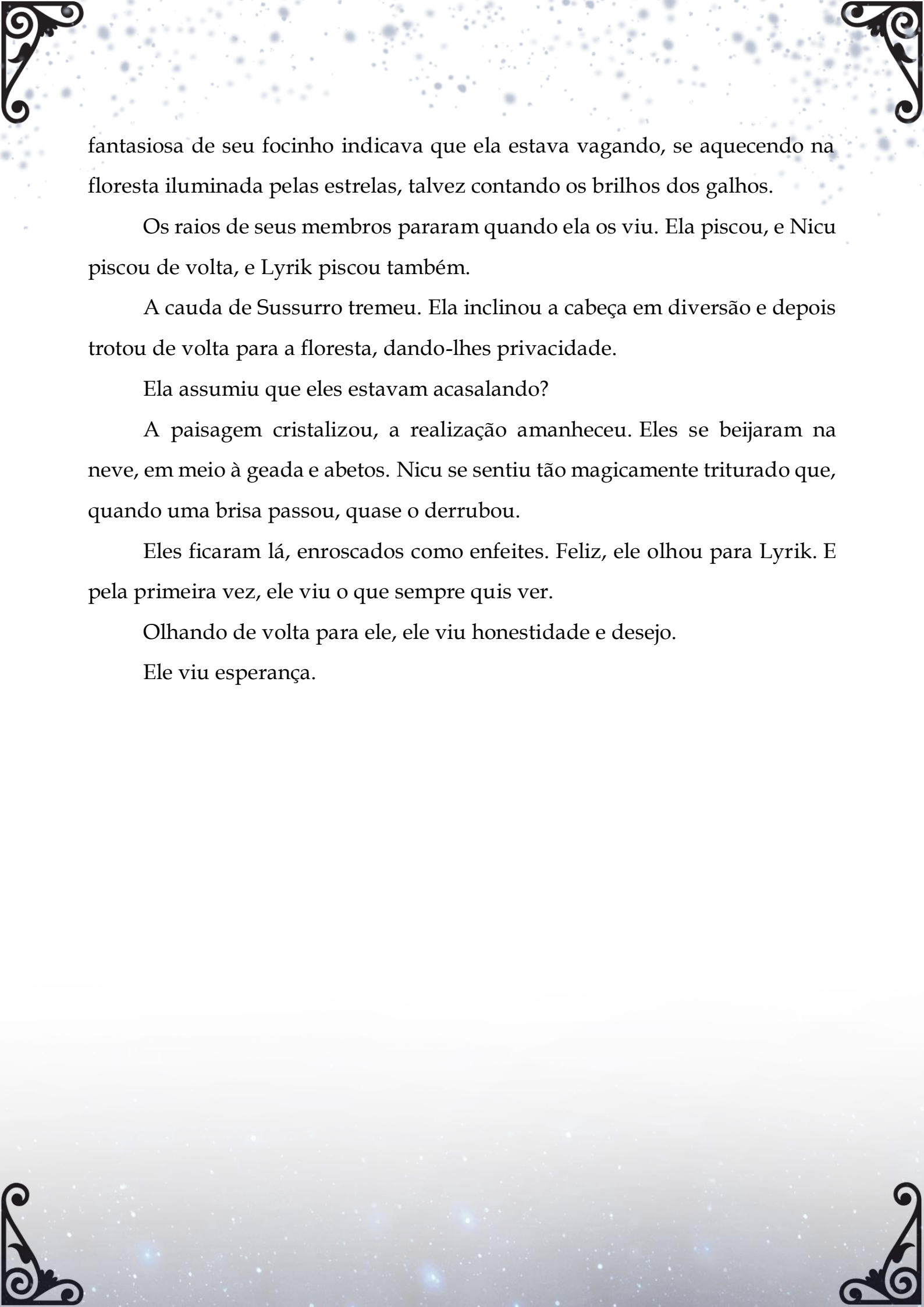
Ele imaginou como continuar esse pensamento, como preencher essa lacuna. E ele viu o mesmo desejo refletido no olhar desorientado de Lyrik. Ele sentiu os dois terminando a frase.

Não pare.

Eles se dobraram um no outro, os lábios roçando, prontos para mais. O contato tornou-se a coisa mais terna que Nicu já conhecera. A sensação pareceu três longos anos.

Mas a floresta tremeu, separando-os, as cabeças balançando para o lado. Uma coroa de chifres atravessou as folhas da agulha, sacudindo a neve dos galhos e borrifando-a no ar. O rosto de Sussurro estava na clareira. A curva





fantasiosa de seu focinho indicava que ela estava vagando, se aquecendo na floresta iluminada pelas estrelas, talvez contando os brilhos dos galhos.

Os raios de seus membros pararam quando ela os viu. Ela piscou, e Nicu piscou de volta, e Lyrik piscou também.

A cauda de Sussurro tremeu. Ela inclinou a cabeça em diversão e depois trotou de volta para a floresta, dando-lhes privacidade.

Ela assumiu que eles estavam acasalando?

A paisagem cristalizou, a realização amanheceu. Eles se beijaram na neve, em meio à geada e abetos. Nicu se sentiu tão magicamente triturado que, quando uma brisa passou, quase o derrubou.

Eles ficaram lá, enroscados como enfeites. Feliz, ele olhou para Lyrik. E pela primeira vez, ele viu o que sempre quis ver.

Olhando de volta para ele, ele viu honestidade e desejo.

Ele viu esperança.



CAPÍTULO DEZOITO

PATIFE

Ele me beijou. Ele me beijou.

Ele foi lá, e caramba, eu fui junto com ele. No instante em que seus lábios apertaram os meus, eu fiquei louco. Eu tinha perdido.

Nada - e não quero dizer *nada* - se compara ao puro gosto dele. Não são minhas fantasias. Não minha experiência passada. Ele rasgou em pedaços tudo o que veio antes dele. Toda brincadeira sensual. Cada toque.

Quantas vezes eu queria e temia isso? Quantas vezes eu lutei para manter minhas mãos para mim? Quantas vezes desde que eu o conheci?

Tudo que ele precisava era de um segundo para pular cada montanha, rio e estrada que eu tinha empurrado entre nós. Tudo que ele precisava era de um segundo para romper a distância, atravessar reinos, me derrubar.

Quando eu registrei seus lábios, foram necessários anos de contenção, farsa e restrição para não encorajá-lo, pensar com a cabeça em vez do resto de mim.

Lábios. Dentes. Dedos.

Estações. Meu pau ficou tão sólido quanto um tijolo. O mais cruel de tudo é que o Berserker em forma de coração no meu peito havia perdido o controle, atingindo um carneiro no meu peitoral.

Externamente, eu tinha fervido em Nicu. Por dentro, eu uivava.

Aquela boca e voz doces me mataram. Seus suspiros agitados, a ponta da língua e a varredura proibida de seu corpo em cima do meu. Ele me deixou

abalado, rasgado, exposto. Eu não tinha sido capaz de me algemar e, francamente, estava cansado de tentar. Eu já tive o suficiente de negação.

Então eu o beijei de volta. Eu saquei a boca musical e me amaldiçoei.

Eu queria que o beijo terminasse. Mas eu também queria que isso nunca acabasse.

Se a sua companheira não tivesse aparecido, não teria terminado. De fato, não havia como dizer o que eu teria feito, que partes dele eu teria procurado, que barulhos eu poderia ter extraído dele como néctar.

Nicu pairou sobre mim. Íris vítreas não mostravam arrependimento, a visão alcançando um lugar dentro de mim que eu não queria insistir. Nossas testas caíram juntas quando ofegamos, tentando recuperar a sanidade e um pouco de ar.

— Eu gostei disso. — Ele sussurrou.

— Eu também —, eu murmurei. Mas quando ele franziu a testa, eu me afastei. — O que? O que foi que eu disse?

— Nada ainda.

Rindo de seu ceticismo, eu o reuni para mim. — Relaxe. Eu não vou estragar tudo. Você tem alguma ideia de quanto tempo eu ansiava por você?

Ele mordeu o lábio inferior, ainda inflado pelo beijo. Era uma boa olhada, a evidência de mim nele. A ideia de mais alguém ter isso, tê-lo, me fez agarrá-lo com mais força, minhas mãos percorrendo sua espinha. Caramba, eu poderia fazer isso para sempre, acariciá-lo enquanto estava congelando.

Minhas mãos estavam coçando para segurar sua bunda, mas eu me contive. Andei de um lado para o outro, não querendo dominá-lo ou me mover muito rápido. Essa coisa que tínhamos... significava muito para seguir adiante. Eu queria que ele gostasse de tudo.

— Estou feliz que era com você. — Disse ele.

—Estou honrado que era comigo —, respondi. —Então esse foi seu primeiro beijo?

Ele balançou a cabeça, a resposta desenrolando meus músculos, meus dedos afrouxando seu aperto nele. Não que eu esperasse o contrário. Eu sabia que ele não estava com mais ninguém no outono, mas a imagem de seu pretendente de inverno ainda fermentava na minha cabeça.

Orgulho e possessividade me encheram. Passei o polegar sobre a boca dele, adorando como a boca tremia. É melhor que seja de mim e não do tempo.

—Há muito mais de onde isso veio —, convidei. —Apenas diga a palavra.

Os lábios de Nicu se separaram, sua mordida aparecendo. —Eu...

Para o inferno com isso. Eu mergulhei embaixo de sua mandíbula, forçando sua cabeça para o lado, fazendo-o cantarolar de surpresa. Soltei um rosnado brincalhão e o senti tremendo de tanto rir.

Eu pensei que minha maior conquista foi fazê-lo sorrir. Eu não tinha considerado a realização de fazê-lo rir assim.

Ele brincou com minha clavícula, correndo uma unha pela borda. Em um gemido, arrastei minha boca do pescoço dele, a parte de trás do meu crânio batendo na neve. Peguei seus dedos e os agrupei nos meus. —Não faça isso, Pássaro Canoro. Se você me dificultar, ficarei mancando pelo resto do dia.

Sua pele rosada escureceu, mas ele colocou o queixo em cima de nossas mãos atadas e me encarou com sinceridade. Eu resisti à vontade de me contorcer. Ninguém nunca olhou para mim como ele. Valorizado. Necessário. Ele era o sol e a lua, sua luz caindo sobre mim e lixiviando a lama.

Há muito tempo, jurei a mim mesmo que não cruzaria essa linha com Nicu. Mesmo agora, toxinas invadiram minha mente, todas as coisas que eu



havia enfrentado antes. Eu mancharia isso. Eu o mancharia. Ele não deveria estar ligado a alguém como eu, nem com minha história, nem com minhas linhagens.

Eu só disse a ele muito sobre mim.

Ele não sabia de tudo.

Sem mencionar, apenas a distinção de classificação rendia esse tabu. Éramos de classes diferentes, vivíamos em reinos separados e nosso tempo era limitado. Isso, compilado com a minha reputação de ser um idiota, e a provável desaprovação de sua família por mim, e o preconceito do mundo contra ele, não era um bom presságio. Ele tinha muita intolerância para suportar sem a minha insatisfação, também. Se o mundo soubesse mais sobre mim - e eventualmente saberia, já que estar com o Filho Real os encorajaria a entrar na minha vida - não o promoveria para o povo. O estigma não lhe daria favores.

Para onde nós íamos daqui?

Muito cedo para contar. Muitas coisas para pesar. Muitos problemas para lidar.

Eu não conseguia segurar todos, então segurei Nicu, o que era muito melhor. Agora que finalmente tínhamos gostado um do outro, do que estávamos esperando, eu teria problemas em desistir. Eu bani o resto por enquanto.

Me chame de egoísta.

Agarrei seu rosto e puxei sua boca de volta para a minha. Depois de devorá-lo adequadamente mais uma vez, eu o ajudei a levantar, avaliando a bagunça que havíamos feito um do outro. Ele se afastou, mas eu o agarrei novamente e fiz cócegas em seus lados até que ele se dobrou, suas gargalhadas saltando através da folhagem.





Terminamos a sopa, fechamos a cabana e encurralamos Sussurro. No caminho, os dedos de Nicu se entrelaçaram com os meus. Eu não sabia dizer quem estendeu a mão primeiro, mas segurar a mão dele era como segurar a própria música. Segurando sua mão foi a melhor coisa que eu já fiz.

A melhor coisa que eu já ganhei.

Se estivéssemos na Floresta Iluminada pelas Estrelas, eu tinha uma ideia decente de qual caminho seguir, e Sussurro também. A nevasca tornara a rota mais densa, mas o cervo nos carregava a uma velocidade constante, galopando sobre o branco. Sentei-me atrás de Nicu, a saliência de sua bunda me levando a novas alturas de agonia. Guardei para mim, ajustando meu assento em intervalos de três minutos. Eu precisava sair desse maldito cervo em breve.

Quando o nível de neve aumentou, Sussurro diminuiu a velocidade. Para me distrair e passar o tempo, mordisquei o lóbulo da orelha de Nicu. Ele estava exatamente onde eu queria, então por que não? Quero dizer, eu não pude evitar. Realmente não podia. Eu estava querendo lanche com ele desde o início dos tempos, o que derrotou o propósito de precisar de um descanso de sua proximidade.

Simultaneamente, ele ofegou, riu e repreendeu. — Não na frente da nossa amiga. — Ele insistiu. Pelo contrário, o cervo soltou um suspiro, achando a situação romântica. A versão animal do *Awwwww*.

Em geral, eu não tinha objeções a exposições públicas, especialmente na frente de um morador da floresta. Mas pelo bem de Nicu, eu me comportei.

Fiz um comentário sobre o toco de brinco que havia lhe dado, mas ele apenas olhou para trás com uma astúcia esmeralda que ele definitivamente herdou de seu pai bobo.

O que o pássaro cantaria se minha respiração afundasse no canal de sua orelha, plantando ideias sujas lá?





Montando paralelamente a uma pista de gelo, Nicu lembrou sua tentativa de andar de patins ontem. As lâminas presas às botas haviam pego uma fenda enrugada e o jogaram para a Floresta de Ferro. Não era incomum que superfícies geladas cedessem, arriscando uma queda nas profundezas. Se não for fluente na estação, o Inverno pode acabar com uma pessoa com um simples movimento do pulso.

A maioria das pessoas do Inverno sabia que sinais procurar. A maioria dos visitantes não.

Eu segurei meus braços em torno de seu meio. Aquela viagem inicial à natureza poderia ter sido muito pior para ele. Então, novamente, ele estava bem depois, lutando com o alce e a tempestade.

Acima da gama de sempre-vivas, torres de pedra espetavam os céus. Eu fiquei sério. Quanto mais perto chegávamos do castelo, mais negros meus pensamentos se tornavam, filtrando os brilhantes à medida que a razão e a realidade se infiltravam.

O terreno inclinava-se, a cordilheira alpina subindo em direção à cidade baixa, uma grade de casas, prédios comerciais, academias e museus. Na verdade, menos uma cidade e mais uma cidade pequena, a geografia forjada por grandes arquitetos. Passamos por chalés de madeira e estruturas altas de alvenaria com vários níveis. Ruas de paralelepípedos e árvores de cicuta. O brilho das arandelas pelas ruas.

Por causa da neve, muitos não se aventuravam ao ar livre, exceto os locais que puxavam trenós pelo chão, empilhados com gravetos e pacotes. Senti o cheiro de biscoitos de gengibre e mingau. Algumas pessoas pararam de nos inspecionar, inclinando a cabeça.

Eu tinha saído ontem sem dizer a Jeryn, embora ele provavelmente tivesse decodificado minhas ações até agora. E com a tempestade terminada e





a visibilidade restaurada, o rei deve ter retomado sua própria busca por Nicu, estendendo-a para o exterior. Conhecendo o monarca astuto e meticoloso, ele o fez com compostura, sem tocar o alarme, sem qualquer confusão. Como resultado, a cidade baixa não tinha entendido bem.

O castelo do chalé rompia do penhasco principal e subia para o céu nublado, as torres desaparecendo em matagais de nuvens. Em algum lugar na nebulosa, bandeiras azuis e roxas rachavam o ar como chicotes.

Enquanto os caçadores e estudantes da cidade nos olhavam com uma pergunta silenciosa, passando pela ponte levadiça contava uma história diferente. Um zumbido sutil nos cumprimentou na cidadela. Enquanto a maioria dos residentes ficava dentro de casa, alguns membros do tribunal decidiram se aventurar do lado de fora. Eles inclinaram a cabeça em nossa direção, suas feições desprovidas de alívio ou preocupação. Eles agiram mais retraídos e plácidos do que qualquer coisa.

Ainda assim, eles sabiam. Atrás desse verniz, havia a culpa.

Tive a sensação de que alguém poderia ter hiperbolizado a notícia para todos, manchando a reputação de Nicu por perder o rumo, lascando o respeito parcial que ele estava ganhando aqui.

Alguém definitivamente propagandizou os detalhes. Alguém que não era o rei.

Sir Indigo tinha um motivo. Ele tinha muito que relutar.

E agora, ali estava Nicu, desleixado e montado em um cervo da floresta, acompanhado pelo explorador patife e violador de regras que fez seu nome.

Senti o pensamento das pessoas: o simplório Real se lançara a um atoleiro ambiental e, assim, custara ao rei uma noite de descanso.

Voz esplêndida. Mente inútil.

Também senti a pergunta deles: onde eu me encaixava na equação?



Se eles soubessem mais sobre mim, seus comportamentos seriam um tom ou dois mais escuros.

Nicu sentou-se mais ereto, acenando para alguns deles, jogando-os fora. Eu ri comigo mesmo. Melhor do que fechar meus punhos ou protegê-lo.

Passamos a galope pelo mercado fechado. Eu instalei Sussurro a entrar em um pátio privado reservado para os titulares. Localizando Nicu, os sentinelas nos assentiram.

Quando desmontamos, Nicu deu um tapinha nas costas de Sussurro e murmurou para ela, enquanto os criados corriam para atendê-lo. Segundo eles, uma vez que a nevasca diminuiu, Jeryn de fato cavalgou para a floresta de pinheiros com uma tripulação. Nós devemos ter nos contornado.

O rei havia instruído a patrulha a tocar o alarme se sua delegação não voltasse até o meio-dia, ou seja, daqui a algumas horas. O que significava que, quando Jeryn voltasse, ele teria palavras com nós dois.

— Obrigado, amiga —, disse Nicu a Sussurro. — Fique e veja o jardim de esculturas de gelo. Você vai gostar.

— Por lá, milady. — Eu disse, apontando.

Felizmente, a corça saltou a galope.

O guarda-costas de Nicu o atacaria imediatamente, assim que entrássemos no castelo. Enquanto nos dirigíamos para a entrada, o pássaro cantou na minha mão, com a intenção de unir os dedos. Meus olhos voaram em direção a um ancião em trajes, um dos conselheiros de Jeryn; Eu também peguei um casal nobre assistindo. Todos eles se concentraram em Nicu, como se me associassem por falta de julgamento. De tolice.

Não obstante o apoio do rei e minhas poções, eu era bom para uma queda, não muito mais. Associar-se comigo intimamente não atestou uma pessoa.



Afastei meus dedos de Nicu no momento em que ele fez contato. Seu rosto tremeu em confusão. Embora eu continuasse olhando à frente, esperava que ele abrisse a boca.

Mas ele não fez. Indigo fez.

— Boa viagem. — O cavaleiro provocou enquanto se inclinava contra um poste, claramente nos vendo chegar nas costas de Sussurro.

De toda a maldita sorte. Nicu olhou para ele em reconhecimento.

— Bom nariz. — Eu respondi, puxando suavemente o pássaro para que ele não parasse para esse idiota.

Mas a voz do homem elevou-se da fossa da boca, atravessando o pátio. — Tolo, você se perdeu de novo, sem sentido?

Alguém teve a dignidade de ofegar. Outro teve a ousadia de rir.

As pessoas na corte sabiam melhor do que usar termos depreciativos enquanto Jeryn reinava. Alguns por decência real. Outros apenas se lembravam de seu lugar.

Eles sabiam ainda melhor do que afrontar uma realeza. Um convidado de Sua Majestade.

Então, que porra é essa? Não sei quem parou primeiro. Eu ou Nicu.

Nossas cabeças se voltaram para o cavaleiro feroz. Na minha periferia, inventei o conselheiro, o casal nobre e agora Solstice emergindo da prisão.

As feições de Indigo se transformaram em um olhar malicioso, sugerindo que ele ou não se importava com retaliação - ou sabia que Nicu não o denunciaria pelo desprezo. O último soou verdadeiro. Nicu se ressentia de outros lutando em suas batalhas, como se ele fosse um calouro.

Ele não disse a Jeryn o que esse idiota havia dito. Eu entendi.





Mas isso não significava que eu não pudesse reajustar um pouco as bochechas de Indigo. Eu andei em direção a ele, minhas mãos prontas para fraturar outro osso.

Nicu parou na minha frente. Seus olhos se encontraram com os meus. Ele balançou sua cabeça.

Bem. Eu olhei, depois segui em frente, minhas botas atingindo o limiar.

Foi quando eu percebi. Minhas botas. Não de Nicu.

—É isso o que acontece quando um tolo perde a direção? — Indigo comentou. —Ele cambaleia nos braços de um mestiço?

Lava chamoscou a parte de trás dos meus olhos. Eu desviei ao mesmo tempo que o punho de Nicu.

Um estalo alto. O cavaleiro caiu no chão, soltando palavrões e segurando o nariz. Quebrado mais uma vez.

Estações sagradas. Aquele não tinha sido eu dessa vez.

O sangue salpicou o colarinho de Nicu, e um dos nós de seus dedos se abriu, o vermelho escorrendo pelas mãos. Corpos correram para a frente. Solstice ergueu Indigo na posição vertical e conteve o cavaleiro enquanto ele prestava maldições. Os dignitários que testemunharam ficaram boquiabertos para Nicu como se ele precisasse ser colocado em uma jaula.

Enquanto Nicu segurava seu pulso, eu quebrei meu estupor e corri ao lado dele. — Ei —, eu disse. —Quer sair daqui?

Quando ele assentiu com veemência, peguei sua mão.



CAPÍTULO DEZENOVE

PASSARO CANORO

A sala era um apanhador de sol.

A sala era um apanhador de sol, apanhador de prisma, apanhador de espectro.

Brilhava com recipientes transparentes piscando para ela na luz da manhã, águas místicas ondulando dentro de cápsulas e garrafas. Sortimentos lotavam as prateleiras e cobriam a mesa. Coadores pendiam de ganchos, mini-vasos sobre palafitas e as bocas de vasilhas se abriam, entre outros instrumentos peculiares. Nicu nunca tinha visto nada parecido, nem mesmo em um espaço semelhante em Mista.

Uma mistura de líquidos enchia vasos translúcidos. Diamantes gelatinosos e pântanos leitosos. Eles espumavam e giravam, grossos como seiva ou finos como lágrimas. Eles brilhavam como se alguém tivesse extraído a essência do rabo de uma sereia.

Uma alma talentosa trazia arco-íris e pântanos aqui, talvez até sonhos e desejos. Nicu gostava de pensar, embora as pessoas considerassem impossível coletar essas coisas.

Os aromas de travessuras e caos flutuavam dos cantos. Ouvindo a porta se fechar, a trava deslizando na fenda, Nicu sentiu um par de olhos nele enquanto ele explorava, tocando escalas e fazendo instrumentos tilintar.



Os rótulos indicavam *Secreção* e *Extrato*. Os mais estranhos revelavam ingredientes como *Saliva de Coruja Yule*. Uma borda continha potes de pólen da primavera, água do mar de verão, xarope de outono e chumbo de inverno.

No coração da sala estava o maior caldeirão, um barril de ferro que poderia dar vida ao ar. Escondida dentro de sua própria câmara aberta, com uma abertura de chaminé cavando o teto, esperava o trabalho. Esperava por Lyrik.

A sala de poções dele. A nova sala de poções.

No passado, ele mantinha um segredo nas lendárias florestas do outono. Muitas vezes, ele se chamava feiticeiro químico.

Mas para Nicu, ele era mais. Um mágico da natureza, um ilusionista sarcástico, um mágico irreverente.

Os dedos de Nicu pararam no lábio de uma jarra enquanto o explorador falava. — A primeira vez que você viu minhas poções, nunca me senti mais constrangido.

Nicu olhou por cima do ombro. Lyrik reclinou-se contra o caldeirão, os dedos segurando a borda, as pernas cruzadas nos tornozelos enquanto estudava Nicu.

Eles não estavam sozinhos naquele dia, quando Nicu viu o covil pela primeira vez. Eles estavam com seus amigos, Aire e Aspen, na colônia da casa da árvore.

— Você mal olhou para mim. — Lembrou Nicu.

— Eu mantive meus olhos longe de você, mas eu não conseguia manter minha mente longe de você —, confessou Lyrik. — O tempo todo em que estive ocupado *sem* vê-lo, eu sabia exatamente onde você estava. Eu sabia todos os itens que você tocava. Sentia cada passo que você dava e agonizava com o que achava das minhas poções, quais as impressionariam mais.



Nicu virou-se completamente. — Realmente?

— Realmente. Eu queria te deixar sozinho, mostrar todas as coisas que eu misturei, só para saber qual delas te fazia sorrir. Eu queria saber tudo sobre você. Mas não fazia ideia do porquê.

— Você agia assim, e então não agia assim, e então agia assim. Eu pensei que você estava brincando comigo. Você me chamou de simplório, e eu não era uma flor.

— Nicu. — Ele disse com voz rouca. — Você é lindo. Sempre foi.

— Eu não pareço com outras pessoas—

— Outras pessoas podem ir para o inferno.

Aspen disse uma vez isso a Nicu, que ele era gracioso e não deveria deixar ninguém lhe dizer algo diferente. E ele pegou Lyrik olhando para ele antes, como se o explorador pudesse acreditar nisso.

Mas outras vezes, Nicu assumira que ele estava vendo coisas. Porque naqueles outros momentos, Lyrik não mostrara nada.

— Mostre-me tudo agora. — Convidou Nicu.

O rosto de Lyrik torceu, uma centena de vasos refletidos em seus olhos. Ele inspecionou a camisa de Nicu, depois se levantou do caldeirão e caminhou até um armário, jogando os frascos de lado. Então ele pegou um frasco de líquido púrpura e um pano. — Você tem sangue no seu colarinho.

— Eu posso lavá-lo. — Disse Nicu.

Lyrik o ignorou e arrancou o material, os nós dos dedos roçando o pescoço de Nicu. Limpando a gola e depois descendo a frente da camisa, Lyrik fez as manchas desaparecerem sem deixar vestígios, como se nunca estivessem lá. O fluido havia conseguido isso mais rapidamente do que sabão teria feito.

— Você tem uma miragem nas mãos. — Meditou Nicu.

— Imagine isso —, brincou Lyrik. — Na verdade, é uma poção doméstica. Remove a mais permanente das marcas.

— Você disse algo sobre me impressionar?

Ele sorriu. Sem desviar o olhar, ele alcançou o lado e pegou alguns mistérios, segurando cada cápsula esbelta entre os dedos, uma por uma. — Isso diminuirá o que quer que entre em contato. Sempre quis testá-la em Sir Indigo. Eu conheço o apêndice perfeito...

Nicu começou a rir. Satisfeito com isso, Lyrik escolheu outra cápsula. — Corante de semente. Se você quer que a flora cresça em minutos e floresça uma cor impossível. Basicamente, uma poção de vaidade, se você estiver planejando cortejar alguém.

— O que há de errado com cores naturais?

O explorador se inclinou, apoiando o braço no armário acima, as mangas enrugando suavemente. — Geralmente, as pessoas não apreciam o que está bem na frente delas.

— Como você. — Nicu brincou.

— Ah, eu sempre soube. — Assegurou Lyrik.

Eles se observaram. Olhando para este jovem, Nicu ansiava por uma proximidade que ele não sabia que existia, uma proximidade nua. Seu corpo doía de um jeito que nunca antes, não com ninguém. Não com Noel.

Então, novamente, Noel não o enfurecia. O cortesão era seguro, charmoso, gentil - uma corrente suave contra uma cortina.

Lyrik era um ciclone. Uma explosão imprevisível de ar que virava Nicu, e depois o pegava quando menos esperava, o impedia de cair.

Nicu queria empurrar Lyrik para uma superfície e montá-lo, para ver o que mais eles poderiam fazer juntos, que músicas poderiam mexer dentro de



Nicu, que poções poderiam mexer dentro de Lyrik. Ele queria que eles descobrissem do que eram capazes. E ele queria usar a boca deles para fazê-lo.

Mas o garoto de poções se afastou para recuperar o pano que ele usara na camisa de Nicu. Ele o entregou, para que Nicu pudesse limpar o vermelho seco de suas mãos.

Quando Nicu terminou, ele olhou para as palmas das mãos, seu humor maçante. Sir Indigo, o soco, o jato de sangue. A cena voltou para ele, fazendo seu queixo tremer.

Seu pai o havia ensinado a lutar com palavras, não com punhos. Enquanto seu amigo, Aire, o primeiro cavaleiro do outono, havia ensinado Nicu a usar os punhos. Mas somente quando ele precisava.

Com o Indigo, ele não precisou.

O polegar do explorador rastejou sob a mandíbula de Nicu e levantou o rosto. Eles estavam tão perto. Flocos de poeira nadavam à luz, manchas em miniatura flutuando entre eles.

Lyrik olhou para Nicu. — Não deixe eu chegar até você. Se você continuar pensando, ele vence.

— Ele é um homem torturado.

— Como você imagina?

— Ele tem o lamento de um. Eu ouvi isso no mercado e novamente hoje.

Solstice mencionou algo nesse sentido. Ela disse que o Indigo tinha um motivo para odiar os tolos, como algo específico, mas ela se recusou a dizer o que. Isso foi logo depois que ele alegou que era uma vítima. — Bem, desculpe se meu lado compassivo está faltando em relação a ele. Hábito.

— Eu deveria ter pena dele, não dar um soco nele. Não gosto de machucar pessoas.

— Isso é porque você é mais esperto do que nós, gênios do inverno.



— Eu também não gosto de pessoas me machucando.

Nicu pensou em ser algemado em uma masmorra quando ele tinha quatro anos, sendo encarado por toda a sua vida, sendo restringido à medida que crescia. Ele pensou em fugir quando tinha dezessete anos e ainda errar. Ele pensou em vir aqui para encontrar sua voz e ser criticado por isso. Ele pensou em todas as coisas que tinha feito, porque fora chamado de simplório, tolo.

Ele assumiu que tinha crescido com isso, fora da confusão, vergonha e frustração. Uma vez ele disse a Aspen que estava bem, enquanto todo mundo era tolo, e ele quis dizer isso de uma maneira risada. Mas, às vezes, ele encontrava fendas dentro de si, de dia, de hora e tropeçava nelas.

Pensando tanto nisso, sua mente ficou lamacenta. Então ele percebeu que não estava pensando em nada... estava conversando, recitando tudo em voz alta. Por alguma razão, a maioria das pessoas - não todas, mas a maioria - tinha problemas para entender seu discurso. Mas nunca Lyrik.

Esse jovem poderia pegar as palavras de Nicu, jogá-las no caldeirão e misturá-las? Uma canção de Nicu finalmente surgiria? Seria assim tão simples?

Valia a pena ter algo simples? Sem dor?

Não, este lugar pertencia a Lyrik. E em algum lugar fora dele, um lugar pertencia a Nicu. Se ele alguma vez encontrasse o caminho até lá. Se ele alguma vez encontraria sua voz lá.

— Estou cansado. — Murmurou Nicu.

Lyrik apontou a cabeça para o centro da sala, em direção ao caldeirão, indicando que Nicu se juntaria a ele. O explorador caminhou até a panela de ferro, onde as alavancas a equilibravam acima do solo, o suficiente para que um fogo subisse por baixo.

Ele não pegou a mão de Nicu nem o guiou até lá, apenas o deixou chegar ao local por conta própria. Nicu se aproximou, observando Lyrik acender uma

chama, chamadas saindo de baixo. Então ele se levantou e tirou o casaco, soltando o cinturão cheio de frascos.

Ele usava couro esfumaçado no veludo de noz de Nicu. Sua camisa e túnica cinza se moviam sobre seus músculos, suas roupas tremendo quando ele arregaçou as mangas, expondo fios de preto. Seu brinco espetado esfaqueou o ar, suas madeixas despenteadas roçaram suas sobrancelhas e seu cachecol caiu ao redor de seu pescoço.

Lyrik juntou taças anônimas, colocou-as em uma bandeja ao lado do tanque e depois apontou um dedo para Nicu. — Venha aqui. Se você fosse tão gentil.

O pedido fez o pulso de Nicu disparar. Ele se aproximou, incerto, animado.

Movendo-se para ficar atrás de Nicu, Lyrik passou por ele, esticando os braços à frente. Seu torso alinhado com a coluna de Nicu, suas roupas pastando quando uma gota de suor desceu pelo lado de Nicu, penetrando no cóis da calça.

Lyrik falou no ouvido de Nicu, sua barba por fazer abrasando o lóbulo sensível. — Falando naquele primeiro dia, você se lembra da poção que eu lhe mostrei?

— A fumaça rosa. *'Puramente para a atmosfera'* —, citou Nicu. — Mas quando o líquido encontra o ar, a fumaça sobe, muda de cor e ilumina a sala.

— Sim. Aquela.

E então ele mostrou a Nicu como prepará-la. Seus dedos pousaram levemente nos quadris de Nicu enquanto ele sussurrava instruções enquanto selecionava recipientes, introduzindo os ingredientes. Ele demonstrou quanto adicionar e a direção a se mexer, enquanto pegava uma colher, deslizando dentro e fora do fluido.

— Agora, deixe ferver. — Disse o explorador.

Fissuras borbulhavam no líquido. Eventualmente, Lyrik narrou, deixando Nicu executar a tarefa. A umidade subiu, enchendo a sala com um calor úmido. A voz de Lyrik tropeçou algumas vezes e a respiração de Nicu engatou várias vezes.

— Agora, deixe ferver. — Disse o explorador.

As bolhas estouraram, e o nevoeiro emergiu da panela, e a abertura inalou-a. A mistura reagiu tão rapidamente, rápido demais para ser real.

— Agora, deixe transbordar. — Disse o explorador.

A fumaça atingiu a atmosfera e corou, uma névoa rosa os cercando. No entanto, não estava quente como as chamas, apenas um turbilhão de cores perturbadas. E realmente, iluminou a sala.

Nicu sorriu. — Obrigado.

— Ainda não terminou. — Disse Lyrik.

Nos dois lados de Nicu, o garoto de poções apertou a borda da panela. E sua boca roçou a lateral do pescoço de Nicu.

Com um suspiro assustado, a cabeça de Nicu caiu para trás, caindo contra o ombro do explorador. Ele inclinou a cabeça, dando a Lyrik mais acesso, mais de si mesmo. Beijos quentes provocavam sua pele, criando um rastro de pedras na coluna. A boca de Nicu se abriu, delirando com o sentimento, encantada por estar perdida.

Os braços de Lyrik o envolveram. A mão de Nicu vagou para trás, vasculhando os cabelos do garoto, destruindo as raízes. Oh, isso parecia glitter. Era tão tremendo e terrível, construindo, mas não alcançando.

Isso parecia tão malditamente bonito.

A língua de Lyrik saltou para o lado da orelha, depois afundou no pedaço de pele que balançava no final, o lugar vago onde um pedaço de brinco

havia estado. O explorador sacudiu o lóbulo e o colocou na boca. Ele soltou um suspiro atordoado de Nicu, um ruído que nadava nos vapores, que tremia como um sino.

O jovem gemeu. Ele se afastou, a testa pousando no ombro de Nicu. — Nós não podemos fazer isso.

Ele lutou com isso, as palavras tropeçando na sala. Mesmo assim, ele segurou Nicu como se recusasse a libertá-lo, usando o aperto de um viciado. Ele o segurava como um aliado, um amigo - um amante. Ele amarrou Nicu por trás, como se não pudesse fazer essa escolha sozinho, como se pedisse permissão para deixar ir, como se estivesse implorando.

Deveria ter assustado Nicu. — Mas nós fizemos isso.

— Você está fora da minha liga.

— Eu não acredito nisso.

— Acredite: você é feito de bondade. Eu não sou.

— Isso não é verdade —, ele sussurrou. — Você é uma boa pessoa. Você tem uma língua enlameada e comportamento desconectado...

— Dizer que eu tenho uma boca suja e quebrar regras deveria ser um elogio?

— Você não quebra as regras, você as liberta, mas isso não a deixa podre. Você não é desonesto ou diabólico. Suas poções dão sorrisos.

— São apenas algumas poções inteligentes.

— Elas podem ser mais do que isso, e você quer que elas sejam mais do que isso. Você preparou uma trilha de cores para mim uma vez. Você me recebeu, e Aspen e Aire, na colônia da casa na árvore, e nos deu um lugar para fugir, e me ajudou a libertar Aspen quando ela foi presa, e você enfrentou uma ponta de espada para mim.

— Eu tive meus momentos.

— Você salvou minha vida. Você é uma pessoa que desperta a vida. Como Jeryn, e como Aire, e como minha mãe e meu pai.

— Você não diria isso se soubesse-

— Quem quer que seus pais fossem, você não é eles.

Lyrik foi o produto do verão e inverno. Nicu foi a primeira pessoa a descobrir isso, durante o mês na colônia da casa na árvore. Mas isso foi tudo o que o explorador confessou naquela época.

Rindo tristemente, Lyrik juntou as mãos. — Não significa que eu sou um santo. Não significa que meu sangue não faz sentido para o mundo.

— Desde quando você se importa com o que o mundo pensa?

— Desde que o mundo incluiu você.

Os vocais de Nicu ficaram doloridos, muito doloridos, enquanto a névoa rosa envolvia ele e esse garoto. Um efeito bonito que não duraria.

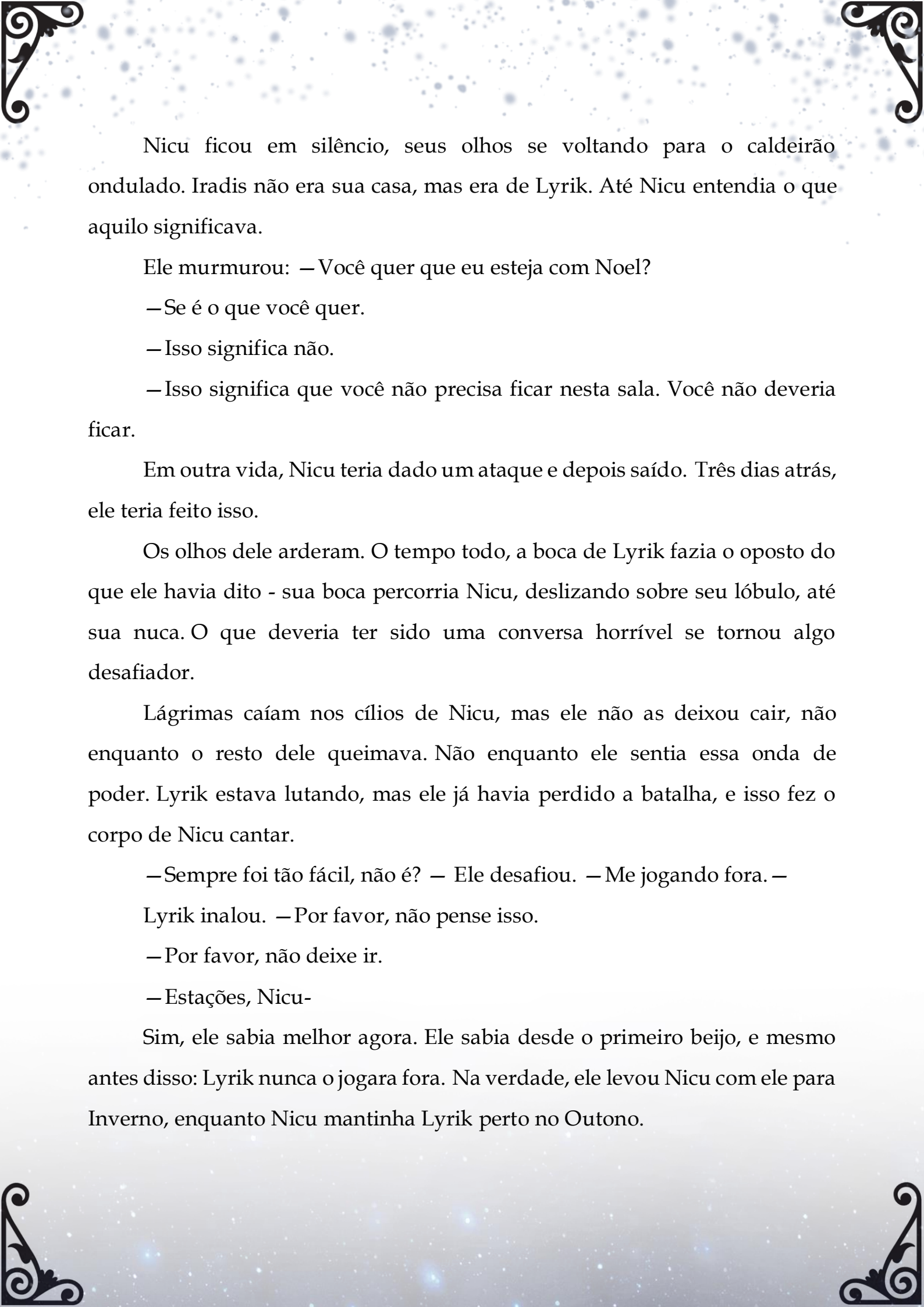
Lyrik esfregou a boca na fenda abaixo da orelha de Nicu. — Eu cometo meus próprios erros, mas goste ou não? Esses erros remontam às minhas raízes.

— Essa é a história de todos.

— Exatamente. Você não quer meu pedigree no seu perfil, Pássaro Canoro. Além disso, da última vez que chequei, morávamos em reinos diferentes. Você planeja ficar no inverno?

— Noel também está aqui. — Disse ele.

Lyrik apertou a barriga de Nicu. — Ele tem procriação impecável. Não é a mesma situação, entende? Se ele te faz feliz, seus pais amorosos estariam por toda parte; eles permitiriam que ele atravessasse Estações, e sua própria família não recusaria uma partida real. Não que eu esteja pensando tão à frente. Ou talvez eu esteja.



Nicu ficou em silêncio, seus olhos se voltando para o caldeirão ondulado. Iradis não era sua casa, mas era de Lyrik. Até Nicu entendia o que aquilo significava.

Ele murmurou: — Você quer que eu esteja com Noel?

— Se é o que você quer.

— Isso significa não.

— Isso significa que você não precisa ficar nesta sala. Você não deveria ficar.

Em outra vida, Nicu teria dado um ataque e depois saído. Três dias atrás, ele teria feito isso.

Os olhos dele arderam. O tempo todo, a boca de Lyrik fazia o oposto do que ele havia dito - sua boca percorria Nicu, deslizando sobre seu lóbulo, até sua nuca. O que deveria ter sido uma conversa horrível se tornou algo desafiador.

Lágrimas caíam nos cílios de Nicu, mas ele não as deixou cair, não enquanto o resto dele queimava. Não enquanto ele sentia essa onda de poder. Lyrik estava lutando, mas ele já havia perdido a batalha, e isso fez o corpo de Nicu cantar.

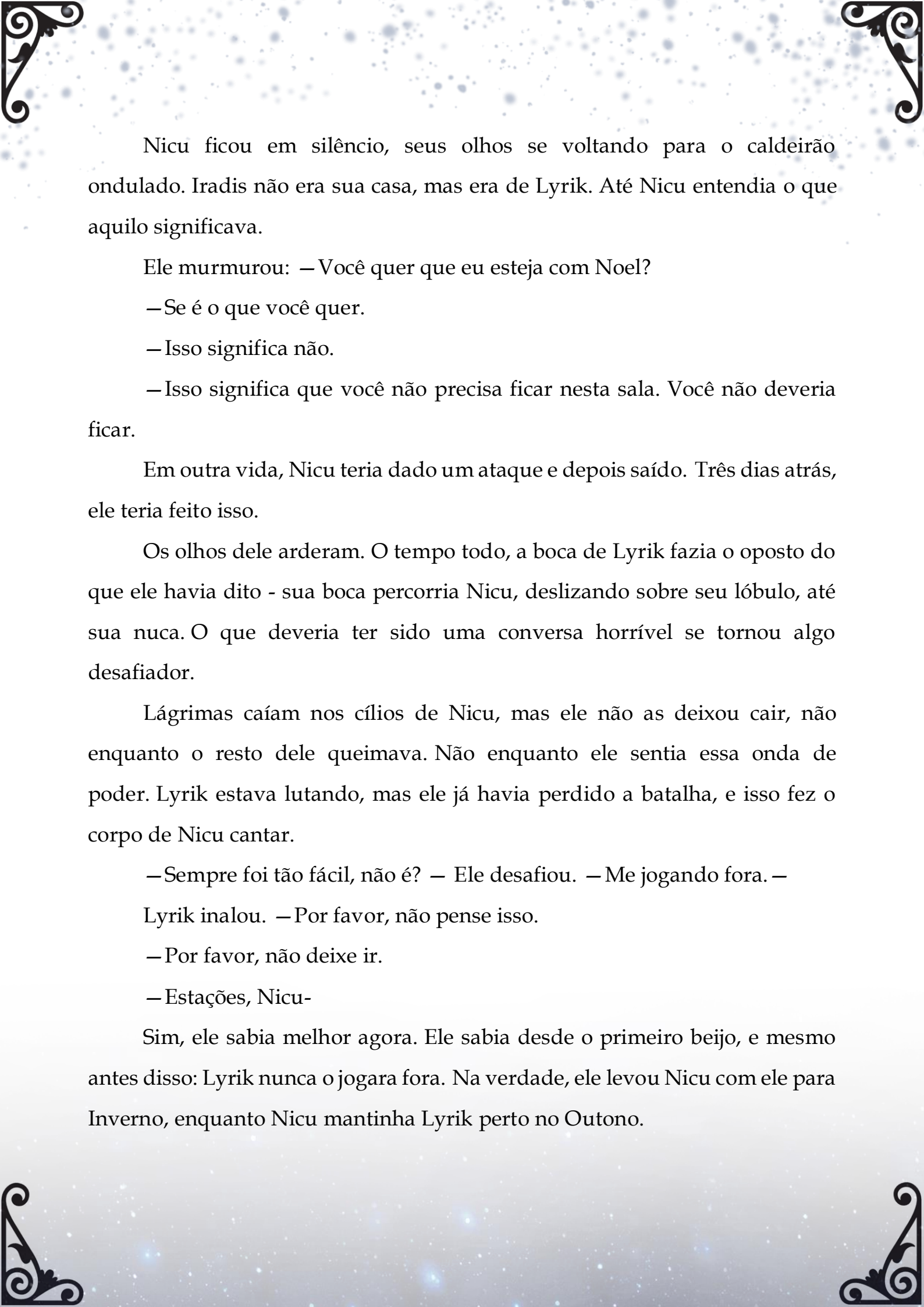
— Sempre foi tão fácil, não é? — Ele desafiou. — Me jogando fora. —

Lyrik inalou. — Por favor, não pense isso.

— Por favor, não deixe ir.

— Estações, Nicu-

Sim, ele sabia melhor agora. Ele sabia desde o primeiro beijo, e mesmo antes disso: Lyrik nunca o jogara fora. Na verdade, ele levou Nicu com ele para Inverno, enquanto Nicu mantinha Lyrik perto no Outono.



Ele notou a rigidez apoiada em suas costas, que combinava com a sua. Ele torceu a cabeça, murmurando contra os lábios de Lyrik. — Pegue minha boca.

— Caramba, isso é tão errado.

— Apenas pegue minha boca. Deixe-me levar a sua...

Os lábios de Lyrik arrebataram os de Nicu. — E a sala gritou.

O contato ronronou baixo na barriga de Nicu, ecoando através dele quando o explorador abriu seus lábios. O garoto mergulhou e sondou com a língua, arrancando um canto de Nicu.

Oh, quem sabia que os lábios poderiam fazer tanta mágica?

Curioso, Nicu estendeu a própria língua. Ele lambeu os dentes superiores de Lyrik. E o beijo rugiu.

Lyrik puxou-o, pegou-o e jogou-o na beira da mesa. As pernas de Nicu se abriram quando Lyrik deslizou entre elas, passando os braços em volta de Nicu para prendê-lo no lugar. A névoa sacudiu sua espinha, mas ele não se preocupou, sabendo que Lyrik não o deixaria escapar.

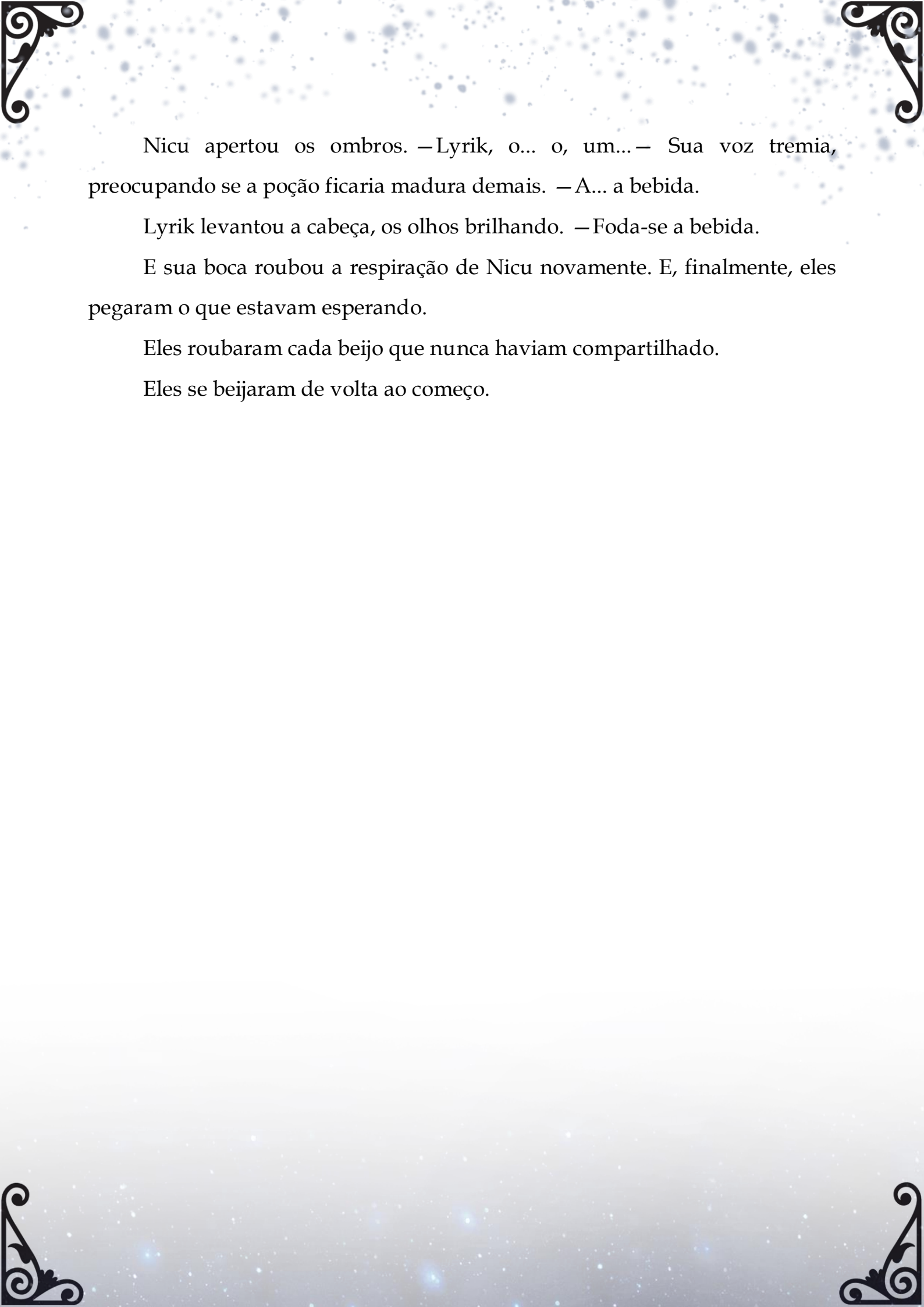
Ele não o deixaria ir.

E essa... essa era uma maneira totalmente nova de cantar.

O explorador agarrou seu rosto, seu beijo rasgando Nicu, quebrando-o. Por sua vez, ele engoliu o grunhido de Lyrik. E então um gemido cheio de descobertas deslizou por sua própria garganta, ondulando através de sua língua quando ele a levou ao canal úmido da boca de Lyrik.

Arrastando-se para baixo, Lyrik sugou uma bacia de pele entre as clavículas de Nicu. Seus pulmões apreenderam e sua cabeça voou para trás. A abertura acima deles capturava seus ruídos e as espalhava em um milhão de melodias.

— Eu te quero há tanto tempo. — Lyrik ofegou.



Nicu apertou os ombros. —Lyrik, o... o, um...— Sua voz tremia, preocupando se a poção ficaria madura demais. —A... a bebida.

Lyrik levantou a cabeça, os olhos brilhando. —Foda-se a bebida.

E sua boca roubou a respiração de Nicu novamente. E, finalmente, eles pegaram o que estavam esperando.

Eles roubaram cada beijo que nunca haviam compartilhado.

Eles se beijaram de volta ao começo.



CAPÍTULO VINTE

TRÊS ANOS ATRÁS

OUTONO

PATIFE

Eu o ouvi antes de vê-lo.

Eu o senti antes de vê-lo também.

Sua voz de flauta deslizava pelos bordos, entre as folhas vermelhas e as casas na árvore. Algumas sarcásticas sobre fogueiras e ladrões.

A melodia apareceu em mim. Ele me bateu no ombro e, quando realmente se registrou, agarrou meus pulsos. Eu parei, uma palheta de fumaça pendendo da minha boca, minhas mãos tensas logo acima do caldeirão.

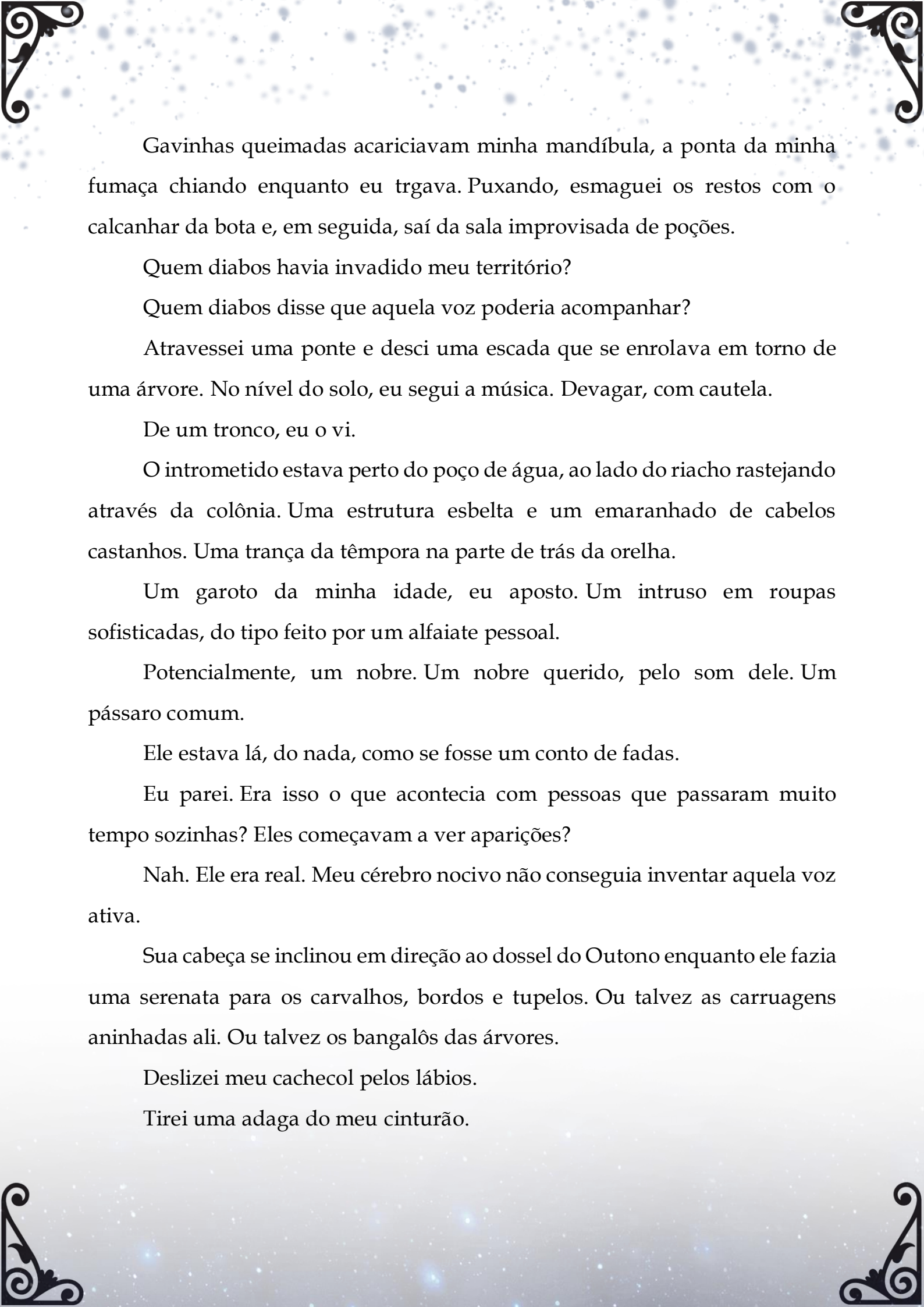
Minha cabeça levantou. Meus olhos rastrearam o barulho.

Meu coração fez algo inteiramente fora do personagem.

O problema era que eu estava agachado nessa colônia abandonada a vida toda, vivendo sozinho por quase toda a vida. Eu fiz caminhadas em aldeias vizinhas, conhecia alguns dos habitantes locais que compravam minhas poções, mas ainda assim. Nunca ouvi esse teor, nunca ouvi nada parecido. Alguém lá fora tinha os tubos de um instrumento de sopro. Alguém lá fora estava invadindo meu território.

Vocais jovens. Vocais jovens e masculinos.

Sua música fez uma barulheira, colocou meus dentes no limite. Foi a coisa mais angelical que eu já ouvi.



Gavinhas queimadas acariciavam minha mandíbula, a ponta da minha fumaça chiando enquanto eu trgava. Puxando, esmaguei os restos com o calcanhar da bota e, em seguida, saí da sala improvisada de poções.

Quem diabos havia invadido meu território?

Quem diabos disse que aquela voz poderia acompanhar?

Atravessei uma ponte e desci uma escada que se enrolava em torno de uma árvore. No nível do solo, eu segui a música. Devagar, com cautela.

De um tronco, eu o vi.

O intrometido estava perto do poço de água, ao lado do riacho rastejando através da colônia. Uma estrutura esbelta e um emaranhado de cabelos castanhos. Uma trança da têmpora na parte de trás da orelha.

Um garoto da minha idade, eu aposto. Um intruso em roupas sofisticadas, do tipo feito por um alfaiate pessoal.

Potencialmente, um nobre. Um nobre querido, pelo som dele. Um pássaro comum.

Ele estava lá, do nada, como se fosse um conto de fadas.

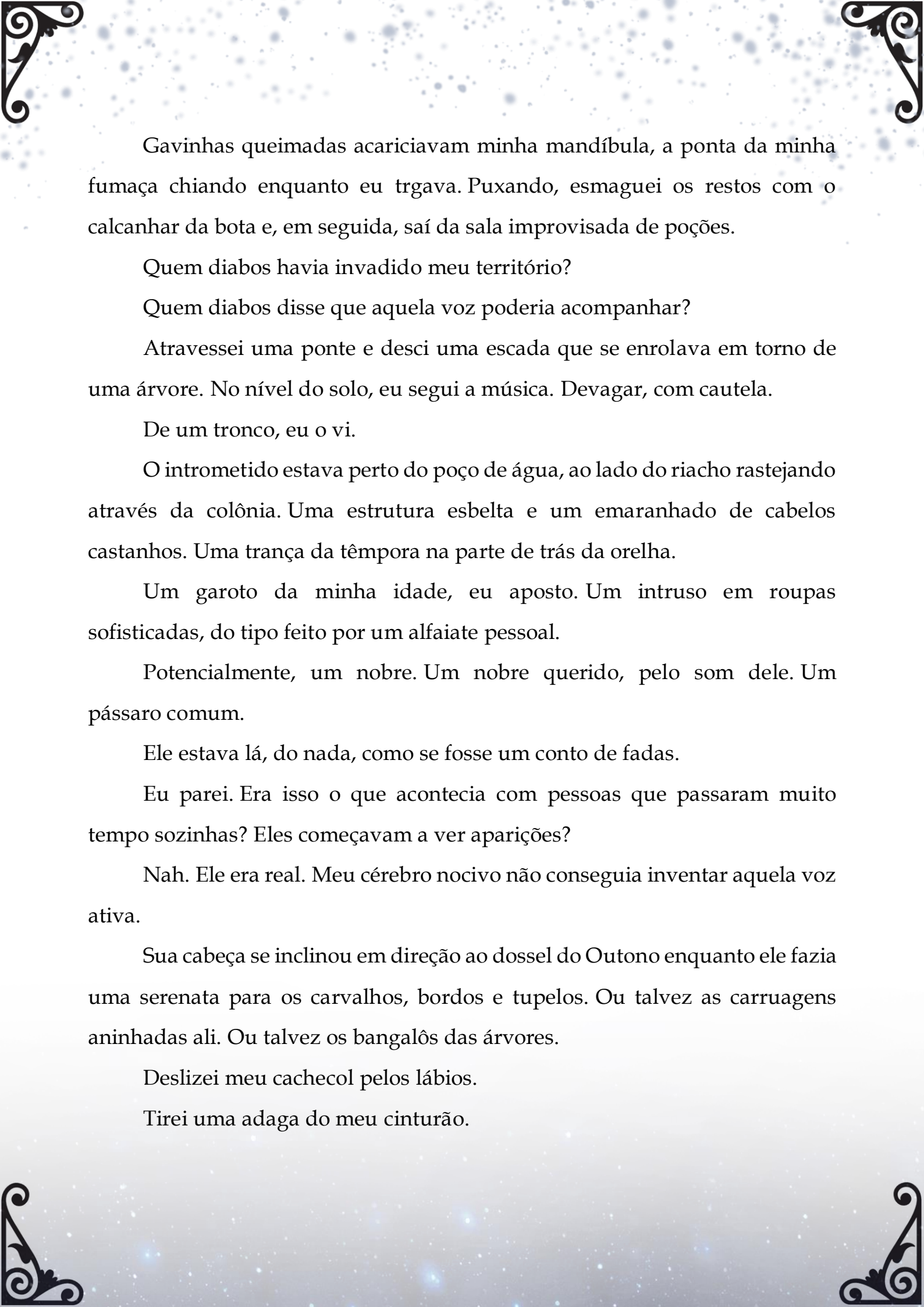
Eu parei. Era isso o que acontecia com pessoas que passaram muito tempo sozinhas? Eles começavam a ver aparições?

Nah. Ele era real. Meu cérebro nocivo não conseguia inventar aquela voz ativa.

Sua cabeça se inclinou em direção ao dossel do Outono enquanto ele fazia uma serenata para os carvalhos, bordos e tupelos. Ou talvez as carruagens aninhadas ali. Ou talvez os bangalôs das árvores.

Deslizei meu cachecol pelos lábios.

Tirei uma adaga do meu cinturão.





Um minuto depois, ele parou de cantar, a ponta da minha lâmina apoiada em sua garganta macia. Eu o segurei por trás, sentindo seu corpo tremer na cela dos meus braços.

Eu poderia cortar essa harmonia. Eu poderia roubar essa música, do jeito que ele me roubou a paz.

Seus amigos entraram em cena, um cavaleiro armado que parecia um falcão e uma garota com... pele de madeira. Mas inferno, se você pensar sobre isso, coisas mais estranhas existem neste mundo natural. Raios, algas, tarântulas.

Sem mencionar a voz de flauta, agora em minha posse.

O casal tentou me convencer a libertá-lo. Eles poderiam irritar, por tudo que eu me importava.

Uma gota de vermelho escorreu pelo pescoço do garoto. Espiei a coluna, o comprimento do corpo, os tendões delgados. Apenas uma rápida olhada.

Mas então ele falou. — Você é feito de torrentes e poluição atmosférica. Essas coisas são transparentes e não duram. Retire meu sangue novamente, mas você ainda vai secar e desaparecer.

As palavras envolveram minha garganta, espremendo o fôlego de mim. Meus pés estavam se movendo antes que eu pudesse detê-los, antes que minha mente pudesse alcançar. A adaga seguiu, roçando-o levemente enquanto eu contornava o garoto.

Meu olhar derrapou e pousou em seu rosto. Um par de trevos amplos piscou para mim, olhos cor de esmeralda que devem ter ficado coloridos drenando metade da primavera. A cor da gema. Era o tipo de merda que você encontraria em uma loja de penhores.

E então eu vi o resto dele. Um simplório. Uma versão élfica de um.





Fazia sentido que ele estivesse cantando sobre ladrões. Porque a visão dele acabou comigo, roubando o resto do meu ar.



PASSARO CANORO

O nome dele era Lyrik. O garoto de poções.

Apesar de sua adaga, Nicu parou de temer o posseiro. Talvez fossem as ameaças casuais ou o estilingue preguiçoso do braço de Lyrik. De qualquer maneira, o garoto estava blefando.

E, na verdade, Nicu já estava cansado de ser usado como suporte para os conflitos de outras pessoas. Ele queria sua própria jornada. Em algum lugar deste mundo vivia sua própria história, suas próprias canções, cheias de sóis e luas que lhe pertenciam.

Nicu não deixaria esse estranho desleixado e bagunçado tirar isso. Pela primeira vez em sua vida, ele nunca quis abraçar ou fazer amizade com alguém menos.

Ele chamou o bandido em seu penhasco ao falar a verdade. — Você é feito de torrentes e poluição atmosférica...

Funcionou, mas o que Nicu não esperava era a visão do garoto quando eles olharam.

O que Nicu não esperava era a maneira como seu próprio corpo reagiu.





PATIFE

O nome dele era Nicu. O filho real do Outono.

Eu com certeza sabia como escolhê-los. Em uma alta rebelde, ele fugiu do castelo, estragando a aventura e a independência. Ele parecia desmiolado, especialmente quando se tratava de seu senso de direção. Mas e daí? Todos nós tínhamos coisas para lidar.

Seus amigos tinham razões próprias para estar aqui. Aprendendo a história do grupo, decidi deixar ele e seus companheiros ficarem. Idiota da minha parte, sim.

Mas eu simplesmente não queria vê-lo ir ainda. Também estúpido da minha parte.

O estúpido não acabou.

Mostrando a eles que minha sala de poções não tinha sido o plano, mas o trio bisbilhoteiro não me deu escolha. Dei-lhes um rápido resumo, depois brinquei com o cavaleiro e a garota, sentindo o tempo todo Nicu se mover pelo espaço.

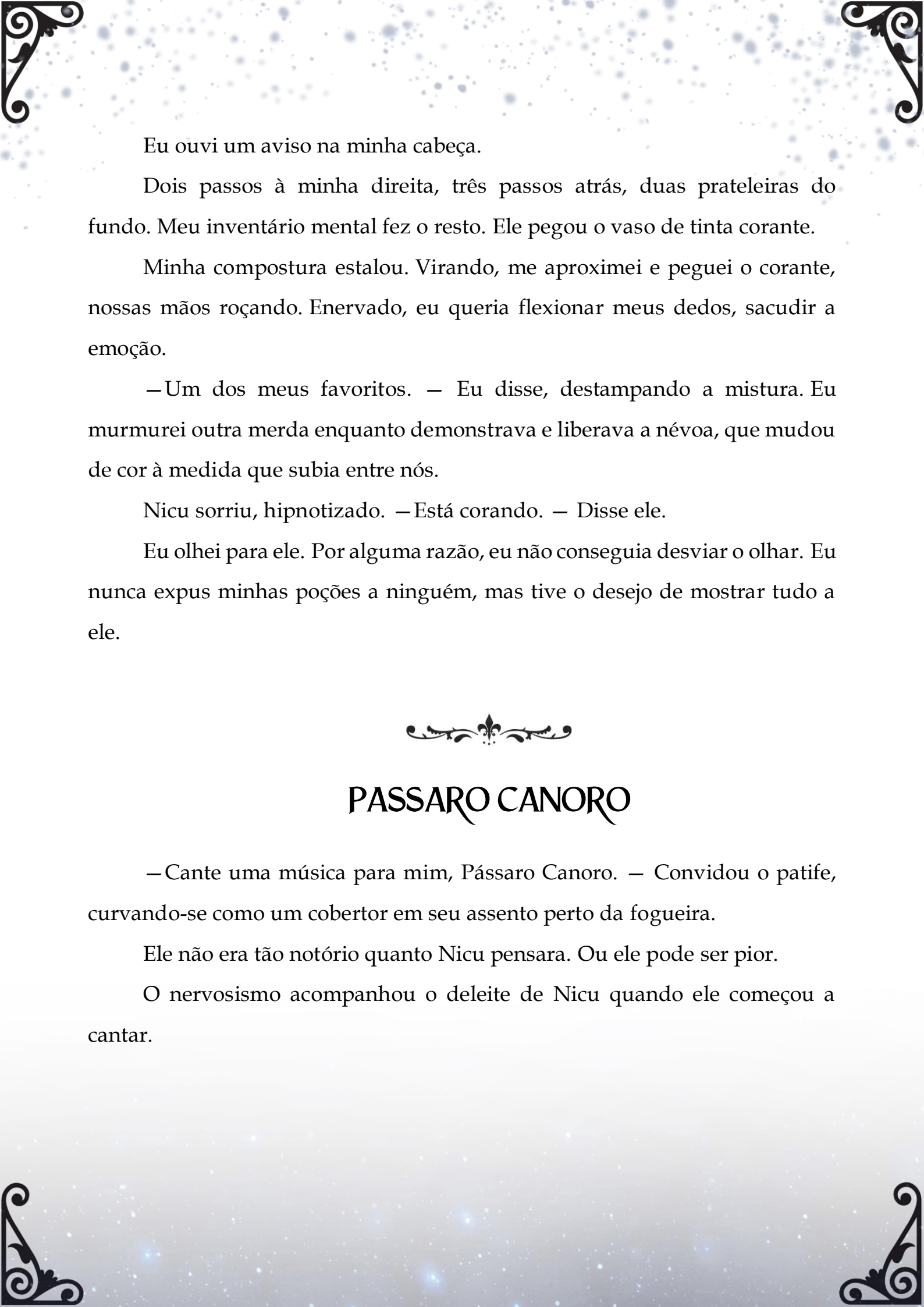
A inquietação picou meus membros. Diversão tocou meus lábios. Confusão beliscou minhas omoplatas.

Mesmo mantendo meus olhos longe dele, eu sabia que cantos ele explorava, que recipientes ele tocava. Eu senti a efervescência dele.

Mas quais poções ele preferiria? O que o divertia? O que o faria tremer, como ele fazia quando eu o estava segurando?

Ouvi suas botas pisando no chão de parquet. Ouvi frascos empurrando.





Eu ouvi um aviso na minha cabeça.

Dois passos à minha direita, três passos atrás, duas prateleiras do fundo. Meu inventário mental fez o resto. Ele pegou o vaso de tinta corante.

Minha compostura estalou. Virando, me aproximei e peguei o corante, nossas mãos roçando. Enervado, eu queria flexionar meus dedos, sacudir a emoção.

—Um dos meus favoritos. — Eu disse, destampando a mistura. Eu murmurei outra merda enquanto demonstrava e liberava a névoa, que mudou de cor à medida que subia entre nós.

Nicu sorriu, hipnotizado. — Está corando. — Disse ele.

Eu olhei para ele. Por alguma razão, eu não conseguia desviar o olhar. Eu nunca expus minhas poções a ninguém, mas tive o desejo de mostrar tudo a ele.

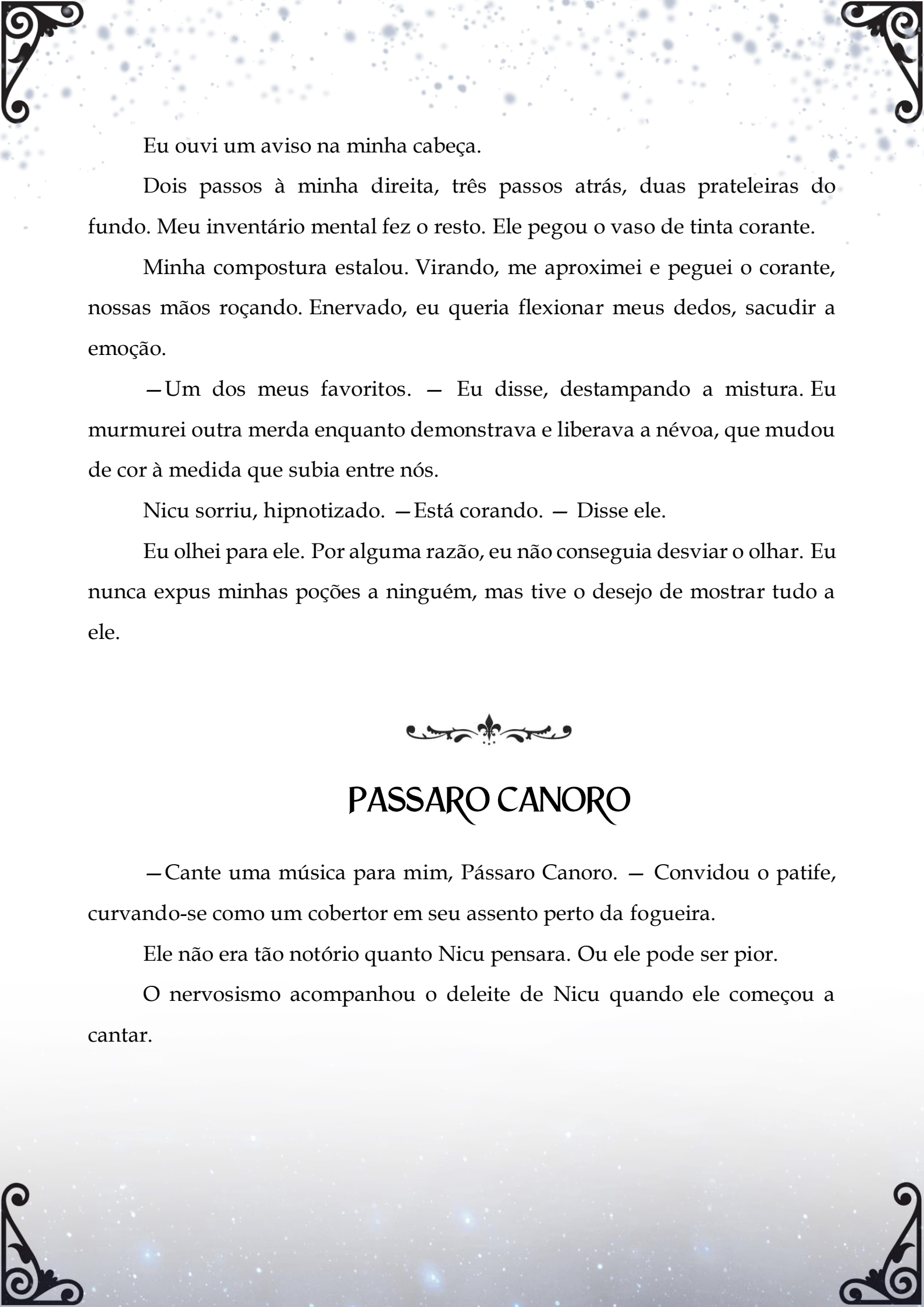


PASSARO CANORO

—Cante uma música para mim, Pássaro Canoro. — Convidou o patife, curvando-se como um cobertor em seu assento perto da fogueira.

Ele não era tão notório quanto Nicu pensara. Ou ele pode ser pior.

O nervosismo acompanhou o deleite de Nicu quando ele começou a cantar.





PATIFE

Eu gostei do som dele. Eu gostei muito.

Eu já sabia que isso não terminaria bem.



PASSARO CANORO

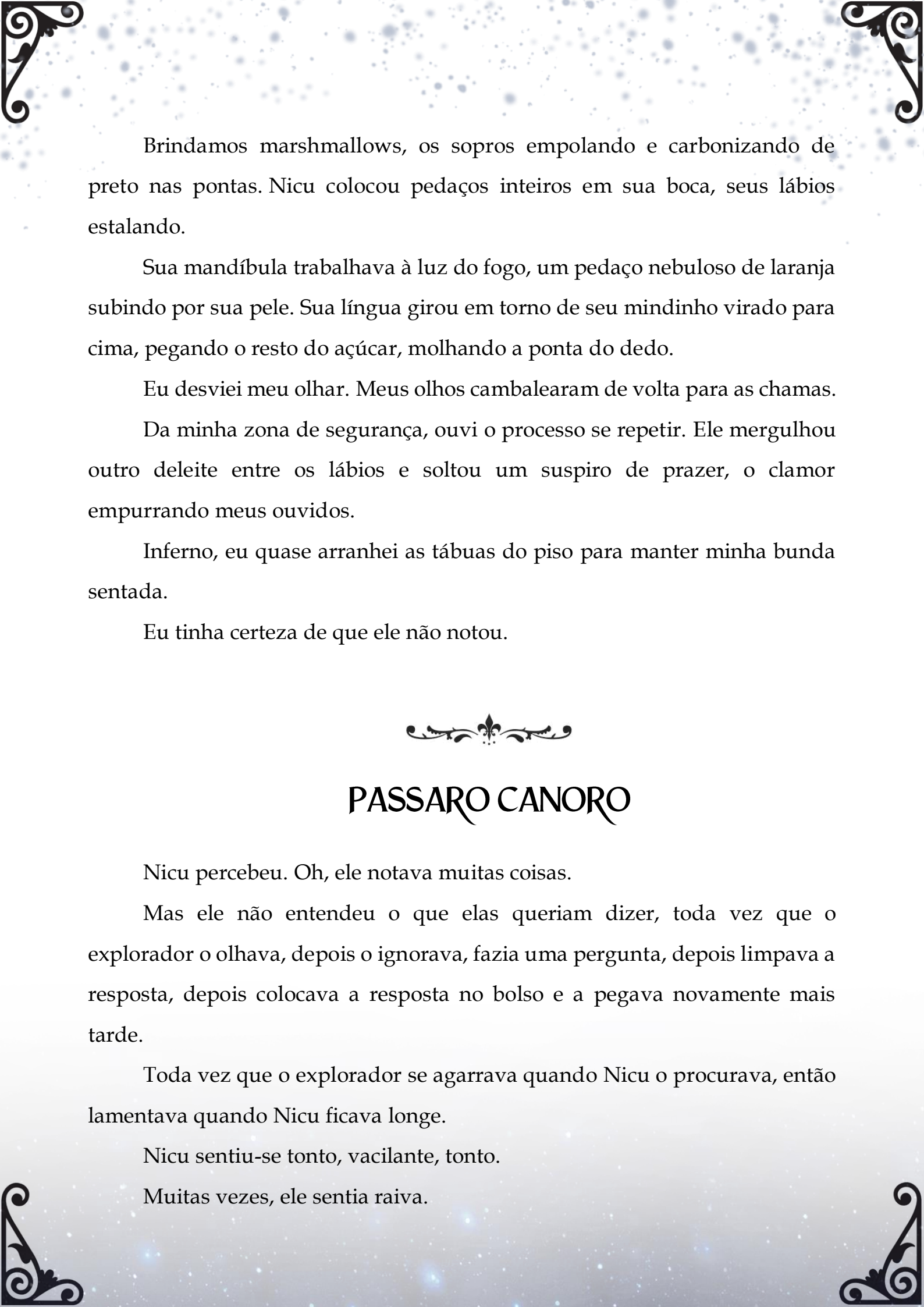
Com o passar dos dias, eles conversaram sobre canções e misturas, falando em frases oblíquas e meias frases.

Lyrik perguntou sobre a fita escarlate em volta do pulso de Nicu, e Nicu perguntou sobre o brinco de Lyrik, e eles explicaram por que usavam o que usavam, o que significava para eles.

Nicu tagarelou, Lyrik sacudiu suas palavras como cinzas de seus juncos, e os dois precisavam de pouco mais. Tudo o que eles queriam dizer, eles disseram. Ficou mais fácil e, como ficou mais fácil, também ficou mais difícil.



PATIFE



Brindamos marshmallows, os sopros empolando e carbonizando de preto nas pontas. Nicu colocou pedaços inteiros em sua boca, seus lábios estalando.

Sua mandíbula trabalhava à luz do fogo, um pedaço nebuloso de laranja subindo por sua pele. Sua língua girou em torno de seu mindinho virado para cima, pegando o resto do açúcar, molhando a ponta do dedo.

Eu desviei meu olhar. Meus olhos cambalearam de volta para as chamas.

Da minha zona de segurança, ouvi o processo se repetir. Ele mergulhou outro deleite entre os lábios e soltou um suspiro de prazer, o clamor empurrando meus ouvidos.

Inferno, eu quase arranhei as tábuas do piso para manter minha bunda sentada.

Eu tinha certeza de que ele não notou.



PASSARO CANORO

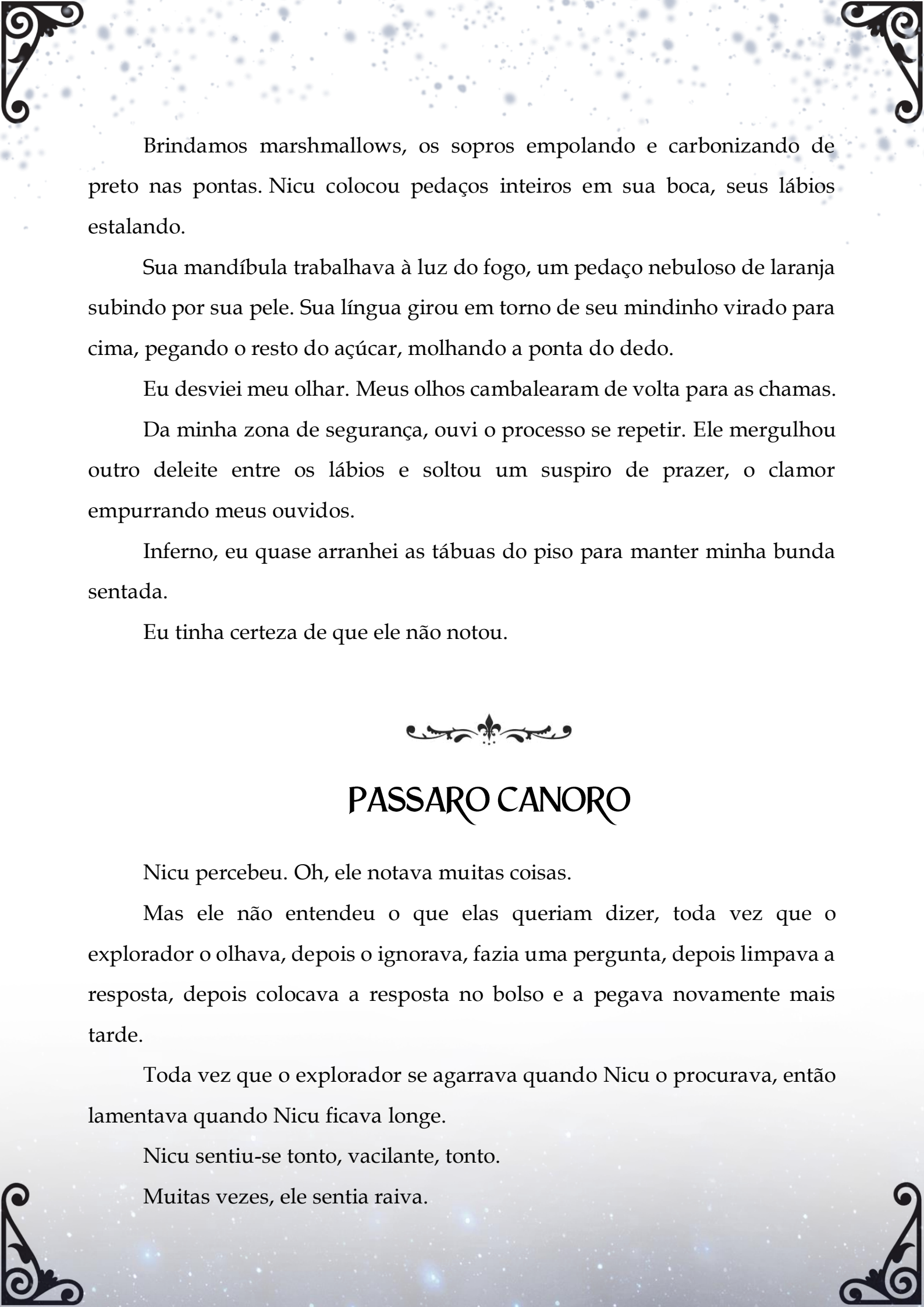
Nicu percebeu. Oh, ele notava muitas coisas.

Mas ele não entendeu o que elas queriam dizer, toda vez que o explorador o olhava, depois o ignorava, fazia uma pergunta, depois limpava a resposta, depois colocava a resposta no bolso e a pegava novamente mais tarde.

Toda vez que o explorador se agarrava quando Nicu o procurava, então lamentava quando Nicu ficava longe.

Nicu sentiu-se tonto, vacilante, tonto.

Muitas vezes, ele sentia raiva.





PATIFE

Ele desenvolveu um hábito desagradável de me seguir por aí, como uma praga. Eu não aguentava. Eu queria que ele parasse, mas sempre que ele parava, sempre que ele se afastava, eu andava, examinava a colônia, ouvia uma música. Então fui procurá-lo, fui atrás de sua atenção, fui para a jugular.



PASSARO CANORO

Procurando pela floresta lendária com seus amigos, um fio de cabelo se soltou da trança de Nicu e fez cócegas em sua orelha. Seus passos pararam quando ele estendeu a mão para consertar o fio errante.

Alguém chegou lá primeiro, empurrando a mão para o lado. Sem palavras, Lyrik recolocou a trama na ranhura.

O corpo de Nicu se agitou em manteiga. O que estava acontecendo com ele? Por que o garoto emaranhado o formigava dessa maneira?

Ele escapou do contato, avançando através de um tapete de folhas, sentindo os olhos do explorador atrás dele.





PATIFE

Eu ainda sentia seus cabelos deslizando pelos meus dedos.



PASSARO CANORO

Enquanto Lyrik deu a Nicu e seus amigos uma excursão pela colônia da casa na árvore, a mente de Nicu se desviou, as escadas e pontes se estendendo por todo o lugar, a malha de ouro vermelho-alaranjado deixava infinitas.

Ele parou para olhar a paisagem. Tudo parecia o mesmo, continuando para sempre. Por que lado o grupo deles estava indo? Eles estavam perto ou longe de onde começaram?

Para onde todos foram?

Ele girou, mas não viu ninguém, como se eles tivessem desaparecido. Então ele foi em direção a um mirante envolto em torno de um carvalho. Tinha que ser assim... não, por esse lado... não, por esse.

Alguém chamou o nome dele. Ele girou enquanto seus amigos corriam em sua direção, o alívio suavizando seus rostos. Balbuciando para eles, ele narrou o que havia acontecido, como os havia perdido, porque não tinha nenhum rastro de fita a seguir.

No meio disso, Lyrik apenas gemeu e girou nos calcanhares, murmurando que não tinha tempo para isso. O estômago de Nicu se contraiu, e seus dentes rangeram, e ele queria morder alguma coisa, qualquer coisa.

Ele pisou atrás de Lyrik. — Por que você me trata assim?

O explorador girou, entediado. — Como o quê?

— Como um tolo e uma flauta! Como um amigo, como uma praga, como eu importo, como se eu fosse invisível! Se decida! Escolha uma fita e dê um nó!

— Acalme-se, Pássaro Canoro-

— Levante-se, covarde-

— Ei —, disse Lyrik. — Eu não preciso escolher nada, certo? As pessoas continuam, mas às vezes não. As pessoas não são apenas uma coisa uma com a outra.

— Não, você é o que é mais seguro quando conta.

De alguma forma, eles ficaram frente a frente, magia e caos queimando deles. Esse invasor não tinha intenção de se arrepender por fazer Nicu se sentir como o sol e a lua, como a luz e a escuridão.

— Eu não tenho que responder a você ou a ninguém. — Afirmou Lyrik.

— Porque você não tem ninguém. — Nicu explodiu.

Lyrik estremeceu, assim como Nicu, então eles se despedaçaram. Eles marcharam por pontes separadas, Nicu sem saber para onde ele estava indo e Lyrik não se importando para onde estava indo.

Mais tarde, luminárias que brilhavam com cores diferentes se espalharam por toda a colônia, cada caminho vibrante estabelecendo uma rota. As trilhas não estavam muito próximas, mas também não muito distantes. Como um guia e um desafio para alguém capaz de encontrar o caminho, com apenas um pouco de ajuda.

Trabalhada com cuidado, por alguém que se importava.

Nicu olhou para os marcadores entre as árvores e ele sorriu.



PATIFE

—Obrigado.

A voz de Nicu puxou-me até eu me virar. Ele ficou parado na porta da sala de poções, me olhando com prazer tímido. Evidentemente, ele descobriu as trilhas de fumaça que eu havia fabricado para ele.

Ele sorriu, tão extasiado quanto uma cotovia. Eu fiz isso acontecer. E amaldiçoado seja o orgulho que me percorreu.

Era conveniente, para ele não se perder, para não incomodar ninguém, forçando-os a procurá-lo. Era um experimento. Nada mais.

Nada a ver com a vacilada no meu peito toda vez que ele lutava por esquerda versus direita. Tinha ainda menos a ver com objetos confusos, às vezes objetos pontiagudos, apenas porque haviam sido extraviados e não deixados nos mesmos lugares. Não tinha nada a ver com sua frustração.

Eu não queria o crédito, já que tinha me feito um favor, tanto quanto ele.

Nicu estava inquieto. Ele queria entrar, se intrometer mais. E caramba, se eu não queria que ele quisesse. Eu poderia mostrar a ele como eu fiz a fumaça corar. Eu poderia murmurar instruções em seu ouvido nu.

Ele iria se divertir. Eu também.

Dei de ombros. — Não se preocupe. Não havia muito o que fazer.

Peguei um copo e apenas segurei, como se eu prendesse a respiração. Desviando o olhar, ouvi o silêncio e, em seguida, um som maligno se inclinou de sua boca. O chão rangeu quando ele se moveu para sair. Fechei os olhos, apertando o copo enquanto ele se afastava cada vez mais de mim.





PASSARO CANORO

O explorador o encontrou mais tarde, não muito depois, mesmo que parecesse muito mais tarde. Realmente, poderia levar apenas alguns minutos, já que o tempo mudava com uma nova velocidade na presença de Lyrik.

Nicu estava sentado de pernas cruzadas no telhado de um bangalô quando ouviu o barulho de botas. Seu estômago se revirou. Parte dele previra, ansiava, esperava por isso, incerto se o destino seria tão benevolente. Ou se Lyrik seria tão tentado.

Nicu fingiu não perceber, mas inclinou a cabeça, posando para sua vantagem mais atraente. Ele aprendeu isso com o pai.

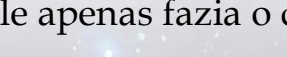
O garoto de poções parou na passarela abaixo e examinou Nicu. — Chegar mais perto das estrelas?

Nicu considerou. — Estou esperando as estrelas virem para mim.

Ele esgueirou-se aqui enquanto Aspen e Aire jogavam ervas daninhas em outro lugar no meio de esquilos e nozes. Sempre, eles se preocupavam quando ele subia no topo dos bangalôs, preocupados que ele escorregasse ou esquecesse como voltar.

Lyrik subiu a escada enquanto Nicu espiava suas costas. Então o explorador se esparramou na inclinação, equilibrando-se em seus antebraços. Sob as nuvens escuras, o vento varreu seu cachecol.

Nicu poderia ter perguntado por que Lyrik veio aqui, por que ele estava aqui, mas duvidava que o garoto tivesse uma resposta pronta. Lyrik fazia coisas sem razões, sem habitar. Ele apenas fazia o que sentia.



Eles assistiram o mundo do Outono ao seu redor.

— Você é apaixonado por necessidades e ilusões de fabricação de poção.

— Disse Nicu.

— Não posso evitar —, respondeu Lyrik, mais rápido do que o esperado. — O equilíbrio de absolvição e possibilidade. Estou interessado em manipular e melhorar a natureza.

— Você aprendeu com sua família?

— Minha mãe me ensinou algumas coisas. Meu pai, ele... não era o tipo de professor.

— Aprendi a ser primavera com meu pai, outono com minha mãe.

Lyrik se protegeu e depois: — Aprendi o contrário. Verão do meu pai, Inverno da minha mãe.

Nicu nasceu na primavera, cresceu no outono. Mas Lyrik nasceu de duas estações? Um verdadeiro acasalamento de reinos?

— Você é da areia e da neve —, disse Nicu.

— Não. — Lyrik virou a cabeça na direção dele. — Sou de tempestades e ensopados. Torrentes e poluição atmosférica, certo? — Seu polegar traçou as telhas à toa. — E pelo que mais você é apaixonado, Pássaro Canoro?

Nicu praticamente sentiu aquele dedo cortante entre os joelhos. Ele esqueceu de responder e Lyrik esqueceu de repetir a pergunta, ou o explorador não precisava. Talvez os dois soubessem a resposta.

Enquanto as nuvens e as estrelas mudavam, Lyrik se concentrou nos dedos de suas botas. — Eu não acho que você é um estúpido. Eu acho que você é um sonho.

Antes que Nicu pudesse responder, o explorador saiu, pulando do telhado e caminhando para o nevoeiro.



PATIFE

Recostei-me contra uma grade ao ar livre, a fumaça soprando da minha boca enquanto o espiava pela janela. Ele dormiu em sua cama, no bangalô da casa da árvore que ele escolhera para si.

Os lençóis giravam em torno de suas panturrilhas. Eu adoraria torcer mais o cobertor em volta dele. O que eu não daria para torcê-lo em várias direções através da cama.

Mesmo daqui, vi seus cílios se contorcerem, o que significava que ele havia caído profundamente.

Caído. Profundamente.

Apenas aconteceu, assim. Fosse o que fosse, aconteceu. E tinha que parar agora, agora.

Meus dedos tremiam, a fumaça presa entre os nós dos meus dedos. — Bons sonhos. — Eu sussurrei para ele.



PASSARO CANORO

Ele os viu se beijando.



Lyrik estava com a boca em outro garoto, um garoto que não era Nicu, e o explorador estava gostando. Aldeões fantasiados dançavam ao redor de uma fogueira, comemorando o Festival Hallo de Outono em um prado da floresta. Enquanto isso, Nicu estava parado no chão, enraizado na grama enquanto observava Lyrik pressionar aquele estranho contra uma árvore.

Ele acabou de deixar Nicu no momento em que chegaram lá e abriu caminho para o rapaz desconhecido. Agora eles se encaravam, as mãos de Lyrik agarrando os quadris do garoto enquanto suas bocas se inclinavam, abrindo e fechando.

Nem uma vez eles se afastaram. Nem uma vez Lyrik hesitou.

A visão despedaçou o coração de Nicu. Uma dor aumentou em sua traqueia, roubando sua voz.



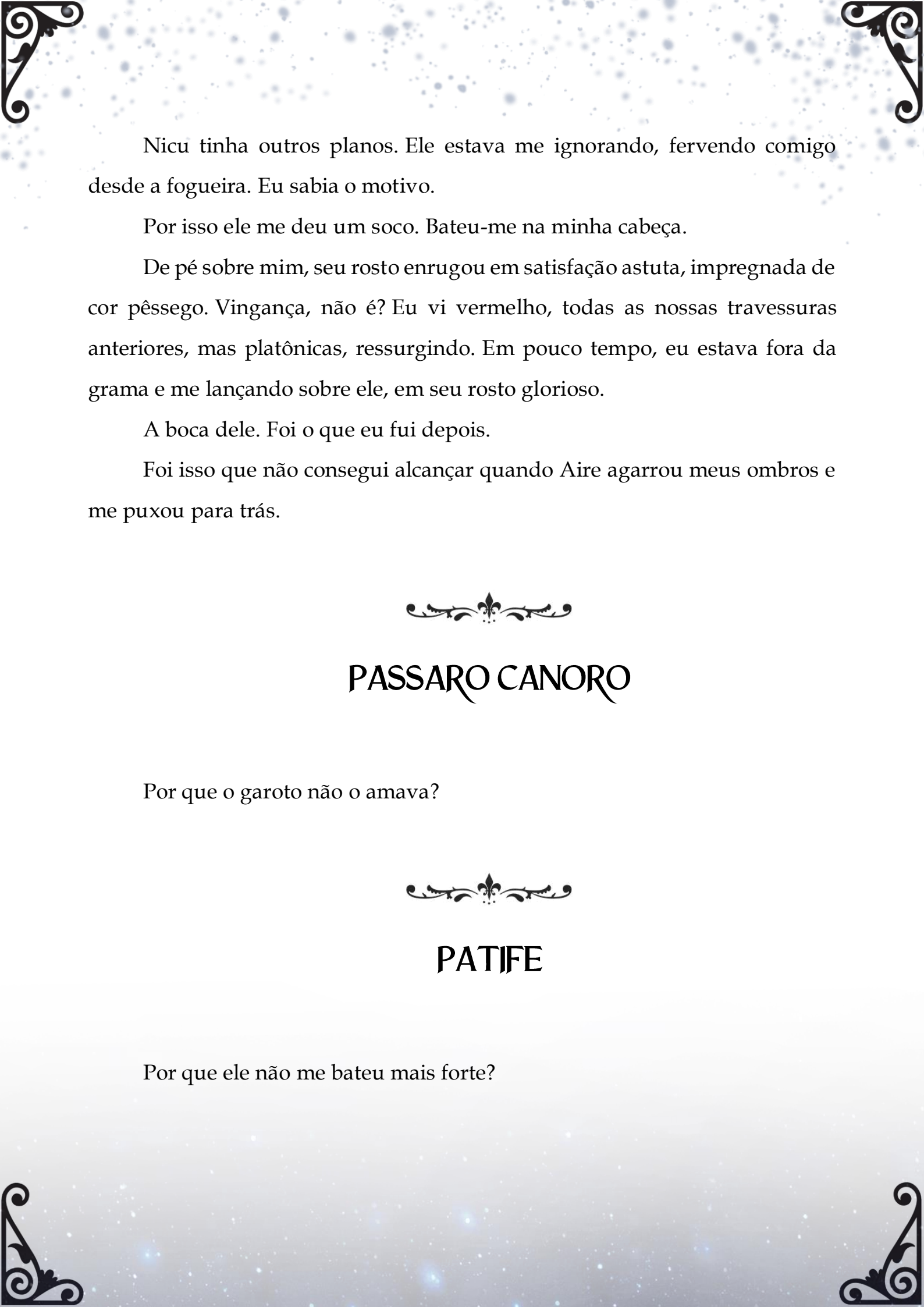
PATIFE

O punho de Nicu balançou antes que eu terminasse minha piada. Quase desalojou minha cabeça, o golpe me derrubando. Caí no chão, em estupor.

Não tinha visto isso chegando. Quando eu vi alguma parte dele chegando?

Estávamos praticando lutas com Aire, o cavaleiro. Ele me parou contra Nicu. Mas o pensamento de lutar com ele, trocando socos, agarrando? Esqueça. Eu perderia. E eu nunca o machucaria ou mesmo arriscaria.





Nicu tinha outros planos. Ele estava me ignorando, fervendo comigo desde a fogueira. Eu sabia o motivo.

Por isso ele me deu um soco. Bateu-me na minha cabeça.

De pé sobre mim, seu rosto enrugou em satisfação astuta, impregnada de cor pêssego. Vingança, não é? Eu vi vermelho, todas as nossas travessuras anteriores, mas platônicas, ressurgindo. Em pouco tempo, eu estava fora da grama e me lançando sobre ele, em seu rosto glorioso.

A boca dele. Foi o que eu fui depois.

Foi isso que não consegui alcançar quando Aire agarrou meus ombros e me puxou para trás.



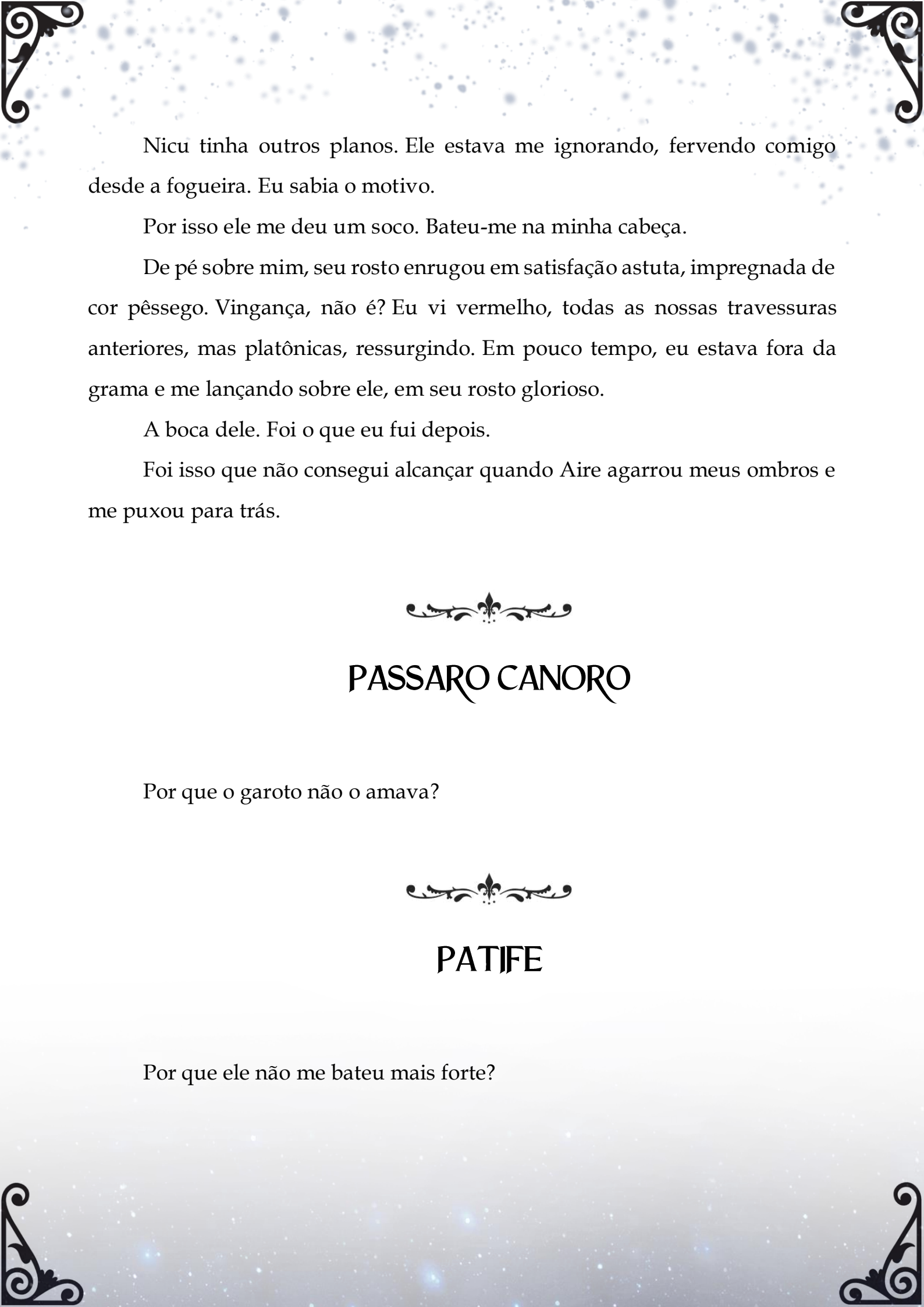
PASSARO CANORO

Por que o garoto não o amava?



PATIFE

Por que ele não me bateu mais forte?





PASSARO CANORO

Muitos eventos aconteceram desde o golpe, incluindo uma série de emboscadas envolvendo a guarda real, que os encontrou na colônia da casa na árvore, que os levou de volta ao castelo, onde prenderam Aspen por violar uma lei.

Nicu e Lyrik a ajudaram a escapar. Aire a defendeu contra suas tropas.

Durante aquela luta, durante aquele confronto climático na fortaleza, um soldado confuso empurrou sua espada, direcionando-a para Nicu.

A paisagem inclinou quando um salvador bateu em seu lado, empurrando-o para fora do caminho. Nicu bateu no chão. Quando ele olhou para cima, a lâmina grudou no peito de Lyrik, uma corrente de sangue manchando a camisa do explorador.

Pela primeira vez, Nicu entendeu completamente a direção, entendeu que aquele garoto o protegera, ocupando seu lugar, sofrendo o impacto da espada. Os olhos de Lyrik encontraram o dele, o alívio cintilando e depois entorpecendo. Ele caiu no chão e Nicu se arrastou até ele, onde embalou a cabeça do explorador e soluçou.



PASSARO CANORO





Lyrik havia sobrevivido. Ele curou, apenas para anunciar que estava saindo para o Inverno. Ele reteve explicações, negou as palavras de Nicu. Tudo o que ele ofereceu foi um espigão do brinco, desaparafusando-o da armação e colocando-o na palma da mão de Nicu.

Poderia picar Nicu, se ele deixasse.

O explorador roçou os lábios na testa de Nicu, depois se afastou, mas quando Nicu se arrastou atrás dele, jogando perguntas nas costas — Por quê? Como? — Lyrik estalou.

— Nicu! Pare de me fazer perguntas. E não me siga. É irritante. — Ele continuou, jogando palavras por cima do ombro como pedras. — Encontre o seu próprio caminho.

E então ele se foi, sem arrependimento, sem Nicu.

Nicu ficou no corredor do castelo e piscou. Canções passavam por sua cabeça, mas ele não estendeu a mão para pegá-las, salvá-las, cantá-las.

As melodias haviam fugido, assim como Lyrik.



PATIFE

A porta da carruagem se abriu, esperando eu entrar, minhas coisas guardadas dentro dos cofres. Agarrei a maçaneta e coloquei um pé no banquinho. Em minha mente, vi seu rosto, ouvi sua voz, duas coisas que nunca haviam sido minhas.

Meus dedos apertaram a maçaneta. Se eu entrasse, não poderia sair.





A família de Nicu não sabia sobre nós. Eles não sabiam tudo e nada entre mim e o filho deles. Mas eles elogiaram minha habilidade em poções, me agradeceram por salvar a vida de seu filho e me deram uma recompensa: patrocínio ao Reino de Inverno.

Longe dele.

Bati na carruagem vazia e o veículo saltou sobre os paralelepípedos, descendo uma pista arborizada que acabaria se transformando em neve.

Que ele me despreze. Deixe-o aprender a fazê-lo bem.

Era melhor assim.

Eu soquei o assento oposto. Então eu dei um soco novamente, batendo minhas juntas na parede almofadada, o que me impediu de quebrar meu pulso.

Caindo, bati a parte de trás da minha cabeça nas paredes da carruagem. Uma, duas, três vezes. Chame-o de praga, mas chame-me de hipócrita.

Me chame de tolo.

Adormeci com a melodia de sua voz, ouvindo-o sem vê-lo.



CAPÍTULO VINTE E UM

PATIFE

Continuei ouvindo-o sem vê-lo. Ele era uma partícula de luz na minha periferia, sua presença tornando o salão de banquetes ainda mais vasto. Ele estava muito longe e não longe o suficiente das minhas mãos.

Seu paradeiro no salão tornou-se um vício, os detalhes somando na minha cabeça. Por exemplo, eu sabia que quando ele passava de um especialista para outro, ansioso para cumprimentá-los, um ácaro ansioso demais para o conforto de alguns. Eu sabia quando ele se juntou a Jeryn e Solstice enquanto cortesãos, estudiosos e expositores circulavam pelo trio. Eu sabia que Nicu usava um casaco castanho com um padrão de costuras diagonais, os punhos balançando nas mangas e sussurrando sobre os nós dos dedos. Eu sabia que uma lapela de seda brotava por baixo da gola de peles, partindo para revelar uma amostra de pele clara.

Pele que eu chupei ontem.

E eu sabia que ele ainda estava pensando sobre isso, tanto quanto eu. Naquela hora na sala de poções, quando nos perdemos. Nós estávamos nisso há tanto tempo que o corante de fumaça se queimou, parou antes que recuperássemos a consciência.

Eu sabia que ele sabia onde me encontrar, para onde olhar. Eu sabia que sempre que seus olhos tremulavam na minha direção, mesmo enquanto agia como se não me importasse.

Eu sabia que ele sabia melhor agora.



Um alaúde e um cachimbo enchiam o salão, a música amplificando. Eu sabia que isso roubou sua atenção. Eu sabia que ele ouvia o rei com uma orelha e as músicas com a outra.

Calças de íris e vestidos de estanho esfregavam o chão. Vinho quente fluiu como molho. A quadra se enchia de pedaços de pudim de avelã.

A janela se enterrou na parede, sua profundidade criando um assento de pedra para eu me isolar. Entrando no nicho, coloquei uma perna em cima da borda, uma palheta entre os dentes. A fumaça acariciou minha mandíbula, acariciando como dedos.

Fixando a vista do lado de fora, vi Inverno ficar parado. Da imagem no espelho das velas nos vidros, meus olhos se voltaram para o reflexo do banquete. Mais uma vez, eu o observei.

Ele riu de um comentário irônico que Solstice fez. O som filtrou-se por todas as competições irritantes e intelectuais. Sua voz fez cócegas no lóbulo da minha orelha, então eu sacudi minha cabeça para me livrar da sensação.

Eu nunca fui um estudante de compostura. Agora que ele oficialmente me deixava louco, não havia como me recompor. Aquela barragem havia quebrado e eu estava acabado.

Um pensamento antigo espreitava na minha cabeça: isso não ia acabar bem.

O que estávamos fazendo? O que ele estava tirando disso? Além de alguns beijos e gemidos? Para alguns, isso era suficiente. Não para o pássaro canoro.

Falando em azarações, Noel se aproximou do grupo e falou com Nicu, que sorriu timidamente. Um constrangimento permaneceu lá, seus olhos não se encontrando.

Aconteceu alguma coisa desde a sala de poções?





Eu não tinha visto Nicu desde então, o que significava que havia muito tempo para tornar as coisas mais complicadas com o cara de cabelos celestes. Noel faria mais por ele. Ele lhe dava passeios pelo castelo, organizava um passeio de trenó ou passeava pelo jardim de gelo.

Como astrônomo, ele decifraria as áreas certas para Nicu querer caçar? Quanto ele sabia sobre o dilema de Nicu? Ele entendia?

O que Nicu compartilhou com Noel que ele não compartilhou comigo?

Ele sabia a localização dos aposentos de Nicu, enquanto eu tinha que tirá-lo de Jeryn depois de inventar alguma desculpa falsa. Mas Noel não precisava de ajuda. Ele já esteve no quarto de Nicu antes.

Inalei tanto carvão que arranhou a merda do meu esôfago.

O próximo tema do mercado começaria amanhã, trocando remédio por bolsa de estudos. Isso me daria mais dez dias antes que os inventores acordassem, meu status de poção diminuindo para um nível mais baixo de todos os tempos.

Pelo menos Jeryn não perguntou sobre a minha exposição. Ele estava mais preocupado do que o normal, sentindo falta da esposa e cuidando dos pais. A mãe e o pai estavam sentados à mesa da realeza, impedindo a doença e se sentindo bem o suficiente para assistir ao banquete hoje à noite. Uma visão rara que tinha Jeryn de bom humor.

Ele encurralou Nicu e eu sobre a nevasca, mas tínhamos planejado com antecedência. Dissemos ao rei a verdade sobre os eventos, até o beijo na floresta iluminado pelas estrelas e como havíamos sabotado um ao outro na sala de poções. Não precisávamos que ele descobrisse as coisas antes mesmo de as descobrirmos por nós mesmos.

O problema era que Jeryn era exatamente o oposto de estúpido. Quanto ele suspeitava?





Um servo serviu cálices a Nicu, Noel, Jeryn e Solstice. A companhia manteve Nicu concentrado, para que ele não se desviasse, ficasse boquiaberto com os outros ou tentasse sufocar novos amigos em potencial. Principalmente, ele se conteve em Iradis. Na maioria das vezes.

Mas quando esses caprichos surgiam aleatoriamente, inesperadamente, ele tinha que trabalhar para se conter. Pessoalmente, eu testemunhei o mesmo da nossa história juntos. Medicamente, eu aprendi ainda mais sobre sua condição com Jeryn.

Depois que brindaram, Nicu pegou meu olhar no reflexo da janela. Discretamente, ele bateu na lateral do copo.

Depois de trancar os lábios na sala de poções, ele pulou o espaço, selecionando misturas e ingredientes, tentando me ajudar a pensar em poções para o feriado. Eu apenas olhei para o entusiasmo dele, meu coração na garganta.

Ele prometeu fazer um jogo com isso, para me sinalizar sempre que encontrasse algo que eu pudesse usar, como caldos ou metais. Por causa do banquete de hoje à noite, as escolhas abundavam no salão. Observá-lo cumprir sua promessa, observando sua expressão disfarçadamente curiosa, foi a coisa mais fofa que eu já vi.

Exceto que seria realmente ótimo se Noel, o viciado em romance, parasse de dar a Nicu olhos esbugalhados. Qual ralava mais? A angústia amorosa ou os olhares intermitentes de conselheiros dogmáticos e nobres puritanos que ainda condenavam tolos nascidos? Quem fazia genuflexão contra suas vontades ao reinado de igualdade de Jeryn?

Os que não aceitaram o início da mudança social. Os que não se impressionaram com o canto de Nicu - idiotas como Sir Indigo. Mas,



felizmente, aquela quantidade humana de catarro havia sido chamada em serviço de patrulha hoje à noite.

Jeryn se juntou a seus pais no estrado. Solstice desculpou-se.

O inevitável: Noel e Nicu ficaram para trás, facilitando a conversa. O nobre fez um discurso, mergulhando a cabeça e proferindo em voz baixa. O que quer que ele estivesse dizendo, continha um conservante açucarado que prendeu Nicu, que parecia assustado - e intrigado.

Noel estremeceu, cometendo o crime de colocar uma mecha de cabelo atrás da orelha do pássaro canoro. Por sua parte, Nicu ficou hipnotizado demais para se afastar.

Meus dentes afundaram na cana.

Firme, Lyrik. Se seus olhos se desviarem, será óbvio para todos.

O último da minha fumaça se desintegrou. Eu bati a bunda no peitoril de pedra e me levantei, o movimento chamou a atenção de Nicu, o que me fez sentir presunçoso.

Tocando de maneira sutil, bati meu queixo em direção à saída, depois teci ao redor dos acadêmicos e saí do salão de banquetes. No caminho, os sujeitos do sanatório gritaram, querendo que eu me juntasse a eles e zoando o rapaz que me olhava desde a sauna. Eu saí enquanto os ouvia zombar.

No corredor, em um nicho protegido ao lado das portas, encostei-me a uma coluna. Com exceção dos eremitas, idosos e empreendedores que preferiam fazer sua lição de casa estudiosa, a maioria dos rostos importantes havia se reunido no banquete.

Nós não seríamos notados. A não ser que o guarda de Nicu fosse atrás dele. Aquele homem estava constantemente atrás de Nicu desde o início. Por algum milagre, Nicu havia encontrado maneiras de esgueirar-se ao seu redor,



encontrando-me no jardim de esculturas de gelo, na Floresta de Pinheiros e fugindo durante a nevasca.

O guarda-costas finalmente o localizou na sala de poções ontem. Felizmente, o homem apareceu depois que Nicu e eu arrancamos nossas mãos um do outro.

Eu só podia esperar que Nicu planejasse uma maneira de abandonar seu pretendente e dar ao seu guarda o escorregão. Para alguém com problemas de direção, ele galanteava como um duende, leve o suficiente para se espremer pelas rachaduras quando se determinava.

Suas botas correram para o salão iluminado por velas. Eu me posicionei longe das sentinelas vigilantes do banquete, mas perto o suficiente para ele me ver. Eu olhei para cima quando ele apareceu a alguns metros de distância, seu rosto brilhando. Ele sorriu, feliz em me ver.

Feliz em me ver.

Eu fui até ele. Sem parar, peguei sua mão e o conduzi para os corredores, não querendo estragar isso com palavras. Especialmente minhas.

Fugimos por escadas e passarelas, correndo rápido demais para que os transeuntes o reconhecessem. A certa altura, protegi Nicu contra uma parede enquanto um bando de conselheiros reais passava.

Então continuamos. Meu casaco dava tapas nas minhas panturrilhas, enquanto as solas de Nicu batiam no chão. O luar se espalhou pelo interior quando alcançamos uma ala com uma entrada em arco, tripulada por mais sentinelas. Por isso, segui uma rota alternativa, guiando-o por uma passagem discreta destinada a criados. Ela nos jogou dentro da ala, onde Nicu ficou boquiaberto, apaixonado pela rede de salas.

Os pedestais e invólucros. As placas e textos embutidos.





Iradis era o lar de vários museus. Eu sabia que ele iria dar um pontapé nele, estabelecido dentro do castelo e, portanto, possível se alguém soubesse contornar a segurança noturna.

Museu de história natural de Inverno.

Acabamos na rotunda mineral, cada caixa transparente exibindo uma anomalia química. Uma rocha cerúleo vívida, uma crosta luminosa de pedra de alabastro, um pedaço de minério roxo incandescente. E inúmeros outros brilhando como joias.

Eu queria mostrar a ele, compartilhar essa parte de mim com ele. Ainda assim, resisti à vontade de mexer meus polegares, aguardando seu veredicto. — Como é isso para a caça à sabedoria? Estou no caminho certo?

— É um país das maravilhas da sabedoria. — Ele exclamou.

— Os museus não apenas informam ou dão aos estudiosos alimento para a pesquisa. Eles podem divulgar ideias e inspirar conhecimentos também.

— É tão celestial quanto qualquer céu. Você já esteve aqui antes?

— Eu venho a este museu sempre que estou bloqueado sobre minhas poções. Dá-me tempo para refletir, mas eu não estive em todo lugar. Ainda não.

— Então vá a qualquer lugar comigo.

Isso aí. Exploramos os casos, observando de lados opostos. O tempo deve ter passado rapidamente, mas eu não tinha certeza.

Dobrando uma esquina, paramos. Uma docente manteve vigília depois de horas, de costas para nós. Nós pulamos e saímos de vista logo antes que ela se virasse. Mas seus passos ficaram mais altos, vindo em nossa direção.

Pegando a mão de Nicu, corremos de sala em sala, correndo pelo museu e esquivando-a a cada vez. Quando a silhueta da docente se arrastou pelo chão, joguei Nicu no pavilhão do visco. Enquanto esperávamos que ela



desaparecesse, seu aroma de mel permeava a área, e ele esticou a cabeça. Um toque de verde na escuridão, suas íris me prenderam.

Sem perceber, eu tinha pressionado seus quadris nos meus.

Foda-se. Eu o apoiei contra a parede.

Achatando minhas mãos em ambos os lados da cabeça dele, eu inclinei minha mandíbula e fui em frente, arrebatando seus lábios. Ele engasgou na minha boca, um som emocionado saltando quando minha língua deu um ritmo dentro dele. Estações, eu estava querendo fazer isso o dia todo.

Nicu me beijou de volta como uma estrela cadente. Sua boca voou na minha enquanto agarrava minha cintura, seus dedos cavando. Tentei provar sua voz perdida, sua música perdida.

Os passos recuando nos separou. Eu tinha esquecido a docente, mas duvidava que ela tivesse esquecido de nós. Os invasores após o bloqueio no museu garantiram que ela foi buscar um ou dois guardas simbólicos.

Chupamos ar, nossos lábios roçando.

Nicu, coquete, insistiu: — Vamos nos beijar mais.

— Má ideia. — Eu gemi, meio que ri.

— Mas você ama ideias ruins. Por que parar agora?

— Ouça você, me dando um momento difícil —, eu provoquei. — Um momento *muito* difícil.

Nicu ficou fúcsia. Eu não deveria ter ido lá. Precisávamos desacelerar.

De qualquer forma, estaríamos cercados em breve. Se realmente queríamos ficar sozinhos neste castelo, teríamos que nos mexer, levar isso para outro lugar.

Tardiamente, notei pinos de folhas de nogueira brotando ao longo de sua trança. Os enfeites de Outono combinavam com ele, mas a visão difundiu



minha euforia. Tentei não pensar no salão de banquetes, quando os dedos do cortesão abordaram o mesmo local.

Tentei não pensar em Nicu deixando-o.



Nós negociamos o nosso caminho através de uma artéria embutida nas paredes. A aristocracia vivia em aposentos com túneis secretos para seus quartos, geralmente levando de e para um limiar externo. Tinha a ver com segurança e privacidade, no caso de um residente ser ameaçado ou precisar de uma saída clandestina por outros motivos.

— É uma passagem silenciosa. — Confidenciou Nicu.

Significado, uma passagem secreta. O castelo tinha dezenas de rotas classificadas como essa, condutos que atravessavam a pedra e a madeira. O mesmo acontecia com qualquer outra fortaleza nas quatro estações, exceto as de Inverno, que eram mais estrategicamente colocadas.

Os aposentos de Nicu tinha seu próprio canal. Ele jurou não usá-lo, a menos que se encontrasse em perigo, e como ele não tinha *Mentiroso* escrito em tinta na testa, Jeryn acreditou nele e deu instruções para Nicu e seu guarda-costas: como espionar a partição externa e onde localizá-la nas câmaras de Nicu.

Na verdade, Nicu havia comprometido as instruções na memória. Ele as guardara em sua mente e poderia recitá-las verbalmente, se não as compreendesse visualmente. Ajudou, caso sua guarda estivesse baixa, forçando Nicu a confiar em outra pessoa para ajudá-lo. Principalmente, isso se aplicava a entrar na fortaleza, não a sair.





Para sair, tudo o que Nicu tinha que fazer era lembrar a manga na parede da sala de estar. Isso ele poderia realizar. E a passagem só levava de um lado, jogando-o em um quadrilátero isolado por cortinas de espinha de escalada.

Saindo do museu de história natural, Nicu havia narrado o que ele havia memorizado, e eu o peguei de lá, encontrando um espaço camuflado dentro da alvenaria. Então nós rastejamos e nos amontoamos através do poço secreto.

Inferno, os cumprimentos a que havíamos ido para um encontro.

Até agora, o guarda-costas de Nicu estaria procurando por ele? O salão de banquetes acomoda centenas de pessoas, com guardas pessoais postos em vários cantos. A altura de Nicu permitia que ele se misturasse, com sua escolta nem tanto. Felizmente, levaria um tempo para o homem registrar o desaparecimento de Nicu, que havia trabalhado bastante a favor do pássaro canoro.

Nicu segurou meu cotovelo sem incentivo - não porque ele precisava de orientação. Só porque queria contato.

Eu me senti sorrir.

A luz delineou a porta dos aposentos dele. Empurrei-a para abrir, a escotilha balançando para dentro. Entramos, troncos brilhavam da lareira da sala de estar com altos afunilamentos em todas as superfícies planas. Em frente ao fogo, um grupo de otomanos de pelúcia circundava uma mesa, onde ficava a cantina laranja.

Duas serpentinas de fita pendiam do teto com vigas. Uma levava ao seu quarto de dormir, outra levava ao túnel do qual acabamos de sair. Jeryn deve ter manipulado isso para ele enquanto adotava a abordagem minimalista pelo resto do espaço, uma vez que quanto menos bugigangas Nicu tivesse que se lembrar, melhor para orientação.





No quarto de dormir, carretéis de veludo pendurados nos pôsteres da cama, o colchão enrolado em cobertores cinza. Ao pé havia um baú do Outono esculpido com folhas de bordo, com as quais Nicu deve ter viajado.

Uma cadeira de descanso estendia-se ao lado do fogo de uma segunda lareira, a grade diante de uma tela de ferro com recortes intrincados. Platina incrustava o lambril e vislumbrei um espelho comprido instalado no lado de dentro da porta. Fora isso, não havia muito mais sobre a suíte.

Eu andei mais para dentro. Não tão curioso quanto eu seria ver a geografia de sua suíte real em Mista, mas não pude reclamar.

Ele me trouxe aqui. Para o quarto dele.

Ele trouxe Noel aqui também.

Pés paralisados pelo batente da porta, recusando-se a se mexer. Um humor desajeitado e trêmulo de repente encheu o lugar, e não apenas da parte dele. Me movi bruscamente, tirando minhas botas, descartando meu casaco e cachecol perto da lareira. Pulando na cama, recostei-me com as mãos atrás da cabeça.

Eu me concentrei no dossel. — Você vai entrar?

— Não. Eu posso ver tudo daqui.

Uma risada saiu da minha língua. Sua essência me cercou como uma droga, meus músculos começando a se soltar. — Eu sinto sua falta, Nicu.

— Como sei com certeza?

— Meu nariz não está crescendo.

Sua risada espalhou-se pelo quarto, reconhecendo minha referência a nossa amiga Aspen. Seu nariz se estendia como uma ponte sempre que ela mentia. Eu tinha dado um chute nisso e dado a ela tanta merda por isso.

A cama saltou quando o peso de Nicu pousou ao meu lado, suas roupas roçando as minhas. Ele também tirou o casaco.



Eu o senti seguindo meu olhar para o dossel. Eu senti sua mão a meros centímetros de distância. Eu senti a tentação.

Meus dedos deslizaram para os dele e deslizaram por cima, por cima dos nós dos dedos e pulsos. Ele estremeceu quando eu virei a mão e tracei a palma da mão, as linhas da vida, a parte inferior dos dedos, a ponta de um dedo mindinho. Uma profusão pesada de sangue corria através de mim enquanto eu fazia contato.

A madeira se partiu na grade e Nicu cuspiu: — É o meu quarto, mas não é o meu quarto, já que moro em Mista. É onde fica meu quarto de verdade, onde as folhas apertam as mãos.

— Isso está certo? — Eu murmurei sem compromisso, concentrando-me no que estava fazendo.

— Mas com você aqui, é como se eu estivesse em casa.

— Isso é bom, Nicu?

Ele ficou calado. Do canto da minha visão, vi sua cabeça balançar afirmativamente. Sua confissão me emocionou demais, sobre como eu fazia esse quarto parecer em casa, bem como os efeitos do meu toque.

— Se você quer outro beijo, você pode tê-lo. — Ele sussurrou.

Estações toda-poderosa. O que eu estava pensando, com o guarda dele plausivelmente a caminho daqui, com o mundo pairando do lado de fora destes aposentos?

Quão ambiciosos devemos ser? Por quanto Nicu estava pronto? Quanto eu poderia prometer a ele?

Suas palavras me fizeram ferver. Eu girei, inclinando-me sobre ele, minha boca suspensa acima da dele.

— Nada mais vai acontecer. — Eu jurei, um estrondo no meu peito.



Meu significado se estendeu para além deste quarto, já que não podíamos continuar fazendo isso. Mas o sorriso conhecedor de Nicu passou direto por isso. Porque ele ouviu.

Grandes palavras. Palavras difíceis.

Meus lábios desceram, sufocando seu sorriso. Um gemido exaltado correu dele, e eu o lambi, minha língua puxando a dele. Suas mãos agarraram minhas roupas, me puxando em cima dele, minha cintura dobrando entre suas coxas. Ele passou pelos meus cabelos e eu agarrei seu rosto, nossas bocas se dissolvendo uma na outra.

Sua resposta ficou evidente, endurecendo debaixo de mim.

Porra.

Tanta coisa para contenção. O beijo era selvagem, respiração rouca, carícias agitadas.

Sons carentes caíram de seus lábios. Minha camisa se amontoou, seus dedos puxando-a. Eu entendi o que aquilo significava, o que ele queria.

Afastei-me, apenas o tempo suficiente para me sentar, esticar a mão atrás de mim e tirar a camisa por cima da cabeça. Jogando-a no chão, peguei Nicu se deliciando com meus músculos antes de aterrissar em seus braços novamente.

Eu já estive com outras pessoas antes, mas não assim. Nunca se pareceu assim, nunca foi tão requintado, eterno. Como se eu pudesse encontrar e me perder.

Eu queria dar a ele todo prazer. Eu queria que ele adorasse isso.

A cabeça de Nicu se jogou nos travesseiros quando enterrei meu rosto em seu pescoço, lambendo a coluna. Viajando para o ouvido dele, chupei o lobo.

Suas costas se arquearam no colchão, suas unhas cravando na minha espinha nua. —Lyrik!



—Shh —, eu murmurei contra sua orelha. —Shh, Nicu.

—Por quê? — ele ofegou. —Estou fazendo algo errado?

—Inferno, nah. Você é deslumbrante.

—Eu não sei o que-

—*Eu* sei. Você vai me deixar?

Ele assentiu. Na Floresta Iluminada pelas Estrelas e na minha sala de poções, isso tinha acabado de acontecer, nós dois ficando balísticos um com o outro. Mas agora, mais consciente, perguntei o quanto ele sabia sobre estar com alguém, e ele me contou o que o pai havia lhe dito, o que era uma quantia justa. Aquele bobo da corte não mantinha seu filho no escuro, informando Nicu de uma maneira que ele entendia.

Mas conceber uma experiência era uma coisa. Na verdade, ter essa experiência era outra. Então Nicu e eu conversamos sobre isso mais, muito mais, muito mais.

Até pararmos de conversar.

Juntos, tiramos a própria camisa. Apenas o som disso, do material levemente raspando de seu corpo, me deixou louco.

Eu caçava sua orelha nua novamente, depois seu pescoço, depois seu torso. Eu experimentei sua pele, a adorável contração de seu abdômen, as linhas cremosas de sua caixa torácica. O broto de seu pequeno mamilo apertado, que eu puxei na minha boca, o que o fez se contorcer.

Eu aprendi que Nicu era barulhento. Mais algumas vezes, tive que silenciá-lo, apesar de alguns cômodos adicionais nos separarem da entrada principal. Tudo o que fiz foi beijá-lo, do umbigo aos lábios. No entanto, ele fez barulhos intermináveis, balbuciando tantos afetos.

Ele queria retribuir o favor, mas eu não permiti. Em primeiro lugar, eu não seria capaz de lidar com isso. Em segundo lugar, isso era tudo sobre ele.



Da única maneira que pude, eu o fiz cantar.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

PATIFE

Mantivemos isso entre nós. Essa foi a minha sugestão, não a dele. Ele teve atenção suficiente para começar, e eu não estava prestes a adicionar outro espinho ao seu lado, para mexer com sua fama já arriscada. Endossado ou não pelo rei, o explorador patife era bom para uma transa, não para um parceiro.

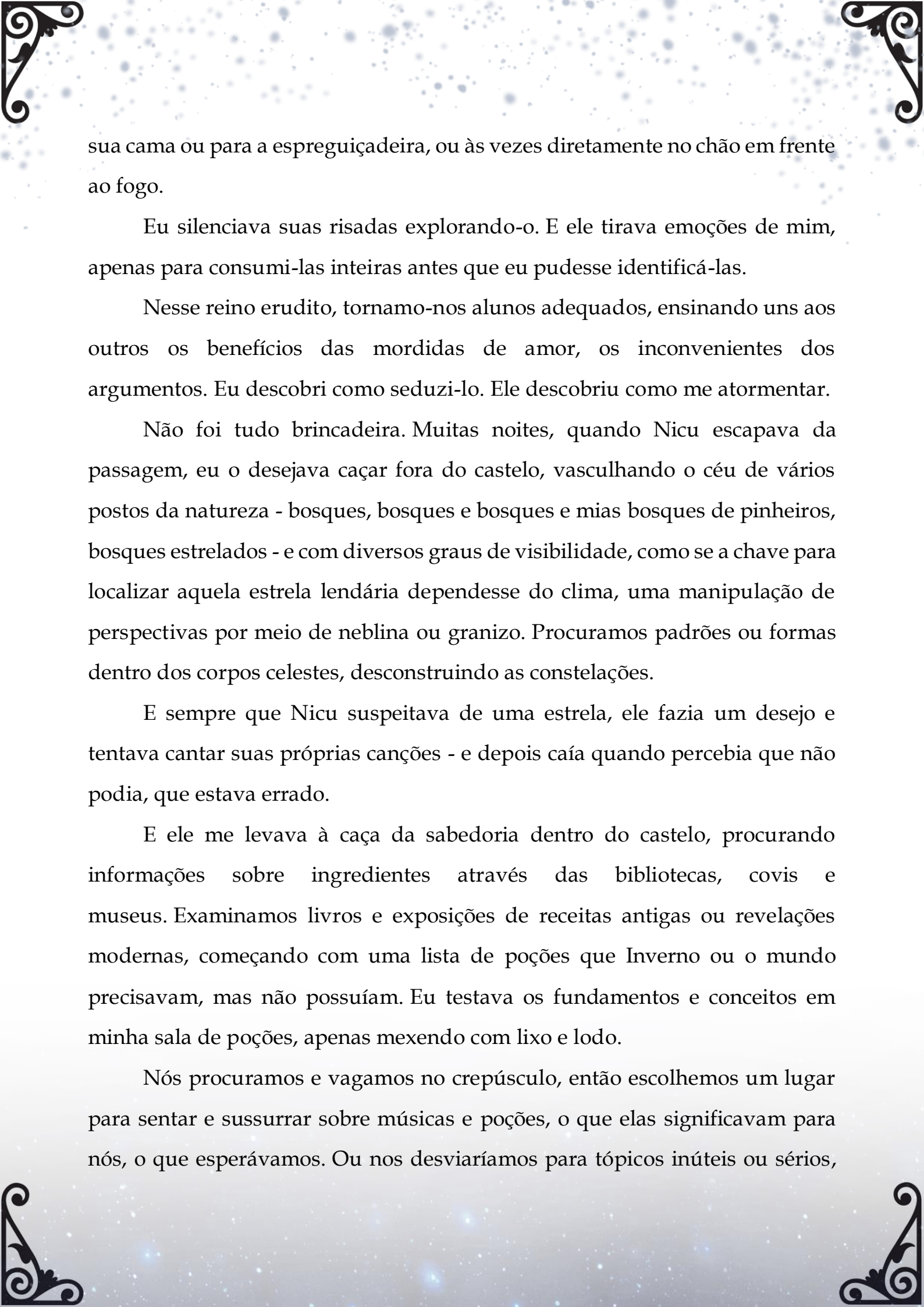
Não que tivéssemos chegado tão longe. Após o primeiro beijo, nós batemos no chão correndo, mas nenhum de nós empurrou para além do limiar. Ainda assim, sempre que roubávamos um momento, fazíamos valer a pena, nossas mãos e bocas se ocupavam, cuidando um do outro. Nossos dias incluíam ataques aleatórios de rapidinhas quentes e agitadas.

A cada toque, pegamos o jeito dos desejos um do outro. Aparentemente, ele gostava de dar e receber chupões. Considerando que as pessoas tinham que se reunir no Inverno, seu fetiche era prático.

Adorava ver seus cabelos saqueados quando eu terminava com ele. Eu amava o nariz rosado dele. Eu amava seu rosto relaxado e satisfeito. Eu adorava vê-lo brilhando por minha causa.

Ainda mais, eu adorava fazê-lo rir.

À noite, Nicu saía de seus aposentos pelo túnel secreto e me encontrava do lado de fora. Ou eu entrava em seu lugar, para buscá-lo ou *levá-lo*, circundando sua cintura e levantando-o do tapete, seu batimento cardíaco contra o meu, seus pés chutando alegremente enquanto eu nos carregava para



sua cama ou para a espreguiçadeira, ou às vezes diretamente no chão em frente ao fogo.

Eu silenciava suas risadas explorando-o. E ele tirava emoções de mim, apenas para consumi-las inteiras antes que eu pudesse identificá-las.

Nesse reino erudito, tornamo-nos alunos adequados, ensinando uns aos outros os benefícios das mordidas de amor, os inconvenientes dos argumentos. Eu descobri como seduzi-lo. Ele descobriu como me atormentar.

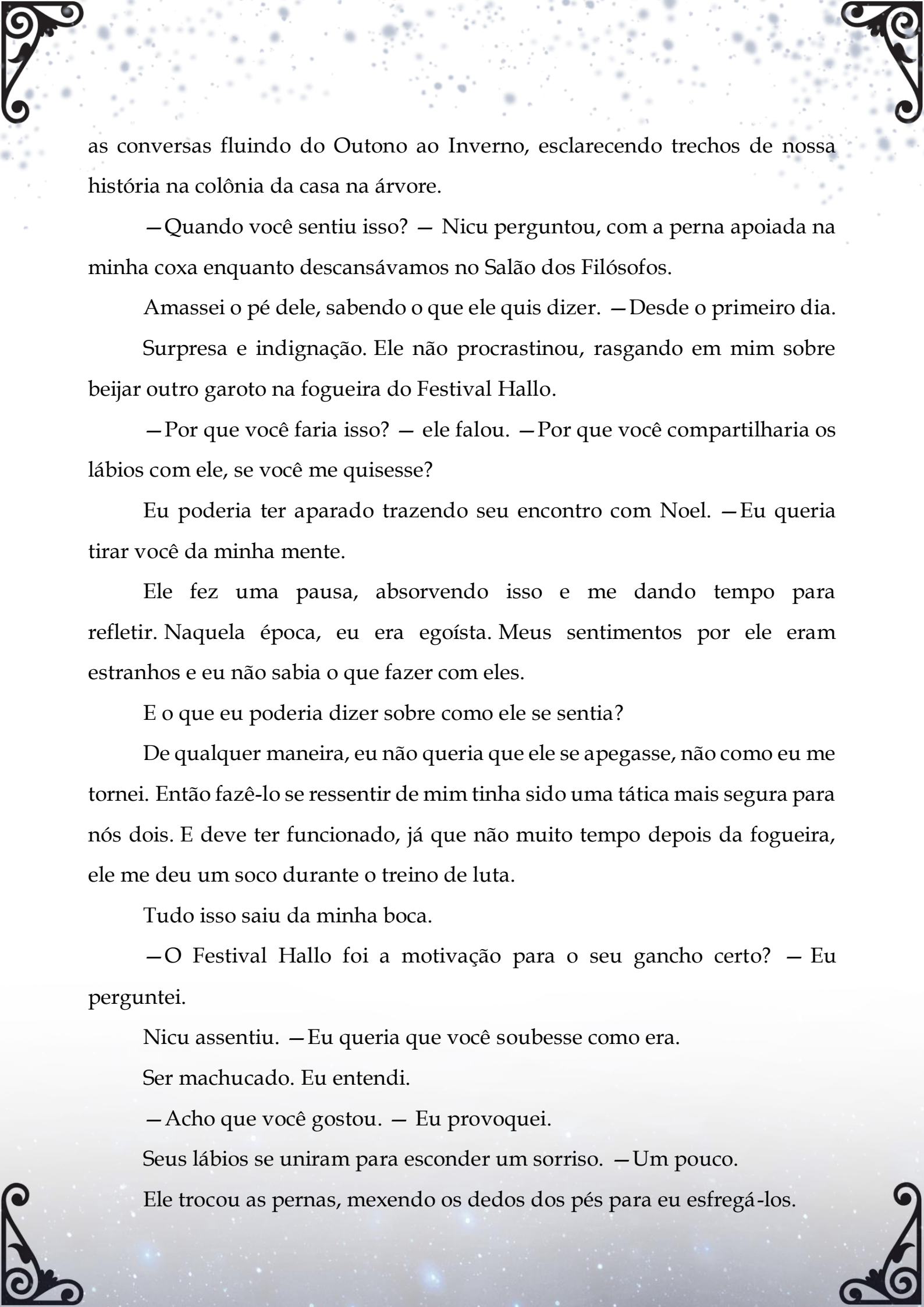
Não foi tudo brincadeira. Muitas noites, quando Nicu escapava da passagem, eu o desejava caçar fora do castelo, vasculhando o céu de vários postos da natureza - bosques, bosques e bosques e mias bosques de pinheiros, bosques estrelados - e com diversos graus de visibilidade, como se a chave para localizar aquela estrela lendária dependesse do clima, uma manipulação de perspectivas por meio de neblina ou granizo. Procuramos padrões ou formas dentro dos corpos celestes, desconstruindo as constelações.

E sempre que Nicu suspeitava de uma estrela, ele fazia um desejo e tentava cantar suas próprias canções - e depois caía quando percebia que não podia, que estava errado.

E ele me levava à caça da sabedoria dentro do castelo, procurando informações sobre ingredientes através das bibliotecas, covis e museus. Examinamos livros e exposições de receitas antigas ou revelações modernas, começando com uma lista de poções que Inverno ou o mundo precisavam, mas não possuíam. Eu testava os fundamentos e conceitos em minha sala de poções, apenas mexendo com lixo e lodo.

Nós procuramos e vagamos no crepúsculo, então escolhemos um lugar para sentar e sussurrar sobre músicas e poções, o que elas significavam para nós, o que esperávamos. Ou nos desviaríamos para tópicos inúteis ou sérios,





as conversas fluindo do Outono ao Inverno, esclarecendo trechos de nossa história na colônia da casa na árvore.

— Quando você sentiu isso? — Nicu perguntou, com a perna apoiada na minha coxa enquanto descansávamos no Salão dos Filósofos.

Amassei o pé dele, sabendo o que ele quis dizer. — Desde o primeiro dia. Surpresa e indignação. Ele não procrastinou, rasgando em mim sobre beijar outro garoto na fogueira do Festival Hallo.

— Por que você faria isso? — ele falou. — Por que você compartilharia os lábios com ele, se você me quisesse?

Eu poderia ter aparado trazendo seu encontro com Noel. — Eu queria tirar você da minha mente.

Ele fez uma pausa, absorvendo isso e me dando tempo para refletir. Naquela época, eu era egoísta. Meus sentimentos por ele eram estranhos e eu não sabia o que fazer com eles.

E o que eu poderia dizer sobre como ele se sentia?

De qualquer maneira, eu não queria que ele se apegasse, não como eu me tornei. Então fazê-lo se ressentir de mim tinha sido uma tática mais segura para nós dois. E deve ter funcionado, já que não muito tempo depois da fogueira, ele me deu um soco durante o treino de luta.

Tudo isso saiu da minha boca.

— O Festival Hallo foi a motivação para o seu gancho certo? — Eu perguntei.

Nicu assentiu. — Eu queria que você soubesse como era.

Ser machucado. Eu entendi.

— Acho que você gostou. — Eu provoquei.

Seus lábios se uniram para esconder um sorriso. — Um pouco.

Ele trocou as pernas, mexendo os dedos dos pés para eu esfregá-los.





Como membro da realeza, Nicu raramente estava sozinho, então derrubamos os obstáculos ficando desonestos. Quando o tempo nos permitia, lidávamos com a patrulha noturna nos quadris da cidadela. Eu usaria uma poção que se desenrolaria no ar e nos tiraria da periferia dos sentinelas por cerca de cinco minutos, tempo suficiente para se espalhar.

Ou Nicu passava o relógio - enquanto eu me escondia - e propositadamente dizia algo para deixá-los mais confusos, algo que sugeria que ele tinha permissão para passear sozinho. Os guardas confusos o deixavam sair, já que isso era melhor do que parecer obtuso para as autoridades superiores. Porque oh, esse orgulho de Inverno.

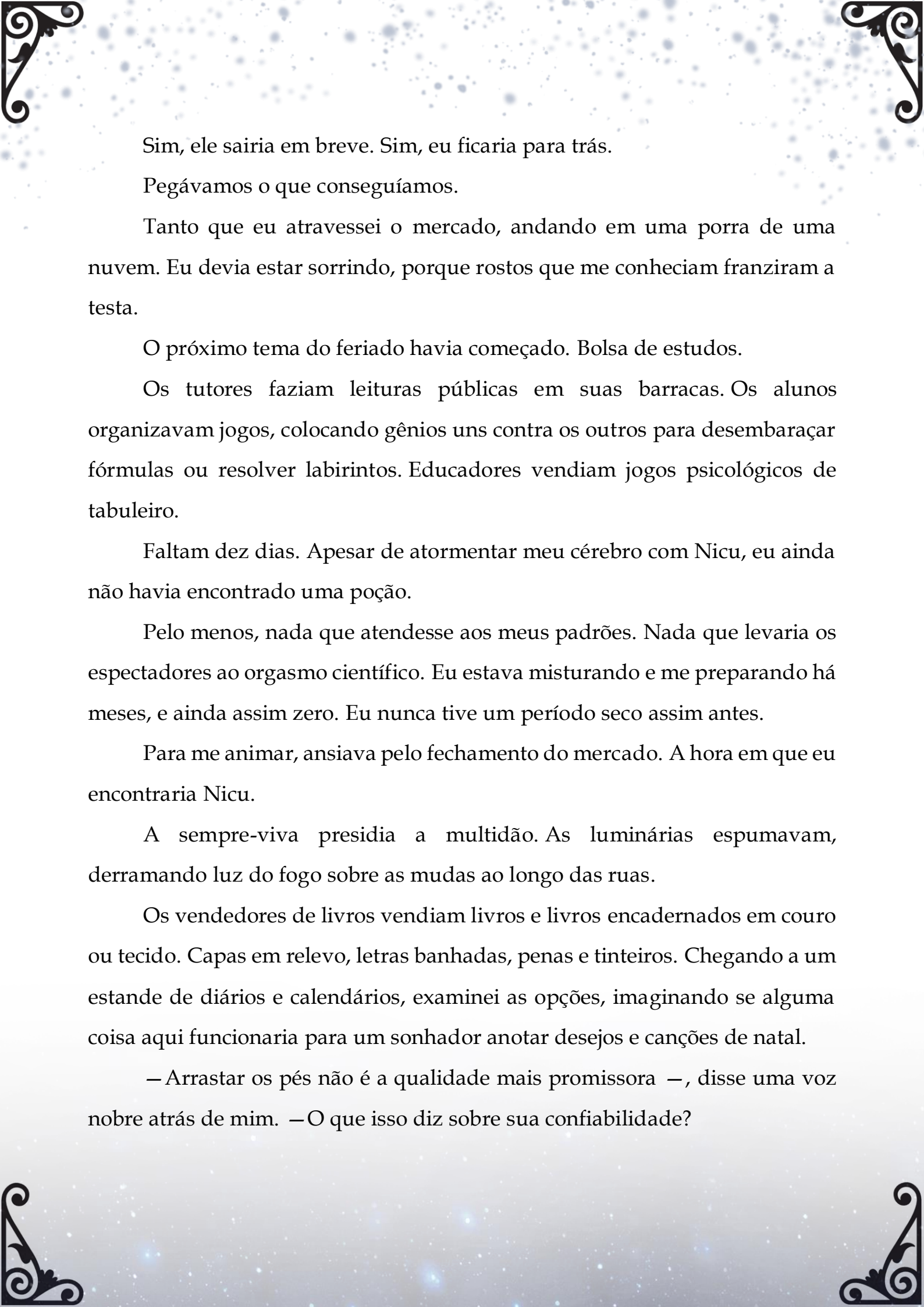
Ou Nicu cantarolava até Sussurro ouvi-lo. Não tinha certeza de como a corça conseguiu isso, mas ela estava se aproximando do castelo, sabendo que Nicu morava lá.

Ao chegar, a ajudante atuaria como um engodo, sendo a romântica que ela era. E então a montaríamos na floresta de pinheiros, correndo paralelamente ao Riacho de Gelo. Sem patins e com um cervo a reboque, era impossível seguir a estrada escorregadia. Como alternativa, a rota era útil para atalhos e navegação. Nicu memorizou sua forma sinuosa, enquanto eu conhecia os lugares aos quais estava conectada.

Uma semana se passou. Mais de uma vez, Nicu se perdeu na floresta ou nas passagens do castelo, e levei uma eternidade para encontrá-lo, minha frustração e preocupação aumentando. No final, fiquei chateado, ou ele ficou chateado. A disputa diluiu o flerte, e foi aí que nossos pontos cegos receberam doses de realidade.

Minhas mudanças de humor e comentários espertinhos o irritavam. No entanto, finalmente, eu cedi com ele. E quando se tratava de falar, de ouvir, Nicu tinha habilidades.





Sim, ele sairia em breve. Sim, eu ficaria para trás.

Pegávamos o que conseguíamos.

Tanto que eu atravessasse o mercado, andando em uma porra de uma nuvem. Eu devia estar sorrindo, porque rostos que me conheciam franziram a testa.

O próximo tema do feriado havia começado. Bolsa de estudos.

Os tutores faziam leituras públicas em suas barracas. Os alunos organizavam jogos, colocando gênios uns contra os outros para desembaraçar fórmulas ou resolver labirintos. Educadores vendiam jogos psicológicos de tabuleiro.

Faltam dez dias. Apesar de atormentar meu cérebro com Nicu, eu ainda não havia encontrado uma poção.

Pelo menos, nada que atendesse aos meus padrões. Nada que levaria os espectadores ao orgasmo científico. Eu estava misturando e me preparando há meses, e ainda assim zero. Eu nunca tive um período seco assim antes.

Para me animar, ansiava pelo fechamento do mercado. A hora em que eu encontraria Nicu.

A sempre-viva presidia a multidão. As luminárias espumavam, derramando luz do fogo sobre as mudas ao longo das ruas.

Os vendedores de livros vendiam livros e livros encadernados em couro ou tecido. Capas em relevo, letras banhadas, penas e tinteiros. Chegando a um estande de diários e calendários, examinei as opções, imaginando se alguma coisa aqui funcionaria para um sonhador anotar desejos e canções de natal.

— Arrastar os pés não é a qualidade mais promissora —, disse uma voz nobre atrás de mim. — O que isso diz sobre sua confiabilidade?





Deslizando ao redor, meus olhos pousaram em Noel, que me observava com uma expressão desafiadora. Olhando para ele, retirei minha fumaça de emergência. Tomando meu tempo presunçoso, enfiei na boca.

Meu ritual de fumar era a desgraça da existência do rei Jeryn. Ele lidava com isso, cercando-me com todo tipo de estatísticas e fatos sobre como poluía os pulmões, o que incluía me mostrar diagramas.

Além disso, era contra as regras que os visitantes ingerissem essas substâncias no mercado. Acendi com uma poção do meu cinturão, uma labareda queimando entre mim e meu rival. Para me esclarecer, chupei a palheta e soprei a fumaça no rosto dele.

Noel recuou, batendo os dedos longos no ar.

— O que posso fazer para você? — Eu perguntei.

— Você pode ficar longe dele. — Respondeu ele.

— Não sei de quem você está falando.

— Negue tudo o que você quiser. Eu não sou um idiota.

— Acho que tudo é possível.

Ele apertou os olhos ainda mais do que costumava fazer. Mas vamos lá, ele se deixou aberto para isso.

Éramos da mesma altura, exceto que eu tinha alguns músculos nele. Dito isto, ele tinha algumas moedas em mim, uma bolsa mais gorda mais um milênio de endogamia.

O que mais me deixava nervoso do que seus boatos de caxemira e seus traços de raça pura, foi que ele acreditava ter uma chance com Nicu. Que Nicu tinha lhe dado essa impressão. Quantas vezes eles ainda conversavam? Ou nos víamos?

— Se terminamos aqui, tenho trabalho a fazer —, eu disse em volta do fumo. — Tchau, nobre trágico.



— Pelo amor de Nicu, ficarei quieto sobre vocês dois —, disse ele. — Mas—
— Deixe-me tentar: mas você está me observando.

— Eu não preciso assistir —, ele provocou, olhando para mim. — Eu não ligo se o rei favorece o seu talento; ele tem paciência para tolerar praticamente qualquer pessoa. Não me importo que você tenha sido escolhido para expor no mercado; mesmo esse reino ocasionalmente se transforma em um prodígio sensacionalista.

— Mas eu venho de uma família nobre. Eu venho de um lar estável, com uma família afetuosa cujas linhagens remontam a cinco séculos, enquanto todo mundo sabe sobre sua existência humilde e invasora. Sou um estudioso de astronomia, um cientista como você. No entanto, diferentemente de você, eu rotineiramente tenho algo a mostrar para isso. Em comparação com seus surtos erráticos de gênio, sou consistente. Eu também sou o melhor candidato para ajudá-lo a encontrar a estrela que concede desejos, se é isso que ele deseja, se esse é o objetivo dele para recuperar sua voz. Estou ciente de que ele perdeu a capacidade de cantar suas próprias músicas. Ele me disse.

— Isso tudo importa porque...?

— Porque não só sou estável, elegível e confiável, mas também tenho o histórico que faria justiça a Nicu. — O fanfarrão se levantou. — Eu me preocupo com ele. E não apenas temo que você o machuque, mas suspeito que já o fez antes.

— Qual é a sua cor favorita? Com qual animal ele mais se identifica? Por que ele usa uma fita escarlate no pulso? Por que ele acha que as estrelas estão caindo quando neva? O que o faz encolher ou rir? — Eu grelhei. — Com o que ele sonha? Que tipo de música ele quer cantar?

O garoto sorriu. — Quem viu o quarto dele primeiro?

Alvo. Eu fiquei tenso.



Noel festejou ao ver isso. —Eu gosto dele, e ele gosta de mim - suas curiosidades não vão mudar isso. Estou ganhando tempo, porque com alguém como você? É uma questão insignificante de horas até você massacrar esse flerte. E quando você fizer, eu ainda estarei esperando. Eu estarei bem aqui para ele, onde pertenço. — Ele olhou para minhas roupas. —Você tem uma mancha no seu cachecol.

Então ele foi embora.



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

PASSARO CANORO

Quando o cortesão ofereceu seu braço, Nicu pegou.

Ele pegou, segurou e vinculou.

Ele o fez com um coração incerto enquanto passeavam pelo jardim de gelo com seus guardiões de animais congelados. As criaturas reais já tremeram? Eles se sentiam perdidos? Se sim, como eles encontravam o caminho através das sempre-vivas? Eles sabiam qual pedaço do céu concedia desejos?

Nicu lembrou-se de Lyrik primeiro contando tudo sobre a majestade do Inverno. Os guardiões da floresta protegendo a terra. A estrela lendária e seu poder. O nascimento da Véspera da Sabedoria.

Ele pensou no garoto de poções enquanto caminhava com outra pessoa. Isso era injusto, ganancioso ou mesquinho?

Ele olhou para Noel. A bonita maçã do rosto do cortesão o lembrava de uma lâmina, uma superfície lisa na qual Nicu poderia deslizar sem aterrisar com muita força. E os cabelos do pulso de Noel lembravam Nicu de um campo de centeio ao entardecer, uma visão nutritiva.

O jovem não usava roupas preguiçosas. Ele usava roupas como a de Nicu, com cores e botões de pedras preciosas em vez de pregos ou frascos. Ele não tinha brotos eternos na mandíbula. Ele não tinha cabelos tempestuosos ou brincos. E sua presença não fazia Nicu tropeçar ou pular.

Dias atrás, ele dissera a Noel que queria apenas amizade, e embora isso tivesse feito o rosto de Noel se entristecer tristemente, o cortesão aceitou isso, e Nicu ficou feliz. Eles ainda podiam ser amigos e ligar os braços e a erva daninha.

Nicu gostava de suas brincadeiras no mercado e de conversas sobre estrelas cadentes e desejos. Algumas vezes, Noel tentara ajudar Nicu, dando-lhe dicas sobre onde poderia estar a estrela lendária, mesmo que Noel não soubesse, apesar de ter crescido em uma família de *astrobiólogos* e *astrofísicos*.

Nicu sabia o que esperar com esse nobre astrônomo. Ele sabia o que esperar na maioria das vezes, exceto neste momento.

Depois do jantar, Noel o implorara por um sopro de ar de acompanhante. Os transeuntes olharam para eles com aprovação enquanto o guarda-costas o seguia.

A noite florescera, com uma pitada de corpos celestes. Nesta véspera, o céu caía mais deles, pulverizando o reino mais branco.

Noel perguntou: — Você vai conquistar o mercado com suas canções hoje à noite?

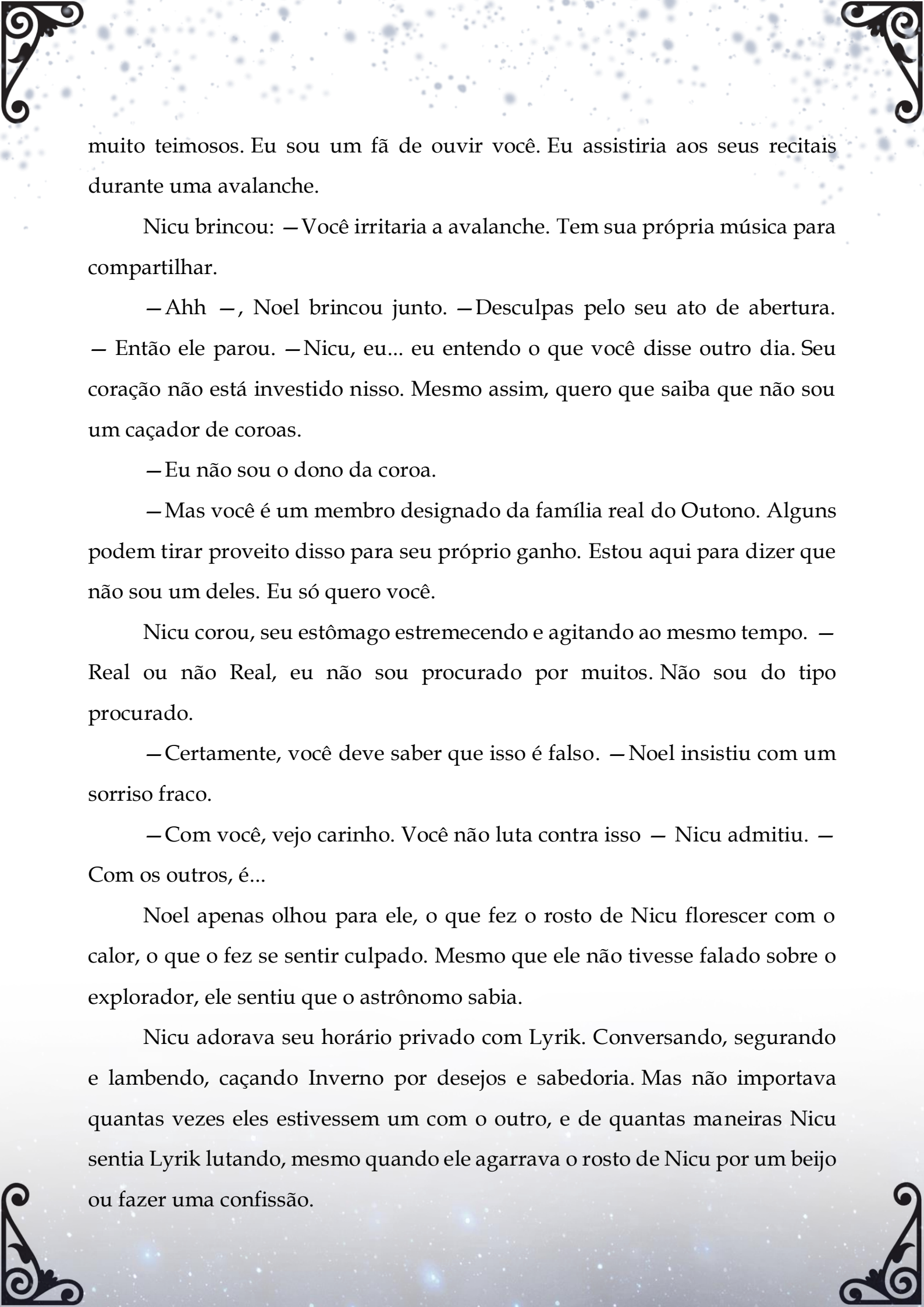
Eles não eram canções de Nicu. Eles pertenciam a Iradis, enquanto Nicu ainda não havia encontrado suas próprias músicas, nem tinha sido capaz de desejá-las. Mas enquanto isso...

— Mmm, sim —, ele respondeu. — Gosto de compartilhar minha voz. Eu gosto de tocar e escovar os ouvidos das pessoas, por isso continuarei tocando e escovando, se essas pessoas quiserem que eu faça.

— Garanto que eles admiram seu talento.

— Nem todo mundo bate palmas ou grita com estima.

— Bem, nenhum de nós pode agradar a todos. Isso exigiria uma divindade ou o comando divino do próprio Inverno. E mesmo assim, somos



muito teimosos. Eu sou um fã de ouvir você. Eu assistiria aos seus recitais durante uma avalanche.

Nicu brincou: — Você irritaria a avalanche. Tem sua própria música para compartilhar.

— Ahh —, Noel brincou junto. — Desculpas pelo seu ato de abertura. — Então ele parou. — Nicu, eu... eu entendo o que você disse outro dia. Seu coração não está investido nisso. Mesmo assim, quero que saiba que não sou um caçador de coroas.

— Eu não sou o dono da coroa.

— Mas você é um membro designado da família real do Outono. Alguns podem tirar proveito disso para seu próprio ganho. Estou aqui para dizer que não sou um deles. Eu só quero você.

Nicu corou, seu estômago estremecendo e agitando ao mesmo tempo. — Real ou não Real, eu não sou procurado por muitos. Não sou do tipo procurado.

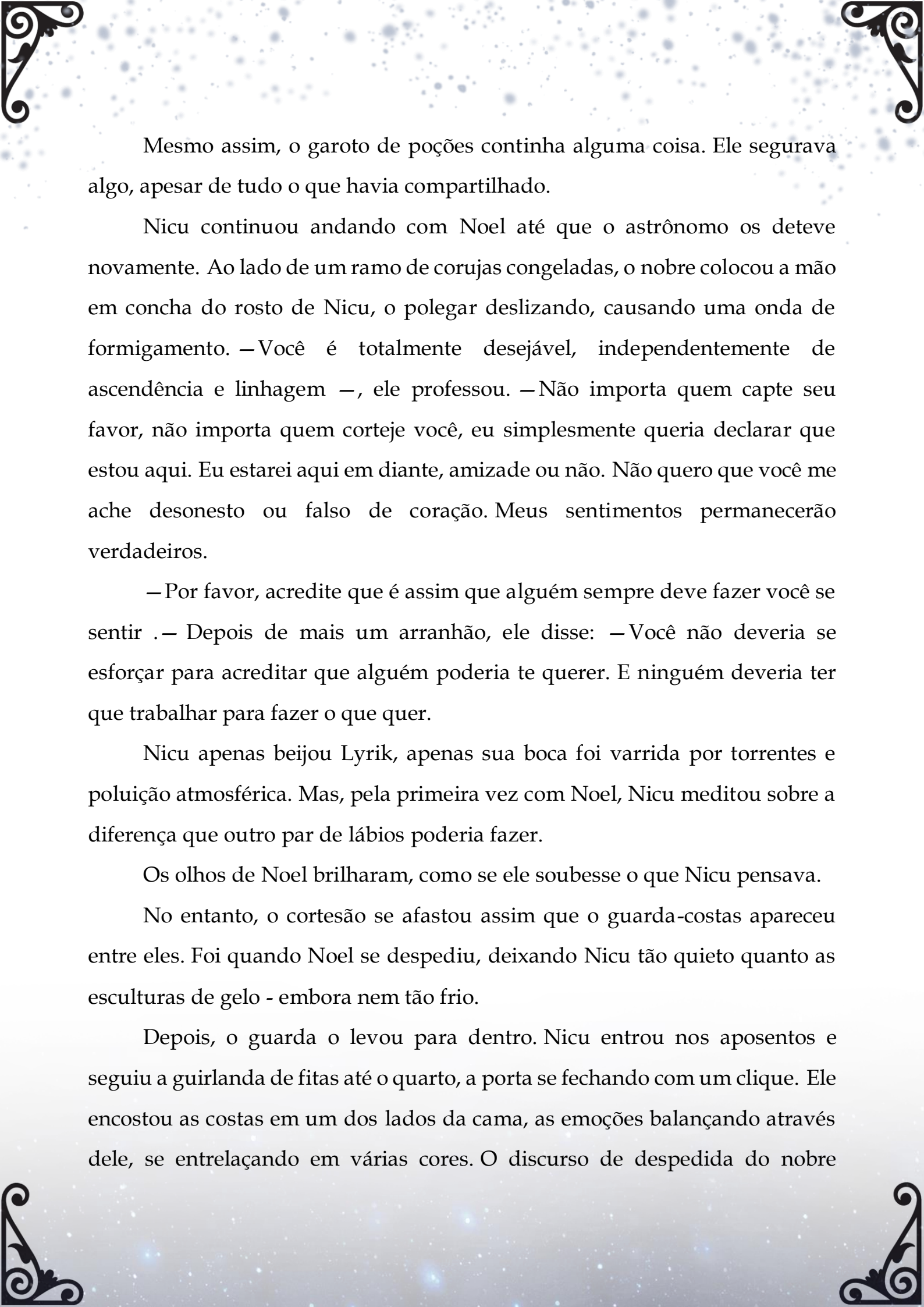
— Certamente, você deve saber que isso é falso. — Noel insistiu com um sorriso fraco.

— Com você, vejo carinho. Você não luta contra isso — Nicu admitiu. — Com os outros, é...

Noel apenas olhou para ele, o que fez o rosto de Nicu florescer com o calor, o que o fez se sentir culpado. Mesmo que ele não tivesse falado sobre o explorador, ele sentiu que o astrônomo sabia.

Nicu adorava seu horário privado com Lyrik. Conversando, segurando e lambendo, caçando Inverno por desejos e sabedoria. Mas não importava quantas vezes eles estivessem um com o outro, e de quantas maneiras Nicu sentia Lyrik lutando, mesmo quando ele agarrava o rosto de Nicu por um beijo ou fazer uma confissão.





Mesmo assim, o garoto de poções continha alguma coisa. Ele segurava algo, apesar de tudo o que havia compartilhado.

Nicu continuou andando com Noel até que o astrônomo os deteve novamente. Ao lado de um ramo de corujas congeladas, o nobre colocou a mão em concha do rosto de Nicu, o polegar deslizando, causando uma onda de formigamento. — Você é totalmente desejável, independentemente de ascendência e linhagem —, ele professou. — Não importa quem capte seu favor, não importa quem corteje você, eu simplesmente queria declarar que estou aqui. Eu estarei aqui em diante, amizade ou não. Não quero que você me ache desonesto ou falso de coração. Meus sentimentos permanecerão verdadeiros.

— Por favor, acredite que é assim que alguém sempre deve fazer você se sentir .— Depois de mais um arranhão, ele disse: — Você não deveria se esforçar para acreditar que alguém poderia te querer. E ninguém deveria ter que trabalhar para fazer o que quer.

Nicu apenas beijou Lyrik, apenas sua boca foi varrida por torrentes e poluição atmosférica. Mas, pela primeira vez com Noel, Nicu meditou sobre a diferença que outro par de lábios poderia fazer.

Os olhos de Noel brilharam, como se ele soubesse o que Nicu pensava.

No entanto, o cortesão se afastou assim que o guarda-costas apareceu entre eles. Foi quando Noel se despediu, deixando Nicu tão quieto quanto as esculturas de gelo - embora nem tão frio.

Depois, o guarda o levou para dentro. Nicu entrou nos aposentos e seguiu a guirlanda de fitas até o quarto, a porta se fechando com um clique. Ele encostou as costas em um dos lados da cama, as emoções balançando através dele, se entrelaçando em várias cores. O discurso de despedida do nobre



tornou-se um fuso, girando na mente de Nicu. Ele olhou para o nada, tocando a inclinação da orelha nua.

Então ele tocou sua boca. Se Noel tivesse tentado, Nicu teria deixado?

Sim. Sim, ele teria.

Da sala de estar, ele ouviu a entrada secreta se abrir.

O quarto de dormir era o próximo. Lyrik entrou, seus sapatos de salto batendo no chão. — Você ainda está com ele?

Nicu se endireitou. — Com quem? Não tem mais ninguém aqui? Estou contigo.

— Não é o que eu ouvi. Não por um longo tempo.

Lyrik estava diante de Nicu, pilhando a atmosfera como uma nevasca, como um sonho sobre nevascas. Tanto os sonhos quanto as tempestades de neve que faziam as pessoas se perderem, mas também as levaram a algum lugar novo.

Ohhh, isso poderia ser uma canção de natal!

— Nicu —, Lyrik retrucou. — Você está me ouvindo?

— *Não foi o que ouvi. Nem por um tiro no escuro* — Nicu retrucou.

— Eu te disse, eu não soo assim.

— Como torrentes e poluição atmosférica? Sim você soa.

Ele imaginou quando as sobrancelhas de Lyrik se apertavam, porque ele também sabia que este poceiro não gostava de ser imitado. Nicu sentiu um sorriso no rosto. Claro, ele estava ouvindo, com ou sem pensamentos de canções. Nicu tinha as orelhas de Lyrik, ouvindo-o sem nem tentar, então lá. Pegue isso!

Não que ele entendesse o que Lyrik estava reclamando.

— Sua língua é um quebra-cabeça. — Disse Nicu.

—Que parte você não entende? — Lyrik cantou, seus olhos dois caldeirões ensopados, jogando fumaça por toda parte. —Você ainda está deixando aquele cara te cortejar?

— Nós passeamos, não flertamos.

— Isso está certo? E isso é tudo?

— Você quer que haja mais?

— Você *quer*?

— Eu sou apenas amigo de Noel.

— Ele sabe disso?

— Eu disse a ele gentilmente.

Lyrik recuou, os dedos mergulhando nos bolsos, depois pulando para fora dos bolsos. — Ele viu seu quarto. Ele recebeu um convite antes de mim.

Um rosado repentino encheu o estômago de Nicu, e ele sentiu sua boca se enrolar em uma fita. — Você está chifrando.

— Eu não estou com ciúmes. Desse camarada? Por que diabos...

— Sim você está. Você está soando como um chifre. — Nicu sorriu. — Eu me sinto tão poderoso.

Uma risada perversa escapou de Lyrik. — Fico feliz em obrigar.

— Convidei-o para ir ao meu quarto porque ele estava me escoltando, porque estávamos passando um tempo juntos e, sim, ainda fazemos tudo isso. Mas não nos abraçamos. Eu só faço isso com você.

Noel havia dito que Nicu não deveria ter que se esforçar para ser procurado. E agora, ele não estava se esforçando. Esse feiticeiro químico ansiava por ele, tanto que ele se preocupava com Nicu estar com outro garoto.

— Estou cortejando você —, disse Nicu. — Eu não estou?

As sobrancelhas de Lyrik se levantaram. —É isso que estamos fazendo? Toda essa inspiração caçando, procurando músicas e poções, esgueirando-se, beijando? Estamos cortejando?

—Seria divertido, certo? Mais divertido do que chifrar?

—Parece mais divertido.

Eles riram, mas Nicu parou quando Lyrik ajustou um pedaço da trança de Nicu. — Eu pareço bagunçado?

O garoto de poções sorriu sem humor. — Você parece um príncipe.

— Por que você me quer?

— O que você acha?

— Acho que você tem medo de responder, porque lembrarei de tudo o que você disser e não poderá voltar atrás, porque estará aqui... — Nicu bateu na têmpora. — Na minha cabeça. E se você admitir, isso tornará nosso vínculo mais real, e isso significa que vai doer mais se você o perder. Eu acho que você está com medo disso. Estou certo?

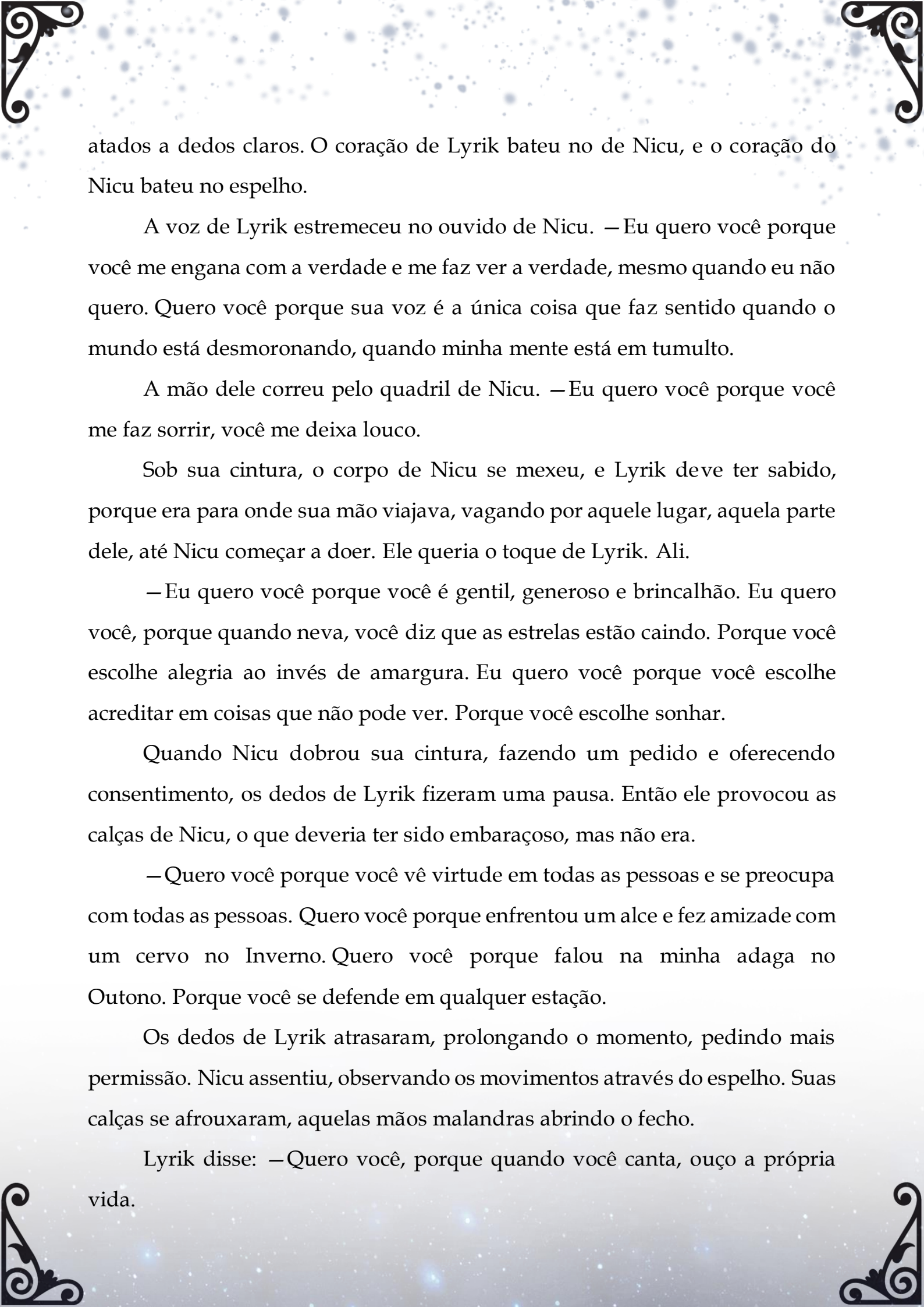
— Talvez.

— Me responda.

Mas Lyrik apenas ficou lá. Ofendido, Nicu se virou. Ele se retirou para a porta e agarrou a maçaneta, pronto para chutar o explorador, ou gritar para o guarda, ou mudar de ideia e forçar esse jovem a persegui-lo pelo lugar. Verdadeiramente, qualquer possibilidade faria uma cena interessante.

Mas quando Nicu abriu a porta, a palma da mão de Lyrik fechou-a novamente. O longo espelho embutido na superfície estremeceu. Nicu soluçou enquanto um braço pendia em torno de seu meio.

Na reflexão deles, o rosto de Lyrik ficou sombrio e o de Nicu se iluminou. Cabelos negros caíam sobre uma trança marrom, dedos de oliva



atados a dedos claros. O coração de Lyrik bateu no de Nicu, e o coração do Nicu bateu no espelho.

A voz de Lyrik estremeceu no ouvido de Nicu. — Eu quero você porque você me engana com a verdade e me faz ver a verdade, mesmo quando eu não quero. Quero você porque sua voz é a única coisa que faz sentido quando o mundo está desmoronando, quando minha mente está em tumulto.

A mão dele correu pelo quadril de Nicu. — Eu quero você porque você me faz sorrir, você me deixa louco.

Sob sua cintura, o corpo de Nicu se mexeu, e Lyrik deve ter sabido, porque era para onde sua mão viajava, vagando por aquele lugar, aquela parte dele, até Nicu começar a doer. Ele queria o toque de Lyrik. Ali.

— Eu quero você porque você é gentil, generoso e brincalhão. Eu quero você, porque quando neva, você diz que as estrelas estão caindo. Porque você escolhe alegria ao invés de amargura. Eu quero você porque você escolhe acreditar em coisas que não pode ver. Porque você escolhe sonhar.

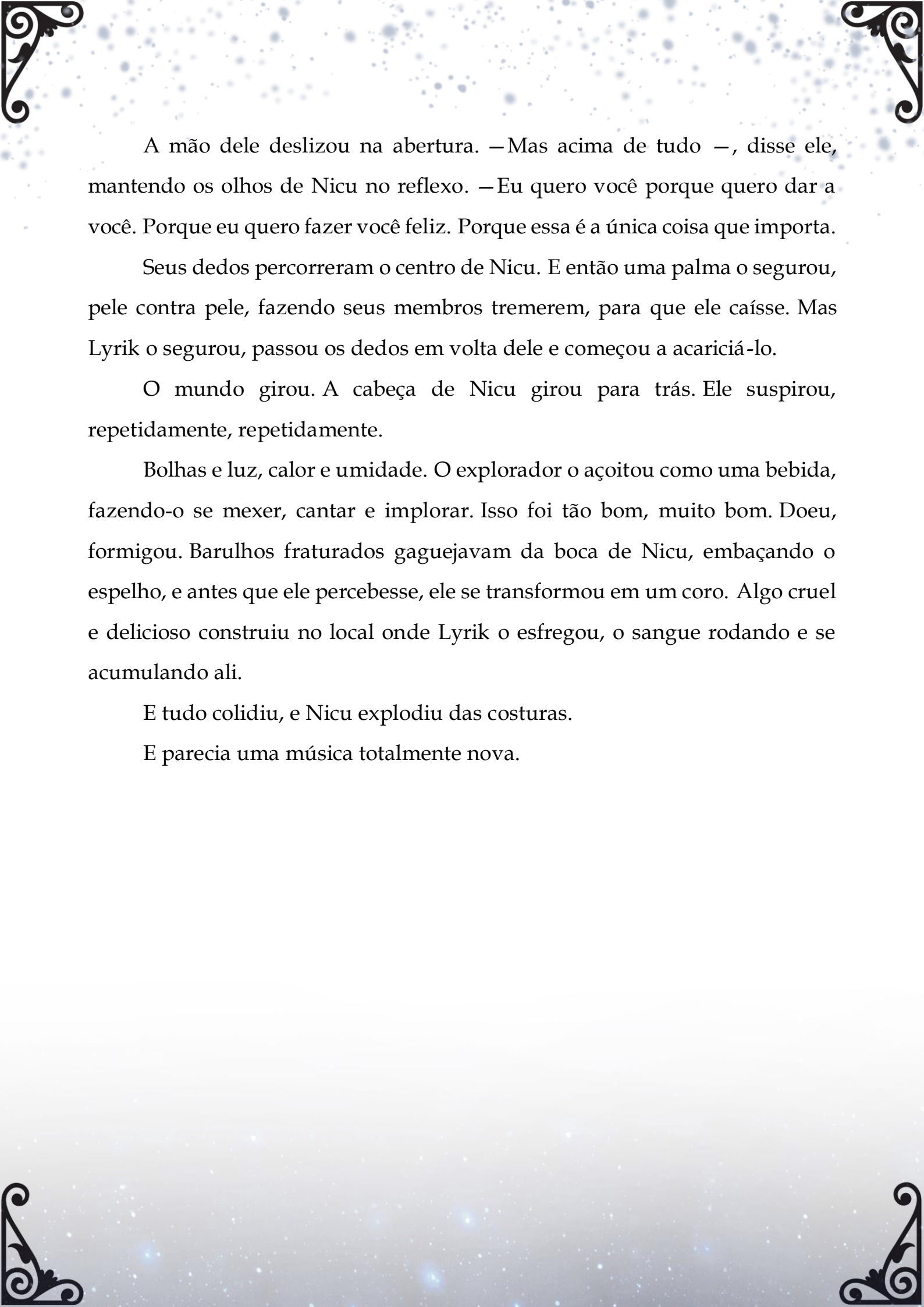
Quando Nicu dobrou sua cintura, fazendo um pedido e oferecendo consentimento, os dedos de Lyrik fizeram uma pausa. Então ele provocou as calças de Nicu, o que deveria ter sido embaraçoso, mas não era.

— Quero você porque você vê virtude em todas as pessoas e se preocupa com todas as pessoas. Quero você porque enfrentou um alce e fez amizade com um cervo no Inverno. Quero você porque falou na minha adaga no Outono. Porque você se defende em qualquer estação.

Os dedos de Lyrik atrasaram, prolongando o momento, pedindo mais permissão. Nicu assentiu, observando os movimentos através do espelho. Suas calças se afrouxaram, aquelas mãos malandras abrindo o fecho.

Lyrik disse: — Quero você, porque quando você canta, ouço a própria vida.





A mão dele deslizou na abertura. —Mas acima de tudo —, disse ele, mantendo os olhos de Nicu no reflexo. —Eu quero você porque quero dar a você. Porque eu quero fazer você feliz. Porque essa é a única coisa que importa.

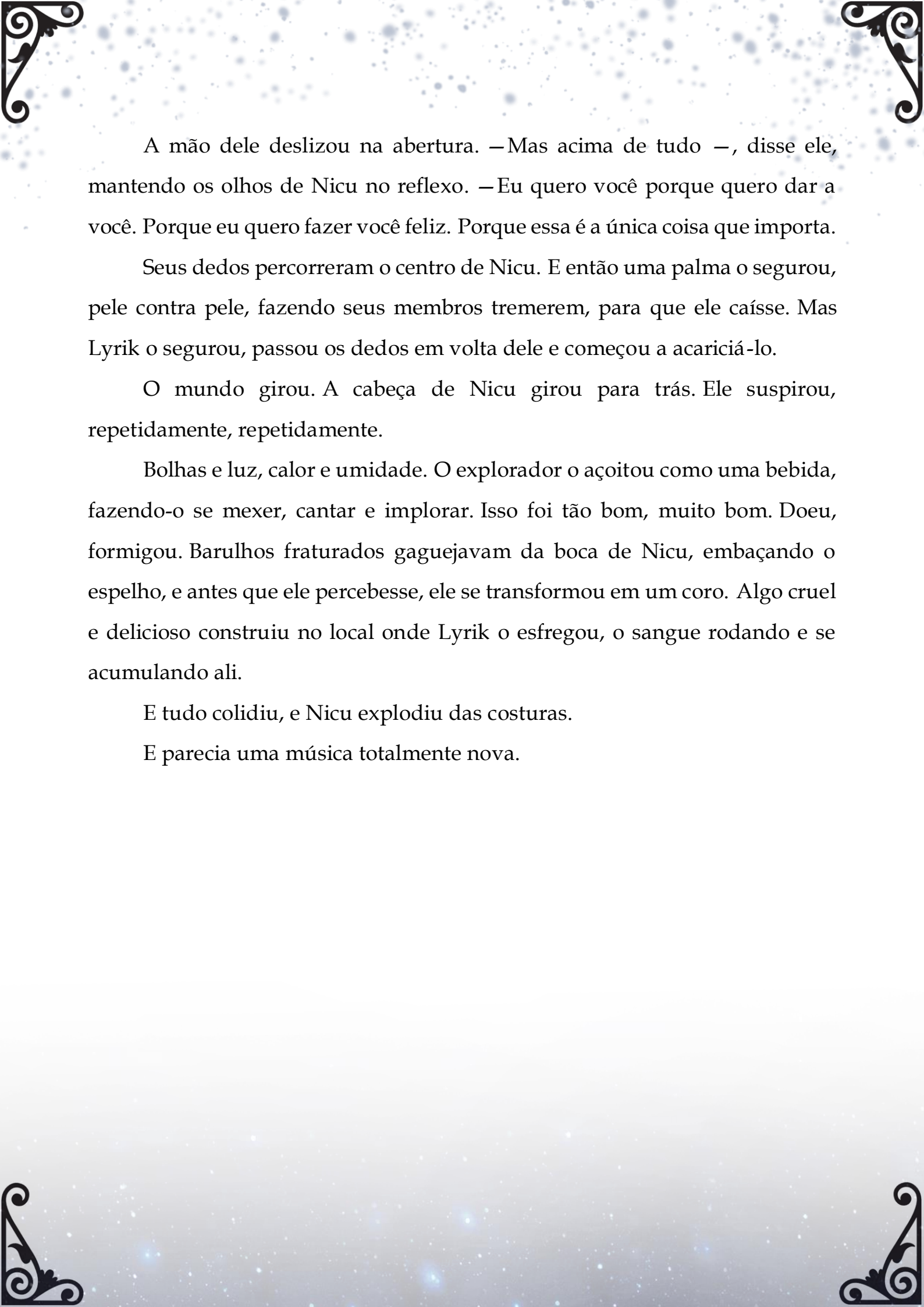
Seus dedos percorreram o centro de Nicu. E então uma palma o segurou, pele contra pele, fazendo seus membros tremerem, para que ele caísse. Mas Lyrik o segurou, passou os dedos em volta dele e começou a acariciá-lo.

O mundo girou. A cabeça de Nicu girou para trás. Ele suspirou, repetidamente, repetidamente.

Bolhas e luz, calor e umidade. O explorador o açoitou como uma bebida, fazendo-o se mexer, cantar e implorar. Isso foi tão bom, muito bom. Doeu, formigou. Barulhos fraturados gaguejavam da boca de Nicu, embaçando o espelho, e antes que ele percebesse, ele se transformou em um coro. Algo cruel e delicioso construiu no local onde Lyrik o esfregou, o sangue rodando e se acumulando ali.

E tudo colidiu, e Nicu explodiu das costuras.

E parecia uma música totalmente nova.



CAPÍTULO VINTE E QUATRO

PATIFE

Nunca ouvi um som mais doce. Nunca senti um toque mais doce.

Por mais de três anos, eu o quis assim, a realidade superando a fantasia pelo infinito. Nicu cantando, crescendo em meus braços. Sua carne flexível, do jeito que ele convulsionou.

Nada comparava. Nada mais existia.

Eu o trouxe a alturas. Eu o fiz chegar ao clímax. Eu tinha feito isso.

Estações, como eu fiz isso. No espelho, eu me assisti fazer isso.

Para dizer o mínimo sobre a minha ereção, seu comprimento pesando dolorosamente nas minhas calças. O tempo todo, eu adorava vê-lo, os cílios batendo, a boca entreaberta. Ele chegou atrás e puxou meu cabelo das raízes.

O contorno da minha mão sorrateira dentro de suas calças, subindo e descendo. A maneira como ele se apoderou, suas íris brilhando. Impagável.

Mesmo que eu não pudesse dar a ele o mundo, eu dei a ele. Mesmo que eu não me desse bem, eu poderia envolvê-lo. Eu poderia beijá-lo, abraçá-lo. Eu poderia apresentá-lo à felicidade.

Eu ofeguei em sua nuca suada. Meu braço esquerdo o segurou para mim, já que seus membros cederam depois que ele gritou sua música. O suporte do meu braço direito nos apoiou contra a porta, já que eu tinha colocado toda a



minha energia nele, acabando com nós dois. Tentamos respirar, como se tivéssemos corrido por uma cordilheira alpina e atingido seu pico.

Droga. Parecíamos uma bagunça quente. Eu poderia encarar nosso reflexo por toda a eternidade.

As costas de seu couro cabeludo se aninhavam em mim. Nicu sorriu através do espelho, a imagem de exaustão encantada. E fascínio tímido.

Esse não foi seu primeiro orgasmo. Ele não tinha oferecido essa informação, mas deduzi isso. Ele era humano, apaixonado, entusiasmado. Ele havia se tocado antes.

Mas ele não tinha sido entregue assim. Não até agora.

Eu beijei sua têmpora. — Como você está se sentindo?

— Como um pôr do sol. — Ele respondeu.

Significado, ele estava com sono. Eu o acompanhei de costas para a cama, onde nos arrastamos para o colchão. Uma queda de neve suave havia começado, fiapos na janela. O globo da lua pairava baixo no céu.

Sapatos e tudo, afundamos em peles e almofadas. Enquanto Nicu se enrolava ao meu lado, um contentamento como eu nunca soube se instalou em mim.

— Eu gostei disso. — Murmurou Nicu.

— Há mais de onde isso veio. — Eu garanti.

— Quando? — Ele demandou.

— Sempre. Eu sou todo seu.

Ele bocejou e se aconchegou contra mim, murmurando algo incompreensível quando adormeceu. Com meu ciúme dando uma guinada para melhor, decidi não deixar que as palavras do nobre estragassem isso. Chega de pensar.



Eu devo ter cochilado, porque minhas pálpebras se abriram para um eclipse verde. Nicu tinha se metido sobre o meu peito, seus grandes orbes me levando. Ele passou um dedo mindinho sobre minha barba por fazer e me estudou. — Você ronca.

Meus dedos traçaram seu perfil. — Então me distraia.

Ele sorriu. — Conte-me um segredo.

Por alguma razão, aconteceu. Talvez fosse a escuridão, ou estar na cama com ele, ou o jeito que ele se entregou à minha mão. Talvez fosse apenas ele. Sempre ele.

Mas cruzamos outra linha, atingimos outro platô. E talvez também tenha a ver com as palavras dele.

E se você admitir, isso tornará nosso vínculo mais real, e isso significa que vai doer mais se você o perder. Eu acho que você está com medo disso.

— Eu sou um tolo nascido. — Confessei.

Ele grunhiu, empurrando o lado da minha cabeça. — Não, você não é.

Tecnicamente, certo. Potencialmente, errado.

Agarrei sua mão para impedi-lo de lutar comigo. — O que faz você dizer isso?

— Você não é tolo. Você não é um simplório. Você não sou eu.

— Existem cem tipos de tolos.

— Bem, você não é um filho tolo.

Eu segurei seu olhar. — Não, eu sou apenas o filho dos tolos.

A cabeça de Nicu inclinou quando ele colocou os dedos nos meus ombros. Eu contei a ele sobre minhas raízes mestiças, de Verão e Inverno, mas além de meus pais serem casados - eu era apenas um bastardo figurativo - eu mantive as partes suculentas para mim. Eu nunca disse a ninguém.

Mas eu queria agora. Então eu contei.



— Foi assim —, eu disse, meu polegar caindo em seu braço. — Minha mãe era tola de Inverno, exceto do tipo genial. Meu pai era louco do Verão, não do tipo gênio.

Não. O tipo violento.

Por outro lado, minha mãe não era muito melhor que meu pai. Ela tinha um cérebro calculista, um cérebro ameaçador, do tipo que representava vingança se alguém questionasse suas teorias sobre química. Mais tarde, ela se aproximou dessas pessoas e causou danos metódicos. Geralmente, ela os tornava incapazes de falar, de indicá-la para a coroa. Ou ela os ameaçava com pior.

Muito mais tarde, quando ela me narrou essas histórias, ficou na defensiva e seus olhos vidravam. As pessoas não entendiam, ela insistiu. Ela tinha um presente, as pessoas não podiam ver isso? Se eles parassem de duvidar dela, Inverno se beneficiaria.

E sempre que ela me contava essas histórias, suas unhas cravavam no meu braço. E uma vez que eu assentisse, ela me libertaria.

Eu tinha quatro anos, então o que mais eu poderia ter feito?

Eu gostaria de não ter lembrado as coisas que ela disse. Mas eu lembrava.

Iradis demorou um tempo para identificá-la como a tola cometendo atos hediondos no castelo, onde ela estudava como aprendiz. Ela era filha de um nobre, mas nem sua família suspeitava. Ela tinha sido tão hábil em encobrir seus rastros, sua atitude o epítome de Inverno - fria, racional, articulada. Até que seu comportamento escorregou durante uma palestra, e ela pulou sobre as cadeiras para estrangular um homem que interrompeu sua apresentação.

As autoridades a trancaram. Foi onde ela conheceu meu pai.

Eles compartilharam uma cela de masmorra. Ele havia sido negociado no Verão, em cativeiro orbitando sua figura pálida. Ao contrário dela, ele atacava





qualquer um com cabelos loiros, confundindo-os com seres diabólicos que o aterrorizavam. Minha mãe se tornou a exceção depois que o impediu de afundar suas presas no bíceps.

No momento em que seus olhares se encontraram, foi isso. Eles acreditavam que era amor. Possivelmente tinha sido, até certo ponto mórbido.

Meu pai ficou obcecado em resgatar sua alma tola. Ela o divertia.

Ela ficou obcecada em ensiná-lo sobre química, sobre suas visões de poções e poções de amor para manifestar sangue real. Ele a humilhou.

Então chegou o dia em que uma equipe de médicos escolheu meu pai para experimentar. Ele e minha mãe inventaram um plano, que realmente funcionou. Basta dizer que eles pegaram os guardas de surpresa quando a porta da cela se abriu e os médicos vieram buscar meu pai.

Meus pais deixaram seus corpos para trás.

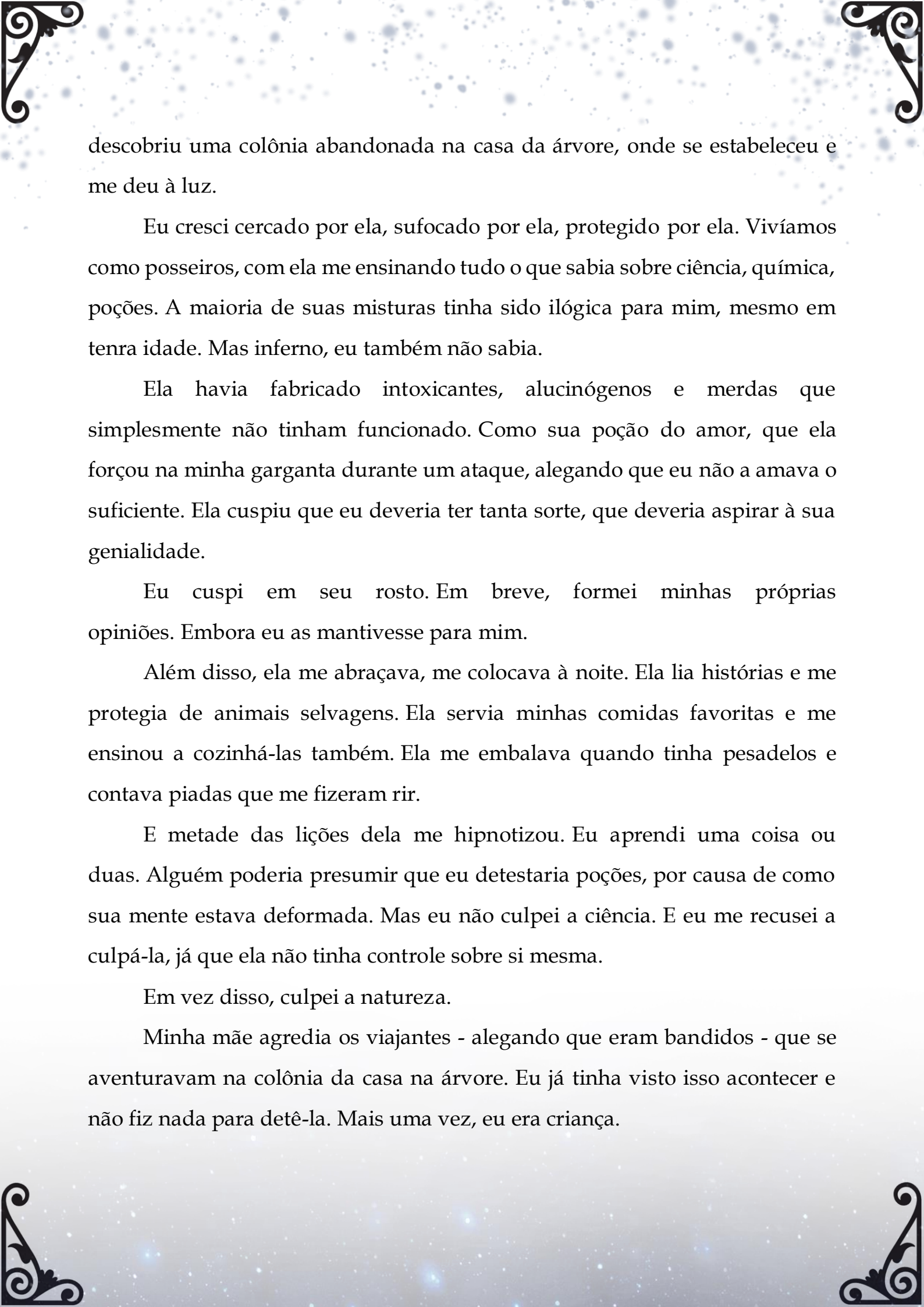
Como nobre, minha mãe conhecia o layout do castelo. Ela também tinha uma riqueza substancial e mantinha um estoque financeiro em seu quarto. Então ela e meu pai haviam entrado naquele quarto e roubado de volta antes de roubar uma rena e se retirar, fugindo para a selva do Inverno.

Meu pai não durou. Os elementos o mataram, mas não antes de meus pais terem trocado votos à meia-noite em uma vila, depois de terem enganado um nobre a realizar a cerimônia sob uma sempre-verde, um templo da natureza, templo de Inverno.

Como eles não queriam deixar um rastro, o nobre não havia sobrevivido à gratidão depois. Nem havia mais ninguém que tivesse entrado no seu caminho.

De qualquer forma, a hipotermia levou meu pai. Não faço ideia de como minha mãe conseguiu, mas acabou atravessando a fronteira para o Outono, violando a lei da Estação. Ela fugiu para a lendária floresta de Mista e





descobriu uma colônia abandonada na casa da árvore, onde se estabeleceu e me deu à luz.

Eu cresci cercado por ela, sufocado por ela, protegido por ela. Vivíamos como posseiros, com ela me ensinando tudo o que sabia sobre ciência, química, poções. A maioria de suas misturas tinha sido ilógica para mim, mesmo em tenra idade. Mas inferno, eu também não sabia.

Ela havia fabricado intoxicantes, alucinógenos e merdas que simplesmente não tinham funcionado. Como sua poção do amor, que ela forçou na minha garganta durante um ataque, alegando que eu não a amava o suficiente. Ela cuspiu que eu deveria ter tanta sorte, que deveria aspirar à sua genialidade.

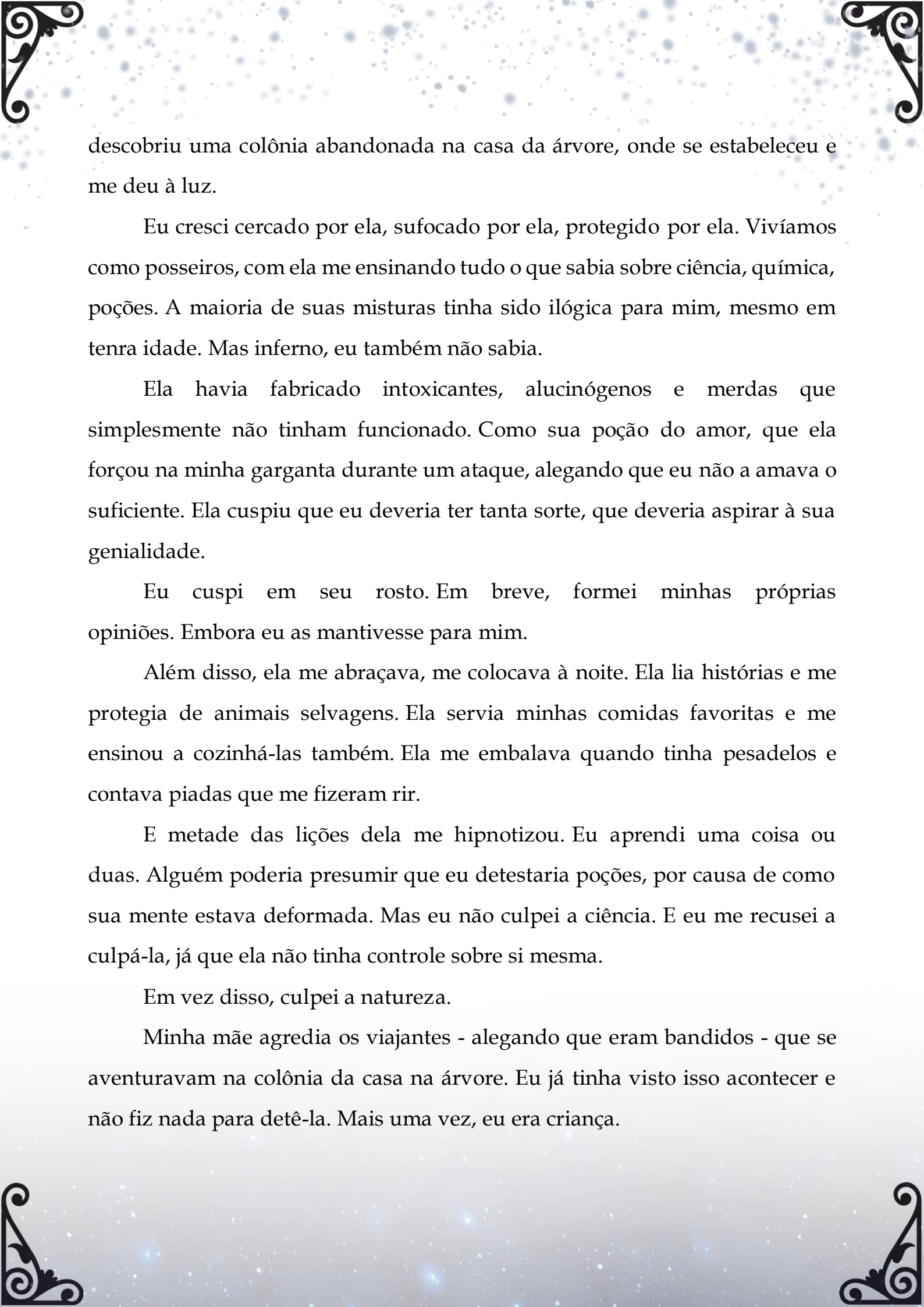
Eu cuspi em seu rosto. Em breve, formei minhas próprias opiniões. Embora eu as mantivesse para mim.

Além disso, ela me abraçava, me colocava à noite. Ela lia histórias e me protegia de animais selvagens. Ela servia minhas comidas favoritas e me ensinou a cozinhá-las também. Ela me embalava quando tinha pesadelos e contava piadas que me fizeram rir.

E metade das lições dela me hipnotizou. Eu aprendi uma coisa ou duas. Alguém poderia presumir que eu detestaria poções, por causa de como sua mente estava deformada. Mas eu não culpei a ciência. E eu me recusei a culpá-la, já que ela não tinha controle sobre si mesma.

Em vez disso, culpei a natureza.

Minha mãe agredia os viajantes - alegando que eram bandidos - que se aventuravam na colônia da casa na árvore. Eu já tinha visto isso acontecer e não fiz nada para detê-la. Mais uma vez, eu era criança.





Na manhã em que a encontrei, eu tinha doze anos. Ela estava deitada em uma poça de seu próprio vômito, envenenando-se com uma de suas poções fracassadas.

Eu gritei, depois limpei a bagunça, lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Então eu me recompus e fiz o que ela não tinha. Fiz poções da maneira certa, para provar que podia, para provar que sabia melhor. Que eu poderia ser melhor. Que eu poderia corrigir seus erros. Que eu poderia me purificar da influência dela.

Ao longo dos anos, apoiei-me em negociações de poção, além do saco de moedas que minha mãe havia deixado para trás. Até hoje, eu sempre tentei fazer melhor. Porque eu não era tolo, mas poderia me tornar um, porque tinha o sangue dos meus pais.

Simpatizantes podem perdoar simplórios e pacifistas malucos que só se machucam. Mas o mundo perdoaria os tolos que massacravam pessoas? O que o mundo diria se soubessem quem me deu à luz?

A sociedade não condenava os membros da família por terem parentes tolos. E minha mãe não tinha sido um demônio para mim. Para outros, mas não para mim.

Talvez ela pudesse ter sido ajudada. Talvez meus pais possam ter sido tratados.

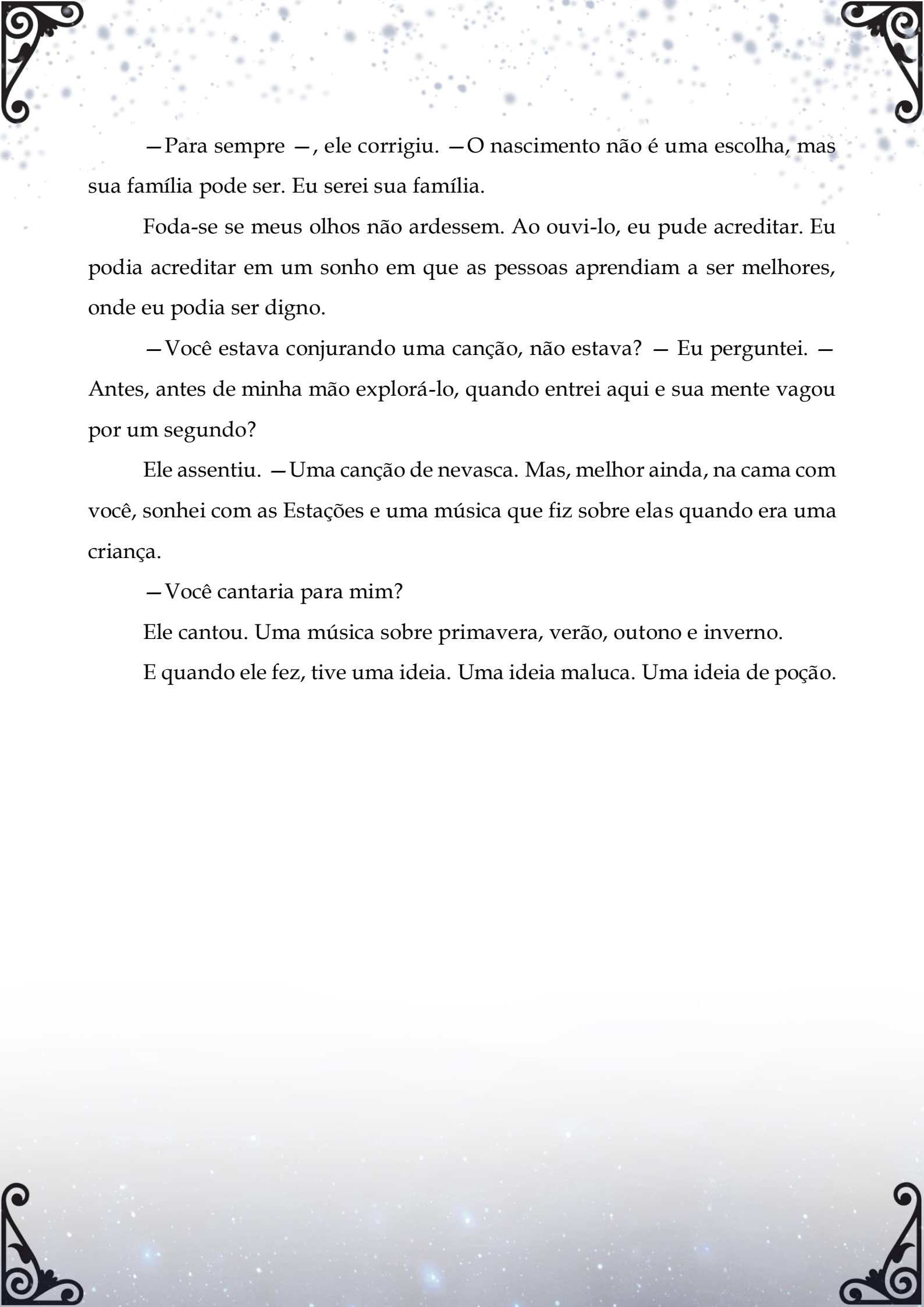
Ainda assim, como eu poderia viver com alguém como Nicu? Como eu poderia valer alguma coisa para ele? Como eu poderia fazer justiça a ele?

Quando terminei, percebi que Nicu e eu havíamos mudado de posição. Agora ele me segurava, seu batimento cardíaco batendo no meu ouvido.

— Você não é eles —, disse ele. — Você tem suas próprias poções.

— Por enquanto. — Revisei.





— Para sempre —, ele corrigiu. — O nascimento não é uma escolha, mas sua família pode ser. Eu serei sua família.

Foda-se se meus olhos não ardessem. Ao ouvi-lo, eu pude acreditar. Eu podia acreditar em um sonho em que as pessoas aprendiam a ser melhores, onde eu podia ser digno.

— Você estava conjurando uma canção, não estava? — Eu perguntei. — Antes, antes de minha mão explorá-lo, quando entrei aqui e sua mente vagou por um segundo?

Ele assentiu. — Uma canção de nevasca. Mas, melhor ainda, na cama com você, sonhei com as Estações e uma música que fiz sobre elas quando era uma criança.

— Você cantaria para mim?

Ele cantou. Uma música sobre primavera, verão, outono e inverno.

E quando ele fez, tive uma ideia. Uma ideia maluca. Uma ideia de poção.



CAPÍTULO VINTE E CINCO

PASSARO CANORO

Lyrik sentou-se.

Lyrik sentou-se e Nicu se levantou, e eles ficaram acordados.

Os lençóis sussurravam ao redor deles, um deslizamento melódico de cobertores. Suas vozes se espalham, tocando como um instrumento no escuro.

O explorador disse que teve uma faísca. — Eu tenho uma ideia.

O explorador disse que era um silêncio. — É um segredo.

Nicu ouviu-o explicar como a faísca vinha da canção de Nicu sobre as estações do ano, porque e se uma poção pudesse ser feita dos quatro reinos? O que aconteceria? O que isso criaria?

O colchão tocou com força quando Nicu saltou sobre as fontes. — Uma poção das quatro estações.

— Não é uma novidade. — Lyrik passou a mão pelos cabelos. — Os ingredientes já foram combinados com eles antes, mas dos suspeitos do costume, entende? A flora e fauna básicas. E os pedaços inexplicáveis da natureza? O universal, mas místico.

— Mistérios orgânicos de cada terra.

— Ainda familiar aos olhos. Enigmas feitos do mundo real. Uma combinação do conhecido e do desconhecido.

— Como sabedoria e desejos.



E não era apenas para Lyrik apresentar no mercado. Não, isso poderia ser maior e mais brilhante que isso, estendendo-se a algo para o mundo, algo que faria a diferença, a maneira como os pais de Nicu fizeram a diferença, a maneira como seus amigos fizeram a diferença, tudo em suas próprias histórias.

Nicu e Lyrik sorriram um para o outro e debateram um com o outro. Nicu caminhou na direção de Lyrik e se apoiou no colo do explorador, apoiando-se ali. Ele brincou com o brinco de Lyrik, enquanto Lyrik brincou com o bracelete de fita de Nicu.

Eles ruminaram, não precisando caçar o Inverno inteiro, procurando as câmaras dentro de suas cabeças. E pela manhã, disseram a Jeryn, porque, apesar de ser um segredo, um segredo, o rei era o rei. Ele precisava saber, e eles precisavam de sua ajuda, e realmente, todos eles precisavam um do outro.

Eles precisavam se tornar um time.

Os olhos negros de Jeryn correram entre Nicu e Lyrik, sabendo sem perguntar. Embora o rubor de Nicu também pudesse ter denunciado seu vínculo.

Em vez de bisbilhotar, Jeryn se concentrou na centelha, na ideia. Ele os colocou com perguntas, muitas perguntas, muitas perguntas. De prós e contras, a *se* e *como*, o rei foi minucioso. Ele também arrancou a fumaça da boca de Lyrik e pressionou a bunda na pedra, o que fez Lyrik amaldiçoar, o que o rei ignorou.

Mas Jeryn gostou do esquema deles. Ele gostou muito.

Sonhos esperançosos eram sonhos assustadores. Assim como novas canções eram músicas ousadas. Assim como as poções bravas eram arriscadas.





Era disso que as mudanças eram feitas, diriam os pais de Nicu. Então o rei, o explorador e Nicu fizeram um plano. Eles compartilharam pensamentos sobre primavera, verão, outono e inverno.

O que era místico? O que era familiar? O que eram os dois?

Eles fizeram uma lista e dividiram suas tarefas. Eles precisavam agir rapidamente, antes que o mercado terminasse, para que Lyrik pudesse apresentar sua poção. Jeryn considerou isso preliminar. Se funcionasse, eles perseguiriam um empreendimento ainda maior, o que significaria convocar alguns outros aliados.

Uma coisa de cada vez, afirmou o rei do Inverno.

Nicu rabiscou um bilhete para Primavera, para sua avó Jinny, que morava em uma cabana, em uma floresta de Whimtany. Ele disse a ela o que eles precisavam e, por favor, enviasse em breve.

Em vez de um mensageiro a pé, Nicu seguiu o conselho de Jeryn e empregou uma coruja para entregar o pergaminho, porque as corujas voavam rápido e longe, com a percepção permitindo que encontrassem o caminho.

Observando a criatura sair de seu poleiro, suas asas brancas batendo acima dos alpes, Nicu refletiu. Por que a coruja-amarela precisava ser rápida, a que distância estava longe e como o pássaro sabia?

Jeryn usou outra coruja para enviar uma missiva para um lugar especial no verão, para uma pessoa especial lá, embora ele não tenha dito quem, embora Lyrik parecesse saber.

Lyrik usou outra coruja para transmitir uma carta a Outono, a amigos do passado dele e de Nicu, desde o tempo que passaram na lendária floresta de Mista.

Quanto ao Inverno, eles ainda não sabiam o que precisavam ainda.

Jeryn disse: — Paciência.





Lyrik disse: — Foda-se.

Nicu disse: — Hmm.

O primeiro ingrediente chegou com rapidez, dentro de dias. A coruja trouxe-lhes pétalas da Floresta Floral da primavera, um bosque rosa conhecido por todos que ainda não tem igual em toda Whimtany. Elogiada como a mais sedutora das florestas da primavera, era também a mais criativa, com seus botões perfumados e raízes coloridas.

As flores chegaram com um bilhete da vovó Jinny. — *Elas ainda me lembram suas bochechas.*

Nicu sentia falta dela, só a visitava algumas vezes porque sua mãe princesa ainda fora banida de Whimtany, por coisas que ela fizera para proteger Nicu quando ele era mais jovem, ofendendo a Coroa da Primavera. Seu pai não foi banido, mas ele não era muito bem-vindo, então ele só recebia permissão para levar Nicu lá a cada poucos anos. Outras vezes, Nicu foi com sua avó do outono, quando viajava para a Primavera para as conversas anuais sobre a paz.

Enquanto isso, vovó Jinny recebia visitas regulares dos amigos de seus pais, um alaúde Whimtany e um trio de mulheres cortesãs. Eles gostavam de ler em voz alta as cartas de Nicu, de sua mãe, de seu pai. Ou eles gostavam de tocar música e dançar para Jinny.

Nicu já esteve lá uma vez para ver isso. Ele tinha dez anos.

Uma semana após a partida das corujas, Nicu ficou na Floresta de Pinheiros, observando estrelas no final da tarde. Talvez o lendário candidato a desejo tenha uma tonalidade única, ou pisque de maneira diferente, ou fizesse sons como música.





Ele caçou as constelações enquanto esperava os outros pássaros mensageiros retornarem. De acordo com o rei Jeryn, sua coruja deveria ter entregue notícias a Verão e retornado com um pedaço de Perilyn agora.

Como o rei sabia que o pássaro já deveria ter voltado? E se a criatura tivesse decidido cair no mato, vagar primeiro por um feitiço? Isso não seria legal? Quanto isso realmente atrasava as coisas?

O castelo e suas bandeiras azuis pairavam do penhasco alpino, as vidraças brilhando entre as cortinas. O relógio tocou, enviando um arrepio metálico na floresta.

Sussurros percorria a neve e inspecionava o céu com Nicu. Juntos, eles encararam os pontos agrupados no alto.

Nicu coçou atrás da orelha marrom da corça e murmurou: — Acho que não vamos encontrá-la hoje.

Ela o cutucou de acordo. Em vez de desejos, a terra cheirava a um penhasco, como a salmoura da incerteza. Nicu e Sussurro observaram os galhos, as folhas da agulha e as pinhas. As árvores pareciam levantar a cabeça em expectativa, com um notável brilho dourado para elas, e não do sol que espreitava.

Parecia que a floresta aguardava uma nova presença, uma nova adição.

Um braço deslizou ao redor de Nicu e uma mão livre ofereceu sua cantina laranja, flutuando com canela. E uma voz falou: — Alguma sorte?

— Não. Sem avistamentos.

— Não se preocupe. Você vai chegar lá.

— Meus dedos roçaram as estrelas, e então Sussurro se juntou a mim, e agora os pinheiros estão acesos.

Lyrik brincou: — Você está indo a algum lugar com isso?

Os ouvidos de Nicu se animaram. — Nós não estamos sozinhos.



—Correto. — Respondeu uma voz coroadada.

Eles se separaram.

Um conjunto de olhos negros, uma grande quantidade de peles reais e uma juba de cabelos azuis apareceram. O rei contornou uma sempre-viva, com a capa esbarrando nos membros, as botas esmagando a neve. Ele colocou o cabelo na nuca, melhor para Nicu ver o rosto penetrante do homem, mais ousado que a pista gelada.

O rei Jeryn deve ter avistado seu abraço. Nicu e Lyrik não haviam contado a ele sobre suas escapadas de caça, nem sobre seus beijos - especialmente sobre seus beijos.

Por outro lado, Sua Majestade não precisava ser informada. E ele veio sem sua comitiva, o que significava que os estava seguindo. Além das árvores, um veado alto havia sido amarrado a uma sempre-viva.

— Bem, caramba. — Lyrik coçou a nuca. — Já ouviu falar em privacidade, Majestade?

— Sim. — Foi tudo o que o rei disse.

— Estávamos querendo caçar. — Disse Nicu, como se essa informação falasse por si mesma.

— Veio para confirmar nossos desobediências? — Lyrik perguntou.

O corte da testa de Jeryn se levantou. — Essa é uma maneira de definir a confraternização.

— Ei, agora, sua vida amorosa não é exatamente um exemplo exemplar de transparência.

Nicu sempre suspeitou que o rei tinha um amor incalculável. Ele assumiu que seus pais sabiam quem era a pessoa, mas nunca haviam dito a Nicu.

E até Lyrik parecia saber. Ele parecia conhecer bem os segredos de Jeryn, não que o rei desse licença ao explorador.

— Eu ficaria com a língua, se eu fosse você. — Jeryn o advertiu, as palavras cortando como uma lâmina.

Mas Lyrik era Lyrik. — Sim? O que você vai fazer? Me amarrar por mau comportamento...

Uma rede caiu das copas das árvores. Preso a um pedaço de corda, o tecido disparou pela neve e atingiu a bota de Lyrik. Com um único puxão, o laço apertou, agarrando seu tornozelo. Ele saltou no ar e virou de cabeça para baixo, um pé envolto na trama, o outro pendurado.

Sussurro soltou um barulho de cervo, algo semelhante ao humano *Ohhhhh*.

Nicu chiou e foi em direção a Lyrik, que gritou: — Que porra é essa?

— Você está enrolando? — Nicu perguntou, segurando sua mandíbula.

— Não estou tonto — assegurou Lyrik antes de meio que gritar, meio que rindo dos galhos. — É assim que você faria uma grande entrada!

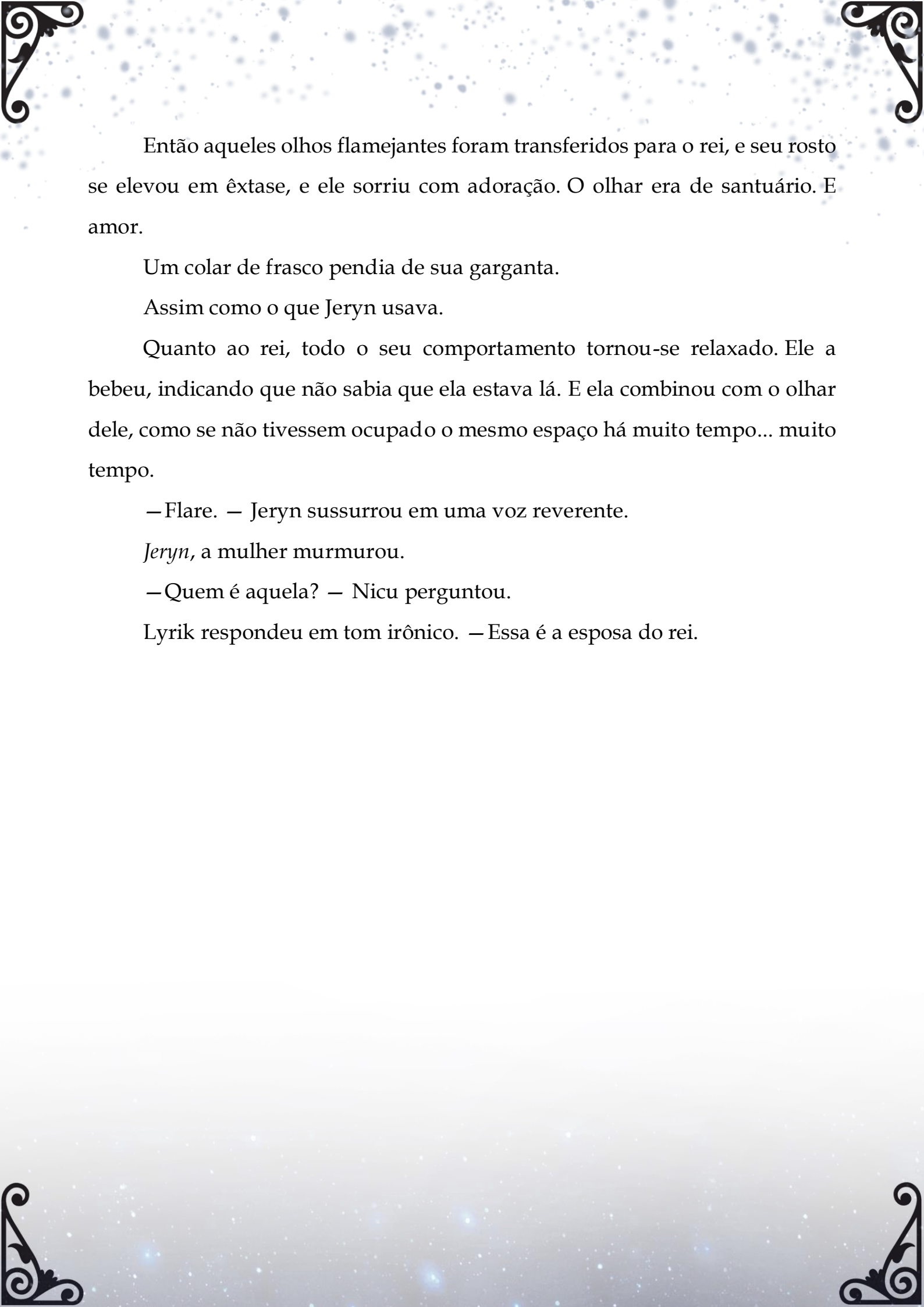
— Quem? — Nicu girou, seguindo o olhar de Lyrik em direção a uma luz dourada.

Ele se concentrou nessa luz e viu o sol.

Não, não o sol. Uma mulher feita do sol.

Uma mulher com ondas de zibelina cortadas que esfregavam seus ombros. Ela estava em um galho, em membros curtos e pés descalços, o bronze de sua pele brilhando. Calças esvoaçantes apertavam seus tornozelos, um corpete sem alças aparecia em sua capa e uma delicada corrente envolvia sua testa.

As manchas de fogo de seus olhos esboçaram Lyrik, Nicu e Sussurro.



Então aqueles olhos flamejantes foram transferidos para o rei, e seu rosto se elevou em êxtase, e ele sorriu com adoração. O olhar era de santuário. E amor.

Um colar de frasco pendia de sua garganta.

Assim como o que Jeryn usava.

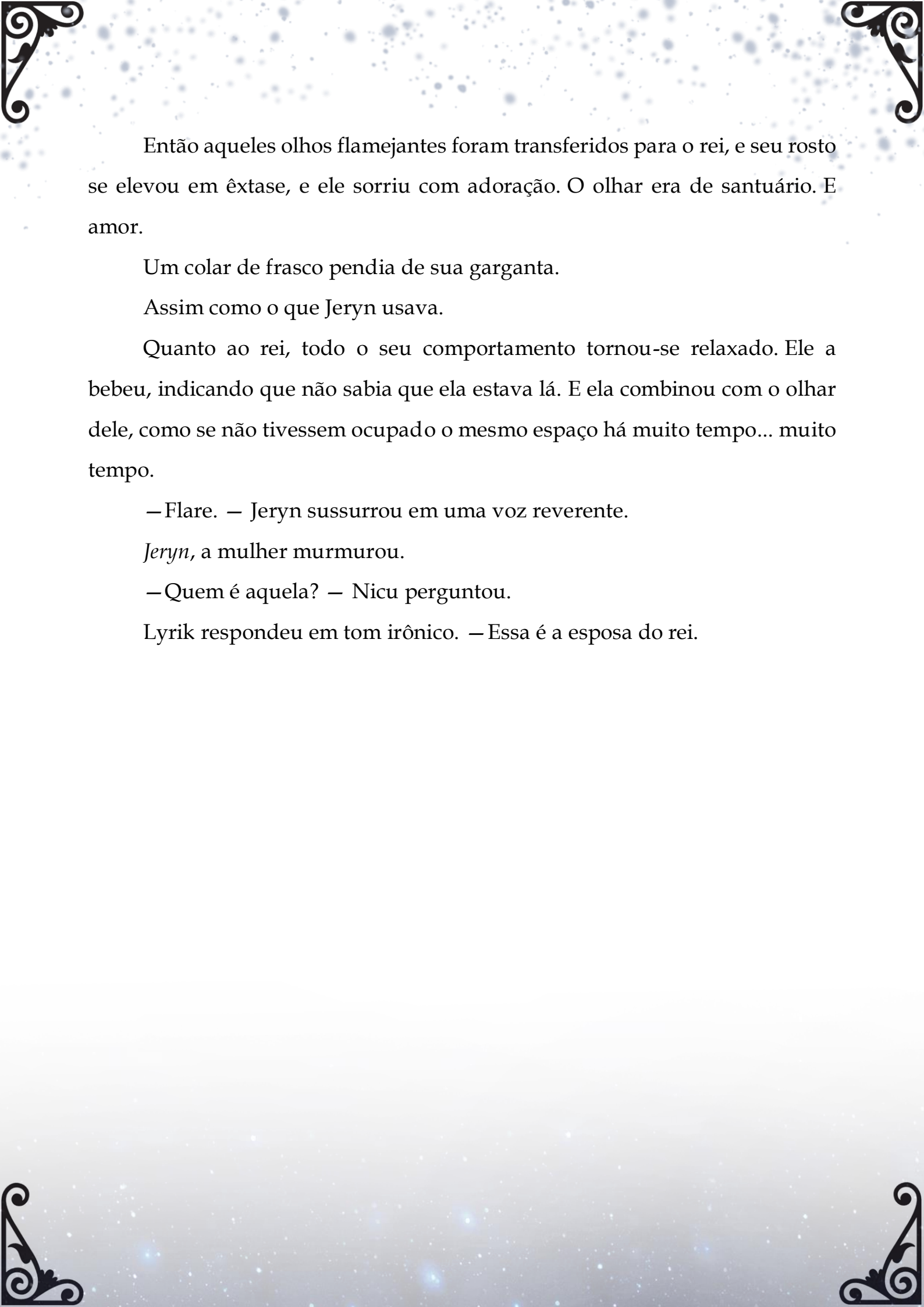
Quanto ao rei, todo o seu comportamento tornou-se relaxado. Ele a bebeu, indicando que não sabia que ela estava lá. E ela combinou com o olhar dele, como se não tivessem ocupado o mesmo espaço há muito tempo... muito tempo.

— Flare. — Jeryn sussurrou em uma voz reverente.

Jeryn, a mulher murmurou.

— Quem é aquela? — Nicu perguntou.

Lyrik respondeu em tom irônico. — Essa é a esposa do rei.



CAPÍTULO VINTE E SEIS

PATIFE

Quero dizer, merda. Flare estava aqui. No inverno.

Flare, vagabunda de areia, artista de areia do verão, amor da vida de Jeryn.

Ela ficou lá, uma pequena imagem de pele polida e mechas onduladas - exatamente o oposto do rei. E ainda uma garota selvagem dos mares e costas.

O Inverno começou a sugar a cor dos dedos dos pés, mas mesmo com os dentes batendo, ela sorriu. E pela primeira vez, Jeryn não fez um comentário sobre as condições de saúde, com a boca aberta como uma cortina.

Um visual raro: o frio e calculista Rei do Inverno, um príncipe anteriormente cruel, violador de tolos nascidos, quase caindo de joelhos aos pés da mulher diante dele.

Sim. Ele ia perdê-lo.

Eles fizeram uma pausa. Então eles saltaram um para o outro.

Flare caiu do galho nos braços de Jeryn. Ela amarrou as pernas em volta da cintura dele, enquanto ele segurava o rosto dela com uma mão, a outra perdida em seus cabelos escuros. Seus lábios bateram, boquiabertos e desesperados. Tão desesperadamente desesperado que ouvi suas entradas de ar.

Nicu ficou boquiaberto, depois se virou para dar-lhes privacidade, enquanto seu melancólico companheiro cervo admirava a cena.

O mundo chamaria Flare de louca - uma loucura imprudente, uma loucura ilusória.

E Jeryn tinha seus próprios demônios mentais - uma condição ansiosa não revelada de um trauma de infância, que ele escondia do seu povo. Dessa forma, eles se continham, curavam um ao outro, libertavam um ao outro.

Desde a última vez que eu vi Flare, seis meses atrás, na ilha da floresta tropical, essa também foi a última vez que Jeryn a viu. Ela nunca esteve em Inverno, nunca pôs os olhos na casa do rei, nunca pôs os olhos na neve. E ele nunca teve a satisfação de testemunhá-la cercada pelos elementos de seu reino.

Bem, se alguém tivesse me perguntado, eles estavam separados por muito tempo. Já era hora de ela chegar a Iradis, mesmo que não tivesse sido planejada, mesmo que fosse precária.

Eu teria aplaudido se não estivesse balançando como um idiota, minha perna direita perdendo a circulação. Meu cérebro invertido vasculhou as perguntas enquanto o sangue corria para o meu crânio, fazendo meu peso cair.

Como ela chegou aqui? E tão rápido?

E por que ela estava aqui?

Eles se beijaram e se beijaram e se beijaram. Eu peguei o chicote da língua de Flare. Eu ouvi Jeryn estremecer. Se estivessem sozinhos, estariam trocando amígdalas e se chocando contra a árvore mais próxima a essa altura. Como era, eu podia vender ingressos para essa exibição não domesticada do rei Jeryn perdendo o controle, perdendo a paciência.

Não queria interromper, mas se eu me contivesse, desmaiaria em breve. Limpei minha garganta - três vezes - finalmente chamando a atenção deles. Suas bocas se separaram, drogadas enquanto me consideravam uma dor na bunda.

O que eu poderia dizer? Eles estavam certos.

Gritei: — Mulher, você vai me deixar balançar como um idiota?

Jeryn ainda estava atordoado demais para deixar sua esposa ir, obrigando-a a fugir de suas mãos e saltar sobre a neve para mim. Minha boca inteligente deve tê-la feito mais cedo.

Com as mãos nos quadris, ela gostava de me ver assim e teria dito isso, se ela tivesse uma voz ativa. Passar seis anos em uma prisão, em condições rançosas quando era mais nova, havia roubado sua capacidade de falar.

O que não havia roubado era seu senso de humor.

— Muito engraçado. — Eu disse.

Verdade, ela murmurou devagar.

Levei mais tempo que Jeryn para aprender a mecânica de ler seus lábios. Eu fiz um trabalho medíocre. Não havia muito o que me gabar por lá, já que ela tendia a me acalmar.

O nó que segurava meu pé teria atrapalhado um especialista, mas não Flare. Antes da prisão, ela cresceu velejando, explorando os oceanos e as ilhas de Perilyn, e sabia o que fazer para contornar os nós mais malucos. Com dedos hábeis, ela descobriu as dobras da rede em segundos.

Eu esqueci de me preparar.

Batendo no chão, ouvi Nicu correr em minha direção. — Estou bem. — Eu assegurei a ele, o sangue vazando do meu cérebro enquanto ele me ajudava a ficar de pé.

Missão cumprida, Flare e eu rimos, caindo em um abraço turbulento.

Afastando-se, ela olhou para Nicu com curiosidade. Deslizei um braço em volta dele. — Flare, esse é Nicu. Filho de Poet e Briar.

Flare conheceu os pais de Nicu quando Jeryn os levou para a Ilha, e eles também compareceram a ela e ao casamento do rei no mesmo litoral. Eu não estive lá em nenhuma ocasião, mas sabia disso.

Jeryn caminhou atrás de Flare, não parando até que ela se encostou nele. Ele colocou os dedos nos ombros dela. — Nicu, permita-me apresentar minha esposa. Esta é a labareda do verão.

Os olhos arregalados de Nicu a absorveram como uma esponja. — Você é fogo. Você tem orelhas de concha e olhos à luz de velas, e sua pele é um pôr do sol.

Flare se ajoelhou, mergulhou o dedo e depois se encolheu. Resumidamente, ela olhou para o chão frio, encantada.

Então ela escreveu na neve, *e você é uma música que floresce.*

Ela desenhou as palavras como se um instrumento as tivesse explodido por toda a terra, moldando-as em uma melodia. Para uma artista de areia, a neve não era um grande desafio para atrair. E a mulher não perdeu o ritmo, ouvindo o presente na voz de Nicu sem ele cantar. Não ter areia própria a deixou mais sintonizada com isso.

Flare e Nicu trocaram sorrisos, e então ele atacou, agarrando-a em um abraço agressivo. Outros teriam ficado boquiabertos com o abraço, mas Flare o abraçou de volta até Jeryn franzir a testa com a aparência dela.

Especificamente, seus dedos gelados. — Onde estão seus sapatos?

Ninguém poderia chamar Flare de cautelosa. Ela se lançava em situações sem atenção ou preparação, sem considerar o perigo. Ou, às vezes, ela estimava o perigo ao ponto da devoção - outro contraste com o marido pragmático.

Sem esperar por uma resposta, ou toneladas de respostas a toneladas de perguntas, Jeryn arrancou sua capa de pele e a enterrou nela. Enquanto ele fazia isso, ela olhou ao redor como se percebesse esse reino pela primeira vez. Os olhos dela arderam, uma escova se espalhando por tudo.

As árvores sempre verdes. As pinhas. O intervalo alpino.



Até os sopros de sua boca a surpreenderam, enquanto ela tentava assistir aos filmes antes que eles desaparecessem.

Com um sorriso terno, Jeryn a abraçou e falou em seu ouvido. — Bem-vinda ao Inverno, meu amor.



Nós entendemos a história. O colapso foi simples.

Jeryn havia despachado a coruja para encontrá-la no litoral do Verão e entregar sua mensagem sobre minha poção pretendida. Ele pediu a Flare para enviar o ingrediente que eu precisava.

Mas a coruja não a trouxe de volta para Inverno. Flare trouxe.

Ela havia tirado férias com as aves, deixando-as voltar a Iradis e transportado ela mesma o espécime. Por causa de como essa ideia afetaria as estações, Flare ficou impulsiva. Ela queria fazer parte desse plano, estar ao lado do marido. Valia a pena o risco de aparecer, se ela tivesse investido muito tempo ponderando o risco.

Ela navegou de mares amenos para lagos dormentes, as águas turquesas ficando pálidas. Por terra, viajar de uma estação para a seguinte levava semanas, especialmente com o anel que nossos reinos se formavam.

Mas por mar, as viagens se tornaram infinitamente mais rápidas. Como as águas do mundo estavam no centro do anel da estação e porque essas águas mantinham uma velocidade imensurável, as frotas poderiam atravessar mais rapidamente, se necessário.

Como exploradora e marítima, Flare conseguiu encontrar seu caminho através de território desconhecido. Ela atravessou as fronteiras, diligente para





evitar ser vista, depois contratou anonimamente um trenó para levá-la ao castelo.

Eles quase chegaram ao destino quando Flare não resistiu mais. Ela tirou os sapatos, saltou do veículo e subiu na árvore mais próxima, desejando uma vista. Ou o cocheiro não a notara desembarcando, ou ele a achou louca e continuou.

Escusado será dizer que, enquanto estava no galho, ela ouviu a voz de Jeryn. Fale sobre o destino.

Jeryn flutuou entre o júbilo por tê-la por perto e a ansiedade por sua segurança. Eles continuaram se tocando, penteando o cabelo do outro, trocando olhares que poderiam derreter essa tundra. Quando eles começaram a se aconchegar, Nicu e eu nos desculpamos.

Foi preciso algum estímulo para convencer sua companheira sonhadora a vir conosco. O cervo estava gostando do espetáculo.

Em um círculo de folhagem, dei a Nicu um resumo da história de Flare e Jeryn, além de minhas lembranças de conhecê-la na Ilha da Chuva Perdida. Nicu ouviu enquanto Sussurro descansava o queixo no ombro dele.

Demorou um pouco para Jeryn e Flare nos alcançarem, suas roupas um desastre, amassadas como o inferno. Ela parecia encantada consigo mesma, enquanto ele era uma máscara avermelhada de desgosto.

Sim. Ele perdeu a paciência. Deve ter sido uma boa reunião.

Flare e Jeryn montaram seu cervo. Nicu e eu montamos em Sussurro.

Planejamos uma rota no caminho de volta, Jeryn e eu inventando vários planos de contingência, enquanto Flare e Nicu desenvolviam uma forma de comunicação errática. Eles conversaram através das divagações de Nicu e dos gestos de Flare.





Quando chegamos ao castelo, mais conversas pararam. Os lábios de Flare se separaram enquanto ela observava a estrutura, as torres, a cidade baixa e o mercado reluzente. Ela gesticulou para tudo, fazendo Jeryn sorrir.

Eu não o via tão despreocupado há séculos. Não desde a ilha.

Cada lugar que ela indicava, ele descreveu. Eventualmente, ele teve que puxar o braço dela para baixo, assim como a cabeça dela. Ele conhecia os caminhos clandestinos para a fortaleza, mas isso não o dispensava de ser cuidadoso, o pelo de sua capa a diminuía quando seguimos um caminho ao redor da fortaleza, longe da cidade.

Camuflados em um bosque de cicutas, sentinelas ladeavam um portão; em seus capacetes, eles acenaram para o rei, deixando-nos passar. Se eles notaram o volume que Jeryn carregava, eles quase não piscaram sob as viseiras. Essa era a convicção deles nele.

Isso desapareceria se soubessem a quem ele se comprometera?

Entramos em uma densa passarela, emoldurada por mais vegetação, que levava a uma passagem aparafusada de ferro, também camuflada na parede até o rei desmontar e apertar a palma da mão em uma única pedra, a mão ajustada às reentrâncias como uma luva.

A porta se abriu. Ele ajudou Flare a descer, suas mãos raramente se aventurando longe dela. Ele acenou para nós, enquanto ela saudava. Nicu acenou logo antes de Jeryn agarrar sua esposa em seus braços, seus ombros tremendo com uma risada muda quando eles desapareceram por dentro.

Esse túnel tinha que levar à suíte de Jeryn.

Bom para eles, especialmente porque é onde eles permaneceram até o dia seguinte, provavelmente seus corpos se acostumando. Tão frio e calmo quanto o rei se orgulhava de ser, Flare sempre era sua fraqueza. E a força dele.





Com base em seu plano, Jeryn havia dito aos guardas que ele se sentia doente e precisava descansar o tempo todo. Um dia para si mesmo não faria mal. Seus conselheiros poderiam administrar Inverno durante esse período.

Enquanto isso, a metade final do mercado já havia começado. Os inventores tinham saído para brincar, de alquimistas a engenheiros.

Minha vez.

Na noite seguinte, montei meu estande enquanto os expositores exibiam aparelhos de medição complexos e balanças complexas. Inspirada nos relógios de Inverno, uma donzela havia inventado uma versão em miniatura cheia de arabescos de metal. Poderia sentar-se nas mesas e permitir que o usuário designasse uma hora específica, momento em que o dispositivo apitaria. Maldita engenhosa.

Havia diversas barracas. Brinquedos infantis. Kits de modelo e caixas de música. Dardos que ejetavam no céu e explodiam em uma chuva de cores. Uma luminária portátil de luz que iluminava as páginas dos livros no escuro, por meio de uma luminária brilhante arrancada da Floresta Iluminada pelas Estrelas.

Meu canto permaneceu inexpressivo, esperando que eu agisse de forma conjunta. Mostrei minhas melhores poções, a maioria das quais as pessoas já estavam familiarizadas. Como resultado, eu recebi olhares de reprovação dos membros do tribunal. Justo.

O que poderia ser dito? Todos os ingredientes que eu precisava ainda não haviam chegado. Eles poderiam não chegar aqui dentro do prazo.

Quase dois dias após a chegada de Flare, Nicu ficou na cama e mexeu no meu brinco. Nós nos acostumamos a adormecer em seu quarto. A luz da manhã atravessava os painéis, pois Nicu gostava de abrir as cortinas.

Vendo sua irritação, perguntei: —O que você está pensando?



— Você já teve amantes? — ele perguntou.

— Aqui no inverno? Sim. Eu estava tentando te esquecer.

— Funcionou?

Eu dei um beijinho no nariz dele. — Resposta óbvia.

Isso o agradou, embora ele não sorrisse. Ele colocou um dedo sobre os espigões de estanho ao longo da minha orelha. — Não é justo.

Eu entendi o que ele quis dizer. Quando estávamos separados, não era justo.

E Jeryn e Flare estar separados também não era justo. Mas eles fizeram isso por causa de seus reinos, até que o futuro dos tolos nascidos mudou. Eles estavam indo na direção certa, se havia algum consolo.

Além disso, eles receberam esse intervalo inesperado, do qual aproveitaram. Eu aposto que Jeryn havia arranjado uma introdução particular entre Flare e seus pais. Eles poderiam estar indispostos demais para governar, mas não estavam convencidos ou indiscretos. Eles a amariam tanto quanto Jeryn.

— Eles são um par forte. — Eu disse, ainda grogue de sono.

— Nós também podemos ser. — Disse Nicu.

Eu desviei meu olhar, focando na janela. Ele queria que nossos dias e noites durassem, acreditando que poderíamos ter isso. Pode me chamar de pessimista, mas eu tinha uma opinião diferente. E eu me importava muito com os sentimentos dele para expressar isso naquele momento.

Eu fiz cócegas nele, fazendo-o chiar. Os lençóis caíram por todo o lugar enquanto nós balançamos sobre o colchão.

Naturalmente, as brincadeiras aumentaram para um passatempo totalmente pecaminoso. Nicu se agarrou a mim enquanto eu engolia em seu pescoço, meus quadris apertando nele. Droga, eu queria deslizar por seu corpo



e devorá-lo até que ele cantasse com cada movimento da minha língua. Eu queria dar a ele toda emoção que ele merecia.

Uma batida alegre na porta ressoou pelo quarto. Nós congelamos, meu corpo esparramado em cima de Nicu, nossos olhos se arregalando. Seu guarda-costas nunca entrou neste lugar sem consentimento, definitivamente para não se aproximar do quarto.

A menos que...

A menos que...

A menos que...

Não era a guarda dele.

— Nicu. — Uma voz abafada de trapaceiro dançou através da partição. — Hey, Nicu, você ainda está deitado? O que um bobo da corte deve fazer para receber uma gloriosa recepção?

Eu fiquei tenso acima de Nicu. — Quem é aquele?

Seus olhos verdes engoliram seu rosto. — É o papai.



Eu tinha visto Nicu se mover rapidamente. Nunca tão rápido.

O pássaro cantava debaixo de mim como se alguém tivesse acendido uma pederneira na bunda dele - cuja magnitude me jogou da cama. Aterrissei com um baque. Nicu fervia, murmurando para eu ficar quieto, como se ele tivesse me dado uma alternativa. Ele me puxou do chão, nós dois mexendo em nossas roupas.

Meu pequeno elfo sibilou: — O que você está fazendo?

— Sendo um puxão lento. — Eu respondi.



Outra batida. Nossas cabeças chicotearam em direção ao som.

— Nicu? — perguntou a voz de uma mulher, enquanto o pai de Nicu ficou enigmaticamente silencioso. Isso tinha que ser Mamãe Urso, também conhecida como Princesa do Outono.

Outra batida, desta vez com preocupação rápida. Graças a merda por termos trancado a porta.

— Eu-eu estou subindo —, disse Nicu. — Me dê uma piscadela!

— Você vai precisar de mais de um minuto. — Eu respondi enquanto ele pescava meu cachecol e casaco do tapete, jogando ambos para mim. Eu terminei de enfiar minha camisa na calça e mal peguei o resto com uma mão antes de Nicu entrar em mim, empurrando meu peito até que eu comecei a ficar de costas para trás.

Não vou mentir. Eu estava tão assustado quanto ele. Se eles nos pegassem, haveria um inferno a pagar. Mas lidei melhor, dando beijos a Nicu que não o relaxaram.

Ele não sabia onde me empurrar, então eu me rendi ao seu rosto suplicante e desviei em direção ao guarda-roupa. No instante em que abri as portas, as palmas planas de Nicu me colocaram dentro de mim, meu rosto batendo na parede dos fundos.

— Estações. — Eu rosnei.

— Entre. — Ele falou.

Ele bateu em mim freneticamente, forçando-me nas profundezas, cabides e gibões chocalhando. Peguei uma camisa de linho vermelho-tijolo, um rico contraste com seus olhos de primavera. Minha cabeça saiu entre as roupas enquanto eu segurava a roupa. — Como é que eu nunca te vi nisso?



Seu rosto bonito franziu exasperado. Eu ri através do meu próprio pânico quando ele deu outro empurrão, me jogando de volta para dentro e fechando a porta. Felizmente, estávamos mais quietos do que eu imaginava.

O guarda-roupa cheirava a ele, de mel e música. Através da fenda da luz, eu espiei. Nicu mexeu nas mechas marrons, domando os rosnados e depois amarrando a camisa do sono até o queixo, a imagem de modéstia enquanto a barra pendia sobre as calças largas. Ele correu para a porta da câmara, com os pés descalços e as costas empinadas.

Ele parecia adorável. E adoravelmente caiu.

Eu balancei minha cabeça, espalhando aqueles pensamentos impuros.

A porta se abriu. Eu assisti o perfil de Nicu mudar de agitado para muito feliz, parcialmente fingido, principalmente genuíno. — Mamãe! Papai! — Ele exclamou.

O casal entrou, um transbordamento de realeza e jovialidade. Tonto, Nicu se lançou contra sua mãe. O rosto sardento da mulher se transformou quando ela o abraçou de volta, os dois rindo.

Os cabelos ruivos da princesa Briar pendiam livremente, exceto por algumas tranças intrincadas afixadas na parte de trás da cabeça, ornamentadas com uma treliça de contas. Sob um manto com fendas nos braços, ela usava um vestido de jacarta, as mangas terminando em pontas nos pulsos. Sem capuz de viagem.

Ela tinha um corpo ereto e reto, mas se portava com graça. Era isso que a fazia se destacar.

Nicu se agarrou ao pai em seguida, o abraço tão apertado. Eu conheci o bobo da corte antes, mas tinha esquecido o quão bonito ele era. Não é de admirar que homens e mulheres o bajulassem, mesmo que ele só visse Briar.



Conhecido como um fanático de estilo dandificado, a roupa de Poet consistia em couro preto, babados marrons e detalhes em branco. As cores neutras domavam o conjunto ostentoso. Eu também tinha visto o bobo da corte com desenhos detalhados pintados ao redor de seus olhos, mas hoje, simples fios de ônix cobriam suas íris verdes.

Apesar de estar na casa dos trinta anos, e apesar da minha visão limitada, só percebi algumas rugas aqui e ali. Fora isso, esse par poderia limpar o chão com os jovens de qualquer temporada.

Inferno, esses dois já envelheceram?

—Esse é o meu garoto, tendo sua beleza dormindo. — Disse Poet, sua voz como um lençol de seda.

—Deixe-me olhar para você. — Briar insistiu enquanto ela arrumava os cabelos de Nicu. — Você está brilhando. O Inverno combina com você.

—Não é inverno —, o bobo da corte se vangloriava. —É a hereditariedade.

Todos riram. Uma família amorosa, com suas pulseiras de fita escarlate correspondentes.

—Perdoe-nos pela hora inicial —, pediu a princesa Briar. —Estávamos ansiosos demais para vê-lo.

—Eu também senti sua falta. — Nicu disse a eles.

—Por que a porta estava trancada? — Ela perguntou, confusa.

—Oh, eu... —, Nicu gaguejou.

Evidentemente, ele não usava trancas em casa. Nem ele foi rápido o suficiente. Poet olhou em volta, astuto, inspecionando a cama e discernindo seu turbilhão de cobertores. Ser bobo da corte - acrobata e dançarino - sintonizava-o com a cinética. Da mesma forma, para as travessuras do quarto.

Seu olhar se desviou da confusão. Para o filho dele. Para o guarda-roupa.

— Nicuuuu... —, Poet arriscou. — Você tem um garoto no armário?

Eu me encolhi, prendendo a respiração. Eu praticamente ouvi a língua de Nicu se debatendo em busca de uma explicação. Seus olhos se arregalaram, magenta inundando seu rosto.

Então o bobo da corte começou a gargalhar. A princesa zombou tristemente. O corpo de Nicu esvaziou de alívio.

Realmente? Isso era uma piada?

Por que não seria? Nicu ficando brincalhão sob o teto do rei? Essa era a última coisa que seus pais esperariam.

Eles deram uma rápida explicação sobre o motivo de terem aparecido em Iradis. Depois de ler uma das primeiras cartas de Nicu, nas quais ele lhes disse que estava cantando novamente, elas estavam delirando. Eles decidiram vir ver sua performance, cruzando um oceano em vez de terra - como Flare - para chegar aqui antes do mercado terminar.

Não obstante seus deveres reais, a vida de Nicu tinha prioridade e eles queriam apoiá-lo. Além disso, a rainha do Outono controlava os assuntos do reino.

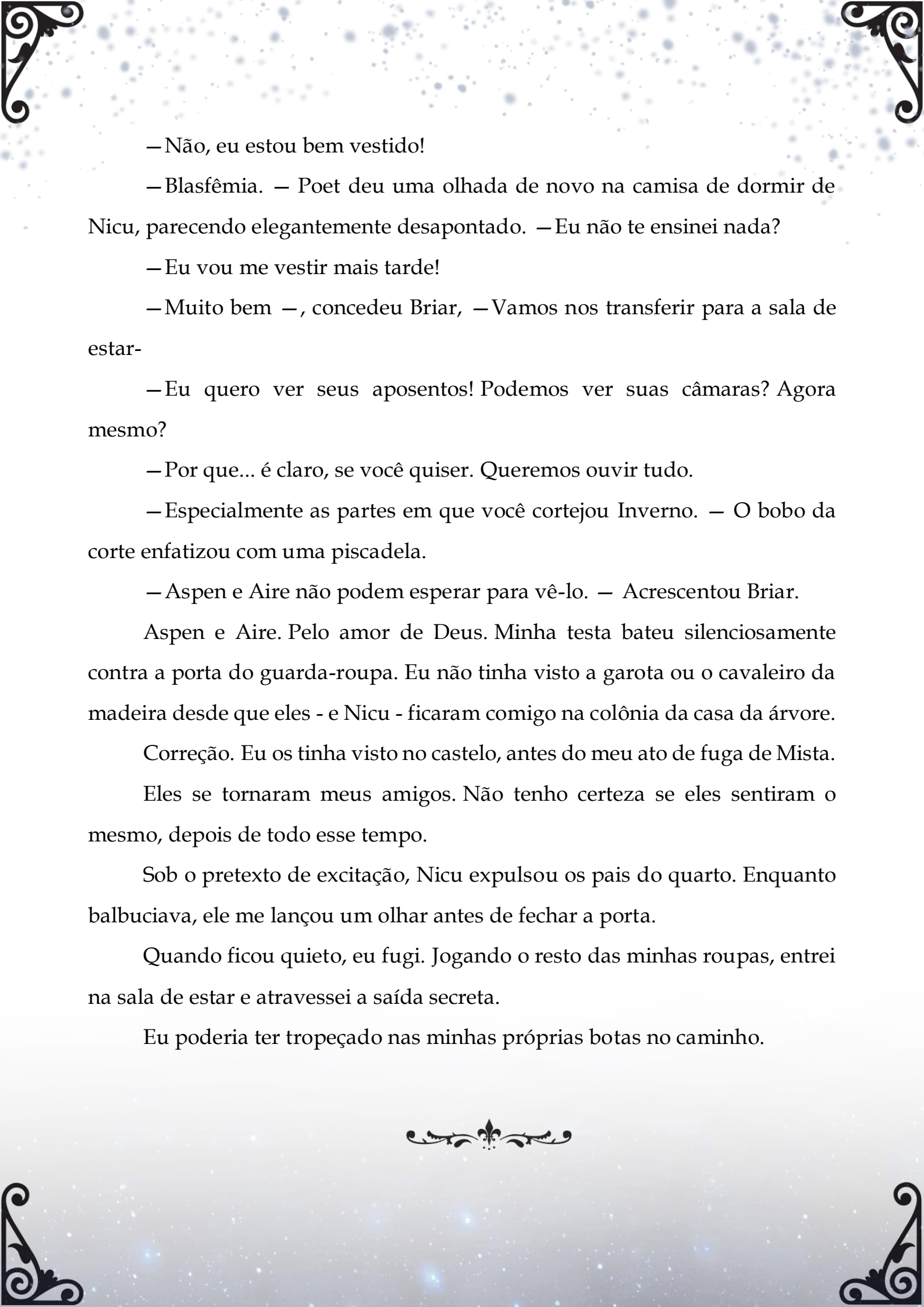
Eles enviaram uma mensagem com antecedência via mensageiro em um navio, mas ele só chegou aqui no dia anterior. O que explicava por que Jeryn não tinha nos avisado. Ele esteve com Flare e recebeu a missiva tarde demais para alertar Nicu.

Então aqui estava sua família. Surpresa, surpresa.

Nicu adorava surpresas.

— Adoro surpresas! — Ele gritou mais alto que o necessário, avançando para levá-los para fora. — Eu as amo, vamos falar de surpresas, e eu tenho feito muita coisa, espere até você ouvir!

— Você deve se vestir primeiro. — Sugeriu Briar.



— Não, eu estou bem vestido!

— Blasfêmia. — Poet deu uma olhada de novo na camisa de dormir de Nicu, parecendo elegantemente desapontado. — Eu não te ensinei nada?

— Eu vou me vestir mais tarde!

— Muito bem —, concedeu Briar, — Vamos nos transferir para a sala de estar-

— Eu quero ver seus aposentos! Podemos ver suas câmaras? Agora mesmo?

— Por que... é claro, se você quiser. Queremos ouvir tudo.

— Especialmente as partes em que você cortejou Inverno. — O bobo da corte enfatizou com uma piscadela.

— Aspen e Aire não podem esperar para vê-lo. — Acrescentou Briar.

Aspen e Aire. Pelo amor de Deus. Minha testa bateu silenciosamente contra a porta do guarda-roupa. Eu não tinha visto a garota ou o cavaleiro da madeira desde que eles - e Nicu - ficaram comigo na colônia da casa da árvore.

Correção. Eu os tinha visto no castelo, antes do meu ato de fuga de Mista.

Eles se tornaram meus amigos. Não tenho certeza se eles sentiram o mesmo, depois de todo esse tempo.

Sob o pretexto de excitação, Nicu expulsou os pais do quarto. Enquanto balbuciava, ele me lançou um olhar antes de fechar a porta.

Quando ficou quieto, eu fugi. Jogando o resto das minhas roupas, entrei na sala de estar e atravessei a saída secreta.

Eu poderia ter tropeçado nas minhas próprias botas no caminho.





Uma hora depois, eu parei em frente à suíte ao lado dos aposentos de Jeryn, ambos acasalados dentro da ala privada do rei. Era um espaço isolado para um jantar íntimo, as vozes de Nicu e seus pais flutuando por dentro, as reverberações acompanhadas pelo tilintar de copos. Hora de me juntar a eles, visto que minha ideia para uma bebida poderia beneficiar as quatro estações do ano.

Eu podia olhar o pássaro canoro o dia todo. Mas sua mãe e pai não estavam me esperando, e considerando minha breve história com o filho deles, pude prever que tipo de boas-vindas receberia daquele casal de poder.

Girei meus ombros, preparando-me para um exame minucioso.

—Três anos nesta tundra conservadora, e você ainda não aprendeu a fazer a barba? — Uma voz esfumaçada julgada por trás.

Ironia rolou dos meus lábios. —E aqui, eu queria parecer atraente para você.

Eu me virei e fiquei cara a cara com outro membro do meu passado. Aspen do Outono cruzou os braços sobre sua figura nua enquanto olhava para mim, franzindo os lábios sob a aba de um chapéu de penas.

Eu estava vigiando o destino de Aspen, aliviado por ter descoberto que as coisas tinham saído bem para ela. Aos vinte e um, Aspen havia se tornado Garota de Madeira do Outono, uma respeitada armadora que gostava de machados.

Notei a textura suave de sua madeira, polida com grãos sutis e parafusos para as juntas. Através da graça divina da natureza e de um conto de fadas subsequente, ela recebeu um tipo único de pele, fazendo-a parecer meio fantoche rebelde, meio garota feminina.



A última vez que a vi, ela encontrou uma maneira de derramar sua pele em troca de carne. Parecia ter recuperado sua textura original. Parecia que ela também não se importava.

Não ia perder meu tempo analisando como ou por quê.

Antes do meu êxodo do Outono, ela me açoitou verbalmente por quebrar o coração de Nicu. Isso aconteceu logo depois que Nicu e eu a resgatamos da prisão por roubar a Coroa. Ela não tinha feito isso por ganância, mas por amor à mãe doente, depois de ter roubado um item que Aspen esperava que curasse a mulher.

Como especialista na arte de mentir, Aspen quase se safou de seu roubo, mas, no final, quase custou sua liberdade. Assim como o homem que ela amava.

Falando no Primeiro Cavaleiro, sua forma atlética se materializou ao seu lado. Cabelo como o sol. Olhos como o céu. Sobrancelhas aladas. Em seus vinte e poucos anos, Aire do Outono tinha uma semelhança distinta com uma ave de rapina. E ele agia como uma também, sempre comungando com o vento, como se tivesse um parentesco com ele.

—Se não é o cavaleiro de ouro —, eu disse. — Já perdeu nossos dias na casa da árvore?

Aire ofereceu um sorriso inesperado. — Muitas saudações, Lyrik —, disse ele, sua voz aérea e vibrante. — Fico feliz em ver você se saindo bem nesse clima. — Ele olhou mais perto de mim. — Embora uma aura instável rodeie você. Isso lembra o clima iminente que suspeito que encontraremos na sala de jantar.

— Parece certo. — Comentei, tendo esquecido o jeito estranho do loiro de prever e sentir as coisas. Os videntes não existiam, nem clarividentes, mas ele chegava perto.

Aspen não estava tão feliz em me ver como o homem dela. Ciente disso, Aire passou o braço coberto de couro pela cintura, aconchegando-a para acalmá-la ou doma-la. Foi quando uma piscada chamou minha atenção para as alianças em volta dos dedos.

Bem, bem, bem. Eu não estava acompanhando as notícias da Mista, assim como eu pensava. Vendo que eles estavam ficando quentes e dramáticos quando eu saí do Outono, os anéis faziam sentido.

— Huh —, eu demorei. — Parabéns. Vocês dois sabiam.

Aire inclinou a cabeça em gratidão enquanto esfregava o comprimento do braço de Aspen, fazendo-a relaxar e se enroscar nele, seus movimentos devotados.

— Então, Aspen —, eu disse. — Há muito tempo, sem graça.

Ela olhou. — Foda-se.

— Você precisaria de um pau para isso. — Comentei.

A garota passou por mim, abrindo a porta e entrando. Aire me deu um olhar engraçado antes de seguir sua esposa.

Ouvindo as vozes se multiplicarem dentro da sala, ficando mais animadas e amigáveis, cocei a parte de trás do meu pescoço. Era muito cedo para começar a trabalhar. Agradecimentos primeiro, uma tentativa de reconciliação.

Além do pássaro canoro, eu não deveria me importar com o que esse grupo pensava. Mas eu me importava.

E se Nicu poderia me perdoar, por que não?

Uma mão pendurada no meu ombro. Eu estremeci, olhando para um par de íris ardentes. Flare apareceu, seu rosto maduro com compreensão e destemor. Porque ela estar aqui representava um risco colossal, mais do que minha situação, não pude reclamar de mim mesmo. O fato de ela oferecer



alguma simpatia me fez sentir um idiota, quando eu deveria estar dando a ela um impulso emocional.

Não que ela precisasse. A mulher havia sobrevivido à vida em uma gaiola, um naufrágio e anos em uma ilha feroz. Concedido, enquanto seus delírios aleatórios comprometiam sua noção de perigo, ela ainda se defendia contra ameaças.

E ela tinha Jeryn.

O rei do Inverno estava ao lado dela, parecendo tão inescrutável como sempre, embora com um tom forte em sua tez geralmente pálida. Por sua parte, Flare parecia igualmente saciada, suas íris douradas ainda mais saturadas que o normal. Eles desfrutaram seu tempo sozinhos, com certeza. Os olhares decadentes que eles deram um ao outro - bem como os olhares entre os outros dois casais - significavam o mesmo.

Jeryn e Flare ofereceram acenos de encorajamento. Foi o suficiente para me mover, então eu os segui para dentro.

A luz brilhava no espaço, um lustre de chifre pendia do teto coberto e guirlandas de pinheiros cobriam o manto de uma lareira de pedra. Um aparador equilibrava um banquete de javali vidrado, peras assadas e pão de gengibre. Além das portas de vidro, a neve escorria das nuvens, cobrindo um convés que se estendia acima do lago congelado.

O rei entrou. A conversa parou.

A estrutura guerreira do tamanho de um monólito de Jeryn rivalizava com a atlética de Aire. Isso, além da presença de Flare, atrasou qualquer um de me notar.

Briar e Poet saltaram de suas cadeiras e correram para abraçar a esposa do rei. Quanto ao seu impressionante fluxo de perguntas, Jeryn prometeu explicar tudo mais tarde.





O bobo da corte e a princesa fizeram apresentações. Aspen e Aire devem ter conhecido Jeryn durante uma de suas visitas a Outono, mas ainda não tinham conhecido Flare, nem a conheciam.

O círculo de casais ficou mais apertado. Cada dupla tinha sua própria história de inimigos para amantes, de opostos que atraíam, o que lhes dava muito o que conversar.

Apenas Nicu me viu, aproveitando a janela secreta da oportunidade para mordiscar o lábio. Seu olhar caramelizou, escorrendo por cima de mim. Apoiei-me na parede e olhei para trás, desejando-o além de uma fumaça.

Quando a comoção se acalmou, Poet apontou um sorriso jocosos para Jeryn, ao qual Jeryn franziu o cenho, antecipando uma farsa. Nicu havia falado uma vez sobre o bobo e a relação de amor e ódio do rei. Tão embrulhados nos outros ocupantes da sala, eles ainda não haviam se cumprimentado formalmente.

— Ah, Vossa Majestade —, disse Poet. — Faz meses desde que ouvi seu chamado de raposa.

Jeryn fez uma careta. — Sugiro que renunciemos aos seus elogios e quebrems nosso jejum.

— Que pena, porque você ainda não me elogiou. Não pareço arrebatador? Eu usei este casaco só para você.

— Parece-me, você deveria ter usado armadura. — Eu demorei.

E todas as cabeças giraram em direção ao som atrevido da minha voz.



CAPÍTULO VINTE E SETE

PATIFE

O clima mudou. Acima de tudo, de Poet. O reconhecimento se transformou em algo maligno, escondido sob a calma acetinada.

Ele e Briar verificaram primeiro a expressão composta de Nicu.

Não totalmente apaziguado, o bobo da corte girou um dedo na minha direção, seus olhos se fixando em mim enquanto se dirigia ao rei. — Importa-se de explicar isso, Sua Majestade?

— No devido tempo —, Jeryn assegurou a Poet. — A presença dele é necessária.

Aspen e Aire olharam para mim. A garota da madeira torceu os lábios carnudos e de madeira. O cavaleiro inclinou a cabeça como se estivesse tentando sondar minha mente.

Por quê? Por causa da coruja que eu enviei para Mista - para eles. Eu pedi a ajuda deles, escrevendo que precisava de nozes da colônia da casa na árvore. O ingrediente do Outono para minha bebida.

Só não esperava que eles entregassem as mercadorias pessoalmente. Mas, aparentemente, eles receberam a mensagem na mesma época em que Briar e Poet estavam se preparando para viajar para cá. E, como primeiro cavaleiro, Aire os acompanhara com sua esposa. Então, esperançosamente, ele e Aspen haviam trazido as nozes.



Na observação de Jeryn - que minha presença era necessária - eu vi o amanhecer da garota e soldado da madeira. Que meu pedido não era apenas para um experimento pessoal. Que o rei estava de alguma forma envolvido.

E Nicu também.

Sendo o único casal que realmente testemunhou minha história com o pássaro canoro, todos os eventos passados na colônia da casa na árvore, eles estavam sintonizados com a nossa química. Eles sabiam como agíamos juntos.

Além disso, eles não haviam contado a Poet ou Briar sobre a coruja, porque o bobo da corte e a princesa não tinham a resposta visceral que teriam, pois meu nome fora proibido em seu castelo.

Felizmente, Aspen e Aire ainda estavam calados sobre as nozes. Céticos, mas quietos.

Briar cruzou as mãos na frente dela e me avaliou com uma mistura de reserva e diplomacia. Mesmo se ela quisesse me dar um tapa, sua criação garantia que ela não faria uma cena.

Não podia dizer o mesmo de seu amante. Poet me olhou com elegante malícia.

Flare acenou com o apoio em minha direção, enquanto Jeryn parecia revisar o equilíbrio do grupo e decidir como estabilizá-lo.

Álcool parecia bom.

— Está tudo bem. — A voz de Nicu tocou pela sala, atraindo a atenção de todos. — Eu estou bem —, ele repetiu. — O céu está acordando, e eu tenho canções para brincar, e meus sóis e luas estão bem. E eu não sou uma pena. Não tenho cicatrizes.

Era uma manhã agradável lá fora. E ele começou a encontrar sua voz novamente. E seus dias aqui estavam bem. E ele não era manso.



E ele não queria ser incomodado. Ele poderia cuidar de seu próprio coração.

Sua observação pacificou o grupo, até os castigou. Maxilares relaxados. Olhos amolecidos.

—Estamos todos juntos —, disse ele. —Isso me deixa feliz como laranja. É uma cor bonita, e todos vocês devem tentar usá-la. Confie em mim.

Todos riram, o suspense se dissolvendo. Nicu tinha talento para melhorar o humor e negociar pontos de pressão.

—Nicu está certo —, anunciou Jeryn. —E não planejado ou não, estamos aqui em um momento prático. É uma reunião que pode beneficiar nossas estações.

—Detecto uma corrente de esperança imprevista nessas palavras —, disse Aire. —Me corrija se eu estiver errado.

Jeryn hesitou, depois inclinou a cabeça. —Seja como for, você acabou de chegar. Teremos uma reunião sobre o assunto mais tarde, em um ambiente menos acessível.

Aspen gesticulou ao redor, os parafusos de seus dedos estalando. —Menos acessível que sua ala particular?

—Precisamente. E conspícuo.

—O que você tinha em mente, Azulzinho? — Poet perguntou. —Um iglu?

Flare empurrou o ombro do bobo da corte enquanto ria silenciosamente. Se alguém de fora deste grupo tivesse antagonizado o marido, ele poderia ter tropeçado no pavio curto de Flare - e essa pessoa poderia ter acabado com uma concussão ou um dedo quebrado.

Inferno. Na Floresta de Pinheiros, tive sorte de que ela gostasse de mim. Tudo o que ela fez foi líquido e me pendurou de cabeça para baixo.

É em parte por isso que ela era considerada tola em primeiro lugar, embora estar com Jeryn a tenha facilitado ao longo dos anos. O mesmo que ela aliviando os próprios demônios de Jeryn, ou seja, seu antigo lado malévolo.

A boca do rei se comprimiu. — A convocação em um local de destaque deve impedir as investigações, enquanto a falta de acesso impede que pessoas de fora se aproximem o suficiente para bancar o detetive. O mediador deve atingir esse equilíbrio, portanto, deixe o local e o horário para mim.

Agora que eu não estava sob vigilância: — Deixe-me adivinhar. *Paciência.*

As sobrancelhas negras dele se ergueram. — Isso não era um palpite.

Não era não. Esse era o mantra dele.

Tinha que entregá-lo ao monarca imparcial. Ele tinha previsão do seu lado. Nossas mensagens de coruja, a ideia de poção e como isso afetaria as estações do ano poderiam esperar mais um dia. Uma vez que as emoções se acalmassem e fossem substituídas pela razão.

Todos nós, em um quarto.

Primavera. Verão. Outono. Inverno.

Cientistas e artistas. Líderes e lutadores. Membros da realeza e plebeus.

Raças puras e mestiças. Tolos treinados e tolos nascidos. Os loucos e os simples. O cauteloso e o ousado.

Famílias, amantes e amigos de tolos. E tolos, eles mesmos.

Nenhum de nós era normal, mas todos contavam da mesma forma. E todos nós queríamos a mesma coisa: que essa verdade mudasse o mundo. Me atingiu o quanto estava usando a poção, produzida pela música de Nicu.

Juntos, tentaríamos criar um sonho.

Apesar de como esse encontro-e-saudação havia começado, a refeição foi tranquila. Lajes de javali e peras assadas empilhavam os pratos. Pão de gengibre desmoronou sob creme de leite. Dobrar comida e bebida tendia a



relaxar, especialmente quando o banquete envolvia libações. Garrafas de vinho quente fluíram, e a conversa também, cada casal compartilhando sua história.

Optar pela cadeira ao lado de Nicu teria causado apenas uma conexão de bobo da corte, o que teria sobrecarregado Nicu. Então fiz questão de me sentar ao lado de Jeryn e Flare.

Com a exceção do rei do Inverno, todas as pessoas na mesa sabiam como manter uma conversa - incluindo Flare, que recebia papel e pena para se comunicar. E com a personalidade distinta de todas as pessoas, as coisas ficaram bem divertidas. Em suma, todos nós conseguimos nos recompor.

Depois, o grupo se retirou, terminando o descanso - tendo concordado em se encontrar à tarde, para continuar conversando e solidificar nossa aliança.

Em vez de manter Flare fora da vista, todos concluíram que fazia mais sentido tático escondê-la à vista. Ela seria uma nobre convidada de Verão e amiga íntima da princesa do Outono. Definitivamente, muitos de nós chamariam a atenção, por isso não seria difícil desviar a atenção de Flare. Ninguém a identificaria como a famosa mas misteriosa artista de areia do Verão, nem uma ex-fugitiva e tola. Sem mencionar a esposa secreta do rei.

Coletivamente, nosso grupo a ofuscaria. Contanto que ela não voasse dos trilhos em um acesso de raiva ou fizesse algo imprudente. Ainda assim, com sete outras pessoas próximas, seria menos uma aposta.

Com isso resolvido, Flare partiu com Briar e Poet, atravessando uma das passagens clandestinas para a suíte do casal, onde Flare poderia pegar roupas emprestadas. As mulheres do Verão descobriam muito mais carne, o que não faria com o clima do Inverno. Embora Jeryn já tivesse fornecido a Flare calça e uma túnica, a combinação pendia frouxamente nela, e desde então ele estava deliberando sobre como solicitar o guarda-roupa de uma mulher para as





costureiras sem dar uma pausa. Assim, os cofres de Briar forneceram a solução óbvia.

Enquanto isso, Nicu me lançou um sorriso de despedida antes de sair com Aspen e Aire.

Jeryn cumpriu uma das dez mil tarefas enquanto eu escapava para minha sala de poções, o dia passando muito devagar até nos reunirmos novamente. Ciente dos moradores e de suas rotinas, Jeryn sabia como orquestrar as idas e vindas de uma comitiva como a nossa. Ele organizou um cronograma, locais de reuniões e passeios que não provocariam suspeitas sobre Flare, nem por que ele convidou uma exploradora inferior para essa esfera real, nem nosso iminente debate sobre a bebida.

Quando o grupo voltou a se reunir, Flare apareceu envolta em um sumptuoso vestido de brocado. As mangas e a bainha eram um pouco compridas demais, e ela continuou puxando o material. Isto é, até que o olhar de admiração do rei - que tinha menos a ver com o traje dela e mais com o corpo que ele escondia - a distraísse.

O castelo já estava borbulhando de fofocas sobre as chegadas reais. Para compensar, Jeryn sugeriu um passeio. Uma prática padrão com as elites, além de uma exibição que apaziguaria a curiosidade dos moradores.

Nós desfilamos pelo corredor, montando uma frente unida, mantendo Flare no centro do grupo. Ela ficou boquiaberta ao redor, impressionada com as tapeçarias do castelo, murais, covis de estudo e salas de aula. De vez em quando, os dedos do rei vagavam, escovando cuidadosamente os dela, dizendo que ele estava lá.

Jeryn nos guiou através das alas sem problemas, seus olhos discretamente se deslocando para Flare. E, a intervalos, ele dirigia seu discurso





sobre o castelo em sua direção, como se estivesse dando uma introdução particular a ela.

Ele deve ter lhe contado muitos detalhes sobre Inverno. Finalmente, ele conseguiu compartilhar esse reino com ela.

Uma comitiva de guardas e cavaleiros nos seguia como puro-sangue, completando a cena. Fiel à forma, cortesãos e estudiosos nos observavam passar, olhando com intriga. Poet, o presunto, fez um trabalho previsível em fazê-los babar. Briar ergueu o queixo, exigindo tanto respeito quanto o rei.

Com o renomado Bobo da Corte e a Princesa do Outono presentes, as pessoas ignoravam a mulher do Verão em nosso meio. Além disso, lá estava eu, o explorador patife que o rei favorecia.

A graça aviária de Aire também atraía olhares. E eu nem conseguia começar a reação que a pele de Aspen recebia. Apesar de seu exterior, seu corpo vivaz permanecia maleável como carne. Somente médicos e inventores fizeram duplas, suas mentes girando como rodas.

De fato, quando Jeryn não estava jogando o guia ou olhando para Flare, ele também observava Aspen pelo canto do olho. O gênio médico nele não pôde resistir, mesmo que ele a tivesse conhecido antes.

Chegamos à ala médica. Uma vez que Jeryn nos guiou para dentro de seu laboratório e fechou a porta, nós nos espalhamos e respiramos mais facilmente, e Flare pulou nos braços do rei. Ele a pegou, tendo antecipado, suas testas caindo juntas.

— Você gosta daqui? — Ele perguntou.

Flare assentiu e murmurou algo que o fez rir.

Briar e Aire eram os únicos dignos o suficiente para se virar e dar um momento ao par. Nicu e eu trocamos olhares, minha alma inflando ao vê-lo - até que senti o olhar do bobo da corte queimando em minhas costas.



Jeryn colocou Flare no chão. Ele distraiu todos com seu repentino olhar penetrante, que ele apontou para Aspen. Eu conhecia aquele olhar científico.

— Você come e bebe. — Disse ele à garota da madeira.

— Quando estou com fome ou com sede. — Respondeu ela.

— Então você sente fome e sede.

— O que ele está fazendo? — Aire perguntou ao grupo.

Ele está sendo invernal, Flare murmurou, que eu recapitulei em voz alta.

Durante suas visitas anteriores a Outono, Jeryn provavelmente fora educado e contido demais para interrogar Aspen. Aqui em seu elemento, ele mudou de marcha, acelerando para o modo corporal. Aspen ergueu uma sobrancelha sem surpresa, dando ao rei para acalmar seus impulsos e continuar a entrevista.

— Sua anatomia é capaz de consumir? — Ele perguntou.

Não o que eu esperava.

— Você possui o receptáculo para penetração?

Foi mais assim.

A atmosfera teria ficado embaraçosa, se esse bando fosse composto por pessoas arrogantes. Até a princesa Briar conseguiu se recompor enquanto ouvia.

Para dizer o mínimo, ficou desconfortável para apenas uma pessoa. Aire esfregou o rosto, seus capilares se rompendo.

As perguntas foram empilhadas. Aspen tinha dutos lacrimais? Um sistema nervoso? Um pulso maldito?

A garota da madeira não perdeu tempo, respondendo à inquisição com uma ponta atrevida em suas respostas. Mas o Primeiro Cavaleiro puritano e adequado com quem Aspen se casara ficou ali em agonia.

Flare cruzou os dedos com os de Jeryn. Ele recebeu a mensagem e saiu do exame, passando para uma descrição breve, mas completa, do laboratório, com suas representações, curativos e estações de trabalho. Visto que as ferramentas e os instrumentos haviam sido limpos e arrumados de maneira organizada, e os diagramas eram bem mansos, não era necessário um estômago muito forte para engajar.

Só que Poet ficou quieto. Olhei para ele, notando uma sutil palidez verde surgindo no rosto do bobo da corte.

Mas, na maioria das vezes, a turma aceitou tudo com entusiasmo, seu interesse despertado em vez de melindroso - até Nicu perguntar o objetivo de uma certa lâmina serrilhada. Nesse momento, Jeryn descreveu um procedimento cirúrgico que envolvia serrar ossos.

Nesse ponto, um baque nos fez girar. Poet estava deitado em coma no chão.

Dois minutos depois, saís olfativos o acordaram. Briar se ajoelhou na frente dele e Nicu mexeu, passando um pano frio na pele do pai.

O bobo da corte tremeu, apertando momentaneamente a lateral do estômago, fazendo Jeryn se ajoelhar também e verificar seus sinais vitais. — Você está com febre?

— Estou bem — reclamou Poet, se contorcendo na vertical. — Eu apenas tenho problemas com a visão de sangue.

— Não há sangue para ser visto.

— Não, mas existem muitos instrumentos aqui que fazem o sangue acontecer.

Jeryn olhou para Briar e implorou: — Lide com isso.

Ignorando o comentário, o bobo da corte passou a se arrumar. Ele penteou os cabelos escuros, limpando a poeira do casaco de veludo pervinca -



que ele trocou de roupa desde o café da manhã - e espumando suas aparas elaboradas.

Depois de desmaiar, ele precisava de ar. E depois de ser submetido à discussão anatômica gráfica de Jeryn e Aspen, Aire também precisava de um descanso. Os dois homens fugiram pelas portas que seguiam para o convés. Lanternas flamejantes equipavam a varanda, com espinhos de escalada espalhados por cima dos trilhos e entrelaçando os degraus.

A plataforma triangular oferecia um panorama nevado da floresta enquanto o crepúsculo descia com o final da tarde. Daqui a pouco, as estrelas apareceriam e o mercado seria reaberto.

Nossa turma se alinhava ao longo da borda, cada um de nós paralisado pelo cenário. Eu não tinha passado muito tempo nesse deck em particular, mas ele oferecia uma das vistas mais mágicas de Inverno.

Poet colocou Briar ao seu lado. Aire passou os braços em volta de Aspen por trás. Expostos a dezenas de janelas em todo o castelo, Jeryn e Flare ainda se atreviam a amarrar as mãos, dando um salto de fé que a distância e a escuridão que os entravam os protegiam de qualquer olhar curioso.

Meus olhos se voltaram para o perfil de Nicu. Uma brisa varreu seus cabelos, provocando a trança ao longo de seu couro cabeludo, a luz do fogo roçando suas feições.

Eu nunca conheci alguém tão deslumbrante.

Embora o resto desse lote estivesse voltado para a vista, Poet pareceu captar Jeryn sussurrando no ouvido de Flare. — Que vergonha —, o bobo da corte choramingou. — Você está entre amigos. É desnecessário arrulhar em segredo.

— Não estamos arrulhando —, gritou o rei. — Nós não arrulhamos.



— Absurdo. Todos os amantes se divertem. Venha agora, divirta-se: eu adoraria saber como você faz esses barulhos de bebê aconchegantes com sua senhoria.

— Eu adoraria saber como você se parece quando está com uma dor insuportável.

— Tenho certeza que sim, cientista. Eu seria o seu melhor experimento.

— Com base na sua exibição no laboratório, você desmaiaria antes que eu tivesse a chance.

Poet encostou o quadril no corrimão e levantou um dedo. — Ah, isso depende de qual aparelho você usaria em mim. Tantos brinquedos à sua disposição. — Ele chocou, depois lançou seus olhos verdes para Flare. — Ele alguma vez demonstrou alguém em particular?

Flare sorriu timidamente enquanto mordeu a língua.

O rosto de Poet se iluminou. — Eu sabia! Você interpreta, na inversão de papéis!

— Sua Alteza —, Jeryn pediu Briar, mas o bobo da corte o interrompeu.

— Seu monarca travesso, travesso —, exclamou Poet. — Quem é o médico e quem é o paciente?

Jeryn alertou: — Possuo uma dúzia de frascos adequados em meu laboratório, cujo conteúdo posso usar para envenená-lo.

— E agora possuo uma única informação, cujo conteúdo posso usar para chantagear você.

Eu sorri. Aspen bufou. Aire balançou a cabeça. A boca de Flare roçou a borda da mandíbula de Jeryn, descongelando as rachaduras invisíveis.

Outra brisa entrou, acariciando a gola de Nicu. Foi quando algo chamou a atenção de seu pai, limpando a alegria de seu rosto. — Que diabos é isso?

— Ele perguntou, com muita calma para confiar.

Todos se viraram para Nicu. Mesmo enquanto o sol se punha atrás das árvores, era fácil encontrar o chupão. Uma mancha roxa feita por um par de lábios.

Qualquer um poderia ter feito isso com ele. Inferno, Noel poderia ter sido o culpado.

Mas essas pessoas não nasceram ontem. Eles sabiam proibido quando o viram. Cada um deles tinha experiência suficiente com tensão sexual.

Eu gemi interiormente, enquanto Nicu corou exteriormente. Por reflexo, ele puxou o casaco e cobriu as evidências. Muito tarde demais.

— É uma pergunta simples —, repetiu Poet. — Que diabos é isso?

Jeryn ficou literal. — É um hematoma produzido por sucção.

— Tradução, é uma mordida de amor. — Disse Aspen enquanto o marido fechava os olhos, prevendo o resultado dessa descoberta.

Os incisivos de gelo pendiam de algumas torres no alto. As bandeiras da torre do castelo bateram no ar.

Lentamente, os olhos de Poet passaram de Nicu para mim.

Briar olhou para o amante. — O rascunho está piorando.

Flare deu uma cotovelada em Jeryn, fazendo com que ele falasse. — De fato. Vamos entrar.

Enquanto todos voltavam para o laboratório, ouvi a voz de Nicu. — Papa-

— Venha. — Disse Poet, dirigindo-se ao grupo, mas segurando meu olhar.

Eu ouvi a voz do rei. — Lyrik-

— Ele está saindo. — Acrescentou o bobo da corte.

Os lábios de Nicu se abriram, um protesto prestes a saltar. Mas minha partida o parou. Melhor que eu me esquivasse do resto desta reunião antes de

me sentir tentado a falar. De qualquer forma, o destino me daria a vantagem de me estragar mais tarde.

E aconteceu. Porque nem uma hora depois de retornar à minha sala de poções, eu estava no meu caldeirão e observava o conteúdo congelar. Desde que deixei a entrada aberta de propósito, zombei quando passos cruzaram o limiar, a porta se fechando atrás do meu visitante.

Isso estava prestes a acontecer. O bobo da corte e eu tínhamos a merda para dizer. É melhor acabar logo com isso.

— Posto avançado impressionante —, disse Poet, presumivelmente examinando a câmara. — Por acaso, você fornece algo para rancor?

— Você deve me confundir com um amador. — Comentei.

Briar sabia que ele estava aqui? Nicu sabia? Eu duvidava disso.

Limpando as mãos, me aproximei dos traços de trapaceiro de Poet. Para seu filho, eu mantive minha boca fechada com sucesso a maior parte do dia. Mas agora, eu fiz isso reflexivamente quando o homem me encarou. Contra um mestre em jogo de palavras verbais, minhas piadas seriam inúteis.

Sim. Minha bunda era dele.

Vapores deslizaram do caldeirão enquanto Poet passeava em minha direção. Preparando-me, eu o encontrei no meio do caminho, mantendo minha arrogância no mínimo. Seu silêncio de seda fez minha garganta tremer.

E então ele começou. — Porque você salvou a vida dele uma vez, não vou separar sua cabeça do seu pescoço. Infelizmente, porque você arrancou o coração dele, encorajarei você a seguir com cuidado. Preste atenção: se você ferir Nicu de novo, terei suas besteiras no meu peito.

— Você acha que eu não sou bom o suficiente para ele.

— Ele é meu filho. Ninguém nunca será bom o suficiente para ele.

— Nunca identifiquei o renomado Bobo da Corte por ter sido vítima de um clichê.

— Os clichês são clichês por uma razão - porque muitas vezes são a verdade para muitos. Mas se você precisar de uma resposta mais criativa, precisará apenas pedir isso de mim. Eu prometo, vou entregar.

— Quando você diz criativo, você quer dizer duro.

— Quero dizer brutal —, ele cantou. — Não me interpretem mal, você tem perspectivas impressionantes, um bom comércio no Inverno. Infelizmente, é lamentável para você que eu não seja superficial o suficiente para deixar isso me influenciar, mesmo que eu seja originalmente da Primavera. Então não, você não é bom o suficiente para o meu filho.

— Isso está certo? — Eu perguntei. — Você terá que aumentar a aposta para eu recuar.

— Na verdade, você falhou em compreender a magnitude da minha ira, cuja escala requer sua própria dimensão. Permita-me esclarecer e amplificar. Eu desafiei um reino por ele. Eu rasguei as masmorras, superei os cavaleiros da Primavera e enganei as monarquias por ele - e enquanto usava calças de cetim muito caras, nem um defeito no material.

— Eu cuidei de mil febres, aliviei mil pesadelos, evitei mil acidentes e resisti a mil ameaças de morte. Mantive-o a salvo deste mundo de fanáticos e misantropos por vinte anos. E você acredita que eu não posso lidar com você? Me teste.

— Eu posso não ter poder sobre você. Eu posso não controlar. Mas aposto que Nicu sim — falei. — Como é que ele tenta você?

A dúvida cintilou nos olhos de Poet, mas ele a fechou rapidamente. — Você sabe por que Nicu teve problemas para cantar quando chegou aqui? Você



sabe por que ele perdeu a capacidade de cantar ou compor suas próprias músicas?

O pressentimento me reivindicou. Eu imaginei que essa conversa ficaria feia, mas a pergunta sugeria que eu não sabia a metade dela.

O bobo da corte colocou-o grosso, mordendo as palavras. — Por sua causa.

O que quer que eu tenha me preparado para dizer, desintegrou-se. Porque o que diabos isso significa? Eu supus que o desvio de Nicu de cantar tivesse sido um acaso ou uma rotina. O que eu tive a ver com isso?

Poeta elaborado. — Ele parou de cantar no dia em que você saiu. Ele não canta há três anos.

Meu intestino se coalhou. Ele não tinha o que?

Eu não tinha palavras. Em muitos aspectos, o pai de Nicu já havia roubado todos eles.

Enquanto algo mais roubou as próprias palavras do bobo da corte. Ele fez uma pausa, com as feições apertadas quando a mão foi para o abdômen - como no laboratório. E se ele não tivesse me surpreendido, eu teria perguntado sobre isso.

Ele sacudiu a perturbação. — Depois que você saiu do Outono com o rabo entre as pernas, nervoso demais para ficar com ele, meu filho se despedaçou. Sua mãe e eu o observamos se dobrar, não ouvindo uma palavra que alguém lhe dissesse, recusando-se a confiar em uma alma. Ele mudou diante dos nossos olhos. Foi só mais tarde que descobri o porquê, quando soube quem partiu seu coração.

— Quaisquer que sejam as razões que você teve para deixá-lo sem um pinga de ternura, eu não me importo. Eu me importo, no entanto, que você tenha levado a voz dele. Ele finalmente nos confessou que a última vez que





cantou, foi na colônia da casa da árvore. Era para você; portanto, ele não suportava pronunciar uma única nota novamente. De qualquer forma, ele não tinha mais nada a dizer.

As narinas do Poet se abriram. — Meu filho *não* tinha mais *nada* a dizer.

Porque eu tinha arrancado a alegria, a inspiração dele. Porque cantar o lembrava de nós.

Cante uma música para mim, Pássaro Canoro.

Ele não cantava há três anos. Por minha causa.

Ouvi o restante das palavras de Poet como se estivesse no fundo de uma chaleira afogada. Jeryn, que conhecia Nicu há anos, havia conquistado o mercado como uma base sobre a qual Nicu poderia se recuperar. Sempre curador, foi por isso que convidou Nicu a cantar na Véspera da Sabedoria, prescrevendo o evento como terapêutico, acreditando que enfrentar o defeito ajudaria Nicu a superá-lo.

Jeryn entendia a necessidade de enfrentar medos.

De qualquer maneira, Poet não tinha favorecido a proposição do rei. Mas Briar o convencera.

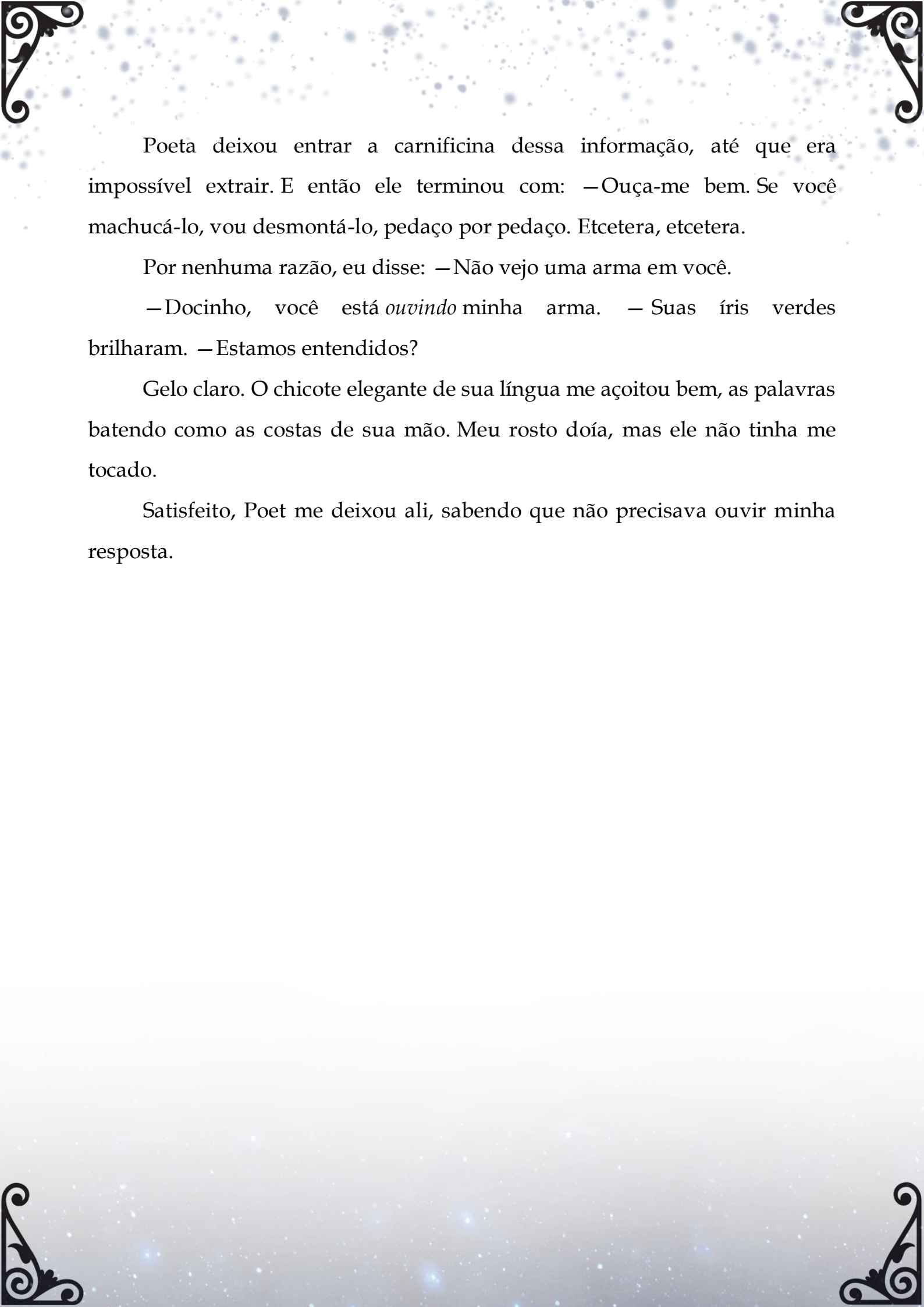
E Nicu aceitou a oferta. Ele veio aqui por suas músicas, por sua voz, para provar que eu não tinha mais efeito nele. Para passar por mim, ele teve que me encarar. Ele veio aqui para desejar caçar, recuperar o que havia perdido - mas, no final, procurou ajuda da única pessoa que a tirou dele.

Então ele soube que eu sempre o quis. Então ele me deixou seduzi-lo em meus braços.

No entanto, ele ainda não havia encontrado suas próprias músicas. Não as dele.

Por isso, ele pensou que seria necessário.





Poeta deixou entrar a carnificina dessa informação, até que era impossível extrair. E então ele terminou com: —Ouça-me bem. Se você machucá-lo, vou desmontá-lo, pedaço por pedaço. Etcetera, etcetera.

Por nenhuma razão, eu disse: —Não vejo uma arma em você.

—Docinho, você está *ouvindo* minha arma. — Suas íris verdes brilharam. — Estamos entendidos?

Gelo claro. O chicote elegante de sua língua me açoitou bem, as palavras batendo como as costas de sua mão. Meu rosto doía, mas ele não tinha me tocado.

Satisfeito, Poet me deixou ali, sabendo que não precisava ouvir minha resposta.



CAPÍTULO VINTE E OITO

PASSARO CANORO

No momento em que os dedos de Nicu roçaram a maçaneta, ele soube.

Ele sabia, ele apenas sabia, ele realmente sabia.

O garoto de poções esperava do outro lado, esperava por Nicu no dormitório, onde estavam naquela manhã, brincando nos lençóis.

No momento em que os dedos de Nicu roçaram a maçaneta, ele soube. Ele não estaria sozinho esta noite. Ele já sentiu as torrentes e os nevoeiros rodopiando, bem perto.

No momento em que os dedos de Nicu roçaram a maçaneta, ele soube. Uma vez que ele entrasse, algo mudaria novamente, algo desesperado, mas tenro, que ele não podia nomear.

Nicu simplesmente sabia disso, como ele simplesmente sabia muitas coisas sobre esse garoto, que nunca haviam sido realmente coisas simples. Nunca sentimentos simples, nem palavras simples. Sempre uma explosão ou um estremecimento, um grito ou um suspiro. Sempre uma canção e uma bebida.

Mas o que Nicu não sabia, o que ele não podia sentir, era o que poderia mudar a seguir. Ele resistiu ao desejo de correr para dentro, de atravessar. Em vez disso, ele apenas agarrou a maçaneta e torceu.



A porta se abriu e ele ficou parado, olhando para o quarto. Na barriga da chaminé de pedra, um inferno crepitante. A tela recortada - era uma tela recortada posicionada ali, não era? - tinha sido empurrada para o lado para expor a fogueira, um inferno misturado com o azul cuidadoso do luar.

O explorador estava agachado diante da lareira, os braços apoiados nas coxas, uma mão pendurada na borda do joelho. Ele usava o casaco e estava tão imóvel, como se nunca mais se mexesse... como se não soubesse como... como se não confiasse em si mesmo para tentar.

Como se ele só se perdesse.

Teias de gelo rastejavam sobre as portas da varanda. O vidro de inverno realia proezas surpreendentes, os inventores do reino criaram muitos tipos, incluindo pratos que mantinham fora o frio. O rei o chamara de vidro isolante, enquanto Nicu o chamava de vidro tostado. No entanto, aquela filigrana de neve conseguiu esgueirar-se por partes das portas, agarrando-se lá porque podia.

Cortinas pesadas emolduravam a vista, onde granizo gotejava sobre a terra e árvores apareciam. Lá dentro, as cortinas correspondentes de sua cama de dossel pendiam, e os lençóis do colchão continuavam despenteados. Isso o lembrou do que ele e o garoto de poções estavam fazendo antes de serem interrompidos.

Quanto mais eles teriam feito de outra maneira?

Tremendo com o pensamento, Nicu plantou um pé no quarto. Ele não fez nenhum som, mas os ombros do explorador ficaram tensos. Sua cabeça torceu, seu olhar prendendo Nicu na ponta dos pés. Os raios do fogo queimaram seu perfil, envernizando a pele desalinhada e as farpas de seu brinco.

Nicu parou. O garoto de poções parecia apertado.



E ele parecia furioso. E apaixonado.

Ele também notou que Lyrik estava segurando um pôquer de ferro, como se estivesse cutucando o graveto, ou como se estivesse prestes a fazê-lo. Agora ele segurava a vara com força, o polegar traçando o cabo.

Essa carícia encontrou seu caminho através da carne de Nicu, provocando lugares dentro dele, enviando um arrepio na espinha. Tudo isso sem um único toque. Eles se observavam enquanto Lyrik vasculhava a ferramenta com ainda mais ênfase, sentindo seu efeito.

O tempo todo, o semblante do garoto não se alterou. E, no entanto, ele se apegou a Nicu, precisando de ajuda para encontrar o caminho de volta de onde quer que estivesse.

Esse patife mal-comportado, com toda a sua maldade, também tinha bondade nele.

O carinho varreu Nicu. Ele se moveu, aqueles olhos ardentes observando enquanto Nicu puxava um item do bolso e se aproximava.

Lyrik levantou-se, olhando fixamente para Nicu enquanto colocava o pôquer em seu suporte.

Eles pararam na frente da fogueira, Nicu esticando a cabeça para encontrar o olhar feroz do jovem. Reunindo coragem, Nicu levantou a palma da mão, revelando o espigão que faltava no brinco de Lyrik, presente quando eles se separaram no outono.

Nicu o usava por um tempo, depois o removeu. Mas ele manteve isso perto, sempre perto.

O explorador piscou. Eles não haviam proferido uma palavra, mas Nicu não se importava. Ele não precisava dizer o que queria, porque Lyrik sabia uma vez que Nicu inclinou a cabeça para o lado, oferecendo sua orelha nua.

Coloque em mim. Empurre através de mim.



Houve uma pausa, depois uma escolha feita. As mãos de Lyrik tremiam quando ele pegou. Não havia luz suficiente, então Nicu pegou uma vela do manto, mergulhou a mecha no fogo e a levantou, segurando-a no rosto.

O garoto o levantou no lobo de Nicu, sua respiração roçando o local quando ele deslizou a ponta no buraco, que havia sido previamente penetrado.

Nicu fechou os olhos quando o garoto sondou. Quando o esboço chegou até ele, ele sentiu o olhar de Lyrik se fechar. Eles começaram a ofegar, abrindo as pálpebras em uníssono. O explorador garantiu o esboço, pouco antes de sua admiração se transformar em algo mais sombrio, de apertado a dilacerado.

Ele recuaria se Nicu não fizesse algo para detê-lo.

E como ele queria detê-lo. Como ele queria esse garoto nele, em cima dele, dentro dele. Nicu percebeu isso assim que seu coração começou a bater forte, assim como seu corpo ganhou vida. Ele queria Lyrik, e esta noite, e a cama.

Ele queria amor.

Nicu se aproximou, fazendo suas roupas sussurrarem juntas, muitos casacos e camisas e lenços os separando. Visualizando pele sobre pele, corpos nus entrelaçados, ele se sentiu formigando, choroso e confinado, prestes a rebentar pelas costuras. Ele se sentiu atado e ansiava por prender as fitas que o prendiam.

Então ele deixou seu rosto comunicar o que sua boca não podia. Lyrik olhou para ele, desejo e restrição rodando naqueles olhos turbulentos.

Nicu ansiava por isso. Ele estava querendo isso por tanto tempo, por idades, por anos.

A atenção de Lyrik caiu na boca de Nicu.

Nicu sustentou esse visual - e soprou, apagando o pavio.





Ele soprou, apagando a luz, a fumaça se contorcendo entre eles. Ela se espalhou como uma pergunta não dita. Uma pergunta refletida no olhar sombrio do explorador, cuja resposta tácita ficou na língua de Nicu.

Tenho certeza.

E Lyrik estalou.

Ele golpeou a vela dos dedos de Nicu, o cone atingindo o chão. Nicu não teve chance de registrar mais nada quando foi puxado pelos braços do explorador. E a boca de Lyrik bateu contra a dele.

Em um suspiro, Nicu passou os braços em volta dos ombros do garoto. Seus dedos se enredaram na parte de trás dos cabelos de Lyrik, aproximando-os. Ele beijou o garoto de volta, inclinando a cabeça e abrindo a boca, a língua acariciando a de Lyrik.

Um som abafado saiu de Lyrik, as vibrações passando pelos lábios de Nicu e espalhando-se por todo o corpo. Sua cabeça nadou, presa em uma lavagem inebriante de sensações. O beijo se alargou, o movimento liso e rítmico da língua de Lyrik fez com que os joelhos de Nicu se dobrassem, e ele se transformou em massa contra o explorador, e era tudo o que podia fazer.

Ciente disso, as mãos de Lyrik despencaram, suas mãos segurando as costas de Nicu e apoiando-o. Era demais e não o suficiente.

Encontrando forças para recuar, Nicu arrastou as mãos dos cabelos do garoto para o cachecol, procurando desconstrair o pano. Porque menos significava mais, não é? Menos roupas significavam mais carne.

Lyrik ajudou, livrando-se do material e jogando-o de lado, seguido por seu casaco, sua túnica, sua camisa. Seus músculos flexionaram sob o toque de Nicu. Dedos exploraram braços, abdômen e umbigo, memorizando cada parte desse jovem, onde estavam essas partes, onde sempre seriam encontradas. A





palma de Nicu pressionou contra a trilha de cabelos e, enquanto mordia o lábio, vagava mais longe, entre os ossos do quadril.

A cabeça de Lyrik mergulhou, sua boca pousando no pescoço de Nicu e sugando um ponto onde o pulso saltava. Um som impotente escapou de Nicu, sua cabeça pendendo para trás enquanto o explorador se alimentava do barulho. O calor tomou conta de Nicu, a agonia o desfez. De alguma forma, suas mãos chegaram aos ombros de Lyrik, segurando as bordas enquanto Nicu gemia por mais.

Lyrik agradeceu. Oh Estações, continuou, continuou, continuou.

Nicu oscilou entre exausto e alegre, mas nunca duvidoso, nunca fugaz. Ele queria mais, mais, mais. Preocupado com essa necessidade, ele agarrou o cinto do menino.

Mas Lyrik o deteve, puxando o casaco de Nicu enquanto seus lábios arrebatavam a garganta de Nicu novamente, aquela língua golpeando a pele sensível até que ele não reconhecia o quente do frio, prazer da dor.

Ele deixou Lyrik desvendá-lo, descobrindo sua parte superior do corpo. O explorador se afastou para saborear a vista antes de devorá-lo mais uma vez, seus dentes subindo a ladeira da clavícula de Nicu.

Nicu se contorceu, implorou sem palavras. Ele se perguntou se morreria, morreria pela frustração, morreria pela satisfação. Ele tinha que estar completamente nu com esse garoto ou ele iria morrer, cair da borda do mundo, o que o confundia.

Ele poderia fazer isso? Derrubar uma borda? O mundo tinha arestas? Como corpos tinham bordas?

Talvez ele já tivesse desembarcado, ou talvez Lyrik o tivesse pego, ou talvez Nicu tivesse se pego.





Lyrik leu sua mente, sentindo a nudez que Nicu gostava, que ele desejava. Eles se entreolharam enquanto, finalmente, tiravam as calças de Nicu, o material suspirando em suas pernas. A emoção delirante do ar frio, e o sufocante olhar do explorador sobre ele, sobre sua pele pedregosa, sobre a dureza.

Ele nunca tinha sido despido assim, não com outro garoto. Mas com Lyrik, parecia seguro, maravilhoso.

O explorador rompeu com seu estupor. Afastando o olhar da nudez de Nicu, ele puxou Nicu para frente. E sim, pele sobre pele, como ele havia fantasiado.

Suas bocas se fundiam, suas línguas açoitavam. Eles se beijaram vertiginosamente, avidamente.

Os dedos de Nicu desceram o torso de Lyrik, aterrissando em seus quadris. Enquanto suas testas se pressionavam juntas e seus olhos se fixavam, Nicu os conduziu para trás pelo chão - ou talvez Lyrik estivesse controlando a direção deles.

Não importava, não desta vez. Nicu nem sempre sabia os caminhos que precisava seguir - mas sabia o caminho para sua cama.

Quando as costas das pernas atingiram o colchão, ele se deixou cair com Lyrik. Com urgência, aterrissaram nos cobertores, subindo na cabeceira da cama e caindo sobre os travesseiros. Lyrik agarrou o rosto de Nicu, seus lábios se reivindicando enquanto os dedos de Nicu mergulhavam na parte de trás das calças de Lyrik, agarrando seu traseiro, suave e sólido.

Lyrik murmurou uma maldição. Eles se separaram e se consideraram, o explorador escovando uma mecha de cabelo da testa de Nicu. Seus corpos arfavam, respirações saindo deles.

Os meninos de poções e o menino de canções perdidas.



E Nicu sabia, como sabia quando entrou pela primeira vez, que sentiria uma palavra especial muitas vezes hoje à noite.

Sim.

Os lábios de Lyrik tremeram como se ele fosse o assustado. Mas isso não o impediu. Isso não o impediu de deixar Nicu mexer nas calças, empurrando-as o suficiente para libertá-lo.

Não parou nenhum deles.

Um jugo de luz de fogo encharcou Lyrik, polindo sua pele. E a parte que subiu entre as pernas dele.

Era reto, longo e tudo para Nicu. Também parecia um pouco zangado. E ele teria rido se não estivesse tão impaciente por sentir esse garoto.

Nicu competia para tocá-lo, exultante quando seus dedos encontraram a carne genital, hipnotizado por tanta suavidade sobre uma coisa tão severa. Os olhos de Lyrik se fecharam. Mas quando a mão de Nicu o envolveu, o explorador engoliu e persuadiu Nicu ainda mais nos travesseiros, cutucando-o, guiando-o.

O gesto ajudou Nicu, indicando que ele deveria descansar de braços. Eles se moveram em harmonia, Nicu girando nos braços de Lyrik, caindo desajeitadamente. Seu rosto ficou quente até que Lyrik deu um beijo tranquilizador em sua têmpora. Ele não tinha nada para se sentir constrangido ou envergonhado.

Nicu relaxou novamente, sua excitação aumentando quando Lyrik deslizou um braço ao redor dele, segurando as costas contra o peito do explorador. Tremores tremeram pelo corpo de Nicu. Suas coxas se separaram por vontade própria, tremendo para Lyrik, que se estabeleceu lá.

Mais beijos caíram sobre sua espinha, da nuca até as costas, fazendo-o sorrir, fazendo-o suar. Eles poderiam ter falado. Mas não, eles se conheciam o

suficiente e ouviram seus corpos, se comunicando com eles. Uma torção cautelosa que instruiu, um ângulo precipitado que inspirava.

Era assim que eles se perdiam e então encontravam seu próprio caminho.

Lyrik apoiou a mão livre contra a cama, apoiando o peso, a testa caindo nos cabelos de Nicu. Ele ofegou, se posicionando, fazendo o traseiro de Nicu se mexer instintivamente. Como se o corpo tivesse vontade própria, separada da mente.

E então Lyrik rolou os quadris para frente.

E Nicu perdeu todo o pensamento. Ele abandonou toda a consciência, exceto por uma coisa, um ponto. Sua boca se abriu quando a ponta o provocou. —Oh...

Lyrik poderia ter dito o nome de Nicu. Mas com a mente de Nicu no meio do nevoeiro, ele não tinha certeza.

O garoto de poções se retirou e depois mergulhou de novo, apenas se mexendo quando ouviu Nicu fazer aquele barulho, como se fosse um sinal para continuar. Quando o explorador se inclinou mais fundo dentro dele, faíscas estrangeiras assolaram o corpo de Nicu, seu sangue correndo e esaldando-o.

No início, tudo o que ele podia fazer era acolher o ataque, experimentar a queimadura, deixar-se dominar. Não foi fácil, nem totalmente indolor, nem totalmente sensorial. Nicu se mexeria, ou Lyrik, e um deles não perderia o outro, não entenderia. E então eles consertavam, e então Lyrik ilustrava com os quadris que Nicu deveria segui-lo, seguir os movimentos do explorador como uma fita ou as palavras de uma música.

Nicu prestou atenção ao ritmo ondulante da pélvis de Lyrik. Como arrastar uma melodia, um fio escarlata, ele pegou e se moveu.

Deu trabalho. E então deu *certo*. E esse trabalho tornou extravagante.



Braços, membros e quadris balançavam. O colchão estremecia, os cobertores arranhando debaixo de Nicu, as peles roçando suas coxas. A frente de Lyrik esfregou as costas de Nicu, uma fenda de umidade no meio.

O jovem começou a empurrar a sério. E eles se desenrolaram, ambos com desespero. Isso continuou, continuou, continuou.

Quando um zumbiu, o outro gemeu. Quando um gritou, o outro rosnou.

Nicu nunca sentira algo assim, nunca cantara uma balada assim, nunca sentira isso querer, nunca sentira que ele pertencia a algum lugar - não do jeito que ele pertencia a esse garoto. Nada nunca foi tão precioso.

Ele nunca se sentiu tão encontrado antes.

Os cantos dos olhos ardiam. Ele queria chorar, e ele queria gritar, e ele queria rir. E ele queria compartilhar-se com Lyrik para sempre.

Ele deve ter ficado muito alto, porque a palma de Lyrik cobriu sua boca. Com a outra mão, o explorador agarrou o joelho de Nicu e o prendeu mais na cama, espalhando-o mais.

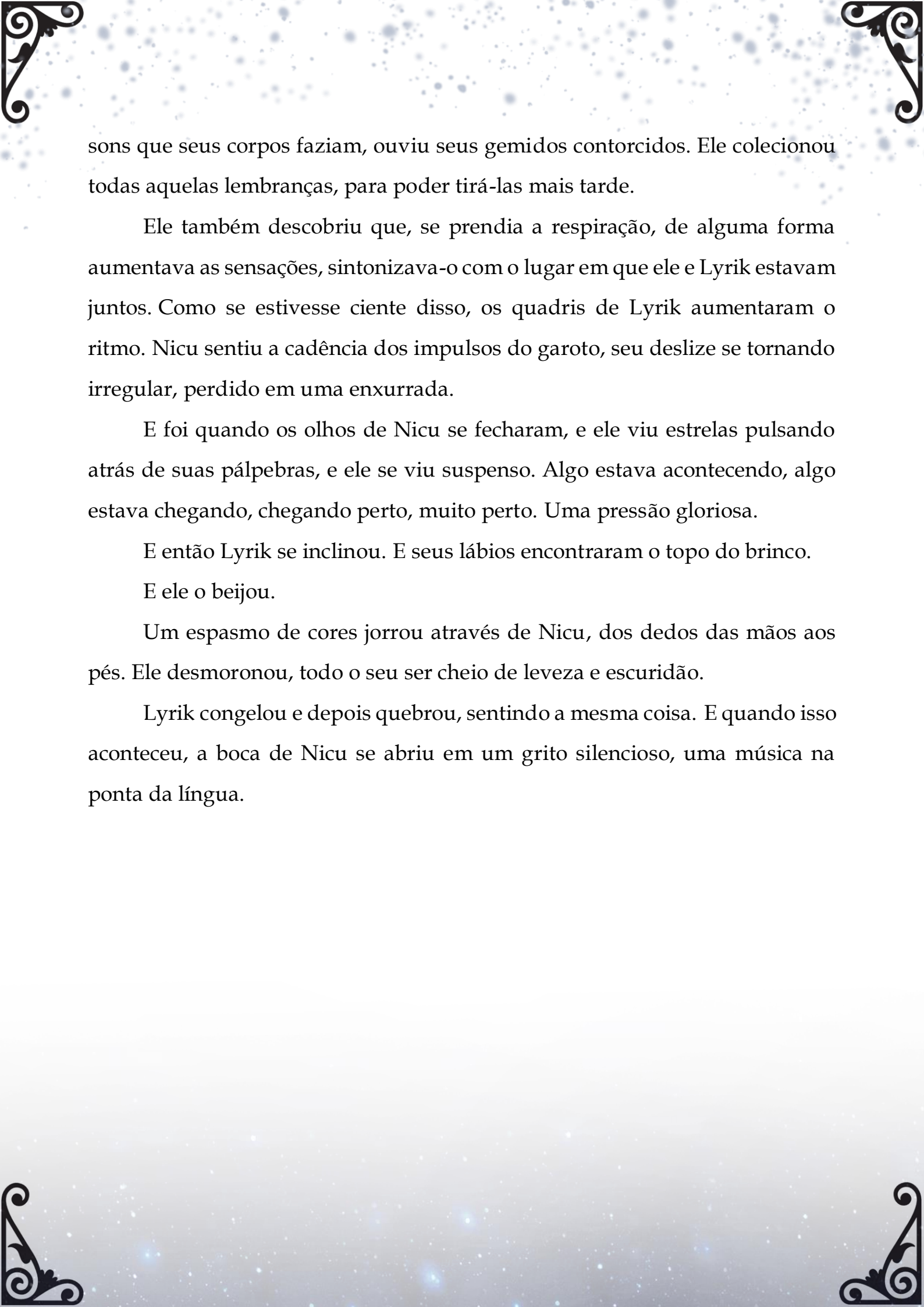
Balançando para cima, o Lyrik prendeu o joelho e foi mais rápido, girando a cintura de uma maneira que os surpreendeu. Lamentos atordoados brotaram da base da garganta de Nicu, derramando na palma de Lyrik. Ele queria se debater, mas outro beijo carinhoso o acalmou, cessando a necessidade de se arremessar.

Quanto tempo isso poderia durar? Para onde eles estavam indo?

Ele corria atrás de algo, o perseguia como um desejo, como um sonho. Com Lyrik, ele se sentia como uma nevasca de Inverno, uma névoa de Outono, uma tempestade de Verão, uma brisa de Primavera.

Apoiando-se no antebraço, Nicu apertou os dedos livres no pescoço de Lyrik enquanto se virava para olhá-lo, apenas para olhá-lo. Ele memorizou os





sons que seus corpos faziam, ouviu seus gemidos contorcidos. Ele colecionou todas aquelas lembranças, para poder tirá-las mais tarde.

Ele também descobriu que, se prendia a respiração, de alguma forma aumentava as sensações, sintonizava-o com o lugar em que ele e Lyrik estavam juntos. Como se estivesse ciente disso, os quadris de Lyrik aumentaram o ritmo. Nicu sentiu a cadência dos impulsos do garoto, seu deslize se tornando irregular, perdido em uma enxurrada.

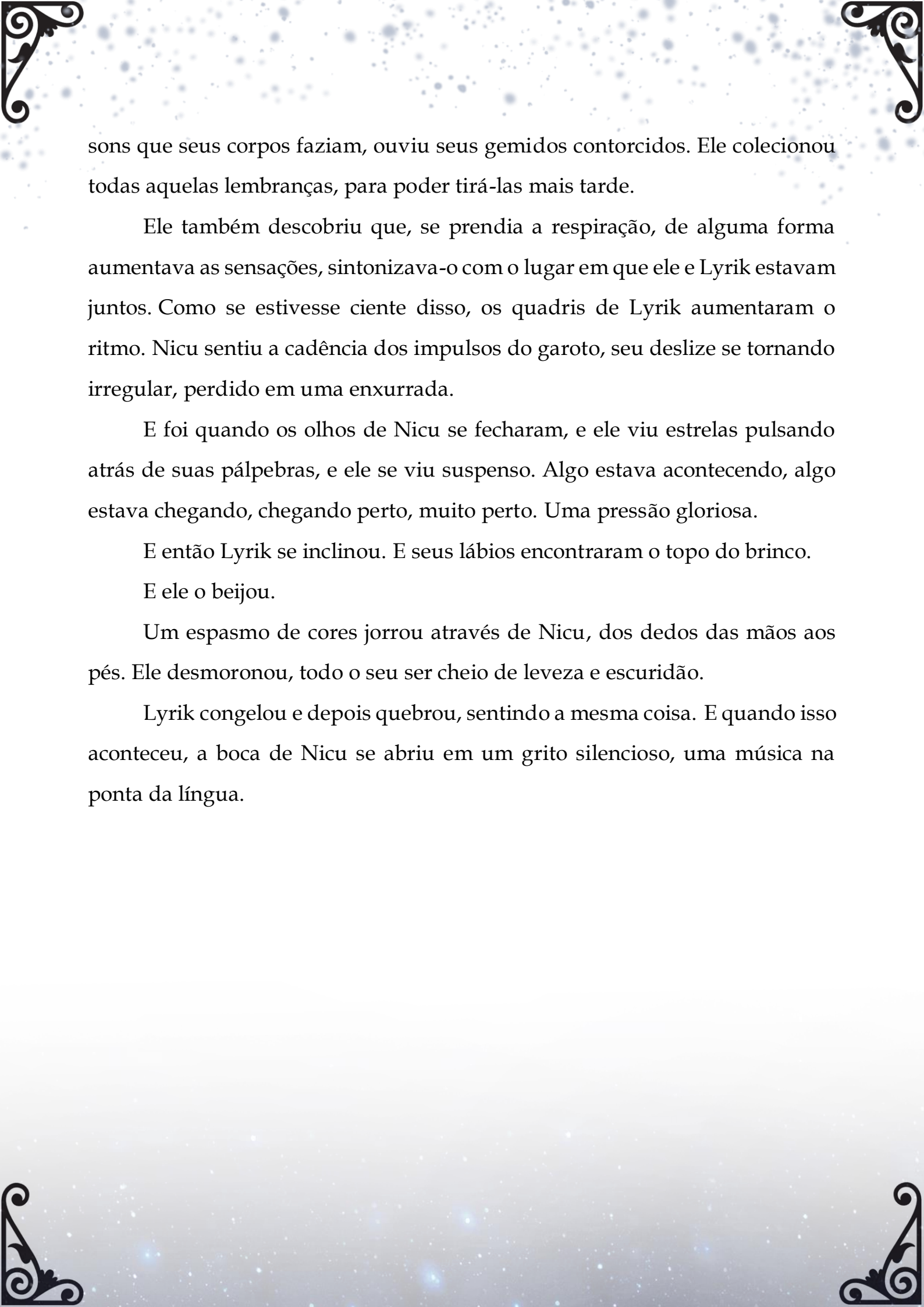
E foi quando os olhos de Nicu se fecharam, e ele viu estrelas pulsando atrás de suas pálpebras, e ele se viu suspenso. Algo estava acontecendo, algo estava chegando, chegando perto, muito perto. Uma pressão gloriosa.

E então Lyrik se inclinou. E seus lábios encontraram o topo do brinco.

E ele o beijou.

Um espasmo de cores jorrou através de Nicu, dos dedos das mãos aos pés. Ele desmoronou, todo o seu ser cheio de leveza e escuridão.

Lyrik congelou e depois quebrou, sentindo a mesma coisa. E quando isso aconteceu, a boca de Nicu se abriu em um grito silencioso, uma música na ponta da língua.



CAPÍTULO VINTE E NOVE

PASSARO CANORO

Calor massageava suas costas.

Massageava suas costas, acariciava suas costas e acalmava suas costas.

Os cobertores sussurravam sobre seu corpo nu, como se ele tivesse dormido aninhado dentro de uma bola de algodão. Ele estendeu o braço, estendendo a mão e acariciando a colcha para o formato de outra forma masculina - uma feita de torrentes e fumaça.

Mas, como torrentes e poluição atmosférica, essa aparição havia desaparecido.

Turvo e piscando, Nicu ergueu a cabeça para descobrir o lado vazio da cama, os cobertores torcidos no local onde o explorador deveria estar. Ver o amassado no travesseiro, onde a cabeça de Lyrik havia descansado, trouxe um sorriso ao rosto de Nicu.

Ele não precisava se olhar no espelho para saber o quanto sorria. Ele sentiu seus lábios respirando de um lado do rosto para o outro. Ele também se sentiu amorosamente dolorido em muitos lugares, lugares visíveis e lugares secretos.

Deitando de costas, ele assistiu o nascer do sol sonolento flutuar no quarto, o amanhecer brilhando com cristais. Os crochês de gelo nas janelas começaram a derreter, dissolvendo-se em contas e deslizando pelo copo.



Ele teria tentado ser deixado sozinho, mas ele gostou muito desta manhã, assim como ele gostou da noite passada. O calor floresceu em suas bochechas quando ele se lembrou, o modo como elas se entrelaçavam, o desconforto inesperado de se abrirem, seguido de euforia insuportável.

Esfregou os punhos nas órbitas, depois espiou-se por baixo das peles. Bem, ele não parecia diferente, e isso o agradou. Porque por que ele iria querer parecer diferente?

Em vez disso, ele se sentia diferente em todos os lugares. E também não realmente.

Ele havia sido renovado e continuava o mesmo. Durante toda a noite, ele foi sacudido, acariciado e fo.. ele mordeu o lábio, sufocando a palavra travessa que Lyrik sempre usava.

Virou, acariciou e *imaginou*. Foi isso que o explorador havia feito com ele.

Nicu queria fazê-lo novamente. Mal podia esperar para tremer e suspirar novamente. Mal podia esperar para ser amado mais, mais e mais.

Saiu da cama, jogou as calças e a camisa, correu para as portas da varanda e as abriu. Uma rajada brilhante de Inverno soprou contra ele, bagunçando seus cabelos e enchendo seus pulmões com hortelã e cedro. Com os pés descalços, ele voou até a borda e respirou fundo no Inverno.

Trenós cortavam a terra, deixando linhas onduladas na neve, sinos tocando dos cavalos. Ele teria gritado, mas isso acordaria o castelo ou assustaria os animais. Então ele cantarolou uma canção, cumprimentando a manhã.

Então ele voltou para dentro, jogando o resto de suas roupas e deslizando na frente do espelho. Seu cabelo estava bagunçado, então ele o preparou da maneira que seu pai havia lhe ensinado, mas ele perdeu a paciência e abandonou o reflexo.





A essa hora, o garoto de poções poderia ser apenas um lugar.

Nicu correu para fora do quarto - oh!

Ele pulou de volta para dentro para pegar seus sapatos, depois correu pelo apartamento, rasgando a porta e passando o guarda. —Meu senhor...— Protestou o homem.

—Eu sei o caminho! — Nicu passou por cima do ombro.

Na verdade, ele não sabia. Foi por isso que demorou uma hora até que ele recorreu a uma dúzia de pessoas como chegar à ala química. O tempo todo, ele se esquivou de seu pobre guarda-costas. Nicu estava realmente arrependido por isso, mas não totalmente. Mesmo que o homem pudesse tê-lo guiado, Nicu não queria ser guiado, e ele queria ficar sozinho com Lyrik.

Além disso, ele estava com muita pressa de andar calmamente. Sim, ele estava fazendo um espetáculo de si mesmo, mas não sempre?

Ele não se importava com o que as pessoas pensavam das raízes de Lyrik ou com o que pensavam de Nicu. Eles poderiam chamar Lyrik de filho mestiço de tolos loucos. Eles poderiam chamar Nicu de bastardo. E isso não importava. Jamais.

Não enquanto eles pudessem ter noites e manhãs como essas. Era o direito deles, e era a vida deles, e eles lutariam por isso. Juntos.

Enquanto passava por nobres e eruditos que o olhavam boquiabertos, sua mente saltou de um cenário para o outro. Quando ele encontrasse Lyrik, eles poderiam planejar seu dia, talvez cavalgar em Sussurro na Floresta de Pinheiros e depois se aventurar na Floresta Estrelada e também enfrentar a Floresta de Ferro. Eles podiam tomar chá e saborear biscoitos de molho com maçãs cozidas. Ah, e eles poderiam desejar e caçar a sabedoria, ou ir ao Salão dos Filósofos, ou a outro museu.

E hoje à noite, ele poderia visitar a banca de Lyrik no mercado.



E então, quando a terra dormia, eles podiam saborear um ao outro mais.

Por fim, ele reconheceu a sala de poções com uma placa no topo que anunciava o nome de Lyrik. Agitações soltas no estômago de Nicu. Ignorando algumas testemunhas, mais o chamado distante de seu guarda-costas que o alcançou, Nicu explodiu pela porta.

O explorador girou de onde estivera ao lado do maior caldeirão de sua coleção. A surpresa tomou conta de seu rosto e depois diminuiu quando ele registrou o visitante.

Nicu fechou a porta atrás dele. Pressionando as costas contra a superfície, ele olhou alegremente para Lyrik. — Sou popular e estou sendo seguido. — Ele cantou.

O humor triste fez os lábios de Lyrik se inclinarem. Nicu estava com ele em segundos, correndo pelo chão e atirando-se para o garoto. Lyrik o pegou pelo reflexo, mas demorou um momento para seus braços deslizarem pela cintura de Nicu e, mesmo assim, ele se segurou apenas levemente.

Não importa. Sem confusões.

— Oi. — Nicu sorriu.

— Oi, você mesmo. — Entoou Lyrik.

— Você se foi. Senti sua falta.

Ele não recebeu resposta e, quando se inclinou para beijar o queixo do explorador, o jovem se inclinou. Nicu inspecionou as feições de Lyrik - os vincos irregulares ao redor dos olhos.

Lyrik passou as juntas dos dedos pela mandíbula de Nicu, com carinho, mas também de maneira reservada.

Não era um tipo de toque de *oi*. Não, era o contrário.

Nicu evitou sua apreensão, porque ele tinha que estar imaginando coisas. — O céu está acordando. — Ele se aventurou.

Distraído, Lyrik assentiu.

A confiança de Nicu diminuiu, inclinando-se para a confusão. Por que Lyrik não estava feliz?

O garoto de poções arrancou-se do abraço de Nicu enquanto enfiava os dedos. Mas então ele mudou de ideia. Ele soltou Nicu, apenas para fugir para o caldeirão vazio.

De costas para Nicu, ele agarrou a borda e inclinou a cabeça. E dentro de todos frascos de vidro, Nicu viu reflexos encolhidos dos dois.

O ar frio penetrava sob a camisa desarrumada de Nicu. —O que está errado?

Demorou uma eternidade, mas Lyrik se virou. E Nicu sabia.

E ele deu um passo para trás horrorizado, um pingo de água gelada atingindo seu peito. — Não.

Dor agrupada entre os olhos de Lyrik. — Nicu-

— Não!

— Eu não posso. Eu não posso fazer isso.

Nicu fez um gesto selvagem entre eles. — M-mas ontem à noite, nós- —

— E nunca esquecerei.

— Eu não entendo!

— Você nunca me disse por que parou de cantar. — Quando os lábios de Nicu se apertaram, a voz gutural de Lyrik rasgou o silêncio. — Era eu, não era?

Sim, era. Nicu havia parado de cantar por causa de Lyrik. Mas Nicu nunca havia confessado isso a ele; então, como o explorador sabia? Como ele descobriu?

A garganta de Lyrik se contorceu. — Você merece mais do que eu.

Nicu cobriu os ouvidos para bloquear essas palavras, para bloquear tudo o que saía da boca de Lyrik. — Não me faça te odiar de novo, Lyrik. Por favor.

O rosto do jovem ficou tenso, e ele desviou o olhar, o queixo tremendo sob a barba por fazer. — Eu disse que eu era um idiota, não disse?

Cante uma música para mim, Pássaro Canoro.

Encontre o seu próprio caminho.

Adeus, Nicu.

Nicu pegou o primeiro item com o qual fez contato e o jogou em Lyrik. Um ruído agudo atravessou o ar, depois se partiu em muitos barulhos, quebrando por todo o chão. — Covarde! — Ele gritou, sem se importar com quem o ouvia, sem se importar com o castelo inteiro. — Seu covarde!

Ele pegou outro objeto - o que quer que fosse - e jogou isso também. Lyrik se abaixou, embora Nicu não estivesse realmente mirando nele, não quisesse machucá-lo. Nicu só queria destruir algo que importava para o explorador, já que poucas coisas realmente o faziam. As únicas coisas que pareciam importar estavam estocadas nesta sala.

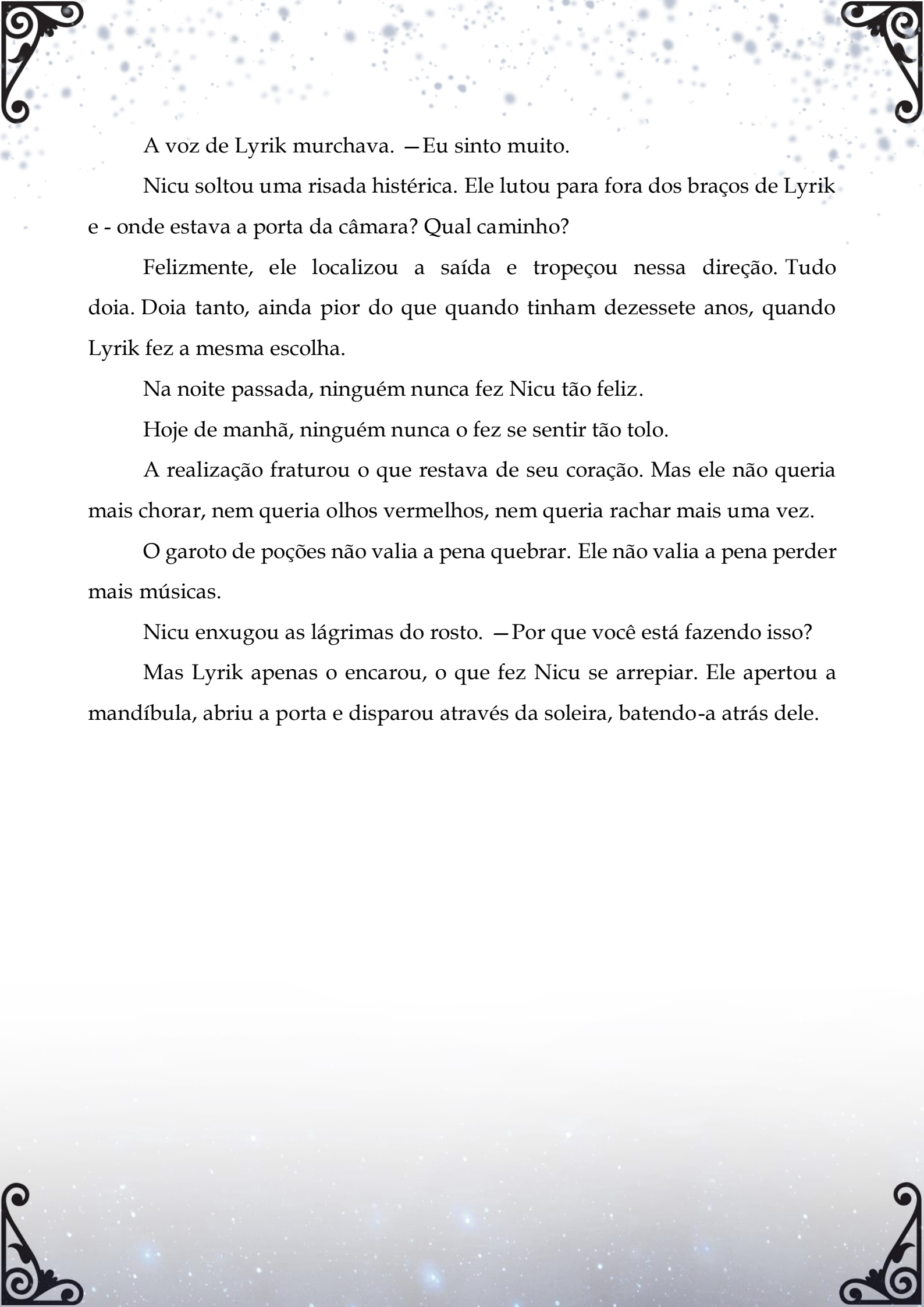
Além disso, Nicu nunca possuía uma mira boa, exceto quando ele socara Lyrik no Outono e jogara água quente em Lyrik no sanatório, naquela sala tórrida de toalhas e carvões. Mesmo naquela época, Nicu não pretendia prejudicar verdadeiramente o garoto.

Ele pegou outra coisa sem nome para atravessar a sala, mas um par de mãos pegou seus pulsos. Lyrik o alcançou sem aviso prévio. A testa do explorador caiu contra a de Nicu, o objeto caindo dos dedos de Nicu e batendo no chão.

O conteúdo sangrou a seus pés, liberando uma fumaça rosa familiar. O vapor corado deixou um gosto amargo na boca de Nicu. E ele sentiu aquela velha dor, e aquele velho desprezo, brotando dentro dele.

Eles estavam juntos. Ele se entregou a esse garoto.

Mas ele deveria ter escolhido Noel.



A voz de Lyrik murchava. — Eu sinto muito.

Nicu soltou uma risada histérica. Ele lutou para fora dos braços de Lyrik e - onde estava a porta da câmara? Qual caminho?

Felizmente, ele localizou a saída e tropeçou nessa direção. Tudo doia. Doia tanto, ainda pior do que quando tinham dezessete anos, quando Lyrik fez a mesma escolha.

Na noite passada, ninguém nunca fez Nicu tão feliz.

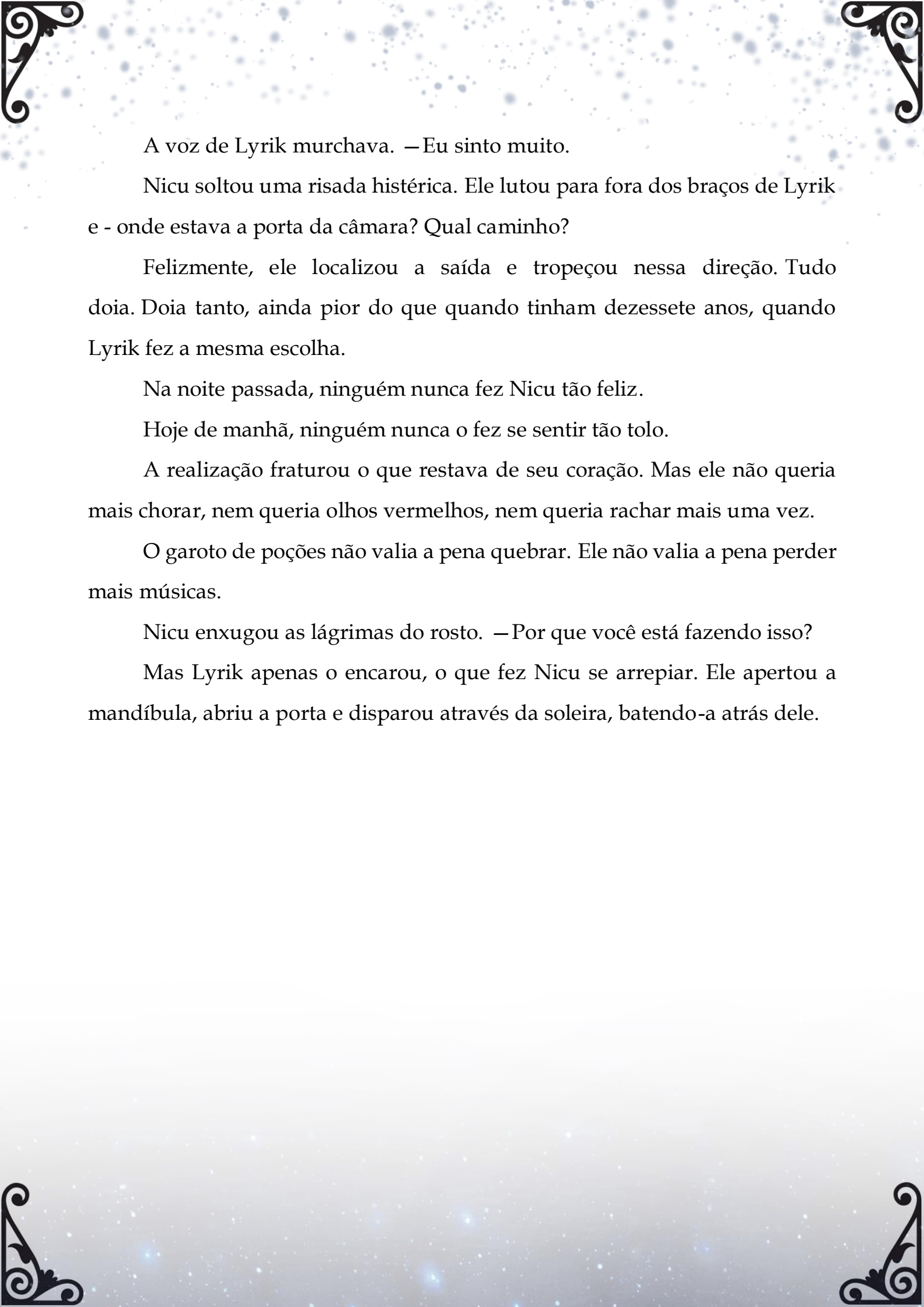
Hoje de manhã, ninguém nunca o fez se sentir tão tolo.

A realização fraturou o que restava de seu coração. Mas ele não queria mais chorar, nem queria olhos vermelhos, nem queria rachar mais uma vez.

O garoto de poções não valia a pena quebrar. Ele não valia a pena perder mais músicas.

Nicu enxugou as lágrimas do rosto. — Por que você está fazendo isso?

Mas Lyrik apenas o encarou, o que fez Nicu se arrepiar. Ele apertou a mandíbula, abriu a porta e disparou através da soleira, batendo-a atrás dele.





CAPÍTULO TRINTA

PATIFE

Eu olhei para a porta fechada.

Eu olhei como se ele ainda estivesse lá.

No silêncio, repeti sua pergunta.

Por que você está fazendo isso?

A neve caiu lá fora, derretendo e chorando contra a janela. Nicu estava certo. O céu acordara e agora clamava por uma resposta.

Eu falei com a sala vazia. — Porque eu amo você.



CAPÍTULO TRINTA E UM

PATIFE

Sentei-me com o rosto esmagado na mesa, uma mão achatada contra a superfície, a outra segurando uma caneca. Ao meu redor flutuavam os grunhidos dos verdadeiramente desperdiçados, clientes inchados de cerveja e hidromel. Minhas orelhas pegaram a bebida chuviscando de um bico de cano e mergulhando em uma caneca.

Em algum lugar, os dedos de uma pessoa pulavam as cordas de um alaúde, tocando uma melodia alegre. Em outro lugar, os pratos tilintavam.

O fogo jorrava de uma lareira enquanto um par de botas batia no meu canto da taberna. Em vez de me esconder em um recanto, eu preferia me esconder ao ar livre. Além disso, o pessoal da cidade baixa tinha me visto frequentar a Garra de Penas e Ursos. Eles simplesmente não me viram tão inútil sem realmente tomar um gole primeiro.

Um pé chutou o banquinho de baixo de onde eu havia apoiado meu calcanhar. Minha perna caiu, minha bota batendo no chão de pedra. Olhando para cima, dei uma olhada e gemi, caindo de volta na mesa.

Ouvi ao invés de ver Aspen plantar sua bunda voluptuosa no banquinho. À minha frente, também ouvi o elegante deslize de outro assento sendo puxado para trás, os movimentos mais discretos. Ah, se não eram meus velhos amigos da colônia da casa na árvore, a garota da madeira e seu marido cavalheiresco. Eu teria perguntado como eles conseguiram me encontrar aqui, mas eu realmente não dava a mínima.

— Você vai beber isso? — Aspen perguntou.

Tirei meus dedos do cabo da caneca. — Seja minha convidada.

— Quantas destas você consumiu? — Perguntou a outra voz, rítmica e aérea como uma nuvem.

Levantando minha mão, apertei meu polegar e indicador, formando um zero. Para que Aspen zombou, mas acho que eles acreditaram em mim. Como uma mestra, essa mulher conhecia a mecânica da mentira e, como mestre da honestidade, seu cônjuge conhecia a essência de uma. Eu estava falando a verdade. Eu vim aqui para ficar com cara de merda, mas depois perdi a motivação para seguir adiante.

A maior parte do patrocínio era composta por caçadores, estudantes da academia e vendedores do mercado. Algumas pessoas falavam em voz baixa, falando sobre meus companheiros. A pele de Aspen realmente causou um rebuliço em Iradis. O mesmo aconteceu com o soldado de ouro com quem ela se casara, os traços de Aire e movimentos radicais que mereciam comentários.

Eles ignoraram a atenção, provavelmente acostumada, mas eu levantei meu rosto e olhei para os clientes, porque que porra eles estavam olhando?

Cabeças viraram para o outro lado. As conversas foram retomadas.

Eu peguei Aspen e Aire me olhando com surpresa. Eles não esperavam que eu os defendesse, hein?

Atrás de nós, um barman guardava um pano seco na barriga de uma xícara. Havia canecas penduradas em ganchos sobre o balcão e barris de coisas boas se projetavam da parede. O lugar era todo de madeira, exceto pelo chão de pedra.

O alaúde mudou para uma música agressivamente fantasiosa. Eu conhecia alguém que teria gostado da música. Alguém que gostaria de cantar junto.



Eu enfiei meus polegares nos meus olhos. De jeito nenhum eu deveria estar pensando nele, no que ele estava fazendo, se ele estivesse bem.

Se ele sentisse minha falta. Ou me desprezava.

Era melhor assim. Não estava prestes a refazer as razões.

Também não ajudaria a lembrar a noite passada. As horas em que eu tinha tudo o que eu sempre quis. O desafio lascivo em seus olhos, seu corpo esparramado embaixo de mim, oferecendo seu corpo lindo para minhas mãos, seus gritos de êxtase e aquele lugar doce dentro dele.

Eu já tinha fodido meninos antes. Mas isso não tinha sido foda.

Eu não tinha planejado terminar com isso. Eu tinha ido ao quarto dele, inflexível para salvar o que tínhamos, para corrigir o que o bobo da corte tinha me dito. Eu pretendia salvá-lo, consertá-lo.

Nicu se aproximou de mim, revelou o toco do brinco e me mostrou como me provar. Eu fiz amor com ele, acreditando que ainda podia dar o melhor de mim, acreditando que tinha algo valioso para dar. Compartilhar.

Mas talvez houvesse um motivo para eu manter minha boca fechada em sua cama. Talvez no fundo da minha mente eu não quisesse que ele se lembrasse de nada que eu não pudesse voltar mais tarde. Talvez parte de mim soubesse que eu iria ceder.

Eu não tinha dormido depois. Eu apenas assisti Nicu sonhar.

Na manhã seguinte, ele me encontrou na sala de poções. Ele estava corado, seu cabelo bagunçado preso em todas as direções e pura alegria em seu rosto. Eu o fiz parecer assim. E ele me deu um abraço para acabar com todos os abraços.

E então eu o quebrei. Novamente.

E então eu fui para uma sala vazia, depois que ele se afastou. Como o covarde, ele me acusou de ser. Como o covarde que eu era.





Afastei a memória e inspecionei meus camaradas. Aspen com seu chapéu de penas e um machado sem dúvida amarrado nas costas, debaixo da capa com capuz. Aire com o torso da envergadura e as duas espadas embainhadas sob a capa de Mista.

Como o armeiro mais exclusivo da história de Mista, e como o primeiro cavaleiro do Outono, eles não deveriam sair em turnê pelo arsenal por diversão?

Eu fiquei mais rabugento. — Você vai terminar minha cerveja ou não?

Aspen suspirou. — Lyrik...

— Não me chateie.

Aire se inclinou para frente. — Insulte minha esposa novamente, e eu irei levá-lo adiante.

— Cavalheiresco como sempre. Como o céu está olhando daquele alto acima de nós, meros mortais? Já viu algum arco-íris, macho alfa?

O punho da garota de madeira pousou em seu quadril. — Você tem algum histórico, imbecil.

— Se isso é sobre você sabe quem, você está perdendo tempo. Não há nada acontecendo.

— E ainda havia — Aire disparou, aqueles olhos azuis passando por mim. — E ainda há mais.

— Nós estávamos lá há três anos —, disse Aspen. — Algo aconteceu entre você e ele na colônia. Algo está acontecendo aqui também. E que algo está causando um monte de conversa. Não está fazendo nenhum bem a ele.

— Sim? — Eu cerrei. — Bem, eu também não estou fazendo nenhum bem. Acabou, viu? Acabou, então você pode parar a intervenção e me deixar em paz!



Os dedos do alaúde cambaleavam pelas cordas. Cabeças giraram em nosso caminho, depois giraram de volta para as placas do jantar.

Aspen e Aire me estudavam com uma mistura de ceticismo e nova curiosidade. Eu não conseguia entender o porquê - até que eu pudesse.

Ah, droga. Minha voz falhou.

— O que você está olhando? — Eu rosnei para os meus intrusos.

Algum tipo de compaixão chocou os olhos de Aire. Ele sabia - naquele momento, sabia o que eu sentia. E Aspen parecia saber também.

Não estou mais escondendo isso tão bem.

— Estações sagradas —, disse Aspen. — Eu te acusei uma vez, mas você realmente está apaixonado por ele.

— É por isso que você renunciou ao coração dele —, resumiu Aire. — Isso explica a mudança de vento que encontrei esta manhã. Você se considera indigno, o que remete a uma vergonha do passado - distante. É proveniente de fragmentos de seus primeiros anos.

Eu apontei para ele. — Você precisa parar de fazer isso.

Triste diversão cortou os cantos da boca de Aire; prestava muita atenção aos sinais da atmosfera, lendo o vento como um oráculo. Não apenas ele se parecia com uma ave de rapina, mas também tocava a alma das pessoas e se comunicava com cada rajada que passava. Juro pelas Estações, se ele não era clarividente, ele fazia um bom trabalho em enganar as pessoas.

Aspen se aproximou de mim. — Você o rejeitou mais de uma vez, Lyrik. Por quê?

— O que é isso para você?

— Ele é nosso amigo. E você também é. Mesmo se ainda quisermos dar um soco em você.

Quão emocionante. Chalaça pretendida.



Mas inferno, eu engoli o caroço se formando na minha garganta. Todos éramos amigos, uma vez. Na colônia da casa na árvore, tínhamos compartilhado histórias em torno de uma fogueira, no alto dos galhos de bordo e carvalhos. Eles já sabiam o pior de mim - a maior parte. É melhor preencher os espaços em branco.

Mexendo debaixo do meu casaco, eu tirei um frasco do meu cinturão e o tirei. O rei me amou por essa mistura em particular. Eu tinha dado a ele seu esconderijo pessoal, que ele certamente estava bebendo enquanto estava com Flare.

Certificando-me de que ninguém na vizinhança visse, adicionei três gotas à cerveja, que começou a chiar. Colocando o frasco de volta em seu lugar, bebi minha porção e depois balancei minha mão em direção à caneca. — De baixo para cima.

Quando os dois franziram a testa, meus olhos piscaram, indicando a multidão. — Confie em mim, está bem?

— Você está brincando. — Insistiu Aspen.

— Aww, estou machucado —, eu disse com uma cara séria. — Pelo amor de Deus, vocês querem ser ouvidos?

O cavaleiro me estudou, fazendo aquela coisa sensorial novamente. Ele deve ter concluído que eu não havia completado a bebida com um alucinógeno.

Além disso, acabei de baixar o conteúdo primeiro, não?

Aire pegou a caneca e consumiu sua parte, mas ele hesitou antes de passá-la para sua esposa. Aspen deu uma piscadela atrevida ao homem e aceitou o desafio. Ela jogou a cerveja para trás e bebeu.

Batendo a caneca, ela passou um braço pela boca. — Eu não provei a diferença.



— Você não deveria. — Eu disse a ela.

— Que chato. — Ela bufou.

— É uma poção vocal. Abafa o que você diz por cerca de uma hora, de modo que as únicas pessoas que podem ouvi-lo claramente são as que também bebem a bebida.

— Oh? — Aspen se animou. — É mais assim. E agora o que?

— Agora nós conversamos. — Eu disse.

— Não —, disse Aire. — Agora você fala.

Parecia certo. No Outono, eu compartilhei bastante com esse par, passei bastante com esse par. E percebi que, com base em suas próprias histórias, longe deles julgar. Aspen tinha pele de conto de fadas e uma tola nascida como uma mãe. Como viúvo, Aire estava familiarizado com a perda e tinha mais empatia do que eu jamais imaginara que uma pessoa tivesse - além de Nicu.

Então eu disse a eles o que não havia contado a ninguém, exceto o pássaro canoro.

Eu nem tinha dito uma palavra para Jeryn. Mas por que? O rei tinha uma doença mental própria, uma ligada a crises de pânico sempre que desencadeada. Ele tinha uma esposa enlouquecida, uma mulher propensa a feitiços ilusórios e ataques de temperamento, embora Flare realmente não mutilasse as pessoas.

Eu poderia ter dito ao rei antes. Eu poderia ter dito a Aire e Aspen antes.

Mas talvez eu estivesse esperando para contar a Nicu primeiro.

Enfim, eu confessei ao casal sobre meus pais. Meu pai e mãe. Verão e Inverno. Sua fuga, suas mortes, que levaram à vida em uma floresta na casa da árvore.

Derramar minhas tripas ficou cada vez mais fácil, mesmo se eu mantivesse meu olhar desviado. A lareira da taverna cuspia brasas, cinzas se acumulando nos ladrilhos.

— Entende? — Terminei. — Ele está melhor.

Nicu estava melhor.

Aire e Aspen foram astutos o suficiente para decifrar o resto. Eu e Nicu vivendo em duas estações diferentes, provenientes de duas famílias diferentes, nascidas de dois tipos diferentes de loucura - uma passiva e a outra cruel.

Lembrei-me esta manhã. A reação de Nicu na sala de poções foi ouvida por moradores do castelo, pessoas que o testemunharam entrar na câmara. Fofocas do caralho. Todo reino os possuía, mesmo a terra mais estudiosa de todas.

E, de acordo com o que Aspen havia dito, os moradores também foram rápidos em segurar a explosão de Nicu contra ele, outra razão para menosprezá-lo, acabando com o progresso social que ele havia feito ao cantar.

— Lyrik —, disse Aspen. — Você não se tornará como eles.

Eu bati minha cabeça em sua direção. — Nicu disse isso.

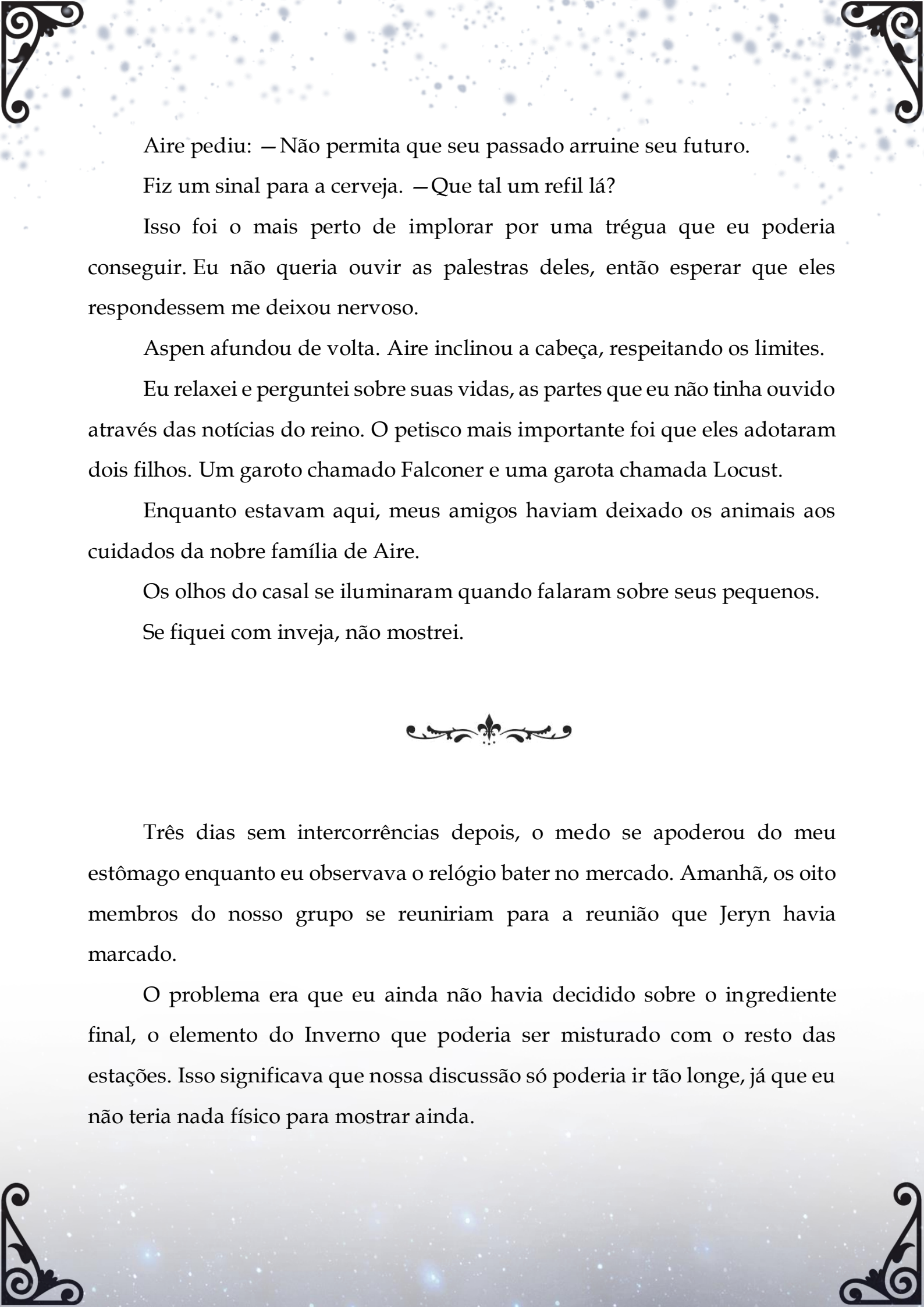
— Ele estava certo —, disse Aire. — Você deve saber que suas raízes são irrelevantes para o jovem.

Sim, elas eram.

O par me olhou sem piedade, mas com compreensão. Os olhos de Aspen ficaram nublados, já que ela sabia como era ter um parentesco com uma mente distorcida e doentia.

Sugando, ela jogou as mechas frisadas por cima do ombro. — Eu ainda estou brava com você por machucar Nicu. Eu também acho que você é um idiota fenomenal por deixar isso ficar entre vocês dois.

— Isso implicaria que você nos aprovasse. — Eu disse.



Aire pediu: — Não permita que seu passado arruine seu futuro.

Fiz um sinal para a cerveja. — Que tal um refil lá?

Isso foi o mais perto de implorar por uma trégua que eu poderia conseguir. Eu não queria ouvir as palestras deles, então esperar que eles respondessem me deixou nervoso.

Aspen afundou de volta. Aire inclinou a cabeça, respeitando os limites.

Eu relaxei e perguntei sobre suas vidas, as partes que eu não tinha ouvido através das notícias do reino. O petisco mais importante foi que eles adotaram dois filhos. Um garoto chamado Falconer e uma garota chamada Locust.

Enquanto estavam aqui, meus amigos haviam deixado os animais aos cuidados da nobre família de Aire.

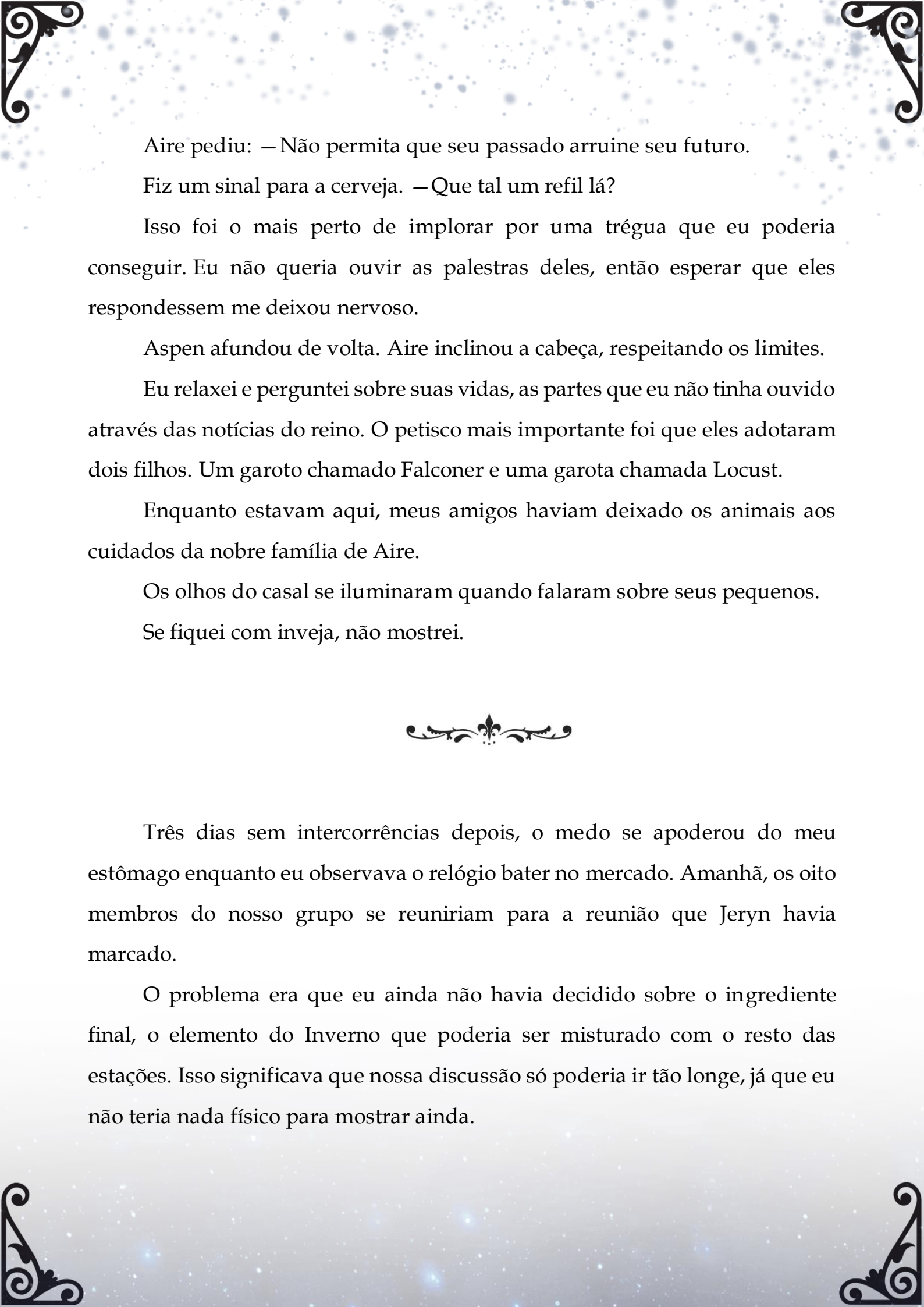
Os olhos do casal se iluminaram quando falaram sobre seus pequenos.

Se fiquei com inveja, não mostrei.



Três dias sem intercorrências depois, o medo se apoderou do meu estômago enquanto eu observava o relógio bater no mercado. Amanhã, os oito membros do nosso grupo se reuniriam para a reunião que Jeryn havia marcado.

O problema era que eu ainda não havia decidido sobre o ingrediente final, o elemento do Inverno que poderia ser misturado com o resto das estações. Isso significava que nossa discussão só poderia ir tão longe, já que eu não teria nada físico para mostrar ainda.



Pensei em meus pais mortos e no caos que eles haviam causado. Pensei em outros tolos que não fizeram nada errado. Pensei em séculos de intolerância, escravidão, ridículo.

Eu pensei em Nicu. Todo ele. Muito dele.

O ponto entre as minhas sobrancelhas se apertou. Eu não estava dormindo, não tinha apetite, não conseguia parar de lembrar. As ferramentas do meu ofício me cercavam: frascos translúcidos, taças ferventes e um mini caldeirão. Não lhes dei atenção, a menos que gere uma multidão, o que aconteceu em lotes.

Sem uma bebida especial para revelar, minha barraca foi reduzida a um espaço de demonstração rudimentar. Eu montei os vencedores e os favoritos, o que encantou as crianças. Elas se reuniam em grupos para me ver percorrer o básico de fazer um corante de fumaça - uma demonstração que eu havia escolhido porque estava me sentindo nostalgicamente macabro.

— Mostre-nos novamente! — Um garoto gritou.

— Por favor! — Obando chorou.

— Não sei —, eu brinquei. — Isso é coisa potente. Você pode lidar com isso?

Eles se aproximaram quando eu expliquei como funcionava. Tinha que admitir, ter uma audiência indisciplinada era a única parte divertida hoje à noite.

Durando apenas até que eu os vi. Enquanto destampava o frasco, meus olhos se desviaram e pousaram no par. Eles passeavam entre as ruas enfeitadas, embalando canecas que emitiam a fumaça saborosa de refresco.

Ele não trouxe sua cantina laranja.

Noel se inclinou e falou com Nicu, mas Nicu parou quando me viu. Eu juro, a distância diminuiu. No entanto, eu quase perdi o controle sobre o frasco.



O nobre não desperdiçou tempo preenchendo a lacuna que eu havia deixado. Ele prometeu o mesmo. Noel parecia apaixonado e vitorioso, com o vapor ondulando como um lábio da cidra.

Eu tinha ouvido algumas coisas de Aspen e Aire, arrancando deles enquanto agia como se eu não ligasse. Na verdade, eu só queria ter certeza de que Nicu estava sendo tratado corretamente. Ele e Noel fizeram um passeio de trenó até a Floresta de Pinheiros e visitaram um museu com a princesa e o bobo da corte do outono.

Ele apresentou Noel a seus pais.

Você pediu isso, idiota.

Ainda assim, Nicu passava a maior parte do tempo com Poet e Briar, explorando as bibliotecas com a mãe, patinando no gelo com o pai no lago congelado. Ele havia cantado canções de Iradis duas vezes no mercado para eles.

Nicu havia retomado sua animação rapidamente, diluindo a controvérsia sobre a nossa manhã na sala de poções. Na minha ausência, ele também não tinha me mencionado uma vez.

Ele ainda estava trabalhando em suas próprias canções? Ainda à procura de uma estrela que pudesse atender seu desejo e devolver sua inspiração?

As crianças choramingavam impacientemente. Mantendo meus olhos em Nicu, quebrei meu estupor e passei pelos movimentos. — Qualquer pessoa com um cérebro pode fazer corante de fumaça, vê? — Adicionei o conteúdo ao caldeirão. — É um aprimorador da atmosfera, mas o truque é dar vitalidade, permitindo iluminar o céu.

Rosa tingiu a área imediatamente. Pequenas mãos enluvadas estenderam-se, batendo os vapores enquanto suas famílias observavam com risadas.



Os olhos de Nicu brilharam com ressentimento. Ele murmurou algo para Noel, para o qual o nobre sorriu e o levou embora como se minha apresentação tivesse sido patética. Como se o pássaro não tivesse me conhecido.

O retiro deles ofereceu uma visão do perfil de Nicu. Sua orelha nua. Ele removeu.

Quando o mercado fechou, bati as portas da barraca. Girei a chave da cabine em volta do meu dígito, visualizando as cabeças do casal juntas, balançando como um conjunto de ornamentos. A neve pulverizava os cabelos da chuva suave que cobria a terra...

... cobrindo a terra.

Fiz uma pausa, meus dedos segurando o cadeado do estol enquanto as imagens se sobrepunham, uma interseção visual entre sabedoria e desejos.

Nicu no jardim de esculturas de gelo naquela primeira noite. Ele na Floresta de Pinheiros com Sussurro.

Nós na Floresta de Ferro, ultrapassando um alce, apanhado em uma nevasca. Nos escondemos em uma cabana vazia da Floresta Iluminada pelas Estrelas. Nos beijando na neve.

Sempre queda de neve, onde quer que estivéssemos. Em todos os lugares, então e agora.

O ingrediente que faltava no Inverno.

Agachado, tirei minha luva e enfiei meus dedos no branco. O que todas as florestas deste reino tinham em comum? O que todas as partes desta terra tinham em comum?

E o que a tornava mística?

Mais uma visão: Nicu esticando a cabeça na direção dos flocos de neve e dizendo: — As estrelas estão caindo.

— Eu serei amaldiçoado. — Eu disse em voz alta.



Levei minha bunda do mercado para a Floresta Iluminada pelas Estrelas e depois para a sala de poções, onde trabalhei a noite toda.

Na tarde seguinte, peguei minha bolsa e um saco, depois levei minha bunda da sala de poções para a sala de reuniões. Jeryn havia reservado a torre mais alta do castelo porque, ei, funcionava em histórias. Quando ficcionalizado, todo tipo de coisa acontecia na torre mais alta de um castelo.

Não que o rei veja dessa maneira.

As conferências já haviam ocorrido lá antes. Nesses momentos, a fortificação era muito elevada e muito fortemente protegida para que os infiltradores chegassem sem um plano b significativo. Ou uma corda comprida, habilidades de escalada mercenária e uma agenda de kamikaze.

Subir o saca-rolhas de etapas exigia sacrificar um pulmão, além de alguma cartilagem nos joelhos. Derrubando a esquina, da escada até as portas da sala de reuniões, eu finalmente diminuí a velocidade e ajeitei meus dedos nos meus cabelos ruins. Eu estava muito atrasado.

Parada ali, Dame Solstice notou meu atraso, seus traços andróginos se mexendo como uma ameixa. Como a Primeira-em-Comando, ela era o soldado raro em quem Jeryn confiava para guardar essa entrada.

Como segundo em comando, Sir Indigo colocou as portas com ela.

Ugh. Por que o rei investiu nesse imbecil?

Oh, certo. Ele salvou a vida de Jeryn uma vez, impedindo aquele assassino de decapitar o rei. No entanto, talvez Jeryn também tenha pensado em manter o soldado próximo, monitorá-lo e testá-lo. Como um inimigo em potencial.

Com certeza, eu não confiava no cavaleiro. O homem tinha rancor mais do que o nariz quebrado, e esse rancor tinha muito a ver com seu ódio por tolos. Além de tudo o que o Solstice já havia sugerido no arsenal, e o que Nicu sentira em Indigo durante seus encontros.

Este homem não era um idiota. Vendo a companhia se reunindo aqui - uma equipe curadora de simpatizantes da justiça social - não poderia ter sido uma tarefa árdua para ele fazer um resumo do tema da conferência. E o que quer que nosso grupo tenha alcançado nesta sala, ele não a apoiaria internamente.

A única outra pergunta que ele deve ter: O que eu tinha para oferecer esta convocação?

Solstice parecia apenas intrigada, enquanto Indigo parecia absolutamente hostil. O homem olhou para mim de sua posição, enquanto eu mantinha seu olhar enquanto passava.

— Mestiço. — Indigo cumprimentou.

— Idiota. — Eu cumprimentei de volta.

Eu abri as portas. Sete cabeças chicotearam em minha direção, minha entrada fazendo as chamas das velas se inclinarem e se inclinarem de suas mechas - e mexerem as camadas curtas dos cabelos de Nicu. Eu olhei para o fio errante, que havia se desviado da trança curvada em torno de sua orelha.

À sua carranca, saí e fechei a porta.

Aspen estava sentada na coxa de Aire, a saia de bolso caída sobre as pernas e as armas apoiadas no chão ao lado deles. Como sempre, a musculatura de Jeryn ocupava uma quantidade monumental de espaço, sobrecarregando seu assento, enquanto o tamanho pequeno de Flare preenchia uma borda alta da janela acima dele, um dos membros dela pendurado sobre os ombros, emaranhando com sua juba azul.

A princesa Briar se endireitou ao lado de Poet, que estava deitado com uma perna apoiada no braço da cadeira, uma mão enroscada na de Briar. Forrado em tinta preta, seus olhos verdes pegaram os meus. — O que é esse inverno infernal?

— Seu dia de sorte. — Eu demorei.

— É uma mudança da maré. — Supôs Aire.

Uma maré alta, Flare murmurou.

— Como afirmei anteriormente —, Jeryn lembrou ao grupo, — a presença de Lyrik é fundamental.

Dei de ombros. — Como eu disse. Dia de sorte.

— No entanto, nesta maré, devo confiar —, o bobo da corte começou, sua rima inspirando um suspiro do lado do rei do Inverno na sala. — Se eu tiver que coexistir com esse vândalo, vou precisar de um suporte. Considere isso meu mecanismo de enfrentamento.

— Poet, quantas vezes Briar te contou? — Aspen brincou. — Quando estiver participando de uma reunião secreta, prepare-se para o estresse com antecedência e traga suas bolas de malabarismo.

— Não são essas —, ele discordou. — Minhas bolas seriam muita distração para o resto de vocês.

— Seriamente? — A garota da madeira perguntou. — Você realmente fez uma mala?

O bobo da corte estalou a língua. — Tantos trocadilhos lisonjeiros. Infelizmente, meu filho está aqui.

Jeryn franziu o cenho para ele. — Se você precisar de um mecanismo de enfrentamento, devo convocar um espelho? Isso basta?

Briar esclareceu: — Poet precisa de um suporte que gire facilmente.

— Seu intelecto não é suficiente? — Jeryn recusou.

Poet piscou. — Não, mas sua paciência é.

Eu apontei para ele com os dois dedos indicadores. — Se ele conseguir fazer malabarismos — eu apontei para mim mesmo com os dois polegares. — então eu vou sair para fumar. Combinado?

— Realmente? — O bobo da corte fingiu emoção. — Quanto tempo você vai embora?

— Tempo suficiente para você substituir suas bolas.

— Voltarei com algumas adagas antes que você perceba. — Prometeu.

Jeryn gritou para nós dois: — Pela primeira vez em suas vidas, não desviem a todos. Estamos aqui para nos concentrarmos.

Poet perdeu o humor. — Para que fim, eu me pergunto.

— Lyrik está aqui para preparar um sonho. — Nicu murmurou.

Isso silenciou a todos, mas ele não explicou mais. Ele olhou para longe como se não pudesse se incomodar comigo. Eu não acho que nenhum de nós o tenha visto tão morno durante uma reunião antes.

Eu balancei a cabeça para Jeryn, confirmando que tinha encontrado o que precisava. Seus olhos negros refletiam orgulho, sabendo que eu poderia fazer isso.

Como Nicu sabia.

Senti muitas coisas fervendo e depois me libertando. Chame de destilação.

Considerando que Indigo estava vigiando do lado de fora, eu entendi por que Jeryn havia pedido que eu trouxesse minha poção de silêncio aqui. Se ele depositou fé naquele soldado ou não, o rei não estava acima de tomar precauções extras. Ofereci a todos os montões da bebida, o coquetel que dividi com Aspen e Aire na taverna. Podemos estar aqui por um tempo, então



precisaríamos reabastecer nossas xícaras do aparador de bebidas, mas pelo menos não seríamos ouvidos, exceto entre nós.

Nós bebemos. Então, iríamos aos negócios.

No centro da sala havia uma mesa, esculpida na forma de um losango, cada ponta apontando para o norte, sul, leste ou oeste. Cada símbolo da Primavera, Verão, Outono e Inverno havia sido gravado em sua lança designada, indicando a localização geográfica dos reinos, enquanto o chão fora pintado em uma réplica de um mapa do mundo, representado em escala o anel das quatro estações.

Escovando o polegar sobre o joelho de Flare, Jeryn se levantou enquanto pulava do peitoril. O casal se mudou para a mesa, onde o rei pousou as mãos na superfície. — No tempo de Poet e Briar, um reino se rebelou. No meu tempo com Flare, dois reinos se tornaram aliados, enquanto um terceiro começou a capitular sob a influência da arte de minha esposa. No tempo de Aspen e Aire, a maioria dos cidadãos começou a mudar para uma nova maneira de pensar, abordando a lacuna entre integração e segregação. É um estado de coisas sem um fim previsível, mas também não sem a sua parcela de progresso até agora.

Sua voz de barítono tinha uma ponta afiada. — Neste momento, Verão está prestes a se juntar a nós, uma façanha que nunca pensamos ver acontecer. Isso deixa Primavera; estamos atingindo um marco, nos aproximando de outro turno. Eu proporia o momento mais promissor do que nunca para nossos sucessos virem à tona.

Os pensamentos de Aire dispararam. — Seu discurso é de unidade, de um propósito que envolve colaboração.

— De todos vocês. — Disse o rei, apontando-me para a mesa.





Eu me levantei no topo da superfície, abri a aba do casaco e soltei um frasco do meu cinturão. Coloquei o recipiente no chão, o verde vibrante brilhando dentro do frasco.

O grupo começou a se endireitar, trocando olhares.

Nicu lutou para manter o olhar desviado, mas seus olhos voaram para a mistura.

Meu batimento cardíaco acelerou. Nós gastamos tanto tempo pensando sobre isso, e aqui estava a manifestação disso. Quando terminei essa mistura, não queria nada além de contar a ele, mas perdi esse privilégio.

Poet largou a perna do braço da cadeira e se inclinou para frente. Briar ficou de pé e se aproximou, a barra do vestido de caxemira balançando, as mãos cruzadas ordenadamente na frente dela. Ela inspecionou o frasco com confusão, suas sardas enrugando.

Deixe que a princesa estudiosa reconheça a consistência do fluido. — Perdoe-me, mas isso é tinta?

Eu contei meus dedos. — Pétalas da Floresta Floral da Primavera. Areia da Ilha de Chuva Perdida do Verão. Nozes da colônia da casa da árvore de conto de fadas do Outono. E neve da Floresta Estrelada do Inverno.

A cabeça de Nicu virou em minha direção. Eu poderia ter coletado uma amostra de qualquer lugar, poderia ter coletado aos meus pés no mercado. Mas eu queria que isso viesse de algum lugar onde uma vez eu experimentei uma luz brilhante.

Nós tivemos nosso primeiro beijo lá.

— É uma composição fundida em tinta, com todos os benefícios de uma poção. — Eu disse.

— Uma mistura de Estações. — Jeryn forneceu.

Uma invenção, disse Flare, que seu marido repetiu para nós.



Aspen se aproximou, a pena em seu chapéu tremendo. — Então, para que serve? Falsificação?

— Caramba —, eu disse. — Nunca pensei nisso, mas obrigado pela dica.

— Não mencione isso.

O grupo se aglomerou ao redor da mesa de losango enquanto eu retirava as necessidades: folhas de papel da minha mochila, além de um frasco de pó de inverno, uma forma mais avançada de iluminação de fogo do que as outras estações usadas.

Como um idiota, eu tinha esquecido uma pena. Aspen obrigou, entregando a pluma do chapéu. Mergulhando na tinta, rabisquei a palavra *Sonho* na página, o líquido verde penetrando.

— A tinta cria um revestimento resistente. — Usando o pó de inverno, acendi a folha com uma chama e todos assistimos o papel continuar queimando e queimando, permanecendo intacto.

Eu apaguei o fogo. — Qualquer documento que esta tinta toque não pode ser desmontado, nem pelo fogo nem pela água. Desfiado, sim. Mas estou trabalhando nisso.

— É para ser usado em um manifesto —, previu Aire. — Um acordo.

— Ele vincula as quatro estações em uma promessa, como qualquer documento faria, exceto quando terminar de misturar a bebida certa, será totalmente impenetrável. Quer conhecer o outro argumento decisivo? A tinta não aparecerá na página a menos que seus escritores e signatários sejam genuínos em sua promessa. O fluido pode detectar uma falsidade.

Aspen comentou: — Eu tenho um nariz que pode fazer a mesma coisa.

É mágico, disse Flare.

— É a natureza. — Disse Aire.

— Tinta —, comentou Poet. — Agora isso é uma arma poderosa.

— Com que intenção? — Briar perguntou.

Como o único retardatário, Nicu finalmente se juntou a nós na mesa. — Preparar um sonho, é escrever um sonho.

— Um novo decreto. — Afirmou Jeryn.

— Para substituir o decreto dos tolos. — Disse Nicu, ganhando olhares estupefatos.

Jeryn, Nicu e eu explicamos como isso aconteceu. A busca por um desejo e sabedoria. Para uma voz e conhecimento.

O sonho de Nicu de sua canção de infância sobre as Estações. Minha ideia, que decorreu disso. Os mensageiros da coruja, enviados para solicitar os ingredientes.

Uma poção para unificar os reinos. Poderíamos usar a tinta para elaborar um acordo que unisse as estações do ano, um decreto dedicado à igualdade e à tolerância. Uma nova era.

Mesmo assim, levaria mais tempo do que o tempo de nossa vida para realizar uma mudança coletiva, mas isso seria uma declaração de intenção por escrito, com as quatro estações do ano de acordo. Pressionado por seu povo, Verão estava prestes a sucumbir - um choque, considerando os sentimentos do rei Rhys e da rainha Giselle sobre os tolos. Mas a arte da areia de Flare conquistara seus súditos de uma maneira sem precedentes, forçando a monarquia a criar um par.

Com mais tempo, a Primavera poderia ser convencida, especialmente porque o reino voador não gostaria de ficar sozinho.

Um novo decreto para suplantar o comércio de tolos. Um documento assinado apenas por quem quis dizer o que prometeu. Um documento impossível de desfazer.

Em uma escala micro, planejei expor a tinta no mercado.

Em uma escala macro, Jeryn planejara apresentar o edito a seus conselheiros, depois a seus colegas monarcas das estações, individualmente ou nas conversações de paz.

—Lyrik, isso é incrível —, disse Aspen, depois brincou: —Eu sabia que você era bom para alguma coisa.

—As bolotas de nozes trabalharam mais do que eu —, eu disse a ela. — Obrigado por aquelas, a propósito.

Briar perguntou: —Quem deve compor este decreto?

—Estamos —, presumiu Poeta. —Venha agora, não fomos convidados para esta reunião apenas por causa de nossa beleza.

—Correto. — Disse Jeryn, porque com a chegada desse grupo inesperado, ele chegou a uma conclusão atualizada sobre a composição de um rascunho inicial de documento.

Ele considerou os componentes de nossas personalidades, o que cada um de nós tinha a oferecer separadamente e como uma unidade: diversidade.

Plebeus. Nobres. Líderes. Artistas. Cientistas. Defensores.

Tolos nascidos e tolos ainda maiores. A herança de cada estação.

E todas as pessoas nesta sala sabiam girar palavras, de nossos modos distintos. Todas as pessoas nesta sala tinham experiência pessoal com tolice. Todos tinham a capacidade de contribuir para essa visão única.

Sagacidade. Razão. Imaginação. Intuição. Verdade. Medo. Esperança.

Objecções e dúvidas foram manifestadas. Possibilidades também.

Jeryn aceitou uma folha de pergaminho de mim, além da pena de pena de Aspen. —Todos devemos concordar.

—Hmm. — Poeta apertou o queixo. —E como chamaremos esse decreto? Eu-

—Não termine essa frase. — Advertiu o rei.

O bobo da corte estendeu os braços. — Por favor, onde está a loucura no decreto dos tolos?

— Ele conhece você muito bem. — Disse Briar a seu amante.

— Bem. Nicu decidirá qual de nós se qualifica melhor para nomear o documento. Diga-nos, meu resplandecente descendente. Quem é a pessoa mais inteligente nesta sala?

Cabeças se voltaram para Nicu, todos olhando-o atentamente, levando a pergunta muito a sério. A princesa política. O bobo da corte astuto. O rei científico. O explorador marítimo. O mentiroso ardiloso. O cavaleiro intuitivo. Ou eu, o patife explorador.

Quem era o mais inteligente desse lote?

Nicu cruzou os braços. — Eu sou.

O bobo da corte sorriu. — Esse é o meu garoto.

Eu senti meus lábios subirem. A resposta do pássaro canoro não poderia ter sido mais precisa.

O rascunho se expandiu, todos nós reunidos em torno do folheto e oferecendo nossos pensamentos, nossas perspectivas, nossas ideias. Nossas próprias interpretações.

Poet escreveu uma linha. Briar acrescentou outra linha. Aire descreditou a legitimidade de uma passagem, que Jeryn editou. Aspen torceu as palavras de outra frase, criando uma brecha, que Briar verificou. Nicu ofereceu uma seleção de opções de palavras incomuns. Eu apontei ironias, que Poet embelezou com verso.

Mais pergaminho. Mais rascunhos.

E então reescrevemos uma versão limpa. Mas desta vez, Flare desenhou uma imagem para incluir o texto: um frasco de tinta cheio de pétalas, areia, bolotas de noz e neve. Na parte inferior do pergaminho, nossos nomes foram



listados como arquitetos, seguidos por espaços em branco para cada Coroa das Estações assinar.

O decreto dos sonhos.

Ainda não era a encarnação final, mas Jeryn praticou a inscrição de seu nome para Inverno, a tinta verde detectando sua sinceridade e sangrando no papel. Como Flare não era sua esposa pública, ela se absteve de assinar com ele, que abaixou os lábios do rei como uma âncora.

Briar disse que sua mãe rainha certamente concordaria. E com alguma esperança, Verão e Primavera assinariam mais tarde.

Outro momento de silêncio prevaleceu enquanto olhamos para o documento, nossos dedos salpicados de líquido verde.

Aspen fez beicinho em seus dedos de madeira. — Eu vou ter que lustrar isso.

— Eu preciso de uma bebida. — Ru disse, jogando a pena.

— Muito bem. — Disse Jeryn, colocando a mão no meu ombro.

Eu bati minha cabeça em alguém. — Eu tinha um parceiro insubstituível.

O olhar de Nicu levantou para o meu, mas não em gratidão.

Eu peguei a íris de Poet cortando em minha direção. Então eu peguei a cabeça de Briar balançando entre nós.

Ainda mais revelador, Nicu fez o mesmo. Ele não sabia da visita de Poet à minha sala de poções, mas aposto que ele estava recebendo agora, junto com sua mãe, que encarou seu amante com um olhar acusador.

Até então, eu já tinha feito isso com discrição. Enquanto todos se despediam, eu me inclinei contra uma parede, fingindo olhar para a extensão de picos alpinos pelas janelas.





Quando Nicu passou por mim, estendi a mão. Meus dedos varreram a manga de sua camisa, tingiram a cor de erva-doce. Ele endureceu, lançando minha mão um olhar impermeável até eu me afastar.

Na minha periferia, notei a princesa conduzindo um malabarista protetor da cena, sussurrando para ele em tom de comando. Mentalmente, agradei à mulher por isso.

Eles foram os últimos a sair, além de mim e seu filho. Meu olhar voltou para Nicu, que deve ter percebido a troca silenciosa. Seu olhar saltou de seu pai de volta para mim, algo surgindo nele. Aquelas íris brilharam, conectando os pontos com suspeita.

Ele conhecia o pai. Ele me conhecia.

Eu poderia ter me preocupado, mas eu tinha outros incômodos em minha mente. Ou seja, um pretendente nobre em particular. — Você está feliz como laranja com ele? — Eu perguntei.

— Enquanto os sóis e as luas circularem, eu estarei. — Nicu esperou por uma reação e, quando meus sentimentos não se pronunciaram, ele olhou implacavelmente. — Você estava certo. Eu mereço mais.

Eu senti essas palavras rasparem na minha caixa torácica. — Bom.

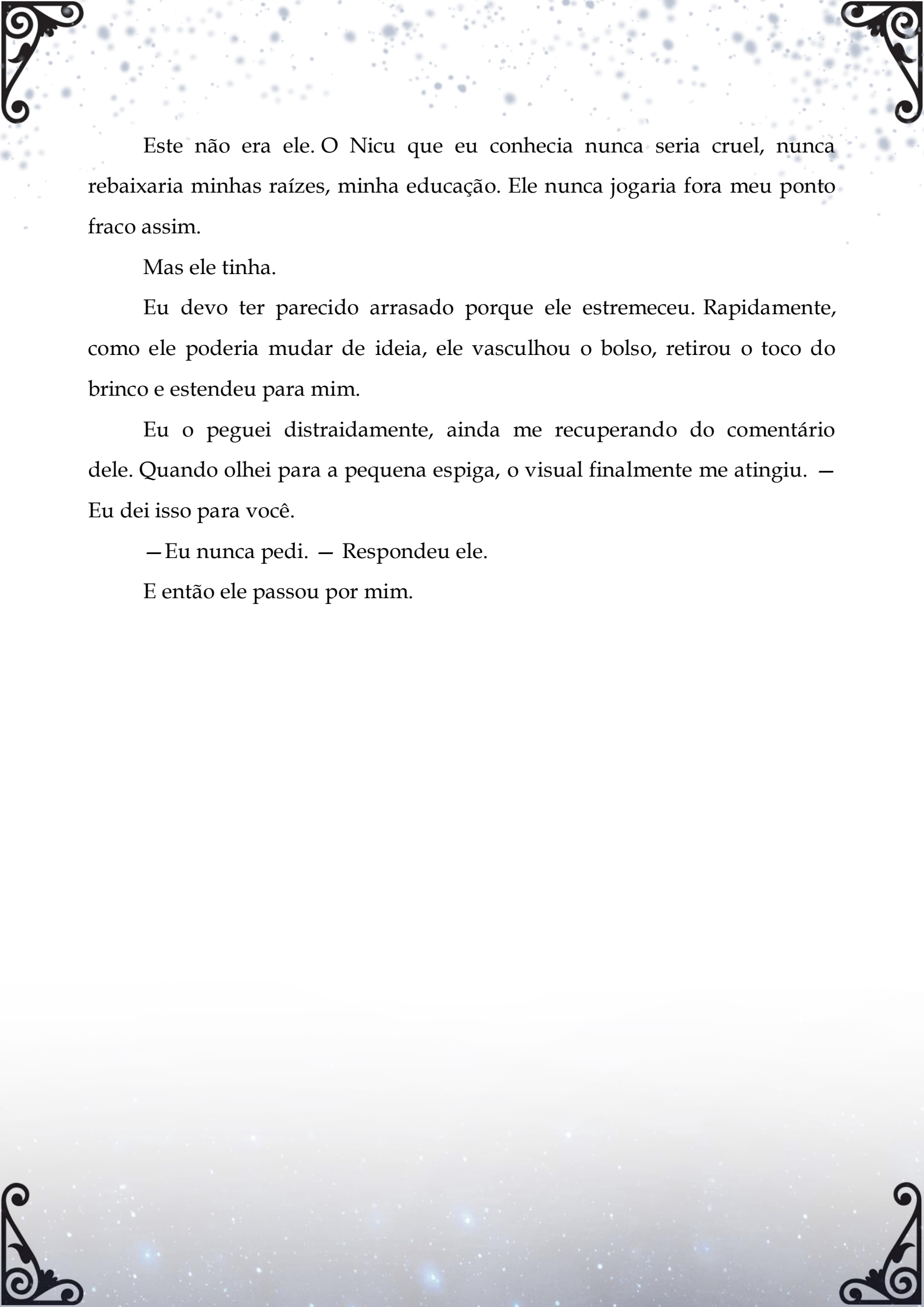
— Bom. — Ele repetiu.

— Tudo bem. — Eu disse.

— Tudo bem —, disse ele. — Porque Noel é perfeito. Ele não vai me deixar. — Sua voz implacável gelou. — Não há nada para se envergonhar em escolhê-lo.

Um tiro direto no peito. Ele poderia muito bem ter me esfaqueado com um pingente de gelo.





Este não era ele. O Nicu que eu conhecia nunca seria cruel, nunca rebaixaria minhas raízes, minha educação. Ele nunca jogaria fora meu ponto fraco assim.

Mas ele tinha.

Eu devo ter parecido arrasado porque ele estremeceu. Rapidamente, como ele poderia mudar de ideia, ele vasculhou o bolso, retirou o toco do brinco e estendeu para mim.

Eu o peguei distraidamente, ainda me recuperando do comentário dele. Quando olhei para a pequena espiga, o visual finalmente me atingiu. — Eu dei isso para você.

— Eu nunca pedi. — Respondeu ele.

E então ele passou por mim.



CAPÍTULO TRINTA E DOIS

PASSARO CANORO

Ele fez uma pausa.

Ele fez uma pausa, porque teve que fazer uma pausa, porque precisava fazer uma pausa.

No corredor do lado de fora de seus aposentos, ele apertou o estômago e se inclinou enquanto a dor mastigava seu interior. Seu guarda-costas se preocupou com ele, perguntando se ele estava doente. Ele precisava de assessor? Um médico?

— Deixe-me em paz — Nicu ofegou.

O guarda invadiu a seu lado enquanto Nicu lutava para se orientar. O que ele acabara de dizer a Lyrik? Por que ele disse essas coisas?

Porque ele queria ferir o explorador, ferir-lhe algo horrível, algo terrível. Em vez de comemorar, a bile subiu pela garganta de Nicu. Ele caiu, cortando nada, arfando.

Por fim, o ataque terminou, deixando Nicu cansado, meio que cansado.

Os aposentos de seus pais ficava em frente ao seu. Acariciando sua pulseira escarlate, Nicu desviou para a suíte, deixando o guarda para trás.

Entrando, ele parou atrás de uma cortina. Vozes ecoaram de... ele olhou para as serpentinas coloridas que haviam sido instaladas recentemente... da sala de estar. Era onde seus pais estavam.

— O que você fez, Bobo? — Sua mãe exigiu.

— Não era nada que o explorador não esperava —, respondeu seu pai. —

A propósito, você já fez sua parte justa de lamentar o malicioso. Não me diga que você mudou de ideia apenas por causa de seus truques químicos.

— Ele e Nicu colaboraram para o bem maior.

— Essa é a princesa cívica em você falando, não a mãe.

— E este é o idiota extravagante em você falando, não o pai.

— Ah, eu amo tanto quando brigamos.

— Poet-

— Bem, pelo menos você está me chamando pelo meu nome agora.

Nicu agarrou a cortina, sentindo a boca entreaberta enquanto repassava os olhares cáusticos entre seu pai e Lyrik. Na reunião, eles trocaram olhares como se não tivesse sido o primeiro cabo de guerra, como se já tivessem discutido antes.

Seu pai havia conversado com Lyrik?

Antes ou depois do patife partir o coração de Nicu?

Sua mãe lecionou: — Você deveria ser mais caridoso com o explorador, tendo estado em sua posição uma vez. Pelo que me lembro, minha mãe também não gostava muito de você. Não no começo.

— Isso é porque ela não tinha me visto andar de roda ainda. — Brincou seu pai.

Após outro soluço de silêncio, eles riram com relutância. Embora a mãe dele ainda parecesse irritada, ela também parecia perdoadora.

Mas não foi isso que Nicu sentiu. Eles estavam falando sobre Lyrik, falando sobre detalhes que Nicu deveria saber, mas não sabia. Ele não gostou disso.

A briga deles havia lhe dado muitos petiscos, de modo que ele entendeu o suficiente, entendeu que seu pai havia encurralado Lyrik, dito coisas - possivelmente coisas desagradáveis. Coisas nascidas de amor por Nicu, mas ainda coisas nascidas de raiva.

Não era para o papai dizer nada.

Nicu passou pela cortina e entrou na câmara. — O que você disse a ele?
— Ele gritou.

Seus pais giraram, quebrando o abraço ao lado de uma tela de vestir. Atônita, mamãe se apressou em direção a Nicu, segurando seus ombros suavemente enquanto ele se contorcia. — Nicu, você deve entender...

— Pare de me proteger! — Ele gritou para seu pai. — Eu não preciso mais disso!

— Você está pedindo o impossível. — Disse o pai.

— *Impossível não é impossível. É uma ilusão, pois todos os assuntos podem mudar.*

— Besteira —, disse o pai, coçando o colarinho. — Cite-me como quiser, por mais que pareça infinitamente mais elaborado do que isso - e caramba, por que o Inverno me dá coceira?

— Talvez seja sua consciência lhe dando colmeias. — Repreendeu mamãe.

Papai deixou cair o braço. — Ora, amados! Você está se juntando a mim? Nicu, você não canta há três anos - ele precisava saber disso. E enquanto eu estava nisso, eu poderia ter embelezado meus sentimentos por ele marcar meu filho.

Nicu torceu o rosto, os dedos voando para o lado do pescoço. — Aspen disse a você, é uma mordida de amor. Você os dá à mamãe o tempo todo.

— Senhores, acalmem-se. — Mamãe ordenou.

—Esta é a minha história, não a sua! — Nicu chorou. —É o meu batimento cardíaco!

—Precisamente! — Papai argumentou, seu teor pegajoso de animosidade. —É com o coração que me preocupo, Nicu. Para o inferno com ele!

—Você não sabe-

—O suficiente! — Sua mãe resmungou, acalmando-os.

Ela pegou a mão de Nicu e o arrastou através da sala. Deixando-o ir, ela fez o mesmo com o pai, até que eles ficaram juntos. Eles tentaram gritar novamente, mas ela levantou a mão, cortando-as. —Eu disse, chega de birra. Eu estou cansada disso. Vocês se amam mais do que qualquer coisa. Como a mulher que ama os dois em igual medida, e como sua princesa - sua soberana - eu ordeno que vocês se reconciliem.

Ela ficou entre eles, erguendo as sobrancelhas, fazendo Nicu e seu pai arrastarem os pés. De repente, o rosto de papai se contorceu, suor escorrendo pela testa. Seus dedos esfregaram seu estômago, então ele se afastou.

As sardas da mamãe enrugaram. —Poet?

Ele não disse nada, mas ele parecia estranho. Nicu não sabia dizer o porquê e começou a se mover em direção ao pai, que engoliu em seco a irritação que incomodava sua barriga.

Papai agarrou Nicu e apertou a testa, algo que ele costumava fazer quando Nicu era um idiota. —Eu sou seu pai e *amo* você —, ele sussurrou. — Eu nunca quis ofender, nem tirar suas escolhas. Eu pretendia apenas mantê-lo seguro, como fiz durante toda a sua vida. Essa é minha distinção, mas, infelizmente, é minha fraqueza. Protegerei você e sua mãe até o meu último suspiro.



Mamãe e papai sempre foram seus cobertores, seus confortos. Lembrou-se da briga dos travesseiros quando tinha cinco anos, as penas voando por todo o quarto. E ele se lembrou da briga de comida no grande salão, com molho de maçã manchando o rosto.

E Nicu lembrou-se do papai bobo da corte recitando poemas até que Nicu dormisse, e lembrou-se de acordar aninhado entre seus pais, e lembrou-se de sua princesa lendo para ele ao amanhecer.

E ele se lembrou de suas piadas e manifestos particulares. E ele se lembrou de todas as conversas, de todas as lágrimas. E ele se lembrou de todos os anos da família deles, amarrados como uma fita.

Papai exalou. — Ele machucou você, Nicu.

Os olhos de Nicu lacrimejaram. — Você machucou uma vez mamãe e ela uma vez machucou você, mas você ainda usa fitas. — A memória do esboço do brinco ressurgiu. — E eu o machuquei também.

Nicu se afastou e saiu da sala. E eles o deixaram ir.

E, quando não encontrou paz em seu quarto de dormir, juntou-se e entrou pela porta secreta, o tempo todo pensando em ser protegido, ser ridicularizado, ser julgado, procurado, indesejável.

Descendo a escada, ele pensou em ter escolhas, fazer escolhas, ter desejos, fazer desejos. Isso o tornou humano, não é? Como todo mundo?

Seu pai não tinha sido protetor porque Nicu era um simplório, mas porque Nicu era seu filho. Lyrik não tinha quebrado o coração porque Nicu não era normal. Lyrik havia partido seu coração porque o explorador se sentia anormal, vil por ter as linhas de sangue da tolice.

Sempre se resumia em tolices. Porque as pessoas neste mundo fizeram isso. Mas todas as almas não nasciam com leveza e escuridão? Isso não era



humano? Isso não era natural? Ele não era como todas as outras criaturas do mundo?

Quais seres eram da natureza? Quais não eram?

Quais pedaços da natureza concediam sabedoria? Quais desejos eram atendidos?

Talvez nenhum, talvez tudo. Ele nunca encontrou a estrela lendária, nunca fez seu desejo. Porque talvez essa estrela fosse apenas uma lenda, e talvez ele não precisasse que fosse mais. Ou talvez essa estrela realmente existisse, mas não onde ele esperava descobri-la - não no céu.

Talvez *ele* fosse sua própria estrela.

Talvez *ele* tivesse o poder de conceder seus próprios desejos.

Ele rastejou pelo túnel enquanto refletia sobre isso, sobre ser tolo, normal e sobre as discrepâncias. A maioria - não todos, mas a maioria - pensava que os tolos nasciam selvagens, absurdos ou inúteis.

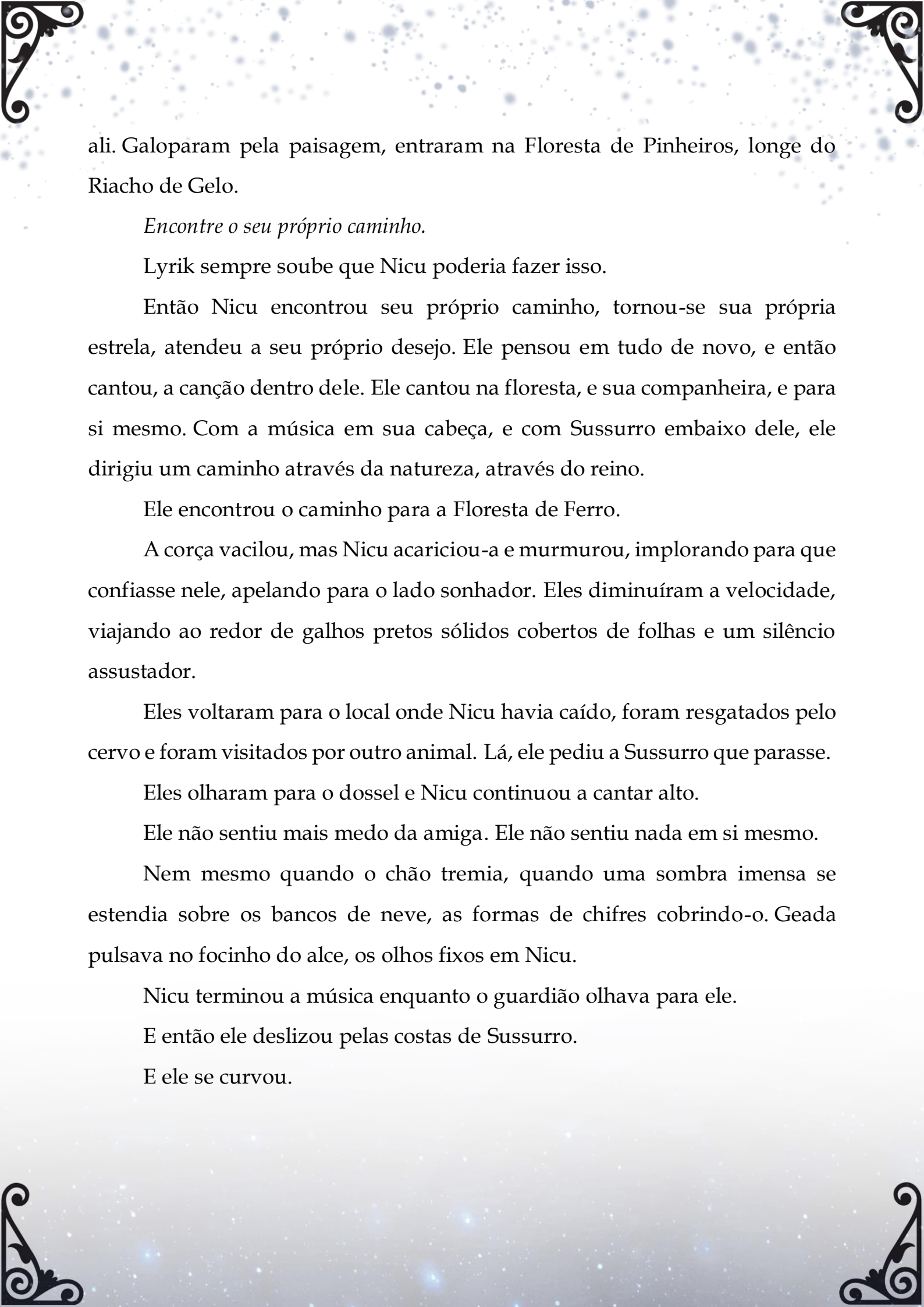
Nicu poderia se perder e fugir, mas não era inútil. E ele nem sempre estava perdido.

Ao sair da passagem, a neve o atingiu no rosto e ele respirou o ar aberto das sempre-vivas.

...ouça-me cantarolar, e você saberá onde estou.

Ele cantou baixinho até que um cúmplice se aproximou dele com membros esticados, com uma pelagem de pelos amarronzados. —Sussurro. — Disse ele.

O cervo acariciou seu rosto. Pulando de costas, ele confidenciou para onde queria ir, e ela correu adiante, levantando a terra empoeirada. O vento brincava com seus cabelos quando eles voavam do castelo, passando furtivamente pelo portão privado, pelos sentinelas estacionados



ali. Galoparam pela paisagem, entraram na Floresta de Pinheiros, longe do Riacho de Gelo.

Encontre o seu próprio caminho.

Lyrik sempre soube que Nicu poderia fazer isso.

Então Nicu encontrou seu próprio caminho, tornou-se sua própria estrela, atendeu a seu próprio desejo. Ele pensou em tudo de novo, e então cantou, a canção dentro dele. Ele cantou na floresta, e sua companheira, e para si mesmo. Com a música em sua cabeça, e com Sussurro embaixo dele, ele dirigiu um caminho através da natureza, através do reino.

Ele encontrou o caminho para a Floresta de Ferro.

A corça vacilou, mas Nicu acariciou-a e murmurou, implorando para que confiasse nele, apelando para o lado sonhador. Eles diminuíram a velocidade, viajando ao redor de galhos pretos sólidos cobertos de folhas e um silêncio assustador.

Eles voltaram para o local onde Nicu havia caído, foram resgatados pelo cervo e foram visitados por outro animal. Lá, ele pediu a Sussurro que parasse.

Eles olharam para o dossel e Nicu continuou a cantar alto.

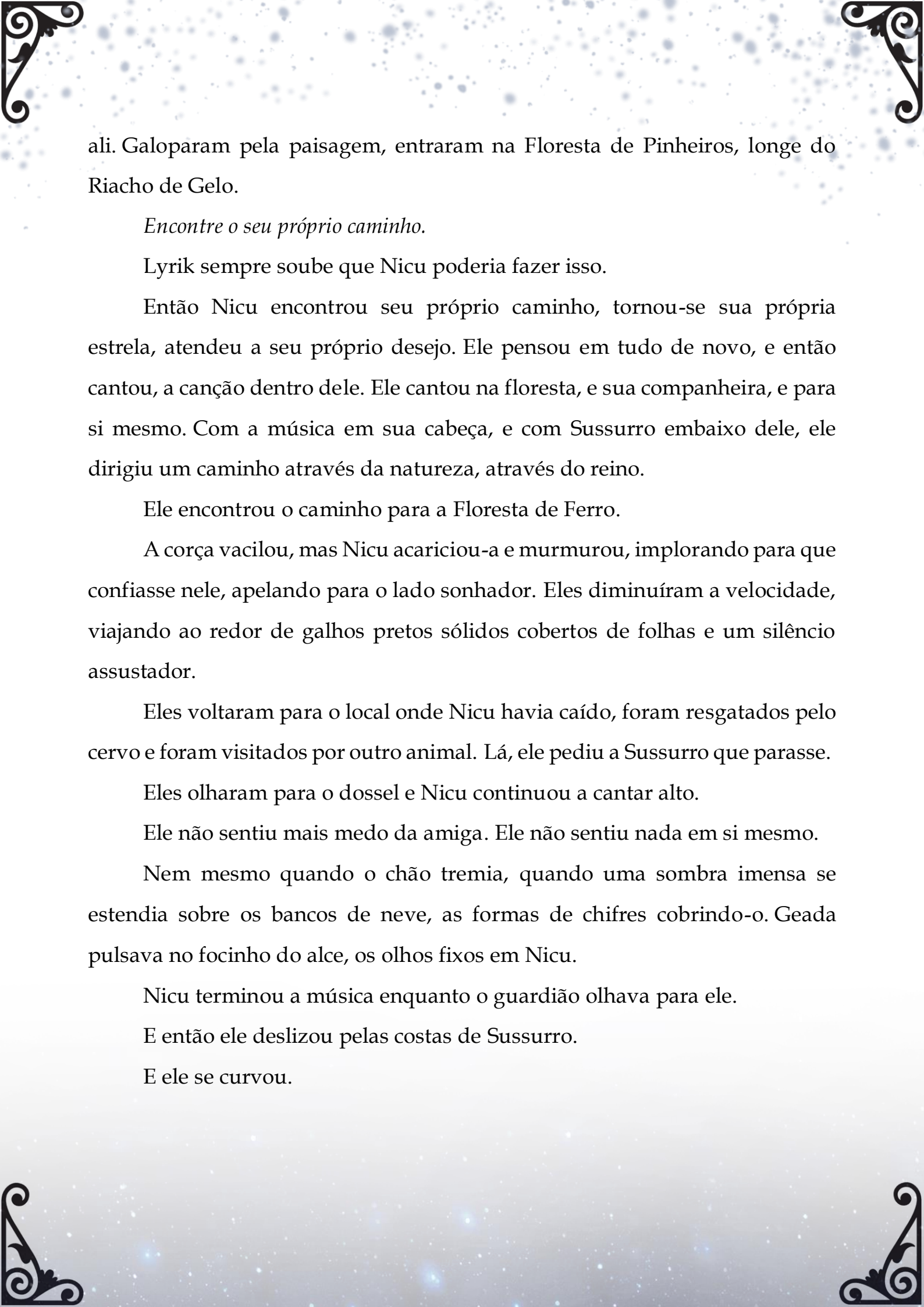
Ele não sentiu mais medo da amiga. Ele não sentiu nada em si mesmo.

Nem mesmo quando o chão tremia, quando uma sombra imensa se estendia sobre os bancos de neve, as formas de chifres cobrindo-o. Geada pulsava no focinho do alce, os olhos fixos em Nicu.

Nicu terminou a música enquanto o guardião olhava para ele.

E então ele deslizou pelas costas de Sussurro.

E ele se curvou.



CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

PATIFE

—Onde está Nicu? — Aspen perguntou.

Na sala de estudos de química, a garota da madeira e seu cavaleiro me flanquearam, enquanto meu ombro cedia contra uma parede com painéis de couro. —O que faz você pensar que eu sei?

—Não brinque burro inteligente. — Disse ela.

—Você escolheu o reino errado para esse pré-requisito. — Comentei.

—Você conhece todos os seus movimentos desde a colônia da casa na árvore. — Contestou Aire.

—Sim? Sobre isso. Eu não sou o guardião do pássaro canoro, viu?

Virei-me para uma prateleira de tinteiro e empurrei os vasos para o lado com mais força do que o necessário. Rostos estudiosos aleatórios se lançaram em direção ao barulho com reprovação.

Tanto faz. Eu não estava com disposição. O toco do brinco ainda estava preso no meu bolso, a ponta cutucando minha coxa.

Ficamos em uma alcova repleta de suprimentos essenciais para explodir a merda e depois fazer anotações. Taças, ferramentas de agitação, balanças de medição e mini cubas, além de pilhas de pergaminho, penas extras e similares.

Além do recanto, luminárias suspensas pulsavam com produtos químicos inflamáveis. O local tinha níveis submersos espalhados, cada um

com tabelas de pesquisa onde os alunos experimentavam e tutores de púrpura folheavam os manuscritos.

Empurrei folhas de papel em meus braços. Eu precisava dos extras para testar a poção de tinta, para ver como misturar uma versão que resistia à fragmentação, além de fogo e água.

Depois disso, nosso grupo faria réplicas do Decreto dos Sonhos, uma por temporada. Tendo em mente os erros de caligrafia, isso poderia levar várias rodadas entre nós oito, especialmente porque não podíamos simplesmente deixar o documento no escritório e deixar um escriba fazer o âmagô da questão. Negócio secreto e tudo.

Preguiçosamente, voltei para meus amigos. — Ainda aqui?

A corda de Aire encheu a alcova. — Lyrik-

— Nicu está em onde quer que esteja. Caramba, dê um descanso ao paradeiro dele e vamos ficar por conta própria!

O nó da árvore acima dos lábios de Aspen se projetava como uma marca de beleza. — Acalme-se, gênio. Só que conversamos sobre ir ao mercado hoje à noite com ele, mas ele não está à vista.

Oh.

Aspen e Aire me encararam comicamente. Eu poderia ter exagerado. No entanto, eu não tinha atraído tanta atenção quanto o casal, com a pele de madeira de Aspen e a auréola de Aire.

Eu fiz uma sugestão. — Me dê alguns, e eu irei com você.

Eu tive que abrir minha barraca de exposição, mas pelo menos poderíamos ir juntos assim, depois de depositar o pergaminho extra na sala de poções e recolher meu careca.

Não muito tempo depois, percorremos a multidão de turistas, eu percorrendo o longo caminho até minha área, para que eu pudesse ficar ao



redor do par por um tempo. Não fazia sentido se eu quisesse ficar fora do caminho de Nicu, já que ele poderia aparecer a qualquer momento. Eu queria vê-lo, mas o sentimento definitivamente não era mútuo.

Meus dedos roçaram o brinco no meu bolso, outra pontada de dor passando por mim.

Os visitantes tinham uma visão decente da sempre-viva a partir deste local. Estiquei o pescoço, olhando em volta, depois parei quando Aire me lançou um olhar conhecedor. Poderia ter sido transparente, mas eu estava agindo preventivamente. Se visse Nicu chegando, poderia me tornar escasso.

Ou eu continuaria tentando chamar a atenção dele. Não podia confiar em mim mesmo, de qualquer maneira.

Quando uma rajada de vento empurrou a pista, reconheci a apreensão no rosto de Aire. Ele estava avaliando, sentindo algo na atmosfera. Ainda não conseguia entender como ele fez isso.

Enfim, eu conhecia esse maneirismo. A esposa dele também.

—O que é isso? — Aspen perguntou.

—Há um distúrbio em nosso meio —, disse Aire. —Traição está em andamento.

Foi quando ouvimos. Uma voz girando pelo mercado, espalhando-se pelo pátio. Aire ficou tenso, acompanhando o som enquanto agarrava o punho da espada esquerda. O orador possuía uma língua segura, uma oitava turbulenta e um tom ressentido de ressentimento que só poderia pertencer a alguém com direito a alguém com osso para escolher.

Aspen conhecia o som de um valentão. Aire conhecia o som de um colega soldado.

Eu conhecia o som de um idiota.





Nós giramos ao mesmo tempo. Sir Indigo havia invadido o estrado que circundava a sempre-viva, um motim de palavras subindo da plataforma. — Bons cidadãos do Inverno! Temos entre nós a realeza! — ele gritou, fazendo as pessoas flutuarem em seu caminho. — Realeza ordenada pelas estações do ano.

Do outro lado do mercado, nossa tríade avistou Jeryn e Flare assistindo o espetáculo com duas disposições distintas e elementares. Um, gelo. O outro, fogo.

Poet e Briar haviam se reunido no estande da caixa de música, do qual observavam cautelosamente o pau blindado. Sem desviar o olhar da cena, o bobo da corte deslizou o dedo indicador ao longo do bastão amarrado ao quadril. Ele estava programado para tocar com essa arma hoje à noite, mas ele deve ter percebido rapidamente, uma noção de que ele poderia ter que usá-la por outros motivos agora.

Com a mão livre, ele insistiu com a princesa atrás dele. No entanto, as feições da mulher aumentaram e ela se recusou a esconder.

Ambos os casais encararam Indigo, detectando o fedor de um odiador, o que me lembrou quantos tumultos haviam enfrentado no outono e no inverno. Eles conheciam os sinais de uma revolta. O fedor da intolerância.

— E, no entanto, nestes dias finais de celebrar a sabedoria, que benefício nossos soberanos trazem? — Indigo cuspiu a palavra — Heresia.

As massas se agitaram. Com as pessoas presas e ouvindo, Indigo teve a vantagem de cuspir o rei no colapso do sistema médico de Inverno, abolindo as experiências tolas em favor de práticas benevolentes, contribuindo para a ruína do comércio de tolos e, posteriormente, fazendo de Iradis o motivo de riso do mundo científico.

Hipérbole para todos com um cérebro, o que eleva o nível do Indigo.





Ele condenava Jeryn e Briar por apoiarem um manifesto de pensamento que desafiava a divindade da natureza. Ele os acusava de flagrante insubordinação em relação às leis arraigadas das Todo-Poderosas Estações.

—Nossos governantes se tornaram blasfemos e corrompidos pelo sentimentalismo —, gritou Indigo. —Não só eles são os culpados, mas seus influenciadores.

Foi quando começou a apontar o dedo.

Na minha direção. Em direção a Poet. Em direção a Aspen e Aire.

Em direção ao alargamento. Embora Indigo não soubesse os detalhes específicos sobre ela, ele suspeitava de muitos, há muito tempo.

Quando não conseguiu localizar Nicu, o soldado sibilou: —E o pior de tudo, o simplório filho real. A desova ilegítima, cuja existência abominável, desencadeou essa anarquia histórica desde o início.

Acho que o nariz quebrado não foi suficiente. Eu pulei para frente, preparado e pronto para bater nele. Aire agarrou meus ombros, me restringindo.

Os combatentes se aproximaram. Guardas, sentinelas e cavaleiros do Outono e Inverno observavam seus monarcas em busca de sinais.

Mas nem todos. Alguns dos soldados de inverno assistiam Indigo com olhares de justiça e solidariedade. Aqueles que não tinham a mais alta opinião de integração, de tolos nascidos vivendo livremente. Eles estavam esperando por esse tipo de revolta. Esse tipo de benefício.

Aparentemente, Indigo ganhou seguidores. Mas ele nunca havia aberto sua boca tão publicamente antes.

Eu parei, a realização batendo. Ah, inferno não.

—Esses colaboradores estão conspirando por uma ofensa ainda maior à mudança, buscando expandir sua agenda ao longo de todas as estações do





ano. Esses radicais reais planejam unir nossos reinos, procurando substituir o decreto dos tolos por uma zombaria própria. — Indigo fez uma pausa. — E eu lhes dou provas.

Ele levantou a mão, que segurava um pergaminho. Um pergaminho familiar. Um pergaminho que deveria ter sido guardado na suíte de Jeryn.

O que... Porra.

Mais explosões agora. Habitantes se contorcendo e gritando em confusão.

Mais uma vez, lembrei por que Jeryn confiava em Indigo todos esses anos, o homem que anteriormente salvara a vida do rei de um pessimista. Em retrospectiva, deve ter sido um movimento metódico da parte do cavaleiro.

Ele não tinha podido ouvir nossa conferência na torre. Minha poção havia garantido isso. Então ele deve ter crescido um par desagradável, puxado um par rápido e saqueado o apartamento de Jeryn mais tarde.

Solstice chamou minha atenção, indicando que ela não sabia disso. Claro que não. Ela não era um idiota.

— Este é o próprio decreto que eles planejam impor ao mundo —, revelou Indigo. — Reunir nossas monarquias, libertar todos os tolos, sobrecarregar o normal com o anormal. Eles pretendem deixar os loucos e os simples soltarem permanentemente as Estações!

Jeryn lutou para segurar Flare de volta.

— Entende? — Indigo disse. — Ela é uma delas. Esta estranha do verão é um dos tolos e, de fato, acredito mais do que isso. Diga-nos, Majestade. Quem é ela para você? É esta a prisioneira com quem você foi abandonado em uma ilha? O que você alegou ter morrido lá? Você a manteve em segredo?

Merda. Eu mataria a porra da bunda desse homem.



—Você não tem o direito de nos caluniar! — Briar afirmou. —O documento que você segura, que claramente roubou, foi escrito para o povo.

—Falamos por todos, não por alguns —, disse Poet. —Esse é o nosso mantra desde o início.

—Você fala pelos que definharam e sofreram por causa dos tolos nascidos? Você fala pelas vítimas dos loucos? Dos simples? Você fala por eles também? — Indigo exigiu, sua voz desgastada nas bordas, dividindo nas costuras. —Você fala pela minha irmã?

Enquanto ele fervia a última pergunta, um comentário que Nicu havia feito retornou para mim. Nicu chamara esse cavaleiro de homem torturado, que ele tinha o ‘lamento agudo’ da perda. Bem, caramba, isso explica muito.

Também explicava por que Solstice o havia defendido. Ela me disse que havia uma razão para o preconceito dele. Uma razão específica.

Indigo explicou o resto. —Minha irmã tinha apenas seis anos - *apenas seis* - quando um tolo enlouquecido a atacou. E eu... —, ele apunhalou um dedo para si mesmo. —... eu vi isso acontecer. Eu era apenas um garoto, uma criança no meu oitavo ano. Minha irmã não fez nada para aquela abominação que fugiu do cativeiro. Ela tratou um miserável com bondade, mas caiu. Esse é o preço que ela pagou por sua empatia. Esse é o preço que todos pagamos por compartilhar esta terra com tolos!

Simpatia comunitária. Consternação pública. Ele estava ganhando tão rápido.

—Sir Indigo —, Briar aplacou. —lamentamos verdadeiramente sua perda.

—Você? — Ele perguntou. —Porque, como você deve esperar, estou sentindo uma refutação.

—Nós *são* muito, mas não tolos todos nascidos são-

— Mentiras! Se sua compaixão vem com condições, você está longe de se arrepender! Você nunca poderia entender...

— Silêncio! — Jeryn explodiu, fechando todo mundo. — Sir Indigo, eu conheço o luto. Muitos de meus colegas conhecem a dor. Não presumiríamos julgar ou duvidar da sua, mas você não pode aplicar as ações de uma aos destinos ou almas de muitos. Você não pode condenar um grupo inteiro com base em um único incidente trágico.

— Quanto às suas alegações, que reduções você sofreu durante o meu reinado? Que limitações na cura, no conhecimento e na bolsa de estudos? Criamos métodos de tratamento humano que não seriam possíveis por meio de experimentação misteriosa. Nós somos um reino de previsão. Temos as habilidades e a percepção para pensar no futuro, não no passado.

— Não foi isso que realizamos? Não garanti avanços na ciência? E eu não consultei todos vocês? Eu sou seu líder. Mas eu também sou seu colega!

Indigo sacudiu o decreto dos sonhos com o punho. — Você está nos enganando, conferenciando em segredo.

— A mudança começa com alguns poucos e depois se expande —, disse Briar. — Nossas intenções são virtuosas em relação a todas as estações do ano.

E feito de todas as Estações, Flare murmurou.

— O que ela disse? — Indigo tossiu.

— Esse decreto foi forjado com a essência de todos os reinos —, explicou Jeryn. — É marcado pela tinta da Primavera, Verão, Outono e Inverno. O líquido não será retido a menos que o escritor seja honesto em sua promessa - um fato assegurado por nosso explorador mais habilidoso.

Indigo apontou o dedo na minha direção. — O mestiço de Inverno? Que degenerado? — Ele olhou com raiva. — Então, pioneiro. Como sua tinta funciona se o pergaminho se parece com *isso*?

Eu fechei o acordo contra chamas e líquidos. Mas ainda não contra a maneira mais básica de descartar o papel. E Indigo deve ter assumido, com razão, que possuíamos apenas uma cópia do decreto até agora.

Ele começou a tirar o papel do meio.

Ao primeiro som de uma lágrima, caos. Tudo aconteceu de uma vez.

A multidão berrou. Alguém jogou uma pedra no rosto de Indigo, que ele desviou. Um intolerante empurrou um simpatizante, que empurrou para trás, que acidentalmente tombou em outra pessoa, que confundiu com um ataque.

Uma figura bateu contra outra. Alguém deu um soco.

Realmente, quem poderia dizer como tudo começou?

Eu me soltei das garras de Aire quando Inverno, o mais imperturbável dos reinos, perdeu a calma. Corpos colidiram, alguns escorregando em pedaços de gelo e lama. Insultos multiplicados, divididos entre o que as pessoas acreditavam e quem apoiavam.

Guardas e sentinelas dispararam contra as massas. Os civis correram para longe do perigo, expositores correndo em direção aos pátios adjacentes, caçadores puxando seus longos arcos, cortesãos e estudiosos se chocando, nobres correndo pelas baías.

Minha cabeça virou para a esquerda e direita, procurando, em pânico.

Ele não está aqui. Ele está seguro.

Garantido que Nicu não estava perto dessa merda, eu me concentrei novamente. Briar e Jeryn clamaram, dirigindo o corpo. Vi Flare pular na bagunça, balançando a rede que ela sempre mantinha com ela. Rugindo o nome dela, o rei roubou uma besta de um de seus homens e saltou atrás dela.



Poet foi o próximo. Ele passou o braço em volta de Briar e beijou a princesa rapidamente antes de avançar, brandindo sua bengala.

Recuperando-se, a princesa levou os retardatários residentes para fora do caminho.

Aire e Aspen correram ao meu lado, nossos braços batendo. Procuramos freneticamente todos os habitantes desarmados que precisem de ajuda, mas a maioria deles havia se retirado para outros lugares ou simplesmente fora do alcance do alvo, longe do círculo que encolhia pela sempre-viva.

Sob as luzes cintilantes, a batalha se estreitou para o político e o militante. Aço tocava, faíscas voavam. Espadas soavam. Setas apontadas. Os soldados se enfrentavam, as tropas de Outono aliadas aos simpatizantes de Inverno, colidindo com os apoiadores de Indigo.

O Primeiro Cavaleiro e a garota da madeira puxaram suas próprias armas. Aire tirou um par de espadas das bainhas. Girando-as em suas mãos, ele derrubou dois oponentes de Inverno de uma só vez. O ombro de madeira de Aspen bateu alguém fora do caminho. Então ela soltou o machado da nuca e o jogou na mão - sua confiança no combate melhorara em relação à garota inexperiente que eu já conheci.

Algumas pessoas foram criativas, jogando panelas ferventes de cidra nos adversários ou adicionando ferramentas afiadas das exposições dos inventores à sua lista.

Porra. Meu estande!

Eu me esquivei de uma lâmina. Não há tempo para isso agora.

Virando de lado, arremessei sobre um barril de hidromel e cantei em direção às bancas de química. Alquimia e poção caíram no chão e se quebraram, um dilúvio de fluido por toda parte. Misturas que não devem se misturar.





Fui direto para um cavaleiro saqueando misturas na minha barraca. O idiota não saberia. As escolhas erradas e os ingredientes poderiam detonar quando combinados com chamas ou substâncias incompatíveis.

Subindo ao seu lado, eu caí com ele. Também não uma coisa boa, pois fez minha tabela de demonstração tremer. Nós batemos nos paralelepípedos, meu antebraço e quadril latejando. Eu me levantei e enfiei meu punho no rosto do homem, mas seu pé pressionou meu peito e me jogou para trás. Cambaleando para os meus pés, afundei o golpe dele enquanto amarrava minha adaga na mão estendida.

Ele sibilou. Aproveitei e enfiei os nós dos dedos em sua face, enviando-o para o chão novamente, onde ele estava inconsciente.

Chiei, minha respiração sendo cortada pelos meus pulmões. Peguei toda e qualquer mistura que pudesse ser uma ameaça e esvaziei-a na neve, enterrando o conteúdo. Para outras, meus dedos enfiaram no meu casaco, atrapalhando-me com as poções amarradas no cinturão até encontrar uma que diluísse qualquer mistura questionável.

Depois disso, guardei o máximo de química que pude, revendo seu conteúdo e dispensando os aditivos cruciais - enquanto batia em qualquer um que atrapalhasse.

Pelo menos, aqueles que lutam do lado oposto. Os outros, eu apenas gritei, para que eles se afastassem.

Outros expositores chegaram para fazer o mesmo. Uma vez que a área estava estável, corri de volta para a sempre-viva.

Ele ainda não está aqui. Ele ainda está seguro.

Do nada, um pedaço de aço me deixou cativo, balançando em minha direção a partir da linha lateral. Eu tropecei até parar, mal tendo tempo para levantar minha adaga.





Uma equipe chegou lá primeiro. Moeu na frente do meu rosto e bloqueou o ataque - com um pouco de talento para o movimento. A vara girou em espiral entre um par de mãos hábeis, depois tirou o soldado de Inverno do chão.

Ele aterrissou e deslizou sobre um pedaço isolado de gelo. Eu olhei para cima.

Poet girava a bengala em volta dos ombros e depois parou de um modo fluido. Tinha que dizer, eu nunca tinha visto movimentos tão egoisticamente letais.

Seus olhos verdes bateram nos meus. Percebi que o bobo da corte acabara de impedir que aquele idiota esmagasse meu crânio. Eu balancei a cabeça para ele, surpreso quando ele piscou de volta. Juntos, corremos em direção à luta.

Eu me joguei no atoleiro. O bobo da corte chegou com mais carisma, girando sua bengala e confundindo seus agressores, ganhando vantagem. A execução de uma série de cambalhotas elásticas também o ajudou.

Isso e outras acrobacias. Suas pernas e braços trabalhavam em conjunto, espiralando no ar. A bengala atacou seus oponentes antes que eles soubessem o que estava acontecendo.

Aire girou suas espadas, fazendo-as voar enquanto gritava ordens aos homens e mulheres de armadura do Outono. Aspen achatou suas costas contra as dele, seu machado cortando.

Ao longe, vi Jeryn lançar uma flecha em direção a uma barraca, derrubando o telhado sobre um grupo de soldados tentando atacar simpatizantes. Flare jogou sua rede e tropeçou em um par de guardas. Solstice trocava golpes com outra cavaleira.

Tornou-se mais fácil dizer quem lutava de que lado. Capas de Outono e rostos reconhecíveis do Inverno tornavam isso possível.





Além disso, nosso lado estava ficando mais severo. Os intolerantes lutavam com mais raiva, enquanto nosso lado lutava com mais cautela. Evidentemente, a última tática não era um bom presságio esta noite.

Dei um soco no rosto de um atacante aleatório e depois auditei o estrado. Pedacos e pedacos do Decreto dos Sonhos flutuavam pela plataforma, o pergaminho desfiado e sendo varrido pelo vento.

Indigo tinha destruído.

Indigo se foi.

Não. Não se foi. Ele veio em minha direção, com o nariz atrasado para outra fratura. O idiota catapultou em minha direção, então eu o encontrei no meio do caminho.

Um balanço. Uma falta.

Eu escapei de sua espada, sabendo que minha adaga não tinha chance - mas minhas poções sim. Agarrando com a mão livre, arranquei um frasco do meu cinturão, enfiando o polegar na cortiça e arrancando-a.

Impulsionei Indigo novamente. Afastei a ponta da lâmina e joguei o conteúdo em seu rosto. Ele gritou, sua pele chiando enquanto cobria os olhos.

Os consumidores deveriam diluir essa poção em particular primeiro ou serem queimados. Bem, merda. Eu deveria ter jogado o líquido na virilha dele.

Ele golpeou o ar como um urso desorientado, depois me apressou. Eu me preparei, agora segurando minha lâmina e orando pelas Estações Todo-Poderosas. Ele era maior, mais forte.

Solstice pousou ao meu lado, com a espada equilibrada. Indigo congelou, piscando através das bolhas ao redor dos olhos. Ele me desprezava por ser um causador de problemas e ainda ganhar o favor de Jeryn. Ele me desprezava por desejar um tolo.

Mas ele não desprezava Solstice. Eles cresceram juntos.





Dano venceu seu olhar quando ele percebeu que ela estava me apoiando em vez dele. Mas não foi por minha causa. Foi porque ela acreditava nessa causa. E ela sempre escolheria seu rei primeiro.

Indigo não conseguia entender isso.

E foi quando notei nosso grupo, o anel que formamos. Ombro a ombro, alguns dos cavaleiros de Inverno, todos os cavaleiros de Outono.

Aire, suas espadas prontas. Aspen, segurando seu machado.

Jeryn, segurando sua besta. Flare, empunhando uma rede.

Poet, sua bengala angulada e pronta. Briar, desarmada, mas corajosa como o inferno.

Nosso conjunto esperou. Um círculo de transformadores sociais. Um ciclo de sonhadores contra a oposição.

Todos chiaram, cansados e em um impasse.

Como as coisas chegaram tão longe?

E, pensando bem, havia algo sobre a postura do bobo da corte. Ele parecia desequilibrado, seu corpo dando lugar a um sutil caso de tremores, como se estivesse tendo problemas para equilibrar o cajado, sua pele perdendo a cor. A luta deve tê-lo desgastado, mas ele não parecia do tipo que se dobra. Lancei-lhe um olhar superficial, sem ver um arranhão nele.

Meus olhos percorreram sua forma, mas não por muito tempo. Porque foi aí que o relógio começou a tocar, percorrendo o pátio.

E foi aí que o chão começou a tremer.

Começou com uma subcorrente, depois passou para um jingle e depois atingiu um crescendo. A pedra chata sob nossos pés retumbou. O terremoto teve um ritmo forte, uma percussão como o tambor de cascos.

Algumas pessoas perderam o equilíbrio, precisando da ajuda de outras pessoas para se firmarem. Luminárias tremulavam, lançando luz do fogo sobre





a área. A sempre-viva estremeceu, os ornamentos piscando, arremessando prata sobre a multidão.

Novos aliados e inimigos mais novos olhavam de um lado para o outro, confusos e inseguros da fonte. Os membros principais do nosso grupo se voltaram para Aire para obter detalhes. As sobancelhas do cavaleiro intuitivo voaram juntas, seus olhos descendo do céu e se movendo em direção à cordilheira alpina.

O que ele viu o paralisou. O espanto iluminou seu rosto e a reverência encheu sua voz. — Estações. — Ele sussurrou.

Seguimos seu olhar fascinado, além das muralhas da cidadela. Meus olhos focaram na inclinação de bosques nevados, e minha boca mergulhou.

Silhuetas de chifre.

O clã de alces galopava em nossa direção, seus cascos zumbindo pela paisagem e levantando véus de gelo. Eles se dirigiam por Inverno, liderados pela criatura gigante que eu encontrei mais de uma vez.

O guardião da Floresta de Ferro. Seu focinho real bufava enquanto avançava, seu volume enluzado se estendia ao longo do branco de Iradis, as margens vitrificadas em azul e roxo.

As pessoas podem ter gritado e fugido. Eles poderiam ter, se tivessem sido capazes de pensar, como a visão enfeitiçava a todos. Nós apenas assistimos, impressionados, estupefatos.

E havia outro motivo. Uma indicação de que não era uma visita perigosa.

Tinha a ver com o líder da matilha. Uma figura rude montando em cima de um cervo delgado, avançando dessa maneira sem um pinga de incerteza. Ele cavalgava como se soubesse exatamente para onde ir.

Sua capa e capuz forrados de peles se agitavam a seu redor. O ar gelado passava por seus cabelos. Suas íris esmeralda brilhavam.





Nicu.

Minha respiração engatou. A adaga caiu dos meus dedos e caiu no chão.

Um som cativado saiu de Briar. Um rebitado de Poet.

O filho deles havia chegado. E ele trouxe uma tribo.

A cavalaria reduziu-se a passo, depois diminuiu ainda mais, a maioria deles sob as portas e para o pátio. Um pedaço da multidão se mexeu nervosamente, mas o visual do Filho Real do Outono, a elevação do queixo e o brilho confiante nos olhos pareciam tranquilizar os cidadãos.

Isso e um respeito unificado pelas criaturas diante deles. Animais de natureza divina, liderados por um guardião da natureza de Inverno, selecionados pela vontade das estações. O alce da Floresta de Ferro não fazia exatamente chamadas sociais para o castelo regularmente. Ou sempre.

Mas eles tinham hoje. Eles viajaram para cá com Nicu, uma ação que nenhuma outra alma havia ganho antes. Não na história do Inverno.

Aprovação. Bênção. Fidelidade.

Foi o que essa tela mostrou. O guardião designado estava com um simplório, quando nunca havia se alinhado com um ser humano antes. Essa criatura sagrada e idolatrada havia se aliado a um tolo nascido.

Esse garoto ganhou seu favor, seu parentesco. E se um guardião da natureza ordenado pudesse respeitá-lo, se a própria natureza poderia ver a humanidade e o valor de uma maneira simplória, de qualquer tolo... bem, por que o resto de nós não podia?

Uma declaração tácita. Uma pergunta sábia.

A vontade da natureza. A vontade das estações.

Essa era a verdadeira sabedoria.

Nicu deve ter se cansado de tudo. Ele queria fazer um argumento, e conseguiu que esses moradores o ajudassem.





O lado dos meus lábios se torceu. Ele parecia tão incrível.

Chocado, Indigo caiu de joelhos, os ossos quebrando com o impacto. Algumas outras testemunhas seguiram o exemplo, e depois mais e mais. O povo de Iradis fez as contas e começou a se ajoelhar, incluindo Jeryn, Flare, Aire, Aspen.

Briar fez o mesmo, um sorriso choroso no rosto.

Poet recuperou a compostura e caiu no chão.

Montado em cima de sua companheira, Nicu estudou a assembleia, mais composta do que eu já tinha visto. Embora ele não tenha perdido aquele olhar brilhante, esse entusiasmo. Parte dele queria pular e abraçar a todos. Eu poderia dizer.

Mas ele não fez. Em vez disso, ele olhou para as tiras de papel flutuando pelo pátio. Ele deu um pulo de surpresa e olhou para mim.

Eu deixei meu silêncio falar. Ele deve ter entendido a mensagem, entendido o que era o pergaminho. Seus olhos inchados se arregalaram e depois cortaram. A comunicação silenciosa passou entre nós e vi exatamente o que precisava ver.

Indigo pensou que tinha anulado o decreto dos sonhos. Ele assumiu que não tínhamos outras cópias. E ele estava certo.

O que ele não sabia era o seguinte: Nicu não precisava de uma cópia. Não para lembrar o que dizia. Não desde que cada palavra se plantou em sua mente.

Lemos o decreto em voz alta depois de redigido. E como Nicu tinha a capacidade de memorizar o que ouvia literalmente, não havia dúvida.

E então ele fechou os olhos e começou a recitar. Palavra por palavra, o novo decreto sobrevoou o mercado. E senti outra mudança na atmosfera



quando todos ouviram, realmente ouviram uma nova ideia, um novo equilíbrio de pensamento.

Arte. Ciência. Natureza.

Primavera. Verão. Outono. Inverno.

E então Nicu terminou com outra coisa inesperada. Ele terminou com uma música.

Com sua própria música.

Uma canção que ele cantou quando criança, com letras sobre as Estações. A canção que tinha incitado essa coisa toda, para começar. O sonho dele, minha poção, nossa ideia.

No entanto, ele mudou algumas das palavras, substituindo as mais jovens por outras mais cheias de leveza e escuridão. Ele não precisava de uma estrela ou desejo de ajudá-lo. Não mais.

.

Onde você nos encontrará?

Tolo e sábio

Um destino, fazemos

Como as flores da Primavera aumentam

.

Quando você vai nos conhecer?

Enlouquecido e banido

Uma escolha, fazemos

Areia salgada de Verão

.

Onde você vai nos procurar?

Simples e livre

Uma luta, fazemos

Árvore de bolotas de noz do Outono

Quando você vai nos ouvir?

Mãos dadas, sem limites

Um desejo, fazemos

Queda de neve do Inverno...

A melodia ecoou pela paisagem, a flauta de sua voz envolvendo todos os cantos. Quando a música alcançou massa crítica, os pelos dos meus braços se ergueram. Eu podia ouvir o som dele para sempre.

Alguém fungou. Outro gritou sem rodeios.

Até o alce parecia inclinar a cabeça para a música.

Quando a voz de Nicu desapareceu, eu quebrei meu transe e encontrei seus olhos nos meus. Ficamos assim porque eu não sabia quanto tempo.

Então sua atenção mudou quando seu pai descartou a bengala, levantou-se e caminhou em membros trêmulos em direção a Nicu. Partindo de Sussurro, Nicu cumprimentou Poet com um sorriso. O bobo da corte segurou o rosto do filho e Nicu pousou as próprias mãos nos pulsos do homem.

Foi uma visão pungente.

E uma breve.

As sobrancelhas de Nicu tremeram, notando algo na postura de Poet. —
Papa...?

Por alguma razão, Nicu baixou os olhos, como se ele sentisse. O bobo da corte também olhou para baixo, com movimentos lentos. Quando o casaco dele se abriu, tive uma boa visão. A mão de Poet cobria um ponto embaixo da roupa e depois se retirou, os dedos cobertos de sangue.



As feições de Nicu mudaram de perplexas para aterrorizadas. —Papa!
Poet levantou a cabeça em realização. — Inferno mau.
E então ele entrou em colapso.

CAPÍTULO TRINTA E

QUATRO

PASSARO CANORO

As portas do laboratório se abriram.

Elas se abriram, se abriram e se abriram.

Sir Aire voou através do limiar enquanto carregava o corpo flácido de Papa, todos se amontoando atrás dele. Gritos de pânico soaram, um frenesi de vozes colidindo.

Nicu empurrava os corpos, empurrando as pessoas para fora do caminho. —Papa! Papai!

Ele correu para o quarto. Seus olhos dispararam para as costas do cavaleiro, esculpidos e amplos como a envergadura de uma falcão, e um conjunto de membros balançando no abraço do homem.

Mamãe já estava lá, tendo liderado o caminho. —Poet! — ela chorou ao lado de Aire, com as duas mãos agarradas à do pai. —Poet!

Aspen, Flare e Lyrik também martelaram nos aposentos. Além disso, uma multidão horripilante de moradores se reuniu do lado de fora, seus balidos rangendo nos ouvidos de Nicu, tão virais que ele achatou as palmas das mãos sobre os lóbulos.

Pare. Pare. Pare.

Olhando para ele, Lyrik agarrou as portas e as fechou com força nos rostos dos cortesãos, abafando o barulho.

— Faça a maneira! — Aire ordenou, correndo sobre o chão de pedra.

— A-mesa! — Mamãe cuspiu.

Aspen e Lyrik passaram os braços pelos móveis, espalhando folhas de papel no chão. Mas o aperto bronzeado de Flare impediu Nicu de se juntar e derrubar frascos e ferramentas, porque ele só quebraria essas coisas - coisas de que eles poderiam precisar. Todos se apressaram em reunir os instrumentos espalhados pela superfície e jogá-las em outro lugar, em qualquer lugar.

Onde estava o hálito de Nicu? Para onde foi?

O que aconteceu com seu coração?

Tudo o que ele sentiu foram pedaços de água gelada, riachos jorrando dentro dele. A cabeça de seu pai pendia, cabelos emaranhados pendurados em tufo. Se papai estivesse acordado, seria relutante em se ver assim. Nicu queria pentear o cabelo de Papa até que brilhasse, do jeito que seu pai gostava. Nicu queria tocar a testa de seu pai, e Nicu queria cantar uma música para ele, e Nicu queria fazer qualquer coisa por ele. Qualquer coisa.

Se ao menos o pai abrisse os olhos. Por favor, por favor, abra aqueles olhos.

Aire colocou o papai na mesa. Nicu se apressou até o fim, finalmente capaz de tecer os dedos trêmulos através das camadas escuras de seu pai, tentando encontrar os nós. Lágrimas escorreram pelo rosto de Nicu, e um som estrangulado continuou caindo de sua língua, e ele murmurou palavras que papai não conseguia ouvir.

Flare abriu as cortinas que protegiam as portas da varanda, permitindo que a luz da lua inundasse a área, além das arandelas da sala. Lyrik vasculhou seu cinturão. Mamãe falou rapidamente, suas palavras tremendo, oscilando no precipício. Por insistência dela, Aspen e Aire começaram a tirar o casaco de papai.

O casaco favorito dele. Ele amava aquele casaco. O sangue espirrou naquele casaco, um cruel carmesim que fez Nicu se sentir cinza doentio.

O rosto de sua mãe ficou pálido, suas tranças flamejantes em desordem, as mangas de seu vestido manchadas de mais sangue. — Cuidado com o Ca-ca —, ela instruiu a cavaleira e a garota da madeira, a palavra gaguejada e tensa. — A ferida p-p-pode aderir ao material. — Ela não se moveu para ajudá-los, porque não tinha sido capaz de soltar a mão de Poet, que pressionava em seu ventre.

Nicu esfregou o punho no queixo do pai e na têmpora. Havia demais, demais, demais.

Lyrik puxou um frasco do couro amarrado ao peito. — Droga. — Ele abriu o vaso com os dentes e cuspiu. — Onde diabos está Jeryn?

Flare murmurou uma resposta.

— O que você quer dizer? Como diabos ele acabou do outro lado das massas? — Lyrik rosnou. — Ele estava bem perto de mim quando Nicu apareceu com a cavalaria dos alces.

Ao qual Flare silenciosamente gritou algo de volta, defensiva e furiosa. Uma multidão gritou do corredor, um congestionamento de pessoas batendo contra a porta e exigindo saber o que estava acontecendo.

Nicu cedeu ao som, odiando, odiando tudo isso.

Percebendo sua reação, Flare correu para a porta e bateu as palmas das mãos repetidamente na superfície, os estrondos aquietando a multidão. Para alguém tão bloqueado verbalmente, a mulher do verão fez muito barulho.

— Deveríamos ter ido à enfermaria. — Disse Aspen, ajudando Aire a remover a camisa de papai.

— Estava muito longe do pátio. — Disse mamãe, fixando-se em papai.

— E é aqui que Jeryn trabalha. — Acrescentou Lyrik, sacudindo o frasco e segurando-o contra a luz da janela, o conteúdo em um azul prateado, como se ele tivesse derretido uma estrela.

— Precisamos de médicos —, disse Aire. — Precisamos de um médico.

— Precisamos de Jeryn. — Corrigiu o explorador.

Um painel na parede se abriu - outra passagem secreta, Nicu percebeu. Como se suas palavras o tivessem convocado, o rei entrou segurando uma tocha, o fogo acentuando seus cabelos azuis, que haviam sido desfeitos da banda em sua nuca.

Flare pulou em seus braços, apertando-o com força, e ele apertou de volta. Mas não durou muito porque ela apontou o dedo na estação de trabalho.

Mamãe implorou: — Sua Majestade...

— Jeryn! — Nicu estremeceu. — Ajude-o!

Os olhos negros do rei mudaram para a forma propensa. Com propósito, ele caminhou em direção à mesa enquanto todos se aproximavam dele. Todos, exceto Nicu e Mama.

Jeryn se moveu rapidamente, arrancando sua capa de pele e levantando as mangas. Depois de lavar as mãos em uma bacia, ele se inclinou para verificar o ferimento que escorria do lado de papai. — O que aconteceu? Fale rapidamente.

Aire relatou o incidente enquanto o rei verificava os olhos de Papa, seu coração, sua respiração. As sobrancelhas do rei se juntaram quando ele inspecionou o corte mais uma vez.

Então seus olhos se ergueram lentamente. E eles desembarcaram em Flare.

Ela franziu a testa, lendo o rosto dele.



Endireitando-se, ele ordenou que Aire e Aspen o ajudassem na enfermaria. Agarrando suas armas, eles saíram do laboratório, empurrando a multidão e rugindo ameaças que fizeram todo mundo correr. As portas se fecharam novamente.

Sem ser perguntada, Flare encontrou uma jarra de água, um bolo de sabão e um pano. Lyrik pegou um líquido marrom de um armário.

Jeryn começou a limpar a ferida, sua forma enrugada. Então ele pegou o líquido marrom. — Isso vai doer. Ele pode acordar.

Quando o rei encharcou a ferida em líquido, os olhos de papai se abriram de verdade, suas pupilas balançando. Arqueando as costas, ele soltou um uivo serrilhado que perfurou a alma de Nicu. Lyrik e mamãe lutaram para segurá-lo.

Mamãe murmurou: — Poet! Poet, shh!

Tão rapidamente quanto acordou, papai caiu de novo, desmaiou de novo.

O rei esperou um pouco. — Lyrik.

— Entendi. — O explorador jogou o conteúdo estrelado do frasco em outro pano e começou a esfregá-lo no torso e no estômago do pai.

Como que por magia, a carne brilhava tão clara quanto uma escultura de gelo, revelando uma grade de ossos e formas esponjosas dentro de seu corpo.

Um som incrédulo passou pelos lábios de mamãe.

— É uma poção de visibilidade —, explicou Lyrik. — Torna as anatomias transparentes, para que os curandeiros possam ver o interior do paciente - o esqueleto e os órgãos - e avaliar o problema.

Nicu olhou para Lyrik. Por que diabos esse jovem acreditava que nunca tinha feito nada valer a pena?



Lyrik evitou o olhar de Nicu enquanto a atenção de Jeryn percorria o interior de Papa - então parou, algum mistério atingindo o rei.

—O quê? — Mama apelou. —O que é isso?

Jeryn deu-lhe um olhar de soslaio. —Sua Alteza, se eu puder-

—Qualquer coisa que você me disser pode ser dito a Nicu.

—A ferida de batalha é uma preocupação. No entanto, não é minha maior preocupação. — Ele apontou para uma região do lado de papai, mais vívida do que qualquer outro ponto do corpo. —Aqui. Seu apêndice é o inimigo principal. A arma errou, mas o órgão já estava apodrecendo há algum tempo. Ele tem mostrado sinais de doença?

—Ele desmaiou durante a visita ao laboratório —, lembrou Briar. — Embora qualquer coisa relacionada ao sangue sempre o tenha deixado tonto. E ele estava negando dores no estômago, mas pensei que fosse fadiga de viagem.

—Receio que não. O apêndice está quase rompendo. Deve ser removido.

Os restos de cor surgiram no rosto de mamãe. —O que...?

—Ele precisa de cirurgia.

—Cortá-lo aberto? — Nicu encanou.

—Queridas Estações —, mamãe murmurou. — Não há outro caminho?

Jeryn balançou a cabeça. —Se não for removido imediatamente e sua condição aumentar, ele sentirá dor - uma abundância dela. E o órgão liberará uma substância venenosa.

—E se isso acontecer?

O rei apenas olhou para ela.

Flare apertou o punho contra a boca. Lyrik murmurou uma maldição, passando a mão na mandíbula.

—Eu preciso de permissão, Briar —, Jeryn enfatizou. — Agora.

—Mamãe? — Nicu choramingou.

Eles se entreolharam. E um sentimento estranho tomou conta de Nicu, como se eles tivessem trocado de lugar. Ele queria que ela o confortasse, mas ela precisava de mais apoio, precisava dele para impedi-la de atravessar a fronteira para a histeria. Ela precisava que ele fosse corajoso, forte.

Papai também precisava disso.

Nicu estendeu a mão sobre a mesa, e mamãe agarrou a mão dele, e eles apertaram. Seus braceletes de fita escarlate roçavam um no outro.

Engolindo, mamãe ergueu o queixo. — Faça.

Jeryn entrou em ação, limpando as mãos pela segunda vez, enquanto questionava Nicu e Mama com perguntas sobre a saúde de Papa. Ele então coletou uma mistura do mesmo armário, que ele escorreu em outro pano. — Todo mundo, ses você forem lá fora-

— Eu vou ficar —, afirmou a mãe. — O sangue não me assusta.

— Você verá mais do que isso, Alteza.

— Eu não vou deixá-lo.

— Nem eu. — Disse Nicu.

O rei hesitou, depois assentiu. Quando ele se afastou, mamãe agarrou seu pulso, os nós dos dedos ficando brancos. — Jeryn... —, sua voz tremeu. — Ele é a minha salvação.

Jeryn inalou. — Farei tudo ao meu alcance. Eu prometo.

Ele inclinou a cabeça para Flare, que instou o pioneiro a sair com ela. Nicu sentiu o garoto passar por ele, sentiu o menino colocar a palma da mão no ombro de Nicu e sentiu aquele toque nos ossos.

Uma equipe de curandeiros abriu caminho no laboratório, também esfregando as mãos antes de começar a trabalhar enquanto o rei jogava algumas palavras para eles. Eles se moveram mecanicamente ao redor da

mesa, juntando lâminas e outras ferramentas, seus rostos vazios de emoção enquanto alinhavam os itens em uma bandeja.

Um dos médicos removeu a calça de Papa e cobriu a metade inferior de sua nudez com um lençol. Jeryn colocou uma bata e amarrou o cabelo para trás, depois lavou as mãos mais uma vez, os movimentos concentrados e superficialmente.

Demorou um pouco para convencer Mama, mas Nicu abandonou seu lugar, abrindo espaço para uma mulher que cobria a boca e o nariz de Papa com o pano que Jeryn havia banhado. Ela manteve o material lá, como se ela nunca pudesse se mover.

Papai parecia sonolento, pacífico e tão distante.

— Ele sentirá isso? — Nicu perguntou, a pergunta pesando sua mãe, para que ele quase se arrependesse. Ele não quis assustá-la.

— Não enquanto ele dormir. — Respondeu o rei.

— A dor não vai acordá-lo?

— Na maioria das vezes, não. O anestésico é suficiente.

— Na maioria das vezes? — Mamãe ecoou, a pergunta tão fina quanto uma corda.

Jeryn fixou os olhos nela, depois se concentrou no corte do mal enquanto os outros curadores cercavam a mesa. Ele levantou a palma da mão e um dos assistentes colocou uma lâmina brilhante nos dedos.

— Nicu —, ele disse. — preciso que você segure a mão do seu pai.

CAPÍTULO TRINTA E

CINCO

PASSARO CANORO

Ele caiu em um turbilhão de ervas daninhas.

Um turbilhão de tontura, enjoo e tontura.

O fedor de coisas metálicas e sangrentas atacou suas narinas, e por que parecia que as janelas estavam fechadas, mesmo que não estivessem?

De fato, a geada varreu para *esterilizar* a sala - esse era o termo que Jeryn havia usado - em algum momento entre Nicu pegando a mão de seu pai e o rei deslizando um bisturi pelo estômago de Papa, fazendo com que uma linha preciosa e medonha de vermelho aparecesse como um riacho.

Nicu queria correr, fugir para longe, correr para alguém para quem não deveria correr. Mas ele segurou firme a mão de seu pai, que havia drenado de cor, mas retido o calor, tal calor, apesar da horrenda fenda na carne de seu pai. Por fim, Nicu parou de temer que o pai despertasse, porque a mulher com o pano nunca se mexia, nunca soltava o material do rosto do pai.

Nicu fechou os olhos, concentrando-se nas batidas frágeis do pulso de seu pai, um *choque* que Nicu imaginou como uma música, um ritmo invocado em uma música. A partir disso, ele pôde fazer uma brincadeira com as pessoas que amava, as pessoas neste castelo, a pessoa deitada nesta mesa. Ele sempre precisou de seu pai, e agora seu pai precisava dele.

Ele não iria embora, não importasse os sons de corte, as visões de corte. Ele ficaria com o papai. Ele ficaria para sempre.



Sua mãe não se desviou nem mexeu na coisa toda, apenas olhou para o rosto de papai. A única vez que ela se mexeu, foi para descansar a têmpora no ombro de Nicu, e ele se enterrou nos cabelos dela, e eles ficaram assim por um tempo.

Jeryn apenas pronunciou palavras únicas, solicitando instrumentos que seus assistentes entregaram a ele antes mesmo que ele terminasse de falar. Quantas facas diferentes um médico precisava para uma tarefa? Parecia um monte.

Nicu sentiu amor pelo rei, mas também ficou horrorizado. O monarca havia sido um torturador, um experimentador de tolos antes de se tornar um verdadeiro curandeiro, uma pessoa benevolente, um homem que adorava Flare.

Quando Jeryn passou uma agulha na carne de Papa, afluentes de sangue cobriram seus dedos pálidos. Ele trabalhou uma corda como se tivesse feito isso muitas vezes, a pele de Papa plissando em torno da fileira de fios. De uma maneira mórbida, Nicu lembrou das fitas que ele seguia, um caminho para a segurança.

O rei lavou as mãos e chamou Mama e Nicu para fora. O homem ainda não tinha dito nada e começou a irritar Nicu.

O corredor fora esvaziado pelos sentinelas, com apenas os amigos de Nicu esperando. Cada um deles cuidou de suas próprias feridas, seus amassados, vergões e lacerações. Ou a enfermaria estava superlotada com os desfigurados e atacados, ou seus amigos estavam preocupados demais com o pai, preocupados demais para partir.

Aire segurava Aspen por trás, o queixo apoiado na cabeça dela, os braços em volta dela, com os dedos estilhaçados presos aos pulsos. Flare dormia em



um banco, os membros esticando-se ao longo do assento, os pés apoiados nas coxas de Lyrik.

O explorador se encolheu, a nuca encostada na parede, uma fumaça pendendo de sua boca. Uma mancha roxa nadava em sua mandíbula, o hematoma na pele.

Quando Jeryn apareceu com Mama e Nicu, todos eles se separaram, encarando com expectativa.

Nicu observou Lyrik, querendo correr até ele. Mas Lyrik não era dele, e ele não era de Lyrik, e eles não pertenciam mais um ao outro.

O olhar de Nicu procurou mamãe, cujos olhos grudaram nos do rei. — Por favor —, disse ela, apertando o umbigo. — Por favor, diga-nos.

O rei segurou seu ombro. — Ainda existe uma ameaça de infecção. Mas se tudo se resolver bem, ele viverá.

Nicu soltou um ruído rachado. Seu pai viveria!

Houve uma pausa, com mamãe boquiaberta para Jeryn. E então algo nela quebrou, um som subindo de seu coração e caindo de sua boca, uma liberação da agonia que aninhara dentro dela. O rosto dela caiu em suas mãos, e seus ombros começaram a tremer, e ela alcançou Nicu, e ele a pegou.

E juntos, eles cravaram as unhas e choraram.

Se afastando de Nicu, mamãe apertou as mãos de Jeryn. — Pelas Estações, obrigada —, ela resmungou. — Mil vezes, muito obrigada.

Ele abaixou a cabeça. — Não precisa, Briar.

— Há todas as necessidades. — Ela contestou.

Nicu atacou, envolvendo o rei em um abraço feroz. Jeryn parou, seus braços estendidos, e então ele deu um tapinha nas costas de Nicu.

O resto do grupo reuniu-se em cena e houve mais abraços e mais votos de felicidades. Assim que os guardas abrissem um caminho mais amplo pelas

alas, o pai seria transferido para o apartamento dele. Ele acordaria logo, disse o rei.

Mamãe embalou Nicu para ela. — Você era um líder hoje —, sua voz aquosa sussurrou em seu ouvido. — Você era nosso líder. E estamos muito orgulhosos de você.

Nicu enterrou o rosto no pescoço dela, no cheiro de noz-moscada e em casa.

Uma vez firme o suficiente, mamãe voltou para o laboratório. No caminho, ela escovou o braço de Lyrik, assustando-o. — Anos atrás, você salvou meu filho. Hoje você salvou meu amor. Não importa o que mais tenha ocorrido, nunca esquecerei isso.

— Não fiz muito por Poet. — Discordou Lyrik.

— Você fez —, ela persistiu. — Sua poção ajudou o rei. Ajudou a salvar uma vida.

Nicu sabia que o explorador começaria a se contorcer se não o soltasse logo. Sua mãe pareceu perceber que, então ela apenas assentiu e saiu, seu vestido esfarrapado balançando sobre o chão de pedra.

O garoto de poções a observou partir, depois olhou sem rumo para nada até que seus olhos encontraram Nicu novamente.

Obrigado, Nicu murmurou.

Sempre, ele disse.

Aquelas misturas fizeram diferença, mais do que Lyrik sabia. Ele inspirou inspiração em uma panela e a trouxe à vida. Nicu sustentou o olhar de Lyrik, comunicando isso e deixando o explorador com seus próprios pensamentos.

Não querendo entrar no laboratório novamente, Nicu convocou seu guarda-costas e deixou o homem guiá-lo ao jardim de esculturas de

gelo. Sussurro o encontrou lá, e ele passou um tempo brincando com ela, agradecendo por ajudá-lo.

Antes mesmo de deixarem a floresta, Nicu já havia expressado gratidão ao guardião alce e seus parentes. A essa altura, todos os animais já haviam se retirado para a Floresta de Ferro.

As estrelas brilharam por um longo tempo antes que Nicu corresse para a suíte dos pais e espiasse no dormitório, corando ao ver seu papai sonolento sentado na cama e desfrutando de numerosos beijos de mamãe, que ela plantou em todo o rosto enquanto Jeryn estava em pé ali perto.

Mamãe riu chorosa. — Você ladrão de cenas.

Papai sorriu sonolento. — Eu sou de alta manutenção. Você não leu o manual do bobo da corte?

Ela colocou um dedo sobre os lábios dele. — Shh, não fale tanto.

— Eu apoio isso. — Observou o rei.

Papai olhou para ele, seu rosto ficando sério. — Você tem a minha gratidão, Sua Majestade. — Então ele verificou debaixo do lençol.

— Sim, você vai cicatrizar. — Previu o rei, ao qual papai lamentou.

Jeryn emitiu instruções sobre como monitorar as bandagens e os pontos até que ele retornasse, depois se retirou, passando por Nicu no caminho.

— Você pode entrar agora, Nicu. — Disse mamãe.

— De fato, terminamos de beijar —, acrescentou Papa. — Por enquanto.

Nicu correu para dentro e pulou na cama. Então ele percebeu que, se não fosse pelo enorme colchão, sua entrada poderia ter angustiado o ferimento de papai.

Mamãe passou os braços pela cintura de Nicu e papai os admirou. — Olhe para minha família. Nunca foi uma visão mais bonita.

— Pergunte-nos sobre belas paisagens. — Indagou mamãe.

— Ora, Alteza. Você está adorando seu amante? — Ele paquerou.

— E continuarei a fazê-lo por toda a eternidade. — Ela se levantou e deu outro beijo nos lábios dele. — Eu te amo, Poet.

— E eu, você, doce espinho.

Um beijo final, e então mamãe alisou o vestido. — Se meus dois homens favoritos me derem licença, vou me despedir e me refrescar.

— Mude para algo vermelho. Eu gosto de vermelho.

Com um sorriso, ela disse: — Eu sei que você gosta.

Então ela saiu do quarto.

O queixo de Nicu tremeu e, quando papai viu, ele abriu os braços. Rastejando sobre os cobertores, Nicu aninhou-se ao lado de seu pai, tomando cuidado para não machucá-lo. Ele inalou âmbar e vetiver, e as fragrâncias da Primavera e do Outono.

Juntos, eles encararam as pulseiras de fita correspondentes. Lá fora, gelo cobria parte da janela, as folhas cobertas de neve.

Apertando o papai, Nicu perguntou: — Estou sendo muito ganancioso?

— Eu te criei. Portanto, você nunca pode ter muito de mim.

Nicu se endireitou, curvando as pernas embaixo dele. — O que posso fazer para consertar você?

— Ver você viver e respirar é tudo que eu sempre precisei. Agora vamos falar das Novidades do Nicu. Eu preferiria isso ao meu corte feio ou náusea. Parece que você incitou bastante o triângulo amoroso.

Papai não parecia mais tão irritado com isso. Mamãe deve ter contado a ele como Lyrik ajudou na cura, mas ainda havia mais que Nicu poderia ter acrescentado. Muito mais.

Ele esteve com Noel nos últimos dias, mas Noel não estava esperando no corredor hoje à noite. E não era Noel para quem Nicu queria correr, em busca de consolo, força.

Nicu mexeu na colcha. Ele não entendia o que faia um triângulo, mas sabia a essência do significado de papai. — Não é mais um triângulo.

— Eu tinha medo que você dissesse isso.

— Aconteceu! — Nicu deixou escapar e depois bateu com a mão na boca.

Um momento muito colorido de silêncio se seguiu.

Papai fez a pergunta. — O que aconteceu, Nicu?

— *Ele* aconteceu. Com Lyrik.

Seu pai lento parecia fazer malabarismos com essas palavras em sua mente. E então, muito rapidamente, seu rosto ficou frouxo. — Juro pelas Estações, outro órgão vai se romper.

— Devo pegar o rei?

— Eu não estou tão desesperado.

— Você tem certeza?

Ele acenou com isso. — Apenas tendo um pouco de dificuldade para enxergar direito.

Mais de uma vez, seu pai conversou com Nicu sobre amar outro, sobre rolar quadris com eles. Na primeira vez, o pai descreveu a distância e a direção de maneira habitual, usando termos acrobáticos e metáforas para explicar as relações entre os parceiros.

Nicu estava sentado lá, sem saber o que estava acontecendo.

Papai fora forçado a entrar nesse monólogo depois que Nicu entrou com seus pais quando ele tinha oito anos. Papai estava curvando mamãe sobre uma colina de travesseiros, os quadris dele empurrando suas costas. Eles estavam cobertos de lençóis, então Nicu não foi capaz de decifrar muito mais.

O papai bobo da corte estava ensinando a mãe da princesa como virar? Se fosse, parecia que mamãe precisava de muita ajuda, porque continuava uivando.

Mas lentamente, Nicu percebeu que não era uma lição invertida. Ele gritou e fugiu do quarto pouco antes de registrar sua presença.

Minutos depois, eles tiveram que se acalmar, o rosto de mamãe inchado de mortificação, papai se desculpando, tentando se desculpar.

Anos depois, quando o pai de Nicu conversou com ele sobre isso novamente, as acrobacias foram omitidas. Em seu lugar, o pai se concentrara na natureza do corpo, nas emoções e nos laços entre as pessoas, comparando a experiência a uma guirlanda de fita. Envolto em uma pitada de verso, a discussão fez mais sentido para Nicu, e ele fez um bando de perguntas, e seu pai respondeu a cada uma delas.

Agora, inversamente, Nicu poderia ter que acalmar seu pai traumatizado, já que as partes separadas do rosto cansado de Papa pareciam estar funcionando mal, como se não estivessem presas corretamente. Finalmente, ele se controlou o suficiente para perguntar: —Ele fez você se sentir confortável? Seguro?

Nicu assentiu. —Eu amo-o. — E porque isso deixou seu pai sem palavras, Nicu seguiu em frente. —Sinto muito por não lhe contar.

Papai colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha de Nicu. —Nunca se desculpe por seguir seu coração.

—Mesmo se você não gostar de onde meu coração vai?

—Não importa o que eu penso. Na verdade, eu não deveria ter me intrometido - minhas desculpas por isso. Eu me preocuparia menos em vê-lo com Noel em vez de Lyrik? Ah. Isso significa que não devo confiar no seu julgamento? Não. O nobre é um belo jovem, mas, infelizmente, ele é um



tédio. — Papai mexeu os dedos. — Toda aquela aula de astronomia matemática que ele nos deu. O explorador tem uma maneira mais intrigante de se expressar, e posso ignorar o guarda-roupa amassado, se preciso. Entende? Os bobos da corte são flexíveis. Por isso, nos ajustamos. — Ele bateu no nariz de Nicu. — Você tem minha experiência de quase morte para agradecer por essa nova perspectiva, a propósito.

— Eu te amo, papai. — Nicu chiou, jogando-se nos braços do homem.

— Ah, docinho. Você não tem ideia do quanto isso é necessário. — Seu pai voltou para o queixo de Nicu. — Não que você precise, mas você tem a minha bênção.

É verdade que ele não precisava da bênção de papai - porque não havia mais nada para abençoar, nada que unisse Nicu e Lyrik. Mas ele não disse isso, ainda não podia dizer isso em voz alta.

— Contanto que você me dê sua bênção também; — Acrescentou Papa.

Nicu franziu a testa, curioso. — Para quê?

Os lábios de seu pai se curvaram em um sorriso malicioso. — Permita-me executar uma ideia por você.



CAPÍTULO TRINTA E SEIS

PATIFE

Que dia. Não podia dizer o que mais me surpreendeu: ver Nicu cavalgar para o pátio, liderar um bando de alces com cerca de cem vezes o tamanho dele, ou vê-lo domesticar todo o reino, ou ouvi-lo recitar o Decreto dos Sonhos de uma maneira que nenhum de nós poderia ter feito, ou ouvi-lo cantar uma canção sua.

A música dele. Nós dois encontramos o que estávamos procurando.

Então, por que me sentia de mãos vazias?

Então havia Poet. Minha poção revelando a anarquia dentro de seu corpo.

Então havia o rosto destruído de Nicu e meu impulso de agarrá-lo, de se livrar de sua angústia. Então houve a princesa Briar me agradecendo, insistindo que eu me desse mais crédito pelas minhas poções. Então Nicu concordou silenciosamente com ela, aquele olhar e as palavras de sua mãe se acumulando, abrindo um espaço dentro do meu peito.

Briar fez um inferno da realeza. O que ela disse... chegou até mim.

Como Nicu me espiou? Isso tinha acabado comigo.

Ambos sabiam como extrair o melhor das pessoas. E tinha razão, porque a minha poção *tinha* ajudado a salvar uma vida. Jeryn tinha usado isso antes, mas eu nunca estive lá para testemunhar. Isso nunca me atingiu até agora.



Minha mãe tinha fabricado coisas para machucar ou controlar as pessoas, embora ela também fosse capaz de prejudicá-las com as próprias mãos. Mas eu? Eu estava misturando coisas melhores por um tempo agora.

Eu tinha sido tão inflexível em me validar com uma poção para o mercado, para a véspera da sabedoria. Eu estava tão malditamente focado em ser digno aos olhos de todos. Eu não tinha parado para considerar todas as coisas que eu já havia criado.

Do mesmo modo que Nicu havia esquecido todas as músicas que ele havia cantado antes que minha insensibilidade as tivesse roubado. Mas ele se lembrava agora.

Depois que a princesa e Nicu me deixaram ali, eu não consegui me mexer, quase esquecendo a fumaça que pairava entre meus dedos. Quando meus pés finalmente começaram, eu descartei a palheta e me ofereci para limpar o mercado.

Enquanto varria os restos do caos, ignorei os cortesãos e estudiosos que queriam um pedaço de mim, procurando informações sobre o que havia acontecido na quadra, como o bobo da corte se saiu, como o Filho Real conseguiu encurralar o guardião da Floresta de Ferro, o que seria do novo decreto. Foi fácil convencê-los a sair da minha frente, não é tão fácil decidir para onde ir depois.

Círculo completo, acabei de volta à ala médica, passando pelo laboratório de Jeryn. Sussurros pela porta aberta mantiveram meus passos. Uma voz de barítono e uma voz inédita.

Jeryn e Flare.

Mais cedo, eles foram para a enfermaria, determinados a cuidar do resto dos feridos. Felizmente, isso os reconciliou com o povo.





Eu não tinha o direito, mas quando isso me impediu de quebrar as regras? Olhando para dentro e percebendo que eles estavam na varanda, eu me afastei mais dentro dos aposentos, parando a alguns metros das portas da plataforma. Jeryn estava sentado de lado na borda da varanda, uma perna engatada, a outra se esticando em direção às tábuas do assoalho. Ele abaixou a cabeça, seus cabelos azuis caindo sobre os ombros enquanto Flare empoleirava-se ao lado dele, na mesma posição. Ela apertou as mãos dele nas dela, como se quisesse reforçar o marido.

— Eu quase o perdi. — Disse o rei.

Eu fiquei tenso. O que?

— Os sintomas estavam lá —, admitiu Jeryn. — Eu deveria tê-los visto quando ele chegou. Eu deveria *saber*. E eu... eu quase o perdi.

As palavras eram fracas, mas eu consegui captar o tremor estranho em sua confissão. Nenhum paciente jamais morreu no tempo de Jeryn. E era um dia frio no inferno se ele perdesse a calma, a paciência. Ele esperou até agora desmoronar, o que significava que ele deve ter usado uma máscara bastante sólida pelo bem de Briar e Nicu.

Poet. Ele quase perdeu Poet durante a cirurgia.

Jeryn estava atordoado, encarando suas mãos. Seu comportamento gelado derreteu, derretendo para revelar a verdadeira merda por baixo. A merda que apenas sua esposa testemunhava.

Uma pedra se formou na minha garganta. O rei era meu amigo, e não era divertido vê-lo assim, ou saber o quão perto Nicu estava de perder seu pai hoje à noite.

Flare levantou a mandíbula de Jeryn em suas mãos e levantou o rosto para o dela. Gentilmente, ela murmurou algo que eu não conseguia ver daqui. Fiquei feliz por não poder, agora culpado por espionagem.





O que quer que ela tenha dito, deixou seus olhos negros mais lúcidos, trazendo clareza a eles. Ele imitou suas ações, agarrando seu rosto e acariciando sua pele com os polegares - ao ar livre, para qualquer morador ver, de qualquer janela.

No entanto, o rei não dava a mínima para voar.

— Eu nunca quero te perder —, ele resmungou. — Não aguento... não aguento me separar e não saber se você está bem. Não aguento mais. — Ele se aproximou, descansando a testa na dela. — Eu não posso ver você ir para casa.

Flare parou por mais tempo do que eu já a vi fazer uma pausa. Então ela inclinou a cabeça, encontrando os olhos dele. Desse ângulo, eu pude ler seus lábios.

Estou em casa.

Duas lagoas trêmulas de preto a observavam, procurando uma miragem, temendo uma retração. Eu nunca tinha visto o rei parecer tão vulnerável, tão esperançoso. — Verdadeiramente? — Ele implorou.

Flare sorriu, seu aceno de cabeça reduzindo a idade dele em cerca de um século. A quantidade de tempo que ele tinha sido tão paciente como o inferno. A quantidade de tempo que eles estavam esperando por isso.

— Você vai ficar? — Ele perguntou.

Eu vou ficar, ela respondeu.

— Você pode ser uma artista da neve. Você pode esboçar todo terreno fosco que desejar. Você pode explorar qualquer natureza selvagem que desejar.

Eu serei uma exploradora da neve, ela brincou. *E uma marinheira.*

— Porque retornaremos à ilha sempre que precisarmos. Vamos ver a pesquisa que nossos cientistas estão fazendo, passear pela floresta tropical,



visitar Pequeno Cavaleiro. — Disse ele, referindo-se ao seu companheiro sapo, que vivia naquela ilha de verão.

É a nossa casa também.

— É —, ele concordou. — Senhora da Areia.

Monarca da neve.

— Você fará uma vida comigo aqui? Você está pronta para ser uma rainha?

Carinhosamente, ela fingiu considerar, colocando-o através da campainha dedicada. Mas antes que ela terminasse de assentir, Jeryn se levantou e a ergueu do chão, beijando seu rosto alegre. Eu mergulhei minha cabeça, meus lábios tremendo.

Não seria fácil, mas nunca foi para aqueles dois. Com o pensamento estratégico de Jeryn, ele encontraria uma maneira de apresentá-la ao seu povo. As coisas haviam mudado em Iradis e, enquanto eles tinham mais trabalho pela frente, eles conseguiam. Caso contrário, pelo que eles estavam lutando esta noite?

Saí do laboratório antes de ter muita atenção.

A sorte decidiu me ferir nos próximos dias. Sempre que deixava os confins da minha sala de poções, eu encontrava aqueles três casais fatídicos, encontrando seus festejos aconchegantes. Atrás de uma tapeçaria, ouvi a textura da risada encantadora de Aspen e o gemido de Aire.

Eu fiz uma viagem ao laboratório. Negligenciei-me a bater, apenas para encontrar Flare traçando o corpo de Jeryn com seu bisturi, com ele identificando os nomes anatômicos de cada parte que ela roçava - o que continuou por um instante louco antes de ele pegar frascos de uma mesa de trabalho, arrancar a mulher de seus pés, e a jogar sobre a superfície limpa.



Tão consumidos um pelo outro, eles nem sequer registraram minha chegada. No segundo em que ela enroscou as pernas em volta da cintura dele, eu me recuperei do choque e saí correndo dali.

Quando encontrei o rei mais tarde, ele parecia amarrotado. Basicamente, não seu típico eu prudente. Então aproveitei e pedi fundos para um caldeirão extra, que ele concedeu sem pensar muito.

Quanto a Briar e Poet, o bobo da corte tinha um talento especial para a recuperação. Devem ter sido suas proezas acrobáticas e treinamento físico. Ou isso, ou ele era um poderoso artista tenaz, porque quando fui procurar Aire - planejávamos dar um passeio com Aspen - o encontrei guardando os aposentos da princesa e do bobo da corte uma manhã. O cavaleiro esforçava-se para manter o rosto reto enquanto uma cabeceira batia contra uma parede dentro da suíte, a raquete pontuada por gemidos, audível até das profundezas das câmaras.

Pelo que parecia, a mudança do Primeiro Cavaleiro não terminaria até os reais surgir. Aire mantinha uma distância discreta das portas. Ao me ver, ele aconselhou: – Você pode querer voltar...

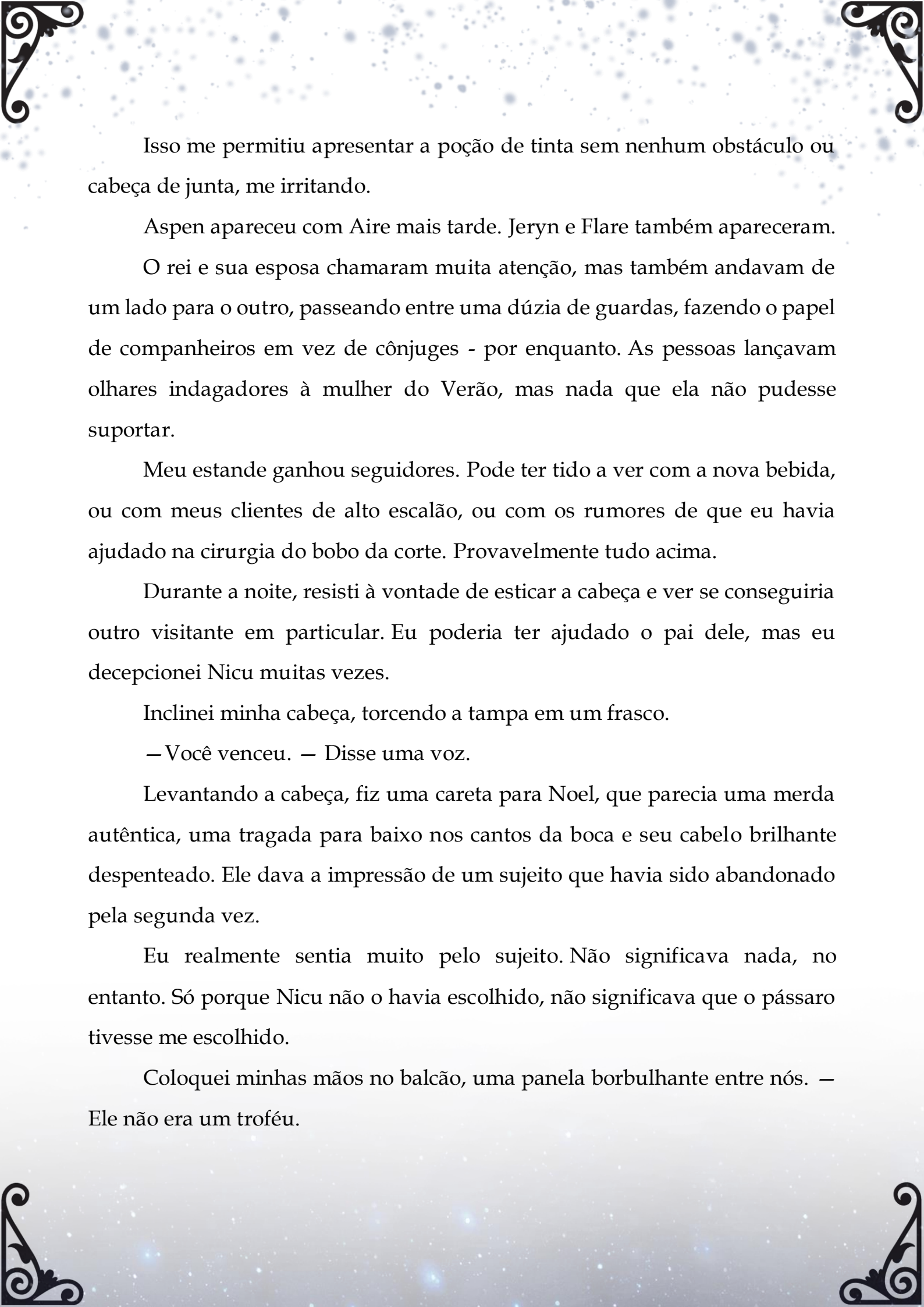
– Em uma hora? – Eu perguntei.

– Um pouco mais do que isso.

Impressionante. Nesse momento, o bobo da corte poderia estourar seus pontos.

Na noite seguinte, fui à minha banca de exposições, preparando-me para a última luta do mercado. Por causa do pandemônio, poucas barracas foram poupadas. Havia menos atendentes do que o habitual, mas os expositores e fornecedores prevaleceram. As coisas se acalmaram, as pessoas que compareceram se distraíam com o crepúsculo final da véspera da Sabedoria.





Isso me permitiu apresentar a poção de tinta sem nenhum obstáculo ou cabeça de junta, me irritando.

Aspen apareceu com Aire mais tarde. Jeryn e Flare também apareceram.

O rei e sua esposa chamaram muita atenção, mas também andavam de um lado para o outro, passeando entre uma dúzia de guardas, fazendo o papel de companheiros em vez de cônjuges - por enquanto. As pessoas lançavam olhares indagadores à mulher do Verão, mas nada que ela não pudesse suportar.

Meu estande ganhou seguidores. Pode ter tido a ver com a nova bebida, ou com meus clientes de alto escalão, ou com os rumores de que eu havia ajudado na cirurgia do bobo da corte. Provavelmente tudo acima.

Durante a noite, resisti à vontade de esticar a cabeça e ver se conseguiria outro visitante em particular. Eu poderia ter ajudado o pai dele, mas eu decepcionei Nicu muitas vezes.

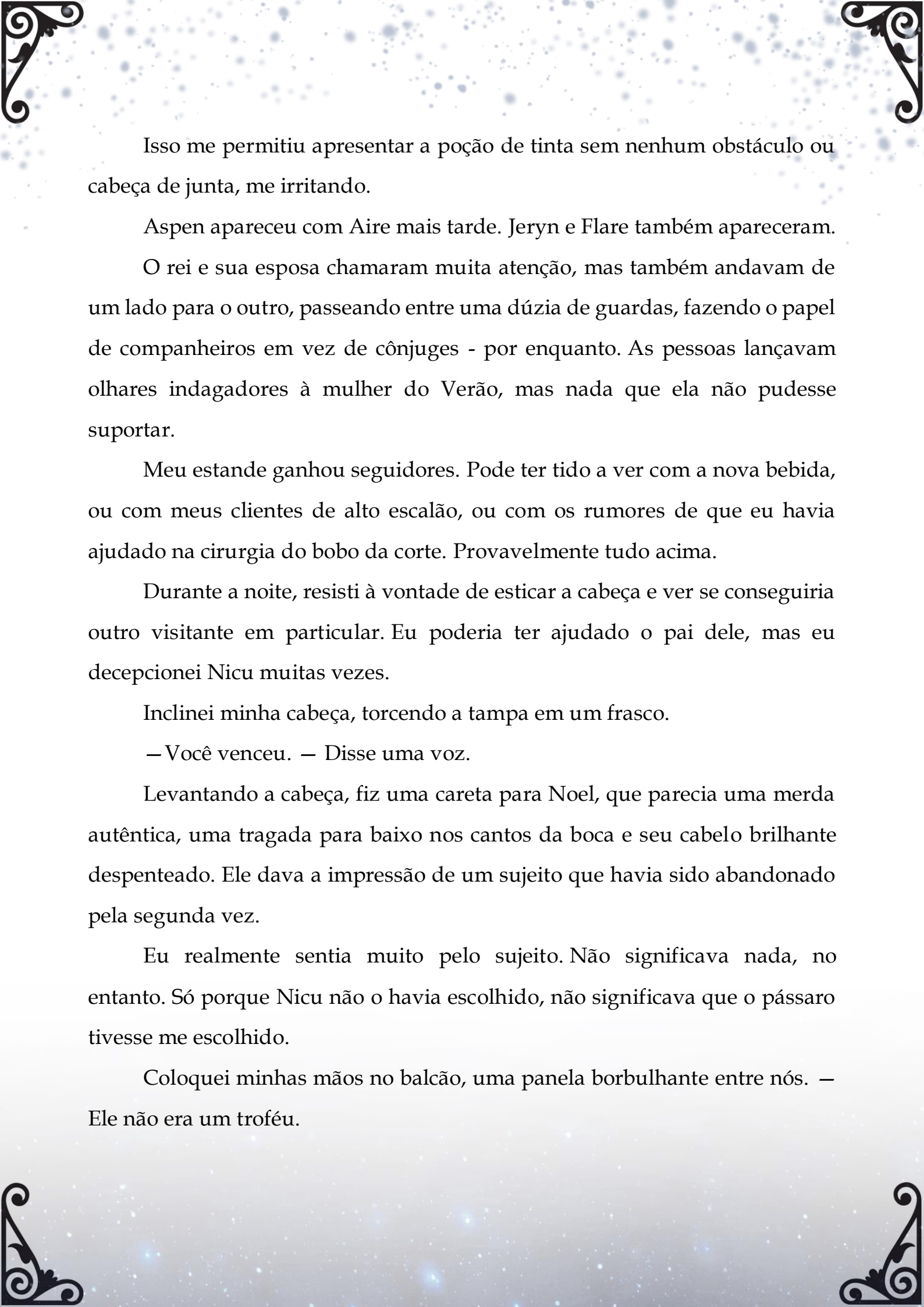
Inclinei minha cabeça, torcendo a tampa em um frasco.

— Você venceu. — Disse uma voz.

Levantando a cabeça, fiz uma careta para Noel, que parecia uma merda autêntica, uma tragada para baixo nos cantos da boca e seu cabelo brilhante despenteado. Ele dava a impressão de um sujeito que havia sido abandonado pela segunda vez.

Eu realmente sentia muito pelo sujeito. Não significava nada, no entanto. Só porque Nicu não o havia escolhido, não significava que o pássaro tivesse me escolhido.

Coloquei minhas mãos no balcão, uma panela borbulhante entre nós. — Ele não era um troféu.





O nobre não disse nada, apenas assentiu e se virou. Eu assisti suas costas se retirando envoltas em pele e caxemira, até que uma mão sardenta cobriu a minha.

Eu estremeci. Cercada pelos guarda-costas, a princesa do Outono segurou meu olhar. —Nosso filho queria vir aqui para vê-lo —, ela compartilhou em voz baixa. — Mesmo que ele não admita.

Isso foi tudo. Briar saiu, a bainha do casaco de lã escarlate chicoteando atrás dela enquanto desfilava na direção da sempre-verde. A plataforma onde Jeryn faria um discurso. Onde o resto de seu bando real se reunia.

Cada dupla havia entendido o que os últimos dias lhes haviam ensinado. Aquela vida era curta, preciosa e imprevisível. E não deveria ser desperdiçada.

Fiquei enraizado no lugar, a neve chovendo ao meu redor. Mas uma vez que os vocais do rei ressoaram, eu saí. Meus pés me carregavam, pedaços de trituração branca sob meus calcanhares. Esfreguei minhas mãos geladas e soprei nelas.

Meu cachecol estava apertado em volta do meu pescoço. Meu pulso ficou louco.

Jeryn estava no estrado, com Poet e Briar atrás dele. O bobo da corte se apoiava em sua princesa, seu amante ainda estava se recuperando, mas era vaidoso demais para perder uma oportunidade de ser admirado. Nicu permaneceu ao lado de seus pais, preocupado com o panorama alpino, com a neve e as estrelas.

Eu empurrei os espectadores para fora do caminho.

Jeryn encerrou seu discurso, algo sobre a véspera da sabedoria e a lenda de um estudioso que buscou inspiração, que buscou conhecimento e que fez





um pedido. O rei concluiu com sua esperança de um futuro inspirado e progressivo. Aplausos se seguiram.

Parados na linha lateral, Aspen e Aire me notaram primeiro.

E então o guarda-costas de Nicu me viu chegando. Apressando-se para a frente do tablado, ele latiu: — Você! Pare!

— Não. — Eu disse.

A cabeça de Nicu virou na minha direção.

A comoção fez com que todas as figuras na plataforma olhassem na minha direção.

Outro guarda de baixo pegou sua deixa e marchou em minha direção. Eu continuei me aproximando, agora o centro das atenções enquanto uma merda armada tentava interceptar. Sem quebrar o contato visual de Nicu, eu bati minha mão no rosto do homem e o empurrei de lado.

A ação simples o afastou, mas Poet levantou a mão, impedindo o guarda de retaliar. Não consegui mentir. As ações do bobo da corte me fizeram andar mais rápido, com mais propósito.

Finalmente, parei em frente à congregação, com o oxigênio acumulando nos meus pulmões.

De cima, Nicu franziu o cenho para mim. — Lyrik, o que-

— Eu te amo.

As palavras saíram da minha boca. Como uma tempestade, elas alagaram o ar, carregando através de tudo. No entanto, o pátio ficou parado.

A confissão tinha gosto de mel e álcool. Uma mistura incompatível.

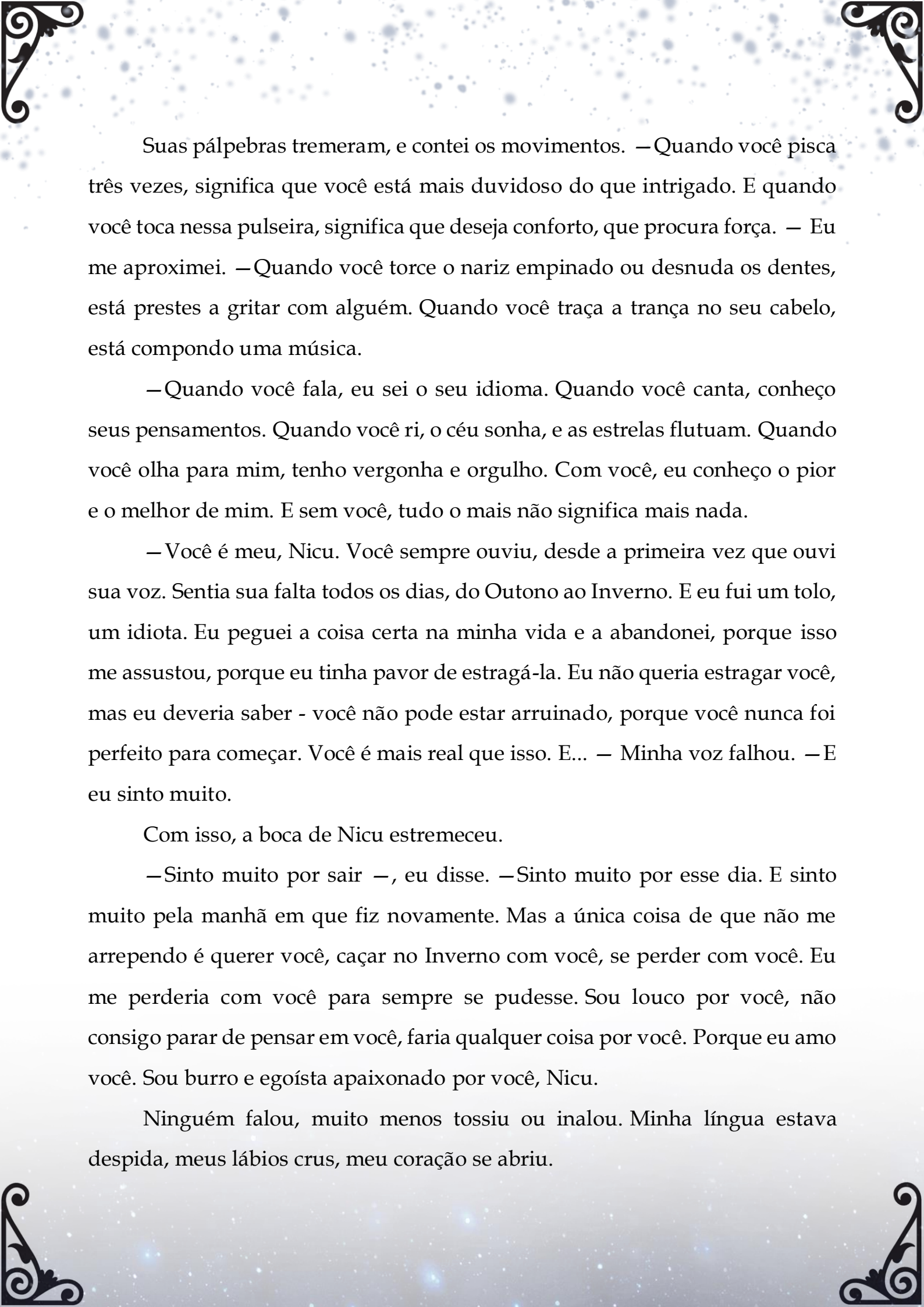
A boca de Nicu ficou entreaberta. — Hã?

A adrenalina vazou da minha língua. — Você me ouviu.

— Eu quero ouvir de novo.

— Isso está certo? Eu posso fazer isso: eu amo você.





Suas pálpebras tremeram, e contei os movimentos. — Quando você pisca três vezes, significa que você está mais duvidoso do que intrigado. E quando você toca nessa pulseira, significa que deseja conforto, que procura força. — Eu me aproximei. — Quando você torce o nariz empinado ou desnuda os dentes, está prestes a gritar com alguém. Quando você traça a trança no seu cabelo, está compondo uma música.

— Quando você fala, eu sei o seu idioma. Quando você canta, conheço seus pensamentos. Quando você ri, o céu sonha, e as estrelas flutuam. Quando você olha para mim, tenho vergonha e orgulho. Com você, eu conheço o pior e o melhor de mim. E sem você, tudo o mais não significa mais nada.

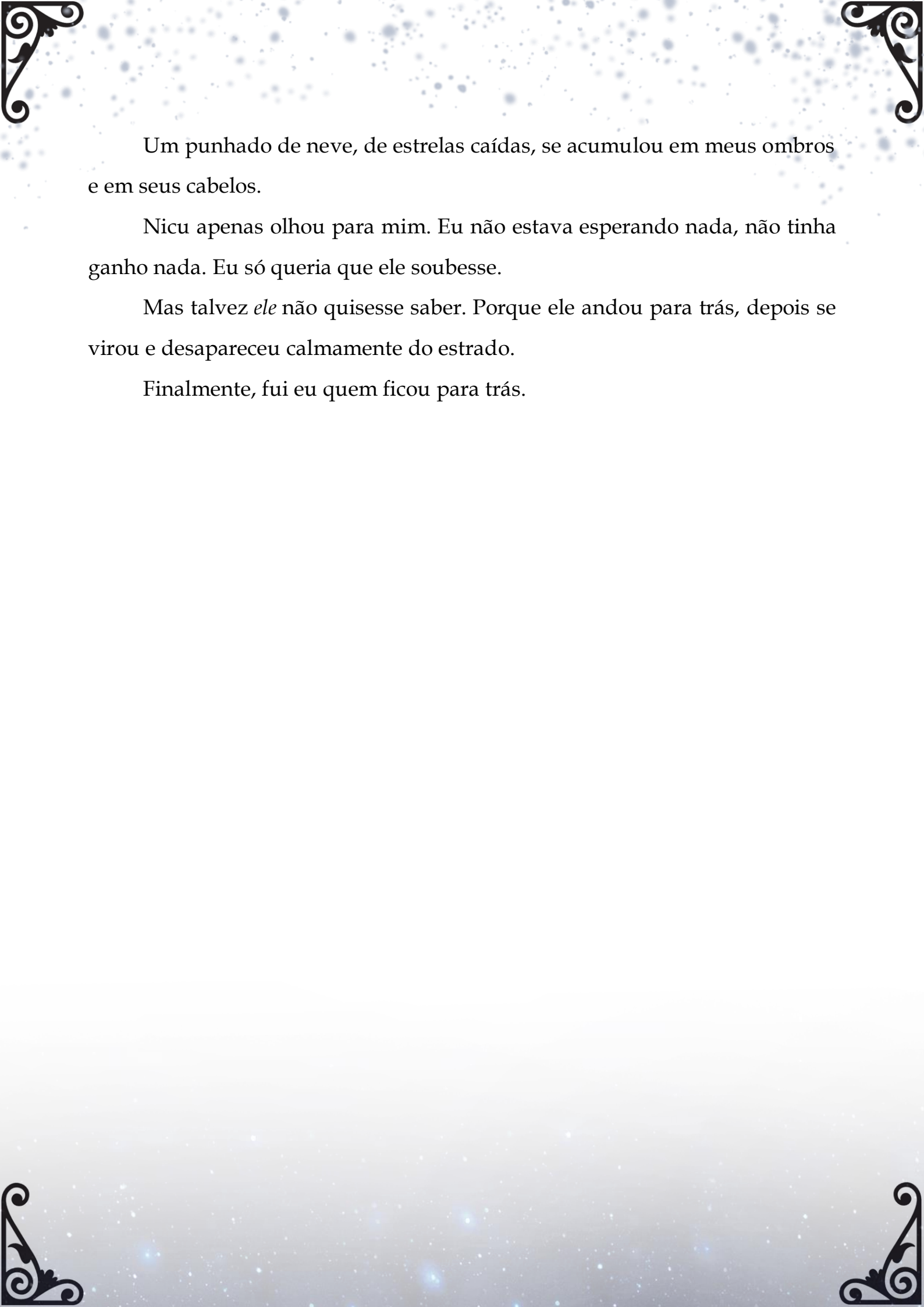
— Você é meu, Nicu. Você sempre ouviu, desde a primeira vez que ouvi sua voz. Sentia sua falta todos os dias, do Outono ao Inverno. E eu fui um tolo, um idiota. Eu peguei a coisa certa na minha vida e a abandonei, porque isso me assustou, porque eu tinha pavor de estragá-la. Eu não queria estragar você, mas eu deveria saber - você não pode estar arruinado, porque você nunca foi perfeito para começar. Você é mais real que isso. E... — Minha voz falhou. — E eu sinto muito.

Com isso, a boca de Nicu estremeceu.

— Sinto muito por sair —, eu disse. — Sinto muito por esse dia. E sinto muito pela manhã em que fiz novamente. Mas a única coisa de que não me arrependo é querer você, caçar no Inverno com você, se perder com você. Eu me perderia com você para sempre se pudesse. Sou louco por você, não consigo parar de pensar em você, faria qualquer coisa por você. Porque eu amo você. Sou burro e egoísta apaixonado por você, Nicu.

Ninguém falou, muito menos tossiu ou inalou. Minha língua estava despida, meus lábios crus, meu coração se abriu.





Um punhado de neve, de estrelas caídas, se acumulou em meus ombros e em seus cabelos.

Nicu apenas olhou para mim. Eu não estava esperando nada, não tinha ganho nada. Eu só queria que ele soubesse.

Mas talvez *ele* não quisesse saber. Porque ele andou para trás, depois se virou e desapareceu calmamente do estrado.

Finalmente, fui eu quem ficou para trás.



CAPÍTULO TRINTA E

SETE

PATIFE

A Floresta Estrelada brilhava, um milhão de luminárias penduradas nos galhos das agulhas. Uma floresta bastante luxuosa para ser consumida. Fiquei dentro da clareira, minhas mãos nos bolsos enquanto chupava os últimos resíduos da minha fumaça, queimando meu interior e assando minha língua.

Se ele quisesse, eu teria lutado por ele. Como ele não tinha, eu o deixei ir.

O karma realmente agia em conjunto. Já era hora de me recompor.

Eu repeti nosso primeiro beijo, bem aqui, bem neste local. Eu nunca me senti assim com ninguém, e provavelmente não sentiria novamente. Por mim tudo bem.

A nevasca ainda não havia terminado. A lua se acumulava na escuridão, manchas de luz refratando através do dossel, além da malha de ramos de abeto e pinhas. Limpei as rajadas e segui em direção às renas que havia emprestado do estábulo.

Um baralhamento na folhagem. Uma mudança na linha das árvores.

Chifres cortaram a rede de galhos. Um focinho espiou a área.

Sussurro.

Ela grunhiu, evidentemente querendo me ver. Tirei a fumaça da boca e levantei as mãos em súplica. — Whoa lá. Deixando seu território agora, milady. — Eu embotei a fumaça em uma pedra e enfiei a cana no meu

casaco. —Mas ei, pelo que vale a pena? Você é uma boa amiga para ele. Continue fazendo o que está fazendo, ok?

O animal azedo deliberou. No entanto, ela deve ter ouvido algo no meu tom, porque um suspiro de corça caiu de seu focinho. Ela estava bloqueando meu caminho de volta para onde eu amarrei as renas, mas agora ela se afastou em membros finos.

Passei por ela, me misturei às árvores, fiz uma curva - e parei ao mesmo tempo que Nicu, depois de emergir de um bosque.

Paramos um em frente ao outro.

Meu coração despencou no chão. Ele apenas ficou boquiaberto.

Além do caminho, minhas renas esperavam, enquanto Nicu devia ter cavalgado aqui em Sussurro. Poderoso chegou tarde para tirar essa conclusão.

As mãos enluvadas de Nicu sufocaram sua cantina laranja. Rapidamente, sua expressão saltou de assustada para resoluta. Ele largou a cantina e soltou: —Sou eu quem cai no mato!

Então ele se virou e correu através da floresta. Eu quebrei meu estupor e rasguei atrás dele. —Nicu! Nicu, espera!

Seus calcanhares jogavam neve no meu rosto, seu casaco batendo como um louco em torno de suas pernas curtas. Agarrando sua manga, eu o puxei para parar. Ele cambaleou, se libertando.

—Não, você não consegue fazer isso —, ele protestou, todo envidraçado e de nariz vermelho. —Sem agarrar a manga, sem capinar atrás de mim, sem *esperar, esperar*.

—Tudo bem, eu sou-

—Não faça! Não diga isso! Eu ouvi suas tristezas! Você me deu um brinco e depois me disse para encontrar o meu próprio caminho, e você sabe o que? — Ele balbuciou. —Encontrei meu próprio caminho e recuperei minhas

canções sem a estrela dos desejos. Não preciso de lendas ou desejos. Eu não preciso de você. Sim, eu te beijei e revirei os quadris com você, mas você me rejeitou novamente e não estou mais ansioso para que isso aconteça. Eu não posso.

Lágrimas caíram de seus olhos. — Eu te odeio, Lyrik. Eu te odeio tanto.

Estendi a mão, depois forcei minhas mãos para trás, sabendo que ele não queria. — Por favor. — Implorei.

— Por que você teve que me amar agora? Porque agora?

— Por favor, apenas olhe para mim. Só uma vez.

Ele fungou. Então ele cruzou os braços, desviando o olhar, seu perfil apertado. Mas ele estava ouvindo.

— Eu não comecei a te amar agora, aqui —, eu disse. — Eu já te amei lá, no Outono. Eu sempre te amei, viu? Sim, eu deixei você. Eu fiz, mas nunca mais. Eu nunca faria isso de novo... mas você pode. Você pode me deixar. Você pode me deixar ou me levar com você. Vou abandonar o Inverno, vou aonde você for, seguirei você em qualquer lugar. E você pode me deixar onde quer que estejamos, você pode me deixar repetidamente, você pode destruir meu coração, mas isso não importa. — Cuidadosamente, peguei uma das mãos dele e coloquei no meu peito. — Será sempre seu.

— Meu? — Ele gorjeou, seu olhar piscando se desviando para mim. — Quanto meu?

— Nomeie suas condições.

Ele cobriu, dando-lhe total consideração. — Você vai rastejar mais?

— Definitivamente.

— Você nomeará uma poção para mim?

— Absolutamente. —

— Posso escrever isso com sua nova tinta? —



— Facilmente.

— Se você sair novamente, eu recebo a custódia do corante de fumaça. —

— Droga, você está apontando para a jugular. Mas não vou a lugar nenhum — prometi.

Levou uma eternidade, eternamente para ele deliberar, eternamente para eu parar de engolir. Então, caramba, ele sorriu. — Nem eu.

Uma respiração saiu de mim quando eu percorri o resto da distância, alinhando meu corpo com o dele. Isso era tudo. O resto era sua decisão, porque ele poderia mudar de ideia, se quisesse.

— Entãããã... e agora? — Eu perguntei.

Nicu roçou o nariz no meu. — Agora você me ama.

Eu arrastei minha mão livre pelos cabelos dele, murmurando em seu ouvido. — Inferno, sim.



Atravessamos a porta da minha sala de poções e tropeçamos para dentro, nossas bocas se fundiram quando eu chutei a entrada fechada novamente. A moldura tremeu com o impacto. Nossos pés bateram juntos enquanto vagávamos pelo espaço, minhas mãos causando sérios danos às suas raízes, seus dedos agarrando meus quadris.

Inclinei meus lábios sobre os de Nicu e o abri. Sua língua varreu a minha, não esperando eu deslizar para dentro primeiro, o contato puxando pequenos gemidos de sua garganta e enviando fissuras na minha espinha.

Em um suspiro, ele tirou a boca de mim. — Onde-





— Pronto. — Eu disse, sinalizando para o que eu achava que era meu quarto adjacente - não tinha muita certeza no momento. Eu mal tinha terminado de responder antes de reivindicar seus lábios novamente, fazendo-o rir em minha boca.

Eu agarrei a parte de trás de sua cabeça e troquei de ângulo, lambendo a costura e depois entrando naquele canal quente. Sua risada derreteu em um gemido. E ele me beijou de volta, aqueles dentes de duende cortando e tirando sangue.

Não liguei. Continuamos a nos atrapalhar pela sala de poções enquanto puxamos e arranhamos as roupas um do outro. Tirei o casaco dele dos ombros e o joguei voando. Ele rasgou meu cachecol em volta do meu pescoço, depois arrancou meu próprio casaco de mim.

Nós ofegamos, nossas ações desleixadas e agitadas. Colocamos túnicas, coletes e camisas - realmente não podia dizer o que estávamos vestindo, só que tudo tinha que sair.

Seu beijo chuviscou ao longo da minha língua. Ele cheirava a bosques de Inverno, pétalas de Primavera e brisa de Outono. Sua pele macia aquecida como o Verão.

Nicu era todas as estações e nenhuma delas. Ele era todas as paisagens e todo um outro mundo de sua própria autoria.

Eu me tornei uma seiva, assim como os outros homens que eu conhecia que se apaixonavam por alguém. E eu não poderia estar mais feliz.

Nicu me deu um sorriso ansioso e travesso - e outra mordida de amor, desta vez na minha clavícula. Pequena praga. Eu fiz um barulho irregular, agarrei sua bunda e o puxei do chão. Suas costas atingiram a parede mais próxima, e suas coxas flanquearam meus quadris e caramba. Se eu não parasse, não pararia. Eu estaria dentro dele dentro de minutos.



Minha cabeça mergulhou e ele pegou meu beijo - e de repente, ele assumiu, dominando-o. Ele brincou com minha língua, lambendo contra mim.

Estações sagradas. Meus joelhos cederam. Ele se levantou com um grito.

Tropeçamos um no outro, tentando navegar até o quarto. No caminho, tiramos as botas e desabotoamos os cintos. De alguma forma, subimos a pequena escada para o quarto.

Não era tão impressionante ou luxuoso quanto o dele. Mas tinha um assento na janela que poderíamos usar mais tarde, uma cômoda da qual também poderíamos usar mais tarde e um colchão que usaríamos agora.

Nicu ainda não tinha visto esse espaço, não durante os tempos em que estive na antecâmara. Torcendo em meus braços, ele olhou em volta enquanto eu passava minhas mãos sobre ele, incapaz de me conter.

Ele analisou as lembranças que não conhecia. O frasco de fumaça que cora na minha mesa de cabeceira. E o topo do brinco.

E uma pena do traje que ele usara no Outono, durante o Festival Hallo na colônia da casa na árvore. Ele se vestira como uma carriça, e eu mantive uma das plumas, embalando e levando comigo para Inverno. Na carruagem de Mista para Iradis, eu o segurei durante toda a jornada, principalmente para me punir. Em parte, fingir que ele estava lá.

— Você se lembrou de mim. — Disse Nicu.

— Todas as manhãs e todas as noites. — Respondi.

— É aqui que você sonha.

— Sim. Sobre você.

— Nos seus sonhos, o que estamos fazendo?

— Deixe-me mostrar. — Eu disse, afastando as camadas de seu cabelo e chupando a curva de seu pescoço. Sua cabeça afundou para trás e ele alcançou



atrás, enredando os dedos nas minhas ondas. Assim, eu o acompanhei em direção à cama.

Caímos sobre uma montanha de peles e lã. E nossa pressa desapareceu.

A primeira vez foi cheia de desespero silencioso - sem palavras, sem garantias. Desta vez, fizemos um pacto tácito para desacelerar. E ser tão alto quanto queríamos.

Antes do amanhecer, eu teria certeza de que sua voz atingisse as vigas.

De joelhos, nos observamos através das sombras, a luz das estrelas escorrendo pelo espaço. Não havia velas ou chamas da chaminé. Apenas uma mistura de luminosidade externa e escuridão interna.

Suas íris fosforescentes. Esmeraldas derretidas acima de uma boca larga - feições sobrenaturais ainda a visão mais natural que eu já tinha visto. Ele roçou os lábios sobre a minha cicatriz, onde eu peguei uma espada por ele.

A muito tempo atrás. E não tanto tempo assim.

Os aros dos meus olhos ardiam. — Estações, eu te amo.

Ele fechou nossos dedos juntos. — Eu sou muito amável.

Levantando o nó que fizemos de nossas mãos, eu beijei seus nós dos dedos. — Como eu tive tanta sorte?

— Deixe-me mostrar. — Ele sussurrou, repetindo minhas palavras.

Coloquei meus braços em volta da cintura e o puxei contra mim, nossas bocas se moldando em um ritmo. Um beijo terno, diferente de qualquer um que compartilhamos. Com os braços em volta dos meus ombros, aproveitamos o tempo para explorar um ao outro. Ele suspirou entre os meus lábios, nossas línguas se curvando uma contra a outra.

O resto de nossas roupas se soltou, as calças caindo sobre a beira da cama. Eu o adorava, deslizando da cabeça aos pés - o lóbulo da orelha, o peitoral, o umbigo.



E mais. E mais baixo.

Com meus lábios em volta de Nicu, eu o fiz esmagar o travesseiro sob sua cabeça, fiz sua forma compacta tremer. Finalmente, consegui minha amostra completa. E ele tinha um gosto tão doce quanto eu imaginava que ele teria.

Eu o consumi, saboreando seu prazer chocado. E deslizando seu corpo antes que eu terminasse, beijei o protesto lamentável da sua boca. Não estava prestes a terminar isso tão rapidamente.

Sob as cobertas, eu o saboreava deitado debaixo de mim, de frente para mim.

Ainda radiante. Ainda meu.

Eu cutuquei meus quadris entre suas coxas, persuadindo-o, suas pernas inclinando em volta da minha cintura. Ele apertou minhas costas, suas unhas cravando quando eu me posicionei.

Apoiado em meus braços, eu beijei seus lábios. — Você gosta disso?

Meus quadris balançaram para frente, apenas uma fração, apenas o suficiente para sondá-lo. Suas costas arquearam quando ele assentiu rapidamente.

Meu sorriso — E *isso*?

A respiração dele. — Lyrik.

— Você quer mais? Porque eu vou te dar mais.

— Sim. Mais.

— Mais alto —, eu insisti, provocando-o com outro balanço da minha pélvis. — Mais alto, Nicu.

Um golpe preguiçoso. Um passe lânguido. Um tom raso.



E então eu mergulhei completamente em seu calor. Nicu deu um grito, um delicioso e ressonante no teto. Minhas costas se curvaram, um calafrio me percorreu, meus braços tremendo.

Minha rigidez e sua suavidade. Meu comprimento e seu aperto.

Nós nos encaixamos. De alguma forma, sempre nos encaixávamos.

Eu me afastei e inclinei novamente, novamente, novamente. Cada impulso provocou seus gemidos, musicais e altos. Isso me estimulou, me pressionando mais fundo, querendo que ele batesse em todas as notas.

E quando ele queria mais, e mais, e — Mais! — ele gritou - meu ritmo aumentou. Ele se agarrou a mim e eu agarrei seu rosto, beijando-o. Eu queria a voz dele por todo o quarto, derramando as portas e janelas e inundando todo o maldito castelo.

Seus gritos aumentaram, despreocupados e descuidados. Eu gemi com ele, movendo-me seriamente, aproveitando o aperto delicioso de suas pernas ao meu redor. A mudança de seu corpo nu, que caiu sobre os cobertores, o êxtase atordoado espalhado por seu rosto.

Eu o fiz cantar. Ele me fez gritar.

E não saímos do quarto por três dias. Não até aprendermos a trabalhar nossos corpos um no outro. Não até eu rodar minha língua em torno de seu mamilo e ele dar um gemido gaguejado. Não até eu cair de joelhos novamente e fazê-lo cantar. Não até que ele me curvou.

Não até que ele me embalou para ele, nós dois ofegando. E não até eu beijar sua testa úmida.

Foi assim que fiz amor com ele. Foi assim que ele me levou.





CAPÍTULO TRINTA E

OITO

PASSARO CANORO

O Inverno estava parado.

Estava imóvel, muito imóvel, muito imóvel.

A terra tremia, pensando em adoráveis coisas frias. Sob as estrelas, o castelo distante ficava ilustre e silencioso, abraçando um penhasco e com vista para um lago congelado, e uma cidade mais baixa de portas enfeitadas e chaminés inchadas. Uma terra de academias e museus, de cientistas e curandeiros, de guardiões da floresta e caçadores.

De escuridão e leveza. De desejos e sabedoria.

O mercado havia fechado, dobrando-se até a próxima. A véspera da sabedoria terminou de uma nova maneira, não de uma maneira maravilhosa, mas também de uma maneira ruim.

Uma maneira esperançosa.

A neve escorria pacificamente do céu. Seu alegre grupo de sonhadores estava entre as sempre-vivas cintilantes, trechos de luz piscando ao seu redor, criando um pequeno mundo de inspiração.

Um rei e um artista. Um cavaleiro e uma garota de madeira. Um bobo da corte e uma princesa. Um explorador e um pássaro canoro.

Quatro histórias. Quatro reinos.



Aliados nesta floresta, reunidos em um espaço entre as árvores, o grupo assistia de um ponto de vista. Eles assistiam a vida continuar.

Nicu sentiu o toque suave de Papa em uma mão e o toque áspero de Lyrik na outra. E ele sentiu a mãe por perto, seus amigos e seu companheiro.

— E agora? — Lyrik perguntou.

— Agora continuamos liderando. — Mamãe respondeu, apertando a outra mão.

— Nós continuamos curando. — Declarou Jeryn.

E ousando, Flare falou devagar o suficiente para Nicu e os outros entenderem.

— Conte comigo. — Disse Aspen.

— Você também fez o meu voto. — Prometeu Aire.

— Continuamos sonhando —, disse Nicu. — Até que não seja mais um sonho.

Até que fosse real, até que fosse normal, até então.

O reino havia se recuperado e espanado, como os reinos. Ele havia se recuperado da confusão daquele mercado final, e as pessoas haviam se retirado para suas casas, e os cavaleiros haviam se reconciliado ou não.

Todos eles aprenderam.

Índigo - entre outros soldados - se arrependeu depois de ver Nicu chegar com o guardião dos alces, mas os pensamentos do homem tiveram uma longa jornada em direção à redenção. Ele agora morava com seus camaradas em uma cela, onde ficariam por um bom tempo. Pior do que cometer traição, ele vomitava ignorância e colocava em risco os habitantes de Iradis.

Como um idiota, esse cavaleiro não tinha começado mal, mas a dor finalmente o levou até lá. Ele nunca se curou após a morte de sua irmã. Mas, como sua história foi divulgada durante a luta no mercado, sua sentença foi



mais calma; ele receberia o que Jeryn chamava de aconselhamento por sua perda. A Coroa de Inverno cuidaria para que Indigo e seus seguidores fossem expostos a uma educação benevolente, ensinando-os sobre tolerância, querendo ou não ouvir.

O resto seria com eles. Algumas pessoas podem mudar, outras não. Nicu, porém, esperava que, quando o homem fosse libertado, visse o mundo de um ângulo pacífico.

Pela memória de Nicu, o bando de sonhadores havia reescrito o Decreto dos Sonhos. Com a tinta de Lyrik, eles a selaram com a essência de poção das estações.

Flare havia desenhado seu símbolo. E todos haviam assinado como redatores do pergaminho. Cópias foram feitas no escritório.

Como governantes de Iradis, Jeryn e Flare haviam assinado para o Inverno. O amor deles não era mais um silêncio, não era mais um segredo, e embora não tivessem recebido abraços ou aplausos de todos, haviam conquistado o apoio de muitos. Eles sobreviveram em uma ilha por três anos, e enfrentariam isso e ficariam felizes em laranja, dividindo seu tempo entre essa terra e a floresta tropical.

Eles também levariam uma das cópias para Verão, para apresentar à Coroa de Perilyn.

Mamãe e papai levariam outra cópia para Outono, a avó da rainha de Nicu. Aire e Aspen viajariam de volta com eles.

Quanto à cópia da Primavera, essa era a busca de Nicu. Ele sugeriu, porque ainda estava cheio de sangue Whimtany. E o que esse reino de artistas valorizava? Canção.

Nicu poderia dar isso a eles, compartilhar um novo tipo de música com eles, como fez com Inverno. Sua voz poderia convencer o povo. E, como



emissário, suas palavras e teor poderiam inspirar essa monarquia entusiasta a pensar de maneira diferente. Assinar.

Nicu tentaria, pelo menos. E ele não iria sozinho.

Lyrik passou os lábios pelo brinco no lobo de Nicu, fazendo-o tremer de alegria. Juntos, eles cairiam no mato e encontrariam o caminho para Whimtany.

Na mesma nota, Sussurro soltou um suspiro desesperado, já imaginando o galope de seu trio pela paisagem.

Depois disso, eles voltariam ao gelo e ao gelo. E com o tempo, seu bando de sonhadores se reuniria com frequência, porque ainda tinham muito o que fazer, e fariam isso como um só.

Mas não hoje.

Hoje, eles simplesmente deram as mãos como fitas. Eles simplesmente deram as mãos e observaram a neve.

Hortelã e cedro giravam no ar, o frio fresco beijando o nariz de Nicu.

—E você? — Mamãe cutucou papai. —O que você tem que adicionar?

O papai de Nicu ruminou, um aglomerado preto de estrelas pintadas ao redor de um olho brilhante. —Infelizmente, eu não tenho nada a dizer.

Todas as cabeças se viraram surpresas, porque o papai nunca tinha *nada* a dizer. Jeryn e Flare franziram o cenho em suspeita, e Aire inclinou a cabeça em expectativa, e Aspen revirou os olhos e Lyrik bufou.

E Nicu captou o olhar astuto de seu pai, excitando-o.

—Por exemplo. Eu posso reivindicar você para uma dança, ou recitar uma história para fogueiras, ou eu posso fazer malabarismos com algumas pinhas — disse o pai. —Ou eu poderia simplesmente fazer isso.

Ele quebrou a cadeia de mãos. E três bolas de neve fizeram malabarismos, depois voaram de seus dedos para atingir Jeryn.



E outra voou de volta para ele. Poderia ter sido o rei, ou poderia ter sido Flare, ou poderia ter sido Aspen, ou poderia ter sido Nicu. Outro globo branco abobadado, e outro, e outro. A alegria deles gritava, todos os oito membros arremessando e jogando maços de gelo um para o outro.

Explosões de pó. A floresta brilhava, brilhando e comemorando. Todos riram, os sons saltando pela floresta estrelada.

Depois, eles se dispersaram, caminhando de volta para os trenós, de volta ao castelo. Lyrik pegou carona com Aspen e Aire, os sinos do veículo soando cada vez mais distantes.

Mamãe e Nicu foram os últimos a sair. E foi quando sua mãe parou enquanto caminhava pela floresta. — Onde está seu pai?

Nicu encolheu os ombros. — Talvez ele já esteja nos esperando.

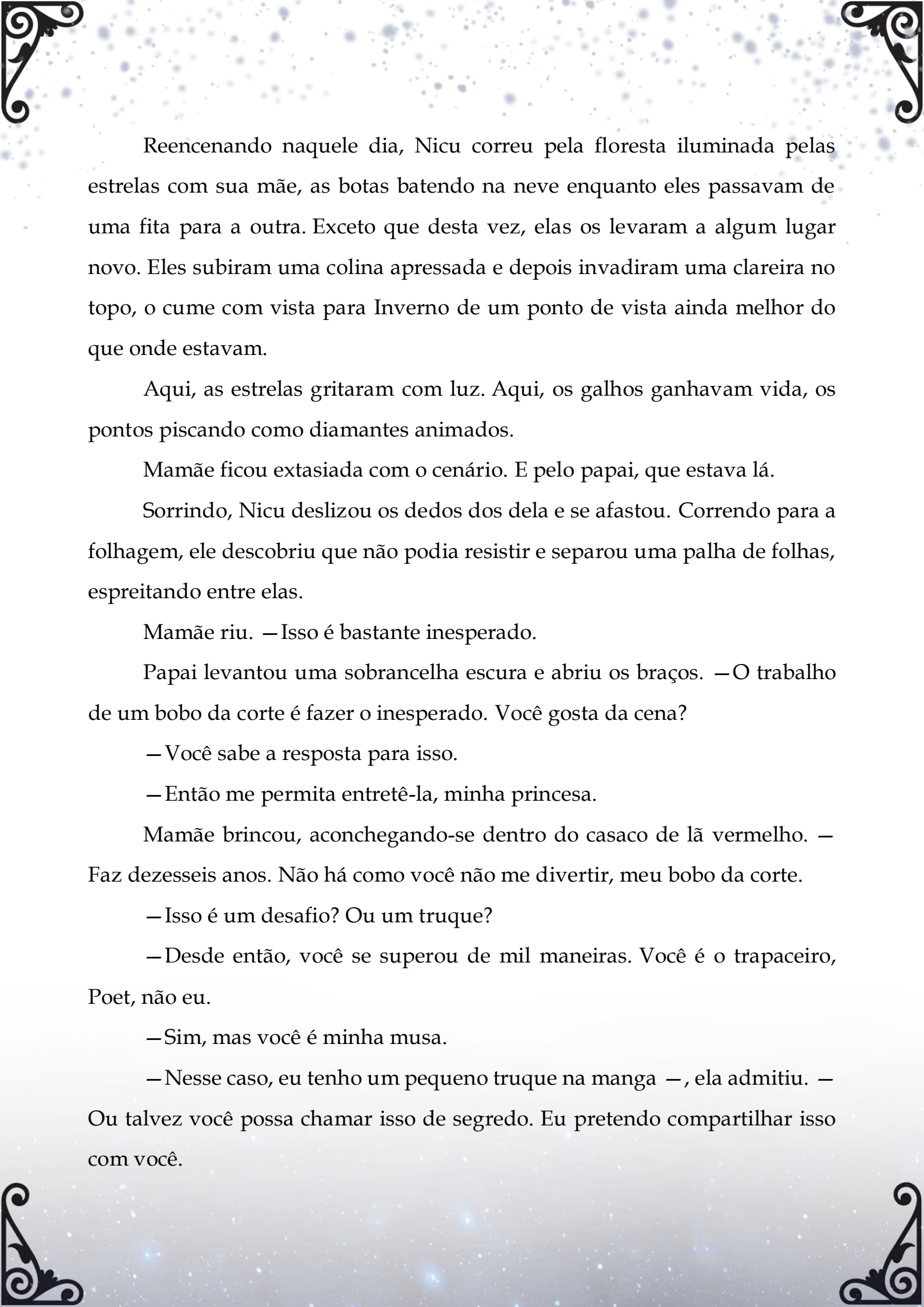
Eles se apressaram para o passeio. O trenó estava no meio dos abetos, com as bordas curvas cobertas de neve, um par de lanternas flamejando pelos lados. Os cavalos batiam os cascos.

Maior significava mais perto, Nicu lembrou a si mesmo. Então, quando o veículo ficou maior, quando eles se aproximaram, ele apontou. — Mamãe, olhe.

Sua mãe parou ao ver uma fita vermelha amarrada à maçaneta da porta do trenó. Ao longe, outra fita vermelha apareceu, circundando um tronco de árvore. E mais longe, outra ao redor de um galho.

Briar balançou a cabeça em diversão. Ela e Nicu trocaram sorrisos, apertaram as mãos e correram. Eles haviam feito isso uma vez antes, há muito tempo no Outono, quando Nicu tinha sete anos. Eles correram ao longo de uma trilha de fitas escarlate, perseguindo-a até encontrar o seu fim - e a pessoa que esperava no seu destino.





Reencenando naquele dia, Nicu correu pela floresta iluminada pelas estrelas com sua mãe, as botas batendo na neve enquanto eles passavam de uma fita para a outra. Exceto que desta vez, elas os levaram a algum lugar novo. Eles subiram uma colina apressada e depois invadiram uma clareira no topo, o cume com vista para Inverno de um ponto de vista ainda melhor do que onde estavam.

Aqui, as estrelas gritaram com luz. Aqui, os galhos ganhavam vida, os pontos piscando como diamantes animados.

Mamãe ficou extasiada com o cenário. E pelo papai, que estava lá.

Sorrindo, Nicu deslizou os dedos dos dela e se afastou. Correndo para a folhagem, ele descobriu que não podia resistir e separou uma palha de folhas, espreitando entre elas.

Mamãe riu. — Isso é bastante inesperado.

Papai levantou uma sobrancelha escura e abriu os braços. — O trabalho de um bobo da corte é fazer o inesperado. Você gosta da cena?

— Você sabe a resposta para isso.

— Então me permita entretê-la, minha princesa.

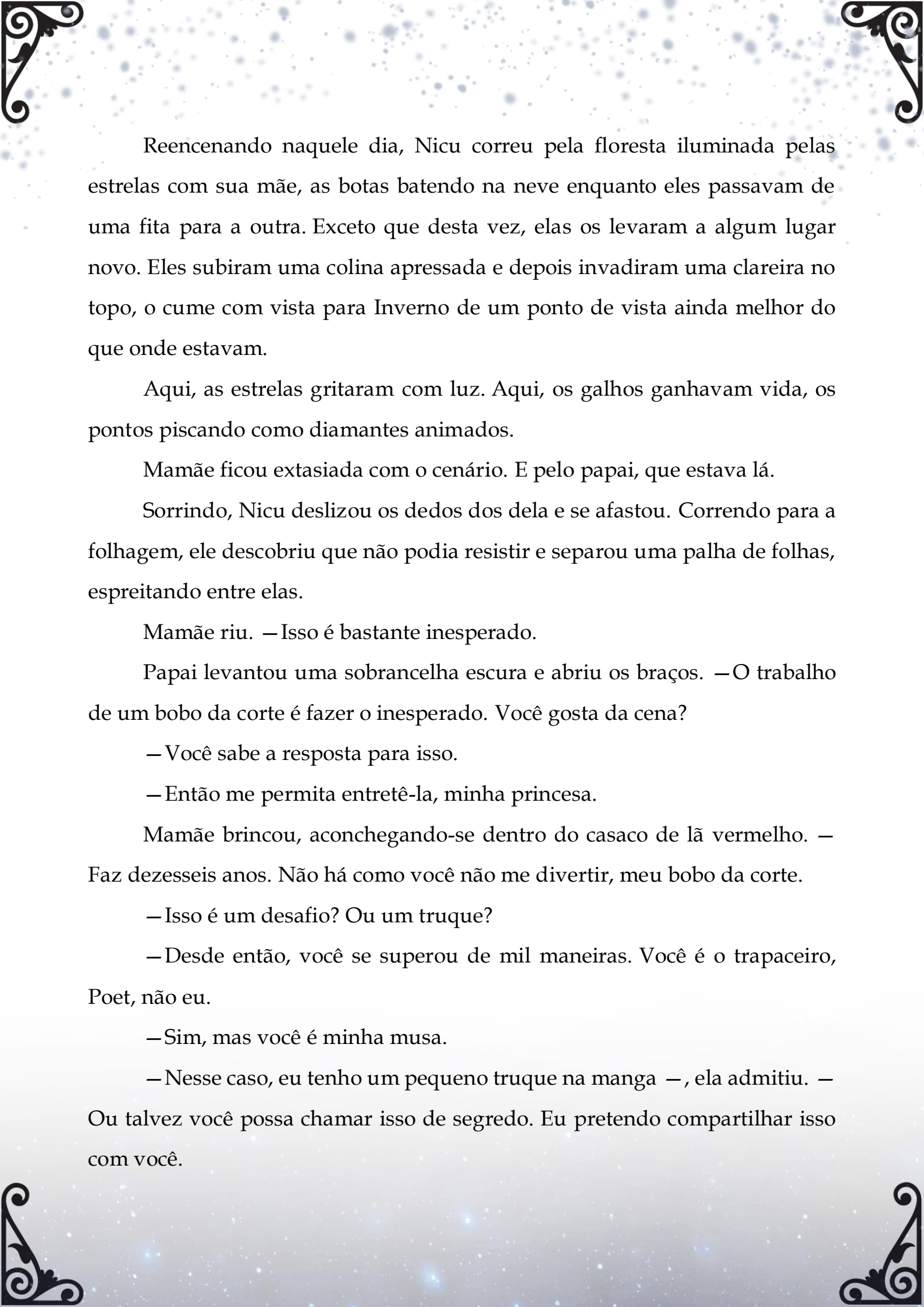
Mamãe brincou, aconchegando-se dentro do casaco de lã vermelho. — Faz dezesseis anos. Não há como você não me divertir, meu bobo da corte.

— Isso é um desafio? Ou um truque?

— Desde então, você se superou de mil maneiras. Você é o trapaceiro, Poet, não eu.

— Sim, mas você é minha musa.

— Nesse caso, eu tenho um pequeno truque na manga —, ela admitiu. — Ou talvez você possa chamar isso de segredo. Eu pretendo compartilhar isso com você.



—Posso ir primeiro? Conceda-me esta licença, pois tenho um truque para lhe favorecer. — A inteligência desapareceu de sua voz. — Um que está muito atrasado.

O tom de seu pai afundou na terra e subiu ao céu. Dentro das palavras, Nicu ouviu incontáveis momentos, lembranças sem fim.

Manhãs e noites. Amanhecer e crepúsculo.

Brincadeiras e gritos. Toques e olhadas.

As sardas de mamãe se encolheram de confusão, depois se espalharam de espanto. Ela assistiu, seus lábios se abrindo quando o Papa fez algo que ele nunca fez antes.

Ajoelhou-se diante dela.

Com o joelho pressionado na neve, papai segurou os olhos de mamãe. — Briar.

Ela soltou um suspiro. — Oh meu...

— Eu fiz muitas perguntas, Doce Espinho. Todas menos uma.

Suas mãos mitológicas dispararam, apertando a boca enquanto seus olhos se enevoavam. Observar a reação dela fez a garganta de Papa estremecer, o toque substituído por algo coletado por muito, muito mais que uma década.

Parecia que o pai havia esquecido o solilóquio que ele havia ensaiado. Nicu não tinha, ainda assim ele não se intrometeria e o lembraria, porque não podia, porque ficou mudo. Seus olhos ardiam e ele pulou no lugar, sofrendo antecipações da maneira mais preciosa.

— Você sabe meu nome verdadeiro —, disse o pai à mamãe. — Você conhece meu verdadeiro coração, sob o exterior deslumbrante-

As palmas das mãos caíram da boca quando ela deu uma risada chorosa.

— Minha princesa —, disse ele. — Jogamos piadas perversas e assumimos riscos brilhantes. Temos sido uma loucura e vitória um do outro. Enfrentamos

demônios e bênçãos conhecidas. Governamos separadamente e juntos... e confesso que foi para onde nos desviamos. Por entre as provações e triunfos, temo que tenhamos atingido uma rotina, e tenho uma mente criativa para consertar isso. Por que meios, você quer saber? Estou emocionado que você perguntou.

— Começou com uma fita e espero que continue com um anel. Eu sou um bobo da corte exigente, para que uma bugiganga venha mais tarde, em privado, de preferência, ou melhor, *certamente*, quando eu tenho você na cama. Por enquanto, permita-me dizer o que vou fazer.

Ela assentiu, um fio vermelho caindo da trança e se espalhando pelo rosto.

Ele passou o braço na frente dele. — Como você quiser. É tão simples e eterno como este: eu amo você. E nisso prometo ficar totalmente ao seu serviço. Chame de o mais querido dos jogos intermináveis.

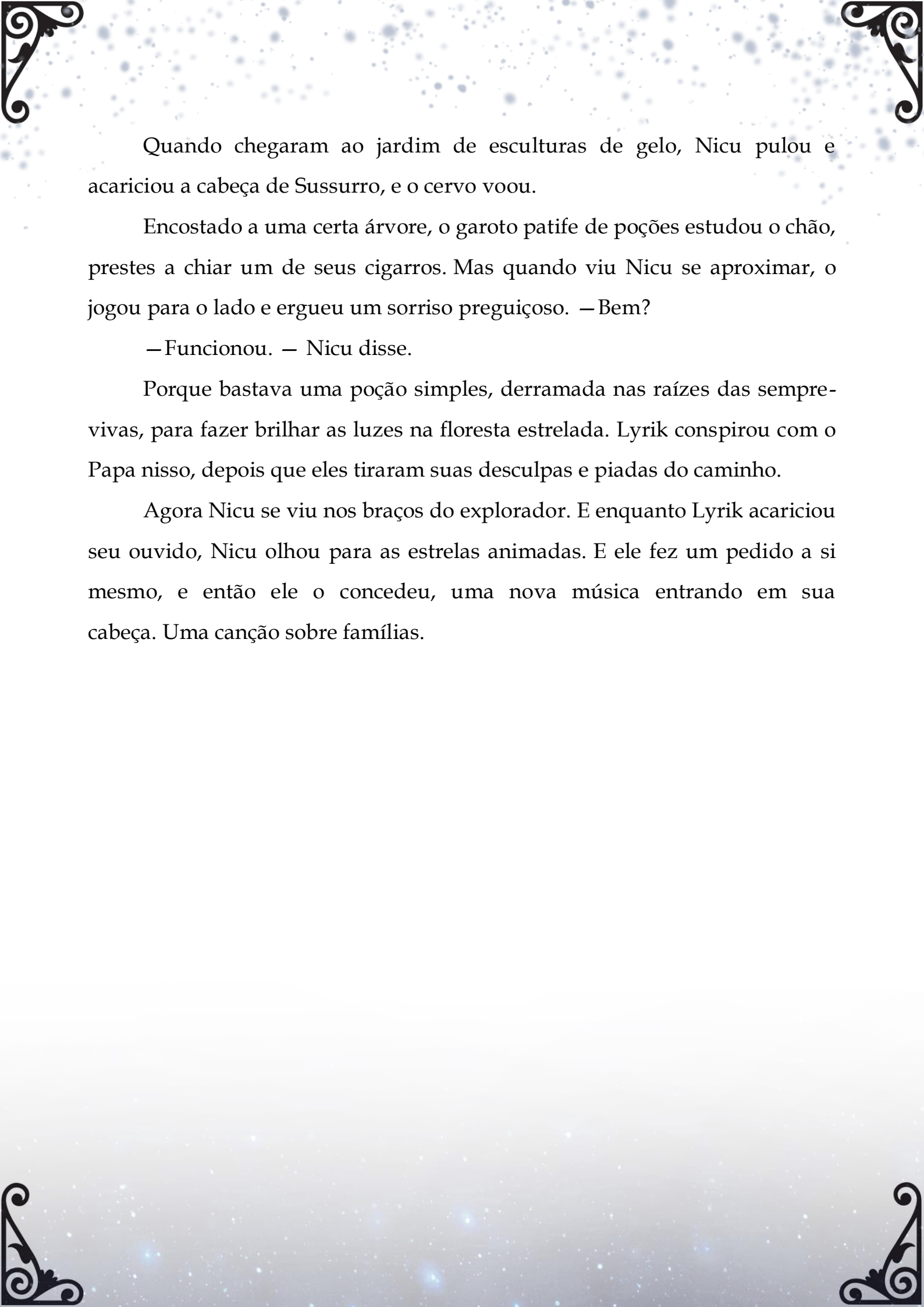
— Oh, Poet.

— *A cada jogo, meu coração é o mesmo. Sempre puro, sempre certo.* — Os lábios dele se curvaram. — E embora eu pretenda continuar sendo um amante zombador e dedicado, seria uma honra se você pudesse me chamar de mais uma coisa, entre muitos outros títulos. — E então sua voz falhou. — Amada Briar, você ace-

— Sim! — Ela chorou, calando-o com um beijo.

Papai se levantou e girou a mãe nos braços.

Nicu recuou e pulou, deixando-os sozinhos. No meio da colina, ele cantarolou, e Sussurro apareceu, seus membros dobrando a neve. Ele abraçou o pescoço dela e depois pulou de costas. Galoparam pela Floresta Iluminada pelas Estrelas, pela Floresta de Pinheiros e pela cidadela, sem precisar de ajuda para encontrar o caminho.



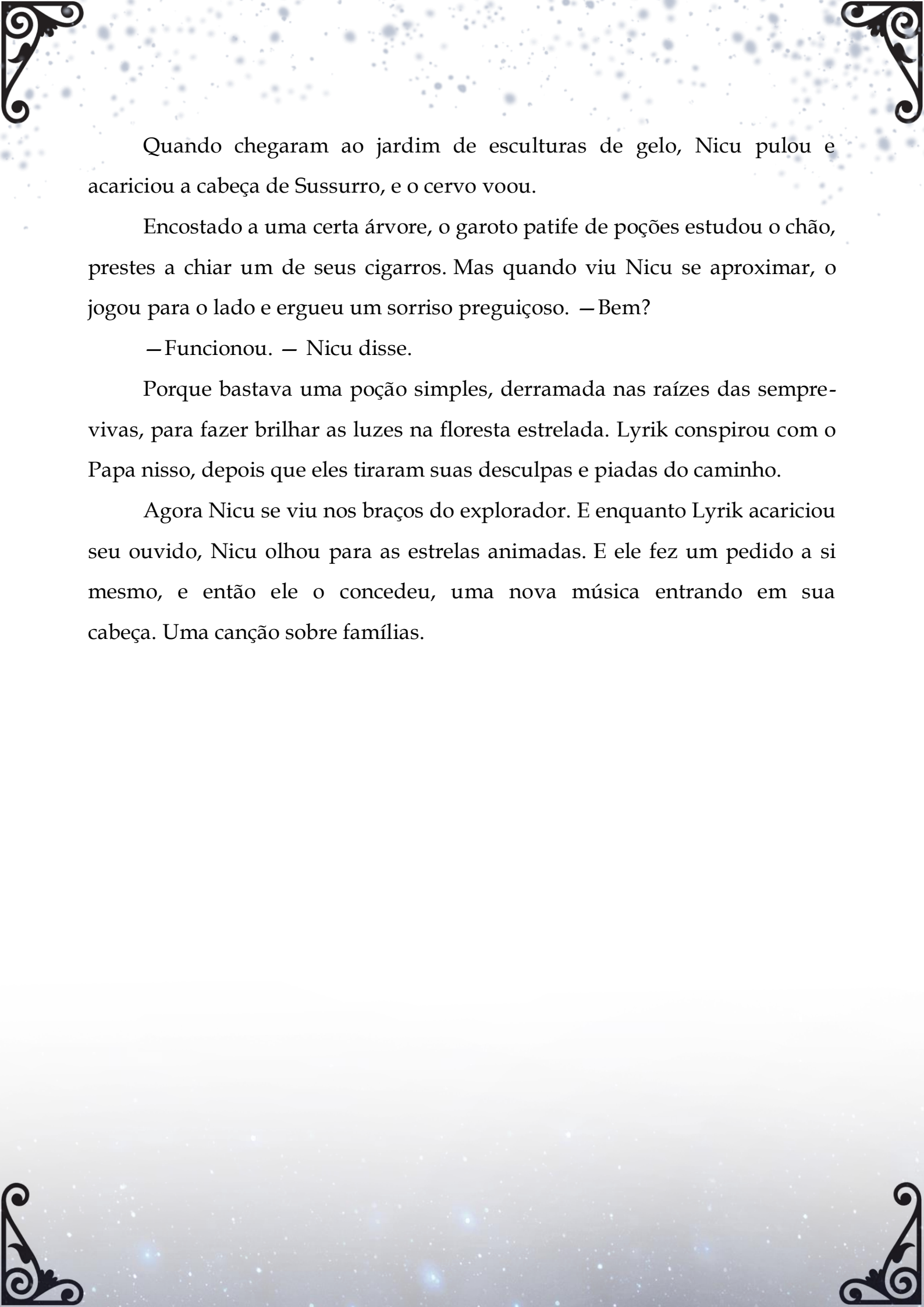
Quando chegaram ao jardim de esculturas de gelo, Nicu pulou e acariciou a cabeça de Sussurro, e o cervo voou.

Encostado a uma certa árvore, o garoto patife de poções estudou o chão, prestes a chiar um de seus cigarros. Mas quando viu Nicu se aproximar, o jogou para o lado e ergueu um sorriso preguiçoso. — Bem?

— Funcionou. — Nicu disse.

Porque bastava uma poção simples, derramada nas raízes das sempre-vivas, para fazer brilhar as luzes na floresta estrelada. Lyrik conspirou com o Papa nisso, depois que eles tiraram suas desculpas e piadas do caminho.

Agora Nicu se viu nos braços do explorador. E enquanto Lyrik acariciou seu ouvido, Nicu olhou para as estrelas animadas. E ele fez um pedido a si mesmo, e então ele o concedeu, uma nova música entrando em sua cabeça. Uma canção sobre famílias.



CAPÍTULO TRINTA E

NOVE

PATIFE

Uma brisa floral mergulhava no prado, induzindo um perfume nostálgico - como a essência de uma história antiga. Flores silvestres impregnavam a atmosfera, misturando-se com o incenso de ervas e feixes de morangos.

Hã. Não era uma mistura de aromas que eu já conhecia. Mas então, eu só estive neste reino uma vez antes - alguns meses atrás com Nicu, quando apresentamos o Decreto dos Sonhos. Talvez essa fragrância fosse normal para a Primavera.

Beija-flores zuniam entre os salgueiros e as árvores atrevidas de Whimtany, folhas cor de rosa chovendo nas ervas altas. Olhei em volta, imaginando um certo elfo crescendo aqui, pulando pela floresta. Um segredo ambulante, falante, com grandes esferas verdes, uma boca larga e uma voz de flauta.

Como sempre, meus olhos cobriram a distância e pressionaram contra ele. Embora estivesse de costas para mim, seu corpo compacto o detectou. Ele balançou a cabeça por cima do ombro, a trança curva apertada em torno do lóbulo da orelha, o esboço espetado piscando.

Ele me pegou admirando-o - porque diabos, ele parecia atraente naquele gibão escuro enfiado em prata, com seu decote profundo e uma camisa verde

pinho em camadas por baixo. A calça se agarrava às pernas e desaparecia em um par de botas de joelho, polidas e apertadas ao redor de suas panturrilhas.

Ninguém tinha permissão para parecer mais bonito que a noiva. Pelo menos, foi o que Aire me disse, mas caramba. Eu nunca me cansaria dessa visão élfica.

Eu comuniquei uma promessa silenciosa, certificando-me de que chegasse a ele.

Primeira chance hoje à noite, e eu sou toda seu.

Os olhos vibrantes de Nicu se arregalaram, as maçãs de suas bochechas rosadas.

— Pare com isso — disse Aspen, apoiando-se em mim com Aire, ambos conscientes do que Nicu e eu estávamos fazendo. Eles conheciam aquele olhar quente e incomodado, porque que casal do nosso grupo não deixava escapar aqui e ali?

— Não posso evitar —, eu disse. — Como o resto de vocês, tolos enlouquecidos, estou obcecado.

Aspen deu uma risadinha, vestida com um vestido de cetim, com o chapéu de penas em cima da cabeça. Aire riu, vestido de couro e seda.

Nas proximidades, seus dois filhos adotivos, Falconer e Locust, disparavam pelo prado. O menino e a menina gritaram, perseguindo o furão de Poet.

Aspen me deu uma cotovelada. — Você limpa bem.

— Não vá contar a ninguém. — Eu disse, brincando com o gibão da meia-noite. O bobo da corte não tinha tolerância com o meu estilo desleixado nessa tarde em particular, então eu me comprometi. Roupas sérias, contanto que eu tenha que ficar com o brinco - e eu poderia ter esquecido de me barbear. Hábito.



Emergindo da folhagem, um trio de mulheres coroadas em grinaldas florais entraram em cena. Elas viram Nicu ao mesmo tempo em que ele as viu, todos explodindo em um grito coletivo.

— Nicu! — Elas gritaram.

— Três tolas! — Ele falou.

Elas correram pela grama como um monte de ninfas da floresta, colidindo em um acesso de abraços como se não se tivessem visto há apenas alguns meses. Três Tolas era um apelido que Briar havia dado com carinho a essas damas de companhia quando elas eram mais jovens.

Nicu as trouxe até nós, fazendo apresentações para Aspen e Aire.

— E você se lembra de Lyrik — Nicu sorriu, deslizando o braço pelo meu.

Suas cabeças dirigiram em minha direção, seus olhares examinando antes de se reunirem ao meu redor. Elas já me conheciam, durante o Decreto dos Sonhos. Naquela época, elas tinham muitas perguntas e queriam detalhes, completos com angústia.

E drama. E algodão. E vapor.

Isso não as impediu de me reavaliar.

Posy e Vale se abraçaram, a visão de um par de amor animado. Cadence avaliou Aire, depois cortou a admiração quando Aspen lançou um olhar aguçado. Com isso terminado, as coisas passaram de mesquinhas para amigas. O lado camarada da garota da madeira saiu, o que significava que ela se dava bem com as ninfas. Em uma terra de arte e capricho, sua pele de madeira não as perturbava.

Enquanto isso, Flare pulava de galho em galho com os pés descalços. Envoltas em um vestido de botão de ouro, com suas ondas escuras desfeitas, ela corria sobre os galhos em direção a Jeryn. Até recentemente, eles só se casaram através de uma cerimônia não oficial em sua ilha; mas eles





havam corrigido isso com um documento formal. E agora o rei observava sua rainha com adoração, abrindo os braços para ela cair.

Laranja e rosa espirravam no céu. Era começo da noite, com lanternas de velas suspensas nas árvores florais, atadas à minha bebida para uma luz robusta. Uma trilha de tinta cor-de-rosa levava os hóspedes através dos salgueiros a essa área.

Não que houvesse muitos de nós. O bobo da corte e a princesa limitaram esse encontro a amigos e familiares próximos. Pelo menos na primeira rodada.

Mais tarde, eles ostentariam o evento real que todos esperavam. O show onde uma população barulhenta de milhares se aglomerava nas ruas de outono, jogando folhas de bordo no ar e aplaudindo. O extravagante em que o bobo da corte ostentava, fazia malabarismos - e usava uma coroa.

As estações nos ajudem. Com Poet no comando, aquele dia de platina iria estressar a todos nós. Como já era, já tínhamos sido submetidos ao planejamento desse caso íntimo. No mês passado, ele tinha sido um pirralho de alta manutenção para todos que estavam ali, lamentando comida, música, doces e cabelos.

Falando do noivo do inferno, Poet chegou.

Ele entrou no prado e fez uma reverência. — Não precisa ter medo. Pois eu estou aqui.

Ele saltou de pessoa para pessoa, exibindo sua fantasia. Um longo casaco preto com gola alta com bordas em renda branca, colocado sobre mangueiras de obsidiana. Ele arregaçou as mangas do casaco, expondo sua pilha de pulseiras incompatíveis, incluindo a fita escarlate. Um pergaminho intrincadamente pintado curvava-se ao redor da curva externa do olho direito.





Simples. Clássico. Depois dos rabiscos exigentes que ele encomendara ao alfaiate, e depois de todo o bobo da corte falando sobre roupas, ele realmente diminuiu o tom.

As Três Tolas saltaram sobre ele, esbanjando-o com abraços.

Seu sorriso se derreteu em outra coisa quando ele olhou para as árvores, onde um homem chegou carregando um alaúde. O músico tinha cachos loiros e um sorriso bobo. Eles caminharam rapidamente um em direção ao outro, depois se abraçaram.

— Eliot. — Disse Poet, sua voz carinhosa.

— Poet. — Disse o homem com prazer.

O melhor amigo de Briar. Eu já o conheci também.

O alaúde era um menestrel que a princesa conhecia desde a infância. Ele também era um bom amigo de Poet, desde os dias em que se apresentaram juntos na Corte da Primavera. Desde que o bobo da corte e seu filho se mudaram para Outono, Eliot desenvolveu um vínculo com as Três Tolas, que acenavam para ele agora.

O namorado de Eliot apareceu, um flautista que fez o menestrel corar.

— Ela mal pode esperar para vê-lo. — Ouvi Poet confidenciar a Eliot.

O homem sorriu. — O sentimento é mútuo.



O pôr do sol se aproximou. As luminárias brilhavam com força total.

As mulheres recuaram para ajudar a dar os retoques finais na princesa. Flare, Aspen e as Três Tolas voaram em direção as árvores floridas e salgueiros, além dos quais uma cabana se isolava na floresta. A casa da avó de





Nicu se destacava daqui; é onde ele passou seus primeiros anos, vivendo em segredo do mundo.

Poet olhou naquela direção, sabendo que era onde Briar se preparava.

Ele ficou mais e mais quieto. Ele se mexeu, puxou as mangas e traçou o bracelete escarlate.

Eu não era o único que estava gostando de vê-lo nervoso. Jeryn sorriu, nem mesmo tentando esconder. Aire estava mais compreensivo, segurando o ombro do bobo da corte. Nicu colocou a renda na gola do pai, sabendo que precisava, sabendo que o homem não era mais capaz.

Eventualmente, as mulheres alegres voltaram, provocando o bobo da corte. Eles viram a noiva dele e esconderam os detalhes.

Mas ele visivelmente relaxou quando uma senhora idosa se materializou na folhagem, esbarrando nas folhas verde e rosa. Seu rosto envelhecido continha fendas, mas, apesar da textura de estopa de sua pele, ela andava animada. Um crescente de folhas de ervas curvava-se ao redor de seus cabelos grisalhos.

Quando seus olhos pousaram em Poet e Nicu, eles se juntaram com lágrimas não derramadas e sem falta de espírito. — Meus meninos —, disse ela, com a voz embaralhada enquanto os acenava rapidamente. — Bem, o que vocês estão esperando? Cadê meu abraço?

Velha Jinny, eles a chamavam. Ela criou Poet como seu filho. Então ela ajudou o bobo da corte a criar Nicu.

Poet e Nicu apertaram-na com força, o trio formando um ninho.

Seu olhar viajou em minha direção. Eu me endireitei, puxando meus dedos dos bolsos. Inferno, eu poderia ter me contorcido.

Ela já tinha sido apresentada a mim, mas ainda não havia julgado. Com o bobo da corte e os braços de Nicu ligados aos dela, ela se aproximou, me



avaliando novamente. — Ah, o patife explorador que gosta do meu neto. Ainda está por aí, entendo.

— Sim. Mantém as coisas interessantes.

— Espero muito mais visitas ao meu chalé. Não que esses quatro — Ela apontou o polegar em direção a Eliot, Cadence, Posy e Vale. — não tenham me divertido todos esses anos, mas eu não me importaria de adicionar um par extra ao pote. Especialmente se esse par é meu neto e seu patife. Um bônus se você trazer meu filho e sua esposa com você.

— Eu posso ser capaz de balançar isso.

Jinny me examinou de cima a baixo e depois deu um tapinha na lateral da minha bochecha. — Você vai fazer. — Então ela se virou para Poet e sussurrou: — Ela está pronta.

O bobo da corte inclinou a cabeça, sussurrando de volta: — Como eu.

Formamos duas linhas, uma passarela de grama coberta de flores. Eliot tocava alaúde, os dedos tocando uma música de uma velha balada de contos folclóricos, as cordas do instrumento vibrando nos galhos.

No final da fila, debaixo de uma ampla árvore com galhos que se estendiam sobre todos, Nicu estava ao lado de Poet enquanto embalava o furão do bobo da corte.

Poet estava inquieto... depois parou abruptamente, os dedos caindo ao lado do corpo. Seus olhos brilhavam em um intenso tom de verde, e ele parecia perder o fôlego.

Porque lá estava ela.

Ela deslizou de um bosque, as folhas roçando seus ombros enquanto entrava no prado. Ela usava um vestido branco, o decote aparado na mesma renda delicada que a gola dele. Sem véu ou enfeites caros. Nenhum dos esperados de uma princesa.



Apenas Briar. Só ela, em uma longa e sofisticada varredura de material, que cobria seu ventre.

Sobre o inchaço solavanco do meio.

Seu estômago estava crescendo de forma constante nos últimos meses. Carregar uma criança a fazia brilhar da maneira mais bonita. Até eu fiquei sem palavras.

Ela encontrou os olhos de Poet - e foi aí que eles ficaram.

Enquanto a música passava pela atmosfera, ela atravessou o campo de flores silvestres em direção a ele. Uma única flor de cerejeira brotava da trança solta em sua nuca. Suas sardas coraram, uma fusão do pó que Aspen sem dúvida aplicara.

O bracelete escarlate da princesa combinava com o de Poet e Nicu. Ela carregava um buquê de mais flores de cerejeira - escolhidas a dedo por Poet - enquanto o outro braço envolvia o de sua mãe.

A rainha, Avalea do Outono, guiou a filha pela estrada. A mulher era uma torre real, com curvas para rivalizar com as de Aspen. Ela parecia composta, serena e feliz. E um pouco melancólica quando beijou Briar e a entregou a Poet.

O bobo da corte recuperou a compostura, além de seu lado travesso. Com um sorriso pecaminoso, ele se inclinou para a frente e falou baixinho no ouvido de Briar, manchando-a de vermelho, enquanto ela lutava para não rir.

Jeryn presidiu a cerimônia. O bobo da corte enfiou os dedos nos da princesa, seus olhares nunca vacilando. Eles escreveram seus próprios votos, o comovente de Briar, o de Poet, travesso.





Ele a mergulhou em um beijo enquanto nós assobiamos e assobiamos. Então ele se endireitou e continuou beijando-a, beijando-a e beijando-a.

Jeryn pigarreou. Poet apenas piscou os dedos livres, dispensando o rei enquanto ele içava Briar nos braços, reforçando o beijo apaixonado.

Meus olhos encontraram os de Nicu. E sim, é onde eles ficaram também.

O que se seguiu teve que ser a recepção real mais desagradável, mais rebelde e não convencional de todos os tempos. A velha Jinny e a rainha Avalea dividiam um banco e uma caneca, brindando à noite. Briar pegou as saias e correu em direção a Eliot, os dois se abraçando, chorando e rindo ao mesmo tempo.

Depois disso, o menestrel tocou uma música alegre com seu flautista.

As três tolas começaram a dançar. Nicu se juntou a elas, o furão pulando ao redor de seus pés.

Aspen e Flare uniram forças, girando seus quadris de uma maneira que deixou Aire e Jeryn boquiabertos. Decidindo que haviam atormentado seus homens o suficiente, as damas saltaram na direção deles, arrastando-os para a dança.

Aspen apertou sua bunda contra Aire, provocando-o antes que os dois filhos aparecessem. O cavaleiro pegou sua filha e a girou, enquanto a garota de madeira saltou no lugar com seu filho.

Flare pulou nos braços de Jeryn, suas testas pressionando enquanto balançavam juntos como uma onda ao longo de uma costa.

Poet pegou a mão de Briar, guiando sua esposa grávida para fora do campo. Eles se foram por uma boa meia hora, retornando com um brilho distinto. Com base em alguns petiscos - uma folha perdida presa em seus cabelos, a bainha amarrotada de seu vestido, sua camisa desarrumada, sua





expressão presunçosa - eles encontraram uma bela árvore para se aconchegar. Nem tinha esperado até a noite de núpcias.

Não poderia culpá-los. Meus olhos continuavam traçando cada movimento de Nicu, ele naquele traje glorioso, do jeito que ele moldava seu corpo. Ele cobriu o chão rapidamente, passando de um rosto para outro como um espírito da floresta.

Meu pequeno espírito. Meu.

Enquanto a noite descia, Eliot diminuiu o ritmo, tocando enquanto Nicu cantava para seus pais. Ele estava fazendo um nome para si mesmo, impressionando as pessoas com sua voz, usando-a para cortejar o favor da Primavera. Conseguimos Whimtany para assinar o Decreto dos Sonhos, enquanto Jeryn e Flare haviam conseguido no Verão.

Os monarcas da primavera também haviam permitido esse casamento, um gesto final de trégua com o Outono, encerrando velhos ressentimentos.

Por trás, Poet passou os braços em volta de Briar, os dedos espalhados sobre o estômago dela enquanto observavam Nicu derramar música através da clareira. Outra canção que ele criou por conta própria.

O bobo da corte beijou a têmpora de sua esposa e ouvi-o dizer: — Nossa família.

No instante em que a voz de Nicu desapareceu, eu me arrastei até ele. Agarrando sua mão, eu o levei para a floresta floral, onde pétalas tremiam acima. Prendendo-o contra uma árvore, eu mergulhei minha cabeça, beliscando o toco em sua orelha.

Em um suspiro tonto, ele arqueou em mim. — Mais.

— Sempre. — Eu disse, agarrando seu rosto e beijando-o sem sentido.

Minutos se passaram antes que eu levantasse minha boca da dele. —

Porque aqui? — Eu perguntei.





Por que Poet e Briar escolheram este prado, de todos os lugares nas quatro estações do ano?

Era um momento aleatório para refletir sobre isso, mas ele sabia o que eu queria dizer. — Porque é aqui que começou.

Eu dei um beijinho no nariz dele. — Onde o que começou?

Ele sorriu. — Tudo.

Nicu me disse. Era o lugar onde o bobo da corte e a princesa haviam se beijado pela primeira vez, onde tudo havia mudado. Se isso não tivesse acontecido, eu não o teria conhecido.

A folia duraria até a noite. Aproveitamos esse momento livre.

Esgueirando-nos para a cabana de infância de Nicu, caímos em seu antigo quarto. Roupas espalharam o chão em segundos.

E em mais alguns segundos, eu o tive ofegando em cima da cama. E pouco tempo depois, eu estava com as costas contra o peito. Nós dois de joelhos e tremendo. Nós dois perdidos e barulhentos como eu amei cada parte dele.

Ele estendeu a mão e apertou meus quadris inquietos.

Estendi a mão e cobri seu coração batendo.

E muito tempo depois disso, ficamos de bruços, de frente para o outro. Nossos dedos entrelaçados. Eu planejava que ele se acostumasse com isso, se acostumasse a muitas coisas comigo. Eu iria estragá-lo, em troca de um único desejo.

Nicu sorriu em nossas mãos enfiadas. — Vá em frente e pergunte.

Eu cheguei mais perto e sorri. — Cante uma música para mim, Pássaro Canoro.



EPÍLOGO

PASSARO CANORO

Quando ele era pequeno, ele costumava cantar para as nuvens.

Ele cantou para as nuvens inchadas, para as nuvens espumosas, para as nuvens chicoteadas.

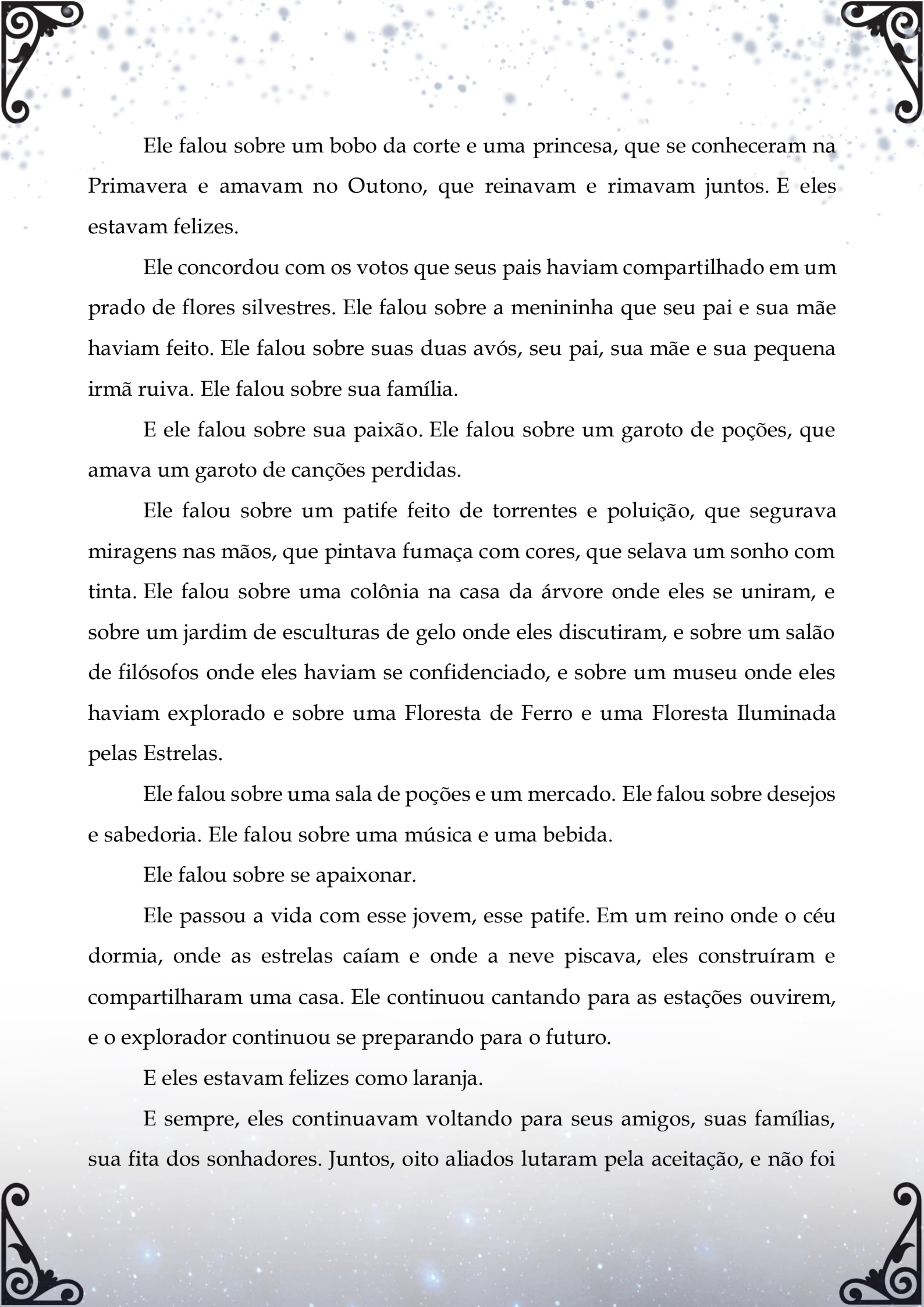
E ele cantou para as estrelas. E ele cantou sobre desejos. E ele cantou sobre como encontrar os dois, como tocar os dois.

Quando ele cresceu, ele cantou para o mundo. Ele cantava canções de natal sobre cada estação, sobre as flores e os flertes da Primavera, sobre a areia e o rugido do Verão, sobre as bolotas de noz e histórias de fogueiras do Outono, sobre as nevascas e sussurros do Inverno.

Ele cantou uma canção sobre amor, sobre muitos amores, sobre quatro amores. Ele cantou sobre uma história tola, uma história perigosa, uma história desonesta e uma história de desejo. Ele cantou sobre um truque, um desafio, uma mentira e um sonho.

Ele falou sobre um príncipe do Inverno e uma artista do Verão, que se tornaram rei e rainha. Eles governavam os alpinos congelados e às vezes escapavam para uma ilha chuvosa e ficavam felizes.

Ele falou sobre uma garota de madeira e um cavaleiro do ar, que viveram de verdade para sempre. Eles moravam com seus filhos na terra das folhas que caíam, serviam a Coroa e eram felizes.



Ele falou sobre um bobo da corte e uma princesa, que se conheceram na Primavera e amavam no Outono, que reinavam e rimavam juntos. E eles estavam felizes.

Ele concordou com os votos que seus pais haviam compartilhado em um prado de flores silvestres. Ele falou sobre a menininha que seu pai e sua mãe haviam feito. Ele falou sobre suas duas avós, seu pai, sua mãe e sua pequena irmã ruiva. Ele falou sobre sua família.

E ele falou sobre sua paixão. Ele falou sobre um garoto de poções, que amava um garoto de canções perdidas.

Ele falou sobre um patife feito de torrentes e poluição, que segurava miragens nas mãos, que pintava fumaça com cores, que selava um sonho com tinta. Ele falou sobre uma colônia na casa da árvore onde eles se uniram, e sobre um jardim de esculturas de gelo onde eles discutiram, e sobre um salão de filósofos onde eles haviam se confidenciado, e sobre um museu onde eles haviam explorado e sobre uma Floresta de Ferro e uma Floresta Iluminada pelas Estrelas.

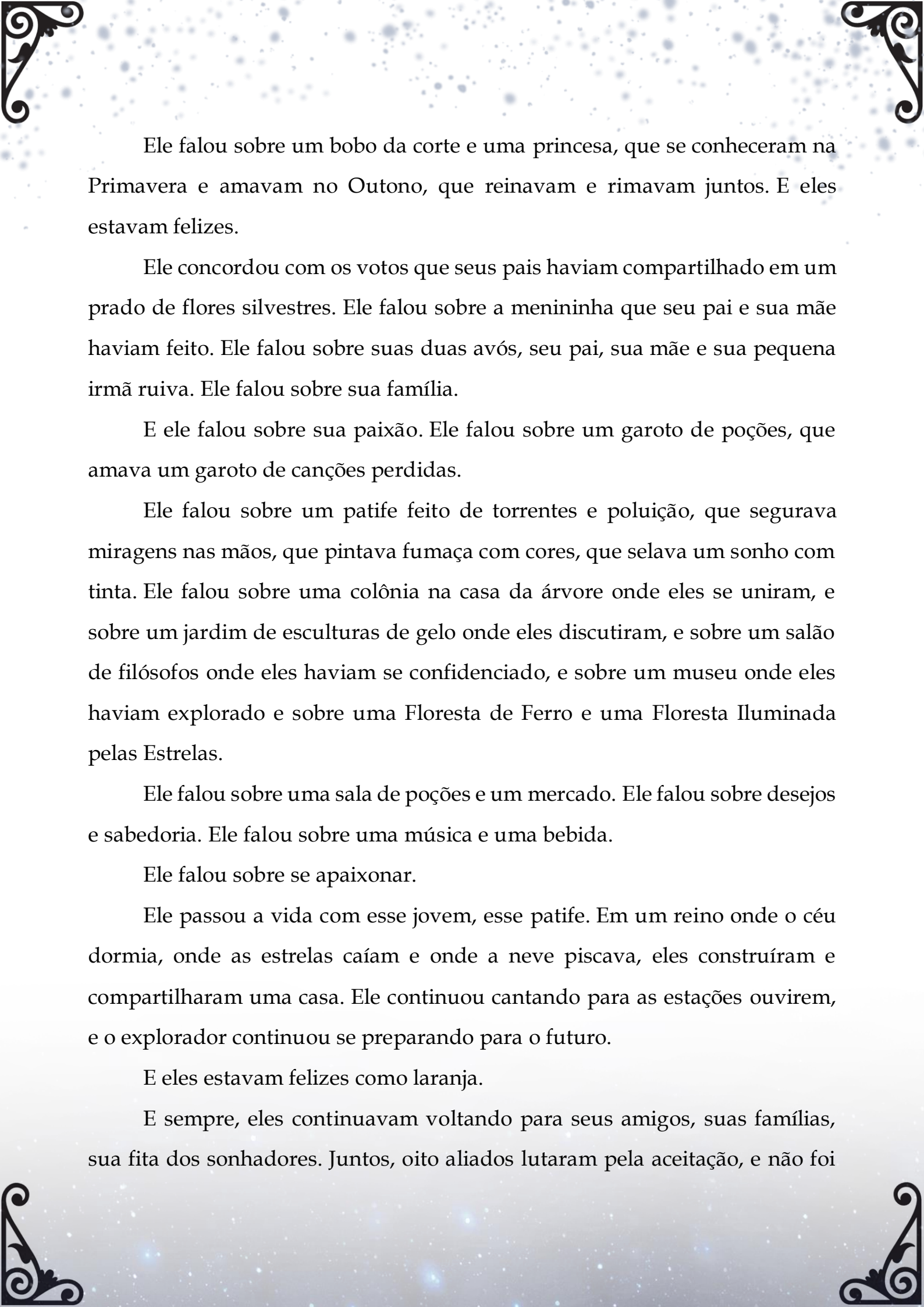
Ele falou sobre uma sala de poções e um mercado. Ele falou sobre desejos e sabedoria. Ele falou sobre uma música e uma bebida.

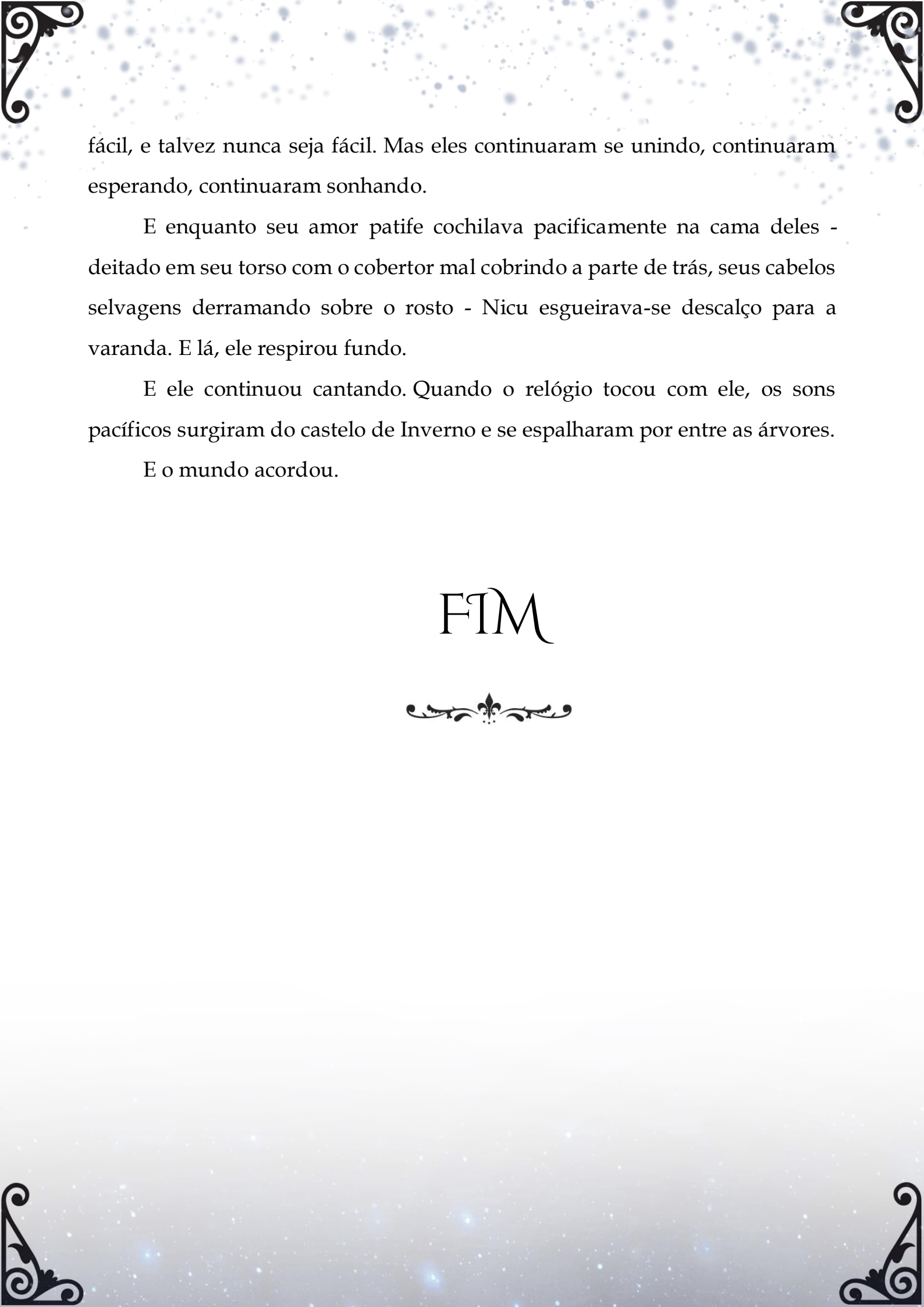
Ele falou sobre se apaixonar.

Ele passou a vida com esse jovem, esse patife. Em um reino onde o céu dormia, onde as estrelas caíam e onde a neve piscava, eles construíram e compartilharam uma casa. Ele continuou cantando para as estações ouvirem, e o explorador continuou se preparando para o futuro.

E eles estavam felizes como laranja.

E sempre, eles continuavam voltando para seus amigos, suas famílias, sua fita dos sonhadores. Juntos, oito aliados lutaram pela aceitação, e não foi





fácil, e talvez nunca seja fácil. Mas eles continuaram se unindo, continuaram esperando, continuaram sonhando.

E enquanto seu amor patife cochilava pacificamente na cama deles - deitado em seu torso com o cobertor mal cobrindo a parte de trás, seus cabelos selvagens derramando sobre o rosto - Nicu esgueirava-se descalço para a varanda. E lá, ele respirou fundo.

E ele continuou cantando. Quando o relógio tocou com ele, os sons pacíficos surgiram do castelo de Inverno e se espalharam por entre as árvores.

E o mundo acordou.

FIM

